

LIVRARIA
OLISIPO

R. da Trindade, 17
1200 LISBOA



Acquired with the assistance of the

Sybil Augusta Brown
Fund

JOHN CARTER BROWN LIBRARY



LIV
OLI

R. da
1200

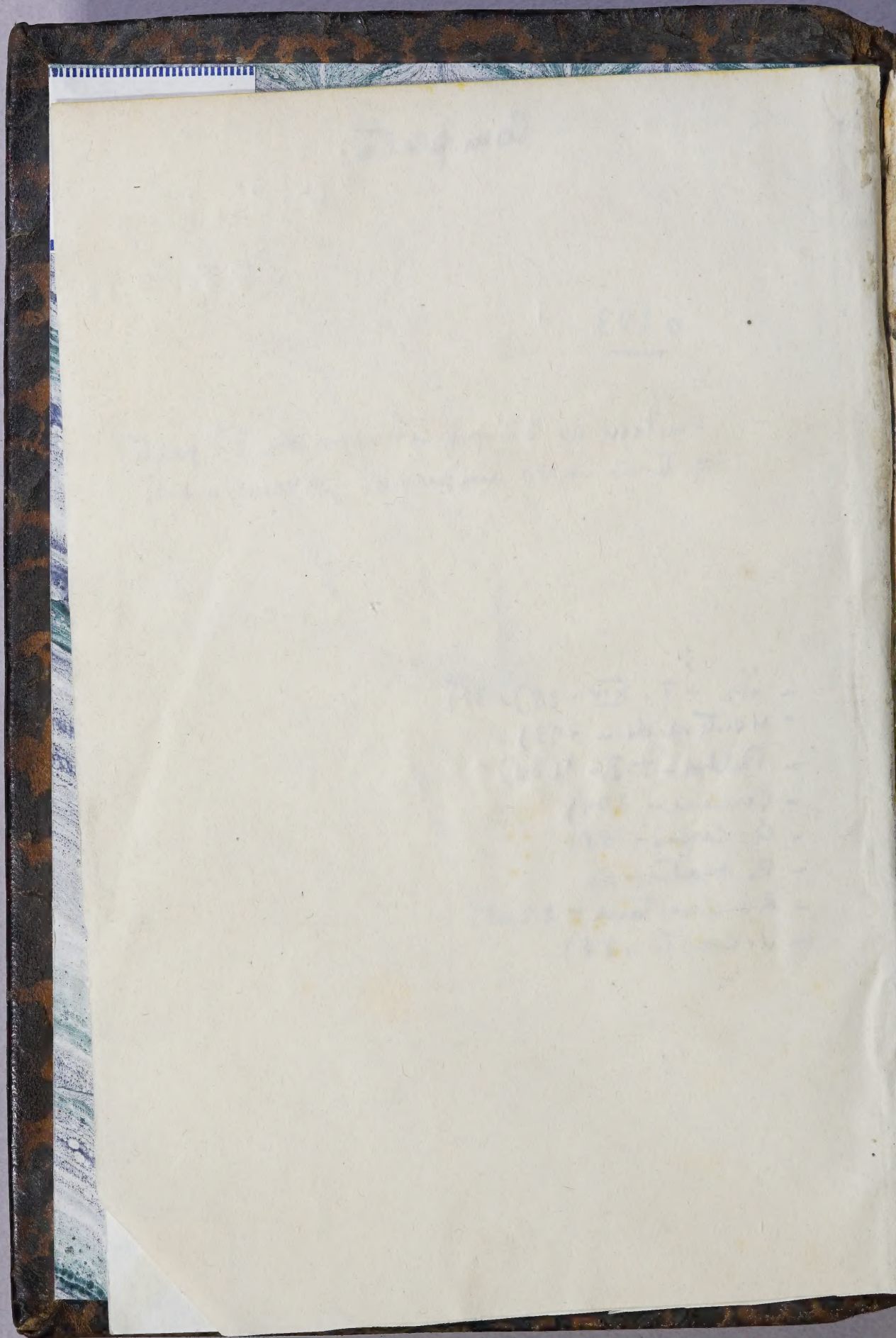


Completo.

6193

contem as 22 pp. inus. da 3.^a parte
q. terá mais impressas posteriormente

- Jo. - T. XIV - 38) & 39)
- Montexude - 493)
- Palha - T. II - 1638)
- Amal - 379)
- A. Luso - 188)
- P. Malos - 96
- Rio Luso - 2268)
- J. Canto - 24)



OBRAS

DE

LVIS DE CAMOËS

PRINCEPE DOS POETAS
PORTUGUESES.

COM OS ARGUMENTOS DO
Lecenceado João Franco Barreto; & por elle emẽ-
dadas em esta nova impressãõ, que comprehende
todas as Obras, que deste insigne Autor se achã-
raõ impressas, & manuscritas, com o Index
dos nomes proprios.

OFFERECIDAS

A D. FRANCISCO DE SOVSA

CAPITÃO DA GUARDA

DO PRINCEPE N.S.

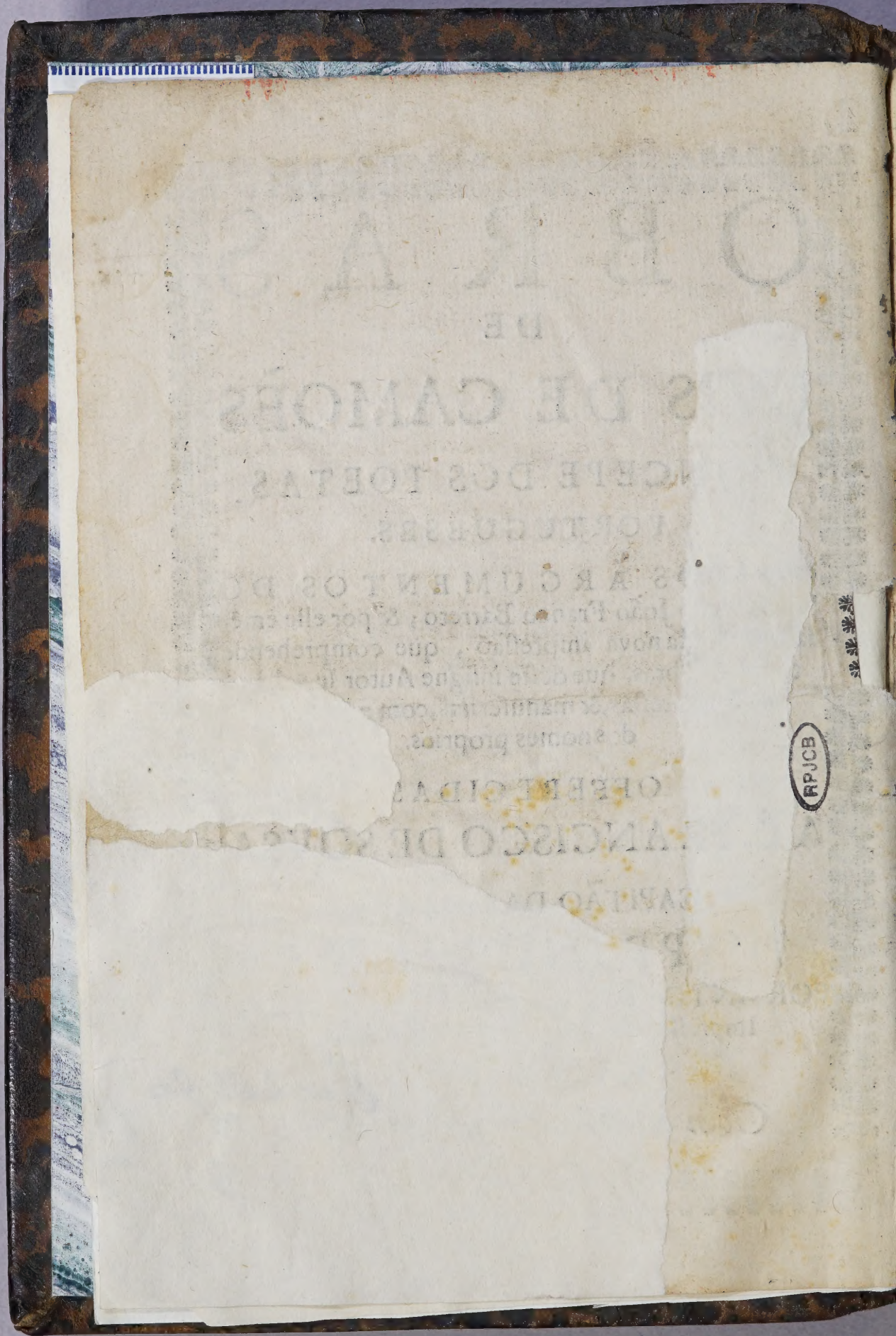
POR ANTONIO CRAESBEECK D' MELLO

Impressor da Casa Real Anno 1669.

LISBOA.

Com as licenças necessarias

E Privilegio Real.



O B R A

DE

S DE CAMOES

ACRTE DOS TOBES

TOUTUBUS

S ARGUMENTOS DE

João Francisco Branco, 2.º por elle e

nova impressão, que compohe

de João Francisco Branco

de suas próprias

OFFICINA GIDVA

FRANCISCO DE S. J. L.

CABALLO DA

APUCB

A DOM FRANCISCO DE SOVSA

Capitão da Guarda de S. ALTEZA, Alcaide Mór
das Villas do Crato, & Belver, Commendador
das Cômendas de S. MARIA de Bel-
monte, & S. Salvador da Infesta da
Ordem de Christo.



ASSIM como fora improprio apli-
car ao jaculador Apollo a Clava do
forçoso Hercules, & indigno dedi-
car ao robusto Thebano o arco do
Pastor de Admeto (pois só este sabe
acertar com o alvo, & só aquelle ma-
nejar tanto pezo) assim fora tam-
bem inconveniente fiar de outrem o
patrocínio das Obras do Grande Luis de Camoës, pois
sómente no amparo de V. S. pôdem achar o maior seguro,
& lograr o melhor asilo, que quem sabe guardar os Prin-
cepes Politicos de seus emulos, também saberá defender o
Príncipe Poetico de seus Aristarcos; que nunca pezou a
Hercules a Clava para dar morte â Idra, nem a Apollo o
Arco para jácular Phitona, como nem a mim me faltará
nunca o conhecimento das muitas razoes que tenho para
agradecer a V. S. o favor de nomearme entre seus affei-
çoados. Guarde Deos a Pessoa de V. S. Lisboa 6. de No-
vembro de 669.

Maior affeçoado de V. S.

Antonio CraesbeecK de Mello.

LICENÇA, A S.

P Odemse tornar a imprimir as Obras de Luis de Camoões, & despois de impressas tornarão ao Conselho para se conferirem, & se dar licença para correrem, & sem ella não correrão. Lisboa 23. de Março de 1668.

Diogo de Sousa.
D. Verissimo de Lencastro.

Rocha.
Fr. Pedro de Magalhaes.

P Ode se imprimir. Lisboa, & Cabido Sède Vacante de Julho 6. de 1668.

Cordes.

Peixoto.

Q ue se possaõ imprimir, visto a licença do S. Officio, & Ordinario, & despois de impressas tornem para se taxar, & conferir, & sem isso não correrã. Lisboa, & 7. de Julho de 668.

Marquez Mordomo mór P.
Miranda.

Magalhaes de Menezes.
Carneiro.

T Axaõ estas Obras de Luis de Camões em dois cruzados. Lisboa 30. de Outubro 669.

O Marquez Mordomo mor P. Monteyro.

Magalhaes de Menezes, *Carneyro.*

VIDA DO GRANDE LVIS de Camões.



ASCEO Luis de Camões em Lisboa
falto tanto de bês da Fortuna, quan-
to rico das prendas da natureza. Pel-
las do sangue, & linha de seu pay Si-
mão Vaz de Camoës, foi illustre, &
da mãy Anna de Macedo nobilissimo.
Pellas do engenho, protento ao mundo, forçosa en-
veja a todas as Nasções, & da Portugueza unica es-
timação. Floreceo cõ ventagões em as Academias
do Reyno. Servio depois na Corte, donde por cer-
tos amores foi desterrado pera Africa: não como
Ovidio pera o Ponto, com a pena na mão pera os
Versos; mas cõ a espada na Campanha contra
os Mouros. Ahi valeroso cõbatente perdeu hũ olho,
grande castigo pera o autor de suas culpas, dezima-
das à razão de ametade. Restituido passou à India
a reconhecer aquelles campos, teatro das glorias
immortais dos Portugueses, a essas consagrou todos
seus suores, servindo a Patria, no Veraõ cõ as Armas
em o Mar, no Inverno cõ a Pena em a Terra. Sua
fortuna adversa q̃ desde seu nascimẽto empredeo
seguilo, como sombra (nisso só differente, q̃ cõ mu-
dar pòlo, muda sito) não se mudou cõ elle se mudar
ao Antartico. Sêpre o seguio proterva, desterrádo
como criminoso, senão a Macão, à China. Dizê foi
o delito pique de algũa poesia. Là algũ arrependi-
mento de sua desgraça, lhe offerecia alivio à sua for-
te: mas erão dons dos Gregos por lhe encubrir, &
facilitar mais sua fereza. Tornando pera Goa, pade-
ceo naufragio, em q̃ (qualquer Cesar) nadando cõ
hũa

hũa maõ deu vida a sua Poesia, cõ outra liberdade à
sua vida, bẽs q̃ só lhe ficàraõ, perdendo de todo ahy
os outros todos. Foi o recebimẽto de seus naturaes
em hũ carcere de Goa, & a condenação nesse pouco
q̃ lhe perdoàraõ as ondas. Viose depois a innocen-
cia, seguiu a enveja sua obstinação tanto peor, quã-
to mais dissimulava. Brindoulhe ao gosto cõ saudade
da Patria, de quẽ já escrevia, q̃ não veria seus ossos.
Fez lhe pera ella ponte de ouro nas despesas, q̃ lhe
offertou hum amigo. Mas ainda arrependida dessa
mesma facilidade, instrumento de seus males, em o
meyo da jornada o fez parar em Moçambique cõ o
amigo, & pedir lhe paga da despesa de duzentos cru-
zados, obrigando a nova prizão se outros amigos
dando a divida lhe não resgatàraõ a liberdade. Tor-
nou lhe a picar o desejo da Patria, a quẽ ternamẽte
amava, ainda à vista de tanta ingratiidão. O contagio
em q̃ ardia quando chegou, lhe retardou por dous
annos o parto já maduro de suas fadigas, desvelo de
vinte & cinco annos. A igual passo se virão os frutos
de seu engenho encontrados de envejo so desprezo,
q̃ os trabalhos de sua milicia, atropellados de larga
enfermidade, q̃ tardando sete annos em o matar, por
lhe alargar na vida mayor pena q̃ a morte, o veyo a
pôr em a mayor miseria da vida, estado q̃ elle muy-
to tempo antes se tinha vaticinado na ultima oitava
do seu desconcerto do mundo, & de q̃ se queixava a
hũ amigo, a quẽ escreveo, q̃ o que sentia mais era, q̃
em tão pequeno theatro, qual o de hũ pobre leito,
quizesse a fortuna representar tão grande desventu-
ra, &c. Hũ escravo seu, de noite pedia de porta em
porta esmola, cõ que sustentar aquella boca, oracu-
lo da fama em o mundo todo. Acabou em resolução
aquelle

quelle despojo da fortuna,escandalo do merecimẽto,hũs dizem que no Hospital de Lisboa,outros, q̃ entre as lastimas de tanta pobreza,que nẽ hũ lançol seu o quiz amortalhar.Seria porque só de si necessitav a,quem só como quẽ era se levantava Mausoleo nas azas da Fama,& bronzes da eternidade. Dom Gonçalo Coutinho lhe trasladou seus ossos pera a Igreja de Santa Anna,renovando sua memoria com este epitafio.

Aqui jaz Luis de Camoẽs, Principe dos Poetas de seu tempo; viveo pobre, & miseravelmente, & assi morreo no anno 1579.

SONETO.

Em louvor de Luis de Camoẽs.

Q Vem louvarà Camoẽs, que elle não seja?
Quẽ não vé q̃ em vão cansa engenho,& arte,
Elle em si só se louva em toda a parte;
Toda a parte,elle sò enche d'enveja.
Quem juntos num espirito ver deseja,
Quantos doẽs entre mil Phebo reparte,
Quer elle d'amor cante, quer de Marte:
Por mais não desejar a elle sò veja.
Honrou a Patria em tudo imiga sorte
A fez com elle sò ser encolhida,
Em premio de estender della a memoria:
Mas se lhe foy fortuua escassa em vida
Não lhe pode tirar despois da morte
Hum rico emparo de sua fama,& gloria.

FRIVILEGIO

P R I V I L E G I O.

E V O PRINCEPE com Regête, & Governador destes Reynos, & Senhorios: faço saber aos q̃ este Alvará virem, q̃ Antonio Craesbeeck de Mello, meu Impressor me inviou dizer por sua petição imprimira à sua custa as Obras de Luis de Camoës, Lusiadas, & Rimas com seus acrescentamentos. Pedindome lhe concedesse Privilegio para senão poderem imprimir, nem vender, nem trazer de fóra impressas por tempo de dez annos. E visto seu requerimento, & por lhe fazer mercê. Hey por bem & me praz que por tempo de dez annos, nenhum impressor, livreiro, ou outra pessoa possa nestes Reynos, & Senhorios de Portugal imprimir, vender nem trazer de fóra delle os livros referidos sem sua licença. E qualquer que durante o dito tempo de dez annos imprimir, ou vèder as ditas obras, ou nos ditos Reynos, & Senhorios, ou trouxer de fóra delles sê licença do dito Antonio Craesbeeck de Mello perderà pera elle todos os volumes, q̃ assi imprimir, vender ou trouxer de fóra. E alem disso encorrerà em pena de duzentos cruzados ametade pera a minha Camara, & outra parte pera quem o acuzar. E mando ás Justiças, & Officiaes a que pertêcer que cumprão, & fação cumprir este Alvará como nelle se cõthem que valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hũ anno, sem embargo da Ord. do. l. 2. t. 4.º em contrario. E pagará os novos direitos que dever conforme minhas ordens. Manoel do Couto o fez em Lisboa a 23. de Outubro de 1669. Iacinto Fagundes Bezerra o fez escrever.

PRINCEPE

O Marquez Mordomo mór P.

O S I

LUSIADAS

DE LUIS DE CAMOENS,

CANTO I.

A R G U M E N T O.

*Fazem concilio os Deoses na alta corte,
Oppoemse Baccho à Lusitana gente,
Favorecea Venus, & Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, & matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fôra.*

I.



S Armas, & os Varões affinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados
Passarão ainda alem da Taprobana:
Que em perigos, & guerras esforçados
Mais do que permittia a força humana,
Entre gente remota edificarão
Novo Keyno, que tanto subli mârão.

A

E tam-

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reys, que foraõ dilatando
A Fè, o Imperio, & as terras viciosas
D'Africa' & d'Asia andãram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vam da ley da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte
Se a tanto me ajudar o engenho, & arte.

Cessem do sabio Grego, & do Troiano
As navegaçoens grandes, que fizeraõ:
Callese de Alexandro, & de Trajano
A fama das vitorias, que tiveraõ:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecêraõ,
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

E vòs Tagides minhas, pois criado
Tendes em mi hũ novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente:
Daime agora hum som alto, & sublimado
Hum estillo grandiloquo, & corrente,
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que não tenham inveja às de Hypocrene!
Daime

5

Daime hũa furia grande, & sonora,
E não de agreste avena, ou frauta ruda,
Mas de tuba canora, & bellicosa,
Que o peito acêde, & a cor ao gesto muda
Daime igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, a que Marte tanto ajuda,
Que se espalhe, & cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

6

E vòs ó bem nacida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança
Do augmento da pequena Christandade:
Vòs ò novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mûdo por Deos, q̃ todo o mãde,
Para do mundo a Deos dar parte grande.

7

Vòs tenro, & novo ramo florecente
De hũa arvore de Christo mais amada,
Que nenhũa nacida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos mostra a victoria ja passada,
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle para si na Cruz tomou.

Vós poderoso Rey, cujo alto Imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro
Veo tambem no meio do Emisferio,
E quando deca o dexa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo, & vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do santo Rio.

Inclinaí por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade
Quão subindo ireis ao eterno Téplos,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão, vereis hū novo exemplo
De amor, dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgado numerosos,

Vereis amor da patria não movido
Do premio vil, mas alto, & quasi eterno,
Que nam he premio vil ser conhecido
Por hum pregaõ do ninho meu paterno:
Ouvi, vós, is o nome engrandecido
Daquelles de quẽ sois senhor superno,
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rey, se de tal gente.

Ouvi,

I I.

Ouvi, que não vereis com vans faça nhas
 Fantásticas, fingidas, mentirosas,
 Louvar os vossos, como nas estranhas,
 Musas, de engrandecerse desejosas:
 As verdadeiras vossas são tamanhas,
 Que excedem as sonhadas fabulosas:
 Que excedê Rodamonte, & o vão Rugeiro,
 E Orlando, inda que fora verdadeiro.

I 2.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
 Que fez ao Rey, & ao Reyno tal serviço:
 Hú Egas, & hú Dô Fuas, que de Homero
 A citara para elles sò cobiço:
 Pois pellos doze Pares dar vos quero
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço,
 Douvostambem aquelle Illustre Gama,
 Que para si de Eneas toma a fama.

13

Pois se a troco de Carlos Rey de França,
 Ou de Cesar, quereis igual memoria,
 Vede o primeiro Affonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle, que a seu Reyno a segurança
 Deixou co a grande, & prospera vitoria,
 Outro Joanne invicto cavalleiro,
 O quarto, & quinto Affoso, & o terceiro.

6 OS LUSIADAS,

14.

Nem deixarão meus versos esquecidos
 Aquelles que no Reyno lá da Aurora
 Se fizerão por armas tam subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora:
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
 Almeidas, por quẽ sempre o Tejo chora,
 Albuquerque terribel, Castro forte,
 E outros em quẽ poder não teve a morte.

15.

E em quãto eu estes cãto, & a Vós não posso,
 Sublime Rey, que não me atrevo a tanto,
 Tomai as redeas vós do Reyno vosso,
 Dareis materia a nunca ouvido canto:
 Comecem a sentir o peso grosso,
 Que pello mundo todo faça espanto,
 De exercitos, & feitos singulares,
 D' Africa as terras, & de Oriẽte os mares.

16.

Em Vós os olhos tem o Mouro frio,
 Em quem vê seu exicio afigurado,
 Sò com vos ver o barbaro Gentio
 Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado:
 Thetis todo o ceruleo senhorio
 Tem para Vós por de te aparelhado,
 Que affeição da ao gesto bello, & tenro,
 Deseja de comprarvos para genro.

Em

17.

Em Vòs se vem da Olimpica morada
Dos dous Avós as almas câ famosas,
Húa na paz Angelica dourada,
Outra pellas batalhas sanguinosas:
Em Vòs se esperaõ ver se renovada
Sua memoria, & obras valerosas,
E lâ vos tem lugar no fim da idade
No templo da suprema eternidade.

18,

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejaõ,
Dai Vòs favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejão:
E vereis ir cortando o falso argento
Os vossos Argonautas, porque vejaõ,
Que são vistos de Vòs no mar irado,
E costumaivos ja a ser invocado.

19.

Ja no largo Occeano navegavaõ,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravão,
Das naos as véllas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravão
Cubertos, onde as ondas vaõ cortando
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Protheo são cortadas.

8 OS LUSIADAS,

20.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntão em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pella via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pello Neto gentil do velho Athlante.

21.

Deixaõ dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhes foi dado,
Alto poder, que só co pensamento
Governa o Ceo, a Terra, & o Mar irado:
Alli se achârão juntos num momento
Os que habitão o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se escõde.

22

Estava o Padre alli sublime, & dino.
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino.
Com gesto alto, severo, & soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornâra hum corpo humano:
A coroa, & o sceptro rutilante,
Doutra pedra mais clara que Diamante,

Em

23.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, & perlas mais abaxo estavaõ
Os outros Deoses todos assentados,
Como a razaõ, & ordem concertavaõ:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaxo os menores se assentavaõ,
Quando Jupiter alto, assi dizendo,
Cõ tã de voz começa grave, & horrêdo.

24

Eternos moradores do luzente
Estellifero pôlo, & claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento:
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos Fados grãdes certo intêto,
Que por ella se esqueçaõ os humanos
De Assirios, Persas, Gregos, & Romanos.

25

Ja lhe foi, bem o vistes, concedido,
Com poder taõ singello, & taõ pequeno,
Tomar ao Mouro forte, & guarnecido,
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana taõ temido
Sempre alcançou favor do Ceo fereno,
Assi q sempre emfim com fama, & gloria
Teve os trofeos pendentes da vitoria.

Deixo

26.

Deixo Deoses, atraz a fama antiga,
Que co a gente de Romulo alcançaraõ,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se afamárao:
Tambê deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando levantárao.
Hum por seu Capitão, que peregrino
Fingio na Cerva spirito divino.

27.

Agora vedes bem, que cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, naõ temendo
D'Africo, e Noto a força, a mais se atreve;
Que avendo tanto ja que as partes vêdo,
Onde o dia he cõprido, & onde he breve,
Inclinão seu proposito, & porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

28.

Prometido lhe estâ do Fado eterno,
Cujal altalcy naõ póde ser quebrada,
Que tenhaõ longo tempo o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inverno,
A gente vem perdida, & trabalhada:
Ja parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

E por-

29.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas, & Ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que sejaõ, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos,
E tendo guarnecida a lasta frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

30.

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os Deoses por ordê respondêdo,
Na sentença hum do outro differia,
Razoens diversas dando, & recebendo:
O padre Bacco alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo,
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

31.

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Hũa gente fortissima de Hespanha,
Pello mar alto, a qual fogeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama artiga, ou sua, ou fosse estranha,
Altamente lhe doe perder a gloriã,
De que Nisa celebra inda a memoria.

Vé:

32.

Vê, que já teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agoa do Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agoa do esquecimento, se lá chegão
Os fortes Portugueses, que navegão.

33.

Sustentava contra elle Venus bella
Affeiçãoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostrâraõ na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção cré q he a Latina.

34.

Estas cousas moviaõ Cytherea,
E mais porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente belligera se estende:
Assi que hum pella infamia que recca,
E o outro pellas honras que pretende,
Debatem, & na porfia permanecem,
A qualquer seus amigos favorecem.

Qual

35

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura
De silvestre arvoredos abastecida,
Rompendo os ramos vai da mata escura
Com impeto, & braveza desmedida:
Brama toda a montanha, o som mormura,
Rompe-se as folhas, ferve a ferra erguida,
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os Deoses no Olympo consagrado,

36

Mas Marte, que da Deosa sustentava
Entre todas as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia:
De entre os Deoses em pé se levantava
Merencorio no gesto parecia,
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando para trás medonho, & irado.

37

A viseira do elmo de diamante
Levantando hum pouco mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter armado, forte, & duro:
E dando huma pancada penetrante
Co conto do bastão no folio puro,
O Ceo tremeo, & Apollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.
E disse

E disse assi: O Padre, a cujo Imperio
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente, que busca outro Emisferio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Não queres que padeça vituperio,
Como haja tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razoões, de quem parece que he suspeito.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Bacco os sustentasse,
Pois que de Luso vem seu tão privado:
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estamago danado,
Que nunca tirará alhea inveja
O né que outrem merece, & o Ceo deseja.

E tu Padre de grande fortaleza,
Da determinação, que tens tomada
Não tornes para trás, pois he fraqueza,
Desistirse da cousa começada:
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, & â setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, & onde a gente se reforme.

Como

41

Como isto disse, o Padre poderoso
A cabeça inclinando consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pello caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos Deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

42

Em quanto isto se passa na fermosa
Casa Etherea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Ja lá da banda do Austro, & do Oriente:
Entre a costa Ethiophica, & a fermosa
Ilha de Sam Lourenço, & o Sol ardente
Queimava então os Deoses, que Tifeo
Co temor grande em peixes converteo.

43

Tão brandamente os ventos os levavao,
Como quem o Ceo tinha por amigo,
Serenos o ar, & os tempos se mostravao
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasos já passavao,
Na costa de Ethiopia nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas Ilhas, que em torno cerca, & lava.

Vasco

44

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo, & altivo coração,
A quem Fortuna sempre fa vorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece,
Por diante passar determinava,
Mas não lhe succedeo como cuidava.

45

Eis aparecem logo em companhia
Hūs pequenos bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente se alvoroça, & de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della;
Que gente será esta, em si dizião?
Que costumes, que ley, que Rey terião?

46

As embarcaçoens erão na maneira
Mui velozes, estreitas, & compridas,
As vellas, com que vem erão de esteira,
De hūas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phactom nas terras acendidas
Ao mūdo deu de ousado, & não prudēte,
O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De

47

De panos de algodam vinhaõ vestidos,
De varias cores,brancos,& listados;
Huns trazem ao redor de si cingidos,
Outros em modo brioso sobraçados:
Das cintas para cima vem despídos,
Por armas tem adargas,& terçados,
Com toucas na cabeça,& navegando,
Anafis sonorosos vaõ tocando.

48

Cos panos,& cos braços acenavaõ.
As gentes Lusitanas,que esperassem,
Mas já as proas ligeiras se inclinavaõ,
Para que junto às Ilhas amainassem:
A gente,& marinheiros trabalhavaõ,
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomam vellas,amainase a verga alta,
Da ancora o mar furido encima salta.

49

Naõ eraõ ancorados,quando a gente
Estranha pellas cordas já subia:
No gesto ledos vem,& humanamente,
O Capitaõ sublime os recebia:
As meias mandaõ pôr em continente,
Do licor,que Lião prantado avia;
Enchem vasos de vidro,& do que deitaõ,
Os de Phaeton queimados nada engeitaõ.

B

Comen-

50.

Comendo alegremente perguntavaõ
Pela Arabica lingua, donde vinhaõ?
Quem eram de que terra? que buscavaõ?
Ou que partes do mar corrido tinhaõ?
Os fortes Lusitanos lhe tornavaõ
As discretas repostas, que convinhaõ:
Os Portugueses fomos do Occidente
Himos buscando as terras do Oriente.

51

Do mar temos corrido, & navegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos ceos, & terras temos visto:
Dum Rey potente fomos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto,
Que naõ no largo mar com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

52

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o mar remoto navegamos,
Que sò dos feos Focas se navega:
Mas ja razãõ parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade naõ se nega,
Quem sois, que terra he esta que habitaes,
Ou se tendes da India alguns sinaes.

Somos,

53

Somos, hum dos da Ilha lhe tornou,
Estrangeiros na terra, ley, nação,
Que os proprios são aquelles, que criou
A natura, sem ley, & sem razão:
Nós temos a ley certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãy Hebreá teve, & o pay Gentio.

54

E esta Ilha pequena, que habitamos
He em toda esta terra certa escala
De todos, os que as ondas navegamos,
De Quiloa, Mombaça, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitála,
E porque tudõ em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

55

E ja que de tão longe navegaes,
Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem se jaes
Guiados pellas ondas labiamente:
Tambem será bem feito que tenhaes
Da terra algum refresco, & que o Regête,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

B 2

Isto

56

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão, & gente se apartou,
Com mostras de devida cortesia:
Nisto Phebo nas agoas encerrou
Co carro de cristal o claro dia,
Dando cargo à irmãa, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

57

Anoite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, & não cuidada,
Por acharem da tetra tão remota
Nova de tanto tempo desejada:
Qualquer então consigo cuida, & nota
Na gente, & na maneira desusada,
E como os que na errada feita créraõ,
Tanto por todo o mundo se estenderão.

58

Da Lua os claros rayos rutilavão
Pellas argenteas ondas Neptuninas;
As Estrellas os Ceos acompanhavão,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavão
Pellas covas escuras peregrinas,
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Mas

59

Mas assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperionio, que acordou:
Começa a embandeirarse toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas, que partia.

60

Partia, alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em sicuidando
Que sam aquellas gentes inhumanas:
Que os aposentos Caspios habitando
A conquistar as terras Asianas
Vieraõ, & por ordem do destino
O Imperio tomar a Constantino.

61

Recebe o Capitaõ alegremente
O Mouro, & toda sua companhia,
Dalhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito ja trazia:
Dalhe conserva doce, & dalhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria,
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muio mais contente come, & bebe.

B 3

Estâ

Está a gente maritima de Luso
Subida pella enxarcia de admirada,
Notando o estrangeiro modo, & uso,
E a lingoagem tão barbara, & enleada:
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada,
E perguntando tudo, lhe dizia,
Se por ventura vinhão de Turquia.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua ley, preceito, ou fe,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como cre:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê,
Mostra das fortes armas, de que usavão,
Quando cos inimigos pelejavão.

Responde o valeroso Capitão
Por hum, que a lingua escura bem sabia;
Dartehei, senhor illustre, relação
De mim, da ley, das armas, que trazia:
Não sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia,
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

65

A ley tenho'daquelle, a cujo Imperio
Obedece o visível, & invisível,
Aquelle que criou todo o Emisferio,
Tudo o que sente, & tudo o insensível:
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insufrível:
E que do Ceo â terra em fim deceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

66

Deste Deos homem, alt., & infinito
Os livros, que tu pedes, não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que n'alma andar devia:
Se as armas queres ver, como tens dito,
Comprido esse desejo te seria,
Como amigo as verás, porq' eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

67

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros a mostrar as armaduras,
Vem arneses, & peitos reluzentes,
Malhas finas, & laminas seguras:
Escudos de pinturas diferentes,
Pilouros, espingardas de aço puras,
Arcos, & sagitiferas aljavas,
Partalanas agudas, chuças bravas.

B 4

As

As bombas vem de fogo, & justamente
 As panellas sulfureas tão danosas,
 Porém aos de Vulcano não consente,
 Que dem fogo às bombardas temerosas:
 Porque o generoso animo, & valente
 Entre gentes tão poucas, & medrosas,
 Não mostra quanto pôde, & com razão,
 Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

Porém disto, que o Mouro aqui netou,
 E de tudo o que vio com olho attento,
 Hum odio certo n'alma lhe ficou,
 Hũa vontade mã de pensamento:
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou,
 Mas com risinho, & ledo fingimento,
 Tratolos brandamente determina,
 Até que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
 Por quem podêsse á India ser levado,
 Diz-lhe que largo premio levarão
 Do trabalho, que nisso for tomado:
 Prometellos o Mouro, com tenção
 De peito venenoso, & tão danado,
 Que a morte, se podêsse, neste dia,
 Em lugar de Pilotos lhe daria.

71

Tamauho o odio foi, & a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de David nos ensinou:
O segredo da quella eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles, de quem fostes tanto amigo.

72

Partio-se nisso em fim co a companhia
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, & grande cortesia,
Com gesto ledo a todos, & fingido:
Corraraõ os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, & recebido
Na terra do obsequente ajuntamento;
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

73

Do claro assento ethereo o grã Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano:
Ao Mouro ser molesto, & aborrecido:
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de tedo d'estruido,
E em quanto isto só n'alma imaginava,
Configo estas palavras praticava.

Ena

74

Estâ do Fado ja determinado,
Que tamanhas vitorias, tam famosas,
Hajaõ os Portugueses alcançado
Das Indianas gentes bellicosas;
E eu só filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Ey de sofrer, que o Fado favoreça,
Outrem porquem meu nome se escureça.

75

Jã quizerão os Deoses, que tivesse
O filho de Filippo nesta parte
Tanto poder, que tudo submetesse
Debaixo de seu jugo o fero Marte:
Mas hase de sofrer que o Fado dêsse
A tão poucos tamanho esforço, & arte,
Que eu co graõ Macedonio, & co Romano
Demos lugar ao nome Lusitano?

76

Naõ serã assi, porque antes que chegado
Seja este Capitaõ, astutamente
Lhe serã tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerei à terra, & o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irã direita
Quem do opportuno tẽpo se aproveita.

Isto

77

Isto dizendo, irado, & quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, & gesto humano
Para o Praço sabido se moveo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
Dum Mouro em Moçábique conhecido
Velho, sabio, & co Xequê mui valido.

78

E entrando assi a fallar lhe a tempo, & horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz, como eraõ gentes roubadoras
Estas, que ora de novo saõ chegadas:
Que das naçoens na costa moradoras,
Correndo a fama veyo, que roubadas
Foraõ por estes homens, que passavaõ,
Que cõ pactos de paz sempre ancoravã o.

79

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano urdido
Contra nós, & que todos seus intentos
Sãõ para nos matarem, & roubarem,
E mulheres, & filhos cativarem.

E tam-

E tambem fei, que tem determinado
De vir por agua a terra muito cedo
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção damnada nasce o medo:
Tu deves deir tambem cos teus armado,
Esperalo em cilada occulto, & quedo,
Porque saindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

E se inda não ficarem deste feito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha, & ardil, que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos taes casos sabio, & velho,
Os braços pello collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero aparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

83

E busca mais para o enidado engano,
Mouro, que por Piloto â nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano,
De quem fiar se possa hum feito grande:
Dizlhe, que acompanhando o Lusitano
Por taes costas, & mares com elle ande,
Que se daqui escapar, que là diante
Vâ cair donde nunca se levante.

84

Jâ o rayo Apollineo visitava
Os montes Nabatheos acendido,
Quando o Gama cos seus de terminava
De vir por agoa â terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano ja sabido,
Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

85

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pello Piloto necessario,
E foilhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario:
Por isto, & porque bem sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia
Em tres bateis sòmente, que trazia.

Mas

Mas os Mouros, que andavão pella praya
Por lhe defender a agoa desejada,
Hũ de escudo abraçado, & de azagaya,
Outro de arco encurvado, & seta ervada:
Esperaõ que a guerreira gente sayá,
Outros muitos já postos em cilada,
E porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

Andão pella ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & com a haste perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando:
Naõ sofre muito a gente generosa
Andarlhe os cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pôde que he primeiro.

Qual no corro sanguineo o ledo amante
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, & pondose diante
Salta, corre, sibila, acena, & brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, & os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, & poem por terra.

89

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, & dura artilharia,
A plumbea pêla mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, & affovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhes resfria,
Ja fuge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureoso.

90

Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas seguindo a victoria, estroe, & mata,
A povoação sem muro, & sem defesa,
Esbombardea, acende, & disbarata:
Da cavalgada ao Mouro ja lhe pesa,
Que bem cuidou comprala mais barata,
Ja blasfema da guerra, & maldizia
O velho inerte, & a mãy, que o filho cria.

91

Fugindo, a seta o Mouro vai tirando,
Sem força de covarde, & de apressado,
A pedra, o pao, & o canto arremessando,
Dalhe armas o furor defatinado:
Ja a Ilha, & tudo o mais desemparrando,
A terra firme foge amedrontado,
Passa, & corta do mar o estreito braço,
E a Ilha em torno cerca em pouco espaço.

Huns

Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, & o deita juntamente:
Arrombaõ as miudas bombardadas
Os pangayos subtis da bruta gente,
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida inimiga.

Tornão vitoriosos para a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vão a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defeza:
Ficava a Moura gente magoada,
No odio artigo, mais que nunca acesa,
E vendo sem vingança tanto dano,
Sõ nente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz, lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a mã tenção no peito encerra,
Para os guiar à morte lhe mandava,
Como em final das pazes, que tratava.

95

O Capitaõ, que ja lhe entam convinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, & vento tinha,
Para ir buscar o Indo desejado:
Recebendo o Piloto, que lhe vinha,
Foi delle alegremente agasalhado,
E respondendo ao mensageiro attento,
As vellas mandou dar ao largo vento.

96

Desta arte despedida a forte armada
As ondas de Anfirite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia:
O Capitaõ, que não caia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, & costa, que passava.

97

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Bacco lhe ensinara,
De morte, ou cativoiro novos danos,
Antes que â India chegue, lhe prepara:
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara,
Que avendo por verdade, o que dizia
De nada a forte gente se temia,

C

E dizlhe

E dizlhe mais co falso pensamento,
 Com que Synon aos Frigios enganou,
 Que perto está huma Ilha, cujo assento,
 Povo antigo Christão sempre habitou:
 O Capitão, que a tudo estava attento,
 Tanto com estas novas se alegrou,
 Que com dadivas grandes lhe rogava,
 Que o leve â terra, onde esta gēte estava.

O mesmo o falso Mouro determina,
 Que o seguro Christão lhe mada, & pede,
 Que a terra he possuida da malina
 Gente, que segue o torpe Mafamede:
 Aqui o engano, & morte lhe imagina,
 Porque em poder, & forças muito excede
 A Moçambique esta Ilha, que se chama
 Quiloa, mui conhecida pella fama.

Para lâ se inclinava a leda frota,
 Mas a Deusa em Cythere celebrada,
 Vendo como deixava a certa rota,
 Por hir buscar a morte não cuidada:
 Não consente, que em terra tão remota
 Se perca a gente della tanto amada:
 E com ventos contrários a desvia,
 Donde o Piloto falso a leva, & guia.

101

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os levârao por forza por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente
Eraõ Christaõs, cõ Mouros juntamente.

102

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava,
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que Mafamede celebrava:
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as vellas, a Ilha demandava,
Mas não querendo a Deosa guardadora,
Não entra pella barra, & surge fóra.

103

Estava a Ilha â terra taõ chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia,
Huma Cidade nella situada,
Que na frente do mar aparecia:
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descubria,
Regida por hum Rey de antiga idade,
Môbaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

104

E sendo a ella o Capitaõ chegado,
Estranhamente ledo, porque esperat
De poder ver o povõ baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rey, que ja sabia a gente, que era,
Que Bacco muito d'antes o avisára,
Na forma doutro Mouro, que tomára.

105

O recado que trazem he de amigos,
Mas de baixo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos eraõ de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto:
O grandes, & gravissimos perigos!
O caminho da vida, nunca certo!
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

106

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida:
Onde pôde acolherse hũ fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, & indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra tão pequeno.

CAN-

CANTO II.

ARGUMENTO,

*Dar el Rey de Mombaça o fim prepara
 Ao Gama Illustre, com mortal engano,
 Dece Venus ao mar, a frota ampara,
 E fallar sobe ao Padre soberano:
 Iove os casos futuros lhe declara,
 Apparece Mercurio ao Lusitano,
 Chega a frota a Melinde, & o Reypotente
 Em seu porto a recebe alegremente.*

NA neste tempo o lucido Planeta,
 Que as horas vai do dia distinguindo,
 Chegava á desejada, & lenta meta,
 A luz celeste ás gentes encubriendo:
 E da casa marítima secreta (do
 Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrin
 Quando as infidas gentes se chegãrão,
 As naos, que pouco havia que ancorãrão.

3- OS LUSIADAS,

2

D'entre elle's hum, que traz encomendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitaõ valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o Reyno, & falsa via:
O Rey, que manda esta Ilha, alvoroçado
De tua vinda, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalharte,
Verte, & do necessario reformarte.

3

E porque estã em extremo desejofo
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga, que de nada receoso
Entres a barra tu com toda a armada:
E porque do caminho trabalhofo
Trarás a gente debil, & cançada,
Diz, que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

4

E se buscando vãs mercadoria,
Que produz o aurifero Levante,
Canela, Cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, & prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido Diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

5
Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rey agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se escõde,
Não entra para dentro obedecendo:
Porém que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receyo o seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

6
Perguntalhe depois se estão na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, q a mais da gẽte em Christo cria:
Desta sorte, do peito lhe desterra
Toda a sospeita, & cauta fantasia,
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, & falsa gente.

7
E de alguns, que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos:
Manda dous mais sagazes ensayados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, o poder, & porque vejam
Os Christãos, que tão tanto ver desejão.

E por estes ao Rey presentes manda,
 Porque a boa vontade, que mostrava,
 Tenha firme, segura, limpa, & branda,
 A qual bem ao contrario em tudo estava:
 Ja a companhia perfida, & nefanda
 Das naos se despedia, & o mar cortava,
 Foraõ com gestos ledos, & fingido,
 Os dous da frota em terra recebidos.

E depois que ao Rey apresentaraõ
 Corecado os presentes, que traziaõ,
 A Cidade correraõ, & notaraõ,
 Muito menos daquillo, que queriaõ:
 Que os Mouros cautelosos se guardaraõ
 De lhe mostrarem tudo o que pediaõ,
 Que onde reyna malicia estã o receyo,
 Que a faz imaginar no peito alheyo.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua, & foi nascido
 De duas mãys, que urdia a falsidade,
 Por ver o navegante destruido:
 Estava em hũa casa da Cidade,
 Com rosto humano, & habito fingido,
 Mostrandose Christaõ, & fabricava
 Hum altar sumptuoso, que adorava.

I I

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto, & Santo Espirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a unica Phenix, Virgem pura:
A companhia santa estâ pintada
Dos doze, taõ torvados na figura,
Como os que sò das lingoas, que cahirão
De fogo, varias lingoas referirão.

I 2.

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Bacco estava,
Poem em terra os gíolhos, & os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava:
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Pancaya odorifera queimava
O Thioneu, & assi por derradeiro
O falso Deos, adora o verdadeiro.

I 3

Aqui foraõ de noite agasalhados,
Com todo o bom, & honesto tratamento,
Os dous Christãos, não vêdo q' enganados
Os tinha o falso, & santo fingimento:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol forão no mundo, & nũ momento
Appareceo no rubido Orizonte,
Da moça de Titão a roxa fronte.

Tor-

14

Tornão da terra os Mouros co recado
Do Rey, para que entrassem, & consigo
Os dous, que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rey mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não aver receyo de perigo,
E que gente de Christo em terra avia,
Dentro no falso rio entrar queria.

15

Dizemlhe os que mãdou, que em terra virão
Sacras aras, & sacerdote santo,
Que alli se agasalhãrão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rey, & gentes não sentirão,
Senão contentamento, & gosto tanto,
Que não podia certo haver sospeita
Nũa mostra tão clara, & tão perfeita.

16

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subião,
Que levemente hum animo se fia,
De mostras, que tão certas parecião:
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos, que traziaõ,
Alegres vinhão todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

Na

17

Na terra cautamente aparelhavão
Armas, & munições, que como vissen,
Que no rio os navios ancoravão,
Nelles ousadamente se subissem:
E com esta treição determinavão,
Que os de Luso do porto não sahissen,
E que incautos pagassem deste geito
O mal, que em Moçambique tinhaõ feito.

18

As ancoras tenaces vão levando,
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sòs ao vento dando,
Inclinaõ para a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente affinalada,
Vendo a cilada grande, & tão secreta,
Voado Ceo aomar como hũa seta.

19

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa, a que deceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar, que a armada não chegasse,
Aonde para sempre se acabasse,

Ja

20

Ja n'agoa erguendo vão com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peito corta, & atravessa
Com mais furor o mar, do que costuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agoa crespa, em força summa,
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

21

Nos hombros d'hũ Tritaõ com gesto aceso,
Vai a linda Diõne furiosa,
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão fermosa:
Ja chegãõ perto donde o vento teso
Enche as vellas da frota bellicosa,
Repartemse, & rodeãõ nesse instante
As naos ligeiras, que hiãõ por diante.

22

Poemse a Deosa com outras em direito
Da proa Capitana, & alli fechando
O caminho da barra, estaõ de geito,
Que é vão assopra o vëto a vella inchãdo:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando,
Outras em derredor levandoa estavaõ,
E da barra inimiga a desviavaõ.

Quaes

23

Quaes para a cova as prúvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitaõ de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado:
Alli são seus trabalhos, & fadigas,
Alli mostraõ vigor nunca esperado,
Taes andavão as Ninfas estorvando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

24

Torna para detraz a nao forçada,
A pesar dos que leva, que gritando,
Mareaõ vellas, ferve a gente irada,
O leme a hũ bordo, & outro atravessãdo:
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a nao lhe mete medo.

25

A celeuma medonha se levanta,
No rude marinheiro, que trabalha:
O grande estrondo a Maura gête espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Nio sabem nesta pressa quem lhe valha,
Cuidão, que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

Eilos

Eilos subitamente se lançavaõ
A seus bateis velozes, que trazião,
Outros em cima o mar alevantavaõ,
Saltando na agoa, a nado se acolhiaõ:
De hũ borbo, & de outro subito saltavaõ,
Que o medo os compellia, do que viaõ,
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

Assi como em selvatica alagoa
As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fõra da agoa incautamente:
Daqui, & dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo, que se sente,
E acolhendose ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agoa lhe aparecem,

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiãra,
Crendo, que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agoa amara:
Mas por naõ darem no penedo immoto,
Onde percaõ a vida doce, & chara,
A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.
Tendo

29

Tendo o Gama atentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, & juntamente
O Piloto fugirlhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, & sem braveza
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Avendoo por milagre, assi dizia.

30

O caso grande, estranho, & não cuidado!
O milagre clarissimo, & evidente!
O descoberto engano inopinado!
O perfida, inimiga, & falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrarse sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a guarda soberana
Não acudir à fraca força humana?

31

Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança,
e Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
O tu guarda divina tem cuidado
De quem sem ti não pôde ser guardado.

E se

32

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que sò por tua altissima bondade,
Da gente a salvas, perfida, & maligna:
Nalgum porto seguro de verdade
Conduzirnòs ja agora determina,
Ou nos amòstra a terra, que buscamos,
Pois sò por teu serviço navegamos,

33

Ou violhe estas palavras piedosas
A fermosa Diòne, & commovida,
D'entre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficâraõ desta subita partida:
Iá penetra as estrellas luminosas,
Iá na terceira Esfera recebida,
Avante passa, & là no sexto Ceo,
Para onde estava o Padre se moveo.

34

E como hia afrontada do caminho,
Tam fermosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,
E tudo quanto a via, namorava:
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os Polos gelados acendia.
E tornava de fogo a Esfera fria.

E por

35

E por mais namorar ao soberano
Padre, de quẽ foi sempre amada, & chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troyano,
Na selva Idea ja se apresentára:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo a Diana na agoa clara,
Nunca os famintos galgos o matarão,
Que primeiro desejos o acabârao.

36

Os crespos fios de ouro se esparziaõ
Pello collo, que a neve escurecia,
Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
Cõ que o Amor brincava, & não se via:
Da alva petrina flamas lhe sahião,
Onde o minino as almas acendia,
Pellas lizas columnas lhe trepavão
Desejos, que como Hera se enrolavão,

37

Cum delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha he natural reparo,
Porẽm nem tudo esconde, nẽ descobre,
O veo dos roxos litios pouco avaro:
Mas para que o desejo acenda, & dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro,
Ja se sentem no Ceo por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

D

E mos-

E mostrando no angelico sembrante
Coriso hũa tristeza misturada,
Como dama, que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos, maltratada:
Que se queixa, & se ri nũ mesmo instante.
E se torna entre alegre magoada:
Destarte a Deosa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimosa, que triste, ao Padre fala.

Sempre eu cuidei, ò Padre poderoso,
Que para as cousas, q̃ eu do peito amasse
Te achasse brando, affavel, & amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pezasse:
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Façase como Bacco determina,
Assentarei em fim, que fui mofoina.

Este povo, que he meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vaõ caídas vejo,
Que affaz de mal lhe quero, pois q̃ o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando, choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelesjo,
Ora pois porque o amo he maltratado,
Querolhe querer mal, serã guardado.

Mas

41

Mas morra emfim nas mãos das brutas gētes,
Que pois eu fui; & nisto, de mim ofa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co orvalho fica a fresca rosa:
Callada hū pouco, como se entre os dētes
Selhe impedira a falla piedosa,
Torna a seguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, & graõ Tonante.

42

E destas brandas mostras commovido,
Que moverão de hū Tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual do Ceo subido
Torna sereno, & claro o ar escuro:
As lagrimas lhe alimpa, & acendido,
Na face a beija, & abraça o collo puro,
De modo que dalli, se sò se achâra,
Outro novo Cupido se gerára.

43

E co seu apertando o rosto amado,
Que os soluços, & lagrimas augmenta,
Como o minino da ama castigado,
Que quem o afaga, o choro lhe acrecēta:
Por lhe pòr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta,
Dos Fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe estâ dizendo,

D 2

Fermosa

44

Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha, que vejais,
Esqueceremse Gregos, & Romanos,
Pellos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

45

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogycia Ilha eterno escravo,
E se Antenór os ceýos penetrou
Iliricos, & a fonte de Timavo:
E se o piedoso Eneas navegou
De Scila, & de Caribdis o mar bravo,
Os vossos mōres cousas intentando,
Novos mundos ao mūdo irão mostrādo.

46

Fortalezas, Cidades, & altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados,
Os Turcos bellacissimos, & duros,
Delles sempre vereis desbaratados:
Os Reys da India livres, & seguros,
Vereis ao Rey potente subjugados,
E por elles de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leys melhores.

Verei

47

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremar delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando:
Oh caso nunca visto, & milagroso,
Que trema, & ferva o mar é calma estado!
O gente forte, & de altos pensamentos!
Que também della haõ medo os Elemētos!

48

Vereis a terra, que agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hũ porto mui decēte,
Em que vaõ descansar da longa via,
As naos, que navegarem do Occidente:
Toda esta costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagarã tributo, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

49

E vereis o Mar roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado,
Vereis de Ormuz o Reyno poderoso,
Duas vezes tomado, & sobjugado:
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado;
Que quem vai contra os vossos claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

D 3

Vereis

Vereis a inexpugnável Dio forte,
 Que dous cercos terá, dos vossos fendo,
 Alli se mostrará seu preço, & sorte,
 Feitos de armas grandissimos fazendo:
 Envejoso vereis o graõ Mavorte,
 Do peito Lusitano fero, & horrendo,
 Do Mouro alli veraõ, que a voz extrema,
 Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virá depois a ser senhora
 De todo Oriente, & sublimada,
 Cos triumphos da gente vencedora:
 Alli soberba, altiva, & exalçada,
 Ao Gentio, que os Idolos adora,
 Duro freo porá, & a toda a terra,
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se
 De Cananor, com pouca força, & gente,
 E vereis Calecut desbaratar-se,
 Cidade populosa, & tam potente:
 E vereis em Cochim assinalar-se
 Tanto hum peito soberbo, & insolente,
 Que citará já mais cantou vitoria,
 Que assim mereça eterno nome, & gloria.

Nunca

53

Nunca com Marte instructo, & furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Accias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto:
Que dos povos da Aurora, & do famoso
Nilo, & Bactro Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egypcia linda, & não pudica.

54

Como vereis o mar fervendo aceso,
Cos incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, & o Mouro preso,
De naçoens differentes triunfando:
E fogeita a rica Aurea Chersonezo,
Atè o longinquo China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlheha todo o Occeano obediente.

55

De modo, filha minha, que de geito
Amstrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar, ao Gaditano:
Nem das Boreacs ondas ao Estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo de afrôtados
Resuscitassem todos os passados.

D 4

Como

Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Maya à terra, porque tenha
 Hum pacifico porto, & sossegado
 Para onde sem receo a frota venha:
 E para que em Mombaça aventurado
 O forte Capitão se não detenha,
 Lhe mãda mais, q em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quieto repousasse.

Ja pello ar o Cylenco voava,
 Com as azas nos pés à terra dece,
 Sua vara fatal na mão levava,
 Com que os olhos cançados adormece,
 Com esta as tristes almas revocava
 Dos infernos, & o vento lhe obedece,
 Na cabeça o galero costumado,
 E desta arte a Melinde foi chegado.

Configo a fama leva, porque diga
 Do Lusitano o preço grande, & raro, A
 q o nome illustre a hũ certo amor obrig,
 E faz a quem o tem amado, & chãro:
 Desta arte vai fazendo a gente amiga,
 Co rumor famosissimo, & preclaro,
 Ja Melinde em desejos arde todo,
 De ver da gente forte o gesto, & o modo.

59

Dalli para Mombaça logo parte,
 Aonde as naos estavaõ temerosas,
 Para que â gente mande, que se aparte
 Da barra imiga, & terras sospeitosas:
 Porque mui pouco val esforço, & arte
 Contra infernaes vontades enganofas,
 Pouco val coraçãõ, astucia, & fiso,
 Se lâ dos Ceos não vem celeste aviso.

60

Meio caminho a noite tinha andado,
 E as Estrellas no Ceo, co a luz alhea
 Tinhaõ o largo mundo allumiado,
 E sò co sono a gente se recrea:
 O Capitaõ illustre ja cansado
 De vigiar a noite, que recea,
 Breve repouso então aos olhos dava,
 A outra gente a quartos vigiava,

61

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
 Dizendo, fuge, fuge Lusitano
 Da cilada, que o Rey malvado tece,
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,
 Fuge, que o vento, & o Ceo te favorece,
 Sereño o tempo tens, & o Oceano,
 E outro Rey mais amigo noutra parte
 Onde podes seguro agasalharte.

Não

Naõ tens aqui sennaõ aparelhado.
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cavallos a gente, que hospedava:
As aras de B. siris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Teràs certas aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas, & feras.

Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharàs de mais verdade,
Lá quasi junto, donde o Sol ardendo
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rey com muitas obras de amizade,
Gafalhado seguro te diria,
E para a India certa, & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, & vê ferida a escura treva
De hũa subita luz, & rayo santo:
E vendo claro quanto lhe releva
Nã se detter na terra iniqua tanto,
Cõ novo espirito ao mestre seu mandava,
Que as vellas dèsse ao vento, q̃ assoprava.

Dai

65

Dai vellas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, & Deos o mada,
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de possos passos anda:
Alevantase nisto o movimento
Dos marinheiros de hũa, & d'outra bāda,
Levão, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a rude força, que se estima.

66

Neste tempo, que as ancoras levavaõ,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mançamente as amarras lhe cortavaõ,
Por serem, dando â costa, destruidos:
Mas com vista de lince vigiavão
Os Portuguezes sempre apercebidos,
Elles como acordados se sentiraõ,
Voando, & não remando lhes fugiraõ.

67

Mes ja as agudas proas apartando
Hiaõ as vias humidas de argento,
Assopralhe galeno o vento, & brando,
Com suave, & seguro movimento:
Nos perigos passados vaõ fallando,
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida escapa em salvo por acerto.

Tinha

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E noutra começava, quando vîrão
Ao longe dous navios, brandamente
Cos ventos navegando, que respiraõ:
Porque haviaõ de ser da Maura gente,
Para elles arribando as vellas viraõ,
Hum de temor do mal, que receava,
Por se salvar a gente, â costa dava.

Naõ he o outro, que fica, taõ manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano:
Que como fosse debil, & medroso
Da pouca gente o fraco peito humano
Naõ teve resistencia, & se a tivera,
Mais danno, resistindo, recebêra.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava,
Cuidou, q̃ entre estes Mouros o tomasse,
Mas naõ lhe succedeo como cuidava:
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse,
A que parte dos Ceos a India estava,
Porém dizemlhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharaõ Piloto certo.

Louvaõ

71

Louvam do Rey os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeito :
O Capitão o affella por verdade,
Porque ja lho diffiera deste geito
O Cylinéo em sonhos, & partia,
Para onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

72

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Ouropa a luz Febea;
Quãdo hũ, & outro corno lhe aquêtava,
E Flora derramava o de Amalthea :
A memoria do dia renovava
O presuroso Sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a que tudo estã fugeito
O sello poz a tudo quanto tinha feito.

73

Quando chegava a frota àquella parte
Onde o Reyno Melinde ja se via,
De toldos adornada, & leda de arte,
Que bem mostra estimar o santo dia:
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe apparecia:
Soão os atambores, & pandeiros,
E assi entravão ledos, & guerreiros.

En-

74

Enchese toda a praya Melindana,
Da gente, que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, & mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada:
Surge diante a frota Lusitana,
Pèga no fundo a ancora pezada,
Mandão fôra hũ dos Mouros, q tomàraõ,
Por quem sua vinda ao Rey manifestàraõ.

75

O Rey, que ja sabia da nobreza,
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito, que saíssem,
Para que de seus Reynos se servissem.

76

Saõ offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, naõ dobradas,
As que o Rey mãda aos nobres cavaleiros,
Que tanto mar, & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas cevadas,
Com as frutas, que entaõ na terra avia,
E a vontade á dadiva excedia.

Recebe

77

Recebe o Capitaõ alegremente

O mensageiro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rey outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea cor ardente,
O ramoso coral, fino, & prezado,
Que debaixo das agoas molle crece,
E como he fõra dellas se endurece.

78

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co Rey nobre as pazes concertasse,
E que de não sair aquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse:
Partido assi o Embaxador prestante,
Como na terra ao Rey se apresentasse,
Com estilo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava,

79

Sublime Rey, a quem do Olympo puro
Foi da summa Justiça concedido,
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado, que temido:
Como porto mui forte, & mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

Naõ

Naõ somos roubadores, que passando
Pellas fracas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo as gentes vam matãdo,
Por roubarlhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, & rica, por mandado
De hũ Rey, q̃ temos alto, & sublimado ?

Que geraçãõ tam dura hahi de gente,
Que barbaro costume, & usança fea,
Que não vedem os portos tam sõmente,
Mas ainda o hospicio da deserta area?
Que mãtenção, q̃ peito em nòs se sente?
Que de tam pouca gente se arrecea?
Que cõ laços armados tam fiogidos,
Nos ordenassem vernos destruidos?

Mastu, em quẽ mui certos confiamos
Acharse mais verdade, ó Rey benigno,
E aquella certa ajuda em ti ei peramos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino:
A teu porto seguro navegamos,
Conduzidos do Interprete divino,
Que pois ati nos manda está muy claro,
Que é de peito sincero, humano, & raro.
E nam

83

E não cuides, ò Rey, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido
A verte, ou a servirte, porque visse,
Ou sospeitasse em ti peito fingido:
Mas saberàs, que o fez, porque comprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rey, que lhe manda que não faya,
Deixâdo a frota em algũ porto, ou praya.

84

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quereràs, pois tens de Rey o officio,
Que ninguem a seu Rey desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete, q̃ conheça
Em tudo aquillo, q̃ elle, & os seus puderẽ,
Em quanto os rios para o mar correrem.

85

Affidizia, & todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavão muito o estamago da gente,
Que tantos Ceos, & mares vai passando:
E o Rey illustre, o peito obediente
Dos Portugueses, na alma imaginando,
Tinha por valor grande, & mui subido,
O do Rey, que he tam longe obedecido.

E

E

E com risonha vista, & ledo aspecto
Responde ao Embaixador, q̃ tão estima,
Toda a sospeita mã tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço, & obras são de geito
Para vos ter o mundo em muita estima,
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pôde ter subido pensamento.

De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tam leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

Porém como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos,
Piloto, municoens, & mantimentos.

89

Isto disse, & nas agoas se escondia
O filho de Latona, & o mensageiro
Co a embaixada alegre se partia
Para a frota, nõ seu batel ligeiro:
Enchem os peitos todos de alegria;
Por terem o remedio verdadeiro,
Para acharem a terra, que buscavão,
E assi ledosa noite festejavão.

90

Não faltaõ alli rayos de artificio,
Os tremulos cometas imitando,
Fazem os bombardeiros seu officio,
O Ceo, a terra, & as ondas atroando:
Mostrase dos Cyclópas o exercicio,
Nas bombas, q de fogo estaõ queimando,
Outros com vozes, com q o Ceo feriaõ,
Instrumentos altifonos tangião.

91

Respondemlhe da terra juntamente,
Co rayo volteando com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pò sulfureo escondido:
A grita se levanta ao Ceo da gente,
O mar se via em fogos acendido,
E não menos a terra, & assi festeja,
Hum ao outro, á maneira de peleja.

E 2

Mas

92

Mas ja o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E ja a mãy de Memnon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hiaõse as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rey Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

93

Viaõse em derredor ferver as prayas,
Da gente, que a ver sò concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabayas,
Lustraõ os panos da tecida seda:
Em lugar das guerreiras azagayas,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira,

94

Hum batel grande, & largo, que toldado
Vinha de seda de diversas cores,
Traz o Rey de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reyno, & de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, & primores,
Na cabeça hũa fôta guarnecida
D'ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Caba-

95

Cabaya de Damasco rico, & dino,
 Da Tyria cor, entre elles estimada,
 Hum collar ao pescoço de ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada:
 C'um resplendor reluze adamantino,
 Na cinta a rica daga bem lavrada,
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro, & aljofar ao veludo,

96

Com hum redondo amparo alto de seda
 Numa alta, & dourada hastea enxerido,
 Hum ministro a Solar quentura veda,
 Que não offêda, & queime o Rey subido:
 Musica traz na proa estranha, & leda,
 De aspero som, horrifono ao ouvido,
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rude estrondo.

97

Naõ menos guarnecido o Lusitano
 Nos seus bateis da frota se partia
 A receber no mar ao Melindano
 Com lustrosa, & honrada companhia:
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
 Mas Francêsa era a roupa, que vestia,
 De cetim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, cor que a gente tanto preza.

E. 3

De

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:
 As calças soldadescas recamadas
 Do metal, que Fortuna a tantos nega:
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibam a junta, & chega:
 Ao Italicomodo a aurea espada,
 Pluma na gorra hum pouco declinada,

Nos de sua companhia se mostrava
 Da tinta que dá o Murice excellente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajo differente:
 Tal ofermoso esmalte se notava,
 Dos vestidos olhados juntamente,
 Qual apparece o arco rutilante,
 Da bella Ninfa, filha de Thaumante,

Sonorosas trombetas incitavam
 Os animos alegres resonando,
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
 Os toldos pellas aguoas arrojando:
 As bombardas horrifonas bramavam
 Com as nuves do fumo o Sol tomando
 Ameudãose os brados acendidos:
 Tâpam co as mãos os Mouros os ouvidos.

101

Ja no batel entrou do Capitaõ
O Rey, que nos seus braços o levava,
Elle co a cortesia, que a razaõ,
(Por ser Rey) requeria lhe fallava:
Cũmas mostras de espanto, & admiraçaõ,
O Mouro o gesto, & modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de taõ longe à India vinha.

102

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus Reynos lhe cõprisse,
E que se mantimento lhe falece,
Como se proprio fosse, lho pedisse:
Dizlhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que ja ouvio dizer, que noutra terra,
Com gente de sua ley tivesse guerra.

103

E como por toda Africa se foa,
Lhe diz os grandes feitos, que fizeraõ,
Quando nella ganharão a Coroa
Do Reyno, onde as Hesperides viveraõ:
E com muitas palavras apregoa,
O menos, que os de Luso merecerão,
E mais, que pella fama o Rey sabia,
Mas desta sorte o Gama respondia.

E 4

O tu

O tu, que sô tiveste piedade,
Rey benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miséria, & adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana:
Aquella alta, & divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, & rege a gēte humana
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nos outros não podemos.

Tu só de todos quantos queima Apollo,
Nos recebeste em paz do mar profundo,
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, & jocundo:
Em quanto apacentar o largo polo
As Estrellas, & o Sol der lume ao mundo,
Onde quer q̃ eu viver cō fama, & gloria,
Vivirão teus louvores em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,
Para a frota, que o Mouro ver deseja,
Vão as naos hũa, & hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas para o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festij,
E as trombetas canoras lhe tangião,
Cos anafis os Mouros respondião.

107

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava:
Mandava estar quieto, & ancorado
N'agoa o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar devagar co forte Gama
Nas cousas, de que tem noticia, & fama.

108

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pellas guerras famosas, & excellentes
Co povo havidas, que a Ma foma adora:
Agora lhe pergunta pellas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora,
Agora pellos povos seus visinhos,
Agora pellos humidos caminhos,

109

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, & região
Do mundo, onde morais distintamente:
E assi de vossa antiga geração,
E o principio do Reyno tam potente,
Cos successos das guerras do começo,
Que sem fabelas, sei que são de preço!

E assi

E assi tambem nos conta dos rodeyos
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheyos,
Que a nossa Africa rude tem creado:
Conta, que agora vem cos aureos freyos,
Os cavallos, que o carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem,
O vento dorme, & o mar, & as ondas jazẽ,

E naõ menos co tempo se parece
O desejo de ouvirte, o que contares;
Que quẽ ha, que por Fama não conhece,
As obras Portuguezas singulares?
Nam tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares,
Que os Melindanos tem tam rude peito,
Que não estimẽ muito hũ grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes
Cõ guerra vãa o Olympo claro, & puro,
Tentou Peritho, & Theseo, de ignorãtes,
O Reyno de Plutão horrẽdo, & escuro:
Se ouve feytos no mundo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro,
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que cutrem cometa a furia de Nerẽo.

Quei-

113

Queimou o sagrado Templo de Diana.
Do sutil Tesifonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana,
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantejado,
Mais razão he, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tam dignas de memoria.

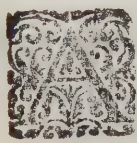
CANTO

CANTO III.

ARGUMENTO

*A populosa Europa se descreve,
 De Egas Moniz o feito sublimado,
 Lusitania, que Reys, que guerras teve,
 Christo a Affonso se expoem crucificado:
 De Dona Inez de Castro a pura neve
 Em purpura converte o povo irado,
 Mostra-se o vil descuido de Fernando,
 E o grão poder de hum gesto suave, & brãdo.*

I.



Gora tu Calliope me ensina
 O q̃ contou ao Rey o illustre Gama,
 Inspira immortal canto, & voz divina
 Neste peito mortal, que tanto te ama:
 Assi o claro inventor da medicina,
 De quem Orpheo pariste, ò linda dama,
 Nũa por Daphne, Clicie, ou Leucothõe
 Te negue o amor devido, como foe.

Poem

2

Poem tu, Ninfa, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja, & saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganipe corre, & mana:
Deixa as flores do Pindo, que ja vejo
Banhar-me Apollo na agoa soberana,
Senaõ direi, que tens algum receo,
Que se elcureça o teu querido Orfeo.

3

Promptos estavam todos escutando,
O que o sublime Gama contaria,
Quãdo depois d'hũ pouco estar cuidãdo
Alevantando o rosto assi dizia:
Mandas-me, ò Rey, que conte declarando,
De minha gente a graõ genealogia,
Naõ me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria,

4

Que outrem possa louvar esforço alheo,
Cousa he que se costuma, & se deseja,
Mas louvar os meus proprios arreceo,
Que louvor taõ suspeito mal me esteja:
E para dizer tudo, temo, & creio,
Que qualquer longo tempo curto seja,
Mas pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, & ferei breve.

Alem

5

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga
 He não poder mentir no que disser,
 Porque de feitos taes por mais que diga,
 Mais me ha de ficar ainda por dizer:
 Mas porque nisto a ordem leve, & siga,
 Segundo o que desejas de saber,
 Primeiro tratarei da larga terra,
 Depois direi da sanguinosa guerra.

6

Entre a Zona, que o Cancro senhorea,
 Méta Septentrional do Sol luzente,
 E aquella, que por fria se arrecea
 Tanto, como a do meyo por ardente:
 Jaz a soberba Europa, a quem rodea
 Pella parte do Arcturo, & do Occidente,
 Com suas faldas ondas o Oceano,
 E pella Austral o mar Mediterraneo.

7

Da parte donde o dia vem nascendo,
 Com Asia se avisinha, mas o Rio,
 Que dos montes Rifeos vai correndo,
 Na lagoa Meoris, curvo, & frio:
 As divide, & o mar, que fero, & horrendo
 Vio dos Gregos o irado senhorio,
 Onde agora de Troya triunfante,
 Não vé mais que a memoria o navegante,

Lâ

8

Lâ onde mais debaixo estâ do Polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tam pouca força tem de Apollo
Os rayos, que no mundo resplandecem,
Que a neve estâ contino pellos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

9

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveraõ sobre a humana antiguidade,
Cos que tinhaõ entaõ a Egypcia terra:
Mas quem tão fóra estava da verdade
(Ja que o juizo humano tanto erra)
Para que de mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara,

10

Agora nestas partes se nomea
A Lapia fria, a inculta Noruéga,
Escandinavia Ilha, que se arrea
Das vitorias, que Italia não lhe nega:
Aqui em quanto as agoas não refrea
O congelado Inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pello Brusio, Suecio, & frio Dano.

Entre

II

Entre este Mar, & o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, & Livonios,
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinia os Marcomanos são Polonios:
Sogeitos ao Imperio de Alemanha,
São Saxones, Boemios, & Panonios,
E outras varias nações, que o Reyno frio
Lava, & o Danubio, Amásis, & Albis rio.

12

Entre o remoto Istro, & claro Estreito,
Aonde Helle deixou co nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Márte patria tão querida:
Onde co Hemo o Rhodope sogeito
Ao Otomano está, que sometida
Bizancio tem a seu serviço indino,
Boa injuria do grande Constantino,

13

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agoa fria:
E vós também ò terras excellentes
Nos costumes, engenhos, & ousadia:
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia,
Com que tu clara Grecia o Ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

Logo

14

Logo os Dalmatas vivem, & no seyo,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meyo
Das agoas, que tam baixa começou:
Da terra hum braço vê ao mar, que cheyo
De esforço, naçoens varias fugeitou,
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

15

Em torno o cerca o Reyno Neptunino
Cos muros naturaes, por outra parte
Pello meyo o divide o Apenino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas depois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veyo, & bellica arte,
Pobre está já da antiga potestade,
Tanto Deos se contenta da humildade,

16

Gallia alli se verâ, que nomeada
Cos Cesareos triunfos foi no mundo,
q do Sequana, & do Rhódano he regada,
E do Gatumna frio, & Rheno fundo:
Logo os montes da Ninfa sepultada
Pyrene, se levantão, que segundo
Antiguidades contaõ, quando ardêrão,
Rios de ouro, & da prata entã corrêrão.

F

Eis

17

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, & gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha
A Fortuna inquieta porlhe nòda,
Que lha não tire o esforço, & ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

18

Com Tingitania entesta, & alli parece,
Que quer fechar o mar Mediterraneo
Onde o sabido Estreito se enobrece
Com o extremo trabalho do Thebano:
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Occeano,
Todas de tal nobreza, & tal valor,
Que qualquer dellas cuida, q he melhor.

19

Tem o Tarragonez, que se fez claro,
Sugeitando Parténope inquieta,
O Navarro as Asturias, que reparo
Ja forão, contra a gente Mahometa:
Tem o Galego cauto, & o grande, & raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha, & senhor della,
Bethis, Leaõ, Granada, com Castella.

Eis

20

Eis aqui quasi cume da cabeça
De Europa toda, o Reyno Lusitano,
Onde a terra se acaba, & o mar começa,
E onde Phebo reponha no Occeano:
Esta quiz o Ceo justo, que floreça
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitandoo de si fôra, & là na ardente
Africa, estar quieto o não consente.

21

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual, se o Ceo me dê, q eu sem perigo
Torne com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz alli comigo:
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lyfa, que de Baccho antigo,
Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nelle então os Incolas primeiros.

22

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê, que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama, ninguem virâ, que dome.
Pois a grande de Roma não se atreve:
Esta o velho, que os filhos propios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro, & leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criandoa Reyno illustre, & foi desta arte.

F 2

Hum

23

Hũ Rey, por nome Affonso, foi na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Q por armas sanguineas, força, & manha,
A muitos fez perder a vida, & terra:
Voando deste Rey a fama estranha,
Do Hereulano Caspe a Caspia ferra,
Muitos (para na guerra esclarecerse)
Vinhaõ a elle, & à morte offerecerse.

24

E cum amor intrinseco acendidos
Da Fê, mais que das honras populares,
Eraõ de varias terras conduzidos,
Deixãdo a patria amada, & propios lares:
Depois que em feitos altos, & lubidos
Se mostrãrão nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes,
Levassem premio digno, & doês iguaes.

25

Destes, Henrique dizem, que segundo
Filho d'hũ Rey de Ungria exprimẽtado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado:
E para mais sinal de amor profundo,
Quiz o Rey Castelhano, que casado
Com Terela sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

Este

26

Este depois que contra os descendentes
Da escrava Agar vitórias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo, o que a seu forte peito deve:
Em premio destes feitos excellentes,
Deolhe o supremo Deos em tẽpo breve,
Hum filho, que illustrasse o nome ufano,
Do bellicoso Reyno Lusitano.

27

Ja tinha vindo Henrique da conquista
Da Cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordaõ a area tinha vista;
Que vio de Deos a carne em si lavada:
Que não tendo Gotfredo, a quem resistia,
Depois de ter Judéa subjugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudáraõ
Para seus senhorios se tornâraõ.

28

Quando chegado ao fim de sua idade
O forte, & famoso Ungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deu a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pay, tal filho se esperava.

F 3

Mas

29

Mas o velho rumor, não sei se'errado
(q' em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta, que a mãy tomãdo todo o estado,
Do segundo Hyminèo não se despreza:
O filho orfaõ deixava desherdado,
Dizendo, que das terras a grandeza,
E o senhorio todo sò seu era,
Porque para casar, seu pay lhas dera.

30

Mas o Principe Affonso, que desta arte
Se chamava, do Avó tomando o nome,
Vendose em suas terras não ter parte,
q' a mãy, cõ seu marido as mãda, & come!
Fervendolhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome,
Revolvidas as cousas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

31

De Guimaraës o campo se tingia
Co sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãy, que taõ pouco o parecia,
A si u filho negava o amor, & a terra:
Com elle posta em campo ja se via,
E não vé a soberba o muito que erra,
Contra Deos, contra o maternal amor,
Mas nella o sensualera mayor.

32

O Progne crua, ò magica Medea,
Se em vossos proprios filhos vos vingais,
Da maldade dos pays, da culpa alhea,
Olhai que inda Theresá pecca mais:
Incontinencia má; cobiça fea,
São as causas deste erro principais;
Scylla por hũa mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filho vay.

33

Mas ja o Principe claro o vencimento
Do padraſto, & da iniqua mãy levava,
Ja lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porém vencido de ira o entendimento,
A mãy em ferros asperos atava,
Mas de Deos foi vingada em tẽpo breve,
Tanta veneraçã aos pays se deve,

34

Eis se ajunta o soberbo Castelhana
Para vingar a injuria de Tharesá,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhũ trabalho agrava, ou pesa:
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa,
Não sò contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperissimo afugenta.

F 4

Não

35

Não passa muito tempo, quando o forte
Princepe em Guimaraës estâ cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foi refazerse o imigo magoado:
Mas com se offerecer â dura morte,
O fiel Egas amo, foi livrado,
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

36

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhana, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, & consciencia
D'Egas Moniz, mas não consente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sogeito.

37

Chegado tinha o pralo prometido,
Em que o Rey Castelhana ja aguardava,
Que o Princepe a seu mando sobmetido,
Lhe desse a obediencia, que esperava:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

E

38

E com seus filhos, & mulher se parte
A levantar com elles a fiança,
Descalços, & despídos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança:
Se pretendes, Rey alto, de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar co a vida o prometido.

39

Ves aqui trago as vidas innocenes,
Dos filhos sem peccado, & da consorte,
Se a peitos generosos, & excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte:
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquêtes,
Nellas sòs exprimenta toda a forte
De tormentos, de mortes, pello estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

40

Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no ceco a gargata, & ja entregado,
Espera pello golpe tũ temido;
Tal diante do Princepe indignado,
Egã estava a tudo offerecido:
Mas o Rey, vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim, que a ira, a piedade.

O

41

O gram fidelidade Portuguesa,
 De vassallo, que a tanto se obrigava!
 Que mais o Persa fez naquella empresa,
 Onde rosto, & narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto pesa,
 Que mil vezes dizendo, suspirava,
 Que mais o seu Zopyro saõ prezâra,
 Que vinte Babilonias, que tomâra.

42

Mas ja o Principe Affonso aparelhava
 O Lusitano exercito ditoso,
 Contra o Mouro, que as terras habitava,
 De alem do claro Tejo deleitoso:
 Ja no campo de Ourique se assentava
 O arrayl soberbo, & bellicoso,
 De frente do inimigo Sarraceno,
 Posto q' em força, & gente tão pequeno.

43

Em nenhũa outra coula confiado,
 Senão no summo Deos, que o Ceo regia,
 Que tam pouco era o povo baptizado,
 Que para hum sò cem Mouros haveria?
 Julga qualquer juizo sossegado
 Por mais temeridade, que ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que para hum cavalleiro houvesse ceto.

Cinco

44

Cinco Reys Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcãça a illustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa, & forte dama,
De quem tanto os Troyanos se ajudarão,
E as que o Termodonte ja gostârao.

45

A matutina luz serena, & fria
As Estrellas do Polo ja apartava,
Quando na Cruz o Filho de MARIA,
Mostrandose a Affonso o animava:
Elle adorando, quem lhe apparecia,
Na Fê todo inflamado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis.

46

Com tal milagre os animos da gente
Portuguesa inflamados, levantavao
Por seu Rey natural este excellente
Princepe, que do peito tanto amavao:
E diante do exercito potente
Dos inimigos gritando, o Ceo tocavao,
Dizendo em alta voz, Real, Real,
Por Affonso Alto Rey de Portugal.

Qual

47

Qualcos gritos, & vozes incitado,
 Pella montanha, o rábido moleoso,
 Contra o touro remete, que fiado
 Na força está do corno temeroso:
 Ora pèga na orelha, ora no lado
 Latindo mais ligeiro, que forçoso,
 Até que em fim rompendolhe a garganta,
 Do bravo a força horrenda se quebranta.

48

Tal do Rey novo o estamago acendido
 Por Deos, & pello povo juntamente,
 O barbaro comete apercebido,
 Com animoso exercito rompente:
 Levantão nisto os perros o alarido,
 Dos gritos, tocão arma, ferve a gente,
 As lanças, & arcos tomão, tubas soão,
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

49

Bem como quando a flama, que ateadada
 Foi nos aridos campos (assoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co vento o seco mato vai queimando:
 A pastoral companhia, que deitada
 Co doce sono estava, despertando
 Ao estidor do fogo, que se atea,
 Recolhe o fato, & foge para a aldeia.

Desta

50

Deſta arte o Mouro attonito, & turbado,
Toma ſem tento as armas mui depreſſa,
Nã foge, mas eſpera confiado,
E o ginete belligero arremeffa:
O Portuguez o encontra denodado,
Pellos peitos as lanças lhe atraveffa,
Huns caem meyo mortos, & outros vãõ
A ajuda convocando do Alcorão.

51

Alli ſe vem encontros temeroſos,
Para ſe deſfazer hũa alta ſerra,
E os animaes correndo furioſos,
Que Neptuno moſtrou ferindo a terra:
Golpes ſe dão medonhos, & forçoſos,
Por toda a parte andava acceſa a guerra,
Mas o de Luſo arnez, couraça, & malha,
Rompe, corta, deſfaz, abolla, & talha.

52

Cabeças pello campo vãõ ſaltando,
Braços, pernas, ſem dono, & ſem ſentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, & o geſto amorteſcido:
Ja perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do ſangue deſparzido,
Com que tãbem do cãpo a cor ſe perde,
Tornando Carmeſi de branco, & verde.

Jã

53

Ja fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trofeos, & presa rica,
Desbaratado, & roto o Mauro Ispano,
Tres dias o gram Rey no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em final destes cinco Reys vencidos.

54

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle, de quem foi favorecido:
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meyo
Dos cinco azues, q̃ e Cruz pintado veyo.

55

Passado ja algum tempo, que passada
Era esta gram vitoria, o Rey subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido:
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, & o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu claro Tejo regas taõ sereno,

56

A estas nobres Villas submetidas,
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Sintra o duro braço:
Sintra, onde as Nayades escondidas
Nas fontes, vão fugindo aos doces laços,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

57

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es Princeza,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania acesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte Armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

58

Lâ do Germanico Albis, & do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção santa eraõ partidos:
Entrando a boca ja do Tejo ameno,
Cõ o arrayal do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama entaõ subia aos Ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulisseos.

Cinco

Cinco vezes a Lua se escondêra,
E outras tantas mostrara cheo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra
Ao duro cerco, que lhe estava posto:
Foi a batalha tão sanguinea, & fera,
Quanto obrigava o firme presuppôto,
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos já desesperados.

Desta arte em fim tomada se rendeo
Aquella, que nos tempos já passados
A grande força nunca obedeceo,
Dos frios povos Scyticos ousados:
Cujos poder a tanto se estendeo,
q' o lbero o vio, & o Tejo amedrentados,
E em fim do Bethis tanto algus puderao,
Que á terra de Vandalia nome derao.

Que Cidade tão forte, por ventura
Haverá, que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Ja lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alcanquer, por onde soa
O tom das frescas agoas entre as pedras,
Que mormurádo lavão, & Torres-vedras.

62

E vós também, ó terras Transtaganas,
Affamadas co dom da flava Ceres,
Obedeceis às forças mais que humanas,
Entregandolhe os muros, & os poderes:
E tu lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres,
Que Elvas, & Moura, & Serpa conhecidas,
E Alcaçare do Sal estaõ rendidas.

63

Eis a nobre Cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustentar de longe a terra, & a gente,
Pellos arcos reaes, que cento, & cento,
Nos ares se levantaõ nobremente,
Obedeceo por meyo, & ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

64

Ja na Cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancofo destruida,
Affonso, que não sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A Cidade, mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada,
Provando os fios vai da dura espada.

G

Com

Com estas sobjugada foi Palmella,
 E a piscosa Cezimbra, & juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrella,
 Desbarata hum exercito potente:
 Sentioo a Villa, & vio o senhor della,
 Que a socorrella vinha diligente,
 Pella fralda da serra descuidado,
 Do temeroso encontro inopinado.

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
 Com quatro mil cavallos furiosos,
 Innumeros pioes, darmas, & de ouro
 Guarnecidos, guerreiros, & lustrosos:
 Mas qual no mez de Mayo o bravo touro,
 Cos ciumes das vacas receosos,
 Sentindo gente, bruto, & eego amante,
 Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso, subito mostrado,
 Na gente da, que passa bem segura,
 Fere, mata, derriba denodado,
 Foge o Rey Mouro, & fò da vida cura:
 De hum panico terror todo assombrado,
 Só de seguillo o exercito procura,
 Sendo estes que fizerao tanto abalo,
 No mais, que tò lenta de cavallo.

68.

Logo segue a vitoria sem tardança
 O grão Rey incançavel ajuntando
 Gentes de todo o Reyno, cuja usança,
 Era andar sempre terras conquistando:
 Cercar vai Badajoz, & logo alcança
 O fim de seu desejo pelejando
 Com tanto esforço, & arte, & valentia,
 Que a fez fazer às outras companhia.

69.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
 O castigo daquelle, que o merece,
 Ou para que se emmende às vezes tarda,
 Ou por segredo, q̃ homem não conhece:
 Se até aqui o forte Rey resguarda,
 Dos perigos a que elle se offerece,
 Agora lhe não deixa ter defesa,
 Da maldição da mãy, que estava presa.

Sempre

70.

Que estando na Cidade, que cercâra,
 Cercado nella foi dos Leoneses,
 Porque a conquista della lhe tomara,
 De Leão sendo, & não dos Portugueses:
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assi como acontece muitas vezes,
 Que é ferros quebra as pernas, indo aceso
 Aa batalha, onde foi vencido, & preso,

G 2

O fa-

71

O famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti vitoria indina:
Posto que o Rio Fasis, ou Syene,
Que para nenhũ cabo a sombra inclina,
O Beotes gelado, & a linha ardente
Temessem o teu nome geralmente.

72

Posto que a rica Arabia, & que os ferozes
Eniocos, & Colchos, cuja fama
O véo dourado estende, & os Capadoces,
E Judea, que hum Deos adora, & ama:
E que os moles Sofenos, & os atroces
Cilicios, com a Arménia, que derrama
As agoas dos dons rios, cuja fonte,
Està noutro mais alto, & santo monte.

73

E posto em fim, que desdo mar de Athlante,
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Ja vencedor te vissem, não te espante,
Se o campo Emathio sò te vio vencido:
Porque Affonso verás soberbo, & ovante
Tudo render, & ser depois rendido,
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tor-

74

Tornado o Rey sublime finalmente,
Do divino luizo castigado,
Depois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado:
E depois que do Martyre Vicente
O santissimo corpo venerado,
Do sacro promontorio conhecido,
Aa Cidade Ulyssæa foi trazido.

75

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que às terras se passasse de Alem-Tejo,
Com gente, & com belligero aparelho:
Sancho de esforço, & animo sobejo,
Avante passa, & faz correr vermelho
O Rio, que Sevilha vai regando,
Co sangue Mouro, barbaro, & nefando.

76

E com esta vitoria cobiçoso,
Ja não descança o moço, até que veja
Outro estrago, como este, temeroso
No barbaro, que tem cercado Beja:
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo, que deseja,
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

G3

Ja

77

Ja se juntaõ do monte, a quem Medusa,
O corpo fez perder, que teve o Ceo,
Ja vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo:
O morador de Abila não se escusa,
Que tambem com suas armas se moveo,
Ao som da Mauritana, & rouca tuba,
Todo o Reyno, que foi da nobre Juba.

78

Entrava com toda esta companhia,
O Miralmumini em Portugal,
Treze Reys Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o Ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem,
Porém não lhe succede muito bem.

79

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso,
Não lhe aproveita ja trabuco horrendo
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esforço, & acordo generoso,
Tudo provê com animo, & prudencia,
Que è toda a parte ha esforço, & resiliência,

Mas

80

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhos os annos ao sossego,
Estando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem do Mouro, povo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a presteza com a idade.

81

E co a famosa gente â guerra usada,
Vai soccorrer o filho, & assi juntados,
A Portuguesa furia costumada,
Em breve os Mouros tem desbaratados
A campina, que toda está qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallo, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos, chea fica.

82

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida,
O Miralmumini sò não fugio,
Porque antes de fugir, lhe foge a vida:
A quem lhe esta vitoria permitio,
Daõ louvores, & graças sem medida,
Que em casos tão estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

G 4

D

83

De tamanhas vitórias triunfava
O velho Affonso, Princepe subido,
Quão, quẽ tudo em fim vécêdo andava
Da larga, & muita idade foi vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagárão seus annos deste geito,
Aa triste Libitina seu direito.

84

Os altos promontorios o chorarão,
E dos rios as agoas saudosas,
Os semeados campos alagarão,
Com lagrimas correndo piedosas:
Mas tanto pello mundo se alargarão,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reyno chamarão,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

85

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pay na valentia,
E que em sua vida ja se experimentara,
Quando o Bethis de sangue se tingia:
E o barbaro poder desbaratara,
Do Ilmaelita Rey de Andaluzia,
E mais quão, os q Beja em vão cercarão
Os golpes de seu braço em vão provarão.

Depois

86

Depois que foi por Rey alevantado,
Havendo poucos annos que reynava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
Dê armas fortes, & gente aperecebida,
A recobrar Judea, já perdida.

87

Passavão a ajudar na santa empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da Cidade, onde Christo padeceo:
Quando Guido co a gente em sede acesa
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejavão
As agoas, que os de Guido desejavão.

88

Mas a fermosa armada, que viera,
Por contraste de vento àquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Ja que em serviço vaido santo Marte:
Assi como a seu pay acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado, Sylves toma,
E o bravo morador destroe, & doma.

E se

E se tantos trofeos do Mahometa,
Alevantando vai, tambem do forte
Leonés, não consente estar quieta,
A terra usada aos casos de Mavorte:
Atè que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte,
Vio ter a muitas Villas suas vizinhas,
Que por armas, tu Sãcho, humildes tinhas.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segũdo Affonso, & Rey terceiro:
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcaçare do Sal por derradeiro,
Porque de antes os Mouros o tomãrão,
Mas agora estruidos o pagãrão.

Morto depois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manço, & descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, q mandava, era mandado:
De governar o Reyno, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

92

Naõ era Sancho, naõ, taõ deshonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, & depois horrendo incesto,
Com a mãy Agripina cometia:
Nem taõ cruel às gentes, & molesto,
Que a Cidade queimasse, onde vivia,
Nem taõ mao, como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rey Sardinapalo.

93

Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicilia fõ de seus tiranos,
Nem tinha, como Falaris, achado
Generos de tormentos inhumanos:
Mas o Reyno de altivo, & costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rey naõ obedece, nem consente,
Que naõ for mais que todos excellente.

94

Por esta causa o Reyno governou
O Conde Bolõhez, depois alçado
Por Rey, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado:
Este Affonso o Terceiro se chamou,
E delque teve o Reyno segurado,
Em dilatalo, cuida, que em terreno,
Naõ cabe o altivo peito taõ pequeno.

Da

95

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co braço, & deita fóra
O Mouro mal querido ja de Marte:
Este de todo fez livre, & senhora
Lusitania com força, & bellica arte,
E acabou de oprimir a nação forte
Na terra, q' aos de Luso coube em sorte.

96

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre, & dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o Reyno prospero florece,
(Alcançada ja a paz, aurea divina)
Em constituições, leys, & costumes,
Na terra ja tranquilla claros lumes.

97

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helicon as Musas fez passar-se,
A pisar do Mondego a fertil erva:
Quanto pôde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccaro, & do sempre verde Louro.
Nobres

98

Nobres Villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros,
E quasi o Reyno todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias ja maduros,
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte, & excellente.

99

Este sempre as soberbas Castelfhanas,
Com peito desprezou firme, & sereno,
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porêm quando as gentes Mauritanas
A possuir o Esperico terreno
Entrarão pellas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrella,

100

Nunca com Semiramis gente tanta
Veyo os campos Hidaipicos enchendo,
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamandose de Deos açoute horrendo:
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessiyo de Granada,
Foi nos campos Tartesios ajuntada.

E ven-

E vendo o Rey sublime Castelhana,
 A força inexpugnável, grande, & forte,
 Temendo mais o fim do povo Ispano
 Já perdido hũa vez, que a propria morte:
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandava a charíssima consorte,
 Mulher de quem a manda, & filha amada,
 Daquelle, a cujo Reyno foi mandada,

Entrava a fermosíssima Maria,
 Pellos paternaes paços sublimados,
 Lindo o gesto, mas fôra de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados:
 Os cabellos angelicos trazia
 Pellos eburneos hombros espalhados,
 Diante do pay ledo, que a agasalha,
 Estas palavras taes chorando espalha.

Quantos povos a terra produzio,
 De Africa toda, gente fero, & estranha,
 O graõ Rey de Marrocos conduzio,
 Para vir possuir a nobre Espanha:
 Poder tamanho junto não se vio,
 Depois que o falso mar a terra banha:
 Traz tal ferocidade, & furor tanto,
 Que a vivos medo, & a mortos faz espâto.
 Aquelle

104

Aquelle, que me dêste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder offerecido
Ao duro golpe estã da Maura espada:
E se não for contigo socorrido,
Vermehas delle, & do Reyno ser privada,
Viuva triste, & posta em vida escura,
Sem marido, sem Reyno, & sem ventura.

105

Por tanto, ò Rey, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congêla,
Rompe toda a tardança, acude cedo
Aa miseravel gente de Castella:
Se esse gesto que mostras claro, & ledo,
De pay o verdadeiro amor affella,
Acude, & corre pay, que se não corres,
Pode ser que não aches quem soccorres.

106

Naõ de outra sorte a tímida Maria
Fallando estã, q a triste Venus, quando
A Jupiter seu pay favor pedia,
Para Eneas seu filho navegar lo:
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o rayo infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezandolhe do pouco que lhe pede.

Mas

107

Mas ja cos esquadrões da gente armada,
 Os Eborenses campos vão qualhados,
 Lustra co Sol o arnés, a lança, a espada,
 Vão rinchando os cavallos jaezados:
 A canora trombeta embandeirada,
 Os corações â paz acostumados,
 Vai âs fulgentes armas incitando,
 Pellas concavidades retumbando,

108

Entre todos no meyo se sublima,
 Das insignias Reaes acompanhado,
 O valeroso Affonso, que por cima
 De todos, leva o collo levantado:
 E sòmente co gesto esforça, & ânima
 A qualquer coração amedrontado:
 Assim entra nas terras de Castella,
 Com a filha gentil Raynha della.

109

Juntos os dous Affonços finalmente
 Nos campos de Tarifa, estão defronte
 Da grande multidaõ da cega gente,
 Para quem sãõ pequenos câpo, & monte:
 Não ha peito tão alto, & tão potente,
 Que de desconfiança não se afronte,
 Em quanto não conheça, & claro veja,
 Que co braço dos seus Christo peleja.

Estão

110

Estão de Agar os netos quasi rindo,
Do poder dos Christãos, fraco, e pequeno,
As terras como suas repartindo
Ante mão, entre o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Està o famoso nome Serraceno,
Assi tambem com falsa conta, & nua,
Aa nobre terra alhea, chamão sua.

111

Qual o membrudo, & barbaro Gigante,
Do Rey Saul, com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Sò de pedras, & esforço apercebido:
Com palavras soberbas arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais pòde a fé, q a força humana.

112

Desta arte o Mouro perfí do despreza
O poder dos Christãos, & não entende,
Que está ajudado da alta Fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhana, & com destreza,
De Marrocos o Rey comete, & offende,
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reyno de Granada.

H

Eis

113

Eis as lanças, & espadas retenião
Por cima dos arneses, bravo estrago,
Chamão (segundo as leys, q' alli seguiaõ)
Huns Mafamede, & outros San-Tiago:
Os feridos com grita o Ceo feriaõ,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meyo mortos se afogavão,
Quando do ferro as vidas escapavão.

114

Com esforço tamanho estrue, & mata
O Luso ao Granadil, q' em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
De alcançar tal vitoria tam barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhanao,
Que pelejando estã co Mauricano.

115

Ja se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, & inclinado
Para o ponente o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quão o poder do Mouro grãde, horrêdo
Foi pellos fortes Reys desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão vitoria.

Naõ

116

Naõ matou quarta parte o forte Mario,
Dos que morrêrão neste vencimento,
Quãdo as agoas co sangue do adversario.
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
q alqueires tres de aneis dos mortos toma.

117

E se tu tantas almas sò pudeste
Mandar ao Reyno escuro de Cocito,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito:
Permissaõ, & vingança foi celeste,
E não força de braço, ò nobre Tito,
Que assi dos Vates foi profetizado,
E depois por JESUS certificado.

118

Passada esta taõ prospera vitoria,
Tornado Affonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, & dino de memoria,
Que do sepulchro os homens delenterra,
Aconteceo da mísera, & mesquinha,
Que depois de ser morta foi Rayua.

H 2

Tu

Tu sò tu puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Dêste causa á molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero amor, que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres aspero, & tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Inez, posta em sossego,
De teus annos colhendo o doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo, & cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, & às ervinhas,
O nome, que no peito escrito tinhas.

Do teu Principe alli te respondião
As lembranças, que na alma lhe moravão,
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus fermosos se apartavão:
De noite em doces sonhos, que mentiaõ,
De dia em pensamentos, que voavão,
E quanto em fim cuidava, & quanto via,
Eraõ tudo memórias de alegria.

D'outras

122

D'outras bellas senhoras, & Princezas,
Os desejados thalamos engeita,
Que tudo é fim, tu puro amor desprezas,
Quando hum gesto suave te fugeita:
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pay sesudo, que respeita,
O murmurar do povo, & fantasia
Do filho, que casarse não queria.

123

Tirar Inez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse levantada,
Contra hũa fraca dama delicada?

124

Traziaõna os horriferos algozes
Ante o Rey, ja movido a piedade,
Mas o povo com fallas, & ferozes
Razoẽs, a morte crua o persuade:
Ella com tristes, & piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, & saudade
Do seu Princepe, & filhos, que deixava,
Que mais q a propria morte a magoava.

H 3

Para

125

Para o Ceo cristalino levantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porq̃ as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E depois nos mininos atentando,
Que tão queridos tinha, & tão mimosos,
Cuja orfandade como mãy temia,
Para o avô cruel assi dizia.

126

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento:
E nas aves agrestes, que sômente
Nas rapinas aerias tem o intento:
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem tão piedoso sentimento,
Como co a mãy de Nino já mostrirão,
E cos irmãos, que Roma edificarão,

127

O tu, que tens de humano o gesto, & peito,
(Se de humano he matar hũa donzella
Fraca, & sem força, só por ter sugeito
O coração, a quem soube vencell.)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens â morte escura della,
Movate a piedade sua, & minha,
Poiste não move a culpa, que não tinha.

E se

128

E se vencendo a Mura resistencia,
A morte sabes dar com fogo, & ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem para perdella não fez erro:
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poemme em perpetuo, & misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

129

Poemme onde se use toda a feridade,
Entre Leoões, & Tigres, & verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co amor intrinseco, & vontade,
Naquelle, por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejaõ da mãy triste.

130

Queria perdoarlhe o Rey benino,
Movido das palavras, que o magoão,
Mas o pertinaz povo, & seu destino,
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoão,
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli pregoão,
Contra hũa dama, ò peitos carnicheiros,
Ferozes vos mostraes, & cavaleiros?

H 4

Qual

131

Qual contra a linda moça Policena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co ferro o duro Pirro se aparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena
 (Bem como paciente, & mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece.

132

Taes contra Inez os brutos matadores,
 No collo de alabastro, que sostinha
 As obras, cō que amor matou de amores
 Aaquelle, que depois a fez Raynha:
 As espadas banhando, & as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regados tinha,
 Se encarniçavão fervidos, & irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

133

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
 Teus rayos apartar aquelle dia,
 Como da seva mesa de Thyestes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia:
 Vós, ó concavos valles, que pudestes
 A voz extrema ouir da boca fria.
 O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes.

Assi

134

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida, & bella,
Sendo das mãos lascivas mal tratada,
Da minina, que a trouxe na capella:
O cheiro traz perdido, & a cor murchada,
Tal está morta a pallida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca, & viva cor, co a doce vida.

135

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando memorâraõ,
E por memoria eterna em fonte pura,
As lagrimas choradas transformáraõ:
O nome lhe puzeraõ, que inda dura,
Dos amores de Inez, que alli passáraõ,
Vede, que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agoa, e o nome amores

136

Naõ correo muito tempo, que a vingança
Naõ visse Pedro das mortaes feridas,
Que em tomando do Reyno a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
De outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos inimigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro, & injusto,
Que cõ Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este

137

Este castigador foi riguroso,
 De latrocínios, mortes, & adulterios;
 Fazer nos maos cruezas, fero, & iroso,
 Eraõ os seus mais certos refrigerios:
 As Cidades guardando justicofo,
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladroẽs castigando â morte deo,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

138

Do iusto, & duro Pedro, nasce o brando
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, & sem cuidado algum Fernão,
 Que todo o Reyno poz em muito aperto:
 Que vindo o Castelhana devastando
 As terras sem defesa, esteve perto
 De destruirse o Reyno totalmente,
 Que hũ fraco Rey faz fraca a forte gente.

139

Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor a seu marido,
 E casarse com ella, de elevado
 Num falso parecer, mal entendido:
 Ou foi, que o coração fugeito, & dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, & fraco, & bem parece,
 Que hũ baixo amor os fortes enfraquece.

Do

140

Do peccado tiverão sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, & permitio,
Os que foraõ roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Turquino o vio:
Pois por quem David santo se condena,
Ou quem o Tribu illustre destruiu,
De Benjamin, bem claro no lo ensina,
Por Sarra Faraõ, Sichem por Dina.

141

E pois se os peitos fortes enfraquece,
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omfale andava trãformado:
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanta a Cleopatra affeiçoado,
Tu tambem Peno prospero o leniste,
Depois que a moça vil na Apulia vilt.

142

Mas quem pôde livrarle por ventura
Dos laços, que amor arma brandamente
Entre as rolas, & a neve humana, & pura,
O ouro, & o alabastro transparente?
Quem de hũa peregrina fermosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo aceso?

Quem

Quê vio hũ olhar seguro, hum gesto brando,
Hũa suave, & angelica excellencia,
Que em si estã sêpre as almas trãsformãdo,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo estã Fernando,
Para quem tem de amor experiencia,
Mas antes tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.



CANTO IV.

ARGUMENTO

*Acclamado João, de Pedro herdeiro,
 Convoca Leonor ao Castelhana,
 Oppoemse Nuno intrepido guerreiro,
 Dase batalha, vence o Lusitano:
 Quem a Aurora buscar tentou primeiro
 Pellas tumidas ondas do Oceano,
 E como ao Cama coube esta alta empresa,
 Por affinar a gloria Portuguesa.*

I

D E pois de procelosa tempestade,
 Nocturna sombra, & sibilante vento,
 Traz a menhãa serena claridade,
 Esperança de porto, & salvamento:
 Aparta o Sol a negra escuridade,
 Removendo o temor do pensamento,
 Assim no Reyno forte aconteceo,
 Depois que o Rey Fernando falleceo.

Por-

Porque se muito os nossos desejão,
Quem os danos, & offensas vâ vingando,
Naquelles, que tambem se aproveitâão,
Do descuido remisso de Fernando:
Depois de pouco tempo o alcançâão,
Joanne sempre illustre levantando
Por Rey, como de Pedro unico herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
Por sinaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de hũa minina
Ante tempo fallando o nomeou:
E como cousa em fim, que o Ceo destina,
No berço o corpo, & a voz alevantou,
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pello Rey novo Dom Ioão,

Alteradas então do Reyno as gentes,
Com o odio, q occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, & evidentes,
Foz do povo o furor por onde vinha:
Matando vaõ amigos, & parentes,
Do adultero Conde, & da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesto,
Mais depois de viuva manifesta.

5

Mas elle em fim com causa deshonorado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acõpanhado,
q̃ tudo o fogo erguido queima, & corre:
Quem como Astianax precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem respeito,
Quem nũ por ruas, & em pedaços feito.

6

Podemse pôr em longo esquecimento
As cruzas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio:
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde, ao mundo descubrio,
Faz contra Lusitania vir Castell,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

7

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelliano stã, que o Reyno pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede:
Com esta voz Castella levantada,
Dizendo, que esta filha ao pay succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiõens, & varias terras.

Vem

Vem de toda a Provincia, que de hum Brigo
(Se foi)ja teve o nome derivado,
Das terras, que Fernão, & que Rodrigo
Ganhão do tirano, & Mauro estado:
Não estimaõ das armas o perigo,
Os que cortando vão co duro arado,
Os campos Leoneses, cuja gente
Cos Mouros foi nas armas excellente.

Os Vandalos na antiga valentia,
Ainda confiados, se ajuntavaõ
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as agoas lavão:
A nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitavão,
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem lâ do Reyno de Toledo,
Cidade nobre, & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave, & ledo,
Que das serras de Conca vem manando:
A vós outros tambem não tolhe o medo,
O sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes vos armastes,
Aquelles, cujos golpes ja provaestes.

II

Tambem move da guerra as negras fúrias,
A gente Bizcainha, que carece
De pollidas razões, & que as injurias,
Muito mal dos estranhos compadece:
A terra de Guipuscoa, & das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou d'elle os soberbos moradores,
Para a judar na guerra a seus senhores.

12

Ioane, a quem do peito o esforço crece,
Como a São-São Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Cos poucos de seu Reyno se aparelha:
E não por que conselho lhe falleça,
Cos principais senhores se aconselha,
Mas sò por ver das gentes as sentenças,
Que sempre ouve entre muitos differenças

13

Não falta com razões, quem desconcerte,
Da opinião de todos, na vontade
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada, & mã deslealdade:
Podendo otemor mais gelado, inerte,
Que apropia, & natural fidelidade,
Negão o Rey, & a patria, & se convem
Negarâm (como Pedro) o Deos, que tem.

Mas nunca foi, que este erro se sentisse
No forte Dõ Nuno Alvarez, mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes:
Aaquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras, que elegantes,
A mão na espada irado, & não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo,

Como, da gente illustre Portuguesa
Ha de haver, 'quem refute o patrio Marte?
Como, desta Provincia, que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte:
Ha de sair, quem negue ter defesa,
Quem negue a fê, o amor, o esforço, & arte,
De Portuguez, & por nenhum respeito,
O proprio Reyno queira ver sujeito?

Como, não sois vòs inda os descendentes
Daquelles, que bebaixo da bandeira,
Do grande Enriquez, feros, & valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzerão em fugida de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxerão
Presos, afõra a presa, que tiverão.

17

Com quem forão contino sopeados,
Estes, de quem o estais agora vòs,
Por Diniz, & seu filho sublimados,
Senão cos vossos fortes pays, & avos?
Pois se cõ seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraquesa assi vos pos,
Tornevos vossas forças o Rey novo,
Se he certo, que co Rey se muda o povo.

18

Rey tendes tal, que se valor tiverdes,
Igual ao Rey, que agora levantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais, a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes,
Do penetrante medo, que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receyo,
Que eu sò resistirei ao jugo alheyo.

19

Eu só com meus vassallos, & com esta,
(E dizendo isto arranca meya espada)
Defenderei da força dura, & infesta,
A terra nunca de outrem sojugada:
Em virtude do Rey, da Patria mesta,
Da lealdade já por vòs negada,
Vencerei, não sò estes aduersarios,
Mas quantos a meu Rey forem contrarios.

12

Bem

Bem como entre os mancebos recolhidos,
Em Canusio, reliquias sós de Canas,
Iâ para se entregar, quasi movidos,
Aa Fortuna das forças Africanas:
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarâm, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida.

Destâ arte a gente força, & esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas ra zoês,
Remove o temor frio, & importuno,
Que gelados lhes tinha os coraçõs:
Nos animaes cavalgão de Neptuno,
Brandindo, & volteando arremessoês.
Vão correndo, & gritando a boca aberta,
Viva o famoso Rey, que nos liberta.

Das gentes populares hũs approvão
A gerra, com que a patria se sostinha,
Hũs as armas alimpão, & renovão,
Que a ferugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofão, peitos provão,
Armase cada hum como convinha:
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras, & tençoês de seus amores.

Com

23

Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sac da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria,
Do Tejo logra-as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

24

Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o fero Huno o foi primeiro,
Para Francezes, para Italianos:
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandalos, & regelos,
Mem Rodriguez se diz de Vasconcelos.

25

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasquez de Almada he Capitão,
Que depois foi de Abrâches nobre Cõde,
Das gentes vai regendo a seftra mão;
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas, & castellos o pendaõ,
Com Joanne Rey forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

13

Esta-

Estavaõ pellos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezãdo as mãys, irmãs, damas, & esposas,
Prometendo jejuns, & romarias:
Ja chegaõ as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

Répondem ás trombetas mensageiras
Pifanos sibilantes, & atambores,
Os Alferes volteãõ as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores:
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores,
Entra em Astrèa o Sol, no mes de Agosto,
Bacco das uvas tira o doce mosto.

Deu final a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouvioo o monte Attabro, & Guadiana,
Atraz tornou as ondas de medroso,
Ouvioo o Douro, & a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso,
E as mãys, que o som terrivel escutãrão,
Aos peitos os filhinhos apertãrão.

29

Quantos rostos alli se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes, que o perigo:
E se o não he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, q̃ he perda grande, & rara,
Dos membros corporaes a vida cara.

30

Começase a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira, em quẽ se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala,
Derriba, encôtra, & a terra emfim semea,
Dos que tanto a desejaõ, sendo alhea.

31

Jã pello espesso ar os estridentes
Farpões, setas, & varios tiros voaõ,
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soaõ:
Espedaçaõse as lanças, & as frequentes
Quedas co as duras armas tudo atroaõ,
Recrecem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

14

E

32

Eis alli seus irmãos contra elle vão
(Caso feo, & cruel) mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quê contra o Rey, & a patria se levanta:
Destes arrenegados muitos são,
No primeiro esquadrão, que se adianta,
Contra irmãos, & parentes, caso estranho,
Quaes nas guerras civis de Julio Magno.

33

O tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, & vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Selâ no Reyno escuro de Sumano,
Receberdes gravissimos castigos,
Dizeilhe, que tambem dos Portugueses,
Alguns traidores houve algũas vezes.

34

Rompemse aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Estâ alli Nuno, qual pellos outeiros
De Ceita estâ o fortissimo Leão:
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuaõ,
Perseguemno co as lanças, & elle iroso,
Turbado hũ pouco estâ, mas não medroso

Com

35

Com turva vista os vê, mas a natura
Ferina, & a ira não lhe compadecem,
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co sangue alheyo; alli perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

36

Sentio Joanne a afronta, que passava
Nuno, que como sabio Capitaõ,
Tudo corria, & via, & a todos dava,
Com presença, & palavras coração:
Qual parida Leoa fera, & brava,
Que os **filhos**, que no ninho sóz estão,
Sentio, que em quãto o pasto lhe buscara,
O pastor de Massilia lhos furtára.

37

Corre raivosa, & freme, com bramidos,
Os montes sete irmãos atroa, & abala,
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
O fortes companheiros, ô subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Vedef.

38

Vedefine aqui Rey voffo, & companheiro,
Que entre as lanças, & setas, & os arneses
Dos inimigos corro, & vou primeiro,
Pelejai verdadeiros Portuguefes:
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E fopelando a lança quatro vezes,
Com força tira, & deste unico tiro,
Muitos lançãrão o ultimo suspiro.

39

Porque eis os seus acesos novamente
De hũa nobre vergonha, & honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do Marcio jogo:
Perfiaõ, tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeito, & peitos logo,
Assi recebem junto, & daõ feridas,
Como a quem ja não doe perder as vidas,

40

A muitos mandaõ ver o Estigio lago,
Em cujo corpo a morte, & o ferro entrava,
O Mestre morre alli de San-Tiago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatrava,
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, & os Fados.
Muitos

4¹

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vaõ, & tambem dos nobres ao profundo,
Onde o Trifauce Caõ perpetua fome
Tem das almas, que passaõ deste mundo:
E porque mais aqui se amance, & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana,
Foi derribada aos pés da Lusitana.

4²

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, & cutiladas,
A multidaõ da gente, que perece
Tem as flores da propria cor mudadas:
Ja as costis daõ, & as vidas, ja falece
O furor, & sobejaõ as lançadas,
Ja de Cattella o Rey desbaratado
Se vé, & de seu proposito mudado.

4³

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe naõ deixar a vida,
Seguemno os que ficâraõ, & o temor
Lhe dà não pés, mas azas à fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, & triste nojo,
De ver outrem triunfar de seu despojo.

Alguns

44

Alguns vão maldizendo, & blasfemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso, & fitibundo:
Que por tomar o alheo, o miserando
Povo a ventura às penas do profundo,
Deixando tantas mãys, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos desditosas.

45

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria,
Com offertas depois, & romarias,
As graças deu a quem lhe deu vitoria:
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Translaganas.

46

Ajudao seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira,
Lhe concede o despojo, & o vencimento:
Já de Sevilha a Bethica bandeira,
E de varios senhores num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.

Destas,

47

Destas, & outras vitórias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada já da gente,
Derão os vencedores aos vencidos:
Depois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reys inimigos por maridos,
Aas duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclitas princezas.

48

Não sofre o peito forte usado à guerra,
Não ter imigo, já a quem não faça dano,
E assi não tendo, a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeiro Rey, que se desterra
Da patria, por fazer, que o Africano,
Conheça pleas ermas, quando excede
A ley de Christo à ley de Mafamede.

49

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta:
O monte Abyla, & o nobre fundamento
De Ceita toma, & o torpe Mahometa,
Deita fôra, segura toda Espanha,
Da Iuliana mã, & desleal manha.

Não

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tão ditoso se logiasse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que ^{provasse} provasse:
Mas para defensão dos Lusitanos,
Deixou quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais que de antes,
Inclita geração, altos Infantes.

Não foi do Rey Duarte tão ditoso
O tempo, que ficou na summa alteza,
Que assi vai alternando o tempo iroso,
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hũ estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reyno, & neste Rey,
Não usou ella tanto desta ley.

Vio ser cativo o santo Irmão Fernando,
Que a tão altas empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando,
Cercado ao Sarraceno se entregava:
Só por amor da Patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita,
Mais o publico bẽ, que o seu respeita.

53

Codro, porque o inimigo não venceffe,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a Patria não perdesse,
Quiz ~~os~~ a liberdade ver perdida:
Este, porque se Espanha não temesse,
A cativoiro eterno se convida;
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nê os Decios leaes fizêrão tanto.

54

Mas Affonso do Reyno unico herdeiro,
(Nome ã armas ditoso em nossa Esperia)
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa, & humillima miseria;
Fora por certo invito cavaleiro,
Senão quizêra ir ver a terra Ibèria,
Mas A frica dirâ ser impossivel,
Poder ninguem vencer o Rey terrivel.

55

Este pôde colher as maçãs de ouro,
Que sômente o Thyrinthio colher pode;
Do jugo, que elle poz ao bravo Mouro,
A cerviz inda agora não sacóde:
Na frontera palma leva, & o verde louro
Das vitorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte Villa,
Tanger populosa, & a dura Arzilla.

Porê

Porém ellas em fim por força e ntradas,
Os muros abaixarão de diamante,
Aas Portuguezas forças costumadas,
A derribarem quanto achão diante,
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dinas elegante,
Fizêrão cavaleiros nesta empresa,
Mais affinando a fama Portuguesa.

Porém depois, tocado de ambição,
E gloria de mandar amara, & bella,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reyno de Castella:
Ajuntase a inimiga multidão
Das soberbas, & varias gentes della:
Desde Cadiz ao alto Pirineo,
Que tudo ao Rey Fernando obedeceo.

Não quiz ficar nos Reynos ocioso
O maneebo Ioanne, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que então lhe foi ajuda, não pequena:
Sabiose em fim do trance perigoso,
Com fronte não turbada, mas serena,
Desbaratado o pay sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento.

Porque

59

Por que o filho sublime, & soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles, q a Cesar matârão,
Nos Filipicos campos se vingârão.

60

Porém depois que a escura noite eterna,
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o Reyno então governa,
Foi Joanne segundo, & Rey trezeno:
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pô de homem terreno,
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, q eu vou buscando agora.

61

Manda seis companheiros, que passaraõ
Espanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcáraõ,
Onde ja foi Parténope enterrada:
Napoles, onde os fados a mostrâraõ,
Fazendo a varias gentes subjugada,
Para a illustrar no fim de tantos annos,
Co senhorio de inclytos Ispanos.

K

Pello

Pello mar alto Siculo navegão,
Vaõse às prayas de Rhodes arenosas,
E dalli às ribeiras altas chegaõ,
Que co a morte de Magno são famosas:
Vaõ a Menfis, & às terras, que se regaõ
Das enchentes Niloticas undosas,
Sobem a Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o santo rito.

Passaõ tambem as ondas Erythréas,
Que o povo de Israel sem nao passou,
Ficãolhe atraz as serras Nabathéas,
Que o filho de Ismael cõ o nome ornou:
As costas odoriferas Sabéas,
Que amã y do bello Adonis tanto hõron,
Cercaõ com toda Arabia descuberta,
Felix, deixando a Petrez, & a Deserta.

Entraõ no Estreito Persico onde dura,
Da confusa Babel, inda a memoria:
Alli co Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tẽ por gloria:
Dalli vaõ em demanda da agoa pura,
Que causa ainda serã de larga lictoria,
Do Indo, pellas ondas do Occeano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

65

Virão gentes incognitas, & estranhas,
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada Região produz, & cria:
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornarse facilmente não podia,
Lâ morrerão em fim, & lâ ficarão,
Que â desejada patria não tornarão.

66

Parece, que guardava o claro Ceo
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empresa tam ardua, que o moveo,
A subidos, & illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No Reyno, & nos altivos pensamentos:
Logo como tomou do Reyno o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

67

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficâra
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara,
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado, no tempo, que á luz clara
Foge, & as estrellas nitidas, que saem,
A repouso convidão, quando caem.

K 2

Estan-

69

Estando ja deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino em o conceito,
De seu officio, & sangue a obrigaçã:
Os olhos lhe occupou o sono aceito,
Sem lhe desfocar o coração,
Porque tanto que lasso se adormece,
Morfeo em varias formas lhe apparece.

69

Aqui se lhe apresenta, que subia
Taõ alto, que tocava a prima Esfera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha, & fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os longos olhos estendêra,
Vio de antigos, longinquos, & altos môtes
Nascerem duas claras, & altas fontes.

70

Aves agrestes, feras alimarias,
Pello monte salvatico habitavaõ,
Mil arvores sylvestres, & nervas varias,
O passo, & o trato às gentes atalhavaõ:
Estas duras montanhas adversarias,
De mais conversação por si mostravaõ,
Que desq̃ Adão peccou aos nossos annos,
Não as rompêraõ nunca pès humanos.

Das

71

Das agoas se lhe antolhaõ, que sahiaõ,
 Para elle os largos passos inclinando
 Dous homẽs, que mui velhos parecião,
 De aspeito, inda que agreste, venerando:
 Das pontas dos cabellos lhe cahião
 Gotas, 'que o corpo todo vão banhando,
 A cor da pelle baça, & denegrida,
 A barba irsuta, intonsa, mas comprida.

72

De ambos de dous a fronte coroada,
 Ramos naõ conhecidos, & hervas tinha,
 Hum delles a presença traz cançada,
 Como quem de mais longe alli caminha:
 E assi a agoa com impeto alterada,
 Parecia, que de outra parte vinha,
 Bem como Alfêo de Arcadia em Syracusa
 Vai a buscar os braços de Aretusa.

73

Este, que era o mais grave na pessoa,
 Desta arte para o Rey de longe brada:
 O tu, a cujos Reynos, & Coroa,
 Grande parte do mundo estã guardada:
 Nòsoutros, cuja fama tanto voa,
 Cujã cerviz bem nunca foi domada,
 Te avisamos, que he tẽpo, que ja mandes
 A receber de nòs tributos grandes.

K 3

Eu

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro,
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro:
Custarteemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com não vistas vitorias sem receyo,
A quantas gentes vês porâs o freyo.

Naõ disse mais o rio illustre, & santo,
Mas ambos desaparecem num momento,
Acorda Manoel cum novo espanto,
E grande alteração de pensamento:
Estendeo nisto Phebo o claro manto,
Pelo escuro Emisferio sonolento,
Veyo a manhã no Ceo pintando as cores
Da pudibunda rosa, & roxas flores.

Chama o Rey os senhores a conselho,
E propoe-lhe as figuras da visão,
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos forão grande admiração:
Determinão o nautico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar cortando mares,
A buscar novos climas, novos are.

Eu,

77

Eu, que bem mal cuidava, que em effeito
Se puzesse, o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito,
Presago o coração me prometia:
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom final, que em mi se via,
Me poem o inclito Rey nas mãos a chave
Deste cometimento grande, & grave.

78

E com rogo, & palavras amorosas,
Q' he hū mando nos Reys, q' a mais obrigã,
Me disse: As cousas arduas, & lustrosas,
Se alcanção com trabalho, & com fadiga:
Faz as pessoas altas, & famosas,
A vida, que se perde, & que periga,
Que quando ao medo infame não se rēde
Então, se menos dura, mais se estende.

79

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para hūa empresa, qual a vós se deve,
Trabalho illustre, duro, & esclarecido,
O que eu sei que por mi vos serã leve:
Não sofri mais, mas logo, ò Rey subido
Aventurarme a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginai tam grandes aventuras,
Quaes Euristeo a Alcides inventava,
O Leão Cleonéo, Harpias duras,
O porco de Erimantho, a Idra brava:
Decer em fim as sombras vãs, & escuras,
Onde os campos de Dyte a Estige lava,
Porque a maior perigo, a mór afronta,
Por vós ó Rey, o espirito, & carne he prôta.

Com merces sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade,
Que a virtude louvada vive, & crece,
E o louvor a altos casos persuade:
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado de amor, & de amizade,
Não menos cobiçoso de honra, & fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor,
Ambos são de valia, & de conselho,
De experiencia em armas, & furor:
Ja de manceba gente me aparelho,
Em quem crece o desejo de valor,
Todos de grande esforço, & assi parece,
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83

Forão de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succedessem:
Assi forão os Mynias ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem
Na fatidica nao, que onsou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

84

E ja no porto da inclita Ulyssæa,
Cum alvoroço nobre, & cum desejo
(Onde o licor mistura a branca areia,
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão, & não recea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, & a de Marte
Estão para seguirme a toda parte.

85

Pellas prayas vestidos os soldados,
De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de esforço aparelhados,
Para buscar do mundo novas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados,
Ondeão os aerios estendartes,
Ellas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olipo estrellas, como a d'Argos
Depois

Depois de aparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, & manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sêpre aos Nautas ante os olhos anda:
Para o fumo poder, que a Etereia corte,
Sustenta só co a vista veneranda,
Imploramos favor, que nos guiasse,
E que nosllos começos aspirasse.

Partimonos assi do santo templo,
Que nas prayas do mar està sentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Onde Deos foi em carne ao mûdo dado:
Certificote, ò Rey, que se contemplo,
Como fui destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duvida, & receyo,
q a penas nos meus olhos ponho o freyo.

A gente da Cidade aquelle dia
(Huns por amigos, & outros por parêtes,
Outros por ver sómente) concorria,
Saudosos na vista, & descontentes:
E nós co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

89

Em' tão longo caminho, & duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavão,
 As mulheres com choro piedoso,
 Os homêes com suspiros, que arrancavaõ:
 Mãys, esposas, irmãas, que o temeroso
 Amor mais desconfia, acrescentavaõ
 A desesperaçãõ, & frio medo
 Deja nos não tornar a ver tão cedo.

90

Qual vai dizendo: ò filho, a quem eu tinha
 Só para refrigerio, & doce amparo,
 Desta cançada ja velhice minha,
 Que em choro acabará penoso, & amaro:
 Porque me deixas misera, & mesquinha?
 Porque de mim te vãs, ò filho caro
 A fazer o funereo enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento?

91

Qual em cabelle, ó doce, & amado esposo,
 Sem quẽ não quiz amor, que viver possa,
 Porque his aventurar ao mar irroso
 Essa vida, que he minha, & não he vossa?
 Como por hum caminho duvidoso,
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento,
 Quereis que com as vellas leve o vento?

Nestas,

Nestas, & outras palavras, que dizião,
 De amor, & de piedosa humanidade,
 Os velhos, & os mininos os seguião,
 Em quem menos esforço poem a idade:
 Os montes de mais perto respondião,
 Quasi movidos de alta piedade,
 A branca area as lagrimas banhavão,
 Que em multidão com ellas se igualavão.

Nòs, outros sem a vista levantarmos,
 Nem â mãy, nem â esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos,
 Do proposito firme começado:
 Determinei de assi nos embarcarmos,
 Sem o despedimento costumado,
 Que posto que he de amor usança boa,
 A quem se apart, ou fica, mais magoa,

Mas hum velho de alpeito venerando,
 Que ficava nas prayas, entre a gente,
 Postos em nòs os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, desconte:
 A voz pezada hum pouco levantando,
 Que nòs no mar ouvimos claramente,
 Cum saber sò de experiencias feito,
 Taes palavras tirou do experto peito.

95

O gloria de mandar! ò vãa cobiça
 Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
 O fraudulento gosto, que se atica
 Cũa aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, & que justiça
 Fazes no peito vaõ, que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades nelles exprimentas!

96

Dura inquietação d'alma, & da vida,
 Fonte de desamparos, & adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida,
 De fazendas, de Reynos, & de Imperios:
 Chamaõte illustre, chamaõte subida,
 Sendo digna de infames vituperios,
 Chamaõte Fama, & gloria soberana,
 Nomes, com que se o povo nescio engana.

97

A que novos desfastes determinas
 De levar estes Reynos, & esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas
 Debaixo de algum nome preeminente?
 Que promessas, que Reynos, & q minas
 D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
 Que Famas lhe prometerás, que historias?
 Que triunfos, que palmas, que vitorias?

Mas

Mas ò tu, gèraçãõ daquelle infano,
Cujõ peccado, & desobediencia,
Não sòmente do Reyno soberano,
Te poz neste desterro, & triste ausência:
Mas inda de outro estado mais q̃ humano,
Da quieta, & da simples innocencia,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, & de armas te deitou.

Jã que nesta gostosa vaidade,
Tanto enlevas a leve fantasia,
Jã que à bruta crueza, & feridade,
Puzeste nome, esforço, & valentia:
Jã que prezas em tanta quantidade,
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que jã,
Temeo tanto perdella, quem a dá.

Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas,
Não segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu pella de Christo sò pelejas?
Não tem Cidades mil, terra infinita,
Se terras, & riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforcado,
Se queres por vitorias ser louvado?

101

Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tam longe,
Por quem se despovoe o Reyno antigo,
Se enfraqueça, & se vâ deitando a longe?
Buscas o incerto, & incognito perigo,
Porque a Fama te exalte, & te lifonge,
Chamandote senhor com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, & da Ethiopia?

102

O maldito o primeiro, que no mundo,
Nas ondas vella poz em seco lenho,
Digno de eterna pena do profundo,
Se he justo â justa ley, que sigo, & tenho:
Nunca juizo algum alto, & profundo,
Nem cythara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso Fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome, & gloria.

103

Tronxe o filho de Japeto do Ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano,
Fogo, que o mundo em armas acendeo,
Em mortes, em deshonras, grãde engano:
Quanto melhor nos fora, Prometeo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera?

Não

Naõ comettèra o moço miserando
O carro alto do pay, nem o ar vazio,
O grande Architector co filho, dando
Hum nome ao mar, & outro fama ao rio:
Nenhum cometimento alto, & nefando,
Por fogo, ferro, agoa, calma, & frio,
Deixa intentado a humana gèraçãõ,
Misera sorte, estranha condiçãõ.



CANTO V.

A R G U M E N T O,

*Relata o Gama illustre ao Rey potente
Sua viagem longa, & incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia:
Como Adamastor via, gigante ingente,
Que hum dos filhos da Terra se dizia,
E as cousas, que passou atè seu porto,
Onde repouso achou, & são conforto.*

I

E Stas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno, & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos:
E como he ja no mar costume usado,
A vella desfradando o Ceo ferimos,
Dizendo, boa viagem, logo o vento,
Nos troncos fez o usado movimento.

L

Esta-

Estava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento,
E o mundo, que co tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, & lento:
Nella vé, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa, & sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

Ja a vista pouco, & pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavaõ,
Ficava o caro Tejo, & a fresca ferra
De Cintra, & nella os olhos se alongavão:
Ficavamos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavão,
E ja depois que toda se escondeo,
Naõ vimos mais em fim, que Mar, & Ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração algũa não abrio,
As novas Ilhas vendo, & os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes, & lugares,
Terra, que Antéo num tempo possuio,
Deixando â mão esquerda, que â direita,
Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passa-

5

Passamos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredos affi se chama,
Das que nós povoamos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecêra
De Cypro, Gnido, Pafos, & Cythêra.

6

Deixamos de Massilia a esteril côsta,
Onde seu gado as Azenegues pástam,
Gente, que as frescas agoas nunca gosta,
Nem as ervas do campo bẽ lhe abastam:
A terra a nenhum fruto em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Berberia de Ethiopia.

7

Passamos o limite, aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas lava, & rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde,
Chamandose dos nossos Cabo Verde.

L 2

Passa-

Passadas tendo ja as Canareas Ilhas,
Que tiveraõ por nome Furtunadas,
Entramos navegando pellas filhas
Dovelho Hesperio, Hesperidas chamadas:
Terras, por onde novas maravilhas
Andaraõ vendo ja nossas armadas,
Alli tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella Ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro San-Tiago,
Santo, que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, & affi deixamos
A terra, aonde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A Provincia Jalofo, que reparte
Por diversas naçoens a negra gente:
Amui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico, & luzente,
Que do Curvo Gambea as agoas bebe,
As quaes o lago Athlantico recebe.

11

As Dorçadas passamos povoadas
Das irmãs, que outro tempo alli viviaõ,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres de hum sò olho se servião:
Tu só, tu cujas tranças encrespadas,
Neptuno, là nas agoas acendião,
Tornada ja de todas a mais fea,
De viboras encheste a ardente aréa.

12

Sempre em fim para o Austro a aguda proa
No grandissimo golfaõ nos metemos,
Deixando a ferra asperrima Lioa,
Co Cabo, a quẽ das palmas nome dêmos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas, que alli temos,
Ficou, co a Ilha illustre, que tomou
O nome de hum, que o lado a Deos tocou.

13

Alli o mui grande Reyno estâ de Congo,
Por nòs ja convertido á Fè de Christo,
Por onde o Zaire passa claro, & longo,
Rio pellos antigos nunca visto:
Por este largo mar em fim me alongo,
Do conhecido Polo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado,
Onde o meyo do mundo he limitado.

L 3

Ja

14

Já descoberto tínhamos diante
 Lâ no novo Emisferio nõva estrella,
 Nam vista de outra gente, que ignorâtes
 Alguns tempos esteve incerta della:
 Vimos a parte menos rutilante,
 E por falta de estrellas menos bella,
 Do Polo fixo, onde inda senam sabe,
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

15

Assi passando aquellas regioẽs,
 Por onde duas vezes passa Apollo,
 Dous Invernõs fazendo, & dous Veroẽs,
 Em quanto corre de hum a outro Polo:
 Por calmas, por tormentas, & oppressõs,
 Que sempre faz no mar o irado Eolo,
 Vimos as Ursas a pesar de Juno,
 Banharemse nas agoas de Neptuno.

16

Contarte longamente as perigosas
 Cousas do mar, q os homẽs não entendem
 Subitas trovoadas temerosas,
 Relampagos, que o ar em fogo acendem:
 Negros Chuveiros, noites tenebrosas,
 Braidos de trovoẽs, q o mundo fendem,
 Nam menos he trabalho que grande erro,
 Ainda que tivesse a voz de ferro.

Os

17

Os casos vi, que os rudes marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Côtaõ por certos sempre, & verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, & por sciencia
Vem do mundo os legredos escondidos,
• Julgão por falsos, ou mal entendidos.

18

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta, & vêto esquivo,
De tempestade escura, & triste pranto:
Nam menos foi a todos excessivo
Milagre, & cousa certo de alto espanto,
Vêr as nuves do mar com largo cano,
Sorver as altas agoas do Occeano,

19

Eu o vi certamente (& nam presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho, & sutil fumo,
E do vento trazido rodear-se:
De aqui levado hũ cano ao Polo summo
Se via tam delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente nam podia,
Da materia das nuves parecia.

Hiaf

Hia se pouco, & pouco acrescentando,
E mais que hũ largo masto se engrossava,
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grãdes de agoa em si chupava:
Estavase co as ondas ondeando,
Em cima delle, nuve se espessava,
Fazendose maior, mais carregada,
Co a carga grãde de agoa em si tomada.

Qual roxa sanguexuga se veria
Nos beiços da alimaria, que imprudente
Bebendo, a recolheo na fonte fria,
Fartar do sangue alheo a sede ardente:
Chupãdo mais, & mais se engrossa, & cria,
Alli se enche, & se alarga grandemente,
Tal a grande columna enchêdo aumenta
A si, & á nuve negra, que sustenta.

Mas depois que de todo se fartou,
O pè, que tem no mar a si recolhe,
E pello Ceo chovendo em fim voou,
Porque co agoa a jacente agoa molhe:
Aas ondas torna as ondas, que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
Vejaõ agora os sabios na escriptura,
Que segredos saõ estes de natura.

23

Se os antigos Filósofos, que andâraõ
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passârão,
A tão diversos ventos dando as vellas:
Que grandes escrituras, que deixârão!
Que influençaõ de signos, & de estrellas!
Que estranhezas, que grâdes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades?

24

Mas ja o Planeta, que no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrâra, e quãto o mar cortava a armada
Quando da eterea gavea hum marinheiro,
Pronto co a vista, terra, terra brada,
Salta no bordo alvoroçada a gente,
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

25

Aa maneira de nuves se começaõ
A descubrir os montes, que enxergamos,
As ancoras pesadas se adereçaõ,
As vellas, ja chegados, amainamos:
E para que mais certas se conheçaõ
As partes tão remotas, onde estamos,
Pello novo instrumento do Astrolabio,
Invençaõ de subtil juizo, & sabio.

Desem-

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
De terra, que outro povo não pisou:
Pôrém eu cos Pilotos na arenosa
Praça, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.

Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaraõ por força, em quãto apanha
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquelle,
Que não se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Salvâgem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Côlcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especieria,
A nada disto o bruto se movia.

Mando

29

Mando mostrarlhe peças mui somenos,
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinaes, & por acenos,
Que com isto se alegra grandemente,
Mandoo soltar com tudo, & assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

30

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nús, & da cor da escura treva,
Decendo pellos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que estoutro leva:
Domesticos ja tanto, & companheiros
Se nos mostraõ, que fazem que se atreva
Fernaõ Velloso a ir ver da terra o trato,
E parti-se com elles pello mato.

31

H: Velloso no braço confiado,
E de arrogante cré, que vai seguro,
Mas sendo hũ grande espaço ja passado,
Em que algum bom sinal saber procuro:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureiro, eis pello monte duro
Apparece, & segundo ao mar caminha,
Mais apressado do quẽ fora, vinha.

O ba-

32

O batel de Coelho foi depressa,
Pello tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro, & outro lhe saem, vesse em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse,
Acudo eu logo, & é quão o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descuberto.

33

De espessa nuve setas, & pedradas,
Chovem sobre nós outros sem medida,
E não foraõ ao vento em vaõ deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se sospeita,
Que a cor vermelha levaõ desta feita.

34

E sendo ja Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, & rude intento
Da gente bestial, bruta, & malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India descjada,
Que estarmos inda muito longe della,
E assi tornei a dar ao vento a vella,

Disse

35

Disse então a Velloso hum companheiro
(Começando se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de decer, que de subir:
Si he, responde o ousado aventureiro,
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles caës, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

36

Contou então, que tanto que passarão
Aquelle monte os negros, de quem fallo,
Avante mais passar o não deixarão,
Querendo, senão torna, alli matallo:
E tornando se logo, se emboscarão,
Porque faindo nós para tomallo,
Nos pudessem mandar ao Reyno escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

37

Porém ja cinco Soes eraõ passados,
Que dalli nos partiamos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando hũa noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuve, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão

38

Tam temerosa vinha, & carregada,
Que poz nos corações hũ grande medo,
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se dèsse em vão nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada,
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, & este mar nos apresenta,
Que mòr cousa parece, que tormenta?

39

Não acabava, quando hũa figura
Se nos mostra no ar, robusta, & valida,
De disforme, & grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquallida:
Os olhos encovados, & a postura
Medonha, & mà, & a cor terrena, & palida,
Cheos de terra, & crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarelllos.

40

Tam grande era de membros que bẽ posso
Certificar, que este era o segundo,
De Rhodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo:
Cũ tã de voz nos falla horrêdo, & grosso,
Que pareceo fahir do mar profundo,
Atrepiaose as carnes, & o cabelo,
Ami, & atodos só de ouvido, & velo.

E disse

41

E disse: ò gente ousada, mais q quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, taes, & tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E na vegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tẽpo ha já q guardo, e tenho
Nũqua arados de estranho, ou proprio le-

42

(nho.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos,
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estam, a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, & pela terra,
Que inda has de sojugar cõ dura guerra.

43

Sabe, que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terã esta paragem,
Com ventos, & tormentas desnedidas:
E da primeira armada, que p usagem
Fizer por estas ondas insufridas.
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mór o dano, que o perigo.

Aqu-

44

Aqui espero tomar (se não me engano)
 De quem me descobrio summa vingança,
 E não se acabará sò nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas naos vereis cada anno
 (Se he verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdiçoens de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

45

E do primeiro illustre, que a ventura,
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,
 Serei eterna, & nova sepultura,
 Por juizos incognitos de Deos:
 Aqui porá da Turca armada dura
 Os soberbos, & prosperos trofeos,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaça.

46

Outro tambem virá de honrada fama,
 Liberal, cavalleiro, namorado,
 E consigo trará a fermosa dama,
 Que amor por graõ merce lhe terá dado:
 Triste ventura, & negro fado os chamá,
 Neste terreno meu, que duro, & irado,
 Os deixará de hum cru naufragio vivos,
 Para verem trabalhos excessivos.

Verão

47

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados, & nacidos,
Verão os Cafres asperos, & avaros
Tirar â linda dama seus vestidos:
Os cristalinos membros, & preclaros,
Aa calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisado longamente
Cos delicados pès a area ardente.

48

E verãõ mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na fèrvida, & implacavel espessura:
Alli depois que as pedras abrandarem,
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados, as almas soltarão,
Da fermosa, & miserrima prisão.

49

Mais hia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando alçado,
Lhe disse eu: quem es tu, q' esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado?
A boca, & os olhos negros retrocendo,
E dando hum espantoso, & grande brado,
Me respondeo com voz pesada, & amara,
Como quem da pergunta lhe pesára.

M

Eu

50

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo,
A quem chamaeis vós outros Tormentorio,
Que nũa a Ptolomeo, Põponio, Estrabo,
Plinio, & quantos passãram fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo,
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que para o Polo Antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

51

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
Chameime Adamastor, & fui na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui Capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

52

Amores da alta esposa de Pelêo,
Me fizerão tomar tamanha empresa,
Todas as Deusas desprezei do Ceo,
Só por amar das agoas a Princeza:
Hum dia a vi co as filhas de Nerêo
Sair nua na praya, & logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa, q' mais queira.
Como

53

Como fosse impossivel alcançalla,
Pella grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomalla,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa entaõ por mi lhe falla,
Mas ella cum feroso riso honesto,
Respondeo, qual serâ o amor bastante
De Ninfa, que sustente o de hum Gigante.

54

Com tudo, por livrarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com q̃ com minha honra escuse o dano;
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cahir não pude neste engano
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Enchera õme com grandes abundanças
O peito de desejos, & esperanças.

55

Ja nescio, ja da guerra desistindo,
Hua noite de Doris prometida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella, que era vida
Dest' corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, a face, & os cabellos.

56

O que não sei de nojo como o conte,
Que crendo ter nos braços, quem amava,
Abraçado me achei cum duro monte,
De aspero mato, & de espessura brava:
Estando cum penedo fronte a fronte,
Que eu pello rostro angelico apertava,
Não fiquei homẽ naõ, mas mudo, e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

57

O Ninfa a mais fermosa do Oceano,
Ja que minha presença naõ te agrada,
Que te custava terme neste engano,
Ou fosse monte, nuve, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, & quasi infano
Da magoa, & da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse,
Quẽ de meu prãto, & de meu mal se risse.

58

Erão ja neste tempo meus irmãos
Vencidos, & em miseria extrema postos,
E por mais segurar-se os Deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo naõ valem mãos,
Eu, que chorãdo andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos o castigo.

Con-

59

Converteos em carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeraõ,
Estes membros, que vês, & esta figura
Por estas longas agoas se estendêrão:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo convertêrão
Os Deos, & por mais dobradas magoa,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

60

Affi contava, & cum medonho choro,
Subito dante os olhos se apartou,
Desfezse a nuve negra, & cum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou:
Eu levantando as mãos ao santo Coro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

61

Ja Flegon, & Pyroes vinhaõ tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o gram Gigante:
Ao longo desta costa, começando
Ja de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

M 3

A gen-

A gente, que esta terra possuia,
Posto que todos Ethiopes eraõ,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, q̃ taõ mal nos recebêraõ:
Com bailes, & com festas de alegria,
Pella praya arenosa, a nõs vieraõ,
As mulheres consigo, & o manso gado,
Que apacentavão gordo, & bem criado.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois alli sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris em prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas avenas,
Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratâraõ,
Trazendonos galinhas, & carneiros,
A troco d'outras peças, que levâraõ:
Mas como nũca emfim meus cõpanheiros
Palavra algũa sua lhe alcançaraõ,
Que dê se algum final do que buscamos,
As vellas dando, as ancoras levamos.

65

Ja aqui tinhamos dado hum graõ rodeyo
Aa costa negra de|Africa, & tornava
A proa a demandar o ardente meyo,
Do Ceo, & o Polo Antartico ficava:
Aquelle Ilheo deixamos, onde veyo
Outra armada primeira, que buscava,
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle Ilheo fez seu limite certo,

66

Daqui fomos cortando muitos dias
(Entre tormentas tristes, & bonanças)
O largo mar, fazendo novas vias,
Sò conduzidos de arduas esperanças:
Comar hum tempo andamos em porfias,
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achamos taõ possante,
Que passar naõ deixava por diante.

67

Era mayor a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento, que assoprava:
Injuriado Noto da porfia,
Em que co mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a graõ corrente.

M 4

Tra-

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reys das partes do Oriente
Foraõ buscar hum Rey de pouco nado,
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nòs, da mesma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome dèmos
Do dia, em que por elle nos metemos.

Desta gente refresco algum tomamos,
E do rio fresca agoa, mas com tudo
Nenhum final aqui da India achamos
No povo, com nòs outros quasi mudo:
Ora vê Rey quamanha terra andamos,
Sem sair nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem final
Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, & por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cançados,
Quanto a desesperar ja compelidos,
Por Ceos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

71

Corrupto ja, & danado o mantimento,
Danoso, & mau ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu, que se este nosso ajuntamento,
De soldados não fora Lusitano,
Que durâra elle tanto obediente
Por ventura a seu Rey, & a seu Regente.

72

Crês tu, que ja não foraõ levantados
Contra seu Capitaõ, se os resistira,
Fazendose Piratas, obrigados
De desesperaçãõ, de fome, & de ira?
Grandemente por certo estaõ provados,
Pois q̃ nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portuguesa alta excellencia,
Da lealdade firme, & obediencia.

73

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a correr a agoa salgada,
Fazemos desta costa algum delvio,
Deitando para o pègo toda armada:
Porque ventando Noto manso, & frio,
Não nos apanhasse a agoa da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta

74

Esta passada, logo o leve leme,
Encomendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada, & geme,
A proa inclina de hũa, & de outra nao:
Quãdo indo o coração, q̃ espera, & teme,
E que tanto fiou de hum fraco pao,
Do que esperava ja desesperado,
Foi de hũa novidade alvoraçado.

75

E foi, que estando ja da costa perto,
Onde as prayas, & valles bem se vião,
Num rio, que alli sac ao mar aberto,
Bateis â vella entravão, & sabião:
Alegria mui grande foi por certo,
Acharmos ja pessoas, que sabião
Navegar, porque entre ellas esperamos,
De achar novas algũas, como achamos.

76

Ethiopes são todos, mas parece,
Que com gente melhor cômunicavão,
Palavra algũa Arabia se conhece,
Entre a linguagem sua, que fallavão:
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavaõ,
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Pella

77

Pella Arabica lingua, que mal fallão,
E que Fernão Martinz mui bem entende,
Nos dizê, que por naos, que estas igualão
Na grandeza, o seu mar se corta, & fende:
Mas que lâ donde sae o Sol se abalão
Para ôde a costa ao Sul se alarga, & estêde,
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente assi como nós da cor do dia.

78

Mui grandemente aqui nos alegramos,
Co a gente, & co as novas muito mais,
Pellos sinaes, que neste rio achamos,
O nome lhe ficou dos bons sinais:
Hum padraõ nesta terra levantamos,
(Que para affinalar lugares tais
Trazia alguns) o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

79

Aqui de limos, cascas, & de ostrinhas,
Nojosa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem fardidas, & imūdas:
Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
Com mostras aprasiveis, & jocundas
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas

80

Mas não foi da esperança grande, & illia,
Que nesta terra houvesmos limpa, & pura
A alegria, mas logo a recompensa
A Ramnusia com nova desventura:
Affino Ceo sereno se dispensa,
Com esta condição pesada, & dura
Nacemos, o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

81

E foi, que de doença crua, & fea,
A mais, que eu nunca vi, desemparáão,
Muitos a vida, & é terra estranha, & alhea
Os ossos para sempre sepultarão:
Quem haverá que sem o ver o crea?
Que tão disformemente alli lhe inchârao
As gengivas na boca, que crecia
A carne, & juntamente apodrecia.

82

Apodrecia cum fetido, & bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava,
Não tínhamos alli Medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualq'r neste officio pouco instruto
Pella carne já podre alli cortava,
Como se fora morto, & bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

Em

83

Em fim, que nesta incognita espessura,
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, & em tãta desvêtura
Forão sempre com nosco aventureiros:
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesq̃r ondas do mar, quaesq̃r outeiros,
Estranhos affi mesmo, como nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

84

Affi que deste porto nos partimos
Com mayor esperança, & mór tristeza,
E pella costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum final de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade, & mã vileza
Ja seràs sabedor, & dos enganos
Dos povos de Mõbaça pouco humanos.

85

Até que aqui no teu seguro porto
(Cuja brandura, & doce tratamento,
Darà saude a hũ vivo, & vida a hũ morto)
Nostrouxe a piedade do alto affento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste, & vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

Julga

Julga tu agora Rey, se houve no mundo
 Gentes, que taes caminhos cometessem,
 Crês tu, que tanto Eneas, & o facundo
 Vlyffes pello mundo se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo,
 Por mais versos, que d'elle se escrevessem,
 Do q' eu vi, a poder de esforço, & de arte,
 E do que inda hei de ver, a oitava parte?

Esse, que bebeo tanto da agoa Aonia,
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre si, Rhode, Smirna, & Colofonia,
 Atenas, Yös, Argo, & Salamina:
 Elloutro, que esclarece toda Ausonia,
 A cuja voz altifona, & divina,
 Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tybre co' som se ensoberbece.

Cantê, louvem, & escrevaõ sempre estremos
 Desses seus Semideoses, & encareçaõ,
 Fingindo Mugas, Circes Polifemos,
 Sirenas, que co' canto os adormeçaõ:
 Demlhe mais navegar â vella, & remos
 Os Cicones, & a terra, onde se esqueçaõ
 Os companheiros, em gostando o Loto,
 Demlhe perder nas agoas o Piloto.

89

Ventos soltos lhes finjaõ, & imaginem
 Os odres, & Calipfos, namora das
 Harpias, que o manjar lhe contaminem,
 Decer às sombras nuas ja passadas:
 Que por muito, & por muito que se affinẽ
 Nestas fabulas vâas tambem sonhadas,
 A verdade, que eu conto nua, & pura,
 Vence toda grandiloqua escriptura.

90

Da boca do ficundo Capitaõ,
 Pendendo estavaõ todos embebidos,
 Quando deu fim â longa narraçaõ
 Dos altos feitos, grandes, & subidos:
 Louva o Rey o sublime coraçãõ
 Dos Reys, em tantas guerras conhecidos,
 Da gente louva a antiga fortaleza,
 A lealdade de animo, & nobreza.

91

Aas Musas agradeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lira nome, & fama,
 De toda a illustre, & bellico fadiga:
 Que elle, nẽ quẽ na estirpe seu se chama,
 Caliope não tem por tã amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixass m
 As tellas d'ouro fino, & que o cantassem.

Por-

Porque o amor fraterno, & puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito,
Seu louvor, he somente o presuposto:
Das Tagides gentis, & seu respeito:
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, & sua valia.



CANTO VI.

ARGUMENTO

Partese de Melinde o illustre Gama,
 Com Pilotos da terra, & mantimento,
 Dece Lieo ao mar, Neptuno chama
 Todos os Deoses do humido elemento:
 Conta Velloso aos seus dando honra, & Fama
 Dos doze de Inglaterra o vencimento:
 Soccorre Venus a afligida armada,
 E à India chega tanto desejada.

NAm sabia em que módo festejasse;
 O Rey pagam os fortes navegantes,
 Para que as amizades alcançasse,
 Do Rey Christão, das gētes tão possātes,
 Pesalhe que tam longe o apossentasse
 Das Europeas terras abundantes
 A ventura que não o fez visinho,
 Donde Hercules ao mar abriu caminho,

N

Com

2

Com jogos, danças, & outras alegrias
(Segundo a policia Melindana)
Com ufadas, & ledas pescarias,
Cò q̃a Lageya Antonio alegre, & engana:
Este famoso Rey todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares defusados,
Com frutas, aves, carnes, | & pescados.

3

Mas vendo o Capitão, que se detinha
Jã mais do que devia, & o fresco vento
O convida que parta, & tome asinha.
Os Pilotos da terra, & mantimento:
Nam se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do falso argento,
Jã do pagam benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem mayor deseja,
Que dar a taes varoës, seu Reyno, e estado
E que em quãto seu corpo o espirito reja,
Estarã de contino aparelhado
A pòr a vida, & Reyno totalmentee,
Por tam bõ Rey, por tam sublime gente.

Outras

5
Outras palavras taes lhe respondia
O Capitam, & logo as vellas dando
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando:
No Piloto, que leva nam havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, & assi caminha
Já mais leguro, do que dantes vinha.

6

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India enxergavam
Ostalamos do Sol, que nace ardente,
Já quasi seus desejos se acabavam,
Mas o mao Tioneo, que na alma sente
As venturas, que entam se aparelhavam
Aa gente Lusitana, dellas digna,
Arde, morre, blasfema, & desatina.

7

Via estar todo o Ceo determinado,
De fazer de Lisboa nova Roma,
Nam no pôde estorvar, que destinado
Está doutro poder, que tudo doma:
Do Olympo dece em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, & toma,
Entra no humido Reyno, & vaíse á Corte
Daquelle, a quem o mar cahio em forte.

N. 2

Na

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lâ donde as ondas saem furibundas,
Quando às iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, & moram as jucundas
Nereidas, & outros Deoses do mar, onde
As agoas campo deixam ás Cidades,
Que habitam estas humidas deidades,

Descobre o fundo nunca descoberto,
As arêas alli de parta fina,
Torres altas se vem no campo aberto,
Da transparente massa cristalina,
Quando se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se he chrystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro, & radiante.

As portas d'ouro fino, & marchetadas
Do rico aljofar, que nas conhas nace,
De escultura fermosa estam lavradas,
No qual do irado Bacco a vista pacc:
E vê primeiro em cores variadas,
Do velho Chaos a tam confusa face:
Vem-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

11

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhũa materia se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Depois que Promethéo furtado o tinha:
Logo apos elle leve se sublima
O invencivel Ar, que mais asinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vasio.

12

Estava a Terra em montes revestida,
De verdes ervas, & arvores floridas,
Dando pasto diverso, & dando vida,
Aas alimarias nella produzidas:
A clara forma alli estava esculpida,
Das agoas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Cõ seu humor mâtendo os corpos todos.

13

Noutra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveraõ os Deoses cos Gigantes;
Está Tifeo debaixo da alta serra
Do Etna, que as flamas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavalo houveram, & a primeira
De Minerva pacifica Oliveira.

N 3

Pou-

14

Pouca tardança faz Lyèò irado¹
Na vista destas cousas,mas entrando
Nos paços de Neptuno,que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Aas portas o recebe,acompanhado,
Das Ninfas,que se estão maravillando,
De ver,que cometendo tal caminho,
Entre,no Reyno d' agoa o Rey do vinho.

15

O Neptuno,lhe disse,não te espantes
De Bacco nos teus Reynos receberes,
Porque tambem cos grandes,& possantes
emilusa Mostra a Fortuna seus poderes :
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais,se ouvirme o mais quiseres
Verâm da desventura grandes modos:
Oução todos o mal,que toca a todos.

16

Julgando já Neptuno,que seria
Estranho caso aquelle,logo manda¹
Tritaõ,que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitaõ d'hũa,&d'outra bāda:
Tritaõ,que de ser filho se gloria
Do Rey,& da Salacia veneranda:
Era mancebo,grande,negro,& feyo,
Trombeta de seu pay,& seu correyo.

Os

17

Os cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Hūs limos prenhes d'agoa, & bẽ parecem,
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados nam fallecem
Os negros mexilhoēs, que alli se géram,
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa mui grande casca de lagosta.

18

O corpo nũ, & os membros genitæes,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porẽm de pequenos animaes,
Do mar todos cubertos cento, & cento:
Camaroēs, & Cangrejos, & outros mais,
Que recebem de Febre crescimento,
Ostras, & Birbigoēs do musgo çujos,
As costas com a calca os Caramujos,

19

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia com força já tocava,
A voz grande, & canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava:
Iã toda a companhia apercebida
Dos Deoses para os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destruídos depois da Grega infania.

N 4

Vinha

Vinha o Padre Oceano acompanhado
Dos filhos, & das filhas, que gerâra,
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoâra:
O Propheta Prothéo, deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amâra,
Alli veyo tambem, mas ja sabia,
O que o Padre Lyèo no mar queria.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo, & Vesta filha,
Grave, & leda no gesto, & tão fermosa,
Que se amañava o mar de maravilha:
Vestida hũa camisa preciosa,
Trazia de delgada beutilha,
Que o corpo cristalino deixa verse,
Que tanto bem não he para esconderse.

Amfitrite fermosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse,
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou, que obedecesse:
Cos olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecera, que o Sol vencesse,
Ambas vem pella mão, igual partido,
Pois ambas são esposas de hum marido.

Aquella

23

Aquella, que das furias de Athamante,
Fugindo veyo a ter divino estado,
Comfigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante,
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, & às vezes pella area,
No colo a toma a bella Panopèa.

24

E o Deos, que foi nũ tempo corpo humano,
E por virtude da erva poderosa,
Foi convertido em peixe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa:
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circes tinha usado co a fermosa
Scylla, que elle ama, della sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

25

Ja finalmente todos assentados
Na grande sala nobre, & divinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de cristal:
Foraõ todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento igual,
De fumos enche a casa a rica miffi,
Que no mar nasce, & a Arabia ê ch. iro passa
Estan.

Estando sossegado já o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto,
A causa o Tyonêo de seus tormentos:
Hum pouco carregandose no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Sò por dar aos de Luso triste morte,
Co ferro alheyo fala desta sorte.

Principe, que de juro senhoreas
De hum Polo, a outro Polo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:
E tu Padre Occeano, que rodeas
O mundo universal, & o tens cercado,
E com justo decreto assi permites,
Que dentro vivam só de seus limites,

E vòs Deoses do mar, que não sofreis,
Injuria algũa em vosso Reyno grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer, que por elle corra, & ande
Que descuido foi este, em que viveis?
Quem pôde ser, que tanto vos abrande,
Os peitos com razão endurecidos,
Contra os humanos fracos, & atrevidos?

Vistes

29

Vistes, que com grandissima ousadia,
Foram já cometer o Ceo supremo:
Vistes aquella infana fantasia,
De tentarem o mar cõ vella, & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas, & insolencias taes, que temo,
Que do Mar, & do Ceo, em poucos annos,
Venhão Deoses a ser, & nòs humanos.

30

Vedes agora a fraca geração,
Que d'hum vassallo meu o nome toma
Com soberbo, & altivo coração,
A vós, & a mim, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vam,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes, que o vosso Reyno devastando,
Os vossos estatutos vam quebrando.

31

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No vosso Reyno este caminho abriram,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro,
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais, porq̃ a pondeis em tardança?

E

32

E não consinto, Deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do Ceo deci,
Nem da magoa da injuria, que sofreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

33

Que o gram Senhor, & Fados, que destinaõ
Como lhes bem parece o baixo mundo,
Famas mōres, que nunca determinaõ
De dar a estes varoēs, no mar profundo:
Aqui vereis, ó Deoses, como ensinaõ
O mal tambem a Deoses, que segundo
Se vê, ninguem ja tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

34

E por isso do Olimpo ja fugi,
Buscando algum remedio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita achei nos vossos mares:
Mais quiz dizer, & não passou daqui,
Porque as lagrimas ja correndo a pares
Lhe saltaraõ dos olhos, com que logo
Se acendem as deidades dagoa em fogo.

A ira

35

A ira com que subito alterado

O coração dos Deoses foi num ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem oturo algũ desconto:
Ao grande Eolo mandão já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes,

36

Bem quifera primeiro alli Protheo

Dizer neste negocio, o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda profecia :
Porém tanto o tumulto se moveo,
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou,
Neptuno sabe bem, o que mandou.

37

Já lá o soberbo Hypotades soltava,

Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava,
Contra os Varoës audaces, & animosos:
Subito o Ceo sereno se obunbrava,
Que os ventos mais, q nunca impetuosos,
Começão novas forças a ir tomando,
Torres, montes, & casas derribando.

Em

38

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda, & lassa frota
Com vento sossegado proseguia,
Pelo tranquilo mar a longa rota:
Era no tempo, quando a luz do dia
Do Eoo Emisferio estã remota,
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

39

Vencidos vem do sono, & mal despertos,
Bocejando a meudo, se encostavão
Pelas antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares, que assopravão:
Os olhos contra seu querer abertos,
Mal esfregando, os membros estiravão,
Remedios contra o sono buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

40

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tam pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Penlamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?

Não

41

Não he, disse Velloso, cousa justa,
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, & robusta
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida hade ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

42

Consentem nisto todos, & encomendão
A Velloso, que conte isto, que aprova:
Contarei, disse, sem quem me reprehendão
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porq' os q' me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nacidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

43

No tempo, que do Reyno a redea leve
Joam filho de Pedro moderava:
Depois que fofsegado, & livre o teve
Do visinho poder, que o molestava:
La na grande Inglaterra, que de neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Eriinnis dura, & má cizania,
Que lustre foste á nossa Lusitania.

E

44

Entre as damas gentis da Corte Inglesa,
E nobres cortesaõs, a caso hum dia
Se levantou discordia em ira acesa,
Ou foi opiniam, ou foi porfia:
Os Cortesaõs, a quem tam pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provarãm, q' honras, & famas,
Em taes damas nam ha para ser damas,

45

E que se houver alguẽ cõ lança, & espada.
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada,
Lhe darãm fea infamia, ou morte crua;
A femenil fraqueza pouco usada,
Ou nunca a oprobrios taes, vendose nua
De forças naturaes convenientes,
Socorro pedem a amigos, & parentes

46

Mas como fossem grandes, & possantes
No Reyno os inimigos, nam se atrevem,
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas fermosas, & bastantes
A fazer, que em socorro os Deoses levem
De todo o Ceo por rostos de alabaastro,
Se vam todas ao Duque de Alencastro.

Era

47

Era este Inglez potente, & militára
Cos Portugueses ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára,
Dos companheiros, & benina estrella:
Não menos nesta terra experimentára,
Namorados effeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por mulher a toma.

48

Este, que soccorrer lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz, quando o direito pertendia
Do Reyno la das terras Iberinas:
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tão divinas,
Que elles sòs poderião (se não erro)
Sustentar vossa parte a fogo, & ferro.

49

E se agravadas Damas, sois servidas,
Por vòs lhes mandarei Embaixadores,
Que por cartas discretas, & polidas,
De vosso agravo os fação sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas,
Com palavras de afagos, & de amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo,
Que alli tereis soccorro, & forte esteyo.

O

Desta

50

Desta arte as aconselha o Duque'experto,
 E logo lhes nomea doze Fortes,
 E porque cada Dama hum tenha certo,
 Lhes mãda, que sobre elles lancem fortes:
 Que ellas sò doze são, & descuberto,
 Qual a qual têm cahido dos consortes,
 Cad'hũa escreve ao seu por varios modos
 E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

51

Já chega a Portugal o mensageiro,
 Toda a Corte alvoroça a novidade,
 Quizera o Rey sublime ser primeiro,
 Mas não lho sofre a Regia Magestade:
 Qualquer dos Cortesãos aventureiro
 Deseja ser com fêrvida vontade,
 E só fica por bemaventurado,
 Quem já vem pello Duque nomeado.

52

Lá na leal Cidade, donde teve
 Origen (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar mandito leve
 Manda, o que tem o leme do governo:
 Apercebemse os doze em tempo breve,
 De armas, & roupas de uso mais moderno,
 De elmos, cimeiras, letras, & primores,
 Cavallos, & concertos de mil cores.

Ja

53

Ja do seu Rey tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Forão do Duque Ingles experimentado:
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado,
Mas hum sò, que Magriço se dizia,
Desta arte falla â forte companhia,

54

Fortissimos consocios, eu deſejo
Ha muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, q̃ a do Douro, e Tejo,
Varias gentes, & leys, & varias manhas:
Agora, que aparelho certo vejo
(Pois q̃ do mûdo as cousas são tamanhas)
Quero se me deixaes ir sò por terra,
Porque eu serei cõ vosco em Inglaterra.

55

E quando caso for, que eu impedido,
Por quem das cousas ha ultima linha,
Não for com vosco ao praso instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis, o que he devido,
Mas se a verdade o espirito me adevinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enveja,
Não farão, que eu com vosco lá não seja.

56

Alli diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte,
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhâra o patrio Marte:
Navarra, & os altíssimos perigos
Do Pirinèu, que Espanha, & Gallia parte,
Vistas em fim de França as cousas grandes
No grande Imperio foi parar de Frandes.

57

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar, se deteve muitos dias,
Mas dos onze a illustríssima companhia,
Cortão do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias,
Do Duque são com festa agasalhados,
E das Damas servidos, & animados.

58

Chegase o praso, & dia assinalado,
De entrar em campo já cos doze Ingleses,
Que pello Rey já tinhamo segurado,
Armãose delmos, grevas, & de arneses:
Ja as Damas tẽ por si fulgente, & armado
O Mavorte feroz dos Portugueses,
Vestemse ellas de cores, & de sedas,
De ouro, & de joyas mil ricas, & ledas.

Mas

59

Mas aquella, a quem fora em sorté dado
Magriço, que não vinha com tristeza
Se véste, por não ter, quem nomeado
Seja seu cavalleiro, nesta empresa:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Serà o negocio assi na Corte Inglesa,
Que as Damas vencedoras se conheçãõ,
Posto, que dous, & tres dos seus falleçãõ.

60

Ja num sublime, & publico theatro
Se assenta o Rey Inglez com toda a Corte,
Estavão tres, & tres, & quatro, & quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Naõ são vistos do Sol do Tejo ao Batro
De força, esforço, & de animo mais forte
Outros doze sair, como os Ingleses
No campo contra os onze Portugueses.

61

Mastigaõ os cavallos escumando
Os aureos freos com feroz semblante,
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em cristal, ou rígido diamante:
Mas enxergase num, & noutro bando
Partido desigual, & dissonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

O 3

Virão

Virão todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço,
Eis entra hum cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo ao bellico serviço:
Ao Rey, & às Damas fala, & logo se hia
Para os onze, q' este era o gram Magriço;
Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

A Dama como ouvio, que este era aquelle,
Que vinha a defender seu nome, & fama,
Se alegra, & veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais q' a virtude ama:
Já dão final, & o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflama,
Picaõ despòras, largão redeas logo,
Abaixão lanças, fere a terra fogo.

Dos cavalos o estrepito parece,
Que faz que o chão debaixo todo treme,
O coração no peito, que estremece,
De quem os olhos se alvoroça, & treme:
Qual do cavalo voa, que não dece,
Qual co cavalo em terra dando ge-ne,
Qual vermelhas as aru as faz de brancas,
Qual cos penachos de elno agouta as an-
cas.

65

Algun dalli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervalo,
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E noutra parte o dono sem cavallo:
Cae a soberba Inglesa de seu trono,
Que dous, ou tres ja fôra vão do valo;
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão ja q'arnès, escudo, & malha.

66

Gastar palavras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas, & afamadas,
Cos nossos fica a palma da vitoria,
E as Damas vencedoras, & com gloria.

67

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas, & alegria,
Cozinheiros occupa, & caçadores
Das Damas a fermosa companhia:
Querem dar aos seus libertadores,
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar à doce, & cara terra,

O 4

Mas

Mas dizem, que com tudo o gram Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
La se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel â Condeffa fez de Frandes:
E como quem não era ja noviço,
Em todo o trance, onde tu Marte mandes,
Hum Francez mata em campo, q'o destino
Lâ teve de Torcato, & de Coruino.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, & teve hum fero desafio,
Cum Germano enganoso, que cõ manha
Naõ devida, o quiz pôr no extremo fio:
Contando assi Velloso, ja a companha
Lhe pede, que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, & vencimento,
Nẽ deixe o de Alemanha em esquecimẽto.

Mas neste passo assi prontos estando,
Eis o Mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordão despertando
Os marinheiros d'hũ, & d'outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuve negra, que apparece.

71

Não eraõ os traquetes bem tomados,
Quando dâ a grande, & subita procella,
Amaina disse o Mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vella:
Não esperão os ventos indinados,
Que amainassem, mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem cum ruído,
Que o mundo pareceo ser destruido,

72

O Ceo fere com gritos nisto a gente,
Cum subito temor, & desacordo,
Que no romper da vella a nao pendente,
Toma gram soma d'agoa pello bordo:
Alija, disse o Mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar â bomba, não cessando,
Aa bomba, que nos imos alagando.

73

Correm logo os soldados animosos
A dar â bomba, & tanto que chegâão,
Os balanços, que os mares temerosos
Deraõ â nao, num bordo os derribâão:
Tres marinheiros duros, & forçosos
A menear o leme não bastâão,
Talhas lhe punhão d'nua, & d'outra parte,
Sem aproveitar dos homẽs, força, & arte,
Os

74

Os ventos eraõ taes, que não poderão
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar entã vierão
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que crescerão,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo, que se sostem nas ondas tanto.

75

A nao grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto pello meyo,
Quasi toda alagada, a gente chama
Aquelle, que a salvar o mundo veyo:
Nio menos gritos vãos ao ar derrama,
Toda a nao de Coelho com receyo,
Com quanto teve o Mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que dèsse o vèto.

76

Agora sobre as nuves os sobião,
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece, que decião
Aas intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo,
A noite negra, & fea se allumia
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As

77

As Alcionêas aves triste canto,
Junto da costa brava levantarão,
Lembrandose de seu passado pranto,
Que as furiosas agoas lhes causarão:
Os Delfins namorados entre tanto
Là nas covas maritimas entrarão,
Fugindo à tempestade, & ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

78

Nunca tão vivos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremeçou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No gram diluvio, donde sós viverão
Os dous, q em gête as pedras cõvertêrão.

79

Quantos montes então, que derribarão
As ondas, que batião denodadas,
Quantas arvores velhas arrancarão
Do vento bravo as furias indinadas:
As forçosas raizes não cuidarão,
Que nunca para o Ceo fossem viradas,
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares, q em cima as revolvassem.
Vendo

Vendo Vasco da Gama, que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar atè o Inferno aberto,
Ora com nova furia ao Ceo subia:
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio santo, & forte,
Que o impossivel póde desta sorte.

Divina guarda, angelica celeste,
Que os Ceos, o Mar, & Terra senhoreas,
Tu, que a todo Israel refugio déste,
Por metade das agoas Erithréas:
Tu, que livraste Paulo, & defendeste
Das Scyrtes arenosas, & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Povoador do alagado, & vacuo mundo!

Se tenho novos medos perigosos,
Doutra Scylla, & Caribdis ja passados,
Outras Scyrtes, & baixos arenosos,
Outros Acroceraunos infamados:
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desemparados;
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço sò pretende?

O di-

83

O ditosos aquelles, que puderaõ,
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiverão
A santa Fè, nas terras Mauritanas!
De quem feitos illustres se soberão,
De quem ficão memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.

84

Affi dizendo, os ventos, que lutavão,
Como touros indomitos bramando,
Mais, & mais a tormenta acrescentavão,
Pella miuda enxarcia affoviando:
Relampagos medonhos não cessavão,
Feros trovoês, que vem representando
Cahir o Ceo dos eixos sobre a terra,
Comfigo os elementos terem guerra.

85

Mas ja a amorosa Estrella centilava
Diante do Sol claro no Orizonte,
Mensageira do dia, & visitava
A terra; & o largo mar com leda fronte:
A Deosa, que nos Ceos a governava,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, & a cara armada vira,
Tocada junto, foi de medo, & de ira.

Estas

Estas obras de Bacco são por certo,
 Disse, mas não serã, que avante leve
 Tão danada tenção, que descuberto
 Me serã sempre o mal, a que se atreve:
 Isto dizendo, dece ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breve,
 Em quanto manda às Ninfas amorosas,
 Grinaldas nas cabeças pôr de Rosas.

Grinaldas manda pôr de varias cores,
 Sobre cabellos louros â porfia,
 Quem não dirã que nace roxas flores
 Sobre ouro natural, que amor infia:
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrandolhe as amadas Ninfas bellas,
 Que mais fermosas vinhão, q as estrellas.

Affí foi, porque tanto que chegãrão
 Aa vista dellas, logo lhes falecem
 As forças, com que dantes peleijãrão,
 E ja como rendidos lhe obedecem:
 Os pés, & mãos parece, que lhe atãrão
 Os cabellos, que os rayos escurecem,
 A Boreas, que do peito mais queria,
 Affí disse a bellissima Orithia.

89

Não creas fero Boreas, que te creyo,
Que me tiveste nunca amor constante,
q̃ brandura he de amor mais certo arreyo,
E não convem furor a firme amante:
Se já não poês a tanta insania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor contigo em medo se converte.

90

Assim mesmo a fermosa Galatea,
Dizia ao fero Noto, que bem sabe,
Que dias ha, que em vela se recrea,
E bem cré, que com elle tudo acabe:
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver, que a Dama o mada,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

91

Destá maneira as outras amañavão,
Subitamente os outros amadores,
E logo á linda Venus se entregavão,
Amançadas as iras, & os furores:
Ella lhes prometeo, vendo que amavaõ
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos com tidolhe omenagem,
De lhe serem leaes esta viagem.

Ja

Ja a menhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da excelsa gavea os marinheiros
Enxergãrão terra alta pella proa:
Ja fôra de tormenta, & dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Calecut, se não me engano.

Esta he por certo a terra, que buscais
Da verdadeira India, que aparece,
E se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longo aqui fenece,
Sofrer aqui não póde o Gama mais,
De ledos em ver que a terra se conhece,
Os giolhos no chão, as mãos ao Ceo,
A mercè grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos dava, & razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava:
Mas via-se livrado tão afinha
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, fervido, & medonho,
Como quẽ despertou de horrendo sonho.

Por

95

Por meyo destes horridos perigos,
 Destes trabalhos graves, & temores,
 Alcançaõ os que são de fama amigos
 As hōras immortaes, & os graos mayores:
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores,
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animaes de Moscovia Zebellinos.

96

Não cos manjates novos, & exquisitos,
 Não cos passeos molles, & nojosos,
 Não nos varios deleites, & infinitos,
 Que afeminão os peitos generosos:
 Não cos nunca vencidos apetitos,
 Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
 Que não sofre nenhum, que o passo mude
 Para algũa obra heroica de virtude.

97

Mas com buscar co seu forçoso braço
 As honras, que elle chame proprias suas,
 Vigiano, & vestindo o forjado aço,
 Sofrendo tempestades, & ondas cruas:
 Vencendo os torpes flios no regaço
 Do Sul, & Regioes de abrigo nuas,
 Engolindo o corrupto mantimento,
 Temperado cum ardao sofrimento.

P

E com

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro
Para o pilouro ardente, que asflovía,
E leva a perna, ou braço ao companheiro:
Dest'a arte o peito hum calo honroso cria,
Desprezador das honras, & dinheiro,
Das honras, & dinheiro, que a ventura
Forjou, & não virtude justa, & dura.

Dest'a arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, & não de afeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua, & não rogando.

CANTO VII.

ARGUMENTO.

*Dá fundo a frota a Calecut chegada,
Mandase mensageiro ao Rey potente,
Chega Monçaidé a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente:
Faz Gama ao Samori sua embaixada,
Erecebido bem da Indica gente,
Co Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos, & flamulas se adorna.*

I

JA se vião chegados junto â terra,
Que desejada ja de tantos fora,
Que entre as coriêtes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no Ceo terreno mora:
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Ia lois chegados ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

A vòs, ò geração de Luso digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo,
Curral, de quem governa o Ceo rotundo:
Vòs, a quem não lòmente algum perigo
Efforva conquistar o povo immundo,
Mas em cobiça, ou pouca obediencia,
Da Madre, que nos Ceos está em essencia.

Vòs Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezaís,
Vòs, que á custa de vossas varias mortes,
A ley da vida eterna dilataís;
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Que vòs por muito poucos que sejais,
Muito façais na santa Christandade,
Que tão, ó Christo, exaltas a humildade.

Vede os Alemaens, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta,
Do Successor de Pedro rebelado
Novo pastor, & nova feita inventa:
Vedeo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se não contenta,
Não contra o superbissimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Vede lo

5

Vedelo duro Ingles, que se nomea,
Rey da velha, & santissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea
(Quem vio honra tão longe da verdade)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade,
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

6

Guardalhe por em tanto hum falso Rey,
A Cidade Hyerosolima terrestre,
Em quanto elle não guarda a santa Ley
Da Cidade Hyerosolima celeste:
Pois de ti, Gallo indino, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Nio para defendelo, nem guardalo,
Mas para ser contra elle, & derribalo?

7

Achas, que tens direito em senhorios
De Christãos, sê do o teu tão largo, & tão,
E não contra o Cynifio, & Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se haõ de provar da espada os fios,
Em quẽ quer reprovar da Igreja o canto,
De Carlos, de Luis, o nome, & a terra
Herdaste, & as causas não da justa guerra!

P 3

Pois

Pois que direi daquelles, que em dilicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastaõ as vidas, lograõ as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nacem da tyranã inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo Italia fallo, ja fumerfa
Em vicios mil, & de ti mesma adverfa.

O miseros Christãos, pella ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũs aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Nã vedes a divina sepultura,
Possuıda de cães, que sempre unidos,
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendose famosos pella guerra?

Vedes que tem por uso, & por decreto
(Do qual sãõ taõ inteĩros observantes)
Ajuntarem o exercito inquieto,
Cõtra os povos, q̃ sãõ de Christo amãtes?
Entre vós nunca deixa a fera Aleto,
De semear cizanias repugnantes;
Olhai, se estais seguros de perigos,
Que elles, & vós sois vossos inimigos.

II

Se cobiça de grandes senhórios,
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes, que Pactolo, & Hermo rios,
Ambos volvem auríferas arêas?
Em Libia, Assiria, lavrão de ouro os fios,
Africa esconde em si luzentes veas,
Movavos já se quer riqueza tanta,
Pois movervos não póde a Casa Santa,

I 1

Aquellas invenções feras, & novas,
De instrumentos mortaes de artilharia,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
Fazei que torne láâs silvestres covas
Dos Caspios montes, & da Scythia fria,
A Turca geração, que multiplica,
Na policia de vossa Europa rica.

I 3

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos,
Brândando vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, & astuto,
E não queiraes louvores arrogantes,
De serdes contra os vossos mui possantes.

14

Mas em tanto que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, ò gente infana,
Não faltarão Christãos atrevimentos,
Nesta pequena Casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos àra,
E se mais mundo houvera, là chegàra.

15

E vejamos em tanto o que acontece
Aaquelles tam famolos navegantes,
Depois que a branda Venus enfraquece
O furor vaõ dos ventos repugnantes:
Depois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas portias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a Ley,
E dar novo costume, & novo Rey.

16

Tanto que á nova terra se chegãrão,
Leves embarcaçoens de pescadores
Achãrão, que o caminho lhe mostrãrão
De Calecut, onde eião moradores:
Para là logo as proas se inclinãrão,
Porque esta era a Cidade das melhores
Do Reyno Malavar, onde vivia
O Rey, que a terra toda possuia,

Além

17

Além do Indo jaz, & âquem do Gange,
Hum terreno mui grande, & affaz famoso,
Que pella parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso:
Jugo de Reys diversos o constrange
A varias leys, alguns o vicioso
Maforma, alguns os Idolos adoraõ,
Alguns os animaes, que entre elles morão.

18

Lâ bem no grande monte, que cortando,
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as Regioes por onde corre:
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja graõ corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersonezo.

19

Entre hum, & outro rio, em grande espaço,
Sae da larga terra hũa longa ponta,
Quasi piramidâl, que no regaço
Do mar, com Ceilão Insula confronta:
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os visinhos da terra moradores,
Do cheiro se mantem das lindas flores.

Mas

Mas agora de nomes, & de usança,
Novos, & varios são os habitantes,
Os Delijs, os Patânes, que em possança
De terra, & gente são mais abundantes:
Decanijs, Oriâs, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

O Reyno de Cambaya bellicoso
(Dizem que foi de Pôro Rey potente)
O Reyno de Narlinga poderoso
Mais de ouro, & pedras, q de forte gente:
Aqui se enxerga là do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malavar de forte muro,
Com que do Canarâ vive seguro.

Da terra os naturaes lhe chamaõ Gate,
Do pè do qual pequena quantidade,
Se estende hũa fralda estreita, q combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras Cidades sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitulla o senhor della.

Chegada

23

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rey gentio,
Da vinda sua a tão remota parte:
Entrando o mensageiro pello rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a velo todo o povo.

24

Entre a gente, que a velo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nacido
Fora na região de Berberia,
Là onde fora Anteo obedecido:
Ou pella visinhança ja teria
O Reyno Lusitano conhecido,
Ou foi ja affinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

25

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Ispana,
Lhe disse: quẽ te trouxe a estoutro mudo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde o mar profundo,
Por onde nunca veyo gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Ley divina se acrecente.

Espan-

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, q' a força da mensagē,
Sò para o Rey da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da Cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se quera,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E depois que se hum pouco recreasse
Com elle para a armada tornaria,
Que alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha

O Portuguez aceita de vontade,
O que o ledo Monçaide lhe offerece,
Como se longa fora a amizade,
Com elle come, & bebe, & lhe obedece:
Ambos se tornão logo da Cidade,
Para a frota, que o Mouro bem conhece,
Sóbem à Capitania, & toda a gente,
Monçaide recebeo benignamente.

29

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella,
Lento de si o assenta, & pronto, & quedo,
Pella terra pergunta, & cousas della:
Qual se ajūtava em Rhòdope o arvoredos
Sò por ouvir o amante da donzella,
Euridice, tocando a lira de ouro,
Toda a gente se ajunta a ouvir o Mourô.

30

Elle começa, ó gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não he sem causa não oculta, & escura,
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
Por mares nunca de outro lenho arados,
A Reynos tão remotos, & apartados.

31

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algun serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia, & vos defende,
Dos inimigos do mar, do vento irado:
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, & prosperado,
De ouro luzente, & fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especaria,

Esta

32

Esta Provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malavar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reys he, mas de hum sô fora
Noutro tempo, & segundo a antiga fama,
Saramã Perimal foi derradeiro
Rey que este Reyno teve unido, & inteiro.

33

Porém como a esta terra então viessem
De lá do ceyo Arabico outras gentes,
Que o culto M hometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes:
Succedeo, que piêgando convertissem
O Perimal, de sabios, & eloquentes,
Fazemlhe a ley tomar com fervor tanto,
Que presupoz de nella morrer santo.

34

Naos arma, & nellas mete curioso
M rcadoria, que offereça rica,
Para ir nellas a ser Religioso,
Onde o Profeta jaz, que a ley publica:
Antes que parta, o Reyno poderoso
Cos seus reparte; porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, livres de fogeitos.

A hum

35

A hum Cochim, & a outro Cananor,
A qual Chalê, a qual a Ilha da Pimenta,
A qual Coulam, a qual da Cranganor,
E o mais, a quê o mais serve, & contenta:
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu, se lhe apresenta
Para este Calecut sómente fica,
Cidade ja por trato nobre, & rica.

36

Esta lhe dá co titulo excellente
De Emperador, q sobre os outros mande;
Isto feito, se parte diligente
Para onde em santa vida acabe, & ande:
E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno, & grande,
Ao moço, & descendentes, dor de vem
Este, que agora o Imperio manda, & tem.

37

A ley da gente toda rica, & pobre,
De fabulas composta se imagina,
Andão rús, & sómente hum paro cobre,
As partes, que a cubric natura ensina,
Dous modos ha da gente, porque a nobre
Naires chamados são, & a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A ley não misturar a casta antiga.

Por-

Porq os q usãrão sempre hum mesmo officio
De outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terãõ outro exercicio,
Senão de seus passados até morte:
Para os Naires he certo grande vicio,
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, & apura.

Destá sorte o Iudaico povo antigo
Não tocava na gente de Samaria;
Mais estranhezas inda, das que digo
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Naires sòs são dados ao perigo
Das armas, sòs defendem da contraria
Binda o seu Rey, trazendo sempre usada
Na esqda a adarga, & na direita a espada.

Bramenes são os seus Religiosos,
Nome antigo, & de grande preeminencia,
Oblervão os preceitos tão famosos
De hũ, que primeiro poz nome à sciencia:
Não m itão cousa viva, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Sómente no venero ajuntamento,
Tem mais licença, & menos regimento.

40

Bramenes são os seus Religiosos,
Nome antigo, & de grande preeminencia,
Observaõ os preceitos tam famosos
De hũ, que primeiro poz nome á sciencia:
Não mataõ cousa viva, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Sõ nente no venereo ajuntamento,
Tem mais licença, & menos regimento.

41

Geraes são as mulheres, mas sómente
Para os da geração de seus maridos,
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos:
Etes, & outros costumes variamente
São pellos Malavares admittidos,
A terra he grossa em trato, & tudo aquilo,
Que as ondas podẽ dar da China ao Nilo.

42

Assi contava o Mouro, mas vagando
Andava a Fama ja pella Cidade,
Da vinda de sta gente estranha, quando
O Rey saber mandava da verdade:
Ia vinhão pellas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, & idade,
Os principaes, que o Rey buscar mandára,
O Capitão da armada, que chegára.

Q

Mas

43

Mas elle, que do Rey ja tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos panos adornado:
Das cores a fermosa differença,
A vista alegre ao povo alvoroçado,
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

44

Na praya hum Regedor do Reyno estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa ao nobre Gama:
Ia na terra nos braços o levava,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece, em que vá costume usado,
Que nos hombros dos homêes he levado:

45

De sta arte o Malavar, de sta arte o Luso
Caminhão lá para onde o Rey o espera,
Os outros Portuguezes vão ao uso,
Que infantaria segue esquadra fera:
O pavo, que concorre, vai confuso,
De ver a gente estranha, & bem quizera
Perguntar, mas no tempo ja passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Ga-

46

O Gama, & o Catual hiaõ fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entre elles vai interpretando
As palavras, que de ambos entendia:
Assi pella Cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica se erguia,
De hum suntuoso templo ja chegavão,
Pellas portas do qual juntos entravão.

47

Alli estaõ das Deidades as figuras
Esculpidas em pao, & em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,
E segundo o Demonio lhes fingia:
Vem-se as abominaveis esculturas,
Qual a chiméra em membros se varia,
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em fôrma humana, estaõ maravillados.

48

Ham na cabeça cornos esculpidos,
Qual Iupiter Amon em Lybia estava,
Outros num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Iano se pintava:
Outro com muitos braços divididos,
A Briarêo parece que imitava,
Outro fronte Canina tem de fôra,
Qual Anubis Memfitico se adora.

Q 2

Aqui

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio:
Para onde estava o Rey do povo vão:
Engrossando se vai da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho Capitão,
Estão pellos telhados, & janellas,
Velhos, & moços, donas, & donzellas.

Ia chegaõ perto, & não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos fermosos,
Que em si escõdem os Regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos:
Edificação os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleitosos,
Assi vivem os Reys daquella gente,
No campo, & na Cidade juntamente.

Pellos portaes da cerca a subtileza,
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pella sombra conhece a verdadeira.

52

Estava hum grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe lava,
Regeo hum Capitão de fronte lisa,
Que com frondentes Lyrios pelejava:
Por elle edificada estava Nisa,
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tam proprio, que se alli estiver Semelle,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

53

Mais avante bebendo seca o rio
Muy grande multidão da Assiria gente,
Sogeita a feminino senhorio,
De hũa tam bella, como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

54

Daqui mais apartadas tremolavão
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira Monarchia, & subjugavão
Até as agoas Gangeticas undosas:
Dum Capitão mancebo se guiavão,
De palmas rodeado valerosas,
Que ja não de Felipo, mas sem falta
De progenie de Iupiter se exalta.

Q3

Os

55

Os Portugueses vendo estas memorias
(Dizia o Catual ao Capitão)
Tempo cedo virã, que outras vitorias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias,
Por gentes estrangeiras, que virão,
Que os nossos sabios Magos o alcançaraõ,
Quando o tempo futuro especularão.

56

E dizlhe mais a Magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Não valerã dos homens resistencia,
Que cõtra o Ceo não val da gẽte manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellẽcia
Nas armas, & na paz da gente estranha,
Serã tal, que serã no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

57

Affi fallando entravão ja na sala,
Onde aquelle potente Emperador,
Nũ camilha jaz, que não se iguala
De outra algũ no preço, & no valor:
No recostado gesto se afindala
Hum venerando, & prospero senhor,
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

Bem

58

Bem junto delle hum velho reverente
Cos giolhos no chaõ de quãdo em quãdo,
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando:
Hum Bramene, pessoa preeminente,
Para o Gama se vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe a cena, que se assente.

59

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori, no trajo, & geito,
Da gente, nunca dantes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande authoridade logo aquista
Na opinião do Rey, & povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo.

60

Hum grande Rey de lâ das partes, onde
O Ceo volubil com perpetua roda,
Da terra a luz solar co a terra esconde,
Tingindo, a que deixou de escura noda:
Ouvindo do rumor, que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O Principado está, & a Magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

Q +

E por

E por longos rodeos a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo:
E desde a fria plaga de Gelandia,
Até bem donde o Sol não muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu Reyno em grande copia.

E se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua:
Porque creção as rendas, & bastanças,
Por quem a gente mais trabalha, & sua,
De vossos Reynos, será certamente
De ti proveito, & d'elle gloria ingente.

E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade,
Que por guerra a teu Reyno se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade,
Que por irmão te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti sobre isto posta,
Me des a mim certissima resposta.

64

Tal embaixa da dava o Capitão,
A quem o Rey gentio respondia,
Que em ver Embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informandose certo de quem era
O Rey, & a gente, & terra, que diffiera.

65

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, & em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rey reposta alegre leve:
Ia nisto punha a noite o usado atalho
Aas humanas canceliras, porque ceve
Do doce sono os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

66

Agasalhados forão juntamente
O Gama, & Portugueles no aposento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com festas, & geral contentamento:
O Catual no cargo diligente
De seu Rey, tinha ja por regimento
Saber da gente estranha, donde vinha,
Que costumes, que ley, que terra tinha.

Tanto

Tanto que os igneos carros do fermoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poderse informar da gente nova:
Ia lhe pergunta pronto, & curioso,
Se tem noticia inteira, & certa prova
Dos estranhos, quem são, que ouvido tinha
Que he gente de sua patria mui vizinha.

Que particularmente alli lhe dèsse
Informaçã mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rey, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna posto que eu quizesse
Dizerte disto mais, não saberia,
Sómente sei, que he gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se ba-
nha.

Tem a ley de hum Profeta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãe, tal que por bafio está aprovado
Do Deos, que tem do mundo o regimêto:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

Porque

70

Porque elles com virtude sobre humana,
Os deitârão dos campos abundosos,
Do rico Tejo, & fresco Guadiana,
Com feitos memoraveis, & famosos:
E não contentes inda na Africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomandonos Cidades, & altos muros.

71

Não menos tem mostrado esforço, & manha
Em quaesquer outras guerras, q' acõteçaõ,
Ou das gentes belligeras de Elpanha,
Ou lâ de alguns, que do Pyrene deçaõ:
Assi que nũca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçaõ,
Nem se sabe inda não, te affirmo, & affello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

72

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informarte, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, & offende:
Vai verlhe a frota, as armas, & a maneira
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgaràs de veres a policia
Portuguesa, na paz, & na milicia.

73

Ia com desejo o Idolatra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava,
Manda esquipar bareis, que ir ver queria
Os lenhos, em que o Gama navegava:
Ambos parrem da praya, a quem seguia
A Naira gèraçãõ, que o mar coalhava,
Aa Capitana subem forte, & bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

74

Purpureos são os toldos, & as bandeiras
Dorico fio são, que o bicho gêra,
Nelles estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campaes aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apacenta.

75

Pelo que vê pergunta, mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A Seita Epicuréa, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noê mostrara à gente:
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita, que seguia lho defende.

76

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lâ dos mares:
Tudo o gentio nota, mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve,
A muda poesia alli descreve.

77

Alçase em pê, com elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hũ velho brãco, aspeito sobre humano;
Cujos nome não póde ser defunto,
Em quãto ouver no mũdo trato humano;
No trajo a Grega usança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

78

Hum ramo na mão tinha, mas ó cego
Eu, que cometo insano, & temerario,
Sem vós Ninfas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, & vario;
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhai

Olhai, que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, & novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condena,
Nũa mão sempre a espada, noutra a pena.

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospícios alheos degradado;
Agora da esperança ja adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que de hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvarse,
Que para o Rey Judaico acrescentarse.

E ainda, Ninfas minhas, não bastava,
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão q' aquelles, q' eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos, que esperava,
Das capellas d' Louro, q' me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventarão,
Com que em tão duro estado me deitirão.

Vede

82

Vede Ninfas, que engenhos de senhores,
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores,
A quem os faz cantando gloriosos:
Que exemplos a futuros escriptores,
para espertar engenhos curiosos,
Para porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

83

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me não faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feitos diversos engrandeça:
Daimo vós fós, que eu tenho ja jurado,
Que não o empregue, e que o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sobpena de não ser agradecido.

84

Nem creaes, Ninfas, não que Fama dêsse,
A quem ao bem commum, & do seu Rey
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina, & humana Ley:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Sò por poder com torpes exercicios,
Usar mais largamente de seus vicios.

Nenhum,

Nenhum, que use de seu poder bastante:
Para servir a seu desejo feo,
E que por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Prothéo:
Nem Cimenas também cuideis, q̃ cante,
Quem com habito honesto, & grave vto,
Por contentar o Rey no officio novo,
A despir, & roubar o pobre povo.

Nem quem acha q̃ he justo, & que he direito
Guardarse a ley do R. y severamente,
E não acha, que he justo, & bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quẽ sempre cõ pouco experto peito,
Razoẽs aprende, & cuida, que he prudẽte
Para taxar, com mão rapace, & escafla,
Os trabalhos alheos, que não passa.

Aquelles s̃os direi, que aventuráraõ
Por seu Deos, por seu Rey a amada vida,
Onde perdendoa, em fama a dilatáraõ,
Tambem de suas obras merecida:
Apollo, & as Musas que me acõpanhããõ
Me dobraráõ a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

CANTO VIII

ARGUMENTO.

*Vemse de Lusitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria são merecedores,
De hymnos, & de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores,
Consultão os Aruspices famosos,
E corruptos com dadivas possantes,
Tratão de destruir os navegantes.*

I

NA primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
Quem era, & porque causa lhe convinha
A divisa, que tem na mão tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta,
O Mauritano sabio lhe interpreta.

R

Estas

2

Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais bravos, & mais feros se conhecem
Pella fama, nas obras, & nos feitos:
Antigos são, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos
Este, que vês he Luso, donde a fama
O nosso Reyno Lusitania chama.

3

Foi filho, ou companheiro do Thebano,
Que tam diversas partes conquistou,
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que continuo usou:
Do Douro, & Guadiana o campo ufano,
Ja dito Elísio tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos ja cançados ossos,
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

4

O ramo, que lhe vês para divisa,
O verde Tyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade mostra, & avisa,
Que foi seu cōpanheiro, ou filho amado:
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, que em memoria fica?

Vlisses

5

Vlisses he o que faz a santa casa
Aa Deosa, que lhe dà lingua facunda,
Que se lá na Asia Troya insigne abraça,
Cá na Europa Lisboa ingente funda:
Quem ferá estoutro câ, que o câpo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Aguias nas badeiras tem pintadas?

6

Affi o Gentio diz, responde o Gama,
Este, que vês pastor ja foi de gado,
Viriato sabemos, que se chama,
Destro na lança, mais que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencivel afamado,
Não tem com elle não, nem ter puderão
O primor, que com Pinho ja tiverão.

7

Com força não, com manha vergenhosa
A vida lhe tirarão, que os espanta,
Q' o grãde aperto em gẽte, inda q' honrosa,
Aas vezes leys magnanimas quebranta:
Outro estã aqui, que contra a patria irosa,
Degradado com nosco se levanta,
Escolheo bem, com quem se levantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

Vês com nosco tambem vence as bandeiras,
Dessas aves de Iupiter validas,
Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes, de nòs souberaõ ser vencidas:
Olha taõ subtris artes, & maneiras,
Para adquirir os povos taõ fingidas.
A fatidica Cerva, que o avisa,
Elle he Sertorio, & ella a sua divisa.

Olha estoutra bandeira, & vé pintado
O gram Progenitor dos Reys primeiros;
Nos Ungaro o fazemos, porèm nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Depois de ter os Mouros superado,
Galegos, & Leoneses cavalleiros,
Aa Casa santa passa o santo Enrique,
Porque o tronco dos Reys se santifique.

Quem he, me dize estoutro, que me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadroens, que gente tanta,
Com taõ pouca, tem roto, & destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhasdâ nunca cançado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pès derribadas, & estandartes?

Este

II

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Porquem no Estigio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu Reyno abaixa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

12

Se Cesar, se Alexandre Reys, tiverão
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos erão,
Os que desbaratava este excellente:
Não creas, que seus nomes se estenderão
Com glorias immortaes tão largamente,
Mas deixo os feitos seus inexplicaveis,
Vê, que os de seus Vassallos são notaveis.

13

Este, que vês olhar com gesto irado,
Pera o rompido Alumno mal sofrido,
Dizendolhe, que o exercito espalhado
Recolha, & torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas Moniz se chama o forte velho,
Pera leaes Vassallos claro espelho.

Velo cá vai cos filhos a entregar-se,
A corda ao còlo, nú de seda, & pano,
Porque não quiz o moço lugeitar-se,
Como elle prometêra ao Castelhana:
Fez com fiso, & promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano,
Os filhos, & mulher obriga â pena,
Para que o senhor salve, a si condena.

Não fez o Consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triunfante:
Este pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só firme, & constante,
Estoutro a si, & os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Vês este, que saindo da cilada,
Dà sobre o Rey, que cerca a villa forte,
Lá o Rey tem preso, & a villa descercada
Illustre feito digno de Mavorte?
Velo cá vai pintado nesta armada,
No mar também aos Mouros dando amorte,
Tomandolhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima vitoria.

17

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo, que acendeo junto da serra
De Abila, nas galês da Maura gente:
Olha como então justa, & santa guerra
De acabar pelejando esta contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma,
Triunfando nos Ceos com justa palma.

18

Não vês o ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nòva,
Que ajuda a combater o Rey primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Enrique famoso cavaleiro,
Apalma, que lhe nace junto a còva,
Por elles mostra Deos milagre visto,
Germanos são os Martyres de Christo.

19

Hum Sacerdote vê brandindo a espáda,
Contra Arronches, que toma por vingança:
De Leiria, que de antes foi tomáda,
Porquem por Mafamede entrista a lança:
He Theotonio Prior, mas vê cercáda
Santarem, & verás a segurança
Dá figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

R 4

Velo

Velo câ donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo o alferes mata,
 E o Hpalico pendão derriba em terra:
 Mem Moniz he q em ly o valor retrata,
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,
 Dino destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, & a sua exalta.

Olha aquelle, que dece pela lança,
 Com as duas cabeças das vigias,
 Onde cilada esconde com que alcança
 A cidade por manhas, & ousadias:
 Ella por armas toma a semelhança
 Do cavaleiro, que as cabeças frias
 Na mão levava; feito nunca feito,
 Giraldo sem pavor he o forte peito.

Não vés hum Castelhana, que agravado
 De Affonso novo Rey, pelo odio antigo
 Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
 De Portugal fazendole inimigo?
 Abrantes villa toma acompanhado
 Dos duros infieis, que traz consigo;
 Mas vê que hũ Portuguez cõ pouca gente
 O desbarata, & o prende ousadamente.

Martim

23

Martim Lopes se chama o cavaleiro,
Que destes levar pôde a palma, & o louro;
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lâça de aço torna o bago d'ouro:
Velo entre os duvidosos tão inteiro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o final no Ceo, que lhe aparece,
Com q̃ nos poucos seus o esforço crece.

24

Vês vão os Reys de Cordova, & Sevilha
Rotos cos outros dous, & não de espaço
Rotos, mas antes mortos, maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço:
Vês já a villa de Alcaçere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
Que a Coroa de palma alli coroa.

25

Olha hum Mestre, que dece de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, & ja nella
Não acha, quem por armas lhe resista:
Cõ manha, esforço, & cõ benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista;
Vês Tã-Vira tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.

Vês

Vés com bellica astucia ao Mouro ganha
 Silves, que elle ganhou com força ingente,
 He Dom Payo Correa, cuja manha,
 E grande esforço faz inveja â gente:
 Mas não passes os tres, q em França, & Es.
 Se fazê conhecer perpetuamête, (panha,
 Em desafios, justas, & torneos,
 Nellas deixando publicos trofeos.

Velos co nome vem de aventureiros
 A Castella, onde o preço sôs levâão
 De jogos de Bellona verdadeiros,
 Que com dano de alguns se exercitâão:
 Vê mortos os soberbos cavaleiros,
 Que o principal dos tres desafiâão,
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
 Que pôde não temer a ley Lethea.

Atenta num, que a fama tanto estende,
 Que de nenhum passado se contenta,
 Que a Patria, que de hum fraco fio pende,
 Sobre seus duros hombros a sustenta;
 Não no vez tinto de ira, que reprende
 A vil desconfiança, inerte, & lenta
 Do povo, & faz, que tome^{to} o freyo,
 De seu Rey natural, & não de alheyo.

Olha

29

Olha por seu conselho, & ousadia,
De Deos guiado só, & de santa Estrella,
Sò pôde, o que impossivel parecia,
Vencer o povo ingente de Castella:
Vês por industria, esforço, & valentia
Outro estrago, & vitoria clara, & bella,
Na gente alli feroz, como infinita,
Que entre o Tarteso, & Guadiana habita,

30

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitão devoto, que apartado
Orando invoca a Sūma, & Trina Essencia?
Velo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, & que viesse,
Porque consigo esforço aos fracos desse.

31

Mas olha, com que santa confiança,
Que inda não era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurança
Da vitoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio ouvindo, que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu responde estou sacrificando.

Se

32

Se quẽ com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar se deve,
Mas mais de Dõ Nuno Alvarez se arrea;
Ditosa Patria, que tal filho teve,
Mas antes Pay, que em quãto o Sol rodea,
Este globo de Ceres, & Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

33

Na mesma guerra vé, que presas ganha
Estoutro Capitão de pouca gente,
Comendadores vêce, & o gado apanha,
Que levavão roubado ousadamente:
Outra vez, vé q a lança em sangue banha
Destes, sô por livrar co amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

34

Olha este desleal o como paga
O prejurio, que fez, & vil engano,
Gil Fernandez he de Elvas, quẽ o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xeres rouba o campo, & quasi alaga.
Co sangue de seus dõnos Cast-lhano;
Mas olha Ruy Pereira, que co rosto
Faz escudo ás galês, diante posto.

Olha

35

Olha, que dezasete Lusitanos,
Neste outeiro subidos, se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendẽ:
Porẽm logo sentirão com seus danos,
Que não sò se defendem, mas offendem;
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo, & no moderno.

36

Sabese antigamente, que trezentos
la contra mil Romanos pelejãrão,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustrarão:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixãrão,
q os muitos por ser poucos não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.

37

Olha cà dous Infantes, Pedro, & Henrique,
Progenie generosa de Ioanne;
Aquelle faz, que Fama illustre fique
Delle em Germania, cõ q a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descobridor, & desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da Cidade.

Vês

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dois cercos contra toda a Berberia;
Vês outro Conde estã, que representa
Em terra Marte, em forças, & ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia,
Mas do seu Rey defende a cara vida,
Pondo por muro a sua alli perdida.

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião,
Mas faltam lhes pincel, faltam lhes cores,
Honra, premio, favor, que as artes crião:
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, & se desvião
Do lustre, & do valor dos seus passados,
Em gostos, & vaidades atolados.

Aquelles pays illustres, que ja derão
Principio á geração, que delles pende,
Pella virtude muito então fizerão,
E por deixar a casa, que descende:
Cegos, que dos trabalhos, que tiverão
(Se alta fama, & rumor delles se estende)
Escuros deixão sempre seus menores,
Com lhas deixar descanços corruptores.

Outros

41

Outros também ha grandes, & abaftados,
Sem nenhum tronco illustre d'onde venhão;
Culpa de Reys, que às vezes a privados
Dão mais, q' a mil, q' esforço, e saber tenham
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo q' cores vans lhes não convenhão,
E como a seu contrario natural,
Aa pintura, que falla, querem mal.

42

Não nego, que ha com tudo descendentes
Do generoso tronco, & casa rica,
Que com costumes altos, & excellentes,
Sustentão a nobreza, que lhes fica:
E se a luz dos antigos seus parentes,
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura,
Mas destes acha poucos a pintura.

43

Affí está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a donda mão tão claros, tão perfeitos
Do singular artifice alli pinta:
Os olhos tinha prontos, & direitos,
O Catual na historia bem distinta,
Mil vezes perguntava, & mil ouvia,
As gostosas batalhas, que alli via.

Mas

44

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a lampada grande se escondia
Debaixo do Orizote, & luminosa
Levava aos antipodas o dia:
Quando o Gentio, & a gente generosa,
Dos Naires da nao forte se partia
A buscar o reponso, que descansava
Os lassos animaes, na noite mança.

45

Entre tanto os Aruspices famosos,
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevêm sempre os casos duvidosos,
Por sinaes diabolicos, & indicios;
Mandados do Rey proprio, estudiosos
Exercitavão a arte, & seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

46

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Lugo perpetuo, eterno cativoiro,
Destruição de gente, & de valia:
Vaife espantado o atonito agoureiro,
Dizer ao Rey (segundo o que entendia)
Os finais temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.

A isto

47

A isto mais se ajunta, que hum devoto
Sacerdote da ley de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede:
Em forma do Profeta falso, & noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Bacco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda senão dece.

48

E diz lhe assi; Guardaivos gente minha,
Do mal, que se aparelha pello imigo,
Que pellas agoas humidas caminha,
Antes, que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho, mas consigo
Cuida, que não he mais, que sonho usado,
Torna a dormir quieto, & sossegado.

49

Torna Bacco dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos bautizados?
Eu por ti tudo vello, & tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serão mui grande dano
da ley, que eu dei ao nescio povo humano.

S

Em

50

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae, facilmente
Se pôde nelle pôr a aguda vista:
Porem depois que sobe claro, & ardente,
Se a agudeza dos olhos o conquista
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis.

51

Isto dito, elle, & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno.
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno:
Tanto que a nova luz, que ao Sol procede,
Mostrâra rosto angelico, & sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quaes, do que souhou dá cõta estreita.

52

Diversos pareceres, & contrarios
Alli se dão, segundo o, que entendião,
Astucias, traições, enganos varios.
Prefidias inventavão, & tecião:
Mas deixando concessos temerarios,
Destruição da gente pertendião,
Por manhas mais sutis, & ardís melhores,
Com peitas adquirindo os Regedores.

Com

53

Com peiras,ouro, & dadivas secretas,
Concilião da terra os principais,
E com razões notaveis, & discretas,
Mostrão ser perdição dos naturais:
Dizendo, que são gentes inquietas,
Que os mares discorendo Occidentais,
Vivem sò de piráticas rapinas,
Sem Rey, sem leys humanas, ou divinas.

54

O quanto deve o Rey que bem governa,
De olhar, que os conselheiros, ou privados
De consciencia, & de virtude interna,
E de sincero amor sejão dotados:
Porque como esté posto na superna
Cadeira, pôde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

55

Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa, & certa,
Que se eleve nũ pobre, & humilde mato,
Onde ambição a caso ande encuberta;
Que quando hũ bõ é tudo he justo, & sãto,
Em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia em só Deos pronta.

S 2

Mas

Mas aquelles avaros Catuais,

Que o Gentilco povo governãvao,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatãvao:
Mas o Gama, que não pertende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenãvao,
Que levar a seu Rey hum final certo,
Do mundo, que deixava descoberto.

Nisto trabalha só, que bem sabia.

Que depois que levasse esta certeza,
Armas, & naos, & gentes mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza:
Com que a seu jugo, & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle não era mais, que hũ diligente,
Descubridor das terras do Oriente:

Fallar ao Rey Gentio determina,

Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse:
O Rey, que da uoticia falsa, & indina,
Não era de espantar se se espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros.

Este

59.

Este temor lhe esfria o baixo peito,
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está logeito,
Hum desejo immortal lhe acende, & atiga:
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, & com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rey dos Lusitanos.

60.

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres,
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Exêcuta o dinheiro seus poderes:
O grande Capitam chamar mandava,
A quem chegado disse: Se quizeres
Confessarme a verdade limpa, & nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

61.

Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu Rey me deste, que he fingida,
Porque nem tu tens Rey, nê patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida:
Quem da Esperia ultima alongada,
Rey, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometer com naos, & frotas,
Tam incertas viagens, & remotas?

S 3

E se

E se de grandes Reynos poderosos
O teu Rey tem a regia Magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças, & doês altos luntuosos
Se lia dos Reys altos a amizade,
Que final, nem penhor, não he bastante,
As palavras de hum vago navegante.

Se por ventura vindes desterrados,
Como ja forão homens de alta sorte,
Em meu Reyno sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizeimo, sem temor de infamia, ou morte,
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama, que ja tinha
Sospeitas das infidias, que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo, que tão mal o Rey cuidava:
Cũa alta confiança, qual convinha
(Com que seguro credito alcançava)
Que Venus Aci dalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria.

65

Se os antigos delitos, que a malicia
Humana cometeo na prisca idade,
Não causarão, que o vaso da nequicia
(Açoute tão cruel da Christandade)
Viera por perpetua inimicicia,
Na geração de Adam, co a falsidade,
O poderoso Rey da torpe seita,
Não conceberas tu tão má sospeita.

66

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, & em todo effeito
Segue a temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito:
Me mostras tu tão pouca confiança,
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Senão creffes, a quem crer não devias.

67

Porque se eu de rapinas sò vivesse
Vndivago, ou da patria desterrado,
Como crês, que tam longe me viesse.
Buscar assento incognito, & apartado:
Porque esperanças, ou porque interesse
Viria exprimentando o mar irado,
Os Anfaréticos frios, & os ardores,
Que sofrem do Carneiro os moradores?

S 4

Se

Se com grandes presentes de alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais q' achar o estirado clima
Onde a natura poz teu Reyno antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
q' eu torne à minha patria, & Reyno antigo,
Então verás o dom soberbo, & rico,
Com que minha tornada certifico.

Se te parece inopinado feito,
Que Rey da ultima Hesperia a time mãe
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possível tem por grande:
Bem parece, que o nobre, & grão cõceito,
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, & fê de mais alteza;
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reys nossos firmemente propuzerão
De vencer os trabalhos, & perigos;
Que sempre a grandes cousas se opuzerão:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretendêrão
De saber, que fim tinhão, & onde estavão
As derradeiras prayas, que lavavão.

71

Conceito digno foi de ramo claro,
Do venturoso Rey, que arrou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro:
Este por sua industria, & engenho raro,
Num madeiro, ajuntando outro madeiro,
Descobriu pede a parte, que faz clara
De Aigos, da Ydra a luz, da Lebie, & da Ara.

72

Crecendo cos successos bons primeiros
No peito as ousadias descobrião
Pouco, & pouco caminhos estrangeiros,
Q' hũs succedẽdo aos outros proseguirão
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flamas virão,
Forão vistos de nòs, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

73

Aff com firme peito, & com tamanho
Proposito vencemos a fortuna,
Atê que nòs no teu terreno estranho
Viemos pór a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifca, & importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rey de ti levemos.

Esta

74

Esta he a verdade, Rey, que não faria
Por tão incerto bem tão fraco premio,
Qual não sendo isto assi esperar podia,
Tão longo, tão fingido, & vão proemio:
Mas antes descançar me deixaria
Nonunca descançado, & fero gremio
Da Madre Thetis, qual pirata iniquo
Dostrabalhos alheos feito rico.

75

Assi que, ò Rey, se minha gram verdade
Tens por qual he, sincera, & não dobrada,
Ajuntame ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão, que está provada,
Que com claro juizo pôde verse,
Que facil he a verdade de entenderse.

76

Atento estava o Rey na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na authoridade gram valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corrutos mal julgados

77

Juntamente a cobiça do proveito
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeito
Co Capitão, & não co Mouro engano:
Em fim ao Gama manda, que direito
Aas naos se vâ & seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pella especiaría troque, & venda,

78

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos Reynos Gangeticos faleça,
Se algũa traz idonea lâ da banda
Donde a terra se acaba, & o mar começa:
Ia da Real presença veneranda,
Se parte o Capitão, para onde peça
Ao Carual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua estâ de largo.

79

Embarcaçã o, que o leve ás naos lhe pede,
Mas o mao Regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças, & embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios passos,
Onde, sem que seu Rey tenha noticia,
Faça o que e lhe ensinar sua malicia.

Lâ

Lá bem longe, lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differisse:
Ia com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gento contentisse
Na manutenção dos Mouros torpe, & fera,
O que d'elle até li não entendêra.

Era este Catual hum dos que estavão
Corrutos pella Mahometana gente,
O principal, por quem se governavão
As Cidades do Samoiá potente:
Delle sòmente os Mouros esperavão
Effeito a seus enganos torpemente,
Elle, que no conceito vil conspira,
De suas esperanças não delira.

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas naos, & não lhe val,
E que assim lhe mandára lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razão lhe impede, & lhe differe,
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo, que os Reys ja tem mandado,
Não pôde ser por outro derogado.

83

Pouco obedeceo Catual corruto

A taes palavras, antes revolvendo
Na fantasia algum sutil, & astuto
Engano, diabolico, & estupendo:
O como banhar possa o ferro bruto,
No sangue avorrecido, estava vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abraçasse,
Porque nenhũa á patria mais tornasse.

84

Que nem hum torne à patria sò pertende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoe o Rey dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, q' lho defende
O Regedor dos Barbaros profanos,
Nem sem licença sua irse podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

85

Aos brados, & razões do Capitão,
Responde o idolatra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estão,
Porque melhor dali fosse, & tornasse:
Sinal he de inimigo, & de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo, & fido amigo,
He não temer do seu nenhum perigo.
Nef-

Nestas palavras o discreto Gama,
Enxerga bem que as naos deseja, perto
O Catual, porque com ferro, & flama
Lhas affalte, por odio descube to:
Em varios pensamentos se derrama,
Fantasiando estâ remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
Tudo temia, tudo emfim cuidava.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal feroso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso:
E sendo da ociosa mão movido,
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, & telhado,
Tremulo aqui, & alli deffossegado,

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praya cos bateis, como ordenara;
Logo secretamente lhe mandava
Que se tornasse à frota, que deixara.
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Mahometanos.

89

Tal hade ser, quem quer co dom de Marte
Imitar os illustres, & iguallalos
Voar co pensamento a toda a parte,
Adevinhar perigos, & evitalos;
Com militar engenho, & sutil arte,
Entender os inimigos, & enganalos,
Crier tudo em fim, que nunca louvarei
O Capitão, que diga não cuidei.

90

Insiste o Malabar em telo preso,
Senão manda chegar â terra a armada,
Elle constante, & de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada,
Lhe andar armando, que por em ventura
Afrota de seu Rey, que tem segura.

91

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena,
De se tornar ao Rey, mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena;
Cometelhe o gentio outro partido,
Temendo de seu Rey castigo, ou pena
Se sabe esta malicia a qual afinda,
Saberà se mais tempo alli o detinha.

Diz

92

Dizlhe, que mande vir toda a fazenda
Vendivel, que trazia pera a terra,
Para que devagar se troque, & venda,
Que quẽ não quer commercio, busca guerra:
Posto que os maos propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co a fazenda a liberdade.

93

Concertãose, que o negro mande dar
Embarcações idoneas. com que venha,
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadias a bulcar
Mercadoria Ispana, que convenha,
Esereve a seu irmão, que lhemandasse,
A fazenda, com que se resgatasse.

94

Vem a fazenda á terra aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ella fica Alvaro, & Diogo,
Que a pudessem vender, pelo que val:
Se mais, que obrigação, q̃ mando, & rogo,
No peito vil o premio pôde, & val,
Bem o mostra o Gentio, a quem o entenda
Pois o Gama soltou pella fazenda.

Por

95

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior, do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse:
Elle vendo que ja lhe não convinha
Tornar á terra, porque não pudesse
Ser mais retido, sendo às naos chegado,
Nellas estar se deixa descançado.

96

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Atè ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia ja do cobizioso
Regedor corrompido, & pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso,
Quanto no rico, assí como no pobre
Póde o vil interesse, & sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro mata o Rey Threicio,
Sò por ficar senhor do gram thesouro,
Entra pello fortissimo edificio,
Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
Póde tanto em Tarpeya o avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, & louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Da qual quasi afogada em pago morre.

T

Este

Este rende munidas fortalezas,
Faz trédores, & falsos os amigos,
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitaens aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de hōra, ou fama algũs perigos,
Este deprava às vezes as sciencias,
Os juizos cegando, & as consciencias.

Este interpreta mais, que sutilmente
Os textos, este faz, & desfaz leys,
Este causa os prejuizos entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reys:
Atè os que sō a Deos Onnipotente
Se dedicaõ, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, & illude,
Mas não sem cor com tudo de viiude.

CANTO IX.

A R G V M E N T O.

*Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meyo do tumido Oceano,
Venus lhe mostrahũa Insula excellente:
Aqui de todo bem sofrido dano,
Acha repouso assaz conveniente,
E com Ninfas gentis o mais do dia
Em festas passa, & jogos de alegria.*

I

T I verão longamente na Cidade,
Sem vêderse a fazêda, os dous feitores,
Que os infieis por manha, & falsidade,
Fazem, que não lha comprẽ mercadores:
Que todo seu proposito, & vontade
Era de ter allli os descubridores
Da India, tanto tempo, que vi ssem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

T 2

Lã

Lá no seyo Eritreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypto Ptolomeu,
Do nome da irmã sua allí chamada,
Que depois em Suez se converteu:
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa, & profana,
Da religiosa agoa Mahometana.

Gidà se chama o porto, aonde o trato
De todo o roxo mar, mais florescia,
De que tinha proveito grande, & grato.
O Soldão, que esse Reyno possuía:
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naos, pello Indico Occeano,
Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperavão,
Que como fossem grandes, & possantes.
Aquelles, que o commercio lhe tomavão,
Com flamas abraassem crepitantes
Neste socorro tanto confiavão,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo allí tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

Mas

5

Mas o Governador dos Ceos, & gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meys dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado:
Influo piedosos accidentes,
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraíso.

6

Este, de quem se os Mouros não guardavão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavão,
A tenção lhe descobre torpe, & fera:
Moitas vezes às naos, que longe estavam,
Visita, & com piedade considera
O dano, & sem razão, que se lhe ordena
Pella malina gente Sarracena.

7

Informa o cauto Gama das armadas,
Que da Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Pata ser instrumento deste dano:
Dizlhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovoês horrendos de Vulcano,
E que pôde ser dellas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

T 3

O

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho ja não esperava
Melhor do Rey, q os Mahometanos ama:
Aos feitores, q em terra estão, mandava,
Que se tornem às naos, & porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhes manda, que a fizessem escondida.

9

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse com verdade,
Que foraõ presos os feitores, quando
Forão sentidos virse da Cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represaria nuns, que às naos vierão
A vender pedraria, que trouxerão.

10

Eraõ estes antigos mercadores,
Ricos em Calecut, & conhecidos,
Da falta delles, logo entre os melhore
Sentido foi, que estão no mar retidos;
Mas ja nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, & repartidos
Pello trabalho, huns puxão pella amarra,
Outros quebrão co peito duro a barra.

Outros

II

Outros pendem da verga, & ja desatão
A vella, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rey relatão
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres, & filhos, que se matão
Daquelles, que vão presos, aonde estava
O Samorî, se queixão, que perdidos
Huns tem os pays, as outras os maridos.

12

Manda logo os feitores Lusitanos,
Com toda sua fazenda livremente,
A pesar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Disculpas manda o Rey de seus enganos,
Recebe o Capitão de mel hormente
Os presos, que as disculpas, & tomando
Alguns negros, se parte, as vellas dando.

13

Partese costa abaixo, porque entende,
Que em vão co Rey gentio trabalhava,
Em querer d'elle paz, a qual pretende
Por tomar o comercio, que tratava:
Mas como aquella terra, que se estende
Pella Aurora sabida ja deixava;
Com estas novas torna á patria cara,
Certos sinaes levando, do que achára.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samoi mandâra,
Quando os presos feitores lhe tornou,
Leva pimenta ardente, que comprâra:
A seca flor de Banda não ficou,
A Noz, & o negro Cravo, que faz clara
A nova Ilha Maluco, co a Canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, & bella.

Isto tudo lhe hou vera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva,
Que inspirado de Angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva:
O ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou de escura treva,
E tam longe da patria achou maneira
Para subir à patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente côsta,
As venturosas naos levando a proa
Para onde a natureza tinha pôsta
A meta Austrina da esperanza boa;
Levando alegres novas, & reposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, timidos, & ledos.

17

O prazer de chegar à patria cara,
A seus penates caros, & parentes,
Para contar a peregrina, & rara
Navegação, os varios Ceos, & gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhâra
Por tão longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum o tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

18

Porém a Deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, & por bom genio dada,
Que sempre os guia ja de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava ja ordenando, & pretendia
Darhe nos mares tristes alegria.

19

Depois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegárão,
Os trabalhos, que pello Deos nacido,
Nas Anfitoneas Thebas se causárão:
Ia trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passárão,
Buscarlhe algum deleite, algum descanso
No Reyno de cristal liquido, & manço.
algum

Algun repouso em fim, com que pudesse
Refucilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Dos trabalhos, que incurta a brevidade:
Parecelhe razão, que conta dèsse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deos faz decer ao vil terreno,
E os humanos subir ao Ceo sereno.

Isto bem revolvido, determina
De ter lhe aparelhada là no meyo
Das agoas, algũa Insula divina,
Ornada de esmaltado, & verde arreyo:
Que muitas tem no Reyno, que confina
Com a primeira do terreno seyo,
A fôra as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

Alli quer, que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos varoens,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos coraçoens;
Com danças, & coreas, porque nella
Influirã secretas afeiçãos,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar, a quem se afeioarem.

23

Tal manhã buscou já, para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço por sutil partido:
Seu filho vai buscar, porque sò nelle
Tem todo seu poder (fero Cupido)
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou já, nestoutra a ajude, & siga.

24

No carro junta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas, em que já foi convertida,
Peristera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deosa já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando
Ella por onde passa o ar, & o vento
Serenó faz, com brando movimento.

25

Ia lá sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frêcheiro estava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer hũa famosa expedição,
Contra o mundo rebelde, porque entende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos serão dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

Via

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Fuge da gente, & bella forma humana:
E por castigo quer doce, & severo,
Mostrarlhe a fermosura de Diana,
E guarde-se não seja inda comido
Desses caes, que agora ama, & consumido.

E vê do mundo todo os principaes,
Que nenhum ao bem publico imagina,
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si sômente, & a quẽ Filauicia ensina:
Vê, que esses, que frequentão os reaes
Paços, por verdadeira, & lã doctrina,
Vendem adulação, que mal consente
Mondarse o novo trigo florecente.

Vê, que aquelles, que devem à pobreza
Amor divino, & ao povo charidade,
Amão sômente mandos, & riqueza,
Simulando justiça, & integridade:
Da fea tyrania, & da alpereza,
Fazem direito, & vãa severidade,
Leys em favor do Rey se estabelecem,
As em favor do povo sò perecem.

29

Vê em fim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releve,
O castigo, que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes à peleja,
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

30

Muitos destes mininos voadores
Hião em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros asteas de ferro adelgaçando:
Trabalhando, cantando vão de amores
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suave a letra, angelica a roada.

31

Nas fragoas immortaes, onde forjavão
Para as setas as pontas penetrantes
Por lenha, corações ardendo estavão,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros tempetavão,
Lagrimas são de miseros amantes,
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo he só, que queima, & não consume.

Alguns.

Alguns exercitando a mão andavão
Nos duros coraçõens da plebe dura, *ruda*
Crebros suspiros pello ar soavão,
Dos que feridos vão da seta aguda:
Fermosas Ninfas são, as que curavão
As chagãs recebidas, cuja ajuda
Não sòmente dà vida aos mais feridos,
Mas poem em vida os inda não nacidos.

Fermosas são algũas, & outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pellas veas,
Curãono às vezes asperas triagas:
Alguns ficão ligados em cadeas,
Por palavras subtis de sabias Magas,
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertão de levar ervas secretas.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nacem amores mil desconcertados,
Entre o povo ferido miserando:
E tambem nos heroes de altos estados,
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças Bibli, & Cynirèa,
Hum mancebo de Affria, ou de Iudèa.

E vós,

35

E vòs, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes,
E por baixos, & rudes vòs, senhoras,
Tambem vos tomão as Vulcaneas redes:
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados, & paredes,
Mas eu creio, que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy, que a do minino.

36

Mas ja no verde prado o carro leve
Punhão os brancos Cisnes mançamente,
E Dióne, que as rosas entre a neve,
No rosto traz, decia diligente:
O frécheiro, que contra o Ceo se atreve,
A recebela vem ledo, & contente,
Vem tados os Cupidos servidores
Beijar a mão á Deosa dos amores.

37

Ella porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz, amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada:
Filho, em quem minhas forças sêpre estão,
Tu, que as armas Tifeas tens em nada,
A socorrerme a tua potestade,
Me traz especial necessidade.

Bem

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
 Que eu ja de muito longe favoreço,
 Porque das Parcas sei minhas amigas,
 Que me hão de venerar, & ter em preço:
 E porque tanto imitão as antigas
 Obras, de meus Romanos, me offereço
 A lhes dar tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o poder nollo.

E porque das infidias do odioso
 Bacco, forão na India molestados,
 E das injurias sós do mar undoso,
 Puderão mais ser mortos, que cançados:
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam repousados,
 Tomando aquelle premio, & doce gloria
 Do trabalho, que faz clara a memoria.

E para isso queria, que feridas
 As filhas de Neréo, no ponto fundo,
 Do amor dos Lusitanos encendidas,
 Que vem de descobrir o novo mundo;
 Todas numa Ilha juntas, & subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei aparelhada,
 De doês de Flora, & Zefiro adogada.

41

Alli com mil refrescos, & manjares,
 Com vinhos odoriferos, & rosas,
 Em cristalinos paços singulares,
 Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:
 Em fim com mil delertes não vulgares,
 Os esperem as Ninfas amorosas,
 De amor feridas, para lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

42

Quero que haja no Reyno Neptunino,
 Onde eu naci, progenie forte, & bella,
 E to me exemplo o mundo vil, malino,
 Que contra tua potencia se rebela:
 Porque entendão, que muro adamantino,
 Nem triste hypocrisia val contra ella,
 Mal haverá na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas agoas arde.

43

Assi Venns propoz, & o filho iniquo,
 Para lhe obedecer já se apercebe,
 Manda trazer o arco eburneo rico,
 Onde as setas de pontas de ouro embebe:
 Com gesto ledo a Cypria, & impudico,
 De troço d'arro o filho seu recebe
 A redea larga às aves, cujo canto,
 A Fierona morte chorou tanto.

V

Mas

44

Mas, diz Cupido, que era necessaria
Hũa fermosa, & celebre terceira,
Que posto q mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas tem por companheira:
A Deosa Gigantea temeraria,
lactante, mentirosa, & verdadeira,
Que cõ cem olhos vê, & por onde voa,
O que vê com mil bocas apregoa.

45

Vãona buscar, & mandãonadiante,
Que celebrando vã com tuba clara:
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os doutrẽ celebrãra
lã murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhãra,
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a Deosa traz Credulidade.

46

O louvor grande, o rumor excellente,
No coração dos Deoses, que indinados
Forão por Bacco contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco affeiçãoados:
O peito feminino, que levemente
Muda quaisquer propositos tomados,
lã julga por mau zelo, & por crueza
Dejar mala tanta fortaleza.

Despede

47

Despede nisto o fero moço as setas,
Hũa apoz outra, geme o mar cos tiros,
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, & algũas fazem giros:
Caem as Ninfas, lançaõ das secretas
Entranhas ardentissi mos suspiros,
Cae qualquer, sem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a vista póde a fama.

48

Os cornos ajuntou da eburnea lúia,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis, quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva:
Iã não fica na aljava seta algũa,
Nem nos equoreos campos Ninfa viva,
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir, que vão morrendo.

49

Dai lugar altas, & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente amor, á flama feminina,
He forçado, que a pudicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

V 2

Iã

50

Ia todo o bello coro se aparelha
Das Nereidas, & junto caminhava
Em coreas gentis, usança velha,
Para a Ilha, a que Venus as guiava:
Alli a ferosa Deosa lhe aconselha,
O que ella fez mil vezes, quando amava,
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

51

Cortando vão as naos a larga via:
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando prover-se de agoa fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria
Houverão vista da Ilha namorada,
Rompendo pello Ceo a mãy ferosa
De Memnonio suave, & de leitosa.

52

De longe a Ilha virão fresca, & bella,
Que Venus pellas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vella)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque não passassem sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegação a movia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

Mas

53

Mas firme a fez, & immovel, como vio,
Que era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Febo, & a Deosa á caça usada:
Pera lá logo a proa o már abriu;
Onde a costa fazia hũa enceáda
Curva, & quieta, cuja branca arêa,
Pintou de ruivas conchas Cytherêa.

54

Tres fermosos outeiros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavão,
Na fermosa Ilha alegre, & delectosa:
Claras fontes, & liquidas manavão
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se diriva,
A sonora lympha fugitiva.

55

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende:
Tão bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está pera enfeitar-se,
Vendose no cristal resplandecente,
Que em fim o está pintado propriamente.

V 3

Mil

56

Mil arvores estão ao Ceo subindo
Com pomos odoríferos, & bellos,
A lorangeira tem no fruto lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encostase no chão, que está cahindo
A cidreira cos pesos amarelllos,
Os fermosos limoões, alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

57

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem cõ frondente coma ennobrecidos,
Alamos são de Alcides, & os Loureiros
Do louro Deos amados, & queridos:
Mirtos de Cytherêa cos pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos,
Estão apontando o agudo Cypariso
Para onde he posto o etereo Paraíso.

58

Os doens, que dá Pomona, alli natura,
Produze diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura,
As amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Persia veyo,
Melhor tornado no terreno alheyo.

abre

59

Abre a Romãa, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Ruby teu preço perdes,
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide cūs cachos roxos, & outros verdes;
E vòs se na vossa arvore fecunda,
Peraspiramidais, viver quiserdes,
Entregaivos ao dano, que cos bicos
Em vòs fazem os passaros iniquos,

60

Pois a tapeffaria bella, & fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno,
Alli a cabeça a flor Cefisia inclina,
Sobolo tanque lucido, & sereno,
Florece o filho, & neto de Cyniras,
Porquem tu, Deosa Pafia, inda suspiras.

61

Para julgar difficil cousa fora,
No Ceo vêdo, & na terra as mesmas cores
Se dava às flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores;
Pintando estava alli Zefiro, & Flora
As violas da cor dos amadores,
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

V 4

e can.

A candida Cecem das matutinas
Lagrimas rociada, & a Manjarona;
Vem-se as letras nas flores Hyacintinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos & boninas,
Que competia Cloris cō Pomona;
Pois se as aves no ar cantando voão,
Alegres animais o chão povoão:

Ao longo da agoa o niveo Cisne canta,
Respondelhe do ramo Filomella,
Da sombra de seus cornos não se espanta,
Acteon n' agoa cristalina, & bella:
Aqui a fugace Lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida Gazella,
Alli no bico tráz ao cáro ninho,
O mantimento o leve passarinho.

Nesta frescura tal desembarcãvã
Ià das nãos os segundos Argonautas,
Onde pella floresta se deixãvã
Andar as bellas Deosas, como incautas:
Algũas doces cytharas tocãvã,
Algũas arpas, & sonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro se fingião
Seguir os animais, que não leguião.

65

Afflho aconselhára a mestra experta,
Que andassem pellos campos espalhadas;
Que vistas dos varões a preza incerta,
Se fizessem primeiro dezejadas:
Algũas, que na forma descuberta
Do bello corpo estavão confiadas,
Deposta a artificiosa fermosura,
Nũas lavar se deixão na agoa pura.

66

Mas os fortes mancebos, que na praya
Punhão os pés da terra cobiçosos,
Que não hà nenhũ delles, que não sayá,
De acharem caça agreste desejosos:
Não cuidão que sem laços, ou redes caya,
Caça naquelles montes deleitosos,
Tão suave domestica, & benina,
Qual ferida lha tinha já Ericina.

67

Alguns, que nas espingardas, & nas bêstas
Para ferir os Cervos se fiavão,
Pellos sombrios matos, & florestas,
Determinadamente se lançavão:
Outros nas sombras, que das altas seftas
Defendem a verdura passeávão,
Ao longo da agoa, que suave, & queda,
Por alvas pedras corre à praya leda.

Começão

Começão de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos varias cores,
Cores, de quem a vista julga, & sente,
Que não eram das rosas, ou das flores:
Mas da lãa fina, & seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendose por arte mais fermosas.

Dâ Veloso espantado hum grande grito,
Senhores, caça estranha, disse, he esta,
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A Deosas he sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do que humano espirito
Desejou nunca, & bem se manifesta,
Que são grandes as cousas, & excellentes,
Q' o mudo encobre aos homẽs imprudẽtes

Sigamos estas Deosas, & vejamos,
Se fantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito, velozes mais, que gamos,
Se lanção a correr pelas ribeiras:
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco, & pouco surrindose, & gritos dando,
Se deixaõ hir dos galgos alcançando.

71

De hũa os cabellos de ouro o vento leva
 Correndo, & da outra as fraldas delicadas;
 Acendese o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas:
 Hũa de industria cae, & ja releva
 Com mostras mais macias, que indinadas,
 Que sobre ella empeçando tambem caya,
 Quem a seguio pela arenosa praya.

72

Outros por outra parte vão topar,
 Com as Deosas despidas, que se lavaõ,
 Ellas começam subito a mostrar, *gritar*
 Como que assalto tal não esperavaõ:
 Hũas fingindo menos estimar
 A vergonha, que a força, se lançavaõ
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando,
 O que às mãos cobiçosas vão negando.

73

Outra, como acodindo mais depressa
 Aa vergonha da Deosa caçadora,
 Esconde o corpo nagoa, outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fôra:
 Tal dos mancebos ha que se arremessa,
 Vestido assi, & calçado, que co a mora
 De se despir hã medo, que inda tarde,
 A matar na agoa o fogo, que nelle arde.

Qual

74

Qual cão de caçador, sagaz, & ardido,
Usado a tomar na agoa ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Para a Garcenha, ou Pata conhecida:
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta na agoa, & da preza não duvida,
Nadando vai, & latindo, assi o mancebo
Remete, a que não era irmã de Febo.

75

Leonardo soldado bem desposto
Manhoso cavaleiro, & namorado,
A quem amor não dêra hum sò degosto,
Mas sempre fora delle maltratado:
E tinha já por firme presuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança,
Deinda poder seu fado ter mudança.

76

Qu'z aqui sua ventura, que corria
Apoz Efire, exemplo de belleza,
Que mais caro, que as outras dar queria,
O que deo pera dar-se à natureza:
Iâ cansado correndo lhe dizia,
O fermosura indina de a' pereza,
Pois desta vida tẽ concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

Todas

77

Todas de correr canção, Ninfa pura,
Rendendose à vontade do inimigo,
Tu só de mi sò foges na espessura,
Quem te disse, que eu era o que te figo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda parte sempre anda comigo,
O não na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

78

Não cances, que me canças, & se queres
Fugirme, porque não possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda q esperes,
Ella fará que não possa alcançarte:
Espera, quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo buscas de escaparte,
E notarás no fim deste successo,
Tra la spica é la man, qual muro é mello.

79

O não me fujas, assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura,
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreve,
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu sò farás não me fugindo?

Poemile

Poemste da parte da desdita minha,
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente;
Levasme hum coração, que livre tinha,
Solramo, & correrás mais levemente:
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas, ou depois de preza,
Lhe mudaste a ventura, & menos peza.

Nesta esperança sò te vou seguindo,
Que, ou tu não sofrerás o peso della,
Ou na vertude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste, & dura estrella:
E se se lhe mudar não vãs fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere,
E se me esperas, não ha mais que espere.

Iá não fugia a bella Ninfa tanto,
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por hir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas, que dizia:
Volvendo o rosto já sereno, & santo,
Toda banhada em riso, & alegria,
Cahir se deixa aos pès do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

O que

83

O que famintos beijos na floresta,
E que mimo so choro, que soava,
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava:
O que mais pãção na menhãa, & na festa,
Que Venus com prazeres inflamava,
Melhor he experimentálo, que julgálo,
Mas julgueo, quẽ não póde exprimentálo.

84

Defta arte em fim conformes já as fermosas
Ninfas cos seus amados navegantes,
Os ornão de capellas deleitosas,
De louro, & de ouro, & flores abundantes:
As mãos alvas lhes dávão como espólas,
Com palavras formais, & estipulantes,
Se prometem eterna companhia,
Em vida, & morte de honra, & alegria.

85

Hũa dellas mayor, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas, & obedece,
Que dizem ser de Celeo, & Vesta filha,
O que no gesto bello se parece:
Enchendo a terra, & o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta, & regia,
Mostrando se senhora grande, & egregia.
Que

Que depois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dandolhe a entender, que alli viera
Por alta influência do immobil fado:
Para lhe descobrir da unida esfera,
Da terra immensa, & mar não navegado,
Os segredos por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia.

Tomando pella mão, o leva, & guia
Para o cume dum monte alto, & divino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
A maior parte aqui passaõ do dia
Em doces jogos, & em prazer contino,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pellas sombras, entre as flores.

Alli a fermosa, & forte companhia,
O dia quasi todo estão passando,
Nũa alma, doce, & incognita alegria,
Os trabalhos tam longos compêlendo:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte, & famosa, o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, nome alto, & subido.

Que

89

Que as Ninfas do Oceano tam fermosas,
 Thetis, & a Ilha angelica pintada,
 Outra cousa não he, que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimada:
 Aquellas preminencias gloriosas,
 Os triunfos, a fronte coroada
 De Palma, & Louro, a gloria, & maravilha,
 Eltes são os deleites desta Ilha.

90

Que as immortalidades, que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama,
 Là no estellante Olimpo, a que subia
 Sobre as azas inclitas da fama:
 Por obras valerosas, que fazia,
 Pello trabalho immenso, que se chama
 Caminho da virtude alto, & fragoso,
 Mas no fim doce, alegre, & deleitoso.

91

Não erão senão premios, que reparte
 Por feitos immortaes, & sobetanos,
 O mundo cos varoẽs, que esforço, & arte,
 Divinos os fizeram, sendo humanos:
 Que Iupiter, Mercurio, Febo, & Marte,
 Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos,
 Ceres, Pallas, & Iuno, com Diana,
 Todos forão de fraca carne humana.

X

Mas

Mas a fama, trombera de obras tais,
 Lhes deu no mundo nomes tão estranhos.
 De Deoses, Semideoses immorraes,
 Indigetes, Heroicos, & de Magnos:
 Por isso, ó vós, que as famas estimais,
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai ja do sono do ocio ignavo,
 Que o animo de livre faz escravo.

E ponde na cobiça hum freo duro,
 E na ambição tambem, que indinamente
 Tomais mil vezes, & no torpe, & escuro
 Vicio da tyrania, infame, & urgente:
 Porque estas honras vans, esse ouro puro,
 Verdadeiro valor não dão à gente,
 Melhor he merecellos sem os ter,
 Que possuillos sem os merecer.

Ou dai na paz as leys iguaes, constantes,
 Que aos grâdes não dem o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos inimigos Sarracenos,
 Fareis os Reynos grandes, & possantes,
 E todos tereis mais, & nenhum menos,
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustrão tão as vidas.
 E fareis.

E fareis claro o Rey, que tanto amaes,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que immortaes
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades não façaes,
Que quẽ quiz sempre pode, & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta Ilha de Venus recebidos.



CANTO X.

ARGUMENTO.

*As mesas de vivificos manjares,
 Com as Ninfas os Lusos Valerosos,
 Ouvem de seus vindouros singulares,
 Façanhas, em acentos numerosos:
 Mostralhe Thetis tudo quanto os mares,
 E quanto os Ceos rodeam luminosos,
 A pequeno volume reduzido,
 E torna a frota ao Tejo tam querido.*

Mas ja o claro amador da Larissea
 Adultera, inclinava os animaes,
 Lá para o grande lago, que rodea
 Temistitam, nos fins Occidentaes:
 O grande ardor do Sol Favonio enfrea
 Co sopro, que nos tanques naturaes,
 Encrespa agoa serena, & despertava,
 Os Lirios, & Iasmins, que a calma agrava.
 Quan?

2

Quando as fermosas Ninfas cos amantes,
Pela mão já conformes, & contentes,
Subiaõ para os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes:
Mandados da Raynha, que abundantes
Mesas, de altos manjares excellentes,
Lhestinha aparelhado, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3

Alli em cadeiras ricas cristalinas
Se assentaõ, dous, & dous, amante, & dama,
Noutras â cabeceira de ouro finas,
Está co a bella Deosa o claro Gama:
De iguarias suaves, & divinas,
A quem não chega a Egipcia antiga Fama
Se accumulão os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

4

Os vinhos odoriferos, que acima
Estaõ, não sò do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Iove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno:
Nos vasos, onde em vão trabalha á lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co a mistura dagoa fria.

X 3

5

Mil práticas alegres se tocávão,
Rizos doces, jurs, & argutos ditos,
Que entre hũ, & outro mājor se levávãõ,
Despertando os alegres apetitos:
Musicos instrumentos não faltávãõ,
Quaes no profundo Reyno os vus espiritos,
Fizeraõ delcançar da eterna pena,
Cũa voz d'hũa angelica Syrena.

6

Cantáva a bella Ninfa, & cõs acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E fazer docemente murmurando
As agoas, & nas cascas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

7

Com doce voz estã subindo ao Ceo
Altos varoẽs, que estãõ por vir ao mundo,
Cujas claras Idéas vio Protheo,
Num globo vão, diafano, & rotundo:
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, & depois no Reyno fundo,
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Mate-

8

Materia he de Coturno, & não de Soco,
A que a Ninfa aprende o no immenso lago
Qual Yòpas não soube, ou Demodóco,
Entre os Feâces hum, outro em Cartago:
Aqui minha Calliope te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do q' escrevo, & em vão pretêdo
O gosto de escrever, que vou perdendo.

9

Vão os annos decendo, & já do Estio
Ha pouco, que passar até o Otono
A Fortuua me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, & eterno sono,
Mas tu me dá que cumpra ò graõ Raynha
Das musas, co que quero à nação minha.

10

Cantava a bella Deosa, que viriaõ
Do Tejo pelo mar, que o Gama abriã,
Armadas; que as ribeiras venceriaõ,
Por onde o Occeano Indico suspira:
E que os Gentios Reys, que não dariaõ
A cerviz sua ao jugo, o ferro, & ira,
Provariaõ do braço duro, & forte,
Atè renderse a elle, ou logo à morte.

X +

Can.

Cantava de hum, que tem nos Malabares
Do sumo sacerdocio a dinidade,
Que sô por não quebrar cos singulares
Varoës os nòs, que dêra de amizade:
Sofrerà suas cidades, & lugares,
Com ferro, incendios, ira, & crueldade,
Ver destruir do Samorì potente,
Que tais odios terá co a nova gente.

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O graõ Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria
O curvo lenho em o fervido Oceano,
Quando mais n'agoa os troncos, q gemetẽ
Contra sua natureza se meterem.

Mas já chegado aos fins Orientais,
E dexado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado, & curvo rio:
Desbaratarà os Naires infernais,
No passo Cambalão, tornando frio
Despanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tam pouca gente.

14

Chamará o Samorí mais gente nôva,
 Virão Reys de Bipúr, & de Tanor,
 Das serras de Narsinga, que alta próva
 Estarão prometendo a seu senhor:
 Para que todo o Norte em fim se mova,
 Que entre Calecut jáz, & Cananor,
 Dambas as leys imigas, para a guerra,
 Mouros por mar, Gentios pela terra.

15

E todos outra vez desbaratando
 Por terra, & mar, o graõ Pacheco ousado,
 A grande multidão, que i já matando,
 A todo o Malavar terá admirado:
 Cometerá outra vez não dilatando
 O Gentio os combates apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos (tos.
 Em vão aos Deoses vãos, surdos, & immo-

16

Já não defenderá sómente os passos,
 Mas queimarlheha lugares, templos, casas,
 Acelo de ira o Cão, não vendo lassos,
 Aquelles, que as cidades fazem razas:
 Fará, que os seus de vida pouco escassos
 Cometaõ o Pacheco, que tem asas,
 Por dous passos num tempo, mas voando,
 D'hum noutro, tudo irá desbaratando.

Virà

Virà alli o Samorì porque em pelloa,
 Veja a batalha, & os seus esforce, & anime,
 Mas hum tiro, que com zonido voa,
 De sangue o tingirá no andar sublime;
 Já não verá remedio, ou manha boa,
 Nem força, que o Pacheco muito estime,
 Inventará traicões, & vãos venenos,
 Mas sempre, o Ceo querendo, fará menos.

Que tornará a vez septima, cantava,
 Pelejar co invito, & forte Luso,
 A quem nenhum trabalho peza & agrava,
 Mas com tudo, este só o fará confuso;
 Trará para a batalha horrenda, & brava,
 Maquinas de madeiros fora de uso,
 Para lhe zabakroar as Caravelas,
 Que até livraõ lhe fora cometellas.

Pela agoa levá a terras de fogo,
 Para a brazar lhe quanta armada tenha,
 Mas a militar arte, & engenho, logo
 Fará ser van a braveza com que venha
 Nenhum claro varaõ no Marcio jogo
 (Que nas azas da Fama se sustenha)
 Chega a este, que a palma a todos tóma,
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

20

Porque tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, & artes inventadas,
 Tantos Cães não imbelles profligados,
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes Còros invocados
 Decerão a ajudallo, & lhe darão,
 Esforço, força, ardil, & coração.

21

Aquell, que nos campos Maratonios
 O graõ poder de Dario estrue, & rende:
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Termopilas defende;
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tulco contende,
 Em defensa da ponte, ou quinto Fabio,
 Foi como este na guerra, forte, & sabio.

22

Mas neste passo a Ninfa o som canoro
 A baixando, fez ronco, & entristecido,
 Cantando em baixa voz envolta em choro,
 O grande esforço mal agradecido:
 Oh Belisario, disse, que no coro
 Das Musas serás sempre engrandecido,
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,
 Aqui tês, com quem pòdes consolarte.

Aqui.

23

Aqui tês companheiro, assi nos feitos,
 Como no galardão, injusto, & duro;
 Em ti, & nelle veremos altos peitos
 A baixo estâdo vir humilde, & escuro:
 Morrer nos hospitais em pobres leitos,
 Os que ao Rey, & á ley servem de muro,
 Isto fazem os Reys, cuja vontade
 Manda mais, que a justiça, & q a verdade.

24

Isto fazem os Reys, quando embebidos
 Nua apparencia branda, que os contenta,
 Dão os premios de Ayace merecidos,
 Aa lingua vam de Vlysses fraudulenta:
 Mas vingome, q os bês mal repartidos,
 Por quem lós doces sombras apresenta,
 Senão os dão a sabios cavaleiros,
 Damnos logo a avarentos lisongeiros.

25

Mas tu, de quem ficou tam mal pagado
 Hum tal vassalle, ô Rey, só nisto iniquo,
 Senão és para darlhe honroso estado,
 He elle para darte hum Reyno riquo;
 Em quanto for o mundo rodeado
 Dos Apollineos rayos, eu te fiquo,
 Que elle seja entre a gente illustre, & claro,
 E tu nisto culpado por avâro.

Mas

Mas eis outro cantava intitulado

Vem com nome Real, & traz consigo

O filho, que no mar será illustrado

Tanto como qualquer Romano antigo:

Ambos darão com braço forte armado

Aa Quiloa fertil aspero castigo,

Fazendo nella Rey leal, & humano,

Deitado fôra o perfido tyrano.

Tambem farão Mombaça, que se arrea

De casas sumptuosas, & edificios,

Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,

Em pago dos passados maleficios:

Depois na costa da Iudia, andando chea,

De lenhos inimigos, & artificios,

Contra os Lusos com vellas, & cõ remos,

O mancebo Lourenço fará estremos.

Das grandes naos do Samorí potente,

Que encherão todo o mar cõ ferrea pella,

Que sae como trovão do cobre ardente,

Fará pedaços leme, masto, & vella:

Depois lançando arpeos ouladamente

Na Capitania imiga, dentro nella

Saltando, a fará sô com lança, & espada,

De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

Mas de Deos a escondida providencia,
Que elle só sabe o bem, de que se serve,
O porã onde esforço, nem prudencia,
Poderã haver, que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue, & resistencia
O mar todo com fogo, & ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não laya,
As armadas de Egypto, & de Cambaya.

Alli o poder de muitos inimigos,
Quo grande esforço, só com força rende,
Os ventos, que saltarão, & os perigos
Do mar, que sobejarão, tudo offende;
Aqui refutjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fôra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro, que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do gram coração, que lhe ficàra;
Atè que outro pilouro quebra os laços,
Com que com a alma o corpo se liàra,
Ella solta voou da prisaõ fôra,
Onde subito se acha vencedora.

32

Vaite alma em paz da guerra turbulenta,
 Na qual tu mereceste paz serena,
 Que o corpo, q em pedaços se apresenta,
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:
 Que eu ouço retumbar agram tormenta,
 Que vem ja dar a dura, & eterna pena,
 De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

33

Eis vem o pay com animo estupendo,
 Trazendo furia, & magoa por antolhos,
 Com q o paterno amor lhe está movendo
 Fogo no coração, agoa nos olhos:
 A nobre ira lhe vinha prometendo,
 Que o sangue fará dar pelos gíolhos
 Nas inimigas naos, sentiloha o Nilo,
 Podeloha o Indo ver, & o Gange ouviloy.

34

Qual o Touro ciolo, que se ensaya
 Para a crua peleja, os cornos tenta,
 No tronco de hum carvalho, ou alta faya,
 E o ar ferindo, as forças exprimenta:
 Tal, antes que no ceyo de Cambaya
 Entre Francisco irado, na opulenta
 Cidade de Dabul, a espada afia,
 Abaixandolhe a tumida ousadia.

E logo

35

E logo entrando fero na enseada
De Dio illustre em cercos, & batalhas,
Fará espalhar a fraca, & grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros, que tu Vulcano espalhas,
Farâ ir ver o frio, & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

36

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verâ braços, & pernas ir nadando,
Sem corpos, pello mar, de seus senhores;
Rayos de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores,
Quanto alli sentirão olhos, & ouvidos,
He fumo, ferro, flamas, & alaridos.

37

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que depois virâ ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a fama, & gloria
Hum successo, que triste & negro vejo;
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Cos ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle espirito,
Que não tirarão toda a India, & Egyto.

Alli

38

Alli Cafres salvagēs poderão,
O que déstros imigos não pudéraõ,
E rudes paos tostados só farão,
O que arcos, & pelouros não fizerão:
Occultos os juizos de Deos são,
As gentes vãs, que não nos entendéraõ,
Chamãolhe Fado mao, Fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

39

Mas ò que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a Ninfa, & a voz alevantava,
Lâ no mar de Melinde em sangue tinto,
Das Cidades de Lamo, de Oja, & Brava:
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Serà seu nome em todo o mar, que lava
As Ilhas do Austro, & prayas, q se chamaõ,
De S. Lourêço, & em todo o Sul se afamão.

40

Esta luz he do fogo, & das luzentes
Armas, cõ q Albuquerque irâ amansando
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes
Que refusaõ o jugo honroso, & brando.
Alli veraõ as setas estridentes
Reciprocarse, as pontas no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deos peleja:
Por quem estende a Fé da Madre Igreja.

Y

Alli

Alli do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praya, & mar se estendê
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:
Atê que a força só do braço aprendem,
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçao de dar o Reyno iniquo
Das perlas de Bârem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que vitoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra van de medo, ou pejo
Toma a Ilha illustrissima de Goa:
Depois obedecendo ao duro ensajo,
A deixa, & occasião espera boa,
Com q̃a torne a tomar, q̃ esforço, & arte
Vencerão a Fortuna, & o proprio Marte.

Eis já sobrella torna, & vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,
Abrindo cõ a espada o espesso, & horrendo
Esquadrao de Gentios, & de Mouros:
Irão soldados inclitos fazendo
Mais que Leoões famelicos, & Touros,
Na luz, que sempre celebrada, & dina
Será de Egicia santa Caterina.

44

Nem tu menõs fugir poderàs deste,
Posto que rica, & posto que assentáda
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeâda:
As setas venenosas, que fizeste,
Os Crises, com que já te vejo armada,
Malayos namorados, Iaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

45

Mais estanças cantàra esta Sirena,
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas lembroulhe hũa ira, que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque:
O grande Capitão, que o Fado ordena,
Que com trabalhos gloria eterna merque
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, & inteiro.

46

Mas em tempo, que fomes, & asperezas,
Doenças, frechas, & trovoões ardentes,
A fazão, & o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes:
Parece de salvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, & insolentes,
Dar extremo suplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade, & amor desculpa.

Y 2

Naõ

Naõ era a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cõa escrava vil lasciva, & escura:
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera, & dura,
Cos seus hãa ira insana naõ refrea,
Poem na Fama alva, noda negra, & fea.

Vio Alexandre Apelles namorado:
Da sua Campaspe, & dalha alegremente,
Naõ sendo seu soldado esprimentado,
Nem vendose num cerco duro, & urgente:
Sentio Ciro, que andava já abraçado
Araspes, de Pantea, em fogo ardente,
Que elle tomãra em guarda, & prometia,
Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo ò illustre Persa, que vencido
Fora de amor, q em fim naõ tem defença,
Levemente o perdoa, & foi servido
Deste num caso grande em recompensa
Por força, de Iudita foi marido
O ferreo Balduino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em cousas grandes,
Que viva, & povoador seja de Frandes.

50

Mas proseguindo a Ninfa o lindo canto,
De Soarez cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, & pôr espanto,
Pellas roxas Arabicas ribeiras:
Medina abominavel teme tanto,
Quanto Meca, & Gidá, co as derradeiras
Prayas de Abassia, Barborâ se teme
Do mal, de que o Emporio Zeila geme.

51

A nobre Ilha tambem da Taprobana,
Ia pelo nome antigo tam famosa,
Quanto agora soberba, & soberana,
Pella cortiça calida, cheirosa:
Della darâ tributo â Lusitana
Bandeira, quando excelsa, & gloriosa,
Vencendo se erguerâ na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tam temida.

52

Tambem Siqueira as ondas Eritrêas,
Dividindo, abrirâ novo caminho,
Para ti grande Imperio, que te arreas
De seres de Candace, & Sabá ninho?
Maçuâ com cisternas de agoa cheas,
Verâ, & o porto Arquico alli vizinho,
E fará descobrir remotas Ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

Y 3

Virá

53

Virá depois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado,
Castigarà de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama em pago do desterro,
Em que estàs, & seràs inda tornado,
Cos titulos de Conde, & de hōras nobres,
Viràs mandar a terra, que descobres.

54

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co a Regia dinidade,
Te tirará do mundo, & seus enganos:
Outro Meneses logo, cuja idade
He maior na prudencia, que nos annos,
Governará, & fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

55

Não vencerá sōmente os Malabares,
Destruindo Panâne, com Coulete,
Cometendo as bombardas, que nos ares
Se vingão só do peito, que as comete:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos dalma todos sete,
De cobiça triunfa, & incontinencia,
Que em talidade he summa excellencia.

Mas

56

Mas depois, que as Estrellas o chamarem,
Succederás, ò forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometote, que fama eterna tenhas:
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o Fado quer, que venhas
A mandar mais de palmas coroado,
Que de Fortuna justa acompanhado.

57

No Reyno de Bintam, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num só dia as injurias de mil annos
Vingarás, co valor de illustres peitos:
Trabalhos, & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, balluartes, lanças, setas,
Tudo fico, que rompas, & sometas.

58

Mas na India cobiça, & ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos, & justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas sò desgosto:
Quem faz injuria vil, & semrazão
Com a força, & poder em que está posto,
Não vence, que a victoria verdadeira,
He saber ter justiça nua, & inteira.

Y 4

Mas

Mas com tudo não nego, que Sampayo
Serà no esforço illustre, & finalado,
Mostrandose no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verà qualhado:
Em Bacanor fará cruel ensayo,
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido delle venha,
Cutiale, com quanta armada tenha.

E não mênos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerâ de grande, & ousada,
Farâ coa vista sò perdida, & rota,
Por Heitor da Silveira, & destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaya sempre armada
Serâ aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foi aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz succederà,
Cunha, que longo tempo tem o leme,
De Chalê as torres altas erguerà,
Em quanto Dio illustre delle treme:
O forte Baçaim se lhe darà,
Não sem sangue, porêm, que nelle geme
Melique, porque à força sò de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

62

Traz este vem Noreonha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio, que o peito, & bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sustenta:
Fará em Noreonha a morte o usado officio,
Quão hũ teu ramo, ô Gama, se exprimeta
No governo do Imperio, cujo zelo,
Com medo o roxo mar fará amarelo.

63

Das mãos do teu Estevão vem tomar
As redeas hum, que ja será illustrado
No Brazil, com vencer, & castigar
O Pirata Francez ao mar usado:
Depois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, & armado
Escalla, & primeiro entra a porta aberta,
Que fogo, & frechas mil terão cuberta.

64

A este o Rey Cambayco soberbissimo,
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo,
Lhe ajude a defender o senhorio:
Depois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rey gentio
De Calecut, que assi com quantos veyo,
O fará retirar de sangue cheyo.

Destruirá

Destruirá a Cidade Repelim,
 Pondo o seu Rey com muitos em fugida,
 E depois junto ao Cabo Comorim,
 Hũa façanha faz esclarecida:
 A frota principal do Sainorim,
 Que destruir o mundo não duvida,
 Vencerá co furor do ferro, & fogo,
 Em si verà Beadalla o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,
 Virà depois com Ceptro a governalla,
 Sem que ache resistencias, nem perigos,
 Que todos tremem d'elle, & nenhum falla:
 Só quiz provar os asperos castigos
 Baticalà, que vira já Beadalla,
 De sangue, & corpos mortos ficou chea,
 E de fogo, & trovoês desfeita, & fea.

Este serà Martinho, que de Marte
 O nome tem co as obras dirivado,
 Tanto em armas illustre em toda parte,
 Quanto em cõselho sabio, & bẽ cuidado:
 Succederlheha alli Castro, que o Estêdarte
 Portuguez terá sempre levantado,
 Conforme successor ao succedido,
 Qu: hũ ergue Dio, outro o desfêde erguido.

68

Perfas ferozes, Abassís, & Rumes,
 Que trazido de Roma o nome tem,
 Varios de gestos, varios de costumes,
 Que mil naçoens ao cerco feras vem:
 Farão dos Ceos ao mudo vãos queixumes,
 Porque huns poucos a terra lhe detem,
 Em sangue Portuguez jurão descridos,
 De banhar os bigodes retorcidos.

69

Basiliscos medonhos, & Leoens,
 Trabucos feros, minas encubertas,
 Sustenta Mascarenhas cos varoens,
 Que tam ledos as mortes tem por certas:
 Até que nas mayores oppressões,
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, & a Deos se sacrificuẽ.

70

Fernando hum delles, ramo de alta planta,
 Onde o violento fogo com ruído,
 Em pedaços os muros no ar levanta,
 Será alli arrebatado, & ao Ceo subido:
 Alvaro, quando o inverno o mundo espãta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
 Os ventos, & depois os inimigos.

Eis

Eis vem depois o pay, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana,
E com força, & saber, que mais importa,
Batalha dà felice, & soberana:
Huns, paredes subindo, escusaõ porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana,
Feitos grandes tão dinos de memoria,
Que não caibão em verso, ou larga historia.

Este depois em campo se apresenta
Vencedor forte, & intrepido ao possante,
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcam do braço triunfante,
Que castigando vai Dabul na costa,
Nem lhe escapou Pondâ no sertão posta.

Estes, & outros varoens por varias partes
Dinos todos de fama, & maravilha,
Fazendose na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triunfantes estendartes,
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,
E acharão estas Ninfas, & estas mesas,
q' glorias, & hōras são de arduas empresas.

74

Assi cantava a Ninfa, & as outras todas
Com sonoro aplauso vozes davão,
Com que festejão as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravaõ:
Por mais que da Fortuna andem as rodas,
Nũa consona voz todas soávaõ,
Naõ vos ha de faltar gente famosa
Honra, valor, & Fama gloriosa.

75

Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na armonica, & doce suavidade,
Viraõ os altos feitos, que descobre:
Thetis de graça ornada, & gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre:
As festas deste alegre, & claro dia,
Para o felice Gama assi dizia.

76

Fazte mercê, varaõ a Sapiencia
Suprema, de cos olhos corporaes
Veres, o que naõ pôde a vam sciencia
Dos errados, & miseros mortaes:
Sigume firme, & forte, com prudencia
Por este monte espedro, tu cos mais:
Assi lhe diz, & o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

Na

Não andão muito, que no erguido cumê
 Se achâraõ, onde hum campo se esmaltáva
 De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
 A vista, que divino chaõ pisava:
 Aqui hum Globo vem no ar, que o lume
 Claríssimo por elle penetráva,
 De modo, que o seu centro estâ evidente,
 Como a sua superficie claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxergase bem, que está composto
 De varios orbes, que a divina verga
 Compoz, & hũ centro a todos só tẽ posto:
 Volvendo, ora se abaixe, agora se erga
 Nũqua s'ergue, ou s'abaixa, & hum mesmo
 Por toda parte tẽ, & em toda parte (rosto,
 Começa, & acaba, em fim, por divina arte.

Vniforme, perfeito, em si sofstido,
 Qual em fim o Archetipo, que o creou
 Vendoo Gama este Glogo, commovido
 De espanto, & de desejo alli ficou:
 Dizlhe a Deosa, O transunto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou,
 Do mundo aos olhos teus, para que vejas
 Por onde vás, & irás, & o que desejas.

80

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea, & elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, & profundo,
Que he sem principio, & mêtta limitada:
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, & sua superficie tam limada,
He Deos, mas o q̃ he Deos, ninguẽ o entẽde
Que tâto o engenho humano naõ se estẽde.

81

Este Orbe, que primeiro vai cercando,
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que estã com luz tam clara radiando,
Que a vista cega, & a mente vil tambem:
Empireo se nomea, onde logrando
Puras almas estaõ daquelle bem,
Tamanho, q̃ elle só se entende, & alcança
De quem naõ ha no mundo semelhança.

82

A qui sã verdadeiros gloriosos
Divos estã, porque eu, Saturno, & Iano,
Iupiter, Iuno, somos fabulosos,
Fingidos de mortal, & cego engano:
Sõ para fazer versos deleitosos
Servimos, & se mais o trato humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engano vosso.

E tam-

E tambem porque a santa providencia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espiritus mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta:
Ensinao a profetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que são bõs, guiando favorecem,
Os maos, em quanto pòdem nos empecem

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Darlhe nomes, que a antiga poesia
A seus Deoses já déra fabulando:
Que os Anjos da celeste companhia
Deoses o sacro verso estã chamando,
Nê nega, que este nome preminente,
Tambem aos mãos se dà, mas fallamente.

Enfim q o sũmo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão divina veneranda:
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda;
Outro corre tão leve, & tão ligeiro,
Que não se enxerga, he o Mobile primeiro:

86

Com este rapto, & grande movimento
Vão todos, os que dentro tem no seyo,
Por obra deste o Sol andando atento,
O dia, & noite faz, com curso alheyo:
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tam lento, & sojugado a duro freyo,
Que em quãto Febo de luz nũa escaffo,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

87

Olha o outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, & radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus exos correm cintilantes;
Bem vês como se veste, & faz ornado
Co largo cinto douro, que estellantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Febo limitados.

88

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo,
Olha a carreta, atenta a Cinosura,
Andromeda, & seu pay, & o drago horrêdo,
Vê de Cassiopea a fermosura,
E do Oriente o gêito turbulento,
Olha o Cisne morrendo, que suspira,
A Lebre, & os Caës, a Nao, & a doce Lyra.

Z

Debai-

Debaixo deste grande firmamento,
 Vês o Ceo de Saturno, Rey antigo,
 Iupiter logo faz o movimento,
 E Marte abaixa bellico inimigo!
 O claro olho do Ceo no quarto assento,
 E Venus, que os amores traz consigo,
 Mercurio de eloquencia soberana,
 Com tres rostos debaixo vai Diana.

Em todos estes Orbes diferente
 Curso verás, nũs grave, & noutros leve,
 Hora fogem do centro longamente,
 Hora da terra estaõ caminho breve:
 Bem como quiz o Padre omnipotente,
 Que o Fogo faz, & o Ar, o Vento, & Neve,
 Os quaes verás, que fazem mais adentro,
 E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pouxada dos humanos,
 Que, não sómente ousados se contentão
 De soffrerem da terra firme os danos,
 Mas inda o mar instavel exprimentaõ:
 Verás as varias partes, que os insanos
 Mares dividem, onde se apolentão
 Varias naçoẽs, que mandão varios Reys,
 Varios costumes seus, & varias leys.

92

Vês Europa Chriſtan mais alta, & clara,
Que as outras em policia, & fortaleza,
Vês Africa dos bês do mundo avâra,
Inculta, & toda chea de braveza,
Co Cabo, que atêqui ſe vos negâra,
Que aſſentou para o Auſtro a natureza,
Olha eſſa terra toda, que ſe habita
Deſſa gente ſem ley, quaſi infinita.

93

Vê do Monomotâpa o grande Imperio
De ſalvatica gente negra, & núa;
Onde Gonçalo morre, & vituperio
Padecerà pela Fé ſanta ſua:
Nace por eſte inconito Emiſferio
O metal, porque mais a gente ſua:
Vê que do lago, donde ſe derrama
O Nilo, tambem vindo eſta Cuama.

94

Olha as caſas dos negros, como eſtão
Sem portas, confiados em ſeus ninhos
Na juſtiça Real, & deſenſaõ,
E na fidelidade dos viſinhos:
Olha delles a bruta multidaõ,
Qual bãdo eſpeſſo, & negro de Eſtorninhos
Combaterà em Sofala a fortaleza,
Que defenderà Naya com deſtreza.

Z 2

Olha

95

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nace, que não foubirão os antigos,
Velo rega, gèrando o Cocodrilo,
Os povos Abassis de Christo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Mèroe, que Ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Noba se chama.

96

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro,
Ha de ser Dom Christovão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo;
Vê câ a còsta do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhofo, & charo,
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

97

O Cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafu dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores:
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa, & as melhores
Povoações, que a grande Africa alli tem,
Maquã são, Arquico, & Suâquem.

Vês

98

Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Heroas a cidade,
Outros dizem, que Arfinoe, & ao presente
Tem das froças do Egypto a potestade:
Olha as agoas, nas quaes abriu patente
Estrada o graõ Moyles, na antiga idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em Reynos opulenta.

99

Olha o Monte Sinay, que se ennobrece
Co sepulcro de Santa Catherina,
Olha Toro, & Gidã, que lhe falece
Agoa das fontes doce, & cristalina:
Olha as portas do Estreito, que fenece
No Reyno da Ieca Adem, que confina
Com a serra de Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos Ceos senão deriva.

100

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomaõ todas de gente vaga, & baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros, & ferozes, de alta raça:
Olha a cósta, que corre atè que cerra
Outro estreito de Persia, & faz a traça
Ao Cabo, que co nome se apellida,
Da cidade Fartãque alli sabida.

Z 3

Olha

Olha Do far insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as áras,
Mas atenta já cá destoutra banda
De Roçalgate, & prayas sempre avaras:
Começa o Reyno Ormuz, q̃ todo se anda
Pelas ribeiras, que inda seraõ claras,
Quando as galès do Turco, & fera armada
Virem de Castel Branco nua a espada.

Olha o Cabo Asabòro, que chamado
Agora he Monçandam dos navegantes;
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persia, terras abundantes:
Atenta a Ilha Batem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
Aa cor da Aurora, & vê na agoa salgada
Ter o Tygres, & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia, o Imperio nobre,
Sempre posto no campo, & nos cavallos,
Que se injuria de asar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos:
Mas vê a Ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da Cidade Armuza, que ali esteve,
Ella o nome depois, & gloria teve.

104

Aqui de Dom Felipe de Menezes
 Se mostrará a virtude em armas clara,
 Quando com muito poucos Portuguezes
 Os muitos Parsecos vencerá de Lara:
 Virão provar os golpes, & revezes
 De Dom Pedro de Sousa, que provára
 Já seu braço em Ampaza, que deixada
 Terá por terra á força só de espada.

105

Mas deixemos o estreito, & o conhecido
 Cabo de laque, dito já carpella,
 Com todo o seu terreno mal querido
 Da natura, & dos doês usados della:
 Carmania teve já por apellido;
 Mas vê o fermoso Indo, que daquella
 Altura nasce, junto á qual tambem
 Doutra altura correndo o Gange vem.

106

Olha a terra de Vlconde fertilissima,
 E de laquete a intima enseada,
 Do mar a enchente sobita grandissima,
 E a vazante, que foge apressurada:
 A terra de Camb. ya vê riquissima,
 Onde do mar o seyo faz entrada
 Cidades outras mil que vou passando,
 A vos outros aqui se estão guardando.

Z 4

Vés

Vês corre a côsta celebre Indiana
Para o Sul, até o Cabo Camori,
Iá chamado Cori, que Taprobana
Que hora he Ceilaõ) defronte tem de si,
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virà depois de ti,
Terà vitorias, terras, & Cidades,
Nas quacs haõ de viver muitas idades.

As Provincias, que entre hum, & outro rio
Vês com varias naçoẽs, saõ infinitas:
Hum Reyno Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leys escritas:
Olha que de Narsinga o senhoria,
Tem as reliquias santas, & benditas,
Do corpo de Thomê varão sagrado,
Que a Iesu Christo teve a mão no lado.

Aqui a Cidade foi, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande, & rica,
Os Idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente iniqua,
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a sê que no mundo se publica
Thomê vinha prégando, & já passára
Provincias mil do mundo, que ensinára.

110

Chegado aqui prégando, & junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
Acafo traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deleja o Rey, que andava edificando,
Fazer delle madeira, & não duvida
Poder tirallo a terra com possantes
Forças de homês, de engenhos, de Elefâtes.

111

Era tam grande o peso do madeiro,
Que lô para abalar-se, nada abasta,
Mas o Nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, & facilmente o leva, & arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

112

Sabia bem, que se com sê formada
Mandar a hum monte sardo, que se mova,
Que obedecerá logo â voz sagrada,
Que assim lhe ensinou Christo, & elle o prova.
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Bramenes o tem por cousa nova,
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medode perder autoridade.

113

São estes Sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha a enveja;
Buscãõ maneiras mil, buscãõ desvios,
Com q Thomè não se ouça, ou morto seja
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, q o mundo veja,
Que inimiga não ha tam dura, & fera,
Como a virtude falsa da sincera.

114

Hum filho proprio mata, & logo acusa
De homicidio a Thomê, q era innocente,
Dâ falsas testemunhas, como se usa,
Condenaraõno â morte brevemente:
O Santo, que não vê melhor escusa,
Que apellar para o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

115

O corpo morto manda ser trazido,
Que resucite, & seja perguntado,
Quem foi seu matador, & será crido
Por testemunho o seu mais aprovado:
Viraõ todos o inoco vivo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Dâ graças a Thomê, que lhe deo vida,
E descobre seu pay ser homicida.

Este

116

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rey se banha logo na agoa santa,
E muitos apoz elle, hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta:
Os Bramenes se enchêrao de odio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinão matallo emfim de tudo.

117

Hum dia, que prêgando ao povo estava
Fingirão entre a gente hum arruido:
Iá Christo neste tempo lhe ordenava,
Que padecendo fosse ao Ceo subido:
A multidão das pedras, que voava,
No santo dâ já a tudo offerecido:
Hum dos maos por fartarse mais de preffa,
Com cruel lança o peito lhe atravessa.

118

Choraraõte Thomé, o Gange, & o Indo,
Choroute toda a terra, que pisaste,
Mas mais te chorão as almas, q vestindo
Se hião da santa Fê, que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo cantando, & rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste,
Pedimoste, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

E vol:

E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomê,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a santa Fê?
Olhai que se sois sal, & vos danais
Na patria, onde Profeta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias.

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á cósta debuxada,
Lá com esta Cidade tam famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitantes
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores
Esta agoa santa os lava, & dá pureza:
Vê Chatigão Cidade das melhores
De Bengala Provincia, que se preza
De abundante, mas olha que está pôsta
Para o Austro daqui virada a cósta.

Olha

122

Olha o Reyno Arracam, olha o aſento
De Pegú, que já monſtros povoáraõ,
Monſtros filhos do feo ajuntamento
De hũa mulher, & hũa cão, q̃ fõs ſe acháraõ:
Aqui ſoante arame no instrumento
Da geração coſtumão, o que uſarão
Por manha da Raynha, que inventando
Tal uſo, deitou fóra o error nefando.

123

Olha Tavay Cidade, onde começa
De Syão largo o Imperio tam comprido,
Tenaffari, Quedá, que he ſò cabeça,
Das que pimenta alli tem produzido:
Mais avante fareis que ſe conheça
Malaca, por Emporio ennobrecido,
Onde toda a Provincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

124

Dizem que deſta terra, co as poſſantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre Ilha Samatra, que já dantes
Iuntas ambas a gente antiga vio,
Cherſoneſo foi dita, & das preſtantes
Veas de ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntáraõ,
Algũs que foſſe Ofir imagináraõ.

Mas

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho às naos se estreita,
Daqui tomando a còsta á Cynosura
Se encurva, & para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patane, Reynos, & a longura
De Syão, que estes, & outros mais fugeita:
Olha o rio Menam, que se derrama
Do grande lago, que Chiamay se chama.

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra, & numero potentes,
Avas, Bramás, por serras tam compridas:
Vé nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamão, de salvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua,
Pintam com ferro ardente, usança crua.

Vês passa por Camboja Me com rio,
Que Capitaõ das agoas se interpreta,
Tantas recebe de outro só no Estio,
Que alaga os campos largos, & inquieta:
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
A gente delle cré como indiscreta,
Que pena, & gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

128

Este receberá placido, & brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, & miserando,
Dos procellosos baxos escapado:
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lyra sonora,
Será mais afama da, que ditosa.

129

Vês corre a cósta, que Champâ se chama
Cuja mata he do pao cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainam véa incognita enseada.
Aqui o soberbo Imperio, que se afama
Com terras, & riqueza não cuidada,
Da China corre, & ocupa o senhorio,
Desde Tropico ardente ao cinto frio.

130

Olha o muro, edificio nunca crido,
Que entre hũ Imperio, & outro se edifica
Certissimo final, & conhecido,
Da potencia Real, soberba, & rica
Estes o Rey que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pays aos filhos fica.
Mas elegem aquelle, que he famoso,
Por cavaleiro, sabio, & virtuoso.

Inda

131

Inda outra muita terra se te esconde,
 Até que venha o tempo de mostrar-se,
 Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
 A natureza quiz mais afamar-se:
 Esta mea escondida, que responde
 De longe a China, donde vem buscar-se,
 He Iapão onde nasce a prata fina,
 Que illustrada será co a ley divina,

132

Olha câ pelos mares do Oriente
 As infinitas Ilhas espalhadas:
 Vê Tidóre, & Ternate, co fervente
 Cume, que lança as flamas ondeadas:
 As arvores verâs do Cravo ardente,
 Co sangue Portuguez inda compradas,
 Aqui ha as aureas aves, que não decem
 Nunca à terra, & só mortas aparecem.

133

Olha de Bandâ as Ilhas, que se esmaltão
 Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
 As aves variadas, que alli saltão
 Da verde Noz tomando seu tributo:
 Olha tambem Borneo, onde não faltão
 Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto
 Nis arvores, que Canfora he chamado,
 Com que da Ilha o nome he celebrado.

Alli

134

Alli tambem Timór, que o lenho manda
 Sandalo salutifero, & cheiroso:
 Olha a Sunda tam larga, que hũa banda
 Esconde para o Sul difficultoso:
 A gente do Sertão, que as terras anda,
 Hum rio diz, que tem miraculoso,
 Que por onde elle sò sem outro vae,
 Converte em pedra o pao, que nelle cae.

135

Vé naquella, que o tempo tornou Ilha,
 Que tambem flamas tremulas vapora.
 A fonte, que olio mana, & a maravilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora.
 Cheiroso mais, que quanto estila a filha
 De cyniras na Arabia, onde ella mora,
 E vé que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda, & fino ouro dá tambem.

136

Olha em Ceilão, que o monte se levanta
 Tãto, que as nuvês passa, ou a vista engana
 Os naturais o tem por cousa santa,
 Pela pedra onde està a pégada humana:
 Nas Ilhas de Maldiva nace a pranta,
 No profundo das agoas soberana,
 Cujó pomo contra o veneno urgente
 He tido por antidoto excellente.

A a

Vereis

137

Vereis defronte estar do Roxo Estreito
 Socotorá co amaro Aloe famosa,
 Outras Ilhas no mar tambem sogeito
 A vòs na còsta de Africa arenosa:
 Aonde sae do cheiro mais perfeito
 A massa ao mundo oculta, & preciosa;
 De Sam Lourenço vé a Ilha afamada,
 Que Madagascar he de algũs chamada.

138

Eis aqui as nóvas portas do Oriente,
 Que vos outros agora ao mundo dais,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,
 Que com tam forte peito navegais:
 Mas he tambem razãõ, que no ponente
 De hum Lusitano hum feito inda vejais,
 Que de seu Rey mostrandose agravado,
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

139

Vedes a grande terra, que continua
 Vai de Calisto ao seu contrario Polo:
 Que soberba a fará a luzente mina
 Do metal, que a cor tem do louro Apollo:
 Castella, vossa amiga, será dina
 De lançarlhe o colar ao ruado colo,
 Varias Provincias tem de varias gentes,
 Em rios, & costumes diferentes.

Mas

140

Mas cá, onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co pao vermelho nota,
De santa Cruz o nome lhe poreis,
Descubrilaha a primeira vossa Frota:
Ao longo desta côsta, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaës, no feito com verdade
Portuguez, porém na lealdade.

141

Desque passara via mais que mea,
Que ao Antartico Polo vai da linha,
De hũa estatura quasi Gigantea
Homões verá da terra alli vizinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co nome d'elle agora, o qual caminha
Para outro mar, & terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

142

Atèqui Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já dexais sabido,
Viraõ fazer Varoës de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos fação ser aceitos
As eternas esposas, & fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.

A a 2

Pode-

143

Podeisvos embarcar, que tendes vento;
 E mar tranquilo para a patria amada:
 Assim lhe disse, & logo movimento
 Fazem da Ilha alegre, & namorada:
 Levão refresco, & nobre mantimento,
 Levão a companhia desejada
 Das Ninfas, que hão de ter eternamente
 Por mais tempo, que o Sol o mudo aquête.

144

Assi forão cortando o mar sereno,
 Com vento sempre manso, & nunca irado
 Até que ouverão vista do terreno,
 Em que nacerão, sempre desejado:
 Entrarão pela foz do Tejo ameno,
 E á sua patria, & Rey temido, & amado,
 O premio, & gloria dão, porque mandou,
 E com titulos novos se illustrou.

145

No mais Musa no mais, q a Lyra tenho
 Destemperada, & a voz enrouquecida,
 E não do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda, & endurecida:
 O favor, com q mais se acende o engenho
 Não no dà a Patria não, que está metida
 No gosto da cubiça, & na rudeza
 De hũa auflêra, apagada, & vil tristeza.

E não

146

E não sei porque influxo do destino
Não tem hum lêdo orgulho, & géral gosto
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos lêdo o rosto:
Por isso vós, ò Rey, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que loís, & vede as outras gentes,
Senhor só de vassallos excellentes.

147

Olhay que lédos vão por varias vias,
Quaes rompêtes Leoões, & bravos Touros,
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:
A quentes regioões, a plagas frias,
A golpes de idolatras, & de Mourros,
A perigos inconitos do mundo,
A nau fragios, a peixes ao profundo.

148

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tam longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar reposta prontos, & contentes:
Sô com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, & ardentes,
Cometerão com vosco, & não duvido,
Que vencedor vos fação, não vencido.

Favo-

149

Favoreceyos logo, & alegrayos
 Com a presença, & lèda humanidade,
 De rigurosas leys desalviayos,
 Que assi se abre o caminho á santidade:
 Os mais experimentados levantayos,
 Se com a experiencia tem bondade,
 Para vosso conselho, pois que sabem
 O como, o quando, & onde as cousas cabẽ.

150

Todos favorecei em seus officios,
 Segundo tem das vidas o talento,
 Tenhão religiosos exercicios
 De rogarem por vosso regimento:
 Com jejãs, disciplina pelos vicios
 Comũs, toda ambição terão por vento,
 Que o bom Religioso verdadeiro,
 Gloria van não pretende, nem dinheiro.

151

Os cavaleiros tende em muita estima,
 Pois com seu sangue iutrepido, & fervente,
 Estendem não sòmente a ley decima,
 Mas inda vosso Imperio preeminente:
 Pois aquelles, que a tam remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem, hũs os vivos,
 E o que he mais, os trabalhos excessivos,
 Fazci

152

Fazei senhor, que nunca os admirados
Alemaães, Gallos, Italos, & Inglezes
Possão dizer, que tão para mandados,
Mais, que para mandar os Portuguezes:
Tomai conselho só de experimentados,
Que virão largos annos, largos meses,
Que posto que em cientos muito cabe,
Mais em particular o experito labe.

153

De Formirão Filósofo elegante
Vereis como Anibal o escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle, com larga voz tratava, & lia:
A disciplina militar prestante
Não se aprende senhor, na fantasia
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senaõ vendo, tratando, & peleijando.

154

Mas eu, que fallo humilde, baxo, & rudo,
De vòs não conhecido, nem sonhado,
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sac às vezes acabado:
Não me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se achão raramente.

Para

155

Para servirvos braço às armas feito,
 Para cantarvos mente as Musas dada,
 Só me falece ser a vòs aceito,
 De quem virtude deve ser prezada:
 Se me isto o Ceo concede, & o vosso peito,
 Dina empreza tomar de ser cantada,
 Como a presaga mente vaticina,
 Olhando a vossa inclinação divina.

156

Ou fazendo, que mais que a de Meduza,
 A vista vossa tema o monte Atlante,
 Ou rompendo nos campos de Ampeluza
 Os muros de Marrocos, & Trudante:
 A minha já estimada, & lèda Muza,
 Fico, que em todo o mundo de vòs cante,
 De sorte, que Alexandro em vòs se veja,
 Sem á dita de Achilles ter enveja.

F I N I S.



I N D E X

DE TODOS OS NOMES
 proprios conteudos em
 este Poema.

*Recolhidos, & ordenados por
 Ioão Franco Barreto.*

A



BASSIA, parte de Africa, divi-
 dida de Arabia com as portas de
 mar roxo: cujos povos se chamão
 Abyxins, ou Abaffis, sугейtos ao
 Preste João, hum dos grandes
 Reys do Oriente, & dos mais po-
 derosos de Africa: porque tem
 debaixo de seu mando mais de

40. Reynos.

Abyla, monte de Africa, sobre o qual está a cida-
 de Ceita, pertencente aos Reys de Portugal. Cha-
 mão os autores a este monte Coluna de Hercules.

Abrahaõ, primeiro Patriarcha, he a saber o pri-
 meiro dos pays, do qual, & de Agar sua escrava, di-

a

zem

zem os Mouros que procede Mafamede.

Abranches, lugar, & condado de França.

Abrantes, villa de Portugal, junto do Rio Tejo.

Accias guerras, as que ouve entre Augusto, & Marco Antonio, no Cabo Figalo, que os antigos chamavão Accio: em as quaes Marco Antonio, & Cleopatra Rainha de Egypto foraõ desbaratados.

Achemenia, Região de Persia, onde se fazem as melhores alcatifas, & tapiceria do Mundo.

Acheronte, Rio Infernal, segundo fingem os Poetas.

Achilles, Principe Grego fortissimo, filho de Peleo Rey de Thessalia, & de Thetis filha de Chiron. Matou o Paris enganosamente em Troya, no templo de Apollo, onde havia ido sobre o concerto de casar com Policena filha de Priamo.

Acidalia, sobre nome de Venus; dita assi por hũa fonte deste nome, que està em Beocia, adonde se lavão as Graças, dedicadas a Venus.

Acroceraunos, montes de Epiro, a que hoje chamamos Albania. Os Poetas os chamão Infames pelos naufragios, que ali acontecem.

Acrifio, Rey dos Argivos, filho de Abante: o qual querendo ter a Danae sua filha recolhida, & guardada, a meteo nũa torre. que algũs querem fosse de metal; porem nem isto lhe valeo, porque Jupiter convertido em chuva de ouro entrou na sua camara, & ouve della a Perseo.

Acteon, filho de Aristeo, & Autono, do qual contaõ os Poetas, que chegando a beber em hũa fonte, vio a Diana, que os Antigos tinhão por Deosa da Caça, a qual se estava lavando com suas companheiras,

ras,

Dos nomes proprios.

3

ras, & sentida de Ateon aver em aquelle estado, o converteo em Cervo, & logo visto de seus caes foy por elles mesmos espedaçado.

Adam, primeiro homem, & primeira figura de Deos, viveo 930. annos, & esteve no limbo 5231.

Adamaſtor, hum dos Gygantes filhos da Terra; os quais tendo guerra com Jupiter, foraõ vencidos, & ſepultados debaixo de diversos montes, como Adamaſtor transformado no cabo, & communmente chamamos da Eſperança. Do nome deſte Gigante ſe lembrou Sidonio, & Carlos Eſtephano em ſeu dictionario, ainda que Claudiano, & outros o chamão Damaltaſtor.

Adem, cidade na Arabia Felix, ſituada ao pè de huã ferra, a quem os Naturaes chamão de Arzira, que he toda de pedra viva, ſem arvore, nem erva alguã.

Adonis, belliffimo mancebo, filho de Cinara, & de ſua filha Mirrha, a qual foy convertida em huã arvore de ſeu nome. Foy eſte muito amado de Venus.

Adriatica Venefa, chamaſe aſſi eſta cidade por eſtar fundada no mar Adriatico, o qual ſe chama aſſi de huã cidade por nome Adria, que antigamente eſteve entre as bocas do rio Po, de que agora nam ha raſto.

Africa, nome da terceira parte do mundo, & de huã cidade principal della.

Africo, he o vento, que os marinheiros chamão Oeſſudueſte.

Affonſo, ſinco Reys teve Portugal deſte nome, & todos de muito valor: o primeiro filho do Conde Dom

Henrique: o segundo filho del Rey Dom Sancho primeiro: o terceiro filho do mesmo Rey Dom Affonso segundo: o quarto filho del Rey D. Dinis: o quinto filho del Rey Dom Duarte.

Aganipe, fonte de Beocia, dedicada às Mufas.

Agar, escrava de Abraham, da qual dizem os Mouros que procedem, & assi se chamão netos de Agar, & Agarenos.

Agripina, mãy do Emperador Nero.

Ayace, filho do Thelamon, & de Hesione, filha de Laomedonte. Foy o mais valeroso, & esforçado de todos os Gregos despois de Achilles. Do qual se diz, que como (Achilles morto) pedisse suas armas, & Ulysses com sua eloquencia movesse os animos dos Juizes Gregos, para que a elle lhas dessem, endouceceo de paixão, & entendendo que matava a Ulysses, & seus companheiros, matou muito gado, até que se matou a si mesmo, de cujo sangue, dizem os Poetas, sahio a flor Jacinto.

Ainam, ilha sita em huã ponta da terra da China, & na boca da enseada Cauchichina, em a qual se pesca aljofar, & perolãs.

Alanquer, villa de Portugal.

Albis, hum rio de Germania, chamado vulgarmente Elva, ou Elba: o qual nace em os montes, que dividem a Bohemia, & Moravia de Suevia, & penetrando a Saxonia entra no mar Occeano.

Albuquerque, he o grãde Affonso de Albuquerque, que focedeo a Dom Francisco de Almeida, na governança da India.

Alcacere do Sal, villa de Alentejo.

Alcino, Rey dos Pheacos, na ilha Corciza, diligente

Dos nomes proprios.

5

gente cultivador de hortos, & pumares; o qual recebeu em sua casa a Ulysses afligido com seus companheiros humanissimamente.

Alencastro, foy este Duque sogro del Rey Dom João o primeiro, & irmão del Rey Duarte de Inglaterra.

Alexandro, cognominado o Magno, foy filho de Philippo Rey de Macedonia, & foy liberalissimo.

Alcides, cognome de Hercules, de Alceo seu avô, ou de, alcy, dicção Grega, que significa vigor, ou força.

Alcyoneas aves, são os Massaricos, em os quais Aleyone filha de Eolo foy convertida.

Almena, mãe de Hercules.

Alcorão, he entre os Mouros o livro de sua seita maldita, composto por Sergio Monaco, em o qual pos alguas cousas da ley Moysayca, alguas da Evangelica, & muitas falsas.

Alecto, huã das tres furias Infernaes.

Alemanha, provincia de Europa bem conhecida, cheya de Principados potentissimos, de Cidades grossissimas, povos, & mantimento infinito. Primeiro foy chamada Germania.

Algarves, Reyno anexo ao de Portugal.

Almeidas, estes forão Dom Francisco de Almeida, primeiro Visorey da India, & Dom Lourenço de Almeida seu filho.

Aloe, genero de pao, muito prefado, semelhante ao de Aquila.

Alpheo, Rio que nace juuto a Elis, cidade de Arcadia, & corre até Achaya, & sumindose ali na terra,
corre

corre por baixo do chão , & do mar larguissimo espaço, & vay sayr à fonte Arethusa de Sicilia , disse agora vulgarmente Rosea.

Alvaro; de dous faz o Poeta menção, hum he Dõ Alvaro de Castro , filho de Dom João de Castro , o qual deixando seu pay em Goa, foy no meyo do Inverno a socorrer Dio : & o outro Alvaro de Braga, ou Alvaro Dias (que no sobrenome desconcordaõ Barros, & Goes) o qual com Diogo Dias , ou Correa (em que tambem os sobreditos variaõ) ficaraõ em Calecut por feitores , em quanto se a fazenda vendia.

Amalthea, filha de Melisso Rey de Grecia , foy ama de Jupiter, a qual tinha hum corno , chamado communmente Cornucopia , que tudo o que queriaõ achavaõ nelle.

Amasis, Rio de Alemanha, grande, & navegavel: corre entre o Rheno, & o Albis , & entra no Oceano, junto a Endem Metropoli da Phrysia Oriental.

Ambrosia, especie de erva semelhante ao Apio, manjar (segundo os Gentios) dos Deoses.

Amon, assi se chamava Jupiter em figura de Carneiro, como era adorado em Lybia.

Ampaza, cidade da Persia nos confins de Ormuz.

Ampelusa, promontorio entre Ceira, & Tanger: chamase hoje a ponta de Alcacere.

Anphioneas Thebas, contrão os Poetas, que foy Amphion hum musico tam excellente , que em tocando a sua viola , & cantando , o seguião as cousas insensiveis, como pedras, paos, & outras cousas semelhantes,

lhantes, & que desta maneira ajuntou a pedra, com que fez os muros a Thebas, cidade de Beocia, que hoje se diz Estybes: & por esta razão os Poetas a chamão Amphionea: na qual dizem, naceo Baccho.

Anchyfes, filho de Capys, & pay do Eneas, ao qual ouve na Deosa Venus.

Andalusia, segundo El Rey Dom Affonso o Sabio, he toda aquella terra, que està desde o Rio Guadiana, atè o mar Mediterraneo, & desde o mar Oceano atè o rio Xucar, assi como cae no mar Mediterraneo.

Andromeda, filha de Cepheo Rey de Ethiopia, & de Cassiope; & tambem hum signo celeste.

Anibal, Capitão valerosissimo, natural de Cartago cidade antiga de Africa.

Antão Vasquez de Almada, Portuguez valerosissimo, & hum dos doze Cavalleiros, que forão a Inglaterra pedidos pelas Damas daquelle Reyno, para as desagravar de certos Cavalleiros Ingreles, que as havião publicamente afrontado.

Antartico polo, he o sul.

Antenor, hum dos principaes Troyanos, que entregarão por traição Troya aos Gregos, a qual queimada, se acolheo a Italia, & edificou no territorio de Venesa huã cidade, que de seu nome se chamou Antenoria, & hoje Padua.

Anteo, Gigante filho da Terra, & primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.

Antonio, hum he Antonio da Silveira Capitão de Diu, a qual elle defendeo valerosamente de Solimão Baxà, Rey do Cano, que foy sobre ella com 63. milles de Turcos, & 1200. homens, aos quais desbara-

ton.

tou com muito pouco poder. O outro Marco Antonio, cidadão Romano principal, o qual em companhia de Marco Lepido, & de Cesar Octaviano teve o governo do Romano Imperio. Delle se conta que era tão afeiçoado a musica, que por ouvir trovinhas, & chistes de Glafica deixava a sua mulher Fulvia.

Anubis, em lingua Egypcia significa cão, em cuja forma os Egypcios honrarão ao Deos Mercurio.

Aonia, parte montuosa de Beocia, em a qual havia huã fonte, que todos os que bebião della ficavaõ Poetas.

Apelles, pintor exímio.

Apenino, monte altissimo, situado justamente no meyo de Italia. Começa nos Alpes, & acaba no estremo de Calabria.

Apio, foy Governador de Roma, o qual por querer tomar huã Virginia a seu marido, acabou mal a vida preso em ferros.

Apollo, filho de Jupiter, & de Latona; tido entre os Antigos por Deos da sabiduria, dos Poetas, das Musas, & se toma ordinariamente pello Sol.

Apulia, Região de Italia, visinha ao mar Adriatico.

Aquilo, vento Septentrional.

Ara, constellação celeste.

Arabia, Provincia entre Judea, & Egypto.

Arabio, o natural de Arabia, donde dizem que era Mafamede.

Arabica lingua, a lingua dos Arabes, chamados corruptamente Alarves; & se falla não só em Africa, mas

mas na Persia, & muitas partes de Asia.

Aragão, Reyno de Espanha, cuja Metropoli he
C,aragoça.

Araſpas, hum certo Medo, a que Cyro Rey dos
Perſas deu a guardar Panthea, mulher de Abradatas
Rey dos Suſos, que cativara no arrayal dos Affirios:
& ſe ouvera perder com ella, ſe o meſmo Cyro o não
remediara tirandolha das mãos.

Arcadia, Provincia na Morea, dita aſſi de Arca-
de filho de Jupiter, ſugeita hoje ao Graõ Cão.

Archetipo, he o traslado primeiro, ou principal
forma de qualquer couſa, & o Poeta o toma por Deos
Noſſo Senhor criador de todas as couſas.

Arcturo, he hũa eſtrella, na parte ſeptentrional,
que he o Norte.

Arethufa, fonte de Sicilia junto a Saragoça, em a
qual foy convertida Arethufa Nympha de Diana, a-
mada de Alpheo.

Argo, cidade inſigne de Grecia, dedicada à Deo-
ſa Juno. Dita aſſi do nome del Rey Argos, que Rey-
nou nella.

Argos, a primeira nao, que (ſegundo a Philo-
ſophia Ethnica) ouve no mundo, em a qual Jaſon,
& ſeus companheiros paſſarão a Colchos a roubar o
vellocino de ouro: ainda que ſegundo as divinas
letras, primeiro foy a Arca de Noe. Ouve tam-
bem hum paſtor deſte nome, filho de Ariſteo, que
dizem tinha cem olhos, & foy morto por Mercurio,
andando por mandado de Juno em guarda de Jo, a-
mada de Jupiter. E he tambem Argos huã conſtel-
lação celeſte.

Argonautas, forão huns Cavalleiros Gregos,
que

que em a nao Argo foraõ na conquista do Velloçino de Colchos.

Aries, constellação na zonatorrida, a qual he hũ dos doze signos celestes.

Armenia, Região de Asia, entre os montes Taurro, & Caucaço, a qual se divide em mayor, & menor.

Armusa, cidade antiga na terra de Magostão, vizinha de Ormuz, da qual hoje nam apparecem mais que as ruinas.

Aromata, he o cabo Guarda-lũ, no fim da terra de Africa, & no principio de Asia.

Arquique, lugar de Ethiopia, fugeito ao Preste Joaõ, & unico porto de toda aquella costa.

Arracão, Reyno, que confina com o de Bengala nas partes da India.

Arronches, lugar de Alentejo.

Arfinario cabo, he o que nõs agora chamamos Verde.

Arfinoe, filha, ou irmã de Ptolomeu Rey de Egypto, a qual fundou hum lugar, que de seu nome se chamou Arfinoe, & agora Suez, na costa do mar roxo.

Artabro, he o monte, a que hoje chamamos Cabo de finis terræ.

Arzira, hũa serra na Arabia Felix, toda de pedra viva, sem arvore, nem herva algũa.

Asaboro, he hum Cabo, a que os nossos chamão Moçandão, no Reyno de Ormuz.

Asia, a terceira parte da terra em numero, ainda que a ametade em cantidade.

Affiria, Provincia de Asia, dita vulgarmente Soria,

ria, ou Suria,

Astianus, filho unico de Heitor , & de Andromacha, ao qual Ulysses lançou de hũa torre abaixo, quando os Gregos entraraõ na cidade de Troya.

Astrea, filha de Astreo Gigante , & de Aurora, ou segundo outros de Jupiter, & Themis.

Asturias, Provincia de Espanha, cuja Metropoli he Oviedo , adonde se salvaraõ na inudação dos Arabes, aquelles poucos Godos, que escaparaõ, & com muitas reliquias de Santos.

Athamante , foy conduzido por Juno a tanta furia, que saindo lhe ao encontro seu filho Learco , o matou, do que espantada, & atemorizada Ino sua mulher, com outro filho Meliceta, se lançou no mar, & foraõ convertidos em Deoses marinhos.

Athenas, cidade na Grecia, domicilio antigamente de todas as doutrinas, ainda que hoje de todo destruida.

Atila, Rey dos Hunos, & de Dacia , chamado aqoute de Deos.

Atlante , filho de Japeto , & Climene, ou Asia Ninfã, & irmão de Prometheo , foy Rey de Mauritania, Provincia de Africa , do qual se diz que tem o mundo em os ombros. Este avisado do Oraculo que se precataste de hum filho de Jupiter, nam dava hospicio a pessoa alguã , o que sofrem do mal Perseo filho de Jupiter lhe mostrou a cabeça de Medusa , & logo foy convertido em hum monte de seu nome , o qual he na Mauritania, onde Reynou, & hoje se chama Carena , tam alto que seu cume nunca se mostra descoberto de nuves.

Atropos huã das tres Parcas: ve Parcas?

Avàs, povos do Oriente, fugeitos ao Rey de Syão.

Augusto, significa lugar venerando, & sacro com alguã cerimonia; donde veyo, que todos os successores de Cesar em o Imperio atè estes tempos, são chamados Augustos, & o de quem o Poeta faz menção foy Octaviano.

Aurea Chersoneso, he Malaca.

Aurora, filha do sol, & da terra, mulher de Titão, & mãy de Memnon Rey de Ethiopia. He propriamente aquella claridade, que no Ceo apparece antes que o Sol saye. E neste Poema havemos de entender por Reynos, terras, ou portos da Aurora, a India, por estar no Oriente.

Austro vento da parte do Sul, chamado vulgarmente vendaval.

Aufonia, foy antigamente parte de Italia, hoje se toma por toda Italia.

Axio, rio chamado hoje Brade, ou Varadi, o qual atravessa Macedonia.

Azenegues, povos de Africa, dos quais se começa a terra de Guiné, he terra muito falta de agua, & mantimentos.

B

B Abel, envez de Babylonia.

Babylonia, cidade dita a grande, onde foy a grande torre de Nembroth, pella qual forão divididas as linguas. Edificoua, segundo alguns, Semira-

miramis Raynha do Egypto, com tam admiraveis edificios, que com razão foy contada entre as sete maravilhas do mundo. Passalhe pello meyo o rio Euphrates, & antigamente foy dita, Memphis.

Baçaim, lugar entre Chaul, & Diu, em cuja fortaleza havia 400 peças de artilheria, quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533.

Bacanor, lugar da India na costa do Malavar, em cujo porto Lopo Vaz de Sampayo destruhio hũa grã de armada de Paraos del Rey de Calecut.

Baccho, filho de Jupiter, & de Semelc, foy o primeiro que achou o triunfo, o modo de comprar, & vender, a musica, & o uso do vinho, do qual os Antigos o fingirão Deos.

Bactro, Rio na Região Bactriana de Asia, o qual nace no monte Tauro, & que tem algũs que hoje se chame Bachara.

Badajoz, cidade da Estremadura, fronteira a Elvas.

Balduino, hum esforçado Cavalleiro no tempo de Carlos II. Emperador dos Romanos, a quem furtou huã filha, por nome Juditha, & o Emperador não somente dissimulou a afronta, mas com ella lhe deu a terra de Frandes, que naquelle tempo era deserta, & elle a aproveitou, & povoou.

Banda, são cinco Ilhas, que contem este nome, habitadas de Mouros, & Gentios, entre a Jaoa, & Maluco: em as quais ha muita noz noscada, cujas arvores são como loureiros.

Barbora, lugar em Africa, muito abundante, em o qual o Capitaõ Antonio de Saldanha queimou muy.

muytas naos a Mouros Barem , hũa ilha de Ormuz, onde se pesca o aljofar.

Baticalà , fortaleza na costa do Malavar algũas 30. leguas de Goa.

Beadala, cidade junto ao cabo Comorim, destrui da por Martim Affonso de Sousa , Capitão mór do mar da India , em tempo do Governador Nuno da Cunha.

Beatriz, foy filha del Rey Dom Fernando de Portugal, casada com el Rey Dom João de Castella.

Beja, cidade de Portugal, na Provincia de Alentejo.

Belem, acerca do nosso Poeta he a casa de Nossa Senhora de Belem , a que deu principio o Infante Dom Henrique, ennobrecida despois por el Rey Dó Manoel, sita no lugar chamado antigamente Restello, donde partem neste Reyno todas as armadas para fôra.

Belisario , valerosissimo Capitão de Justiniano Emperador: o qual ouve grandes vitórias em Persia, & em Italia, & pagoulhe Justiniano com o prender, & desterrar.

Bellona, Deosa das batalhas, irmã, & cocheira de Marte.

Bengala, Reyno Oriental, abundante, & rico, pelo meyo do qual passa o rio Ganges.

Benjamim, tribu entre os Hebreos , o qual por forcarem huã mulher do Tribu de Levi , acabou de todo, & a terra foy assolada.

Benomotapa, ou Menomotapa, he o mesmo, que entre nòs Emperador, & he nome do Senhor do grã.
de

de Reyno de Sofala.

Berberia, terra de Africa, onde antigamente foy Rey Anteo, hum dos filhos da Terra.

Bethis, he o mesmo que Guadalquivir, rio de Espanha.

Bible, fonte de Mesopotamia, em a qual foy convertida Bibli filha de Mileto, a qual amava muito ao irmão Cauno, de quem nam era amada.

Bintão, Reyno da India.

Bripur, lugar na Costa do Malavar.

Biscainho, o natural de Biscaya, provincia de Espanha, abundantissima de ferro.

Bizancio, he Constâtinopla, corte agora do Graõ Turco.

Boemios, são os de Boemia, Provincia de Europa, a qual fez Reyno o Emperador Federico.

Bolonhes, este Conde de que o Poeta faz menção, foy Dom Affonso irmão del Rey Dom Sancho de Portugal.

Bootes, constellação celeste, chamada o sete estrello, & se toma pellas partes do Norte.

Boreas, he o vento, que communmente chamão Nornordeste, & assi pellas partes Boreaes. entenderemos as do Norte.

Borneo, ilha muito grande, & muito fertil, & abundante de todas as cousas, principalmente de canphora.

Bramãs, nação fugeita ao Rey de Syão.

Bramenes, assi chamão os Malavares aos seus Religiosos, os quaes seguem a feita do Philosopho Pythagoras.

Brasil, Provincia na America, chamada por outro

tr nome Sancta Cruz , o qual lhe deu Pedralvres Cabral, que a descubrio no anno de 1500.

Brava, cidade na costa de Melinde.

Bretanha, he Inglaterra.

Briareo , Gigante celebre , filho da Terra , do qual dizem , tinha sineoenta corpos , & cem braços.

Brigo, segundo algũs, Rey de Espanha.

Brusios, ou Barusios, povos de Brusia, Provincia de Sarmacia.

Busitis, foy hũ grande tyrano de Egypto , o qual sacrificava os hospedes a seus idolos.

C

C Admo, filho de Agenor Rey de Phenicia, o qual indo por mandado de seu pay buscar a Europa sua irmã, que Jupiter havia furtado, como a nam achasse, nem se atreveffe tornar a seu pay sem ella, fundou em Beocia a cidade de Thebas, & como seus companheiros fossem já todos mortos , por hũa grande serpente, que sahio de huã fonte, onde haviaõ ido por agua , Cadmo em vingança delles a matou, & semeando seus dentes, nascerão delles homens armados, os quaes pelejão entre si se matarão, excepto sinco, com que edificou a cidade.

Cairo, grandissima, & admiravel cidade, edificada no coração de Egypto, a qual dizem tem de circuito 22. milhas, sem comprehender muitos, & grandissimos arrabaldes. He terra de grande trato, & commercio de to da Asia, Africa, & Europa.

Cala-

Calatrava, o Mestre de que o Poeta faz men-

Calisto, filha de Licaon Rey de Arcadia , muda-
da em Ursa por Juno , & depois em Estrella por Ju-
piter, a qual se toma pello Norte.

Calpe, hum monte de Gibraltar, chamado Herculano do Poeta, por se dizer huã das colunas de Hereules.

Cambaya, Reyno muito rico, & abastado, pello qual entra o rio Indo.

Camboja , Reyno maritimo fugeito ao Reyno de Syão, peillo qual passa hum grandissimo Rio chamado Mecom , que quer dizer Capitão das agoas; cujo nacimiento he na China.

Campaspe, huã das principaes concubinas de Alexandre Magno, o qual mandandoa retratar por Appelles, vioo ao pintar taõ namorado, que lha deu por mulher.

Canace filha de Eolo , Rey dos ventos , a qual
c secre-

secretamente concebeo, & pario de Macareo seu irmão: & entendendo isto seu pay, mandou deitar os mininos aos caes, para que os espedaçassem, & mandou a Canece hũa espada nũa mão, & a pena noutra, escreveo a seu irmão aquella carta, que Ovidio refere entre as Heroidas.

Cananor, Reyno da India, na costa do Malavar.

Canarà, são os moradores do Reyno Bisnaga.

Canareas, são doze ilhas no mar Oceano, as quais os Escriitores antigos chamavão Fortunadas.

Canas, lugar de Apulia, junto ao qual Anibal desbaratou os Consules Paulo Emilio, & Terencio Varraõ, com morte de 4000. Romanos, & foy tam grande o numero dos Cavalleiros, que se tomaraõ tres alqueires de aneis, os quais sò a gente nobre podia trazer, & foy a mayor perda, que os Romanos tiverão em sua Monarquia.

Cancro, signo celeste.

Candace, Raynha de Ethiopia, no tempo de Augusto; de tam grande animo, & de tal merecimento entre os seus, que dali por diãte todas as Raynhas de Ethiopia forão chamadas Candaces.

Canusio, lugar de Apulia, visinho de Cannas.

Capadoces, os moradores de Capadocia, parte de Natholia, que hoje chamamos Turquia.

Carlos, de dous faz o Poeta menção, o primeiro chamado Magno Rey de França: & Emperador Christianissimo, filho de Pipino, & de Berta, filha de Eraclio Emperador de Constantinopla. O segundo foy Carlos segundo Emperador dos Romanos, pay de

de Juditha, que casou com Baldovinos, vide Baldovinos.

Carmania, Região da India.

Carpella, he o cabo Jasque, fôra da garganta do estreito Persico.

Carthago, cidade celebre de Africa, infesta aos Romanos, & emfim vencida; da qual era natural, & Rey hum dos musicos, que o Poeta diz, he a saber Jopas, hum dos competidores da Raynha Didô.

Caspia ferra, Caspios montes, & Caspios aposentos, tudo vem a ser hũa cousa mesma, & finalmente huã região de Scithia.

Cassiopea, ou Cassiope, mulher de Cepheo, Rey de Ethiopia, a qual (contão) se quis preferir em fermosura às Nimphas, pello que ellas indignadas atarão sua filha Andromeda a hum penhasco, para que huã besta marinha a comesse, mas Perseo a livrou, & casou com ella, & Cassiopea, pellos merecimêtos do genro, foy trasladada ao Ceo, & agora he huã imagẽ, ou Constellação delle.

Cassio Sceva, Capitão de huã companhia de Cesar, o qual estando à porta de hum lugar de Macedonia, foy cometido por muitos inimigos, & tendo já hum olho quebrado, muito mal ferida huã coxa, & o braço, & o escudo espedaçado, com muitas feridas por todo o corpo. nunca se quis render.

Castelbranco, foy Dom Pedro de Castelbranco Capitão de Ormuz, em cujos mares ouve grandes, victorias dos Turcos.

Castella, são duas Provincias de Espanha com este nome, & dividindose com huã montanha, que co-

meça nos confins de Navarra , & atravessa quasi toda Espanha até o mar , se distingue tambem com os nomes de velha, & nova. Da nova he cabeça Toledo, & da velha Burgos.

Castro, foy Dom João de Castro, Viso-rey da India , o qual teve muitas victorias contra elRey de Cambaya, & contra o Hydalcão, & fez outras muitas cousas dgrnas de memoria.

Caterina, Virgem, & Martyr, sepultada no monte Synay.

Catilina, Lucio Sergio Catilina, Consul Romano, o qual determinou, com outros de sua parcialidade, apoderarse de Roma.

Cauchichina, he Reyno Oriental junto a Cambaya, ao qual os naturaes chamão Cacho.

Caudinas forcas, aquellas, por onde os Samnites, povos de huã Região de Italia, obrigarão passar sem armas aos Romanos, capitaneados pello Consul Sp. Posthumo; afronta de que os Romanos se vingarão bem.

Chaul, cidade no Reyno Adecão , que corruptamente chamamos Daquem, distante da cidade de Diu 50. legoas.

Chersonezo aurea, he Malaca, cabeça de todo o Reyno assi chamado; cujo porto he muito bom , & frequentado de todas as nações do mundo , por ser muito abundante de todas as cousas.

Chiamay, lago donde nasce o Rio Menão , que fende de alto abaixo todo o Reyno de Syão.

Chimera, monte de Lycia, o qual lança fogo pello mais alto, & no tempo passado era muito povoado de Leões, Cabras montesas, Serpes, & outros bichos

chos venenosos, donde os Antigos fingirão ser hum monstro de tres cabeças, de Leão, Cabra, & Dragão, por cujas bocas sahia muito fogo.

China, Imperio grande, & rico do Oriente, dividido em 15. Provincias, em as quais se contê 245. cidades notaveis, alem de outras terras, castellos, villas, & lugares infinitos.

Dom Christovão, entende da Gama, o qual indo por mandado de D. Estevão da Gama, Governador da India, em favor do Preste João, contra El Rey de Zeylà, desbaratou duas vezes os Mouros, com 500. Portuguezes, que levava.

Cybele, mãy dos Deoses gentlicos, & mulher de Saturno: â qual dedicavão o pinho, por quanto Arys, a que foy muito afeiçoada, foi convertido em esta arvore.

Cicero, he M. Tullio filho de hum Tullio, & de Olbia sua mulher, Consul Romano, & per si affaz conhecido, & louvado.

Cyclopes, forão tres, Brontes, Steropes, & Piracmon, filhos de Neptuno; aos quais fingem os Poetas obreiros de Vulcano, ferreiro de Jupiter seu pay, em a Ilha Lipara, huã das Eolidas, que estão entre Italia, & Sicilia.

Cycones, povos de Thracia, os quais tiveram muita guerra cõ Ulysses, depois da destruição de Troya.

Cilicios, são os de Cilicia, q̃ hoje se chama Carmania, região da menor Asia.

Cylleneo, he Mercurio, chamado assi de Cylene monte de Arcadia, onde naceo, & era venerado.

Cynifio, Rio de Africa.

Cin-

Cingapura , he hum cabo de terra defronte da Ilha Samatra.

Cyniras, Rey de Chipre , o qual de hũa sua filha chamada Mirrha , teve Adonis , por onde o Poeta o chama filho, & neto de Cyniras.

Cynirea, he Mirrha, filha de Cyniras, a qual foy convertida em hũa arvore de seu nome.

Cynosura, constellação celeste, chamada por outro nome Ursa mayor.

Cintra, lugar de Portugal, na costa do mar Oceano, a cuja serra chama Varrão Monte Tagro, & outros, serra da Lua.

Cypariso, filho de Telepho, matando por desastre hum cervo , a que elle amava muito , ficou tam sentido, que Apollo, de quem foy muito amado, tendo piedade delle, o converteo em Cipreste.

Cyphisio flor, he o lirio, em que Narciso, filho da Nympha Liriope , & do rio Cyphisio foy convertido.

Cypria Deosa, he Venus, chamada assi de Cipro onde era venerada.

Cypro, he a ilha Chipre, no mar Mediterraneo, fugeita hoje ao Gram Turco.

Circes, são as feiticeiras , porque Circe filha do Sol, & de Perse Nimpha o foy tam famosa, que com seus encantos , & feiticarias transformou (segundo contão as fabulas) os companheiros de Ulysses em porcos.

Cyro, Rey dos Persas: veja-se Araspes, para entendimento do Poeta.

Cythera, ilha no Peloponeso, chamada hoje Ceti-ge, dedicada a Venus , a quem por essa razão chamão

mão Citherea.

Cizimbra, lugar maritimo de Portugal.

Claudinas forcas, vide Caudinas forcas, que de hum modo, & outro se pôde ler este lugar, aludiado a Claudio Pencio Emperador dos Samnites, ou ao lugar, chamado Cauda onde foy o successo, q̃ o Poeta aponta, & atras explicamos.

Cleoneo Leão, he o que matou Hercules junto a huã aldea chamada Cleone, entre Argo, & Corintho: & he o que por outro nome chama Nemeo.

Clicie, Ninfa, a quem Apollo foy muito afeiçoado.

Clymene, filha de Tethys, & do Oceano, a qual foy mãy de Phaetonte, que he o Sol.

Cloris, assi se chamava Flora Rainha das flores, antes que se casasse com Zephиро.

Cloto, huã das tres Parcas.

Cochim, cabeça de hum Reyno assi chamado, 30. leguas de Calecut na costa do Malavar, com cujos Reys tiverão sempre os Portugueses muita amizade.

Coccyto, rio do Inferno, significa choro.

Cocles, foy Horatio Cocles, nobre Romano: o qual na guerra que Porsena Rey de Hetruria, teve com os Romanos, pella restituição dos Tarquinos, sosteve o impeto dos inimigos, com dous companheiros samente, querendo passar a ponte Sublicia sobre o Tevere, com tanto esforço, que os Romanos tiverão lugar de derribar a ponte, & estando já seus companheiros em salvo, armado como estava se lançou ao rio, & a nado passou sem perigo algum aos seus, pello que os Romanos lhe levantarão hũa
esta:

estatua.

Codro, Rey dos Athenienses, o qual por salvar sua patria, se entregou á morte certa.

Coelho, he Nicolao Coelho Capitão de hum dos cinco navios, com que Vasco da Gama foy em descobrimento da India.

Colchos Região de Asia, que hoje se chama Mègulia, fugeita ao grão Cão Senhor dos Tartaros; em a qual dizião estava hum vello de ouro, chamado communmente o Vello de ouro.

Colosso, estatua de metal em Rhodas, dedicada ao Sol; a qual era de muito grande altura, & por este respeito tida por huã das sete maravilhas do mundo.

Columbo, lugar pequeno, mas o principal porto da Ilha de Ceilão.

Comorim, he este cabo defronte de Ceilão.

Conca, cidade de Castella a Velha, donde nasce o Rio Tejo.

Congo, Reyno antiquissimo de Africa.

Constantino, o primeiro foy por alcunha chamado Paleologo, o qual perdeu a cidade de Constantinopla: o segundo, foy Constantino Magno, filho de Santa Elena, o qual fez a Constantinopla cabeça do Imperio.

Constantinopla, veja se Bizancio.

Cordova, cidade clarissima de Espanha Bethica, cabeça do Reyno do mesmo nome, & Patria dos doctores Senecas, & de Lucano.

Cori, he o mesmo que Comorim.

Coriolano, varão illustre Romano, a que Cicerão em muitos lugares compara com Themistocles; o qual

o qual sendo em hũas dissenções lançado fóra de Roma, por vingar sua injuria, lhe fez depois muita guerra.

Corvino. Valerio Messalla, tribuno de soldados saindo a desafio com hum Frances, teve em sua ajuda hum corvo; o qual pondo selhe em cima do capacete, de quando em quando fazia dali suas arremetidas contra o Frances, aferrando lhe no rosto, & nos olhos, com que o Romano ficou vencedor, & dali por diante com o apellido de Corvino.

Coulão, terra da Província do Malavar.

Coulete, outro lugar na costa do Malavar, 6. leguas de Galecut.

Cranganor, terra da mesma Província.

Crocódilo, animal grandíssimo da feição de lagarto.

Cuama, Rio que nasce na alagoa do Nilo.

Cunha, hum he o grande Nuno da Cunha, & o outro Tristão da Cunha, o qual descobrio as ilhas, que hoje se chamão de seu nome.

Cupido, bem conhecido he de todos.

Curcio, este he Marco Cúrcio, tam afeiçoado a sua patria, que nam receou a perder a vida por amor della.

Cutiale, nome de hum Mouro, que viera de Meca á India, & tendo cento, & trinta vellas muito bem artilhadas, Lopo Vaz de Sampayo o desbaratou com onze somente,

Dabul,

D

D Abul, lugar de Cambaya, que Dom Francisco de Almeida, Viso-rey da India, entrou a força de armas, & o destruiu sem ficar pedra sobre pedra, nem pessoa viva.

Dalmatas, os de Dalmacia, que agora commumente se chama Esclavonia.

Damão, cidade no Guzarate Reyno da India.

Damasceno de Damasco, em cujo campo Deos N. Senhor criou o primeiro Homem.

Dano, he o morador de Dania, que agora chamamos Dinamarca.

Danubio, o mayor, & mais celebrado rio de toda Europa.

Daphne, Ninfa filha do Rio Peneo, convertida em louro por causa de Apollo.

Dardania, alli se chamou Troya, de Dardano Rey della.

Dario, Rey dos Persas

David, Rey santissimo, & Propheta, cheyo de Espirito Santo; de quem disse Deos, que achara hum homem conforme o seu coração: com tudo namorado de Bersabè mulher de Urias seu Cavalleiro, veyo a cometer hum adulterio, hum homicidio, & huã traição; de que depois arrependido cantou o Psalmo Miserere. Por filho de David, entenderemos a Christo Senhor N. phrasi, & termo de fallar Hebraico, por fer da geração de David. Vide Saul.

Deca-

Decanijs , são os do Reyno do Hidalcão, em o qual estão Chaul, Dabul, Goa, & outros muitos lugares conhecidos já por fama.

Decios, Romanos fortissimos , os quaes amirão tanto sua patria, que se sacrificaraõ por ella , o pay na guerra Latina, o filho na Hetrusca, & o neto em a guerra, que Pirrho fez pelos Tarentinos.

Dedalca faculdade, obra, & artificio de Dedalo arquiteto famoso.

Dely, Reyno muito grande no Oriente, ainda q̃ hoje muito menor do que já foy.

Delio, he o sol, chamado assi da Ilha Delos, onde dizem que naceo.

Delo , Ilha no mar Egeo, ou Myrtoo , aonde Latona pario a Apollo, & a Diana, & desde então ficou firme, sendo de antes instavel , & que andava vagando pelo mar: por outro nome se chama Ortigia.

Demodoco, musico, & tangedor excellentissimo, da ilha dos Pheaces, que he a q̃ hoje chamamos Corfu, & outros Corcyra.

Diana, filha de Jupiter, & de Latona , Deosa da Castidade, & da caça. E a mesma que Lua no Ceo, & Proserpina no Inferno, & assi a pintavão os Antigos com tres rostos.

Dina, filha de Jacob, a quem a furtou Siquem filho de Hemor, por cuja causa foy morto, & todos os seus, & a terra destruida.

Dinis , he Dom Dinis Rey de Portugal filho del-Rey Dom Affonso o Terceiro.

Dio , ou Diu, cidade maritima em o Reyno de Cãmbaya , fertil, abundante, fadia, & de muito trato.

Diogo, hum dos dous feitores, que Vasco da Gama em Calecut mandou a terra para vender as fazendas, aos quaes João de Barros chama Alvaro Dias, & Diogo Correa; Goes, Diogo Dias, & Alvaro de Braga.

Diomedes, Tirano cruelissimo de Thracia, o qual sustentava os cavallos, com a carne, & sangue dos hospedes, que agasalhava.

Dione, mãy de Venus, & filha do Oceano, & de Tethys. Algũas vezes se toma pella mesma Venus.

Dyte, Irmão de Jupiter, & Neptuno, Deos dos Infernos (segundo os Poetas) chamado por outro nome Plutão.

Dofar, cidade insigne em a costa de Arabia feliz, donde vem o melhor encenso.

Dorçadas, chamadas por outro nome Gorgonas, querem algũs, que sejam as ilhas de S. Thome, & Principe, junto a Manicongo.

Doris, Nympha do mar, filha do Oceano, & de Tethis, & mãy de todas as Nymphas marinhas. Tomase algũas vezes pelo mesmo mar.

Douro, o mayor rio de Espanha.

Duarte, i. do nome, & undecimo Rey de Portugal: foy filho del Rey Dom João o Primeiro.

E

E Borenses campos, os de Evora cidade.

Esfyre, Nimpha filho do Oceano, & de Tethys.

Egas, foy Egas Moniz, Ayo del Rey Dom Affonso

fo Henriques.

Egeó, nome de hum Gigante, filho de Titano, & da Terra.

Egypcia terra, he o Egypto, Região junto de Africa, & parte de Asia, abundante pela inundação do rio Nilo: da qual era Raynha Cleopatra, famosa, mas pouco honesta.

Elyfio, os campos Elyfios, onde os bemaventurados, depois de passar desta vida (conforme a opinião dos Ethnicos) hão descansar, & gozar de perpetua felicidade, hũs os poem nas partes de Andalusia, & outros em Beocia, junto da cidade de Thebas.

Elvas, cidade na arraya de Portugal, & Praça frõteira a Badajoz.

Emathio campo de Emathia Região de Grecia, chamada por outro nome Theffalia, & Emonia, onde Pompeyo foy vencido de Julio Cesar seu sogro.

Emodio, he hũ esgalho do monte Tauro, o qual serve de termino, pela parte do Norte, a terra, que chamamos India, & os naturaes, & vezinhos Indostan.

Encelado, Gigante grandissimo, filho de Titano, & da terra.

Eneas, Varão Troyano, filho de Anchises, & da Deosa Venus, bẽ conhecido pelos versos de Virgilio.

Eniocos, povos de Sarmacia Asiatica, que hoje chamamos Moscovia.

Eolo, filho de Jupiter, & de Sergefta, Rey das ilhas Eolias, dito Rey dos ventos, & das tempestades.

Eoo,

Eoo, he o mesmo que do Oriente.

Epicúrea feita, a de Epicuro Philosopho de Athenas, ou Samos, o qual tinha por opinião, que a nossa alma era mortal, & corruptivel: & entre outros diabolicos erros, dizia mais, que toda a felicidade da vida estava nos deleites della, & que nam havia outro bem mais, que comer, & beber, & levar boa vida.

Ericina, he Venus, assi chamada de Erix, ou E-rice monte de Sicilia, que hoje se diz de S. Julião, onde antigamente era venerada.

Erymantho, rio de Arcadia, que nasce de hum monte do mesmo nome, em o qual Hercules tomou hum porco Javaril, que destruia toda a terra, & o levou vivo a El Rey Euristeo, por cujo mandado foy aquella empresa, crendo que morresse nella.

Erythreas ondas, as do mar roxo, pelo qual o Povo de Israel passou a pè enxuto, fugindo de Pharaó, que com toda sua gente se afogou nelle.

Erythreo seyo, aquelle espaço de mar que fica das portas do dito mar roxo para dentro.

Escádinavia, he hũa península, onde está o Reyno de Suevia, & outros.

Espanha, ou Hespanha, por outro nome dita Hesperia, Provincia de Europa, bem conhecida.

Estevão, he Dom Estevão da Gama, o qual socedeo em o governo da India a Dom Garcia de Noronha, & a quem socedeo Martim Affonso de Sousa.

Estigio lago, o que os Poetas fingem haver no Inferno: o qual dizem haver sido tam venerado dos
pro-

proprios Deoses, que quando juravão por elle, nam
ousavão quebrar o juramento.

Ethiopia, região de Africa, entre Arabia, & E-
gypto.

Etna, monte altissimo de Sicilia, chamado hoje
Mongibello, o qual deita de si chamas de fogo.

Euphrates, Rio celebre de Asia, que corre por
hum lado de Melopotamia: he hum dos quatro rios,
que nascem no Parayso Terreal; como parece no
Genesis. cap. 2.

Evora, cidade celebre de Portugal.

Eurydice, mulher de Orpheo, musico, & tange-
dor excellentissimo, o qual com sua viola atrahya a si
homens, pedras, arvores, & outras cousas insensiveis;
& fazia que os rios se detivessem a ouvir sua mu-
fica.

Euristeo, Rey de Grecia; o qual à instancia de
Juno, mandava Hercules a varias empresas; todas
muito perigosas, a fim de que em alguma perecesse.

Europa, hũa das quatro partes da terra.

Euxino mar, he o que hoje chamão mar mayor,
onde està a grande cidade de Constantinopla, pello
qual navegou a nao Argo, da qual tratamos já em
seu lugar.

F

F Alerno, monte de Campania, em o qual se daõ
vinhos excellentissimos.

Fartaque, cidade principal na costa de Arabia
Feliz: em a qual ha hum cabo do mesmo nome.

Fa-

Favonio, vento Occidental, que por outro nome se diz Zephiro, q̃ quer dizer dador da vida, porque he brando, & amigo da natureza.

Fernando, & Fernão, he o mesmo: quanto ao nome, porem quanto as pessoas; hum delles, foy el Rey Dom Fernando, primeiro, & ultimo do nome em Portugal: filho del Rey Dom Pedro. Outro El Rey Dom Fernando, filho del Rey Dom João de Aragão. Outro Fernão Martins, a quem Goes chama Martin Affonso, & diz que era hum marinheiro, interprete de Vasco da Gama para a lingua Arabiga. E outro finalmente foy Dom Fernando de Castro, irmão de Dom Alvaro de Castro, & filhos de D. João de Castro Viso-rey da India.

Flora, tida entre os Antigos por Deosa das flores.

Focas, lobos marinhos.

Fermião, Philosopho da seita dos Peripateticos, o qual indo hum dia Anibal ouvi-lo a sua escola lhe fez hũa larga oração sobre o officio do bom Capitão, & cousas tocantes ao exercicio da guerra, com tanta eloquencia, que os circunstantes ficarão todos admirados, excepto, Anibal, que sò o teve por doudo.

França, foy o Viso-rey Dom Francisco de Almeida.

Frandes, Região de Gallia Belgica.

Fuas, Dom Fuas Roupinho, cavalleiro Portuguez, & esforçadissimo.

Fulvia, mulher de Marco Antonio,

G

G Abello, certo morador de Rages na Media, de quem indo Tobias por mandado de seu pay arrecadar hum pouco de dinheiro, & nam se atrevendo ir sem companheiro, lhe appareceo o Archangel Sam Raphael, & o acompanhou tẽ o lugar onde hya.

Gaditano mar, he o Occidental; dito assi de Gades, que he a ilha de Cadis sita no Poente.

Galerno, he o mesmo que Favonio, vento, ou Zephiro.

Galatea, Nimpha do mar, filha de Nereo, & Doris; a qual foy muito amada do Gigante Poliphemo.

Gallegos, povos de Espanha.

Gallia, he França.

Gallo, o Frances.

Gambea, Rio de Africa, que algũs querem seja o Niger.

Ganges, Rio da India, por outro nome Phison, hum dos qutro, que nace no Paraíso Terreal.

Gangetico, coufa do Ganges.

Garumna, Rio de França, o qual nasce nos montes Perineos, & dividindo a Gasconha de França, entra no mar Oceano.

Gate, monte do Reyno de Narsinga, o qual serve aos Malavares de muro, contra os moradores de Bishnaga visinhos.

Gedrosia, Provincia de Africa, na costa de Guiné.

Georgianos , povos de Asia menor; fugeita hoje ao Turco.

Germano, quer dizer Alemão.

Gerum, he hũa pequena ilha onde está situada a cidade Ormuz.

Gida, a que outros chamão Juda, cidade na costa de Arabia, & porto da cidade Meca.

Gigantea, coufa de Gigante.

Gigantes, forão, segundo os Poetas, filhos de Titano, & da Terra, os quais determinarão sobir ao Ceo, & lançara Jupiter delle.

Gil Fernandes, por alcunha, ou sobrenome, de Elvas, foy falsamente preso por Payo Rodrigues Marinho, que era Alcaide Môr de Campo Mayor, o qual tinha a voz de Castella, mas resgatado se encontrou despois com elle, entre Elvas, & Campo Mayor, onde Payo Rodrigues foy preso, & morto.

Giraldo, foy hum Cavalleiro Portuguez de muito esforço, & sem medo algum; pello que era chamado, sem pavor, em tempo del Rey Dom Affonso Henriques, em cuja desgraca andava lançado com os Mouros, & por se reconciliar com Deos, & com El Rey, deu traça com que Evora se tomasse aos Mouros.

Glasira, por cujos ditos, chistes, & trovinhas, Marco Antonio deixava a sua mulher Fulvia.

Gnido, ou Cnido, ilha do mar Carpathio.

Goa, cidade Metropoli Archiopiscopal da India.

Gofredo, ou Godifredo; que commummente chamamos Godofre de Bulbaõ, foy filho de Eustachio,

chio, & de Ida, Duque de Letena, o qual ganhou a Corbana Perfa a santa cidade de Hierusalem, onde foy aclamado Rey anno de 1098.

Goliath, he o Gigante Philisteu, a quem o Santo David matou com hũa funda.

Gonçalo Ribeiro, chamavase Gonçalo Rodrigues Ribeiro; o qual, com Vasco Anes, collaço da Raynha Dona Maria de Castella, & Fernão Martins de Santarem, fizeram grandes cousas em França, onde passarão a ganhar fama, por sua cavallaria, como então se costumava, & vindo Gonçalo Rodrigues ter a Castella, matou em desafio a hum Castelhana, & em hũa justas reaes, que ElRey de Castella fez à sua instancia, fizeram todos tres muitas ventagões.

Gonçallo, este foy o beato Gonçalo da Silveira da Companhia de Jesus.

Gotica gente, os Godos, povos de Scythia, espanto antigamente de toda Italia, aonde fizeram grandes crueldades, seguindo a Atila seu Rey, & seu Capitão.

Granada, Reyno de Espanha de hũa cidade assi chamada, na Provincia Bethica, que he Andalusia.

Granadil, o de Granada.

Grecia, Região de Europa, em todas as disciplinas antigamente celeberrima, hoje quasi fugeita ao Turco.

Grego sabio, he Ulysses, natural de Grecia.

Guadalquivir, he o Bethis rio que passa por Sevilha.

Guadiana, Rio de Espanha, que nasce junto à ferra de Alcarraz, & junto de hum lugar, que chamão

Lapuebla de Alcacer, se mete debaixo do chão, & vai fair dahi 9. ou dez leguas.

Guardafu, o cabo, a que os Antigos chamão Aromata, no fim da terra de Africa, & principio de Asia. Gueos, povos fugeitos ao Rey de Syão.

Guido cognominava se Lusigniano, & foy ultimo Rey de Hierusalem.

Gusarates, são os moradores do Reyno de Cambaya, onde està Diu.

H

H Arpias, forão tres, Elo Ocypite, & Celeno, que rambem se chama Podarge, das quais contão os Poetas, que quando Phineo Rey de Thracia, por conselho de sua segunda mulher, tirou os olhos aos filhos da primeira, os Deoses enojados disso lhe quebraraõ os seus, & para mayor tormento, tudo quanto lhe punhão diante para comer lhe tiravão as Harpyas, que erão hũas aves muito cõrjas, & golosas.

Hebrea mãy, entende Emina mãy de Mafamede, cujo pay foy Abdelà gentio de nação.

Hector, hum foy Hector da Sylveira, que desbaratou a Halixa Capitão mór da Armada de Diu; & o outro, a quem o Poeta o compara, Hector Troyano, filho de Priamo Rey de Troya, & de Hecuba sua mulher, o qual por muitas vezes desbaratou os Gregos, no cerc o de Troya.

Helicon, monte de Boecia, nam longe de Parnaso, dedicado a Apollo, & às Musas.

He.

Helio Gabalo, Emperador Romano, o mais vicioso, & afeminado homem, que ouve no mundo.

Helle, filha de Athamante Rey de Thebas, & de Nepheles, a qual fogido com seu irmão, Phrixo, do odio, & traçoões de sua madrastra Ino, & indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro, que seu pay lhe dera, cahio no mar, o qual por esta occasião se ficou dali chamando Hellesponto.

Hellesponto, he hum braço de mar, que divide Asia de Europa, chamado hoje o estreito de Galipoli, ou braço de Sam Jorge.

Hemispherio, quer dizer meya Esphera, que significa redondeza, & assi chamão os Gregos ao mundo, como os Latinos Orbe.

Hemo, monte de Thracia altissimo, em o qual se diz estar o domicilio de Marte, hoje se chama cadeado mundo, & toda esta terra se fugeita ao Turco.

Henriques o primeiro de que o Poeta faz menção, foy o Conde Dom Henrique, pay del Rey Dom Affonso Henriques, primeiro de Portugal. O segundo, o Infante Dom Henrique, filho terceiro del Rey Dom João o Primeiro, com que se achou na tomada de Ceita, & foy o primeiro, que entrou as portas della, como o Poeta adiante diz no Canto 8. est. 37. O terceiro, foy hum cavalleiro Alemão, o qual morreo nesta cidade de Lisboa, quando foy tomada aos Mouros ao longo de sua sepultura se conta que nasceo hũa Palmeira, com a qual, pella virtude deste santo Varão, se obravão muitas maravilhas. E o quarto, Dom Henrique de Menezes, por alcunha, o Roxo, que socdeu no governo da

da India, a Dom Vasco da Gama, & foy muito virtuoso, & esforcado cavalleiro.

Hercules, filho de Jupiter, & Alemena, do qual se escrevem grandes feitos, & se contão principalmente doze trabalhos; dos quais se explicão algũs, por diversos lugares deste indice, onde convem para entender os do Poeta.

Hermo, Rio de Lydia, que divide a Eolia da Jonia, com o qual se mistura o Pactolo: ambos levão áreas de ouro.

Heroas, & Heroes, chamavão os Antigos aos Varoẽs illustres, & de grande valor, que por suas façanhas, & virtudes, merecerão ser tidos por iguaes aos Deoses, & de ahi, coufa Heroica.

Herostrato, hum louco, & perdido, o qual queimou o templo de Diana Ephesia, sò por adquirir fama immortal no mundo.

Hesperia, a ultima, ou menor he Espanha; a primeira, ou mayor Italia.

Hesperides, forão tres, Egle, Aretusa, & Hesperetusa, filhas de Hespero Rey de Africa: as quais se diz tiuhão hum pomar, que dava fruitos de ouro, & era guardado por hum dragão, que nunca dormia, mas Hercules o matou, & levou os ditos pomos. Habitavão as Hesperides em hũas ilhas, que de seu nome, ou de Hespero seu pay, se chamavão Hesperides, & conforme a opinião de algũs, saõ as que hoje dizemos do Caboverde.

Hesperio, he o mesmo que Hespero.

Hyacintinas flores, de Hyacinto, mancebo amado de Apollo, o qual se matou a si mesmo, & naõ podendo Apollo remediar sua morte, o convertio em huã

huã flor com as letras , A. I. que vem a dizer ay, em lembrança do que Hyacinto deu, quando cahio morto.

Hydalcão, Príncipe poderosissimo da India, em o Reyno Decan, onde està a cidade de Goa. A quem o dito Hydalcão cercou no anno de 1572. cõ 7000. Infantes, 3500. cavallos, 200. Elephantes, & 250. peças de artilheria, sem lhe aproveitar nada.

Hidaspe, ou Idaspe , rio da India celebrado por sua grandeza.

Hierusalem, cidade principal, nam sò de Judea, mas de todo o mundo : & onde foy obrado o mystério principal de nossa Redempção.

Hierosolima cidade, he Hierusalem.

Hymineo , filho do Deos Baccho , & da Deosa Venus, honrado por Deos das bodas , entre os Ethnicos, & assi se toma pelas mesmas bodas , & casamentos.

Hyperborcos montes, são hũs, que ficão na parte septentrional de Europa.

Hyperionio , he o mesmo sol , do qual se finge, que depois de ter dado luz neste Hemispherio, se recolhe ao mar, & cõ Tethys senhora delle, passa a noite, descansado do trabalho do dia.

Hypocrene , fonte de Beocia , nacida, como os Poetas dizem, da ferida, que o cavallo Pegaso ali fez com o pès a qual he dedicada às Musas.

Hyporades, he Eolo Rey dos ventos, por ser casado com Sergesta filha de Hypotas Troyano.

Hircinia montanha, dizem ser hum bosque muito grande, & muito espesso, entre o qual , & a terra de Sarmacia està Alemanha.

Homero, Poeta Grego, & Principe dos Poetas, & por elle ser este, depois de morto, contenderão muitas cidades de Grecia, sobre qual dellas era sua patria.

Horizonte, no sentido do Poeta, he aquella parte do Ceo, onde o sol começa mostrar seus raios.

Hunno, o Huno fero, foy Atila.

I

I Anco, Rey antiquissimo de Italio, ao qual pintavão com dous rostos.

Jaos, gente de Jaoa, Provincia do Oriente.

Japão, ilha do Oriente, que dizem terá 600. leguas de comprido, & 300. de largo: fugeita toda a hũa só Rey, ao qual elles chamão Voo, & o q̃ agora reyna se chama Tuxo Gunzama.

Japeto, Gigante filho de Titano, & da Terra, & pay de Prometeo, do qual contão os Poetas, que fazia homens de barro, com tanto engenho, que parecião vivos; & vendo a caso Minerva a sua obra, lhe deu ajuda para subir ao Ceo, donde trouxe fogo, que tirou do carro do Sol, com que deu vida aos homens, que de barro fazia; & daqui vem que algũs hoje presumem ser filhos do mesmo Sol. Mas querendo Jupiter castigar este atrevimento, o mandou amarrar no monte Caucaço com hũa aguia, a qual de continuo estivesse comendolhe as entranhas.

Jaquete, lugar no Reyno de Cambaya ao longo da costa: junto ao qual faz o mar huã enleada muito meti-

metida pela terra dentro, em a qual o mar enche, & vasa com tanta pressa, que trastorna todo o navio, q̃ nam acha com a proa para a corrente da agoa.

Jasque, hum cabo nas partes da India chamado antigamente Carpella, cujo sertão he muito esteril, & foy dito Carmania.

Ibero, he o Ebro, Rio de Espanha, & assi terras Iberinas terras de Espanha.

Idalio, monte, bosque, & castello na Ilha de Chipre, dedicada a Venus.

Idaspe, ve Hidaspe.

Idea selva, huã do monte Ida junto a Troya, em o qual deu Paris o juizo das tres Deosas, Juno, Pallas, & Venus.

Illyricos, de Illyrico, ou Illyris, Região na costa do mar Adriatico.

India, fica entre o meyo dia, & o Oriete, Região saluberrima, & bem conhecida.

Indo, hum dos mayores rios do mundo, que rega, & dá nome à India.

Inglaterra, Ilha no mar Oceano bem conhecida, cujos Reis entre outros titulos, tem o de Hierusalem.

Ines, foy Dona Ines de Castro, Senhora muito principal, cuja historia com El Rey Dom Pedro he muy sabida.

João, ou Joanne, hum foy El Rey Dom João o Primeiro, chamado de boa memoria, filho del Rey Dom Pedro; ou El Rey Dom João o Segundo, filho del Rey Dom Affonso o Quinto, & o ultimo El Rey Dom João o Terceiro, filho del Rey Dom Manoel: & todos tres forão muito valerosos.

Yopas, hum grande musico de Africa, & tangedor excellentissimo.

Jordão rio, que nasce ao pé do monte Libano, & o primeiro do mundo, pelas maravilhas, que nelle foram feitas, & por aver sido baptisado nelle Christo Nosso Salvador, por S. João Baptista. A agoa deste rio escreve o Senhor de Villamont Frances, em o livro que fez de suas viagês, que nam se corrompe, nem se gasta já mais: o que experimentou por hũa redoma, que cheya della, trouxe desde Hierusalem até Veneza, distante mais de 700. leguas hũa da outra, segundo o caminho que fez.

Yos, ilha do mar Mirtoo, em a qual dizem estar sepultado o Poeta Homero.

Ismael, filho de Abraham, & de Agar escrava sua do qual os Mouros são chamados Ismaelitas.

Ismar, hum dos cinco Reys Mouros, a quem El-Rey Dom Affonso Henriques venceo no campo de Ourique.

Israel, nome que o Anjo poza Jacob.

Istro, rio grandissimo de Europa, o qual por outro nome se diz Danubio.

Italia, nobilissima região de Europa.

Ithaco, he Ulysses, chamado assi de Ithaca sua patria, ilha do mar Egeo, vulgarmente dita Val du Compare, muito montuosa, & de pouco valor.

Juba, Rey antigo de Mauritania.

Judaico Rey, entende Ezequias, o qual estando já sentenciado por Deos à morte, foy milagrosamente por suas lagrimas remediado.

Judea, Região de Siria na Asia mayor, a qual he parte de Palestina, chamada na Escriptura Terra de Pro-

Promissão, em a qual está a cidade Santa de Hierusalem, & he toda sujeita ao Turco.

Juditta, ve Balduino.

Juliana manha, a que o Conde Dom Julião teve para perder Hespanha, metendo por Ceita os Mouros nella.

Juno, filha de Saturno, & de Opis, irmã, & mulher de Jupiter, Deosa dos Reynos, & riquezas, a qual se diz presidir tambem nos casamentos, & partos, por cuja causa a chamarão Probuma, & Lucina.

Jupiter, filho de Opis, & de Saturno: nascido de hum parto com Juno, ao qual os Antigos veneravão pelo mayor de todos os Deoses.

L

L Actea via, ou Lacteo caminho, he o que chamamos communmente caminho de Santiago.

Lageia, he Cleopatra Raynha de Egypto.

Lamo, cidade na costa de Meliude.

Lampecia, irmã de Phaetonte filho do Sol.

Lampetusa, outra irmã do mesmo Phaetonte, a qual com suas irmãs fizeram tam grande pranto pela cahida de seu irmão Phaetote, que movidos os Deoses a piedade as converterão em alamos.

Laos, povos sujeitos ao Rey de Syão.

Lapia, Provincia da Europa Septentrional.

Lara, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.

Larissea, entendese Coronis Nimpha, filha de Leucippo, chamada por outro nome Arsinoe, a qual

matou Apollo pello adulterio, que contra elle cometeo.

Latona, mãy de Apollo, que he o Sol, & de Diana, que he a Lua.

Leiria, cidade de Portugal.

Leonardo, chamavase Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama, o qual dizem era muito gracioso, & namorado.

Lepido: foy Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano, & Marco Antonio, sendo Consules, & inimigos entre si capitaes, vierão a dividir o Imperio Romano, que juntos governarão doze annos, & fizerão huã liga, & concerto, em que cada hum delles entregasse seus inimigos: & assi Marco Antonio entregou a Lucio Antonio seu tio irmão de seu pay: Marco Lepido, a Paulo seu irmão, Cesar Octaviano a Marco Tullio Cicero, a quem sempre chamara pay, & de quem fora sempre tratado como filho.

Levante, he donde o Sol nasce.

Leucate, Promontorio no Epiro, que hoje se chama Albania, & perto de outro cabo chamado Accio, entreos quaes foy aquella memoravel batalha entre Octaviano Augusto, & Marco Antonio, em a qual Marco Antonio, & Cleopatra Raynha do Egypto foraõ desbaratados.

Leucothoe nimpha filha de Orchamo, Rey de Babilonia, pella qual Apollo fez muitos extremos, que lhe nam custarão menos que a vida. E assi Apollo a converteo despois em a arvore, que dà o encenso.

Lianor, foy Dona Lianor Telles de Menezes,
mu-

Her de João Lourenço da Cunha, a quem El-Rey Dom Fernando a tomou, & se casou com ella.

Lião, Reyno de Espanha, fugeito à Coroa de Castella.

Libia, he o mesmo que Africa, terceira parte da terra, dita assi de Libia, filha de Epapho, & mãy de Busris.

Libitina, Deosa dos sepulchros, & se toma pella mesma morte, segundo Ravisio.

Lycia, Região de menor Asia, celebre pello Oraculo de Apollo: cujos moradores, dizem os Poetas, forão convertidos em rãs: por negarem agoa a Latona, passando por ali, era tempo de grande calma, apertada da sede.

Lyeo, hum dos nomes, que os Poetas dão a Baccho, que os Antigos tinham por inventor do vinho, avendoo sido o Patriarcha Noe.

Lynces, animais, que vem muito.

Lyoa, ferra asperissima na costa de Africa.

Lipuscua, Provincia de Biscaya.

Lisa, ou Luso, companheiro, ou filho de Baccho, de cujo nome Portugal se disse Lusitania.

Lisboa, celeberrimo Emporio de Portugal, & cabeça de todo elle.

Livonios, povos de huã Provincia de Sarmacia, chamada agora Livonia.

Londres, cidade antiquissima de Inglaterra, & cabeça de todo o Reyno.

Lotharingia, Provincia de Europa: a qual antigamente se dizia a Austria, & Austrasia.

Loto, arvore, em que foy convertida huã nimpha

pha deste nome; cujo fruto he tam saboroso, segundo os Poetas, que dizem, que os que comem delle se esquecem de suas terras, mulheres, & filhos, como succedeo aos companheiros de Ulysses.

Lourenço, este he Dom Lourenço de Almeida, o qual defronte de Cananor, com onze vellas, em que hião lamente 800. homens, desbaratou hũa armada do Samorim, composta de 8 naos grossas, & 124. paraos, em que havia gente sem conto.

S. Lourenço, ilha famosa na costa de Ethiopia, a que os da terra chamão Madagascar. Ha nella diferentes Reys, hũs Mouros, outros Gentios.

Luis, foy nono do nome em França, & dos Reys. 45. filho de Luis Outavo, canonizado por Santo na Igreja de Deos, pelo Papa Bonifacio VIII. Anno de 1197.

Lusitania, he Portugal.

Luso, vide Ly sa.

M

Macedonia, Provincia de Europa, dita assi de Macedon filho de Osiris, celebre pelos dous Reys Philippe, & Alexandro. Tambem se disse Emacia, ou Emathia, & agora Turquesia.

Maçua, cidade posta em hũa Ilha do mesmo nome na costa de Africa.

Madagascar, he a Ilha de S. Lourenço, de que atraz fica dito.

Mafoma, ou Mafamede, Arabo invetor, & Principe da seita Mahometana. O qual dizem os Mouros

ros proceder de Abraham, & de Agar sua escrava: foy filho de Abdelà Gentio, & de Emina Hebreia de nação.

Maфра, villa no termo de Cintra.

Magalhaes, foy Fernão de Magalhaes Portuguez o qual aggravado del Rey Dom Manoel, se passou a Castell: donde partio com cinco vellas para as Ilhas de Maluco, em cuja viagem descobrio o estreito, que de seu nome se chama de Magalhaes.

Magos: em a lingua de Persia Mago, he o mesmo que na Grega Philosopho, & na nossa sabio. Comummente se toma por qualquer feiticengo, & assi.

Magica sciencia, a feitiçaria.

Magrico, assi se chamava de alcunha Alvaro Gonçalves Coutinho: filho do Marichal Gonçalo Valsques Coutinho, & irmão de Dom Vasco Coutinho, primeiro Conde de Marialva. O qual foy hum dos doze Portuguezes, que passarão a Inglaterra, em favor das doze Damas, cuja historia com tanta elegancia o Poeta conta.

Mahometa, cousa de Mouros, os quais se chamão Maometanos.

Malaca, cidade nobilissima do Oriente, chamada aurea, assi pelo muito ouro que nella ha, como por sua fermosura: & abundancia de todas as boas cousas do mundo; disse por outro nome Chersoneso.

Malayos, os moradores, & povos de Malaca.

Malavar, Reyno do Oriente, onde está situada a cidade de Calecut.

Maldiva, hũa das Ilhas deste nome, & principal de todas ellas: sita defronte da costa da India: debaixo

xo da agoa tem arvores , que dão o coco, que chamamos de Maldiva.

Maluco, são cinco Ilhas deste nome, em as quais se dà o cravo.

Mandinga, Provincia grandissima de Negros, em a costa de Africa, a qual he muito abundante de ouro.

Manoel, foy El Rey Dom Manoel , primeiro do nome, & 15. dos Reys de Portugal, & filho do Infante Dom Fernando , em cujo felicissimo Reynado se descubrio, & conquistou a India.

Maratonios campos, estão na Região Attica de Grecia, em os quais Melciades valerosissimo Capitão dos Athenienses desbaratou a Date Capitão de Dario Rey dos Persas.

Marcello, he Marco Marcello , Capitão Romano valerosissimo, o primeiro que venceo a Anibal Capitão dos Carraginezes.

Marcio Jogo, he a guerra de Marte , a quem os Antigos tinham por Deos della.

Marcomanos , povos de Alemanha , chamados hoje Moravos.

Maria, foy a Raynha Dona Maria , filha del Rey D. Affonso, o quarto do nome em Portugal , a qual foy casada com El Rey Dom Affonso , segundo do nome em Castella.

Mario, Capitão valeroso entre os Romanos, mas tam cruel, & inhumano, que se matou com suas proprias mãos.

Marrocos, cidade de Berberia, & cabeça de hum Reyno alli chamado.

Marte, filho de Jupiter, & de Juno, a que os Antigos

tigos tinhaõ por Deos da guerra, & de ordinario se toma pela mesma guerra.

Martim Lopes, foy hum fidalgo Portuguez muito esforçado, o qual na entrada, que em Portugal fez Dom Pedro Fernandes de Castro, pessoa principal de Castella, o qual por amor dos Condes de Lara, se havia lançado com os Mouros; & chegou a tomar Abrantes, com pouca gente o desbaratou, & prendeo.

Martinho, foy este Martim Affonso de Sousa, excellentissimo Capitão, & sabio, Governador na India, a quem socedeo Dom João de Castro, semelhante ao socedido.

Mascarenhas: de dous faz o Poeta menção, hum foy Pedro Mascarenhas Capitão de Malaca, que por segunda via socedia a Dom Henrique de Meneses em o governo da India, mas por estar ausente, lhe nam foy possivel. Este fidalgo foy muito valeroso, & tomou a Ilha Bintão sujeita aos Reis de Malaca, sendo que avia nella 300. peças de artilheria, & outros muitos petrechos, & invenções de guerra, alem de huã armada del Rey de Pam. O outro, Dom João Mascarenhas Capitão de Diu, no tempo de Dom João de Castro, o qual defendeo aquella fortaleza de mais de tres mil homens, & 600. Turcos, com menos de 600. Portuguezes, por espaço de seis meses, até q foy socorrido, com que depois ganhou huã grande vitoria em batalha campal.

Mascate, Lugar, que está de Socotorá para Ormuz.

Massilia, he a que por outro nome chamamos Mauritania, & communmente Berberia.

Dom Mattheus, Bispo de Lisboa, dando batalha a quatro Reys Mouros, a saber, ao de Cordova, ao de Sevilha, ao de Badajoz, & ao de Jaem, que vinhaõ a soccorrer os Mouros de Alcacere, com muito menos gente os venceo, & os quatro Reys forão mortos, & muita de sua gente.

Mavorte, he o mesmo que Marte, Deos da guerra.

Mavorcios perigos, os da guerra.

Meca, cidade de Arabia, em a qual ha hum poço, com cuja agoa dizem os Mouros, que se lavava Mafamede, & por isso vão tantos a ella de diferentes partes em romarias, porque cuidão, que este lavatorio somente basta para sua salvação.

Mecom, rio grandissimo, o qual nasce na China, & corre pelo Reyno de Camboja. Interpretase Capitão das agoas.

Medea, filha de Eta Rey de Colchõs, grande feiticeira, & muy esperdiçada por Jalon, por cujo amor matou a seu irmão, & indo fugindo de seu pay, lho hia lançando pelo caminho em pedaços, porque assim tivesse tempo para fugir, em quanto seu pay se detinha em os recolher.

Medina, lugar pequeno de Arabia, em o qual dizem està o Cancarrão, ou calcanhar do maldito Mafamede.

Mediterrano mar, he aquelle que divide a Africa de nossa Europa.

Medusa, filha de Phorco, & de hum monstro marinho, cujo rosto mudava a quem o via, em pedra, como succedeo a Athlante, Rey de Africa, o qual foy convertido em hum monte do mesmo nome.

Mege.

Megera, filha de Acheronte, & da Noite, huã das tres furias, que os Poetas fingem haver no Inferno.

Melciades, Capitaõ famoso Atheniense, o qual com muito pouco poder desbaratou junto a hum lugar chamado Marathona Date General delRey Dario.

Meliapor, ou Mailapur, cidade no Reyno de Narsinga: em a qual padeceo martyrio o Apostolo Sam Thomè, que hoje està nella sepultado.

Melinde, cidade na costa de Africa, cujo Rey foy sempre grande amigo dos Portuguezes.

Melique Yaz, hum Mouro, que de cativo de hum Mercador, veyo a ser Senhor de Diu, cidade rica, & bella da India.

Mem Moniz, filho de Egas Moniz, Ayo, & Amo delRey Dom Affonso Henriques, foy esforçadissimo cavalleiro.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, foy fidalgo muy valeroso no tempo delRey Dom João o Primeiro.

Memnon, filho de Titon, & da Aurora, de quem morto por Aquiles, foy convertido em Ave.

Memphis, he hoje a graõ cidade do Cairo no Egypto.

Memphirico, quer dizer coufa do Egypto, onde Anubis Idolo era adorado em figura de Cão.

Menão, rio (cujo nome na lingua dos naturaes quer dizer mãy das agoas) divide de alto abaixo o Reyno de Syão, & dizem, que tem de comprimento mais de 300. leguas.

Meneses, o primeiro foy Dom Duarte de Mene-

ses filho herdeiro de Dom João de Meneses Conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de S. João, Capitão de Tangere, & Mordomo mór da casa del-Rey Dom Manoel; & seu Alferez mór, pessoa notavel neste Reyno, por seu sangue, & cavalleria. O segundo foy Dom Henrique de Meneses o Roxo de Alcinha, de que atras fica feita menção. Na dicção Henrique.

Menonio, he o mesmo que Memnon.

Meotis, lagoa de Scitia na Região septentrional, a que os Scythas chamarão Temerinda, que quer dizer fim; ou mãy do mar. Outros lhe chamão mardelle Sabaccho, Mar della Tana, Mar branco, & ultimamente Carpato.

Mercurio, filho de Jupiter, & de Maya, a quem os Poetas fazem nuncio dos Deoses, & da sciencia, & lhe dão diversos nomes.

Meroe, Ilha grandíssima do Nilo, em a qual hũa cidade do mesmo nome, que dizem foy edificadapor Caribiz, & lhes poz o nome de huã sua irmã ali sepultada, hoje se chama Neba.

Mincio, Rio que passa junto a Mantua patria do grande Poeta Virgilio.

Minerva, filha de Jupiter, & Deosa da sabiduria, & de todas as artes.

Minho, Rio affaz conhecido em estas nossas partes.

Minias, povos de Thessalia, os quais passarão a Colchos em conquista do Vello de ouro, na nao Argos, a qual dizem os Poetas foy a primeira, q̃ no mundo ouve, mas he falso, & contra toda a verdade.

Miralmuminim, na lingua Arabiga quer dizer Princi-

Principe dos scientes, & assi se intitulava hum Abedramon, Emperador dos Mouros, que dizem fundou a cidade de Marrocos para Metropoli, & cabeça de seu estado.

Mirhocem, foy hum Capitão do Soldão do Egipto.

Mirrha, filha de Cinaras Rey de Chipre, & mãy de Adonis, tam luxuriosa, que se deitou occultamente com seu proprio pay, & finalmente dizem, foy convertida em a arvore de seu nome.

Moçambique, hũa povoação, pequena em a costa de Ethiopia: a qual he hoje a principal escala, que as nossas naos tem na viagem da India.

Moçandão, he hum cabo chamado por outro nome, Afaboro, entre Arabia, & Persia.

Mogor, he o que commumente chamamos Tartaro.

Moyfes, primeiro Legislador, & Doutor da ley divina.

Moloso, he o lebreo, chamado assi de Molosia, Provincia de Epiro, que hoje se diz Albania, donde vem os melhores.

Mombaça, lugar na costa de Melinde, em o qual he todo o mato de Laranjaes.

Monçaide, foy hum Mouro natural de Tunes, o qual estava em Calecut quando Vasco da Gama ali chegou, & se fez tam familiar dos Portuguezes, com que havia cà communicado, em Oraõ, que se veyo com elles a este Reyno, onde recebeo a fé de Nosso Senhor Jesu Christo em a qual morreo.

Mondego, rio entre nós bem conhecido: nasce, & morre dentro deste Reyno.

Mor-

Morpheo, fingirão os Poetas Ministros, ou filho do Sonno.

Moscós, os de Moscovia.

Moscovia, por outro nome a Rússia, he hoje o Imperio do Gram Duque; em o qual ha o animal Zebello, cujas pelles são tam presadas como as Marthas, & se dizem commummente Arminhos.

Moura, villa de Portugal, na Provincia de Alentejo.

Muluca, Rio do Reyno de Fez em Africa.

Murice, certo marisco, do qual se tira a cor vermelha, que chamão Purpura.

Musas, foraõ nove filhas de Jupiter, & Mnemosyne, as quaes se diz foraõ inventoras dos versos, & por taes invoca das dos Poetas.

N

N Abateos montes, ou Nabateas ferras, são as terras do Oriente, onde he a região Nabathea chamada assi de Nabath primogenito de Ismael, q nella reynou; cuja Metropole he Petra.

Nayades, ou Naides, são as Nimphas das fontes & dos rios.

Naires, sobrenome dos nobres entre os Malavares, gente da India.

Napoles, chamada Parthenope, de hũa Sirena deste nome, he hũa illustre, & gentil cidade na Campania Região de Italia em cabeça do Reyno do mesmo nome.

Narínga, Reyno grande, & rico do Oriente, o qual

qual por outro nome se chama Bisnagà, da grãdissi-
ma cidade Bisnagà, cabeça, & Metropoli do Rey-
no.

Navarra, parte, & Reyno septentrional de Es-
panha.

Navarro, o de Navarra.

Nectar, dizem os Poetas, q̃ he o beber dos Deo-
ses, como a Ambrosia o comer.

Nemeo, animal, he o Lião, que Hercules matou
no bosque Nemeo em Achaya.

Nemesis, chamada por outro nome Rhamnusia,
foy filha do Oceano, & da noite, & tida dos Antigos
por Deosa da justiça.

Neptuno, filho de Saturno, & de Opis, foy entre
os Antigos tido por Deos do mar, & o principal de
todos os Deoses Marinhos. Tomase algũas vezes pe-
lo mesmo mar.

Nereo, Deos do mar, filho do Oceano, & Te-
thys, o qual da Deosa Doris sua mulher entre gran-
de numero de filhas, as quaes se dizem Nereidas fi-
guradamente se toma tambem pelo mesmo mar.

Nereides, as Nimphas filhas de Nereo, & de
Doris.

Nero, cruelissimo Emperador de Romanos.

Nhaya, he Pero da Nhaya, Castelhano, mas ca-
sado em Portugal, & morador em Santarem, o qual
fez a fortaleza de Sofala, & matou o Rey Mouro da
terra, que lho queria impedir.

Nicolao Sacro, pelo bemaventurado S. Nicolao
grande avogado dos navegantes.

Nicolao Coelho, Capitão de hum dos cinco na-
vios, com que Vasco da Gama foy em descubrimen-
to

to da India.

Nilo, Riograndissimo do Egypto, & hum dos mayores do mundo, o qual nasce em hum monte da inferior Mauritania, & dividindo Africa de Asia, entra no mar por sete bocas.

Niloricas enchentes, as do Nilo.

Nymphas, Deofas que os Poetas fingē: das quais as que presidem nas agoas se chamão Nayades, as que nos montes Oreades, as que nas arvores, & bosques Driades, Hamadriades, & Napeas.

Nino, filho de Bello, que foy primeiro Rey de Asiria, & de Semiramis, a qual se diz, que foy criada pelas Pombas.

Nobe, filha de Tantalo, irmã de Pelope, & mulher de Amphiom Rey de Thebas, a qual por se querer preferir a Latona foy convertida em pedra.

Nisa, cidade da India, em a qual naceo Bacco.

Nise; nimpha do mar filha de Nereo.

Noba, vide Meroe.

Nocturno Deos, he Erebo, que os Poetas fazem casado com a noite, & dizem ser o porteiro do Sol.

Noe, pay de Sem, Cam, & Japhet, foy o primeiro Patriarcha da segunda idade, o qual despois do diluvio ensinou o modo de prantar as vinhas.

Noronha, he Dom Garcia de Noronha: Viso rey que foy da India.

Noruega, Provincia de Europa Septentrional.

Noto, he o vento Sul, ou Vendaval.

Nuno Alvares Pereira Condestavel destes Reynos,

nos, & defensor delles: de cujas maravilhas està o mundo cheyo.

O

O By, Rio do Oriente.

O Obidos, villa de Portugal.

Oceano, filho de Celo, & Vesta, Deos do mar, casado com Thetis, & pay de todos os rios, & fontes, Os Poetas o tomarão por qualquer mar.

Octaviano, Cesar Octaviano, Emperador de Roma.

Octavio, he o mesmo que Octaviano.

Ogygia, Ilha no mar Jonio.

Oja, cidade na costa de Melinde.

Olimpo, monte de Macedonia, chamado hoje de Santa Cruz, pelo sucesso que ali teve Santa Helena vindo de Hierusalem. Disse que he taõ alto, que passa a região do ar, & ordinariamente se toma pelo mesmo Ceo.

Olympica morada, he o Ceo.

Omphale, Raynha, de Lidia, por quem Hercules fez grandes estremos, atè fiar, & lavrar como mulher.

Ophir, região celebre na Sagrada Escritura, abundantiſſima de ouro, pelo que algũs tem para si, que he a Ilha Samatra, junto a Malaca.

Oriãs, povos ao longo do Rio Ganges.

Oriente, onde o Sol nasce, & assi se toma pela India.

Oriente, Constellação, junto ao signo Tauro; os

h

Poe-

Poetas o fazem filho de Neptuno, & de Mercurio, gerado da ourina de ambos.

Orithia, nome de huã das Nymphas do mar, amada do vento Boreas.

Orixa, Reyno do Oriente, o qual começa da terra de Narfinga, & acaba no cabo Segogozza.

Orlando, por opinião de Marco Antonio Sabellico, foy verdadeiramente hum daquelles Paladinos valerosos, & esforçados nas armas, os quaes em muitas empresas tiverão singulares, & gloriosas victorias. A este matou Geneleão a traição cõ outros muitos, & fortissimos Capitaes.

Ormus, cidade inclita da India situada em huã pequena Ilha chamada Gerum em a garganta do mar Parseo.

Orphee, filho de Apollo, & da musa Caliope, Poeta excellentissimo: & amante de Euridice.

Ottomano, nome dos Emperadores de Turquia.

Ourique, lugar no Reyno do Algarve.

P

P Acheco, he Duarte Pacheco Pereira, que vendeo sete vezes o Emperador do Malayar, chamado entre elles Samory, vindo de todas com grande poder. Em satisfação do que despois de muytas perseguições veyo a morrer pelos hospitaes.

Pactolo, rio de Lidia, que dizem levar areas de Ouro.

Pado, o mais famoso rio de toda Italia; os Gregos lhe

Ihe chamão Eridano, & nós vulgarmente o Po.

Payo, he Dom Payo Correa, Portugues de nação Mestre de Calatrava em Castella, grande cavalleiro, & perseguidor de Infieis.

Pallas, he Minerva.

Palmella, villa de Portugal, & cabeça dos cavalleiros da Ordem de Santiago neste Reyno.

Paõ, neste poema nam heo Deos dos Pastores, mas hum Reyno do Oriente.

Panane, huã das principaes povoações del Rey de Calecut.

Panchaya, Região de Arabia, em a qual ha muitas arvores de encenso.

Panonios, os de Panonia, Região vastissima de Europa, agora dita Hungria.

Panopea, Nimpha do mar, filha de Nereo, & Doris.

Panthea, mulher de Abradatas Rey dos Susos, fermosa, & casta. Vide Araspas.

Paphia Deosa, he Venus, de Paphos.

Paphos, cidade da Ilha de Chipre, dedicada a Venus, donde foy chamada Paphia.

Parchas, são tres Cloto, Lachesis, & Atropos: filhas de Erebo, & da noite, as quais dizem os Poetas que desde o nascimento de huã criatura dispoem de sua vida, como lhes parece, fiando, & assi pintão Cloto com a roca, Lachesis fiando, Atropos cortando o fio.

Pares, são doze pessoas, seis Ecclesiasticos, & seis Seculares, que Carlo Migno Rey de França escolheo entre os Principaes do Reyno, para os levar consigo à guerra, & chamou os Pares, que foy tanto

como se os chamara iguais. Por outro nome se dizem Paladinos.

Parnaso, monte de Phocis, dedicado às Musas, ao pé do qual está a fonte Castalia, cuja agua tinha tal virtude, que os que bebião della ficavão logo Poetas.

Parseos, he o mesmo que Persas.

Parthenope, vide Napoles.

Patanes, povos da India, poderosos em gente, & terra.

Paulo, hum foy o bemaventurado Sam Paulo Apostolo de Christo: o qual indo prezo para Roma, teve no mar huã grandissima tormenta. O outro Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, descobridor da India.

Pedro, de muitos faz o Poeta menção, seja o primeiro S. Pedro Principe dos Apostolos. O segundo D. Pedro Rey de Portugal, filho del Rey Dom Affonso o Quarto. O terceiro, o Infante D. Pedro, filho del Rey D. João o Primeiro, o qual foy Duque de Coimbra, & Governador destes Reynos em tempo del Rey D. Affonso o Terceiro, seu sobrinho. O qual Infante esteve em Alemanha, onde fez muitas cousas memoraveis. O quarto o Conde D. Pedro, filho de D. João Affonso de Meneses, Conde de Viana, foy o primeiro Capitão, & Governador de Ceita, a qual defendeo de dous cercos valerosissimamente contra toda a Berberia. O quinto, Dom Pedro de Sousa, Capitão de Ormuz, muito esforçado cavalleiro. E o sexto Pedro Rodrigues, chamado do Alandroal, por ser Alcaide mór desta villa, cavalleiro de muito valor, em tempo del Rey D. João o Primeiro.

Pegû, Reyno Oriental, em o qual ha muito ouro, & outras pedras preciosas, & abundancia de mantimentos.

Peleo, Rey de Theffalia, o qual foy casado com Tethys senhora do mar.

Peno asperrimo, he Anibal.

Perithoo, filho de Ixião, intimo amigo de Thefeo.

Penates, os Deoses, a que honravão os Gentios dentro de suas casas.

Perillo, hum homem de grande engenho natural de Athenas, o qual inventou a Phalaris Tyrano hum genero de tormento, para matar os homês, a que era naturalmente inclinado; que foy hum Touro de metal, em o qual metidos os homês, & posto debaixo fogo, bramavão como Touros: & o primeiro, que padeceo esta cruel morte, foy o mesmo artifice.

Perfas, são os moradores de Persia.

Persia, região de Asia.

Phaeton, ou Phaetonte, filho do Sol, & de Clime-ne; querendo governar o carro de seu pay, abrasou o Mundo até que Jupiter o matou com hum rayo.

Phalaris, Tyrano de Sicilia, o qual nam passava o tempo em mais que inventar generos de tormentos, com que matar os vassallos, depois de lhe tirar as fazendas.

Pharaó, Rey de Egypto, o qual foy castigado de Deos, só por mandar lhe levasssem a casa Sara, mulher de Abraham.

Phasis, Rio grãdissimo, q nasce no môte Cauca-so, & passa por Colchos Provincia de Asia, chamada oje Mègulia, sujeita ao Graó Cã, senhor de Tartaria.

Phea-

Pheaces, ilha, a que hoje chamamos Corsu, & outros Corcira, da qual era natural Demodoco, musico excellente.

Phebo, & Apollo, são nomes do Sol: o qual, & a Lua dizem os Poetas ser filhos de Jupiter, & de Latona, nascidos ambos na Ilha Deloa.

Phenix, ave unica, & sò no mundo, a qual dizem vive em Arabia.

Philaucia, he o amor proprio.

Dom Philippe de Meneses, Capitão de Ormuz, o qual ouve grandes victorias na India.

Philippo, Rey de Macedonia, pay do grande Alexandre.

Philipicos campos, chamados assi da cidade Philippos, em os quaes foy aquella batalha entre Cesar, & Pompeyo, & a de Octaviano, & Marco Antonio contra Bruto Cassio, & outros conjurados.

Philomella, he o rouxinol, em que foy convertida huã filha de Pandion deste nome.

Phlegon, hum dos cavallos do Sol.

Phrigios, he o mesmo que Troyanos.

Pindo, monte de Macedonia, dedicado a Apollo, & às Musas.

Pyrene, filha del Rey Bebryce, a qual morta pelas feras, foy sepultada em os montes, que de seu nome se chamarão Pyreneos, os quaes dividem a França de Espanha.

Pyreneo, vide Pyrene.

Pyrois, nome de hum dos cavallos do Sol.

Pirrho, filho de Achilles, & de Deidamia, o qual por vingar a morte de seu pay sacrificou em seu sepulchro a Policena filha de Priamo Rey de Troya.

Plinio

Plinio, dito Caio Plinio segundo natural de Verona, viveo nos tempos de Vespasiano, cujos negocios administrava. Escreveo huã obra da natureza das cousas, & morreo no incendio do monte Vesuvio querendo esquadrinhar a causa delle.

Plutão, Rey dos Infernos, segundo os Poetas.

Poleas, são pela mayor parte escravos dos Naires, em a India, & tam vis entre elles, que o Naire, que trata com Polea tem pena de morte: & o Polea nũca pôde medrar, nem ser mais, nem ter outro grao de honra.

Policena, filha de Priamo Rey de Troya: vide Pirrho.

Polidoro, filho de Priamo Rey de Troya, ao qual matou Polymnestor Rey de Thracia por avareza.

Polimnestor, Rey de Thracia.

Poliphemo, Ciclope filho de Neptuno, & da Terra, o qual dizem os Poetas tinha hum sò olho na testa, tam grãde como huã rodella. Este era fero, cruel, & comedor de carne humana.

Polonios, os de Polonia Provincia vastissima de Europa.

Polos, são dous pontos astrologicos, que communmente chamamos Norte, & Sul; & de ordinario este nome Polo se toma pelo Ceo.

Pomona, tinhãona os Antigos por Deosa da fruyta.

Pompeyo, chamado Magno, por suas victorias, & triumphos, foy vencido de Cesar, mas sò nisto seu inferior.

Pompilio, foy Numa Pompilio Rey dos Romanos,

nos, o qual despois de se aquietar com seus inimigos se deu todo ao culto dos falsos Deoses.

Pomponio: cognominado Mella, escreveu elegantemente de situ orbis.

Ponda, fortaleza do Hidalcão, tres legoas de Goa, pelo sertão dentro.

Ponente, onde o Sol se poem, a nosso modo de fallar.

Poros, antigo Rey de Guzarate, grande cavalleiro, muito esforçado, & muito belicoso.

Prasso promontorio, he o que commumente chamamos cabo das correntes.

Progne, filha de Pandião Rey de Athenas, & irmã de Philomena: a qual matou a seu filho, & o deu a comer a Tereo seu pay: convertida despois em andorinha.

Prometheo, vide Ja peto.

Protheo, monstro marinho, do qual contão os Poetas, que se transformava em varias formas. Este tem cuidado dos peixes do mar, que he o seu gado: & he grande adevinhador.

Ptolomeu, Astrologo insigne natural de Egypto: vide Arsinoe.

Q

Q Ve dá, cidade do Reyno de Syão.

Quilmance, lugar situado na boca do rio Raptó, chamada por outro nome Oby, junto ao Reyno de Melinde.

Quiloa, cidade na costa de Melinde toda cercada

da de mar, a qual tẽ muitos palmares, & muitas arvoredores, & ortalicas como as de Espanha.

Quinto Fabi, cognominado Maximo, dictador Romano, o qual com cautellas, & ardis destruhio a Anibal sem lhe dar batalha.

Quirinio, he Romulo, primeiro fundador de Roma.

R

R Hamanusia, he a mesma que Nemesis Deosa da Justiça, inimiga dos soberbos, & grande sopeadora dos presumidos.

Regulo, foi Marco Attio Regulo Cõsul Romano, o qual quiz antes perder sua vida, que não quese perdesse sua patria.

Repelim, cidade no Malavar.

Rheno, he hum pequeno rio, que nasce do Apennino para Pistoia, & passa junto a Bolonha: chamou-se por outro nome Ebro, & hoje Rira.

Rhodononte hum famoso Paladino, em as poesias de Orlando.

Rhudano, chamado por outro nome Rhosne, rio que nasce nos Alpes, & faz o lago que dizem Losana, a cuja ribeira esta Genova.

Rhoda, Ilha no mar Carpathio, antigamente assento dos cavalleiros de São João, hoje possuida dos Turcos.

Rhodope, monte de Tracia.

Ripheos, montes septentrionaes de Scythia.

Rocalgate, cabo insigne na Arabia Feliz, onde começa o Reyno de Ormuz.

Rodrigo, entendese Bivar, chamado communmente o Cid Ruy Dias, que foy valeroso nas armas, & ganhou muytas terras aos Mouros, havendo muytas victorias delles.

Roma, cidade mais celebre, & nomeada de todo o mundo, por haver noutro tempo subjugado, & metido debaixo de sua obediência quasi todas as nações, & provincias, que estão debaixo do Ceo, & por ser ao prezente a cidade Metropolitana de toda a Cristandade.

Romanos, os de Roma.

Romulo, primeiro fundador, & primeiro Rey de Roma.

Rugério, hũ dos Paladinos, de que tratei na dicção Orlando.

Ruy Pereira, cavalleiro esforçado, & leal Portuguez.

Rumes são os Turcos, chamados assi por virem (como o Poeta diz) da casta dos Romanos.

Ruthenos chamados por outro nome Roxolanos, ou Ruslios. são os do Reyno de Polonia.

S

S Abà, muyto nomeada na escritura sagrada, foy Raynha do grande Imperio do Preste João na Ethiopia.

Sabeas costas, as de Arabia, onde està a cidade Sabà: he terra abundante de encenso, & de especies odoríferas.

Salacia, Deosa do mar, mulher de Neptuno.

Sala-

Saladino, Soldão do Egypto, que ganhou a sancta cidade de Hierusalem, anno 1187.

Salamina, Ilha no mar Euboico, defronte de Athenas, onde Xerxes por valor de Temistocles, foy desbaratado, nesta terra querem os naturaes que nascesse o Poeta Homero.

Samaria, cidade de Syria entre Judea, & Galilea.

Samatra, Ilha grandissima, & muyto fermosa no Oriente; a qual dizem que antigamente foy hũa mesma couza com Malaca.

Samnitico Jugo, vide Caudinas forças.

Samori, he o nome apellativo do senhor do Reyno de Calecut, o qual soa tanto como Emperador, por elle ser o mayor Rey de toda aquella costa.

São payo, foy Lopo Vaz de São payo cavalleiro muyto esforçado, Governador na India, onde fez couzas maravilhozas.

Sanagà, rio que divide a terra dos Mouros Azenegues em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofos.

Sancho, o primeiro foy El Rey Dom Sancho filho del Rey Dom Affonso Henriquez, muito esforçado, & valero; & o segundo El Rey Dom Sancho segundo chamado Capello, filho del Rey Dõ Affonso o segundo, remisso, & descuidado.

Sansaõ, Hebreu de nãção, filho de Manue do Tribu de Dan; foy milagrosamente dado por Deos a Minoe, sendo esteril sua mulher, pera destruição dos Philisteos inimigos de seu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça.

Santarem, villa nobre de Portugal quatorze legoas de Lisboa, junto ao Tejo.

Santiago, Apostolo sagrado, padroeiro dos Espanhoes.

Sara, mulher de Abraham, vide Pharaõ.

Sarama, vide Perimal.

Sardanapalo, ultimo Rey dos Assirios, monstro de sensualidade, & luxuria.

Sarmatas, os de Sarmacia, provincia antiga, chamada agora Livonia.

Sarmacio Oceano, mar de Sarmacia.

Sarracenos, nome de q os Mouros se ja ctão muyto, dizendo q procedem de Sara mulher de Abrahão.

Saturno, filho de Celo, & Vesta, do qual fingem os Poetas que comia todos os filhos, que Opis sua mulher parias & assi he figura do tempo q tudo gasta.

Saul sexto Rey em Edom em cujo tempo o Santo David matou aquelle soberbo Gigante Goliath, ou Golias.

Saxones, povos de Alemanha.

Scabelicastro, he Santarem,

Sceva, este foy Cassio Sceva capitam de huma companhia de Cesar, valerosissimo.

Sylla, de duas faz o Poeta menção; hũa foy filha de Phorco, amante amada de Glauco, a qual foy convertida em hũ cachopo, que està no estreito de Messina entre Italia, & Sicilia, por arte, & industria da ciosa Circe, a outra foy filha de Niso Rey dos Magarenses, a qual foy occasião da morte de seu pay, por amor del Rey Mynos, a quem ella muyto queria.

Scinis, ladraõ muyto esforçado, o qual costumava matar todos seus hospedes com hum grande genero de tormento.

Scypião, foy Cornelio Publio Scypião chamado o Afri-

o Africano, pellas grandes cavallarias, que em Africa fez, principalmente na destruição de Carthago.

Scythas, os de Scythia, vastíssima Região septentrional; os quaes tiverão antigamente grandes contendas com os Egypcios, sobre a antiguidade de suas patrias, & nações.

Semelle, mãy de Baccho.

Semicapropyx, he o que vulgarmente dizemos Capricornio, signo celeste, o qual se pinta meyo pyx, meyo cabra.

Semiramis, Raynha dos Assirios infame por sua luxuria, ainda que bella, & valerosa.

Sequana, he o rio Sena, que passa por meyo da gran cidade de Paris em França.

Serpa villa de Portugal, na comarca de Alentejo.

Septentrional meta he o Norte.

Sertorio, natural de Nursia (que hoje chamamos Nozza em Italia) o qual recolhendo se a Espanha, fez grandes guerras aos Romanos, & lhes venceu muytos capitães. Este fez seu assento em Evora, a que ennobreceo muyto, & fez trazer a ella a agoa da prata pera seu ornato, & provimento.

Sevilha, cidade celebre em Espanha, pella qual passa o rio Bethis.

Syam, Reyno poderoso da India.

Sychem, filho de Hemor, foy morto, & todos os seus, & a terra destruida, por tomar Diana a Jacob seu pay.

Sicilia, Ilha famosa; & affaz conhecida, a qual foy antigamente junta com Calabria, & a dividio hū terremoto, pondo em meyo aquelle mar chamado estreito de Messina. Foy mãy dos mayores tyranos do mundo.

Siculo

Siculo mar, o de Sicilia.

Siene, cidade de Egypto, em a qual dizem que em certo tempo do anno saõ nella tão direitos, a hora de meyo dia, los rayos do sol, que em nenhũa parte ha sombra.

Sylla nobre Romana, da antiga familia dos Scipioes, mas cruel, & facinoroso: morreo cuberto, & comido de piolhos.

Sylves, cidade no Reyno do Algarve.

Sinay, môte altissimo de Arabia, em o qual Deos nosso Senhor deu a ley a Moyfes; & está hoje hũ mosteiro de Religiosos da vocação da Virgem, & martyr Santa Catherina, que nelle tem sua sepultura.

Synon, Grego, taylor celebrado de Virgilio, em a destruição de Troya.

Sintra terra de Portugal, tão fresca, que no mesmo tempo, em que muytos lugares ao redor della estão ardendo em fogo, tem grandes orvalhadas, & roscios.

Siqueira, foy Diogo Lopez de Syqueira, que succedeo na governança da India a Lopo Soares de Albergaria, o qual entrou pelo estreito do mar roxo cõ hũa frota de 24. vellas.

Siracusa, he o mesmo que Sicilia.

Smirna, cidade na menor Asia, aqual segundo a mais celebrada opinião, foi patria de Homero, princepe dos Poetas.

Soares, foy Lopo Soares de Albergaria Governador da India; o qual passou ao estreito do mar roxo com 36. vellas, em que levava tres mil Portugueses; com que meteo em grande temor, & confusão aos daquellas partes.

Soco-

Socotorà, ilha entre o cabo de Fartaque, & o de Gurdafûsem a qual se dà o pao Aloe, que he como o pao de Aguila muito presado.

Sofala, povoação na costa de Mombaça.

Soldão, titulo dos Reyes de Egypto, fugeito hoje ao grão Turco.

Sophenos, os de Sopheno, provincia de Suria, gente molle, & affeminada.

Strabo, Philosopho Cretense, & Geographo insigne, nos tempos de Augusto.

Suàquem, cidade, & porto o melhor de todo o estreito do mar roxo, cercada de mar, à maneira de Ilhas; a qual não ocupa mais terra que a cidade; cujas casas são ao módo de Espanha.

Suecio, o de Suecia, provincia de Escandinavia.

Suez, lugar pequeno, & nobre na côsta do mar roxo: antigamente dito Arsinoe de hũa filha, ou irmã de Ptolomeu Rey do Egypto, que o fundou.

Sumano, he o mesmo que Plutão, a que os antigos chamâo Deos do Inferno.

Sunda, Ilha do Oriente, alem de Samatra, em a qual pimenta muyto boa, & hum rio que não sofre sobre sy cousa algũa por leve que seja.

T

T Agides, as Nymphas do Rio Tejo, chamado antigamente Tago.

Tanais, dito cômuumente Tana rio, que nasce nos montes Ripheos, & divide a Asia de Europa.

Tanor lugar na côsta de Melinde.

Tapro-

Taprobana, vide Ceilão.

Tarifa, cidade de Andalúzia, dita antigamente Tarteso.

Tarpeia, hũa donzella filha de Tarpeo Romano, Alcaide mór da fortaleza de Roma; a qual có cobiça de humas manilhas, que os Sabinos inimigos dos Romanos lhe prometerão, deo ordem pera entrarem no castello, & em lugar de manilhas lhe derão a morte.

Tarquino foy Sexto Tarquino filho de Tarquino o soberbo de Alcunha, por cometer adulterio có Lucrecia mulher de collatino, acabou mal fóra de Roma, & seu pay perdeu o Reyno.

Tarragones, o da Provincia Tarraconense, humas das tres em que Espanha foy dividida; a qual se chamou assi da cidade Tarragona sua Metropoli.

Tartessos, são os Andaluzes, de Tarteso, que he Taripha, cidade de Andalúzia.

Tavay, cidade antigamente do Reyno de Syão, hoje a ultima do Reyno de Pegu.

Taumante, pay de Iris, mensageira dos Deoses, & principal de Juno: tomase pelo arco celeste, que comumente dizemos da velha.

Tavilla, lugar do Reyno do Algarve.

Tauro, hum dos mayores montes do mundo, o qual abraça toda Asia, desde o Oceano Oriental, tẽ o Septentrional: mas com diferentes nomes, conforme as varias nações por onde passa.

Tejo, rio muy celebrado dos antigos por suas areas de ouro: nasce nas ferras de Conca, cidade de Castella avelha, & entra no Oceano, quatro leguas de Lisboa.

Tenessary, cidade do Reyno de Syão, no Oriente,

te, em a qual se dá a melhor Pimentã do mundo, como tambem em Queda, cidade do mesmo Reyno,

Teresa, mulher do Conde Dom Henrique, pay del Rey Dom Affonso Henriques, o primeiro de Portugal; a qual foi filha del Rey Dom Affonso o Sexto Emperador de Espanha.

Ternate, huã das ilhas do Maluco, da qual saẽ chamadas de fogo.

Terhys, filha de Celo, & Vesta; Deosa do mar, & de ordinario se toma pelo mesmo mar.

Thebano, he Baccho, porque sua mãy Semele foy de Thebas.

Themistocles, Capitão Atheniense de grande nome.

Temitistão, he nome da cidade Mexico na nova Espanha.

Theotonio, foy Dom Theotonio Prior de Sãta Cruz de Coimbra.

Thermodonte, Rio de Themiscyra, pequena região, visinha de Capadocia, junto ao qual vivião antigamente as Amasonas.

Thermopylas, passo aspero, & estreito, que ao longo da praya faz o monte Oeta de Macedonia, região de Grecia. O qual Leonidas Rey de Macedonia com pouca gente defendeo de hum grandissimo exercito de Xerxes Rey dos Persas.

Theseo, filho de Egeo Rey de Athenas, heroe clarissimo, Emulo de Hercules, & amigo grande de Perithoo.

Thesiponio, artifice famoso, que fez o Templo de Diana em Epheso.

Thioneo, he Baccho.

Thirintio, he Hercules, chamado' assi de Thirintia sua patria, em Grecia.

Thome, S. Thome Apostolo de Nosso Senhor Jesu Christo, o qual esteve, & padece o martyrio na cidade Meliapor, onde està sepultado.

Thraces, os de Thracia, região de Grecia, chamada hoje Romania.

Tibre, celeberrimo rio de Italia, o qual aparta o Janiculo da cidade de Roma.

Tidore, hũa das ilhas de Maluco na India.

Tigris, rio famoso na menor Armenia, o qual entra no mar da Persia.

Timavo, rio dos Venesianos, ao qual os Antigos chamavão mar, por ter a agoa salgada: entra no mar Adriatico com sete, ou nove bocas, & hũa dellas de agoa doce.

Timor, Ilhado Archipelago, onde estão as Malucas.

Tinge, cidade na Mauritania, & edificada por Anteo, Rey da ultima parte de Mauritania: hoje se diz Tanger.

Tingitana terra, quer dizer terra de Berberia.

Typheo, Gigante, filho de Titano, & da Terra, inimigo capital de Jupiter, & dos outros falsos Deoses.

Typheas armas, são os rayos de que Jupiter usava.

Tyria cor, he a gram, chamada assi de Tito, cidade de Phenicia, que hoje se chama Suria, onde se faz excellentissima.

Tyrios, os desta cidade Tiro, de quem se diz
fui

foi fundada a cidade de Cadiz.

Titão, fingem os Poetas pay da Aurôra, que he a manhaã.

Tytiro, pastor celebrado de Virgilio.

Tiro, filho de Vespasiano, o qual tomou a Hierusalem, & a assolou, & queimou, nam deixãdo pedra sobre pedra.

Tobias, nome proprio, celebrado nas sagradas letras, pelo seu guiador se entende o Archanjo S. Raphaël.

Toledo, Reyno de Espanha, chamado assi de hũa Cidade deste nome sua Metropoli.

Tonante, he Jupiter.

Tormentorio cabo, he o que communmente chamamos de Boa Esperança.

Toro, lugar, que fica dezoito legoas do Monte Synay, muito falto de agoa.

Torquato, chamavase Tito Manlio, homem excellente, & tam observador da disciplina militar, que fez morrer hum proprio filho, ainda que vencedor, por aver vencido sem sua ordem.

Torresvedras, lugar de Portugal.

Trajano, Emperador de Romanos, Espanhol de nação, o qual fugeitando varias nações por mar & por terra, conquistou tê á India, mas nam entrou nella.

Trancofo, villa famosa de Portugal.

Tritão, filho de Neptuno, & de Salacia, senhores do mar, & seu trombeta.

Troya, cidade antigamente celebre em a Phrigia, Provincia de Asia menor junto do Hellesponto: a qual foi destruida pelos Gregos, sem ficar pedra

dra sobre pedra.

Tropico, são os Tropicos certas balizas, & terminos do Ceo, entre os quaes anda o Sol, sem passar nenhũa dellas. Hum se chama do Canoro, da banda do Norte; outro de Capricornio, da banda do Sul.

Trudante, cidade populosa de Berberia.

Tuy, cidade no Reyno de Galiza.

Turcos, os povos de Turquia.

Tuscos, os mesmos que Toscanos de Toscana
Região de Italia.

Tutuaõ, lugar fronteiro de Africa.

V

V Andalia, he Andaluzia: chamada assi dos Vandalos povos de Alemanha, que nesta parte fizeraõ assento.

Venereo, cousa de Venus.

Venesa, cidade fermosa, & rica, & de grandissimo trato, & commercio, edificada no mar, de que está cercada, & se anda toda por mar.

Venus, entre os Antigos tida por Deosa da fermosura, & dos amores lalcivos.

Vespero, ou Hespero, he o Planeta Venus, que nas partes Occidentais, em se pondo o Sol, apparece primeiro que todas as estrellas, & planetas, & antes que o Sol saya, se vê tambem no Ceo depois de escondidas as outras estrellas.

Vesta, filha de Saturno, & de Opis, mãy de Tethys senhora do mar.

Viria-

Viriato, Portugues valerosissimo, o qual de pastor, & depois de salteador, ve y o a levantar se cõ toda Lusitania, por cuja defenlaõ deu assaz em que entender aos Romanos, por espaço de quatorze annos.

Ulcinde, Reyno do Oriente entre Persia, & Cambaya.

Ulysses, o mais astuto, & sabio de todos os Greges, que forão á guerra Troyana, foi filho de Laertes Rey de Ithaca, ilha: & fundador de Lisboa.

Ulysseos muros, os de Lisboa.

Ungaro, o de Ungria, donde algũs dizem era o nosso Conde Dom Henrique.

Ur sas, saõ as que chamamos guardas do Norte.

Vulcano, filho de Jupiter, & Juno, entre os Antigos venerado por Deos do fogo, & se toma pelo mesmo fogo: & os Poetas dizem que elle fazia os rayos a Jupiter seu pay. Foi casado com Venus, & fez tambem as armas a Eneas seu enteado.

X

X Eque, quer dizer Governador na lingua Arabiga.

Xerez, lugar de Castella.

Xerxes, filho de Dario, o mais poderoso Rey dos Persas.

Zaire,

Z

Z Aire, Rio grandissimo de Africa, cuja fonte está no sertão do Reyno de Congo.

Z bellinos, animaes, são os que communmente chamamos arminhos.

Zeila, lugar na costa de Africa.

Zelanda, terra do Norte.

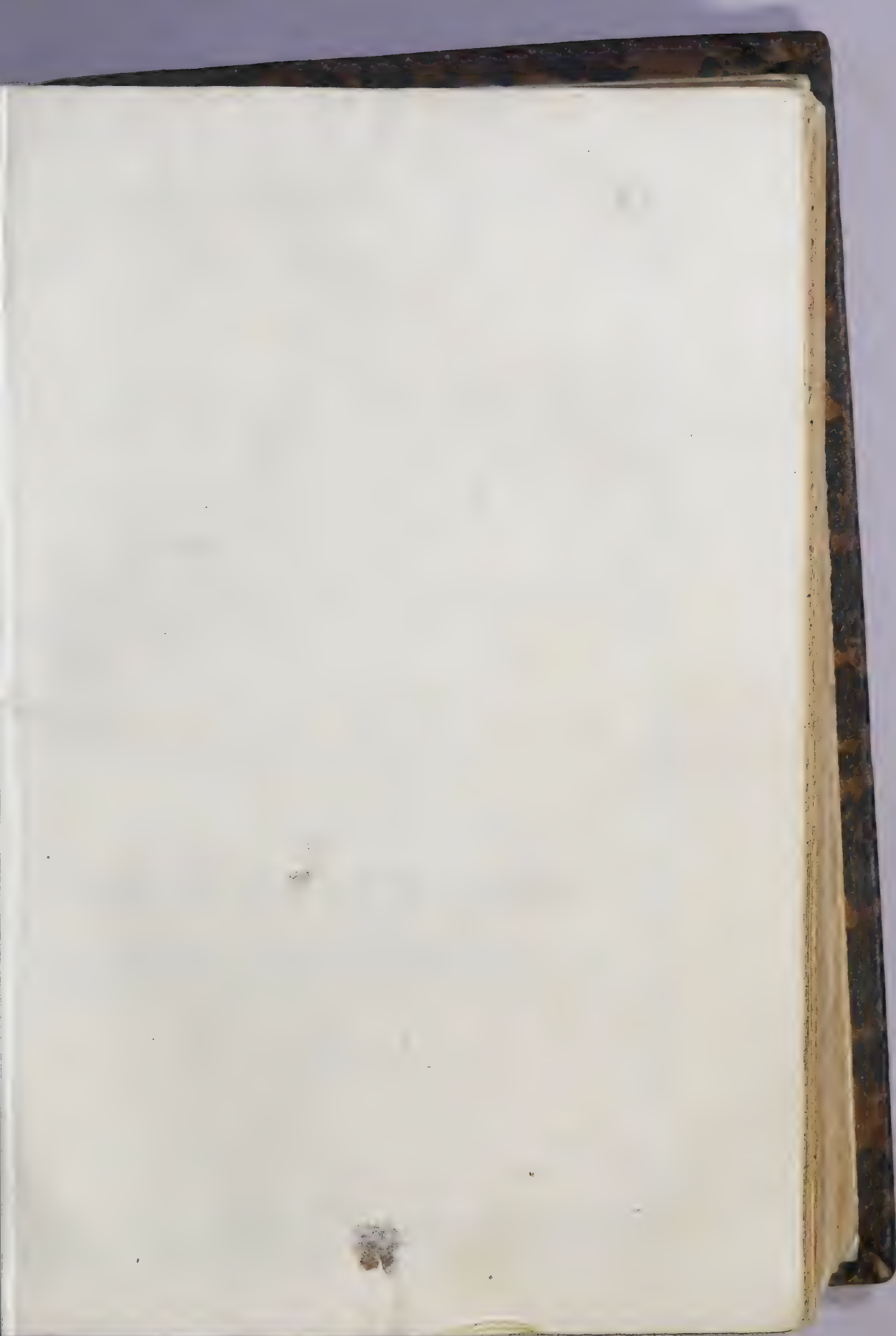
Zephiro, vento, que por outro nome chamamos Favonio, & viração, que corre no verão. Os Poetas o fazem casado com Flora Deosa das flores.

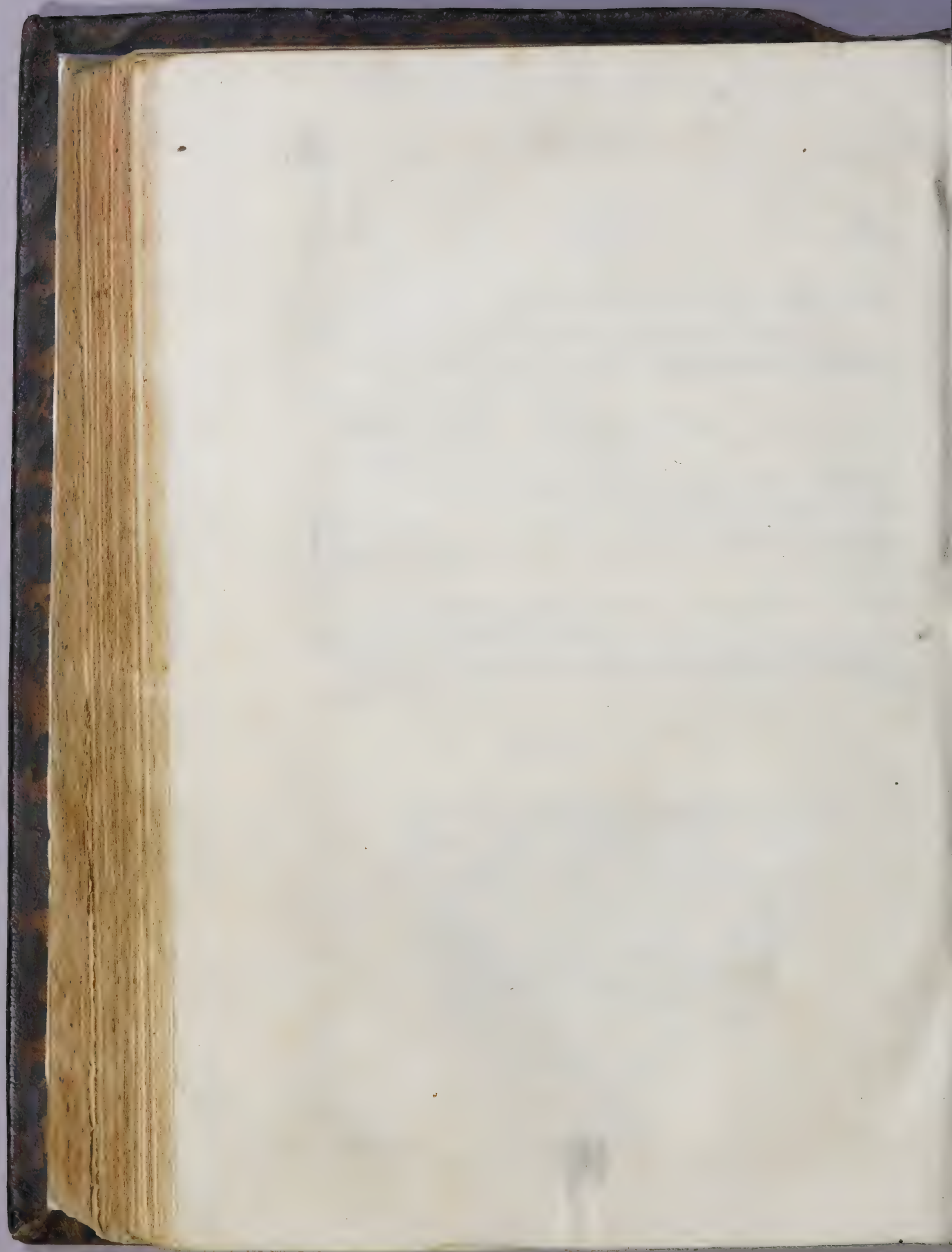
Zona circulo, com que os Geographos dividẽ a terra, os quaes são cinco.

Zopyro, Vassallo de Dario Rey dos Persas.

LAUS DEO.







R I M A S

D E

LVIS DE CAMOËS

PRINCEPE DOS POETAS

PORTVGVESES.

PRIMEIRA, SEGUNDA, E

TERCEIRA PARTE,

NESTA NOVA IMPRESSAM
emmendadas, & acrescentadas,

PELLO LECENCIADO

IOAM FRANCO BARRETO

LISBOA.

Com as licenças necessárias.

Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello,
Impressor de Casa Real. Anno 1666.



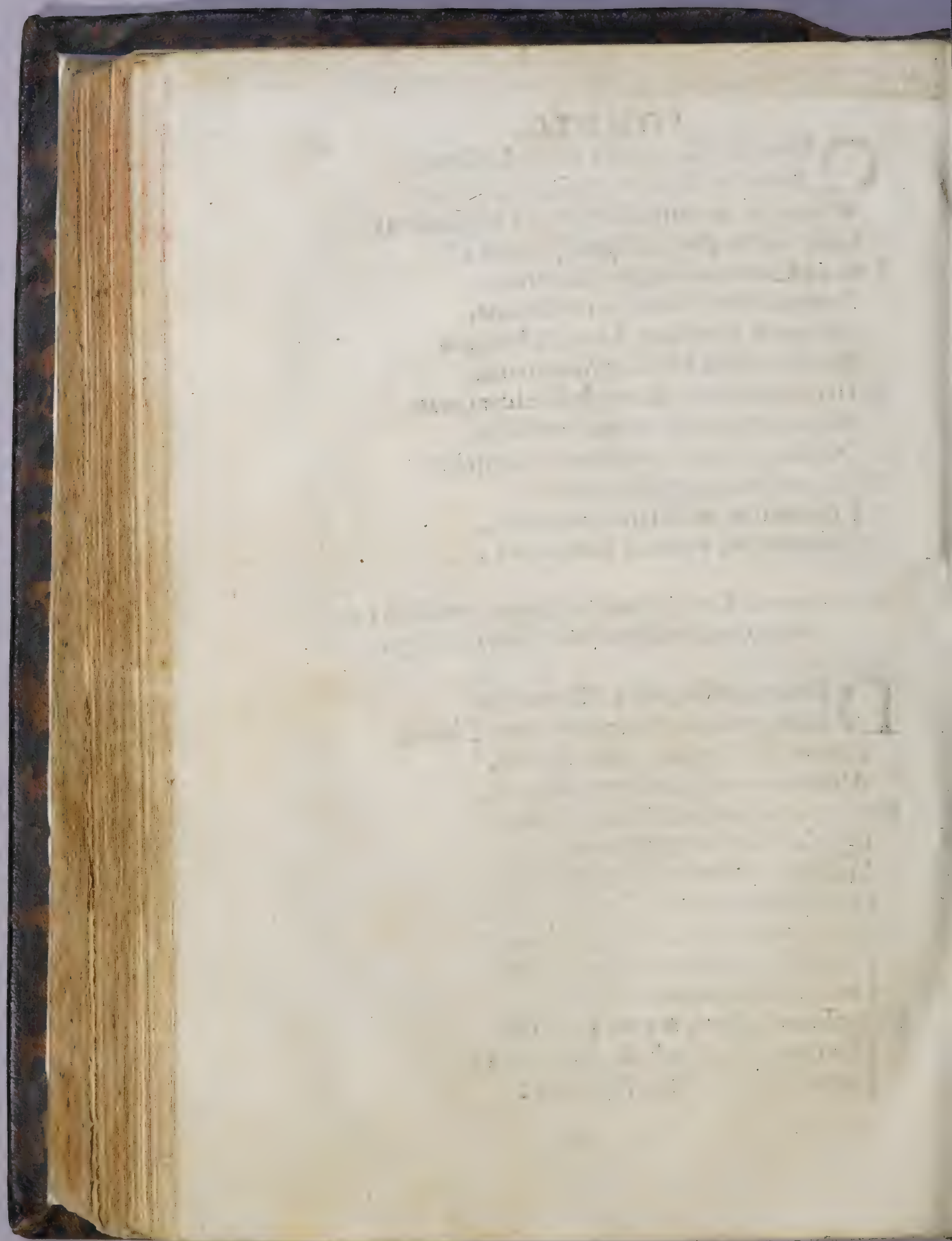
PRICE

SONETO,

Quem he este, que na harpa Lusitana
 Abate as Musas Gregas, & Latinas?
 E faz que ao mundo esqueção as plantinas
 Graças, com graça, alegre, lyra ufana?
 Luis de Camoens he, que a soberana
 Potencia lhe influio partes divinas,
 Por quem espirão as flores, & boninas
 Da Homérica Musa, & Mantuana.
 Se tu (triumphante Roma) este alcançaras
 No teu theatro, & Scena luminosa,
 Nunca do graão Terencio te admirâras
 Mas antes sem contrastes, curiosa
 Estatua d'ouro alli lhe levantarás,
 Contenta de ventura tam ditosa.

A sepultura de Luis de Camoës Soneto, tirado de versos de suas Rimas por João Gomes do Pego.

De baixo desta pedra está metido
 Hum varão sapiente, em quem Thalia,
 Nos versos saudosos que escrevia,
 Alegrou o mundo todo entristecido.
 Sempre será famoso, & conhecido:
 Que ao juízo das gentes merecia
 Da fama eterna, ter perpetuo dia,
 Que já por exercício lhe he devido.
 Musica com voz alta, & muy subida
 Copioso exemplario para a gente,
 Onde sua fineza mais se apura.
 Hũa memoria nova, & nunca ouvida,
 Hum peito magoado, & descontente
 Jazem debaixo desta sepultura.





R I M A S

DE

LVIS DE CAMOËS

SONETO I.



M quanto quiz Fortuna, que tivesse
 Esperança de algum contentamento,
 O gosto de hum suave pensamento,
 Me fez, que seus effeitos escrevesse,
 Porém temendo Amor, que avllo dêsse

Minha escritura a algum juizo izento,
 Escureceome o engenho co tormento,
 Para que seus enganos nam dicesse.

O vós, qu'Amor obriga a ser sугeitos
 A diversas vontades, quando lerdos
 Num breve livro casos tam diversos;

Verdades puras são, & nam defeitos,
 E sabeí, que segundo o amor tiverdes,
 Tereis o entendimento de meus versos.

SONETO II.

E U cantarei d'amor tam docemente,
Por hús termos em si tam concertados,
Que dous mil accidentes namorados,
Faça sentir ao peito, que nam sente.

Farei qu'amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas irás, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, & pena ausente.

Tambem, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda, & rigurosa,
Contentarm'hei dizendo a menos parte.

Porém para cantar de vosso gesto,
A composição alta, & milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, & arte.

SONETO III.

COm grandes esperanças já cantei,
Com que os Deoses no Olimpo conquistara
Depois vim a chorar, porque cantara,
E agora choro já, porque chorei.

Se cuido nas passadas, que já dei,
Custame esta lembrança sò tam cara,
Qu'a dor de ver as magoas, que passara,
Tenho pela mór magoa, que passei.

Pois logo, se està claro, que hum tormento,
Dá causa que outro n'alma se acrecente,
Iá nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente?
Oh ocioso, & cego pensamento,
Ainda eu imagino em ser contente?

SONETO IV.

Despois que quis Amor, que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartio,
Entregou-me à fortuna, porque vio,
Quenam tinha mais mal, que em mi mostrasse,
Ella porque do amor se avantejasse
No tormento, que o Ceo me permitio,
O que para ninguem se consentio,
Para mi só mandou que se inventasse.

Eis-me aqui von com vario som gritando
Copioso exemplario para a gente,
Que destes dous tyranos he sujeita:
Desvarios em versos concertando,
Triste, quem seu de scanço tanto estreita,
Que deste tam pequeno està contente.

SONETO V.

EM prisoões baixas fui hum tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus erros;
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que amor a meu pesar tem já quebrado.
Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Que amor nam quer cordeiros, nem bezerros:
Vi magoas, vi miserias, vi desterrros,
Parece-me que estãva assi ordenado.

Contenteime com pouco, conhecendo,
Que era o contentamento vergonhoso,
Sò por ver, que cousa era viver ledo,
Mas minha estrella, que eu já agora entendo,
A morte cega, & caso duvidoso,
Me fizerão de gostos haver medo.

SONETO VI.

Ilustre, & dino ramo dos Meneses,
 Aos quaes o prudente, & largo Ceo,
 (Que errar nam sabe) em dote concedeo
 Rompese os Mahometicos arneses.

Despresando a Fortuna, & seus reveses,
 Ide para onde o Fado vos moveo,
 Erguei flamas no mar alto Erithreos
 E fereis nòva luz aos Portugueses.

Oprimi com tam firme, & forte peito
 O pirata insolente, que se espante,
 E trema Taprobana, & Gedrolia,

Dai nòva causa à cor do Arabio estreito,
 A si, que o roxo mar daqui em diante
 O seja, sò co sangue de Turquia.

SONETO VII.

NO tempo, que de amor viver sohia,
 Nêm sempre andava ao remo ferrolhado,
 Antes agora livre, agora atado
 Em varias flamas variamente ardia

Que ardesse num só fogo nam queria,
 O Ceo, porque tivesse exprimentado,
 Que nem mudar as causas ao cuidado,
 Mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava izento,
 Fui como quem co pelo descansou,
 Por tornar a cançar com mais alento.

Louvado seja amor em meu tormento,
 Pois para passatempo seu tomou
 Este meu tam cansado sofrimento.

SONETO VIII.

A Mor, que o gesto humano n'alma escreve
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas, & alva neve.

A vista que em si mesma nam se atreve,
Por se certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao sofrimento doce, & leve,

Iura amor, que brandura de vontade,
Causa o primeiro effeito, o pensamento
Endeudece, se cuida que he verdade:

Olhai como amor gera num momento,
De lagrimas de honesta piêdade,
Lagrimas de immortal contentamento.

SONETO IX.

T Anto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou d'frio,
Sem causa juntamente choro, & rio,
O mundo todo abarco, & nada aperto,

He tudo quanto sinto hum desconcerto,
D'alma hum fogo me fae, da vista hum rio,
Agora espero, agora desconfio,
Agora delvario, agora acerto.

Estando em terra chego ao Ceo voando,
Num hora acho mil annos, & de geito,
Que em mil annos nam posso achar hum hora.

Se me pergunta alguem porque assi ando?
Respondo, que nam sei, porêm suspeito,
Que sò porque vos vi, minha senhora.

SONETO X.

Transformase o amador na cousa amada,
 Por virtude do muito imaginar,
 Nam tenho logo mais, que desejar,
 Pois em mi tenho a parte desejada.
 Se nella estâ minha alma transformada,
 Que mais deseja o corpo de alcançar?
 Em si sômente pôde descansar,
 Pois consigo tal alma estâ liada.
 Mas esta linda, & pura semidêa,
 Que como o accidente em seu sugêito,
 Assim com a alma minha se conforma:
 Estâ no pensamento como idêa,
 E o vivo, & puro amor, de que sou feito,
 Como materia simples busca a fôrma.

SONETO XI.

Passo por meus trabalhos tam izenta,
 De sentimento grande, nem pequeno,
 Que sô pola vontade, com que peno,
 Me fica amor devendo mais tormento,
 Mas vaime amor matando tam atento,
 Temperando a triaga, co veneno,
 Que do penar a ordem desordeno,
 Porque nam mo consente o sofrimento.
 Porém se esta fineza o amor sente,
 E pagarme meu mal com mal pretende,
 Torname co prazer como ao Sol neve;
 Mas se me vêcos males tam contente,
 Fazse avâro da pena, porque entende,
 Que quanto mais me paga, mais me deve.

SONETO XII.

EM flor vos arrancou, de então crescida,
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte,
Donde fazendo andava o braço forte,
A Fama dos antigos esquecida.

Hũa sò razão tenho conhecida,
Com que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo havia honrada morte,
Que nam podieis ter mais larga vida.

Se meus humildes versos pôdem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte,

Especial materia me fereis,

E celebrado em triste, & longo canto,

Se morrestes nas mãos do fero Marte,

Na memoria das gentes vivireis.

SONETO XIII.

NUm jardim adornádo de verdura,
A que esmaltão por cima varias flores

Entrou hum dia a Deosa dos amores

Com a Deosa da caça, & da espessura,

Diana tomou logo hũa Rosa pura,

Venus hum roxo Lirio dos melhores,

Mas excediaõ muito ás ontras flores.

As Violas na graça, & fermosura,

Perguntaõ a Cupido, que alli estáva,

Qual d'aquellas tres flores tomaria,

Por mais suave, pura, & mais fermosa?

Sorrindo se o minino lhes tornáva,

Todas fermosas são, mas eu queria

Viola antes, que Lirio, nem que Rosa.

SONETO XIV.

T Odo animal da calma repousava,
 Sô Liso o ardor della nam sentia,
 Que o repouso do fogo, em que elle ardía,
 Consistia na Ninfa, que buscava.

O's montes parecia, que abalava,
 O triste som das magoas, que dizia,
 Mas nada o duro peito commovia,
 Que na vontade d'outrem posto estáva.

Cançado já de andar pola espessura,
 No tronco de hũa faya, por lembrança,
 Escreve estas palavras de tristeza,

Nunca ponha ninguém sua esperança,
 Em peito feminino, que de natura
 Sómente em ser mudavel tem firmeza.

SONETO XV.

B Usque Amor nóvas artes, & novo engenho
 Para matarme, & nóvas esquivanças,
 Que nam pôde tirarmê as esperanças,
 Pois mal me tirará, o que eu nam tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho,
 Vede que perigosas seguranças,
 Que nam temo, constastes, nem mudanças,
 Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas com quanto nam pôde haver desgosto,
 Onde esperança falta, là mo esconde
 Amor num mal, que mata, & nam se vé,

Que dias ha que n'alma me tem posto,
 Hum nam sei que, que nasce, não sei donde,
 Vem, nam sei como, & doe, nam sei porque.

SONETO XVI.

Quem vê, senhora, claro, & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Senam perder a vista só em vellos,
Iã nam paga, o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por de ventagem merecellos,
Dei mais a vida, & alma por querellos,
Donde já me ^{na} fica mais de resto.
Assi que a vida, & alma, & esperança,
E tudo quanto tenho, tudo he vosso,
E o proveito disso eu sò o levo:
Porque he tamanha bemaventurança,
O darvos quanto tenho, & quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

SONETO XVII.

Quando da bella vista, & doce riso
Tomando estaõ meus olhos mantimento,
Tam enlevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o paraizo.
Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento,
Assi que em caso tal, segundo sento,
Assaz de pouco faz, quem perde o siso.
Em vos louvar senhora, nam me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente;
Sentirá que nam póde conhecellas.
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Quenam he de estranhar, dama excellente,
Que, quem vos fez, fizesse Ceo, & Estrellas.

SONETO XVIII

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixaime repouzar em paz hũa hora
Que comigo ganhais pouca vitoria.

Impressa tenho n'alma larga historia:
Desse passado bem, que nunca fora,
Ou fora, & nam passara, mas já agora
Em mi nam pôde haver mais que a memoria.

Vivo em lembranças, mouro de esquecido;
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tam contente.

Oh quem tornar pudêra a ser nascido!
Souberame lograr do bem passado,
Se conhecer foubra o mal presente.

SONETO XIX

ALma minha gentil, que te partiste
Tam cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Nam te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tam puro viste.

E se vires, que pôde merecerte
Algũa cousa a dor, que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte;

Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que tam cedo de cá me leve a verte,
Quam cedo de meus olhos te levou.

SONETO XX.

NUm bosque, que das Nintas se habitava,
Sybila Ninfa linda andava hum dia,
E sobida n'uma arvore sombria,
As amarellas flores apanhava.

Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a festa a sombra fria,
Num ramo o arco, & setas, que trazia,
Antes, que adormecesse pendurava.

A Ninfa, como idoneo tempo vira,
Para tamanha empreza, nam dilata,
Mas com as armas foge ao moço esquivo.

As setas traz nos olhos, com que tira,
Oh pastores fugi, que a todos mata,
Senaõ a mi, que de matarme vivo.

SONETO XXI.

OS Reynos, & os Imperios poderosos,
Que em grandeza no mudo mais crescêraõ,
Ou por valor de esforço florecêraõ,
Ou por varoẽs nas letras espantosos.

Teve Grecia Themistocles famosos,
Os Scipioẽs a Roma engrandecêraõ,
Doze pares a França gloria dêraõ,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos.

Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tam differente de leu ser primeiro)
Os vossos dêraõ honra, & liberdade.

E em vós graõ sucessor, & novo erdeiro,
Do Bragançaõ estãdo ha mil estremos,
Iguais ao sangue, & mōres, que a idade.

SONETO XXII.

DE vós me aparto, o vida, & em tal mudança,
 Sinto vivo da morte o sentimento,
 Nam sei para que he ter contentamento,
 Se mais ha de perder, quem mais alcança.

Mas douvos esta firme segurança,
 Que posto que me mate meu tormento,
 Polas agoas do eterno esquecimento,
 Segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeção,
 Que com qualquer cousa outra se contentem,
 Antes os esqueçais, que vos esqueção,
 Antes nesta lembrança se atormentem,

Que com esquecimento desmereção
 A gloria, que em soffrer tal pena sentem.

SONETO XXIII.

CAra minha inimiga em cuja mão
 Poz meus contentamentos a ventura,
 Faltoute a ti na terra sepultura,
 Porque me falte a mi consolação.

Eternamente as agoas lograrão,
 A tua peregrina formosura,
 Mas em quanto me a mi a vida dura,
 Sempre viva em min'halma te acharão,

E se meus rudos versos podem tanto,
 Que possaõ prometer-te longa historia,
 Daquelle amor tam puro, & verdadeiro:

Celebrada serás sempre em meu canto,
 Porque em quanto no mundo ouver memoria,
 Será minha escriptura teu letreiro.

SONETO XXIV.

A Quella triste, & leda madrugada,
Chea toda de magoa, & de pièdade,
Em quanto ouer no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada,

Ella só quando amena, & marchetada
Sahia dando ao mundo claridade,
Vio apartarse de hũa outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ella sò vio as lagrimas em fio,
Que de hũs, & de outros olhos dirivadas,
Se acrescentaõ em grande, & largo rio,

Ella vio as palavras magoadas,
Que puderaõ tornar o fogo frio,
E dar descanso às almas condenadas.

SONETO XXV.

SE quando vos perdi minha esperança,
A memoria perdera juntamente,
Do doce bem passado, & mal presente,
Pouco sentira a dor, de tal mudança:

Mas amor, em quem tinha confiança,
Me representa muy miudamente,
Quantas vezes me vi ledo, & contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.

De cousas, de que nam havia final,
Por as ter postas já em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido,

Ah dura estrella minha! ah gram tormento!
Que mal pòde ser mór, que no meu mal
Ter lembrança do bem, que he já perdido?

SONETO XXVL

EM fermosa Lethea se confia,
 Por onde a vaidade tanto alcança,
 Que tornada em soberba a confiança,
 Com os Deoses celestes competia.

Porque nam fosse avante a ousadia,
 (Que nascem muitos erros da tardança.)

Em effeito puzerão a vingança,
 Que tamanha doudice merecia.

Mas Oleno perdido por Lethea,
 Nam lhe sofrendo amor, que suportasse
 Castigo duro tanta fermosuras:

Quiz padecer em si a pena alhea,
 Mas porque a morte o amor nam apartasse,
 Ambos tornados saõ em pedra dura.

SONETO XXVII.

MAles, que contra mi vos conjurastes;
 Quanto ha de durar tam duro intento?
 Se dura, porque dura meu tormento?
 Bastevos quanto já me atormentastes.

Mas se assi porfiais, porque cuidastes
 Derrubar meu tam alto pensamento,
 Mais pôde a causa delle, em que o sustento,
 Que vós, que della mesma o ser tomastes.

E pois vossa tenção com minha morte,
 Ha de acabar o mal destes amores,
 Dai já fim a tormento tam comprido:

Porque de ambos contente seja a sorte,
 Vós, porque me acabastes, vencedores,
 E eu, porque acabei de vós vencido.

SONETO XXVIII.

E Stasse a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa, & honesta,
Nas lindas faces, & olhos, boca, & testa,
Boninas, Lirios, Rosas dibuxando.

De sorte vosso gesto matizando,
Natur a quanto pôde manifesta,
Que o monte, o campo, o rio, & a floresta,
Se estaõ de vós, senhora, namorando.

Se agora nam quereis, que quem vos ama,
Possa colher o fructo destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos:

Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeasse amor em vós amores,
Se vossa condiçaõ produz abrolhos.

SONETO XXIX.

S Ete annos de Pastor Iacob servia;
Labão, pay de Rachel, serrana bella,
Mas nam servia ao pay, servia a ella,
Que a ella, sò por premio pretendia.

Os dias na esperança de hum sò dia
Passava, contentandose com vella;
Porém o pay usando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe dava Lya.

Vendo o triste Pastor, que com enganos
Lhe fora assi negada sua Pastora,
Como se a nam tivera merecida:

Começa de servir outros sete annos,
Dizendo, mais servira, senão fora
Para tam longo amor tam curta a vida,

SONETO XXX.

E Stà o lascivo, & doce Passarinho,
Com o biquinho as penas ordenando,
O verso sem medida, alegre, & brando
Expedindo no rustico raminho.

O cruel caçador, que do caminho
Se vem calado, & manso, desviando,
Na pronta vista a seta endereitando,
Em morte lhe converte o caro ninho.

Desta arte o coração, que livre andava
(Posto que já de longa destinado)
Onde menos temia, foi ferido.

Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

SONETO XXXI.

P Ede o desejo, dama, que vos veja,
Nam entende, o que pede, está enganado,
He este amor tam fino, & tam delgado,
Que quem o tem, nam sabe, o que deseja.

Nam ha ahi cousa, a qual natural seja,
Que nam queira perpetuo seu estado,
Nam quer logo o desejo o desejado,
Porque nam falte nunca onde sobeja.

Mas este puro affecto em mi se dana,
Que como a grave pedra tem por arte,
O centro de sejar da natureza,

Affi o pensamento pela parte,
Que vai tomar de mi terrestre, & humana,
Foi, senhora, pedir esta baixeza.

SONETO XXXII.

Porque quereis, senhora, que offereça
A vida a tanto mal, como padeço?
Se vos nasce do pouco, que mereço,
Bem por nascer está, quem vos mereça.

Sabei em fim, por muito, que vos peça,
Que posso merecer, quanto vos peço,
Que nam consente amor, que em baixo preço,
Tam alto pensamento se conheça.

Affi que a paga igual de minhas dores,
Com nada se restaura, mas deveis ma,
Por ser capaz de tantos disfavores.

E se o valor de vossos servidores,
Houver de ser igual com vosco mesma,
Vos sò com vosco mesma andai de amores.

SONETO XXXIII.

Se tanta pena tenho merecida,
Em pago de sofrer tantas durezas,
Provai, senhora, em mi vossas cruezas,
Que aqui tendes hũa alma offerecida,
Nella esperimentai, se sois servida,
Desprezos, disfavores, & asperezas,
Que mores sofrimentos, & firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos, quaes serão?
He forçado, que tudo se lhe renda,
Mas porei por escudo o coração:

Porque em tam dura, & aspera contenda,
He bem, que pois nam acho defensão,
Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO XXXIV.

QUando o Sol encuberto vai mostrando,
Ao mundo a luz quieta, & duvidosa,
Ao longo de hũa praya deleitosa,
Ve na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabellos concertando,
Alli co a mão na face tam fermosa,
Aqui fallando alegre, alli cuidosa,
Agora estando queda, agora audando,
Aqui esteve assentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos tam izentos,
Aqui movida hum pouco, alli segura,
Aqui se entristeceu, alli se rio,
Em fim nestes cansados pensamentos,
Passo esta vida van, que sempre dura.

SONETO XXXV.

HUM mover de olhos brando, & piedoso
Sem ver de que, hum riso brando, & honesto,
Quali forçado, hum doce, & humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso.

Hum despejo quiêto, & vergonhoso,
Hum repouso gravissimo, & modesto,
Hũa pura bondade, manifesto
Indicio d'alma, limpo, & gracioso.

Hum encolhido ousar, hũa brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ár sereno,
Hum longo, & obediente sofrimento:
Esta foi a celeste fermosura.
Da minha Circe, & o magico veneno,
Que póde transformar meu pensamento.

SONETO XXXVI.

T Omoume vossa vista soberana,
 Adonde tinha as armas mais à mão,
 Por mostrar, que quem busca defen saõ
 Contra esses bellos olhos, que se engana.
 Por ficar da vitoria mais ufana,
 Deixoume armar primeiro da razão:
 Cuidei de me salvar, mas foi em vão,
 Que contra o Ceo nam val defen sa humana.
 Mas porêm se vos tinha prometido
 O vosso alto destino esta vitoria,
 Servos tudo bem pouco estâ sabido:
 Que posto que estivesse apercebido,
 Nam levais de vencerme grande gloria,
 Mayor a lêvo eu de ser vencido.

SONETO XXXVII.

N Am passes caminhante, quem me chama?
 Hũa memoria nôva, & nunca ouvida,
 De hum, que trocou finita, & humana vida
 Por divina, infinita, & clara Fama.
 Quem he, que tam gentil louvor derrama?
 Quem derramar seu sangue nam duvida,
 Por seguir a bandeira esclarecida
 De hum capitão de Christo, que mais ama.
 Ditoso fim, ditoso sacrificio,
 Que a Deos se fez, & ao mundo juntamente,
 Apregoando direi tam alta sorte.
 Mais poderás contar a toda a gente,
 Que sempre deo sua vida claro indicio,
 De vir a merecer tam santa morte.

SONETO XXXVIII.

F Ermosos olhos, que na idade nossa
 Mostrais do Ceo certissimos finais,
 Se quereis conhecer quanto possais,
 Olhaime a mi, que sou feitura vossa,
 Vereis, que de viver me desapossa
 Aquelle riso, com que a vida dais,
 Vereis, como de amor nam quero mais,
 Por mais que o tempo corra, & o dano possa.
 E se dentro nesta alma ver quiserdes,
 Como num claro espelho, alli vereis
 Tambem a vossa angelica, & serena:
 Mas eu cuido, que sò por nam me verdes,
 Vervos em mi, senhora, nam quereis,
 Tanto gesto levais de minha pena.

SONETO XXXIX.

O Fogo, que na branda cera ardia,
 Vendo o rosto gentil, que eu alma vejo
 Se acendeo de outro fogo do desejo,
 Por alcançar a luz, que vence o dia.
 Como de dous ardores se encendia,
 Da grande impaciencia fez despejo,
 E remetendo com furor sobejo,
 Vos foi beijar na parte onde se via.
 Ditosa a quella flama, que se atreve
 Apagar seus ardores, & tormentos,
 Na vista, de que o mundo temer deve,
 Namorãose, senhora, os elementos,
 De vós, & queima o fogo aquella neve,
 Que queima corações, & pensamentos.

SONETO XL.

A Legres campos, verdes arvoredos,
Claros, & frescas agoas de cristal,
Que em vós os dibuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos.

Silvestres montes, asperos penedos,
Compostos em concerto desigual,
Sabei, que sem licença de meu mal,
Já nam podeis fazer meus olhos ledos.

E pois me já não vedes como vistes,
Nam me alegrem verduras deleitosas,
Nem ag. as, que correndo alegres vem.

Semeari em vós lembranças tristes,
Regandovos com lagrimas saudosas,
E n'alcerão saudades de meu bem.

SONETO XLI.

Q Uantas vezes do fuso se esquecia
Daliana banhando o lindo seyo,
Tantas vezes de hum aspero receyo,
Salteádo Laurenio a cor perdia.

Ella, que a Silvio, mais que a si queria,
Para podelo ver nam tinha meyo:

Ora como curará o mal alheyo,
Quem o seu mal tam mal curar sabia?

Elle, que vio tam claro esta verdade,
Com soluços dizia (que a espessura
Comovia de magoa a piêdade)

Como pôde a desordem da natura
Fazer tam differentes na vontade,
A quem fez tam conformes na ventura?

SONETO XLII.

L Indo futil trançado, que ficaste
 Em penhor do remedio, que mereço,
 Se sò contigo, vendote, endoudeço,
 Que fora cos cabellos, que apertaste?
 Aquellas tranças de ouro, que ligaste,
 Que os rayos do Sol tem em pouco preço,
 Não sei, se para engano, do que peço,
 Se sò para me atar os desfataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
 E por satisfação de minhas dores,
 Como quem não tem outra, hei de tomarte,
 E se não for contente meu desejo,
 Dir-lhe hei, que nesta regra dos amores,
 Pelo todo também se toma a parte.

SONETO XLIII.

O Cisne quando sente ser chegada
 A hora, que poem termo a sua vida,
 Musica com voz alta, & muy subida
 Levanta pela praya inhabitada.

Deseja ter a vida prolongada,
 E chorando do viver a despedida,
 Com grande saudade da partida,
 Celebra o triste fim desta jornada.

Affi, minha senhora, quando via
 O triste fim, que davaõ meus amores,
 Estando posto já no estremo fio.

Com mais suave canto, & armonia
 Descantei pelos vossos disfavores,
 La vuestra falsa fe, y el amor mio.

SONETO XLIV.

P Elos extremos raros, que mostrou
Em saber Pallas, Venus em fermosa,
Diana em casta, Juno em animosa;
Africa, Europa, & Asia, as adorou.

Aquelle saber grande, que ajun tou
Esprito, & corpo em liga generosa;
Esta mundana machina lustrosa,
Desò quatro Elementos fabricou.

Mas mòr milagre fez a natureza
Em vós, senhoras, pondo em cada hũa,
O que por todas quatro repartio.

A vós seu resplandor deu Sol, & Lua,
A vós com viva luz, graça, & pureza,
Ar, Fogo, Terra, & Agoa vos servio.

SONETO XLV.

T Omava Deliana por vingança
Da culpa do pastor, que tanto amava,
Casar com Gil vaqueiro, & em si vingava
O erro alheyo, & perfida esquivança.

A discrição segura, a confiança,
As rosas, que seu rosto dibuxava,
O descontentamento lhas secava,
Que tudo muda hũa aspera mudança.

Gentil planta disposta em seca terra,
Lindo fruto de dura mam colhido.
Lembranças d'outro amor, & fe perjura:

Tornarão verde prado em dura serra,
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizerão desditosa a fermosura.

SONETO XLVI.

C Ram tempo ha já que soube da ventura,
 A vida, que me tinha destinada,
 Que a longa experiencia da passada,
 Me dava claro indicio da futura.

Amor fero, cruel, Fortuna escura,
 Bem tendes vossa força exprimentada,
 Assolai, destrui, nam fique nada,
 Vingaivos desta vida, que inda dura.

Soube amor da ventura, que a nam tinha,
 E por que mais sentisse a falta della,
 De imagẽs impossiveis me mantinha.

Mas vòs, senhora, pois que minha estrella
 Nam foi melhor, vivei nesta alma minha,
 Que nam tem a Fortuna poder nella.

SONETO XLVII.

S E algũa hora em vòs a pièdade,
 De tam longo tormento se sentira,
 Nam consentira amor, que me partira
 De vossos olhos, minha faudade.

Aparteime de vòs, mas a vontade,
 Que pelo natural n'alma vos tira,
 Me faz crer, que esta ausencia he de mentira,
 Mas ainda mal porem, porque he verdade.
 Irmehei, senhora, & neste apartamento,
 Tomarão tristes lagrimas vingança
 Nos olhos, de quem fostes mantimento:

E assi darei vida a meu tormento,
 Que em fim me acharà minha lembrança
 Sepultado no vosso esquecimento.

SONETO XLVIII.

O Como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, & como ao fim caminha
Este meu breve, & vão discurso humano!

Vai se gastando a idade, & cresce o dano,
Perdes-me hum remedio, que inda tinha,
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança he grande engano.

Corro apoz este bem, que nam se alcança,
No meyo do caminho me fallece,
Mil vezes cayo, & perco a confiança:

Quando elle foge, eu tardo, & na tardança
Se os olhos ergo a ver se inda aparece,
Da vista se me perde, & da esperança.

SONETO XLIX.

Tempo he já, que minha confiança
Se deça de hũa falsa opinião,
Mas se amor nam se rege por razão,
Nam posso perder logo a esperança:

A vida si, que hũa aspera mudança
Nam deixa viver tanto hum coração,
E eu na morte tenho a salvação?
Si, mas quem a deseja nam a alcança.

Forçado he logo, que eu espere, & viva,
Ah dura ley de amor, que nam consente,
Quietação n' hũa alma, que he cativa,
Se hei de viver em fim forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva,
D' hũa esperança van, que me atormenta?

SONETO L.

A Mor, co a esperança já perdida,
 Teu soberano templo visitei,
 Por final do naufragio, que passei,
 Em lugar dos vestidos puz a vida.

Que queres mais de mi, que de struhida
 Me tens a gloria toda, que al cancei?
 Não cuides de forçarme, que não sei
 Tornar a entrar onde não ha sahida.

Vês aqui alma, vida, & esperança,
 Despojos doces de meu bem passado,
 Em quanto quiz aquella, em quem eu mouro,
 Nella pódes tomar de mi vingança,
 E se inda nam estás de mi vingado,
 Contentate co as lagrimas, que choro.

SONETO LI.

A Pollo, & as nove Musas descantando,
 Com a dourada lyra me influyam
 Na suave armonia, que fazião,
 Quando tomei a pena, começando:
 Ditofo seja o dia, & hora quando
 Tam delicados olhos me ferião,
 Ditofo os sentidos, que sentião,
 Estarse em seu desejo tralpassando.

Afflicantà va, quando amor virou
 A roda à esperança, que corria,
 Tam ligeira, que quasi era invisivel.

Converteo fême em noite o claro dia,
 E se algũa esperança me ficou,
 Será de mayor mal, se for possivel.

SONETO LII.

L Embranças faudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Nam vivo com meu mal tam enganado,
Que não espere d'elle muito mais.

De muito longe já me costumais
A viver de algum bem desesperado,
Já tenho co a Fortuna concertado
De sofrer os trabalhos, que me dais,
Atada ao remo tenho a paciencia,
Para quantos desgostos dèr a vida.
Cuide em quanto quizer o pensamento,
Que pois não ha ahí outra resistencia,
Para tam certa quèda de subida,
Apararlhehei debaixo o sofrimento.

SONETO LIII.

A Partavase Nise de Montano,
Em cuja alma partindose ficàva,
Que o pastor na memoria a dibuxàva,
Por poder sustentar se deste engano.

Pelas prayas do Indico Oceano,
Sobre o curvo cajado se encofàva,
E os olhos pelas agoas alongàva,
Que pouco se dohiaõ de seu dano.

Pois com tamanha magoa, & faudade
(Dizia) quiz deixarme a em que eu mòro,
Por testemunhas tomo Ceo, & Estrellas:

Mas se em vòs ondas mora pièdade,
Levai tambem as lagrimas, que choro,
Pois assi me levais a causa dellas.

SONETO LIV.

QUando vejo, que meu destino ordena,
Que por me exprimentar d'vós m'aperte,
Deixando de meu bem tam grande parte,
Que a mesma culpa fica grave pena.

O duro disfavor, que me condena,
Quando pela memoria se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte,
Que a dor d'ausencia fica mais pequena.

Pois como póde ser, quena mudança
D'aquillo, que mais quero, este tam fora,
Deme nam apartar tambem da vida,

Eu refrearei tam aspera esquivança,
Porque mais sentirei partir, senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.

SONETO LV.

DEpois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos suspiros vãos vanmente dados.

Como nam tois vós já delenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortaes feridas,
Que amor fez sem remedio, o tempo, os Fados?

Senaõ tivereis já experiencia
Das sem razões de amor, a quem servistes,
Fraqueza fora em vós a resistencia,

Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Que tempo nam curou, nem longa ausencia,
Que bem d'elle esperais desejos tristes?

SONETO LVI.

N Ayades vós, que os rios habitais,
 Que os laudosos campos vão regando,
 De meus olhos vereis estar manando
 Outros, que quasi aos vossos são iguais:
 Driades, vós que as setas atirais,
 Os fugitivos cervos derribando,
 Outros olhos vereis, que triunfando,
 Derribão corações, que valem mais,
 Deixai logo as aljavas, & agoas frias,
 E vinde Nynfas minhas, se quereis
 Saber como de hūs olhos nascem magoas,
 Vereis como se pàssaõ em vão os dias
 Mas nam vireis em vão, que cà achareis,
 Nos seus as setas, & nos meus as agoas.

SONETO LVII.

M Udaõse os tempos, mudaõse as vontades
 Mudale o ser, muda se a confiança,
 Todo mundo he composto de mudança,
 Tomando sempre nõvas qualidades.
 Continuamente vemos novidades,
 Differentes em tudo da esperança,
 Do mal, ficão as magoas da lembrança,
 E do bem (se algum houve) as saudades.
 O tempo cobre o chão de verde manto,
 Que já cuberto foi de neve fria,
 E em mi converte em choro o doce canto;
 E a fora este mudar-se cada dia,
 Outra mudança faz de môr espanto,
 Que nam se muda já como sohia.

SONETO LVIII.

S E as penas, com que amor tam mal me trata,
 Quizer, que tanto tempo viva dellas,
 Que veja escuro o lume das estrellas,
 Em cuja vista o meu se acende, & mata.

E se o tempo, que tudo desbarata,
 Secar as frescas rosas sem colhellas,
 Mostrando a linda cor das tranças bellas,
 Mudada de ouro fino em branca prata.

Vereis, senhora, entã tambem mudado
 O pensamento, & aspereza vossa,
 Quando nam sirva já sua mudança,
 Suspirareis entã pelo passado,
 Em tempo, quando executar se possa,
 Em vosso arrepender minha vingança.

SONETO LIX.

Q Uem jaz no gram sepulcro, que descreve
 Tam illustres sinais no forte escudo?
 Ninguem, que nisso em fim se torna tudo,
 Mas foi, quem tudo pode, & tudo teve.

Foi Rey, fez tudo quanto a Rey se deve,
 Poz na guerra, & na paz devido estudo,
 Mas quão pesado foi ao Mouro rudo,
 Tanto lhe seja agora a terra leve.

Alexandre será, ninguém se engane,
 Que sustentar, mais que adquirir se estima;
 Será Adriano gram senhor do mundo?

Mais observante foi da ley de cima,
 He Numa? Numa nam, mas he Joanne,
 De Portugal Terceiro, sem segundo.

SONETO LX.

Quem pôde livre ser, gentil senhora,
Vendovos com juizo sossegado,
Seo minino, que de olhos he privado,
Nas mininas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reyna, alli namora,
Alli vive das gentes venerado,
Que o vivo lume, & o rosto delicado,
Imagês são de amor em tod'a hora.
Quem vê, que em branca neve nace[m] rosas,
Que fios crespos de ouro vão cercando,
Se por entre esta luz a vista passa,
Hũs rayos de ouro vê, que as duvidosas
Almas estão no peito traspassando,
Assi como hum cristal o Sol traspassa.

SONETO LXI.

Como fizeste, Porcia, tal ferida,
Foi voluntaria, ou foi por innocencia?
Mas foi fazer amor experiencia,
Se podia sofrer tirarme a vida.
E com teu proprio sangue te convida
A nam pores á vida resistencia?
Andome costumando à paciencia,
Porque o temor a morte nam impida?
Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te costumás? porque ordena
Amor, que morra, & pene juntamente.
Etens a dor do ferro por pequena?
Si, que a dor costumáda nam se sente,
E eu nam quero a morte sem a pena.

SONETO LXII.

DE tam divino acento, & voz humana,
De tam doces palavras peregrinas,
Bem sei, que minhas obras nam são dinas
Que o rudo engenho meu me desengana.

Mas de vossos escritos corre, & mana
Licor, que vence as agoas Cabalinas,
E com vosco do Tejo as flores finas,
Farão enveja á copia Mantuana.

E pois a vòs, de si nam sendo avàras,
As filhas de Mnemofine formosa,
Partes dadas vos tem ao mundo cáras:

A minha Musa, & a vossa tam famosa,
Ambas posso chamar ao mundo raras,
A vossa de alta, a minha de envejosa.

SONETO LXIII.

DEbaixo desta pedra está metido,
Das sanguinosas armas descansado,
O Capitão illustre affinaládo,
Dom Fernando de Castro esclarecido.

Por todo o Oriente tam temido,
Eda enveja da Fama tam cantádo,
Este pois só agora sepultádo,
Está aqui já em terra convertido,

Alegrate, ò guerreira Lusitania,
Por este Viriato, que criaste,
E chora o perdido eternamente.

Exemplo toma nisto de Dardania,
Que se a Roma com elle aniquilaste,
Nem por isso Cartago está contente.

SONETO LXIV.

Que vençais no Oriente tantos Reys,
 Que de novo nos deis da India o estâdo,
 Que escureçais a Fama, que ganhâdo
 Tinhaõ, os que a ganháraõ a infieis:
 Que do tempo tenhais vencido as leys,
 Que tudo em fim vençais, co tempo armâdo,
 Mais he vencer na patria desfarmâdo,
 Os monstros, & as chimeras, que venceis:
 E assi sobre vencerdes tanto imigo,
 E por armas fazer, que sem segundo
 Vosso nome no mundo ouvido seja:
 O que vos dà mais nome inda no mundo,
 He vencerdes, senhor, no Reyno amigo,
 Tantas ingratisdoes, tam grande inveja.

SONETO LXIX.

Ferido sem ter cura perecia
 O forte, & duro Telepho temido,
 Por aquelle, que na agoa foi metido,
 A quem ferro nenhum cortar podia,
 Ao Apollineo oraculo pedia,
 Conselho para ser restituído;
 Respondeo, que tornasse a ser ferido,
 Por quem o já ferira, & sararia.
 Assi, senhora, quer minha ventura,
 Que ferido de vovos claramente,
 Com vos tornar a ver, amor me cura:
 Mas he tam doce vossa fermosura,
 Que fico como hidropico doente,
 Que co beber lhe cresce mór secura.

SONETO LXX.

NA metade do Ceo subido ardia,
 O claro Almo pastor, quando deixavão
 O verde pasto as cabras, & buscavão
 A frescura suave da agoa fria.

Com a folha das arvores sombría,
 Do rayo ardente as aves se amparavão,
 O modulo cantar, de que cessavão,
 Só nas roucas Cigarras se sentia.

Quando Liso pastor, num campo verde,
 Natércia crua Ninfa sò buscava,
 Com mil suspiros tristes, que derrama,
 Porque te vês, de quem por ti se perde,
 Para quem pouco te ama? (suspirava)
 O Eco lhe responde, pouco te ama.

SONETO LXXI.

IAa saudosa Aurora destoucava
 Os seus cabellos de ouro delicados,
 E as flores nos campos esmalçados,
 Do cristalino orvalho borrifava:
 Quando o feroso gado se espalhava
 De Silvio, & de Laurente pellos prados,
 Pastores ambos, & ambos a partados,
 De quem o mesmo amor nam se apartava.

Com verdadeiras lagrimas Laurente,
 Nam sei (dizia) ó Ninfa delicada,
 Porque nam morre já, quem vive ausente,
 Pois a vida sem ti, nam presta nada?
 Responde Silvio, amor nam o consente,
 Que offende as esperanças da tornada.

SONETO LXXII.

QUando de minhas magoas a comprida
 Maginacão, os olhos me adormece,
 Em sonhos aquella alma me a parece
 Que para mi foi sonho nesta vida.

Là n'uma soledade, onde estendida
 A vista pelo campo desfalece,
 Corro para ella, & ella então parece,
 Que mais de mi se alonga compelida.

Brádo, nam me fujais sombra benina,
 Ella (os olhos em mi cum brando pejo,
 Como quem diz, que já nam póde ser)
 Torna a fugirme, & eu gritando, Dina,
 Antes que diga Mene, acôrdo, & vejo,
 Que nem hum breve engano posso ter.

SONETO LXV.

Vossos olhos, senhora, que competem
 Co Sol em fermosura, & claridade,
 Enchem os meus de tal suavidade,
 Que em lagrimas de velos se derretem.

Meus sentidos vencidos se sometem,
 Assi cegos a tanta magestade,
 E da triste prisaõ da escuridade,
 Cheyos de medo por fugir remetem.

Mas se nisto me vedes por acerto
 O aspero desprezo, com que olhais,
 Torna a espartar a alma enfraquecida.

Oh gentil cura, & estranho desconcerto,
 Que fará o favor, que vós nam dais,
 Quando o vosso desprezo torna a vida?

SONETO LXVI.

Formosura do Ceo a nós descida,
Que nenhum coração deixas izento,
Sati fazendo a todo pensamento,
Sem seres de nenhum bem entendida.

Que lingua pôde haver tam atrevida,
Que tenha de louvar-te atrevimento,
Pois a parte mayor do entendimento,
No menos, que em ti ha, se vê perdida.

Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo, que abre na terra hum paraíso,
O engenho me falta, o espirito mingua:

Mas o que mais me tolhe inda louvar-te
He, que quando te vejo, perco a lingua,
E quando te nam vejo, perco o filo.

SONETO LXVII.

Pois meus olhos nam cansão de chorar
Tristezas, que nam cansão de cansarme:
Pois nam abrandá o fogo, jem que abrasarme
Pôde, quem eu já mais pude abrandar.

Nam canse o cego amor de me guiar,
A parte donde nam saiba tornarme,
Nem deixe o mundo todo de escutarme,
Em quanto me a voz fraca nam deixar.

E se nos montes, rios, ou em vales,
Piêdade môra, ou dentro môra amor,
Em feras aves, prantas, pedras, agoas.

Oução a longa historia de meus males,
Escutem sua dor, com minha dor,
Que grandes magoas podem curar magoas.

SONETO LXVIII.

DAime hũa ley, senhora, de querervos,
Que a guarde sopena de enojavos,
Que a fê, que me obriga a tanto amarvos,
Farà, que fique em ley de obedecervos.

Tudo me defendei, senam sò vervos,
E dentro na minh'alma contemplarvos,
Que se assi nam chegar a contentarvos,
Ao menos que nam chegue aborrecervos.

E se essa condição cruel, & elquiva,
Que me deis ley de vida nam consente,
Dai-ma, senhora já, seja de morte:

Se nem essa me dais, he bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente,
Mas contente porèm de minha sorte.

SONETO LXXVII.

OCulto divinal se celebràva
No templo, donde toda a creatura,
Louva o Feitor divino, que a feitura,
Com seu sagrado sangue restauràva.

Alli amor, que a tempo me aguardàva,
Onde a vontade tinha mais segura
Nũa celeste, & angelica figura
A vista da razão me salteàva.

Eu crendo, que o lugar me defendia,
E seu livre costume nam sabendo,
Que nenhum confiado lhe fugia.

Deixe-me cativar, mas já que entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo, que fui livre, me arrependo.

SONETO LXXVIII.

L Eda serenidade deleitosa,
 Que representa em terra hum parayso,
 Entre rubís, & perlas doce riso,
 Debaixo de ouro, & neve, cor de rosa.

Presença moderada, & graciosa,
 Onde ensinando estão despejo, & fiso,
 Que se póde por arte, & por aviso,
 Como por natureza ser fermosa.

Fala, de quem a morte, & vida pende,
 Rara, suave, em fim, senhora, vossa,
 Repouso nella alegre, & comedido,

Estas as armas são, com que me rende,
 E me cativa Amor, mas nam que possa
 Despojarme da gloria de rendido.

SONETO LXXIX.

B Em sei Amor, que he certo, o que receo,
 Mas tu porque com isso mais te apuras,
 De manhoso mo negas, & mo juras,
 Em teu dourado arco, & eu to creio.

A mão tenho metida no teu seo,
 E nam vejo meus danos às escuras,
 E tu com tudo tanto me asseguras,
 Que me digo, que minto, & que me enleo,

Nam sómente confinto neste engano,
 Mas inda to agradeço, & a mi me nego
 Tudo, o que vejo, & sinto de meu dano,

Oh poderoso mal, a que me entrego,
 Que no meyo do justo desengano,
 Me possa inda cegar hum moço cego.

SONETO LXXX.

Como quando do mar tempestuoso,
O marinheiro lasso, & trabalhado,
D'hum naufragio cruel já salvo anado,
Só ouvir fallar nelle o faz medroso.

E jura, que em que veja bonançoso
O violento mar, & soslegado,
Nam entre nelle mais, mas vai forçado,
Pelo muito interesse cubicoso.

Affi, senhora eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar me,
Jurando de nam mais em outra verme:

Minh'alma, que de vós nunca se ausenta,
Dame por preço vervos, faz tornar-me,
Donde fugi tam perto de perder-me.

SONETO LXXIII.

Suspiros inflamados, que cantais
A tristeza, com que eu vivi tam ledo,
Eu mouro, & nam vos levo, porque ei medo
Que ao passar do Lethe vos percais.

Escritos para sempre já ficais,
Onde vos mostrarão todos co dedo,
Como exemplo de males, que eu concedo,
Que para aviso de outros estejais.

Em quem pois virdes falsas esperanças,
De Amor, & da Fortuna, cujos danos
Algũs terão por bemaventuranças;

Dizeilhe, que os servistes muitos annos,
E que em Fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor, nam ha senam enganos.

SONETO LXXIV.

A Quella fêra humana, que enriquece
 Sua presumptuosa tyrania,
 Destas minhas entranhas, onde cria
 Amor hum mal, que falta quando crece.
 Se nella o Ceo mostrou (como parece)
 Quanto mostrar ao mundo pretendia,
 Porque de minha vida se injuria?
 Porque de minha morte se enubrece?
 Hora em fim sublimai vossa vitoria,
 Senhora, com vencerme, & cativar-me;
 Fazei disto no mundo larga historia:
 Que por mais que vos veja maltratar-me,
 Já me fico legrandando desta gloria
 De ver, que tendes tanta de matar-me.

SONETO LXXV.

Ditoso seja aquelle, que sómente
 Se queixa de amorosas esquivanças,
 Pois porellas nam perde as esperanças
 De poder algum tempo ser contente.
 Ditoso seja, quem estando ausente,
 Nam sente mais, que a pena das lembranças;
 Porque inda que se tema de mudanças,
 Menos se teme a dor, quando se sente.
 Ditoso seja em fim qualquer estado,
 Onde enganos, desprezos, & izenção,
 Trazem o coração atormentado:
 Mas triste, quem se sente magoado,
 De erros, em que nam pôde haver perdão,
 Sem ficar n'alma a magoa do peccado.

SONETO LXXVI.

Quem fosse acompanhando juntamente,
 Por esses verdes campos a avefinha,
 Que despois de perder hum bem, que tinha,
 Nam sabe mais, que cousa he ser contente,
 E quem fosse apartandose da gente.
 Ella por companheira, & por vizinha,
 Me ajudasse a chorar a pena minha,
 Eu a ella o pezar, que tanto sente.

Ditosa ave, que ao menos se a natura
 A seu primeiro bem nam dá segundo,
 Dálhe o ser triste a seu contentamento.

Mas triste, quem de longe quiz ventura,
 Que para respirar lhe falte o vento
 E para tudo, em fim, lhe falte o mundo,

SONETO LXXXI.

A Mor he hum fogo, que arde sem se ver,
 He ferida, que dce, & nam se sente,
 He hum contentamento descontente,
 He dor, que delatina sem doer.

He hum nam querer mais, que bem querer,
 He hum andar solitario entre a gente,
 He nunca contentar-se de contente,
 He hum cuidar, que ganha em se perder.

He querer estar preso por vontade,
 He servir a quem vence o vencedor,
 He ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pôde seu favor
 Nos corações humanos amizade,
 Se tam contrario a si he o mesmo amor?

SONETO LXXXII.

SE pena por amarvós se merece,
 Quem della livre estâ, ou quem izento?
 Que alma, que razão, que entendimento
 Em vervos senam rende, & obedece?

Que mór gloria na vida se offerece,
 Que occupar-se em vós o pensamento?
 Toda a pena cruel, todo o tormento,
 Em vervos senam sente, mas esquece.

Mas se merece pena, quem amando
 Contino vos estâ, se vos offende,
 O mundo matarei, que todo he vosso.

Em mi podeis, senhora, ir começando,
 Que claro se conhece, & bem se entende,
 Amarvos quanto devo, & quanto posso.

SONETO LXXXIII.

Que levas cruel morte? hum claro dia,
 A que horas o tomaste? amanhecendo,
 Entendes o que levas? nam o entendo,
 Pois quem to faz levar? quem o entendia.

Seu corpo quem o goza? a terra fria,
 Como ficou sua luz? anoitecendo,
 Lusitania, que diz? fica dizendo,
 Em fim, nam mereci dona Maria,

Mitâste quem a vio? já morta estâva,
 Que diz o cruel amor? falar nam ou sa,
 E quem o faz calar? minha vontade.

Na corte, que ficou? saudade brava?
 Que fica lá que ver? nenhũa cousa,
 Mas fica, que chorar sua beldade,

SONETO LXXXIV.

O Ndados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos
Agora sobre as rofas estendidos,
Fazeis que sua belleza se acrecente.

Olhos, que vos moveis tam docemente,
Em mil divinos rayos acendidos,
Se de cá me levais alma, & sentidos,
Que fora, se de vós nam fora ausente?

Honesto riso, que entre a mór fineza,
De perlas, & coraes nasce, & perece,
Se n'alma em doces eccos nam o ouviſſe?

Se imaginando ſò tanta belleza,
De ſi, em nôva gloria a alma ſe eſquece,
Que ſerá quando a vir? ah quem a viſſe.

SONETO LXXXV.

F Oi já num tempo doce couſa amar,
Em quanto me enganava a eſperança,
O coração com eſta confiança,
Todo ſe desfazia em deſejar;

Oh vam, caduco, & debileſperar,
Como ſe deſengana hũa mudança!
Que quanto he mór a bemaventurança,
Tanto menos ſe crê, que ha de durar.

Quem já ſe vio contente, & proſperado,
Vendoſe em breve tempo em pena tanta,
Razão tem de viver bem magoado.

Porém quem tem o mundo exprimentádo,
Nam o magoa a pena, nem o eſpanta,
Que mal ſe eſtranhara o coſtumádo.

SONETO LXXXVI.

D Os illustres antigos, que deixáraõ,
 Tal nome, que igualou Fama á memoria,
 Ficou por luz do tempo a larga historia
 Dos feitos, em que mais se affin aláraõ.

Se se com coulas destes corejáraõ
 Mil vossas, cada hũa tam notoria,
 Vencerá a menor dellas a mór gloria,
 Que elles em tantos annos alcançaráõ.

A gloria sua foi,ninguem lha tome,
 Seguindo cada hum varios caminhos,
 Estátuas levantando no seu templo.

Vós honra Portugueza, & dos Coutinhos,
 Illustre Dom João, com melhor nome,
 Avós encheis de gloria, & a nós de exemplo.

SONETO LXXXVII.

C Onversaçaõ domestica afeição,
 Hora em forma de boa, & san vontade,
 Hora de hũa amorosa piédade,
 Sem olhar qualidade de pessoa.

Se depois por ventura vos magoa
 Com desamor, & pouca lealdade,
 Logo vos faz mentira da verdade
 O brando amor, que tudo em si perdoa,

Nam são isto, que fallo, conjeturas,
 Que o pensamento julga na apparencia,
 Por fazer delicadas escrituras,

Metido tenho a mão na consciencia,
 E nam fallo senam verdades puras,
 Que me ensinou a viva experiencia.

SONETO LXXXVIII.

E Sforço grande igual ao pensamento,
Pensamentos em obras divulgados,
E nam em peito timido encerrados,
E desfeitos despois em chuva, & vento:

Animo de cobiça baixa izento,
Dino por isso só de altos estâdos,
Fero açoute dos nunca bem domâdos
Povos do Malabar sanguinolento:

Gentileza de membros corporaes,
Ornâdos de pudica continencia,
Obra por certo rara de natura.

Estas virtudes, & outras muitas mais,
Dinas todas da Homérica eloquencia,
Jazem debaixo desta sepultura.

SONETO LXXXIX.

N O mundo quiz hum tempo, que se achasse
O bem, que por acerto, ou sorte vinha,
E por exprimentar, que dita tinha,
Quiz que a Fortuna em mi se exprimentasse.

Mas porque meu destino me mostrasse,
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tam longa vida minha,
Cousa me deixou ver, que desejasse.

Mudando andei costume, terra, & estâdo,
Por ver se se mudava a sorte dura,
A vida puz nas mãos de hum leve lenho,
Mas segundo o que o Ceo me tem mostrâdo,
Já lei, que deste meu buscar ventura,
Achado tenho já, que nam a tenho.

SONETO XC.

A Perfeição, a graça, o doce geito,
 A Primavera cheia de frescura,
 Que sempre em vós floresce, a que a ventura,
 E a razão entregâo este peito:

Aquelle cristalino, & puro aspeito,
 Que em si comprehende toda a fermosura,
 O resplendor dos olhos, & a brandura,
 De que amor a ninguém quíz ter respeito:

Se isto, que em vós se vê, ver desejas,
 Como dino de ver-se claramente,
 Por mais, que vós de amor vos izentais:

Traduzido o vereis tam bellamente,
 No meyo deste espirito, onde estais,
 Que vendovos sintais, o que elle sente.

SONETO XCI.

V Os, que de olhos suaves, & serenos,
 Com justa causa a vida cativais,
 E que os outros cuidados condenais,
 Por insulsos, por baixos, & pequenos.

Se inda do amor domesticos venenos,
 Nunca provastes, quero que saibais,
 Que he tanto mais o amor depois que a mais,
 Quanto são mais as causas de ser menos.

Enam cuide ninguém, que algum defeito,
 Quando na causa amada se apresenta,
 Possa diminuir o amor perfeito:

Antes o dobra mais, & se atormenta,
 Pouco, & pouco desculpa o brando peito,
 Que amor com seus contrarios se acrescenta,

SO.

SONETO XCH.

Que poderei do mundo já querer,
Que naquillo, em que puz tamanho amor,
Nam vi senam desgosto, desamor,
E morte em fim, que mais nam pôde ser.

Pois vida me nam farta de viver,
Pois já sei, que nam mata grande dor,
Se coufa ha hi, que magoa dê mayor,
Eu a verei, que tudo posso ver.

A morte a meu pesar me assegurou,
De quanto mal me vinha, já perdi,
O que perder o medo me ensinou:

Na vida, desamor sòmente vi,
Na morte, a grande dor, que me ficou,
Parece, que para isso sò nasci.

SONETO XCIII.

Pensamentos, que agora nôvamente
Cuidados vãos em mi resuscitais,
Dizeime, ainda nam vos contentais,
De terdes, quem vos tem tam descontente?

Que fantasia he esta, que presente
Cada horá ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos, & com sombras atentaes,
Quem nem por sonhos pôde ser contente?

Vejovos pensamentos alterádos,
E nam quereis de esquivos declararme,
Que he isto, que vos traz tam enleádos.

Nam me negueis, se andais para negarme,
Que se contra mi estais alevantádos,
Eu vos ajudarei mesmo a matarme.

SONETO XCIV.

SE tomar minha pena em penitencia,
Do erro, em que cahio o pensamento,
Nam abrandá, mas dobra meu tormento,
A isto, & a mais obriga a paciencia.

E se hũa cor de morto na apparencia,
Hum espalhar suspiros vãos ao vento,
Em vós nam faz, senhora, movimento,
Fique meu mal em vossa consciencia.

E se de qualquer aspera mudança,
Toda a vontade izenta amor castiga,
(Como eu vi bem no mal, que me condena,)

E se em vós nam se entende aver vingança,
Será forçado (pois amor me obriga)
Que eu só de vossa culpa pague a pena.

SONETO XCV.

A Quella, que de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança,
Por hũa breve, & subita mudança,
Contraria á sua honra, & qualidade:

Venceo a fermosura a honestidade,
Venceo no fim da vida a esperanza,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.

De si, da gente, & do mundo esquecida,
Ferio com duro ferro o brando peito,
Banhando em sangue a força do tyrano.

Oh estranha ouladia, estranho feito,
Que dando morte breve ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida!

SONETO XCVI.

O S vestidos Elisa revolvia,
Que lhe Eneas deixára por memoria,
Doces despojos da passada gloria,
Doces, quando o seu Fado o consentia.

Entre elles a fermosa espada via,
Que o instrumento foi da triste historia,
E como quem de si tinha a vitoria,
Com ella affi fallando, lhe dizia:

Fermosa, & nóva espada, se ficaste,
Sò para executares os enganos,
De quem te quiz deixar em minha vida:

Sabe, que tu comigo te enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobejame a tristeza da partida.

SONETO XCVII.

O Quaõ caro me custa o entenderte,
Molesto Amor, que sò por alcançarte
De dor em dor me tês trazido a parte,
Onde em ti, odio, & ira se converte;

Cuidei, que para em tudo conhecerte,
Me nam faltasse experiencia, & arte,
Agora vejo n'alma acrescentarte
Aquillo, que era causa de perderte.

Estavas tam secreto, no meu peito,
Que eu mesmo, que te tinha, nam sabia,
Que me senhoreavas deste geito:

Descubriste agora, & foi por via,
Que teu descobrimento, & meu defeito,
Hum me envergonha, & outro me injuria.

SONETO XCVIH.

SE depois de esperança tam perdida,
 Amor pola ventura consentisse,
 Que ainda algũa hora alegre visse,
 De quantas tristes vio tam longa vida
 Hũa alma já tam fraca, & tam cahida,
 Por mais alto, que a sorte me subisse,
 Nam tenho para mi, que consentisse
 Alegria tam tarde consentida.
 Nam tam sòmente Amor, me nam mostrou
 Hum hora, em que vivesse alegremente,
 De quantas nesta vida me negou:
 Mas inda tanta pena me consente,
 Que co contentamento me tirou
 O gosto d'algum hora ser contente.

SONETO CXCIX.

O Rayo cristalino se estendia
 Pelo mundo, da Aurora marchetada,
 Quando Nise pastora delicada,
 Donde a vida deixava se partia
 Dos olhos, com que o Sol escurecia,
 Levando a vista em lagrimas banhada,
 De si, do Fado, & tempo magcada,
 Pondo os olhos no Ceo, assi dizia:
 Nasce sereno Sol, puro, & luzente,
 Resplandece Hermosa, & roxa Aurora,
 Qualquer alma alegrando descontente:
 Que a minha, sabe tu, que desde agora,
 Já mais na vida a podes ver contente,
 Nem tam triste nenhũa outra pastora.

SONETO CC.

NO mundo poucos annos, & cansados
 Vivi cheos de vil miseria dura,
 Foi me tam cedo a luz do dia escura,
 Que nam vi finco lustros acabados,
 Corri terras, & mares apartados,
 Buscando à vida algum remedio, ou cura,
 Mas aquillo, que em fim nam quer ventura,
 Nam no alcanção trabalhos arriscados.
 Crioume Portugal na verde, & cara
 Patria minha Alam quer, mas ár corruto,
 Que neste meu terreno vaso tinha,
 Me fez manjar de peixes, em ti bruto
 Mar, que bates na Abasia fera, & avára,
 Tam longe da ditosa patria minha.

SONETO CI.

QUe me quereis perpetuas saudades,
 Com que esperança ainda me engana,
 Que o tempo, que se vai, nam torna mais,
 E se torna, nam tornaõ as idades:
 Razaõ he já d' annos, que vos vades,
 Porque estes tam ligeiros, que passais,
 Nem todos para hum gofio são iguais,
 Nem sempre são conformes as vontades:
 Aquillo, a que já quiz, he tam mudado,
 Que quasi he outra cousa, porque os dias
 Tem o primeiro gofio já danado.
 Esperanças de nôvas alegrias,
 Nam mas deixa a Fortuna, & o tempo errado,
 Que do contentamento são espias.

SONETO CII.

Verdade, amor, razão, merecimento,
Qualquer alma farão segura, & forte,
Porém Fortuna, caso, tempo, & sorte,
Tem do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento,
E nam sabe, a que causa se reporte,
Mas sabe, que o que he mais, que vida, & morte,
Que nam o alcança humano entendimento.

Doutros varoẽs darão razõs subidas,
Mas são experiencias mais provadas,
E por isto he melhor ter muito visto.

Cousas hahi, que passaõ sem ser cridas,
E cousas cridas ha, sem ser passadas,
Mas o melhor de tudo he crer em Christo.

SONETO CIII.

Fouse o coração de muito izento,
De si, cuidando mal, que tomaria,
Tam illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento,

Mas os olhos pintarão tam atento,
Outros, que visto tem na fantasia,

Que a razão temerosa, do que via,
Fugio, deixando o campo ao pensamento.

O Hypolito casto, que de geito
De Fedra, tua madrastra foste amado,
Que nam sabia ter nenhum respeito:

Em mi vingou o Amor teu casto peito,
Mas està desse agravo tam vingado,
Que se arrepende já, do que tem feito.

SONETO CIV.

Quem quizer ver d'Amor hũa excellencia,
Onde sua fineza mais seapura,
Atente onde me poem minha ventura,
Porter de minha fê experiencia.

Onde lembranças matão a longa ausencia,
Em temeroso mar, em guerra dura,
Alli a saudade està segura,
Quando môr risco corre a paciencia.

Mas ponhame a Fortuna, & o duro Fado
Em nojo, morte, dano, & perdição,
Ou em sublime, & prospera ventura:

Ponhame em fim, em baixo, ou alto estâdo,
Que atè na dura morte me acharão,
Na lingua o nome, n'alma a vista pura.

SONETO CV.

Vos Ninfas da Gangetica espessura,
Cantai suavemente em voz sonora,
Hum grande Capitão, que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noite escura.

Ajuntouse a caterva negra, & dura,
Que na Aurea Chersoneso affouta môra,
Para lançar do caro ninho fóra
Aquelles, que mais pòdem, que a ventura.

Mas hum forte Leão com pouca gente,
A multidão tam fera, como necia,
Destruindo castiga, & torna fraca.

Pois, ò Ninfas, cantai, que claramente,
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leonis fez em Malaca.

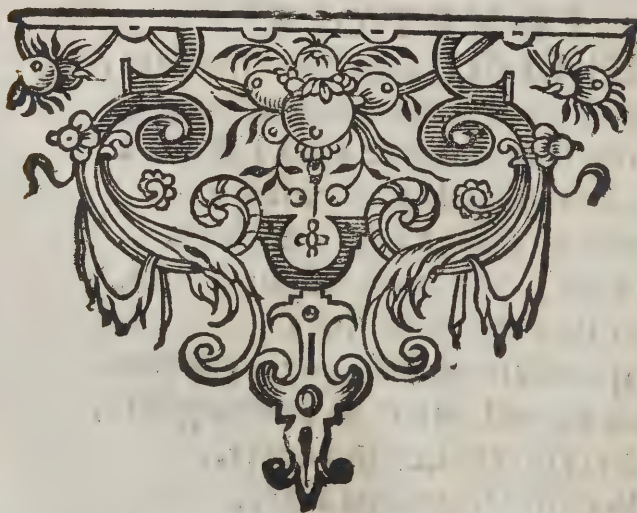
SONETO CVI.

DOce contentamento já passado,
Em que todo meu bem sò consistia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vòs tam apartado?

Quem cuidou, que se visse neste estâdo,
Naquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura consentia,
Que de enganos vivesse meu cuidado?

Fortuna minha foi cruel, & dura,
Aquella, que causou meu perdimento,
Com a qual ninguém pòde ter cautela,

Nem se engane nenhũa creatura,
Que nam pòde nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena sua estrella.



CANÇAM I.

F Ermosa, & gentil dama, quando vejo
A testa d'ouro, & neve, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O côlo de cristal, o branco peito,
De meu nam quero mais, que meu desejo,
Nem mais de vós, que ver tam lindo gesto,
Alli me manifesto
Por vosso a Deos, & ao mundo; alli m'inflamo
Nas lagrimas, que choro,
E de mi, que vos amo,
Em ver, que soube amarvos, me namoro:
E fico por mi sò perdido de arte,
Que ei ciumes de mi por vossa parte.

Se por ventura vivo descontente,
Por fraqueza de espirito padecendo
A doce pena, que entender nam sei;
Fujo de mi, & acolhome correndo
A vossa vista, & fico tam contente,
Que zombo dos tormentos, que passei,
De quem me queixarei,
Se vós me dais a vida deste geito,
Nos males, que padeço,
Senam de meu fogeito,
Que nam cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isso de mi cuidar nam posso,
De estar muito soberbo com ser vosso.

Se por algum acerto amor vos erra,
Por parte do desejo cometendo

Algun nefando, & torpe desatino:
Se ainda mais, que ver em fim pretendo,
Fraquezas são do corpo, que he da terra,
Mas nam do pensamento, que he divino:
Se tam alto imagino,
Que de vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpame o que vejo,
Porque se em fim resisto,
Contra tam atrevido, & vaõ desejo,
Façome forte em vossa vista pura,
E armome de vossa fermosura.

Das delicadas sobranceiras pretas
Os arcos, com que tira, amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos rayos deffes olhos fez as fetas,
Com que fere, quem alça os seus a vellos,
Olhos, que são tam bellos,
Dão armas de ventagem ao amor,
Com que as almas destrues:
Porêm se he grande a dor,
Com a alteza do mal a restitue,
E as armas, com que mata são de sorte,
Que ainda lhes ficais devendo a morte.

Lgrimas, & suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, fermosa dama,
Mimoso está do mal, que por vós sente:
Que mayor bem deseja, quem vos ama,
Que estar deslabafando seus tormentos,
Chorando, & imaginando docemente?
Quem vive descontente,
Nam ha de dar alivio a seu desgosto,

Porque se lhe agradeça:
Mas com alegre rosto,
Solta seus males, para que os mereça:
Que quem do mal se queixa, que padece,
Fallo, porque esta gloria, nam conhece.

De modo, que se cae o pensamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque este segredo nam conheço:
Assi que com razões, nam tam lômmente
Desculpo ao amor de meu tormento,
Mas inda a culpa sua lhe agradeço:
Por esta fê mereço,
A graça, que esses olhos acompanha,
O bem do doce riso:
Mas porém nam se ganha,
Com hum paraíso, outro paraíso,
E assi de enleáda a esperança,
Se satisfaz co bem, que nam alcança.
Se com razões escuso meu remedio,
Sabe cançam, que he porque nam vejo,
Engano com palavras o desejo.

C A N C, A M II.

A Instabilidade da Fortuna,
Os enganos suaves de amor cego,
(Suaves se durâraõ longamente
Direi, por dar á vida algum sossego:
Que pois a grave pena me importuna,
Importune meu canto a toda a gente,
E se o passado bem co mal presente,

Me endurecer a voz no peito frio,
O grande desvario,
Dará da minha pena final certo,
Que hum erro em tantos erros he concerto:
E pois nesta verdade me confio
(Se verdade se achar no mal, que digo)
Saiba o mundo de amor o desconcerto,
Que já com a razão se fez amigo,
Só por nam deixar culpa sem castigo.

Já amor fez leys, sem ter comigo algũa,
Já se tornou de cego arrazoado,
Só por usar comigo sem razão,
E se em algũa cousa o tenho errado,
Com siso grande dor nam vi nenhũa,
Nem elle deo sem erros afeições,
Mas por usar de suas izenções,
Buscou fingidas causas por matarme,
Que para derrubarme
Em o abismo infernal de meu tormento,
Nam foi soberbo nunca o pensamento,
Nem pretende mais alto levantarme
Daquillo, que elle quiz, & se elle ordena,
Que eu pague seu ousado atrevimento,
Saiba, que o mesmo amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa, & mais na pena.

Os olhos, que eu adoro, aquelle dia,
Que descêrao ao baixo pensamento,
N'alma os aposentei suavemente:
E pretendendo mais, como avaro,
O coração lhe dei por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente:
Porém como ante si lhe foi presente,

Que

Que entendêraõ o fim de meu desejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingua descubrio por desvario.
De sede morto estou posto num rio,
Onde de meu serviço o fruito vejo,
Mas logo se alça, se a colhello venho,
E fogeme a agoa, se beber por fio,
Assi, que em fome, & sede me mantenho,
Nam tem Tantalos a pena, que eu sofftenho.

Despois que aquella, em quem minh'alma vive:
Quiz alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo deste engano a alcancei:
A nuvem do contino pensamento,
Ma afigurou nos braços, & assi tive,
Sonhando, o que acordado desejei,
E porque a meu desejo me gabei,
De alcançar hum bem de tanto preço,
Além do que padeço,
Atado em hũa roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando,
Onde se a algum bem subo, logo deço,
E assi ganho, & perco a confiança:
E assi de mi fugindo, tras mi ando,
E assi me tem atado hũa vingança,
Como Ixiam, tam firme na mudança.

Quando a vista suave, & inhumana,
Meu humano desejo de atrevido,
Cometeo, sem saber, o que fazia,
Que de sua fermosura foi nascido.
O cego meço, que co a seta insana,
O peccado vingou desta ousadia:
E afôra este mal, que eu merecia,

Me deo outra maneira de tormento,
Que nunca o pensamento,
Que sempre voa de hũa a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte,
Imaginando, como o famulento,
Que come mais, & a fome vai crescendo,
Porque de atormentarme nam se aparte,
Assi que para a pena estou vivendo;
Sou outro novo Ticio, & nam me entendo.

De vontades alheas, que eu roubava,
E que enganosamente recolhia,
Em meu fingido peito me mantinha;
De maneira o engano lhe fugia,
Que despois que a meu mando as fugigava,
Com amor as matava, que eu nam tinha,
Porém logo o castigo, que convinha,
O vingativo amor me fez sentir,
Fazendome subir
Ao monte de aspereza, que em vds vejo,
Co pesado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vai cahir,
Torno a subilo ao desejado assento,
Torna a cahirme, em balde em fim pelejo,
Sisifo, nam te espantes deste alento,
Que às costas o subì do sufrimento.

Destta arte o summo bem se me offerece
Ao faminto desejo, porque finta,
A perda de perdello mais penosa,
Como o avàro, a quem o sonho pinta,
Achar thesouro grande, onde enriquece,
E farta sua sede cobiçosa;
E acordando com furia presurosa,

Vai

Vai cavar o lugar, onde sonhava:
Mas tudo, o que buscava,
Lhe converte em carvão a desventura,
Alli sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquillo, que esperava;
Defta arte amor me faz perder o fiso,
Porque aquelles, que estão na noite escura,
Nunqua sentirão tanto o triste abiso,
Se ignorarem o bem do paraíso.

Cançam, nam mais, que já nam sei, que digo,
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregão a causa desta morte.

C A N C, A M III.

I A a roxa manhaã clara,
Do Oriente as portas vinha abrindo,
Dos montes descobrindo
A negra escuridão da luz avàra:
O Sol, que nunca para,
De sua alegre vista saudoso,
Tras ella pressuroso,
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiraõ nas ervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre, & luminoso:
Os passaros voando,
De raminho, em raminho, vão saltando,
E com suave, & doce melodia,
O claro dia estão manifestando.

A manhaã bella, & amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura

Se

Se cobre de verdura,

Clara, suave, angelica, serena:

Oh deleitosa pena!

Oh effeito de amor, alto, & potente!

Que permite, & consente,

Que onde quer, que me ache, & onde esteja,

Sempre o Serafim veja,

Por quem de viver triste sou contente:

Mas tu Aurora pura,

De tanto bem dâ graças a ventura,

Pois a foi pôr em ti tam excellente,

Que representes tanta fermosura.

A luz suave, & leda,

A meus olhos me mostra, por quem mouro,

E nos cabellos de ouro,

Nam iguala os que vi, mas arremeda;

Esta he a luz, que arreda,

A negra escuridão do sentimento,

Ao doce pensamento:

O orvalho das flores delicadas,

São nos meus olhos lagrimas cansadas,

Que eu choro co prazer de meu tormento:

Os passaros, que cantão,

Meus espiritos são, que a voz levantão,

Manifestando o gesto peregrino,

Com tam divino som, que o mundo espantaõ.

Assi como acontece,

A quem a cara vida està perdendo,

Que em quanto vai morrendo,

Algũa visão santa lhe apparece,

A mi, em quem fallece,

A vida, que sois vós, minha senhora,

A esta

A esta alma, que em vós móra
 (Em quanto da prisão se está apartando)
 Vos estais juntamente apresentando,
 Em fôrma da fermosa, & roxa Aurora;
 Oh ditosa partida!
 Oh gloria soberana, alta, & subida!
 Se mo nam impedir o meu desejo,
 Porque o que vejo em fim, me torna a vida.

Porém a natureza,
 Que nesta vista pura se mantinha,
 Me falta tam asinha,
 Quaõ asinha o Sol falta â redondeza:
 Se houverdes, que he fraqueza,
 Morrer em tam penoso, & triste estado,
 Amor será culpado,
 Ou vós, onde elle vive tam izento,
 Que causastes tam largo apartamento,
 Porque perdesse a vida co cuidado;
 Que se viver nam posso,
 Homem formado sou de carne, & osso,
 Esta vida, que perco, amor ma deo,
 Que nam sou meu, se mouro, o dano he vosso.

Cançam de Cisne, feita em hora estrema,
 Na dura pedra fria
 Da memoria, te deixo em companhia
 Do letreiro de minha sepultura,
 Que a sombra escura já me impede o dia.

C A N C, A M IV.

V Aõ as serenas agoas,
 Do Mondego descendo,
 Tam mansamente, que até o mar nam paraõ,
 Por onde minhas magoas,
 Pouco a pouco crescendo,
 Para nunca acabar se começaraõ,
 Alli se me ajuntâraõ,
 Neste lugar ameno,
 Aonde agora mouro,
 Testa de neve, & ouro,
 Riso brando, & suave, olhar sereno,
 Hum gesto delicâdo,
 Que sempre na alma me estará pintado,
 Nesta florida terra,
 Leda, fresca, & serena,
 Ledo, & contente para mi vivia:
 Em paz com minha guerra,
 Contento com a pena,
 Que de tam bellos olhos procedia,
 Hum dia no outro dia,
 O esperar me enganava,
 Longo tempo passei,
 Com a vida folguei,
 Só porque em bem tamanho me empregava:
 Mas que me presta já,
 Que tam fermosos olhos nam os ha:
 Oh quem me alli differa,
 Que de amor tam profundo,
 O fim pudesse ver inda algum hora!

Oh quem cuidar pudêra,
Que houvesse ahi no mundo,
Apartarme eu de vòs, minha senhora,
Para que desde agora,
Perdesse a esperança,
E o vão pensamento,
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais, que a lembrança
Que sempre estará firme.
Atè o derradeiro despedirme.

Mas amôr alegria,
Que daqui levar posso,
Com a qual defenderme triste espero,
He, que nunca sentia,
No tempo, que fui vosso,
Quererdesme vòs, quanto vos eu quero,
Porque o tormento fero,
De vosso apartamento,
Nam vos darà tal pena,
Como a que me condena,
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que minha alma sente:
Moura eu, senhora, & vòs ficai contente.

Cançam, tu estarás
Aqui acompanhando,
Estes campos, & estas claras agoas,
E por mi ficaràs,
Chorando, & suspirando,
E ao mundo mostrando tantas magoas,
Que de tam larga historia,
Minhas lagrimas fiquem por memoria!

E

CAN.

C A N C, A M V.

SE este meu pensamento
 Como he doce, & suave,
 Da alma pudesse vir gritando fóra,
 Mostrando seu tormento,
 Cruel, aspero, & grave,
 Diante de vós sô, minha senhora,
 Pudera ser, que agora
 O vosso peito duro,
 Tornára manso, & brando,
 E eu que sempre ando
 Passaro solitario, humilde, obscuro.
 Tornádo hum Cisne puro,
 Brando, & sonóro pelo ar voando,
 Com canto manifesto,
 Pintára meu tormento, & vosso gêsto.
 Pintára os olhos bellos,
 Que trazem nas mininas
 O minino, que os seus nelle cegou:
 E os dourados cabellos,
 Em tranças de ouro finas,
 A quem o Sol seus rayos abaixou:
 A testa, que ordenou
 Natura tam fermosa,
 Obem proporcionado
 Nariz lindo, afilado,
 Que cada parte tem da fresca rosa,
 A boca graciosa,
 Que querella louvar he escusado,
 Em fim he hum thesouro,

Pero:

Perolas dentes, & palavras ouro.

Virase claramente,

O dama delicada,

Que em vós se esmerou mais a natureza,

E eu de gente, em gente,

Trouxera trasladada

Em meu tormento vossa gentileza;

Sômente a aspereza

De vossa condição,

Senhora, nam disséra,

Porque senam soubera

Que em vós podia haver algum se nam:

E se alguém com razão,

Porque morres, dissesse, respondera,

Mouro, porque he tam bella,

Que inda nam sou para morrer por ella.

E se pela ventura,

Dama, vos offendesse

Escrevendo de vós o que nam sento:

E vossa fermosura

Tanto à terra descesse,

Que a alcançasse humilde entendimento,

Seria o fundamento

Daquillo, que cantasse,

Todo de puro amor,

Porque vosso louvor

Em figura de magoas se mostrasse;

E onde se julgasse

A causa pelo effeito, minha dor

Diria alli, sem medo,

Quem me sentir verà, de quem procedo.

Então a mostraria,

Os olhos faudosos,
E o suspirar, que traz a alma consigo:
A fingida alegria,
Os passos vagarosos,
O fallar, & esquecerme do que digo;
Hum pelear comigo,
E logo disculparme
Hum recear ousando,
Andar meu bem buscando,
E de poder achallo acovardarme,
Em fim averiguarme,
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
São lagrimas, & amores,
São vossas izeuções, & minhas dores,
Mas quem terá, senhora,
Palavras, com que iguale
Com vossa fermosura minha pena,
Que em doce voz de sóra
Aquella gloria falle,
Que dentro na minh'alma amor ordena,
Nam pôde tam pequena
Força de engenho humano,
Com carga tam pesada,
Senam for ajudada,
De hum piédoso olhar, de hum doce engano,
Que fazendo me o danno
Tam deleitoso, & a dor tam moderada,
Em fim se convertesse
Nos gostos dos leuiores, que escrevesse.
Cançam, nam digas mais, & se teus versos
Aa pena vem pequenos,
Nam queirão de ti mais, que dirás menos.

C A N C, A M VI.

COm força desulada,
 Aqueanta fogo eterno,
 Hũa Ilha lã nas partes do Oriente,
 De eſtranhos habitada,
 Aonde o duro inverno,
 Os campos reverdece alegremente,
 A Luſitana gente,
 Por armas ſanguinoſas,
 Tem della o ſenhorio:
 Cercada eſtã de hum rio,
 De maritimas agoas ſaudoſas,
 Das ervas, que aqui nãſcem,
 Os gados juntamente, & os olhos pacem.

Aqui minha ventura,
 Quiz que hũa grande parte
 Da vida, que nam tinha, ſe paſſaſſe,
 Para que a ſepultura,
 Nas mãos do fero Marte,
 De ſangue, & de lembranças, matizaſſe;
 Se amor determinaſſe,
 Que a troco deſta vida,
 De mi qualquer memoria,
 Ficaffe como hiſtoria,
 Que de hũs fermoſos olhos foſſe lida,
 A vida, & alegria,

Por tam doce memoria trocãria.

Mas eſte fingimento,
 Por minha dura ſorte,
 Com falſas eſperanças me convida,

Nam cuide o pensamento,
Que pôde achar na morte,
O que nam pode achar tam longa vida:
Estâ já tam perdida
A minha confiança,
Que de desesperádo,
Em ver meu triste estâdo,
Tambem da morte perco a esperança:
Mas oh, que se algum dia
Desesperar pudesse, viviria!
De quanto tenho visto,
Já agora nam me espanto,
Que até desesperar se me defende:
Outrem foi causa disto,
Que eu nunca pude tanto,
Que causasse este fogo, que me encende,
Se cuidaõ, que me offende,
Temor de esquecimento,
Oxalâ meu perigo,
Me fora tam amigo,
Que algum temor deixára ao pensamento!
Quem vio tamanho enleo,
Que houvesse ahi esperança sem receo?
Quem tem, que perder possa,
Sò pôde recear,
Mas triste quem nam pôde já perder,
Senhora, a culpa he vossa,
Que para me matar,
Bastâra hum hora sò de vos nam ver:
Posesteme em poder
De falsas esperanças,
E do que mais me espanto,

Que nunca valli tanto,
 Que visse tanto bem como esquivaças:
 Valia tam pequena,
 Nam pode mercecer tam doce pena,
 Ouve-se amor comigo
 Tam brando, & pouco irado,
 Quanto agora em meus males se conhece,
 Que nam ha mór castigo,
 Pera quem tem errado,
 Que negarlhe o castigo, que merece,
 E bem como acontece,
 Que assi como ao doente,
 Da cura despedido,
 O medico sabido,
 Tudo quanto deseja lhe consente:
 Assi me consentia,
 Esperança, desejo, & ousadia.

E agora venho a dar
 Conta do bem passado,
 A esta triste vida, & longa ausencia;
 Quem pôde imaginar,
 Que houvesse em mi peccado,
 Que mereça tam grave penitencia?
 Olhai, que he consciencia,
 Por hum tam pequeno erro,
 Senhora, tanta pena:
 Nam vedes, que he onzena?
 Mas se tam longo, & misero desterro,
 Vos dá contentamento,
 Nunca me acabe nelle meu tormento.

Rio fermoso, & claro,
 E vós ó arvoredos,

Que os justos vencedores coroaís,
 E ao cultor avàro,
 Continuamente ledos,
 De hum tronco só diversos frutos dais:
 Assim nunca fiutais,
 Do tempo injuria algũa,
 Que em vós achem abrigo
 As magoas, que aqui digo,
 Em quanto dêr o Sol virtude à Lũa,
 Porque de gente, em gente,
 Saibaõ, que já nam mata a vida ausente.
 Cançam, neste desterro vivirás
 Voz nua, & descuberta,
 Até que o tempo em ecco te converta.

C A N C, A M VII.

M Andame amor, que cante docemente,
 O que elle já em minh'alma tem impresso,
 Com preluposto de desabafarme,
 E porque com meu mal seja contente,
 Diz, que ser de tam lindos olhos preso,
 Contalho bastaria a contentarme:
 Este excellente modo de enganarme,
 Tomara eu só de amor por interesse,
 Senam se arrependesse
 Com a pena o engenho escurecendo:
 Porém a mais me atrevo,
 Em virtude do gesto, de que escrevo,
 E se he mais o que canto, que o que entendo,
 Invoco o lindo aspeito,

Que

Que pôde mais, que amor, em meu defeito,
 Sem conhecer amor viver sóhia,
 Seu arco, & seus enganos desprezando,
 Quando vivendo delles me mantinha:
 O amor enganoso, que fingia
 Mil vontades alheas, enganando,
 Me fazia zombar de quem o tinha,
 No touro entrava Febo, & Progne vinha,
 O corno de Ache loo Flora entornáva,
 Quando o amor soltava
 Os fios de ouro, as tranças encrespadas,
 Ao doce vento esquivas,
 Os fios rutilando chamas vivas,
 E as rosas entre a neve semeádas,
 Coriso tam galante,
 Que hum peito desfizera de diamante.
 Hum nam sei que suave respirando,
 Causava hum admirado, & novo espanto,
 Que as cousas insensiveis o sentiaõ:
 E as garrulas aves levantando
 Vozes desordenadas em seu canto,
 Como no meu desejo se encendiaõ:
 As fontes cristalinhas nam corriaõ,
 Inflamadas da linda vista pura,
 Florecia a verdura,
 Que, andando, cos divinos pés tocáva,
 Os ramos se abaxávão,
 Ou de inveja das hervas, que pisavão,
 Ou porque tudo ante ella se abaixáva.
 Nam houve cousa em fim,
 Que nam palmasse della, & eu de mim.
 Porque quando vi dar entendimento

As cousas, que o nam tinhaõ, o temor
Me fez cuidar, que effeito em mi faria:
Conhecime nam ter conhecimento,
E nisto sô o tive, por amor
Mo deixou, porque visse o que podia:
Tanta vingança amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza,
Nos montes, & a dureza
Delles em mi por troca traspassava,
Oh que gentil partido,
Trocar o ser do monte sem sentido,
Pello que num juizo humano estãva:
Olhai que doce engano,
Tirar comum proveito de meu dano.
Assi que indo perdendo o sentimento,
A parte racional me entristecia:
Vella a hum appetite sometida,
Mas dentro na alma o fim do pensamento,
Por tam sublime causa me dizia,
Que era razão ser a razão vencida:
A mesma perdição a restaurava
E em mansa paz estãva,
Cada hum com seu contrario num sugeito:
Oh grande concerto este!
Quem sera, que nam julgue, por celeste,
A causa, donde vem tamanho effeito,
Que faz num coração,
Que venha o appetite a ser razão?
Aqui senti de amor a mór fineza,
Como foi ver sentir o insensivel,
E over a mi de mi mesmo perderme,
Em fim senti negar-se a natureza,

Por onde cri, que tudo era possível,
Aos lindos olhos seus, senam querer-me,
Despois, que já senti des fallecer-me,
Em lugar do sentido, que perdia,
Nam sei quem me escrevia,
Dentro n'alma co as letras da memoria,
O mais deste processo,
Co claro gesto juntamente impresso,
Que foi a caula de tam longa historia,
Se bem a declarei,
Eu nam a escrevo, d'alma a trasladei.

Cançam, se quem te ler,
Nam crer dos olhos lindos, o que dizes,
Pello que em si se esconde:
Os sentidos humanos lhe responde,
Nam pòdem dos divinos ser juizes,
Senam de hum pensamento,
Que a falta supra a fe do entendimento.

C A N C, A M. VIII.

T O mei a triste pena,
Já de desesperado,
De vos lembrar as muitas, que padeço,
Vendo, que me condena
A ficar eu culpado,
O mal, que me tratais, & o que eu mereço:
Confesso que conheço,
Que em parte a causa dei
Ao mal, em que me vejo,
Pois sempre meu desejo,

A tam

A tam largas promessas entreguei:
Mas nam tive suspeita,
Que seguisseis tenção tam imperfeita.

Seem vosso esquecimento,

Tam condenado estou,
Como os sinais demonstraõ, que mostrais,
Vivo neste tormento,

Lembranças mais nam dou,

Queas que de esta razão tomar queirais:

Olhai que me tratais,

Affi de dia, em dia,

Cotu vossas esquivanças,

E as vossas esperanças,

De que vanmente eu já me enriquecia,

Renovaõ a memoria,

Pois com tella de vòs só tenho gloria.

E se isto conhecesseis

Ser a verdade pura,

Mais que de Arabia o ourò reluzente,

Inda que nam quisesseis,

A condição tam dura,

Mudáreis noutra muito diferentes

E eu como innocente,

Que estouem este caso,

Isto em as mãos pusera,

De quem sentença, dera,

Que ficasse o direito justo, & razo,

Quando nam receára,

Que a vòs por mi, & a mi por vòs matára.

Em vòs escrita vi

Vossa grande dureza,

E na alma escrita està, que de vòs vive;

Nam

Nam que acabasse alli
 Sua grande firmeza.
 O triste defengano, que então tives
 Porque antes que a dor prive
 De todo meus sentidos,
 Ao grande tormento
 Acode o entendimento,
 Com dous fortes soldados, guarnecidos
 De rica pedraria,
 Que ficão sendo minha luz, & guia.
 Destes acompanhado,
 Estou posto sem medo
 A tudo, o que o fatal destino ordene;
 Pòde ser que cansado,
 Ou seja tarde, ou cedo.
 Com pena de penarme me despene?
 E quando me condene
 (Que isto he que mais espero)
 Inda a mayores dores,
 Perdidos os temores,
 Por mais que venha, nam direi nam quero;
 Com tudo estou tam forte,
 Que nem mudarme pòde a mesma morte.
 Cançam, sejà nam queres
 Ver tanta crueldade,
 Lá vàs onde verás minha verdade.

CANÇAM IX.

I Unto de hum seco, fero, & esteril monte
 Inutil, & de spido, calvo, & informe,
 Da

Da natureza em tudo aborrido,
 Onde nem ave voa, ou fera dorme,
 Nem rio claro corre, ou ferve fonte,
 Nem verde ramo faz doce ruído:
 Cujos nome do vulgo introduzido,
 He felix por antiphrasi infelice:
 O qual a natureza
 Situou junto á parte,
 Onde hum braço de mar alto reparte
 Abasia, de Arabica aspereza,
 Onde fundada já foi Berenice,
 Ficando a parte donde
 O Sol, que nella ferve, se lhe esconde.
 Nelle aparece o cabo, com que a costa
 Africana, que vem do Austro correndo,
 Limite faz, Aromata chamado:
 Aromata outro tempo, que correndo
 O tempo, a ruda lingua mal composta
 Dos proprios outro nome lhe tem dado:
 Aqui, no mar, que quer apresurado
 Entrar pola garganta deste braço,
 Me trouxe hum tempo, & teve
 Minha fera ventura:
 Aqui nesta remota, aspera, & dura
 Parte do mundo, quiz que a vida breve
 Tambem de si deixasse hum breve espaço,
 Porque ficasse a vida
 Pello mundo em pedaços repartida.
 Aqui me achei gastando hũs tristes dias,
 Tristes, forçados, maos, & solitarios,
 Trabalhosos, de dor, & de ira cheos,
 Nam tendo tam somente por contrarios

A vida, o Sol ardente, & agoas frias,
Os ares grossos, fervidos, & feos,
Mas os meus pensamentos, que são meynos,
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendome à memoria
Algũa já passada, & breve gloria,
Que eu no mundo vi já quando vivi,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por me mostrar, que havia
No mundo muitas horas de alegria.

Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando o tempo, & a vida, os quaes tam alto
Me subiaõ nas azas, que cahia
(E vede se seria leve o salto)
De sonhados, & vãos contentamentos,
Em desesperação de ver hum dia,
Aqui o imaginar se convertia,
Num subito chorar, & nũs suspiros,
Que rompião os ares:
Aqui a alma cativa,
Chagada toda estava em carne viva,
De dores rodeada, & de pesares,
Desamparada, & descuberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexoravel, & importuna.

Nam tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa onde a cabeça,
Hum pouco reclinasse por descanto:
Tudo dor lhe era, & causa, que padeca:
Mas que pereça nam, porque passasse
O que quizo destino nunca manso:

O que

O que este irado mar gritando amanho,
Estes ventos da voz importunados,
Parece que se enfreão;
Sómente o Ceo severo,
As estrellas, & o Fado sempre fero,
Com meu perpetuo dano se recreão,
Mostrandose potentes, & indignados,
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, & tam pequeno.

Se de tantos trabalhos só tivesse
Saberinda por certo, que algum hora
Lembrava a hūs claros olhos, que já vi,
E se esta triste voz rompendo fôra,
As orelhas angelicas tocasse
Daquella, em cuja vista já vivi:
A qual tornada hum pouco sobre si,
Revolvendo na mente presurosa,
Os tempos já passados,
De meus doces errores,
De meus suaves males, & furores,
Por ella padecidos, & buscados,
Tornada (inda que tarde) piêdosa,
Hum pouco lhe pesasse,
E consigo por dura se julgasse:

Isto só, que soubesse, me seria
Descanso para a vida, que me fica,
Com isto afagaria o sofrimento:
Ah senhora, senhora, & que tam rica
Estais, que cà tam longe de alegria,
Me sustentais com doce fingimento,
Em vós assegurando o pensamento,
Foge todo o trabalho, toda a pena:

Sò com vossas lembranças,
Me acho seguro; & forte,
Contra o rosto feroz da fera morte;
E se me ajuntão logo as esperanças,
Com que a fronte tornada mais serena,
Torna os tormentos graves,
Em saudades brandas, & suaves.

Aqui com elles fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respirão
Da parte donde estais, por vós senhora,
As aves, que alli voão, se vos viraão,
Que fazeis, & que estaveis praticando?
Onde, como, com quem, que dia, & que hora?
Alli vida cansada se melhora,
Toma espiritos nòvos, com que vença
A Fortuna, & trabalhos:

Sò por tornar a vervos,
Só por ir a servirvos, & querervos,
Diz-me o tempo, que a tudo darà talho,
Mas o desejo ardente, que detença
Nunqua soffreo, sem tento
Me abre as chagas de novo ao sofrimento.

Affi vivo, & se alguem te preguntasse,
Cançam, como nam mouro,
Podes-lhe responder, que porque mouro.

C A N C, A M X.

V Inde cá meu tam certo secretario,
Dos queixumes, que sempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena de safoço:

F

As

As femrazões digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel, & contrario
Destino, surdo a lagrimas, & a rogo:
Deitemos agoa pouca em muito fogo,
Acendase com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias seja estranhos:
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, á gente, & emfim ao vento,
A quem já muitas vezes o contei,
Tanto de balde, como o conto agora:
Mas já que para erros fui nascido,
Vir este a ser hum delles nam duvido,
Que pois já de acertar estou tam fôra,
Nam me culpem tambem se nisto errei:
Se quer este refugio só terei,
Fallar, & errar sem culpa livremente,
Triste quem de tam pouco está contente.
Já me desenganei, que de queixarme,
Nam se alcança remedio, mas quem pena,
Forçado lhe he gritar, se a dor he grande:
Gritarei, mas he debil, & pequena
A voz para poder desabafarme,
Porque nem com gritar a dor se abrande:
Quem me dará se quer, que fôra mande,
Lagrimas, & suspiros infinitos,
Iguals ao mal, que dentro n'alma mōra?
Mas quem pôde algum hora,
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Emfim direi aquillo, que me ensinaõ
A ira, a magoa, & dellas a lembrança,
Que he outra dor por si mais dura, & firme,
Chegai desesperados para ouvirme,

E fujaõ os que vivem de esperança,
Ou aquelles, que nella se imaginão,
Porque Amor, & Fortuna determinão
Delhe darem poder para entenderem,
A medida dos males, que tiverem.

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizerão
Estrellas infelices obrigado:
Com ter livre alvedrio mo nam deraõ,
Que eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, & o peor segui forçado,
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse,
Inda minino os olhos brandamente,
Mandaõ que diligente
Hum minino sem olhos me ferisse:
As lagrimas da infancia já manavão,
Com hũa saudade namorada:
O som dos gritos, que no berço dava,
Já como de suspiros me soava,
Com a idade, & Fado concertado,
Porque quando por caso me emballavaõ,
Se versos de amor tristes me cantavaõ,
Logo me adormecia a natureza,
Que tam conforme estava co a tristeza.

Foi minha ama hũa fera, que o destino
Nam quiz, que mulher fosse, a que tivesse
Tal nome para mi, nem a haverias:
Assi criado fui, porque bebesse
O veneno amoroso de minino,
Que na mayor idade beberia,
E por costume nam me mataria:

Logo então vi a imagem, & semelhança,
D'aquella humana fera tam fermosa,
Suave, & venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança,
De quem eu vi de spois o original;
Que de todos os grandes desatinos,
Faz a culpa soberba, & soberana:
Pareceme que tinha forma humana,
Mas cintillava espiritos divinos,
Hum meneio, & presença tinha tal,
Que se vangloriava todo o mal:
Na vista della a sombra, co a viveza,
Excedia o poder da natureza.
Que genero tam novo de tormento,
Teve amor, que nam fosse, nam lamente:
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas, que o fervente
Desejo, que dà força ao pensamento,
Tinhaõ de seu proposito aballado;
E de se ver corrido, & injuriado,
Aqui sombras fantasticas, trazidas,
De algũas temerarias esperanças,
As bemaventuranças,
Nellas tambem pintadas, & fingidas,
Mas a dor do desprezo recebido,
Que a fantasia me desatinava,
Estes enganos punha em desconcerto:
Aqui o adivinhar, & ter por certo,
Que era verdade quanto adivinhava,
E logo o desdizerme de corrido,
Dar ás cousas, que via, outro sentido:
E para tudo em fim buscar razões,

Mas erão muitas mais as semrazões.

Nam sei como saiba estar roubando
Cos rayos as entranhas, que fugião
Por ella pellos olhos sutilmente:
Pouco a pouco invenciveis me sahião,
Bem como do véo humido exalando
Està o sutil humôr o Sol ardente;
Em fim o gesto puro, & transparente,
Para quem fica baixo, & sem valia
Desto nome de bello, & de fermoso:
O doce, & piêdolo,
Mover de olhos, que as almas suspendia,
Foraõ as hervas magicas, que o Ceo
Me fez beber, as quaes por longos annos,
Noutro ser me tiverão transformado:
E tam contente de me ver trocado,
Que as magoas enganava cos enganos,
E diante dos olhos punha o véo,
Que me encobrisse o mal, que assi creceo,
Como quem com afagos se criava,
Daquelle, para quem crecido estava.

Pois quem pôde pintar a vida ausente,
Com hum descontentarme quanto via,
E aquelle estar tam longe donde estava;
O fallar, sem saber, o que dizia,
Andar, sem ver por onde, & juntamente
Suspirar, sem saber, que suspirava,
Pois quando aquelle mal me atormentava,
E aquella dor, que das Tartareas agoas,
Sahio ao mundo, & mais que todas doe,
Que tantas vezes soe,
Duras iras tornar em brandas magoas,

Agora co furor da magoa irado,
Querer, & nam querer deixar de amar,
E mudar noutra parte por vingança
O desejo privado de esperança,
Que tam mal se podia já mudar;
Agora a saudade do passado
Tormento puro, doce & magoadado,
Fazia converter estes furores
Em magoadas lagrimas de amores.

Que desculpas comigo só buscava,
Quando o suave amor me nam sofria
Culpa na cousa amada, & tam amada?
Em fim eraõ remedios, que fingia
O medo do tormento, que ensinava
A vida sustentar-se de enganada:
Nisto hũa parte della foi passada,
Na qual se tive algum contentamento,
Breve, imperfecto, timido, indecente,
Nam foi senam semente,
De hum cumprido, & amarissimo tormento,
Este curso contino de tristeza,
Estes passos tam vanmente espalhados,
Me forão apagando o ardente gofio,
Que tam de fiso n'alma tinha posto,
De aquelles pensamentos namorados,
Em que eu criei a tenra natureza,
Que do longo costume da aspereza,
Contra quem força humana nam resiste,
Se converteo no gofio de ser triste.

Desta arte a vida noutra fui trocando,
Eu uam, mas o destino fero irado,
Que eu inda assi por outra a nam trocàra;

Fefme

Fesme deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida cara;
Agora experimentando a furia rara
De Marte, que cos olhos quiz que logo
Visse, & tocasse o acerbo fruto seu,
E neste escudou meu,
A pintura verão do infesto fogo,
Agora peregrino, vago, & errante,
Vendo nações, linguagēs, & costumes,
Ceos varios, qualidades diferentes,
Sò por seguir com passos diligentes,
A ti Fortuna injusta, que consumes
As idades, levandolhe diante
Hũa esperança em vista de diamantes;
Mas quando das mãos cae se conhece,
Que he fragil vidro aquillo, que aparece
A pièdade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via,
No primeiro perigo, & no segundo:
Terra, em que pôr os pês me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltavame em fim o tempo, & o mundo;
Que segredo tam arduo, & tam profundo,
Nascer para viver, & para a vida,
Faltarme quanto o mundo tem para ella,
E nam poder perdella,
Estando tantas vezes já perdida!
Emfim nam houve trance da Fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos
(Injustiças daquelles, que o confuso
Regimento do mundo antigo abuso

Faz sobre os outros homẽs poderosos)
Que eu nam passasse atado á fiel coluna
Do sofrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

Nam conto tantos males, como aquelle,
Que despois da tormenta procellosa,
Os casos della conta em tempo ledo,
Que inda agora a Fortuna fluctuosa,
A tamanhas misérias me compelle,
Que de dar hum sò passo tenho medo;
Já de mal, que me venha, nam me arredo,
Nem bem, que me falleça, já pretendo,
Que para mi nam val astucia humana,
De força soberana,
Da providencia em fim divina pendo;
Isto que cuido, & vejo, ás vezes tomo,
Para consolação de tantos danos,
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre, & nam alcança,
Senam memoria dos passados annos;
As agoas que então bebo, & o pão que como,
Lagrimas tristes são, que eu nunca domo,
Senam com fabricar na fantasia,
Fantasticas pinturas de alegria.

Que se possível fosse, que tornasse
O tempo para trãs, como a memoria;
Pellos vestigios da primeira idade;
E de novo tecendo a antiga historia,
De meus doces erros me levasse
Pellas flores, que vi da mocidade:
E a lembrança da longa saudade,

Então foffe mayor contentamento,
Vendo a conversação leda, & suave,
Onde hũa, & outra chave,
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os finais,
A fermofura, os olhos, a brandura,
A graça, a mansidão, a cortesia,
A singella amizade, que desvia
Toda a baixa tenção, terrena impura,
Como a qual outra algũa nam vi mais,
Ah vãs memorias onde me levais
O fraco coração, que inda nam posso
Domar este tam vão desejo voffo?

No mais Cançam, no mais, que irei fallando,
Sem o sentir mil annos, & se acaso
Te culparem de larga, & de pesada,
Nam pôde ser (lhe dize) limitada
A agoa do mar em tam pequeno vaso;
Nem eu delicadezas vou cantando,
Co gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mi passadas,
Oxalâ foraõ fabulas sonhadas.

ODE I.

A L U A.

D Etem hum pouco, Musa, o largo pranto,
Que amor te abre do peito,
E vestida de rico, & ledo manto,
Demos honra, & respeito,
Aaquella, cujo objeito,
Todo o mundo alumia
Trocando a noite escura em claro dia,
Oh Delia, que a pesar da nevoa grossa,
Cos teus rayos de prata,
A noite escura fazes, que nam possa
Encontrar, o que trata,
E o que n'alma retrata,
Amor, por teu divino
Rosto, porque endoudeço, & desatino.
Tu, que de fermosissimas estrellas,
Coroas, & rodeas
Teus cabellos de prata, & faces bellas,
E os campos fermoseas,
Co as rosas, que semeas,
Co as boninas, que gêra
O teu celeste amor na primavera.
Pois, Delia, dos teus Ceos vendo estàs quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, magoas, ays, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Hũas por saudades,

Outras

Outras por crûs indícios,
Fazem das proprias vidas sacrificios.

Jà veyo Endimiao por estes montes,
O Ceo suspenso olhando,

E teu nome cos olhos feitos fontes,

Em vaõ sempre chamando,

Pedindo, & suspirando

Mercès á tua beldade,

Que ache em ti algũa hora piédade.

Por ti feito pastor de branco gado,

Nas selvas solitarias,

Sô de seu pensamento acompanhado,

Conversa as alimarias,

De todo amor contrarias,

Mas nam como ti duras,

Onde lamenta, & chora desventuras.

Para ti guarda o sitio fresco de Ilio,

Suas sombras fermosas,

Para ti no Erymantho o lindo Opilio,

As mais purpureas rosas,

E as drogas cheirosas

De este nosso Oriente,

Guarda a felice Arabia mais contente.

De que Panthera, Tigre, ou Leopardo,

As asperas entranhas,

Nam temeraõ o agudo, & fero dardo,

Quando pellas montanhas

Muy remotas, & estranhas,

Ligeira atravessavas,

Tam fermosa, que amor de amor matavas?

Das castas virgẽs sempre os altos gritos,

Clara Lucina, ouviste,

Renovandolhe a força, & os espiritos:
Mas os daquelle triste
Já nunca consentiste
Ouvillos hum momento,
Para ser menos grave seu tormento.

Nam fujas de mi assi, nem assi te escondas
De hum tam fiel amante,
Olha como suspirão estas ondas,
E como o velho Atlante,
O seu collo arrogante,
Move piedosamente,
Ouvindo a minha voz fraca, & doente.

Triste de mi, que me he peor queixarme,
Pois minhas queixas digo,
A quem já ergueo a mão para matarme,
Como a cruel imigo,
Mas eu meu Fado figo,
Que a isto me destina,
E só isto pretende, & só me ensina.

Oh quanto ha já, que o Ceo me defengana,
E eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana!
Tendo livre alvedrio,
Nam fujo o desvario,
E este, que em mi vejo,
Engana coa esperança meu desejo,

Oh quanto melhor fora, que dormisse,
Hum sono perennal,
Estes meus olhos tristes, & nam vissem;
A causa de seu mal!
Fugira hum tempo tal,
Mais que de antes proterva,

Mais cruel que Ussa, mais fugaz, que Cerva.

Ay de mi, que me abraço em fogo vivo,

Com mil mortes ao lado,

E quando mouro mais, então mais vivo!

Porque assi me ha ordenado

Meu infelice estado,

Que quando me convida,

A morte para a morte tenha vida,

Secreta noite amiga, a que obedeco,

Estas rolas (por quanto

Mens queixumes ouviste) te offereço,

Este fresco Amarantho,

Inda humido do pranto,

E lagrimas da esposa

Do ciofo Tithaõ branca, & fermosa.

O D E II.

T Am suave, tam fresca, & tam fermosa,

Nunqua no Ceo sahio

A Aurora, no principio do veraõ:

Aas flores dando a graça costumada,

Como a fermosa minha fera, quando

Hum pensamento vivo me inspirou,

Por quem me desconheço.

Bonina pu dibunda, ou fresca rosa,

Nunqua no campo abrio,

Quando os rayos do Sol no Touro estaõ,

De cores differentes esmaltada,

Como esta flor, que os olhos inclinando,

O sofrimento triste costumou.

A pe

A pena, que padeço.

Ligeira, bella Niefra, linda, irosa,
Nam creio, que seguiu
Satyro, cujo brando coração,
De amores commovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo, & desprezando
Este tormento, adonde amor mostrou
Tam prospero começo.

Nunqua em fim coufa bella, & rigurosa
Natura produzio,
Que iguale aquella forma, & condiçãõ,
Que as dores, em que vivo, estima em nada:
Mas com tam doce gesto, irado, & brando,
O sentimento, & a vida me enlevou,
Que a pena lhe agradeço.

Bem cudei de exaltar em verso, ou prosa
Aquillo, que a alma vio,
Antre a doce dureza, & mansidaõ,
Primores de belleza desusâda,
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
Entendimento, & engenho me cegou,
Luz de tam alto preço.

Naquella alta pureza deleitosa,
Que ao mundo se encubrio,
E nos olhos angelicos, que saõ
Senhores desta vida destinada,
E naquelles cabellos, que soltando
Ao manso vento, a vida me enredou,
Me alegre, & entristeco.

Saudade, & suspeita perigosa,
Que amor constituhio,
Por castigo daquelles, que se vaõ:

Temores, penas, da alma desprezada,
Fera esquivança, que me vai tirando
O mantimento, que me sustentou,
A tudo me offereço.

O D E III.

SE de meu pensamento,
Tanta razão tivera de alegrarme,
Quanto de meu tormento
A tenho de queixarme,
Poderàs triste Lyra consolarme.
E minha voz cansada,
Que noutro tempo foi alegre, & pura,
Nam fôra assi tornada,
Com tanta desventura,
Tam rouca, tam pesada, nem tam dura.
A ser como solia,
Pudera levantar vossos louvores,
Vós minha Hierarchia
Ouvireis meus amores,
Que exemplo são ao mundo já de dores.
Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas, & momentos,
Oh quão bem alembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos.
Ai gostos fugitivos,
Ai gloria já acabada, & consumida,
Cruéis males esquivos,
Qual me deixais a vida,

Quão

Quão chea de pesar, quão destruída!

Mas como nam he morta

A triste vida já, que tanto dura?

Como nam abre a porta

A tanta desventura,

Que em vão co seu poder o tempo cura?

Mas para padecella,

Se esforça meu fugeito, & convalece,

Que só para dizella,

Aforça me falece,

E de todo me causa, & enfraquece.

Obem afortunado,

Tu, que alcançaste com lira toante,

Orfeo ser escutado,

Do fero Rhadamante,

E cos teus olhos ver a doce amante.

As infernaes figuras,

Moveste com teu canto docemente,

As tres furias escuras,

Implacaveis á gente,

Quiêtas se tornãrão de repente.

Ficou como pasmado,

Todo o Stygio Reyno co teu canto,

E quasi descansado,

De seu eterno pranto,

Cessou de alçar Sifiso o grave canto.

A ordem se mudava,

Das penas, que ordenava alli Plutaõ,

Em descanso tornava

A roda de Ixiaõ,

E em gloria quantas penas alli saõ.

Pelo qual admirada

A Raynha infernal, & commovida,
Te deo a desejada
Esposa, que perdida
De tantos dias já tivera vida.

Pois minha desventura
Como já nam abranda hũa alma humana,
Que he contra mi mais dura,
E mui mais deshumana,
Que o furor de Caliroe profana?

Oh crua, esquivã, & fera,
Duro peito, cruel, empedernido,
De algũa tigre fera,
Da Hyrcania nascido,
Ou d'antre as duras rochas produzido.

Mas que digo coitado,
E de quem fio em vaõ minhas querellas?
Só vòs, ò do sagrado
Humido Reyno, bellas,
E claras Ninfas, condoeivos dellas.

E de ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando,
Sobola agoa erguidas,
Astranças gotejando,
Sahi alegres todas, ver qual ando.

Sahi em companhia,
Cantando, & mais colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia,
Ouvireis meus amores,
E sentireis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido,
E mais mo fino corpo, que he gèrado,
Que está já convertido

Em choro, & neste estado,
Sómente vive nelle o seu cuidado.

O D E IV.

Fermosa fera humana,
Em cujo coração soberbo, & rudo,
A força soberana
Do vingativo Amor, que vence tudo,
As pontas amoladas,
De quantas setas tinha, tem quebradas.
Amada Circe minha
Posto que minha nam, com tudo amada,
A quem hum bem, que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho inda entregarei.

Pois natureza irosa
Da razão, te deo partes tam contrarias,
Que sendo tam fermosa,
Folgues de te queimar em flamas varias,
Sem arder em nenhũa,
Mais que em quanto alumia o mundo a Lũa.

Pois triunfando vás
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estás,
De razão, de juizo, & de sentidos,
E quasi a todos dando,
Aquelle bem, que a todos vás negando.

Pois tanto te contenta,
Ver o nocturno moço em ferro envolto,

Debaixo da tormenta
De Jupiter, em agoa, & vento solto,
A porta, que impedido
Lhe tem seu bem de magoa adormecido.

Porque nam tens receyo,
Que tantas insolencias, & esquivanças,
A Deosa, que poem freyo,
A soberbas, & doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se ascenda o fero amor?

Olha a fermosa Flora,
De despojos de mil suspiros rica,
Pelo Capitão chora,
Que là em Thessalia em fim vencido fica,
E foi sublime tanto,
Que altares lhe deo Roma, & nome santo.

Olha em Lesbos aquella,
No seu psalterio insigne conhecida,
Dos muitos, que por ella
Se perdèraõ, perdeo a cara vida,
Na tocha, que se infama,
Com ser remedio estremo, de quem ama.

Pelo moço escolhido,
Onde mais se mostravão as tres graças,
Que Venus escondido
Para si teve hum tempo entre as alfaças,
Pagou com morte fria,
A mà vida, que a muitos já daria.

E vendose deixada
Daquelle, por quem tantos já dexàra,
Se foi desesperada
Precipitar da infame rocha cara,

Que o mal de mal querida,
Sabe, que vida lhe he perder a vida.

Tomaime bravos mares,
Tomaime vós, pois outrem me dexou,
E assi dos altos ares,
Pendendo com furor se arremeçou:
Acó de tu suave,
Acó de poderosa, & divina ave.

Tomaa nas azas tuas,
Minino pio, illesa, & sem perigo,
Antes que nessas crûas,
Agoas cahindo, apague o fogo antigo,
He dino amor tamanko,
De viver, & ser tido por estranho?

Nam, que he razaõ, que seja
Para as lobas izentas, que amor vendem,
Exemplo onde se veja,
Que tambem ficaõ prezas, as que prendem,
Assi deo por sentença
Nemesis, que amor quiz, que tudo vença.

O D E V.

N Unqua manhaã suave,
Estendendo seus rayos pelo mundo;
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo;
Alegrou tanto nao, que já no fundo,
Se vio em mares grossos,
Como a luz clara a mi dos olhos vossos;
Aquelle fermosura,

Que

Que sò no virar delles resplandece,
Com quem a sombra escura
Clara se faz, & o campo reverdece,
Quando a meu pensamento se entristece
Ella, & a sua viveza,
Me desfazem a nuve da tristeza.

O meu peito, onde estais,
He para tanto bem pequeno vaso,
Quando acaso virais
Os olhos, que de mi nam fazem caso;
Todo, gentil senhora, então me abraço
Na luz, que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera,
Que a tam fermosos olhos entregàra,
Todas quantas pudera,
Polas pestanas delles pendurâra,
E enlevada na vista pura, & clara
(Pôsto que disse indinas)
Se andáraõ sempre vendo nas mininas.

E vós que descuidada
Agora vivireis de tais querellas,
D'almas minhas cercada,
Nam pudesseis tirar os olhos dellas,
Nam pôde ser, que vendo a vossa entre ellas,
A dor, que lhe mostrassem
Tantas, hũa alma só nam abrandassem.

Mas pois o peito ardente
Hũa só pôde ser fermosa dama,
Basta que esta sòmente,
Como se fossem duas mil vos ama:
Para que a dor de sua ardente flama,

Com vosco tanto possa,
Que nam queirais ver cinza hũa alma vossa.

O D E VI

P Ode hum desejo immenso
Arder no peito tanto,
Que à branda, & à viva alma o fogo intenso
Lhe gaste as nodas do terreno manto,
E purifique em tanta alteza o espirito,
Com olhos immortais,
Que faz que lea mais, do que vê escrito,
Que a flama, que se ascende,
Alto tanto alumia,
Que se o nobre desejo ao bem se estende,
Que nunca vio ausente claro dia,
Elá vê do que busca o natural,
A graça, a viva cor,
Noutra especie melhor, que a corporal.
Pois vòs ò claro exemplo
De viva fermosura,
Que de tam longe cà nóto, & cõtemplo
N'alma, que este desejo sobe, & apura,
Nam creais, que nam vejo aquella imagem,
Que as gentes nunca vem,
Se de humanos nam tem muita ventagem,
Que se os olhos ausentes,
Nam vem a compassada
Proporção, que das cores excellentes
De pureza, & vergonha he variada:
Da qual a poesia, que contou

Atéquisd pinturas,
 Com mortaes fermosuras igualou,
 Senam vem os cabellos,
 Que o vulgo chama de ouro,
 E senam vem os claros olhos bellos,
 De quem cantão, que são do Sol thesouros;
 E senam vem do rosto as excellencias,
 A quem dirão, que deve
 Rosa, cristal, & neve as apparencias:
 Vem logo a graça pura,
 A luz alta, & severa,
 Que he rayo da divina fermosura,
 Que n'alma imprime, & fõra reverbera,
 Assim como cristal do Sol ferido,
 Que por fõra derrama
 A recebida flamma, esclarecido.
 E vem a gravidade
 Com a viva alegria,
 Que misturada tem, de qualidade,
 Que hũa da outra nunca se delvia,
 Nem deixa hũa de ser arreçada,
 Por lèda, & por suave,
 Nem outra por ser grave muito amada.
 E vem do honesto fiso,
 Os altos resplandores,
 Temperados co doce, & lèdo riso,
 A cujo abrir abrem no campo as flores,
 As palavras discretas, & suaves,
 Das quaes o movimento,
 Fará deter o vento, & las altas aves.

Dos olhos o virar
 Que torna tudo raso,

Do qual nam sabe o engenho dividir,
Se foi por artificio, ou feito a caso:
Da presença os meneos, & a postura,
O andar, & o mover-se
Donde pôde aprender-se fermosura.

Aquelle nam sei que,
Que espira nam sei como,
Que invisível sahindo a vista o vê,
Mas para o comprehender nam lhe acha tomo,
O qual toda a Toscana poésia,
Que mais Febo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via.

Em vós a nossa idade,
Senhora, o pôde ver,
Se engenho, & sciencia, & habilidade,
Igual à fermosura vossa der:
Como eu vi no meu longo apartamento,
Qual em ausencia o vejo:

Tais azas dá o desejo ao pensamento.

Pois se o desejo afina
Hũa alma acesa tanto,
Que por vós use as partes da divina;
Por vós levantarei nam visto canto,
Que o Bethis me ouça, & o Tibre me levante,
Que o nosso claro Tejo
Envolto hum pouco o vejo, & dissonante.

O campo nam o esmaltão
Flores, mas só abrolhos,
O fazem feo, & cuido, que lhe saltão,
Ouvidos para mi; para vós olhos:
Mas faça o que quizer o vil costume,
Que o Sol, que em vós está.

Na escuridão darà mais claro lume.

O D E VII.

A Quem darão de Pindo as moradoras
Tam doudas como bellas,

Florescentes capellas

Do triufante louro, ou myrto verde,

Da gloriola palma, que nam perde

A presumpção sublime,

Nem por força do peso algum se oprime?

A quem traraão na fralda

Rosas a roxa Cloris,

Conchas a branca Doris,

Estas flores do mar, da terra aquellas,

Argenteas, ruinas, brancas, & amarellas,

Com danças, & corêas,

De fermosas Nereidas, & Napeas?

A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,

Em Thebas Anfion,

Em Lesbos Arion,

Senam a vós, por quem restituída

Se vê da poësia já perdida

A honra, & gloria igual,

Senhor Dom Manoel de Portugal?

Imitando os espiritos já passados,

Gentis, altos, reais,

Honra benigna dai:

A meu tam baixo, quaõ zeloso engenho:

Por Mecenas a vós celebro, & renho,

E sacro o nome vosso

Farei, se alguma cousa em verso posso.

O rudo canto meu, que reluscita
 As horas sepultadas,
 As palmas já passadas,
 Dos bellicosos nossos Lusitanos,
 Para thesouro dos futuros annos,
 Com vosco se defende o nome
 Da ley Letheza, à qual tudo se rende.

Na vossa arvore ornada de honra, & gloria
 Achou tronco excellen te,
 A era florecente,
 Para mim atéqui de baixa estima,
 Na qual para trepar se encósta, & arrima,
 E nella subireis
 Tam alto, quanto os ramos estendeis.

Sempre forão engenhos peregrinos
 Da Fortuna envejados,
 Que quanto levantados
 Por hum braço nas azas saõ da Fama,
 Tanto por outro a sorte, que os defama,
 Co peso, & gravidade,
 Os opprime da vil necessidade.

Mas altos coraçõs, dinos de imperio,
 Que vencem a Fortuna,
 Foraõ sempre coluna
 Da sciencia gentil: Octaviano,
 Scipiaõ. Alexandre, & Graciano,
 Que vemos immortais,
 E vós, que nosso seculo dourais.

Pois logo em quanto a cythara sonora,
 Se estimar pelo mundo,
 Com som douto, & jucundo,
 E em quanto produzir o Tejo, & o Douro,

Peitos de Marte, & Febo crespo, & louro;
Tereis gloria immortal,
Senhor Dom Manoel de Portugal.

O D E VIII.

A Quelle unico exemplo,
De Fortaleza heroica, & ousadia,
Que merece o no tempo
Da Fama eterna ter perpetuo dia,
O graõ filho de Thetis, que dez annos
Flagello foi dos miseros Troyanos.

Nam menos ensinado
Foi nas ervas, & medica policia,
Que destro, & costumado,
No soberbo exercicio da milicia,
Assi que as mãos, que a tantos morte dérão,
Tambem a muitos vida dar pudêraõ.

E nam se desprezou
Aquelle fero, & indomito mancebo,
Das artes, que ensinou
Para o languido corpo o intonso Febo,
Que se o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar sabia.

Tais artes aprendeo,
Do femiviro mestre, & douto velho,
Onde tanto cresceo
Em virtude, sciencia, & em conselho;
Que Theloso por elle vulnerado,
Sõ delle pode ser despois curado.

Pois a vòs, ò excellente,

E illu.

E illustrissimo Conde, do Céu dado,
Para fazer presente
De altos Heroes o seculo passado,
Em quem bem trasladada está a memoria
De vossos ascendentes, honra, & gloria.

Posto que o pensamento
Ocupado tenhais na guerra infesta,
Ou do sanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
Ou co Cambayo oculto inimigo nosso,
Que qualquer delles teme o nome vosso.

Favoreceia antiga
Sciencia, que já Achilles estimou:
Olhai, que vos obriga
Verdes, que em vosso tempo rebentou
O fruto daquella Orta, onde florecem
Plantas novas, que os doutos nam conhecem.

Olhai, que em vossos annos
Hũa Orta produz as varias ervas,
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas dontas, & protervas,
Medea, & Circe nunca conheceraõ,
Posto que á ley da Magica excedêraõ.

E vede carregado
D'annos, & traz a varia experiencia
Hum velho, que ensinado
Das Gangeticas Musas na sciencia
Podaliria sutil, & arte silvestre,
Vence o velho Chiron de Achilles mestre.

O qual está pedindo
Vosso favor, & ajuda ao graõ volume,
Que impresso a luz sahindo,

Dará da medicina hum vivo lume,
E descobriremos ha segredos certos
A todos os antigos encubertos.

Affli que nam podeis
Negar (como vos pede) benigna aura,
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca, & Maura,
Ajudai, quem ajuda contra a morte,
E lereis semelhante ao Grego forte.

O D E IX.

F Ogem as neves frias
Dos altos montes, quando reverdecem
As arvores sombrias,
As verdes ervas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.

Zefiro brando espira,
Suas setas amor a fia agora,
Progne triste suspira,
E Filomela chora

O Ceo da fresca terra se namora?

Vai Venus Cytherea
Com os coros das Ninfas rodeada,
A linda Panopea
Despida, & delicada,

Com as duas Irmaãs acompanhada:

Em quanto as officinas
Dos Cyclopes Vulcano está queimando,
Vaõ colhendo boninas
As Ninfas, & cantando,

A terra co ligeiro pè tocando

Dece do duro monte

Diana já cansada da espessura,

Buscando a clara fonte,

Onde por sorte dura

Perdeo Acção a natural figura.

Affi se vai passando

A verde primavera, & seco estio,

Tras elle vem chegando

Despois o inverno o frio,

Que tambem passará por certo fio.

Irseha embranquecendo

Com a frigida neve o seco monte,

E Jupiter chovendo

Turbará a clara fonte,

Temerá o marinheiro o Orizonte.

Porque emfim tudo passa,

Nam sabe o tempo ter firmeza em nada,

E nossa vida e cassa

Foge tam apressada,

Que quando se começa he acabada.

Que forão dos Troyanos,

Hector temido, Eneas piêdoso?

Consumiraõte os annos,

O Cresso tam famoso,

Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento

Crias, que estava no thesouro ufano?

Oh fallo pensamento,

Que à custa de teu dano,

Do douto Solon creste o desengano!

O bem, que aqui se alcança,

Nam

Nam dura por possante, nem por forte,
Que a bemaventurança
Duravel, de outra sorte.
Se ha de alcançar na vida para a morte,
Porque em fim nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna,
Nem pode a Deosa casta,
Tornar â luz superna
Hypolito da escura noite Averna.
Nem Theseo esforçado
Com manha, nem com força rigurosa,
Livrar pode o ousado
Pirithoo da espantosa
Prisão Lethea, escura, & tenebrosa..

O D E X.

A Quelle moço fero,
Na Peletronia cova doutrinado,
Do Centauro severo,
Cujó peito esforçado,
Com tutanos de Tygres foi creado,
Na agoa fatal minino
O lava a mãy, preſaga do futuro,
Para que ferro fino
Nam passe o peito duro,
Que de si mesmo a si se tem por muro.
A carne lhe endurece,
Que ser nam possa d'armas offendida,
Cega, que nam conhece,
Que pôde haver ferida.

N'alma, que menos doe perder a vida.

Que aonde o braço irado,
Dos Troyanos passava arnès, & escudo,

Alli se vio passado

Daquelle ferro agudo

Do minino, que em todos póde tudo.

Alli se vio cativo

Da cativa gentil, que ferve, & adora,

Alli se vio, que vivo

Em vivo fogo mòra,

Porque de seu senhor se vè senhora.

Já toma a branda lyra

Na mão, que a dura pelias meneára:

Alli canta, & suspira,

Nam como lhe ensinàra

O velho, mas o moço, que o cegàra.

Pois logo, quem culpado

Será, se de pequeno offerecido

Foi logo a seu cuidado,

No berço instituido,

A nam poder deixar de ser ferido?

Quem logo fraco infante,

Doutro mais poderoso foi sugeito,

Que para cego amante

Foi de principio feito,

Com lagrimas banhando o brando peito?

Se agora foi ferido

Da penetrante seta, & força de erva,

E se amor he servido,

Que sirva a linda serva,

Para que minha estrella me reserva.

O gesto bem talhado,

O ai.

O airoso meneo, & a postura,
O rosto delicado,
Que na vista assegura,
Que se ensina por arte a fermosura.
Como pôde deixar
De cativar, quem tenha entendimento?
Que a quem nam penetrar
Hum doce gêsto atento,
Nam lhe he nenhum louvor viver izento.

Que aquelles, cujos peitos
Ornou d'altas sciencias o destino,
Esses foraõ sugeitos
Ao cego, & vaõ minino,
Arrebatados do furor divino.

O Rey famoso Hebreo,
Que mais que todos soube, mais amou,
Tanto que a Deos alheo,
Falso sacrificou,
Se muito soube, & teve, muito errou.

Eo graõ sabio, que ensina,
Passeando os segredos da Sofia,
Aa baixa concubina
Do vil Eunucho Hermia
Ergueo aras, que aos Deoses sò devia.

Aras ergue, a quem ama,
O Filosofo insigne namorado,
Doese a perpetua Fama,
E grita, que culpado
De lesa divindade he accusado.

Jà foge donde habita,
Jà paga a culpa enorme com desterro,
Mas ò grande desdita!

Bem mostra tamanho erro,
 Que doutos corações nam são de ferro.
 Antes na altiva mente,
 No sutil sangue, & engenho mais perfeito,
 Ha mais conveniente,
 E conforme fugeito,
 Onde se imprima o brando, & doce effeito.

SEXTINA S.

F Ogeme pouco a pouco a curta vida
 (Se por caso he verdade, que inda vivo)
 Vaile-me o breve tempo d'ante os olhos,
 Choro pello passado, & em quanto fallo,
 Se me passão os dias passo, & passo,
 Vaifeme em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tam aspera de pena,
 Que nunca hũa hora vio tam longa vida,
 Em que possa do mal moverse hum passo,
 Que mais me monta fer morto, que vivo?
 Para que choro em fim, para que fallo,
 Se lograrme nam pude de meus olhos?

Oh fermosos gentis, & claros olhos,
 Cuja ausencia me move a tanta pena,
 Quanta se nam comprende em quanto fallo,
 Se no fim de tam longa, & curta vida
 De vòs me inda inflamasse o rayo vivo,
 Por bem teria tudo quanto passo.

Mas bem sei, que primeiro o estremo passo

Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que amor me mostre aquelles, porque vivo,
Testemunhas seraõ a tinta, & pena,
Que escreveraõ de tam molesta vida,
O menos que passei, & o mais, que fallo.
Oh que nam sei, que escrevo, nem que fallo!
Que se de hum pensamento noutro passo,
Vejo tam triste genero de vida,
Que se lhe nam valerem tantos olhos,
Nam posso imaginar qual seja a pena,
Que traslade esta pena, com que vivo.
N'alma tenho contino hum fogo vivo,
Que senam respirasse no que fallo,
Estaria já feita cinza a pena,
Mas sobre a mayor dor, que soffro, & passo,
Metemperaõ as lagrimas dos olhos,
Com que fugindo nam se acaba a vida.
Morrendo estou na vida, & em morte vivo,
Vejo sem olhos, & sem lingoa fallo,
E juntamente passo gloria, & pena.

ELEGIA I.

O Poeta Simonides fallando
Co capitaõ Temistocles hum dia,
Em cousas de sciencia praticando,
Hũa arte singular lhe prometia,
Que entaõ compunha, com que lhe ensinasse

A se lembrar de tudo, o que fazia.

Onde tam sutis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passasse da memoria,
Em nenhum tempo as cousas, que passasse:

Bem merecia certo Fama, & gloria,
Quem dava regra contra o esquecimento,
Que enterra em si qualquer antiga historia.

Mas o capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
As passadas lembranças por tormento.

O illustre Simonides dizia,
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á memoria nòva vias:

Se me desses hũa arte, que em meus dias
Me nam lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias!

Se este excellente dito ponderado
Fosse, por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;

Oh como brádaria justamente,
Simonides, inventa nòvas artes,
Nam messas o passado co presente!

Que se he forçado andar por varias partes,
Buscando á vida algum descanso honesto,
Que tu Fortuna injusta, mal repartes;

E se o duro trabalho he manifesto,
Que por grave que seja ha de passar-se,
Com animoso espirito, ledo gesto,

De que serve às pessoas alembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senam de entristecer-se, & magoar-se?

Se noutro corpo hũa alma se traspassa,

Nam

Nam como quiz Pythagoras na morte,
Mas como manda amor na vida escassa,
E se este amor no mundo está de sorte,
Que na virtude só de hum lindo objecto,
Tem hum corpo sem alma vivo, & forte,
Onde este objecto falta, que he defecto
Tamanho para a vida, que já nella,
Me está chamando á pena a dura Aleto;
Porque me nam criara minha estrella,
Selvatico no mundo, & habitante
Na dura Scythia, ou na aspereza della?
Ou no Cavealo horrendo tenro infante,
Criado ao peito de hũa tygre Hyrcana,
Homem fora formado de diamante.
Porque a cerviz ferina, & inhumana,
Nam sometera ao jugo, & dura ley,
Daquelle, que dá vida, quando engana,
Ou em pago das agoas, que estilei,
As que do mar passei foraõ do Leche,
Para que me esquecêra, o que passei,
Que o bem, que a esperança van promete,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que he mal, que hũa alma em lagrimas derrete.
Já senhor cahirà como a lembrança
No mal do bem passado he triste, & dura,
Pois nace adonde morre a esperança,
E se quizer saber como se apura
N'uma alma faudosa, nem se enfade
De ler tam longa, & misera escriptura.
Soltava Eolo a redea, & liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu já a tinha solta à faudade.

Neptune tinha posto seu Tridente
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.]

O Coro das Nereidas nos seguia,
Os ventos namorada Galathea,
Configo sossegados os movia.

Das argenteas conchinhas Panopea,
Andava pelo mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Legea.

Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agoa sossegada,
E a agoa sem sossego nos meus olhos.

A bemaventurança já passada,
Diante de mi tinha tam presente,
Como senam mudasse o tempo nada.

E com o gesto immodto, & descontente,
Cum suspiro profundo, & mal ouvido,
Por nam mostrar meu mal a toda a gentes

Dizia, ò claras Ninfas, se o sentido
Em puro amor tivestes, & inda agora
Da memoria o nam tendes esquecido;

Se por ventura fordes algum hora,
Aonde entra o graão Tejo dar tributo
A Thetis, que vós tendes por senhora:

Ou por verdes o prado verde enxuto,
Ou por colherdes ouro rutilante,
Das tagicas arêas rico fruto,

Nellas em verso heroico, & elegante,
Escrevei nũa concha, o que em mi vistes,
Pôde ser que algum peito se quebrante,

E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouvião,

Ouçãõ de vòs as magoas, que me ouvistes.

Ellas, que já no gêsto me entendiaõ,

Nos meneos das ondas me mostravaõ,

Que em quanto lhe pedia consentiaõ.

Estas lembranças, que me acompanhavaõ,
Pola tranquillidade da bonança,

Nem na tormenta grave me deixavaõ:

Porque chegando ao Cabo da Esperança

Começo da saudade, que renova,

Lembrando a longa, & aspera mudança:

Debixo estando já da estrella nova,

Que no novo Emisferio resplandece,

Dando do segundo axe certa prova;

Eis a noite com nuves se escurece,

Do ár subitamente foge o dia,

E o largo Oceano se embravece:

A machina do mundo parecia,

Que em tormenta se vinha desfazendo,

Em ferras todo o mar se convertia.

Lutando Boreas fero, & Noto horrendo,

Sonoras tempestades levantavão,

Das naos as vellas concavas rompendo.

As cordas co ruído affoviavaõ,

Os marinheiros já desesperados,

Com gritos para o Ceo o ár coalhavaõ.

Os rayos por Vulcano fabricados,

Vibrava o fero, & aspero Tonante,

Tremendo os Polos ambos de affombrados.

Alli amor mostrandose possante,

E que por nenhum medo nam fugia,

Mas quanto mais trabalho, mais constante,

Vendo a morte diante, em mi dizia,

Se algũa hora, senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.

Emfim nunca houve causa, que mudasse
O firme amor intrinseco daquelle,
Cujos peitos hũa vez de si se entrasse.

Hũa cousa, senhor, por certo aselle,
Que nunca amor se affina, nem se apura
Em quanto estã presente a causa delle.

Desta arte me chegou minha ventura,
A esta desejada, & longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.

Vi quantavaidade em nós se encerra,
E dos proprios quaõ pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.

Que hũa Ilha, que o Rey de Porcã tem,
Que o Rey da Pimenta lhe tomãra,
Fomos tomarlha, & succedeonos bem.

Com hũa armada grossa, que ajuntãra
O Visorrey, de Goa nos partimos
Com toda a gente d'armas, que se achãra,
E com pouco trabalho destruímos
A gente no curvo arco exercitada,
Com mortes, com incendios os punimos.

Era a Ilha com agoas alagada,
De modo, que se andava em almadias;
Em fim outra Veneza trasladada.

Nãlla nos detivemos sôs dous dias,
Que foraõ para algũs os derradeiros,
Que passãraõ de Styge as agoas frias.

Que estes sãõ os remedios verdadeiros,
Que para a vida estãõ aparelhados,
As que a quem ter por cavaleiros.

Oh lavradores bemaventurados,
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo sossegados!

Dálhes a justa terra o mantimento,
Dálhes a fonte clara a agoa pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.

Nam vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente,
Nam temem o furor da guerra dura.

Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o sono sossegado,
Algum cuidado do ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor de Assyria tinto,
E dos torçais Atalicos lavrado.

Senam tem as dilicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltaõ,
O Piropo, a Esmeralda, & o Jacinto.

Se suas casas douro nam se esmaltão,
Esmalta selhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.

Alli amostra o campo varias cores,
Vemse ramos pender co fruto ameno,
Alli se affina o canto dos pastores.

Alli cantàra Titiro, & Sileno,
Emfim por estas partes caminhou
A sanjustiça para o Ceo sereno,

Ditofo seja aquelle, que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas, que criou.

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda a cousa,

Como

Como se gera a chuva, & neve fria.

Os trabalhos do Sol, que nam repousa,
E porque nos dá a Lũa a luz alhea,
Se tolhernos de Febo os rayos oufa.

E como tam depressa o Ceo rodêi,
E como hum só os outros traz consigo,
E se he benigna, ou dura Cytherea.

Bem mal pôde entender isto, que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte,
Que traz os olhos sempre em seu perigo.

Porêm seja, senhor, de qualquer arte,
Que posto, que a Fortuna possa tanto,
Que tam longe de todo o bem me aparte.

Nam poderã apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quanto a morte
Me nam entrega ao duro Radamanto,
Se para tristes ha tam léda sorte.

ELEGIA II.

A Quella, que de amor descomedido,
Pelo feroso moço se perdeo,
Que só por si de amores foi perdido;
Depois que a Deosa em pedra a converteo,
De seu humano gesto verdadeiro,
A ultima voz sò lhe concedeo.

Assi meu mal do proprio ser primeiro,
Outra cousa nenhũa me consente,
Que este canto, que escrevo derradeiro:

E se inda algũa vida estando ausente,
Me deixa amor, he porque o pensamento

Sinta a perda do bem de estar presente.

Senhor, se vos espanta o sentimento,
Que tenho em tanto mal para escrevelo,
Furto este breve tempo a meu tormento:

Porque quem tem poder para soffrelo,
Sem se acabar a vida co cuidado,
Tambem terá poder para dizelo.

Nem eu escrevo mal tam costumado,
Mas n'alma minha triste, & saudosa,
A saudade escreve, & eu traslado,

Ando gastando a vida trabalhosa,
Espalhando a continua saudade,
Ao longo de hũa praya saudosa.

Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruído impetuoso,
Retumba na mayor concavidade,

E com sua branca escuma furioso,
Na terra a seu pesar lhe está tomando
Lugar onde se estenda cavernoso.

Ella como mais fraca lhe está dando
As concavas entranhas, onde esteja
Suas salgadas ondas espalhando,

A todas estas cousas tenho inveja
Tamanha, que nam sei determinarme,
Por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperarme,
Nam posso, porque amor, & saudade,
Nem licença me dão para matarme,

Aas vezes cuido em mim se a novidade,
E estranheza das cousas co a mudança,
Se poderão mudar hũa vontade,

E com isto afiguro na lembrança

A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira gente, & estranha usança.

Subome ao monte, que Hercules Thebano,
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterraneo.

Dalli estou tenteando aonde vio
O pomar das Hesperidas, matando
A serpe, que a seu passo resistio.

Em outra parte estou afigurando
O poderoso Antheo, que derrubado
Mais força se lhe estava acrescentando.

Mas dos Herculos braços sogigado,
No ár deixou a vida, nam podendo
Da madre Terra já ser ajudado.

Enem com isso em fim, que estou dizendo,
Nem com as armas tam continuadas,
De lembranças passadas me defendo.

Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro nam consente,
Que estejão de firmeza acompanhadas.

Vijã que a Primavera de contente
De mil cores alegres revestia

O monte, o rio, o campo alegremente,

Vijã das altas aves a harmonia,
Que atè aos montes duros convidava,
A hum modo suave de alegria.

Vi já que tudo em fim me contentava,
E que de muito cheyo de firmeza,
Hum mal por mil prazeres nam trocava.

Tal me tem a mudança, & estranheza,
Que se vou pellos campos, a verdura
Parece que se seca de tristeza.

Mas isto he já costume da ventura,
Que aos olhos, que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhe afigura.

Oh graves, & insufriveis accidentes,
De Fortuna, & de Amor, que penitencia
Tam grave dais aos peitos innocentes!

Nam basta exprimentarme a paciencia;
Com temores, & falsas esperanças,
Sem que tambem me atente o mal de ausencia?

Trazeis a hum brando animo em mudanças
Para que nunca possa ser mudado,
De lagrimas, suspiros, & lembranças.

E se estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal nam consentis firmeza,
Para que nunca viva descansado.

Vivia eu sossegado na tristeza,
E alli nam me fartava hum brando engano,
Que tirasse os desejos da fraqueza:

E vendome enganado estar ufano,
Deo â roda Fortuna, & deo comigo,
Onde de novo choro o novo dano.

Já deve de bastar, o que aqui digo,
Para dar a entender o mais, que callo,
A quem já vio tam aspero perigo.

E se nos bravos peitos faz aballo,
Hum peito magoado, & descontente,
Que obriga, a quem o houve, a confortallo.

Nam quero mais senam, que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra,
Ao menos poderei viver contente.

Porque se o duro Fado me desterra,
Tanto tempo do bem, que o fraco espirito,

Desempare a prisão, onde se encerra:

Ao som das negras agoas do Cocito,

Ao pé dos carregados arvoredos,

Cantarei, o que n'alma tenho inscrito:

E por entre esses horridos penedos,

A quem negou natura o claro dia,

Entre tormentos asperos; & medos:

Com a tremula voz cansada, & fria,

Celebrarei o gesto claro, & puro,

Que nunca perderei da fantasia,

E o musico de Thracia já seguro

De perder sua Eurydice tangendo,

Me ajudará ferindo o ar escuro.

As namoradas sombras revolvendo

Memorias do passado me ouvirão,

E com seu choro o rio irá crescendo.

Em Salmono as penas faltarão,

E das filhas de Bolo juntamente,

De lagrimas os vasos se encherão.

Que se amor nam se perde em vida ausente,

Menos se perderá por morte escura,

Porque em fim a alma vive eternamente,

E amor he effeito d'alma, & sempre dura.

ELEGIA III.

O Sulmonense Ovidio desterrado

Na aspereza do Ponto, imaginando

Verse de seus parentes apartado:

Sua cara mulher desemparando,

Seus doces filhos, seu contentamento,

De sua patria os olhos apartando:

Nam podendo encubrir o sentimento,

Aos montes, & às agoas se queixava

De seu escuro, & triste nascimento.

O curso das estrellas contemplava,

E como por sua ordem discurria

O Ceo, o Ar, & a Terra adonde estava.

Os peixes pelo mar nadando via,

As feras pelo monte, procedendo

Como seu natural lhes permitia.

De suas fontes via estar nascendo

Os saudolos rios de cristal,

A sua natureza obedecendo.

Alli sò de seu proprio natural,

Apartado se via em terra estranha,

A cuja triste dor nam acha igual,

Sò sua doce Musa o acompanha,

Nos versos saudolos, que escrevia,

E choro, com que alli o campo banha,

Desta arte me afigura a fantasia,

A vida, com que vivo desterrado,

Do bem, que noutro tempo possuhia,

Alli contemplo o gosto já passado,

Que nunca passará pela memoria,

De quem o tem na mente debuxado.

Alli vejo a caduca, & debil gloria,

Desenganar meu erro co a mudança,

Que faz a fragil vida transitoria;

Alli me representa esta lembrança,

Quão pouca culpa tenho, & me entristece,

Ver sem razão a pena, que me alcança.

Que a pena, que com caula se padece,

A cau-

A causa tira ao sentimento della,
Mas muito doe, a que se nam merece.

Quando a roxa manhaã fermosa, & bella
Abre as portas ao Sol, & cae o orvalho,
E torna a seus queixumes Filomela,

Este cuidado, que co sono atalho,
Em sonhos me parece, que, o que a gente,
Por seu descanso tem, me dà trabalho:

E depois de acordado cegamente
(Ou por melhor dizer desacordado,
Que pouco acordo tem hum descontente)

Dalli me vou com passo carregado,
A hum outeiro erguido, & alli me assento,
Soltando a redea todá a meu cuidado,

Depois de farto já de meu tormento,
Dalli estendo os olhos saudosos
A parte aonde tinha o pensamento.

Nam vejo senam montes pedregosos,
E os campos sem graça, & secos vejo,
Que já floridos vira, & graciosos.

Vejo o puro, suave, & brando Tejo,
Com as concavas bareas, que nadando
Vão pondo em doce effeito seu desejo.

Húas co brando vento navegando,
Outras cos leves remos brandamente
As cristalinas agoas apartando.

Dalli fallo co a agoa, que nam sente,
Com cujo nascimento a alma sae
Em lagrimas des feita claramente.

Oh fugitivas ondas esperai,
Que pois me nam levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai,

Atè que venha aquelle alegre dia,
Que eu vâ onde vos his, contente, & ledo:
Mas tanto tempo, quem o passaria?

Nam pòde tanto bem chegar tam cedo,
Porque primeiro a vida acabarà,
Que se acabe tam aspero degredo.

Mas esta triste morte, que virà,
Se em tam contrario estado me acabasse
A alma impaciente, adonde irà?

Que se às portas Tartareas chegasse,
Temo, que tanto mal pela memoria,
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.

Que se a Tântalo, & Tyció for notória
A pena, com que vai, que a tormenta,
A pena, que là tem, terão por gloria.

Esta imaginação sò me acrescenta
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se sustenta.

Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal, que possue, se resuma
Imagina na gloria possuida.

Atè que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que Fortuna faça, o que costuma,
Se nella hahi mudar hum triste estado.

*A DOM LEONIS PEREIRA,
sobre o livro, que Pero de Magalhaës lhe of-
ferceo do descobrimento da terra
Santa Cruz.*

DEs pois que Magalhaës teve tecida
A breve historia sua, que illustrasse
A terra Sancta Cruz, pouco sabida,
Imaginando, a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro, de algum Zoilo, que ladrasse:
Tendo nisto occupada a fantasia,
Lhe sobreveo hum sono repousado,
Antes que o Sol abrisse o claro dia.

Em sonhos lhe aparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez, quem o vio todo enfiado:
Dizendo em voz pelada, & temerosa,
Nam he justo, que a outrem se offereça
Nenhũa obra, que possa ser famosa,

Senam, a quem por armas resplandeça
No mundo todo, com tal nome, & Fama,
Que louvor immortal sempre mereça.

Isto assi dito, Apollo, que da flama
Celeste guia os carros, de outra parte
Se lhe apresenta, & por seu nome o chama:

Dizendo, Magalhaës, posto que Marte,
Com seu terror te espante, todavia
Comigo debes sò de aconselharte.

Hum varaõ sapiente, em quem Talia,
Poz seus thesouros, & eu minha sciencia,

Defender tuas obras poderia.

He justo que a escriptura na prudencia
Achesõ defenõ, porque a dureza
Das armas he contraria da eloquencia.

Affi disse, & tocando com destrez a
A cythara dourada, começou

De mitigar de Marte a fortaleza.

Mas Mercurio, que sempre costumou
A despartir porfias duvidosas,

Co Caduceo na maõ, que sempre usou:

Determina compor as perigosas

Opinioẽs dos Deoses inimigos,

Com razõs boas, justas, & amorosas:

E disse, bem sabemos dos antigos

Heroes, & dos modernos, que prováraõ

De Bellona os gravissimos perigos.

Que tambem muitas vezes ajuntáraõ

Aas armas eloquencia, porque as Musas

Mil Capitaẽs na guerra acompanháraõ,

Nunca Alexandre, ou Cesar nas confusas

Guerras deixáraõ o estudo em breve espaço,

Nem as armas da sciencia saõ escutas.

Nũa maõ livros, noutra ferro, & aço,

A hũa rege, & ensina, a outra fere:

Mais co saber se vence, que co braço.

Pois logo varaõ grande se requiere,

Que com teus doẽs, Apollo illustre seja,

E de ti Marte, palma, & gloria espere.

Este vos darei eu, em quem se veja

Saber, & esforço no sereno peito,

Que he Dom Leonis, que faz ao mundo enveja.

Deste as irmaãs em vendo o bom fogeito,

Todas nove nos braços o tomaraõ,
Criandoo co seu leite no seu leito.

As artes, & as sciencias lhe ensinaraõ,
Inclinação divina lhe influiraõ,
As virtudes morais, que o logo ornaraõ.

Daqui os exercicios o seguiraõ,
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum soldado gentil instituirãõ:

Alli taes provas fez de cavaleiro,
Que de Christão magnanimo, & seguro,
Ali mesmo venceo por derradeiro.

Despois já capitaõ forte, & maduro,
Governando toda Aurea Chersoneso,
Lhe defendeo co braço o debil muro.

Porque vindo a cercalla todo o peso
Do poder dos Achens, que se sustenta
Do sangue alheo, em furia todo aceso.

Este sò que a ti Marre representa,
O castigou de sorte, que o vencido
De ter, quem fique vivo, se contenta.

Pois tanto que o graõ Reyno defendido,
Deixou segunda vez com mayor gloria,
Para o ir governar foi elegido.

Enam perdendo ainda da memoria
Os inimigos o seu governo brando,
Os inimigos o dano da vitoria:

Hús com amor intrinseco esperando
Estão por elle, & os outros congelados,
O vão com temor frio receando,

Pois vede se serão desbaratados
De todo por seu braço, se tornasse,
E dos mares da India degradados:

Porque he justo, que nunca lhe negasse
O conselho do Olympo alto, & subido
Favor, & ajuda, com que pelejasse.

Pois aqui certo está bem dirigido
De Magalhães o livro, este só deve
De ser de vós, ó Deuses, escolhido.

Isto Mercurio disse, & logo em breve
Se conformarão nisto Apollo, & Marte,
E voou juntamente o sono leve.

Acorda Magalhães, & já se parte
A vos offerecer, senhor famoso,
Tudo o que nelle poz sciencia, & arte.

Tem claro estylo, engenho curioso
Para poder de vós ser recebido,
Com mão benigna de animo amoroso.

Porque só de nam ser favorecido
Hum claro espirito, fica de baixo, & escuro:
Pois seja elle com vosco defendido,
Como o foi de Malaca o fraco muro.

CAPITULO.

A Quelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflamado
Do cristalino rosto transparente;
Aquelle gesto immoto, & repousado,
Que estando n'alma propriamente escrito,
Nam pôde ser em verso trasladado:

Aquelle parecer que he infinito,
Para se comprehender de engenho humano,

O qual offendo em quanto tenho dito:
Me inflama o coração d'hum doce engano,
Me enleva, & engrandece a fantasia,
Que nam vi mayor gloria, que meu dano.
Oh bemaventurado seja o dia,
Em que tomei tam doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia.
E bemaventurado o sofrimento,
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Fagame, quem me mata, o mal, que ordena,
Trateme com enganos, de samores,
Que então me salva, quando me condena,
E se de tam suaves disfavores,
Penando vive hũa alma consumida,
Oh que doce penar, que doces dores.
E se hũa condição endurecida,
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer, que doce vida!
E se me mostra hum gesto brando, & humano
Como que de meu mal culpada se acha.
Oh que doce mentir, que doce engano!
Eu em quererlhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir, que doce cacha!
Assi que ponho já no sofrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem sô na memoria
De vos ver, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vitoria?
Se tanto vossa vista mais namora,

Quanto eu sou menos para merecervos,
Que quero eu mais que tervos por senhora?
Se procede este bem de conhecervos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, senhora, que'querervos.
Seem meu proveito faz qualquer partido,
Sô na vista de hũs olhos tam serenos,
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se meus baixos espiritos de pequenos,
Ainda nam merecem seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais nam seja menos?
A causa emfim me esforça o sofrimento,
Porque a pesar do mal, que me resiste,
De todos os trabalhos me contento,
Que a razão faz a pena alegre, ou triste.

OV TAVAS.

A DOM ANTONIO DE NORONHA,
sobre o desconcerto do mundo.

Quem póde ser no mundo tam quieto,
Ou quem terá tam livre o pensamento,
Queu tam experimentado, & tam discreto
Tam fôra emfim de humano entendimento,
Que ou com publico effeito, ou com secreto
Lhe nam resolva & espante o sentimento
Deixandolhe o juizo quasi incerto,

Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Quem ha, que veja aquelle, que vivia
De latrocínios, mortes, & adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena, imensos vituperios:

Se a Fortuna em contrario o leva, & guia,
Mostrando em fim, que tudo são mysterios,
Em alteza de estados triunfante,
Que por livre que seja, nam se espante?

Quem ha, que veja, aquelle, que tam clara
Teve a vida, que em tudo por perfeito,
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Ainda que lhe vira aberto o peito?
Se a má Fortuna, ao bem sómente avára,
O reprime, & lhe nega seu direito,
Que lhe nam fique o peito congelado,
Por mais, & mais que seja experimentado?

Democrito dos Deoses proferia,
Que eraõ só dous, a pena, & beneficio;
Segredo algum será da fantasia,
De que eu achar nam posso claro indicio,
Que se ambos vem por nam cuidada via,
A quem os nam merece, he grande vicio,
Em Deoses sem justiça, & sem razão;
Mas Democrito o disse, & Paulo nam.

Dirmeeis, que se este estranho desconcerto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse, & por esperto,
Nam era de espantar, se me espantasse:
Mas que seja de Socrates foi certo,
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,

Que

Que tome exemplo d'elle, & nam me espante.

Parece a razão boa, mas eu digo,
Que este uso da Fortuna tam danado,
Que quanto he mais usado, & mais antigo,
Tanto he mais estranhado, & blasfemado,
Porque se o Ceo das gentes tam amigo,
Nam dê á Fortuna tempo limitado,
Nam he para causar muy grande espanto,
Que mal tam mal olhado dure tanto?

Outro espanto mayor aqui me enlea,
Que com quanto Fortuna tam profana
Com estes desconcertos senhorea,
A nenhũa pessoa defengua:
Nam ha ninguem, que assente, nem que crea
Este discurso vaõ da vida humana,
Por mais que filosofe, nem que entenda,
Que algum pouco do mundo nam pretenda.

Diogenes pisava de Plataõ
Com seus lordidos pês o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presunção,
Em desprezar o fausto tam prezado:
Diogenes, nam vês, que estremos são
Esses, que segues de mais alto estado,
Que se de desprezar te prezas muito,
Já pretendes do mundo Fama, & fruto?

Deixo agora Reys grandes, cujo estudo
He faltar esta sede cubiçosa,
De querer dominar, & mandar tudo,
Com fama larga, & pompa suntuosa:
Deixo aquelles, que tomão por escudo
De seus vicios, & vida vergonhosa,
A nobreza de seus antecessores,

E nam

E nam cuidaõ de si, que são peores.

Deixo aquelles, a quem o sono esperta,
O graõ favor do Rey, que serve, & adora,
Que se mantem desta aura falsa, & incerta,
Que de coraçõs tantos he senhora:
Deixo aquelles, que estaõ co a boca aberta
Por se encher de thesouros d'hora, em hora
Doentes desta falsa hidropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem nam ha ninguem, que contradiga,
Nem d'outra cousa algũa he sojugado,
Que de hũa opiniã, & usança antiga:
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga,
Este das muitas terras, em que andou,
Effoutro de vencellas, que alcançou?

Cesar dirã, sou digno de memoria,
Vencendo varios povos esforçados:
Fui Monarca do mundo, & larga historia,
Ficarã de meus feitos sublimados:
He verdade, mas esse mando, & gloria
Lograſteo muito tempo? os conjurados
Bruto, & Cassio o dirã, que se venceſte
Emfim, emfim às mãos dos teus morreſte.

Dirã Platão, por ver o Echna, & o Nilo,
Fui a Sicília, Egypto, & outras partes,
Sò por ver, & elcreverem alto estilo,
Da natural sciencia em muitas artes:
O tempo he breve, & queres consumilo
Plataõ, todo em trabalhos, & repartes,
Tam mal de teu estudo as breves horas,

Que

Que em fim do falso Febo o filho adoras?

Pois depois que do mundo está apartada
A alma desta prisão terrestre, & escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que da Fama, que fica, nada cura:
Pois se o corpo terreno finta nada,
O Cynico o dirá, se por ventura
No campo onde deitado morto estava,
De si os cães, & as aves enxotava.

Quem tam baixa tivesse a fantasia,
Que nunca em mōres cousas a metesse,
Que em só levar seu gado á fonte fria,
E mugirlhe do leite, que bebesse!
Quão bemaventurado que seria,
Que por mais que Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria mayor pena,
Que pefarlhe da vida ser pequena.

Veria erguer do Sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agoa donde nasce,
Nem quem a luz esconde no Orizontes:
Tangendo a frauta donde o gado paze,
Conheceria as ervas do alto monte,
Em Deos creeria simplez, & quiêto,
Sem mais especular nenhum secreto.

De hum certo Thrasilao se lê, & escreve,
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido hum graão tempo o fiso teve,
Por causa de hũa grande enfermidade:
E em quanto de si fôra doudo esteve,
Tinha por teima, & cria por verdade,
Que erão suas as naos, que navegavão,

Quan-

Quantas no porto Pireo ancoravaõ.

Por hum fenhõr mui grande se teria
(Alem da vida alegre, que passava)
Pois nas que se perdião nam perdia,
E das que vinhaõ salvas se alegrava:
Nam tardou muito tempo, quando hum dia,
Huncrito seu irmaõ, que ausente estava,
Aa terra chega, & vendo o irmaõ perdido
Do fraternal amor foi comovido.

Aos medicos o entrega, & com aviso
O faz estar á cura refusada:
Triste, que por tornarlhe o claro siso,
Lhe tira a doce vida descansada:
As hervas Apolineas de improviso,
O tornaõ à saude atraz passada,
Sesudo Trasilao, ao claro irmaõ,
Agradece a vontade, a obra nam.

Porque despois de verse no perigo,
Dos trabalhos, que o siso lhe obrigava.
E despois de nam ver o estado antigo,
Que a van opiniãõ lhe apresentava;
Oh inimigo irmaõ com cor de amigo,
Para que me tiraste, suspirava,
Da mais quieta vida, & livre em tudo,
Que nunca pôde ter nenhum sesudo?

Porque Rey, porque Duque me trocâra,
Porque senhor de grande fortaleza?
Que me dava, que o mundo se acabára?
Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora heme pesada a vida cara,
Sei, que cousa he trabalho, & que he tristeza,
Torne-me a meu estado, que eute aviso,

Que

Que na doudice sò consiste o siso.

Vedes aqui, senhor, mui claramente
Como Fortuna em todos tem poder,
Senam sò, no que menos sabe, & sente,
Em quem nenhum desejo pôde haver:
Este se pôde rir da cega gente,
Neste nam pôde nada acontecer,
Nem estará suspenso na balança,
Do temor mau da perfida esperança.

Mas se o sereno Ceo me concedera,
Qualquer quiêto, humilde, & doce estado,
Onde com minhas Musas só vivera,
Sem verme em terra alhea degradado;
E alli outrem ninguém me conhecera,
Nem eu conhecera outro mais honrado;
Senam a vòs, também como eu contente,
Que bem sei, que o ferieis facilmente.

E ao longo de hũa clara, & pura fonte,
Que em burbulhas nascendo convidasse
Ao doce passarinho, que nos conte;
Quem da clara consorte o apartasse:
Depois cubrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando o juizo ao doce estudo,
Mais certo manjar d'alma em fim que tudo:

Cantàranos aquelle, que tam claro
O fez o fogo da arvore Febea,
A qual elle em estilo grande, & raro,
Louvando o cristalino Sorga enfrea:
Tangeranos na frauta Sannazaro,
Ora nos montes, ora pela arèa,
Passára celebrando o Tejo ufano,

O brando, & doce Lasso Castelhana;
E com vosco tambem se achàra aquella;
Cuja lembrança, & cujo claro gêsto,
N'alma somente vejo; porque nella
Está em essencia puro, & manifesto:
Por alta influença de minha estrella,
Mitigandolhe o firme peito honesto;
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o Sol em vellos.

Alli em quanto as flores acolheffe,
Ou pelo inverno ao fogo acomodado,
Quanto de mi sentira nos dissesse,
De puro amor o peito salteado:
Nam pedira eu então, que amor me desse
De Trasilao, o infano, & doudo estado,
Mas que então me dobrasse o entendimento
Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas para onde me leva a fantasia?
Porque imagino em bemaventuranças,
Se tam longe a Fortuna me desvia,
Que inda me nam consente as esperanças?
Se hum novo pensamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as esquivanças,
Do bem me fazem tam deseparado,
Que nam pode ser mais que imaginado?

Fortuna em fim co amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoasse,
Amor a hum vão desejo me obrigou,
Sò para que a Fortuna mo negasse.
O tempo a este estado me chegou,
E nelle quiz que a vida se acabasse,
Se ha em mi acabar-se, o que eu nam creio,

Que até da muita vida me receo.

A DOM CONSTANTINO

Viso-rey da India.

Como nos vossos hombros tam constantes
(Principe illustre, & raro) sustenteis
Tantos negocios arduos, & importantes,
Dignos do largo Imperio, que regeis:

Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar, & a terra segureis
Do pirata insolente, & do tyrano,
Jugo do potentissimo Ottomano.

E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juizo alheio,
A desordem do vulgo temeraria,
Na santa paz ponhais o duro freo;
Se com minha escriptura longa, & varia,
Vos occupasse o tempo certo creio,
Que com ridiculosa fantasia,
Contra o commum proveito pecaria.

E nam menos seria reputado
Por doce adulator sagaz, & agudo,
Que contra meu tam baixo, & triste estado
Busco favor em vds, que podeis tudo;
Se contra a opiniaõ do vulgo errado,
Vos celebrasse verso humilde, & rudo,
Diraõ, que com lisonja ajuda peço,
Contra a miseria injusta, que padeço.

Porêm porque a virtude pôde tanto
No livre arbitrio (como disse bem
A Dario Rey, & moço sabio, & santo,

Que

Que foi reedificar Hyerusalem)
Esta me obriga, que em humilde canto,
Contra a tenção, que a plebe ignara tem,
Vos faça claro, a quem vos nam alcança,
E nam de premio algum vil esperança.

Romulo, Baccho, & effoutros, que alcançaraõ
Nomes de semideoses soberanos,
Em quanto pelo mundo exercitaraõ
Altos feitos, & quasi mais que humanos:
Com justissima causa se queixaraõ,
Que nam lhe responderaõ os mundanos
Favores do rumor justos, & iguaes,
A seus merecimentos immortaes.

Aquelle, que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Antheo,
A quem os seus trabalhos, tam famosos,
Cidadão o fizeraõ do alto Ceo:
Achou, que a mà tenção dos envejosos
Nam se dòma, senam despois que o vèu
Se rompe corporal, porque na vida
Ninguem alcança a gloria merecida.

Pois logo se varoës tam excellentes
Foraõ do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudas gentes,
Em louvor dos reaes, & sublimados:
Quem no lume dos vossos ascendentes,
Poderà pór os olhos, que abalados
Lhe nam fiquem da luz, vendo os mayores
Vossos passados, Reys, & Emperadores?

Quem verà aquelle pay da patria sua,
Açoute do soberbo Castelhanao,
Que o duro jugo só co espada nua,

Removeo do pescoço Lusitano,
Que nam diga, ò graõ Nuno, eterna tua
Memoria causarà, senam me engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunca possa ser senam sublime?

Nisto nam fallo mais, porque conheço,
Que da materia se me abaixa o engenho,
Mas pois que a dizer tudo me offereço,
Que dias ha, que no desejo o tenho:
Sendo vós de tam alto, & illustre preço,
A vida fostes pòr num fraco lenho,
Por largo mar, & undosa tempestade,
Sò por servir a Regia Magestade.

E despois de tomar a redea dura
Na mão, do povo indomito, que estava
Costumado a larguezas, & à soltura
Do pesado governo, que acabava:
Quem nam terà por santa, & justa a cura,
Qual de vosso conceito se esperava,
A tam desenfreada enfermidade,
Aplicarlhe contraria qualidade?

Nam he muito, senhor, se o moderado
Governo se blasfema, & se defama,
Porque o povo à largueza costumado
A ley serena, & justa dura chama:
Pois o zelo em virtude sò fundado
De salvar almas da Tartarea flamma,
Com a agoa salutifera de Christo,
Poderá por ventura ser malquistos?

Quem quizesse negar tam graõ verdade
Qual he o seu effeito santo, & pio,
Negue tambem ao Sol a claridade,

E certifique mais, que o fogo he frio:
Que o successo he contrario da vontade,
As obras, que são boas, & o desvio,
Estã nas mãos dos homẽs cometellas,
E nas de Deos estã o successo dellas.

Sei eu, & sabem todos, que os futuros
Verão por vós o Estado acrescentados;
Serão memoria vossa os fortes muros
Do Cambayco Damaõ bem sustentado;
Da ruina mortal seraõ seguros,
Tendo todo o alicerse seu fundado,
Sobre orfans emparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.

Quanta infamia ao Principe he perder se,
Ponto do estado seu, que inteiro erdou,
Por tam celebre gloria pôde ter se,
Se acrescentado, & prospero o deixou;
Nunqua consentio Roma ennobrecer se
Com triunfo ninguem, senam ganhou
Provincia, que ao Imperio acrescentasse,
Por mayores vitórias, que alcançasse.

Pôde tomar o vosso nome digno
Damaõ, por honra sua clara, & pura,
Como já do primeiro Constantino
Tomou Bizancio aquelle, que inda dura,
E tu Rey, que no Reyno Neptunino,
Lá no seyo Gangetico a natura
Te aposentou, de seres inimigo
Deste Estado, nam ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes aves
Cortar a espumosa agoa navegando;
Ouviste o som das tubas nam suaves,

Mas com temor horrifero soando;
Sentiste os golpes asperos, & graves
Do braço Lusitano, nunca brando;
Nam sofreste o grao brado penetrante,
Que os trovoës imitava do Tonante.

Mas antes dando as côstas, & a vitoria
A Bargances ventura nam corrido,
Disto vês a entender camanha gloria
He de tal vencedor feres vencido:
Quem fez obras tam dinas de memoria,
Sempre será famolo, & conhecido,
Onde os juizos altos se estimarem,
Que estes sôs tem poder de Fama darem.

Nam vos temais, senhor, do povo inaro,
E ingrato, a quem tanto fez por elle:
Mas sabeis, que he final de serdes claro,
Serdes agora tam malquisto delle:
Themistocles da patria sua amparo,
O forte liberal Cimon, & aquelle,
Que leys ao povo deo de Elparta antigo,
Testemunhas serão disto, que digo.

Pois ao justo Aristides hum robusto,
Votando no ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi, porque era justo,
Desejava, que fosse desterrado.
Pachitas por fugir do povo injusto,
Calumnioso dando no senado
Conta de Lesbos, que elle já mandára,
Se tirou com sua espada a vida cara.

Demosthenes deitado das tormentas
Populares, a Pallas foi dizendo,
De que tres monstros grandes te contentas

Do Drago, Mochó, & do vil povo horrendo
 Que glorias immortais ouve, que izentas
 Do veneno vulgar fossem vivendo?
 Pois mil exemplos deixo de Romanos,
 E vós também sois hum dos Lusitanos.

*A SETA, QUE O PAPA
 mandou a el Rey D. Sebastião.*

M Uí alto Rey, a quem os Ceos em sorte
 Derão o nome Augusto & sublimado,
 Daquelle cavalleiro, que na morte,
 Por Christo foi de mil setas passado:
 Pois d'elle o fiel peito casto, & forte,
 Com o nome Imperial tendes tomado,
 Tomai também a seta veneranda,
 Que a vós o successor de Pedro manda.
 Já por forte do Ceo, que o consentio,
 Tendes o braço seu reliquia cara,
 Defensor contra o gladió, que ferio
 O povo, que David contar mandára:
 No qual, pois tudo em vós se permitio,
 Presagio temos, & esperança clara,
 Que fereis braço forte, & soberano,
 Contra o soberbo gladio Mauricano.
 E o que este presagio agora encerra,
 Nos faz ter por mais certo, & verdadeiro
 A seta, que vos dà, quem he na terra
 Das reliquias celestes despenheiro,
 Que as vossas setas façõ na justa guerra
 Agudas, & entrarão por derradeiro,

Camando a vossos pés povo sem ley,
Nos peitos, que inimigos são do Rey.

Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortissimo com gloria,
Polas prayas de Persia, & alcançava
De nalgoes tam remotas a vitoria,
As setas embebidas, que tirava
O arco Ormusiano, he larga historia,
Que no ar, Deos querendo, se viravão,
Pregando se nos peitos, que as tiravão.

O querido de Deos, por quem peleja
O ar tambem, & o vento conjurado,
Ao atambor acode, porque veja,
Que quem a Deos ama, he de Deos amado
Os contrarios reveis á Madre Igreja,
Atroárao com som do Ceo irado,
Que assi deo já favor, mayor que humano,
A Josué Hebreo, Theodosio Ispano.

Pois se as setas tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas são,
Que farão Rey, as vossas, que tem liga,
Com a que já tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deos o coração,
Crendo, que as que vós atirareis,
No sangue Sarraceno as tingireis.

A scanio, se trazer he concedido,
Entre santos exemplos, hum profano,
Rey do largo Imperio conhecido,
Romano, & só reliquia do Troyano,
Vingou com seta, & animo atrevido
As soberbas palayras de Numano,

E logo foi dalli remunerado,
Com louvores de Apollo celebrado.

Affi vòs Rey, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos dais
De grandes bẽs certissima esperança,
Nos costumes, & aspeito, que mostrais:
Concebemos segura confiança,
Que Deos, a quem servis, & venerais,
Vos farà vingador dos seus reveis,
E os premios vos darâ, que mereceis.

Estes humildes versos, que prégão
São destes vossos Reynos com verdade,
Recebei com begnina, & lèda mão,
Pois he devida a Reys begninidade,
Tenhaõ, senam merecem galardão,
Favor se quer da Regia Magestade,
Affi tenhaís de quem já tendes tanto,
Com o nome, & reliquia favor santo.

ECLOGA. I.

AMORTE DE D. ANTONIO DE NORONHA,
*que morreo em Africa, & à morte de D. Ioão Prin-
cipe de Portugal, pay del Rey D. Sebastião.*

Umbrano, & Frondelio Pastores.

Umbrano.

Que grande variedade vão fazendo,
Frondelio amigo, as oras apressadas,

Como.

Como se vão as cousas convertendo,
Em outras cousas varias, & insperadas?
Hum dia a outro dia vai trazendo,
Por suas mesmas horas já ordenadas:
Mas quaõ conformes são na quantidade
Tam differentes são na qualidade.

Eu vi já deste campo as varias flores,
Aas estrellas do Ceo fazendo inveja,
Vi andar adornados os pastores
De quanto pelo mundo se deseja:
E vi co campo competir nas cores
Os trajos de obra tanta, & tam sobeja,
Que se a rica materia nam faltava,
A obra de mais rica sobejava.

E vi perder seu preço as brancas rosas,
E quasi escurecerse o claro dia,
Diante de hũas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunca engrandecia:
Emfim vi as pastoras tam fermosas,
Que o amor de si mesmo se temia:
Mas mais temia o pensamento falto,
De nam ser para ter temor tam alto.

Agora tudo està tam differente,
Que move os coraçõs a grande espanto,
E parece, que Jupiter potente
Se enfada já do mûdo durar tanto:
O Tejo corre turvo, & descontente,
As aves deixão seu suave canto,
E o gado em ver, que a erva lhe falece,
Mais que de a nam comer, nos emmagrece.

Frondelio.

Umbrano irmão, decreto he da natureza

Inviolavel, fixo, & sempiterno,
Que a todo o bem succeda desventura,
E nam haja prazer, que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao veraõ suave o duro inverno,
E se hahi quem saiba ter firmeza,
He somente esta ley da natureza.

Toda alegria grande, & funtuosa
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se hũa hora vejo alegre, & deleitosa,
Temendo estou do malaparelhado:
Nam ves, que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco, & verde prado:
Nam te engane nenhum contentamento,
Que mais instavel he que o pensamento.

E praza a Deos que o triste, & duro Fado,
De tamanhos desastres se contente:
Que sempre hum grande mal inopinado,
He mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carvalho, que queimado
Tam gravemente foi do rayo ardente,
Nam seja ora prodigio, que declare
Que barbaro cultor meus campos are?

Umbrana.

Em quanto do seguro azambugeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,
E o valor antigo, que primeiro
Os fez no mundo tam assinalados:
Nam temas tu Frondelio companheiro,
Que em nenhum tempo sejam sojugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo algum, que se offereça.

E posto que a soberba se levante
Do inimigo a torto, & a direito,
Nam creas tu, que a força repunante
Do fero, & nunca já vencido peito,
Que desde quem possui o monte Athlante,
Até onde bebe o Idaspe, tem sugeito,
O possa nunca ser de força alhea,
Em quanto o Sol a terra, & o Ceo rodea.

Erondelio.

Umbrano, a temeraria segurança,
Que em força, ou em razão nam se assegura,
He falsa, & vã, que a grande confiança,
Nam he sempre ajudada da ventura:
Que lá junto das aras da esperança,
Nemesis moderada, justa, & dura,
Hum freyo lhe está pondo, & ley terrivel,
Que os limites nam passe do possivel.

E se atentares bem os grandes danos,
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freyo também a esses enganos,
Que te está afigurando a ousadia:
Tu nam ves como os lobos Tingitanos,
Apartados de toda a covardia,
Mataõ os cães do gado guardadores,
E nam sòmente os cães, mas os pastores?

E o grande curral seguro, & forte,
Do alto monte de Athlas, nam ouviste,
Que com sanguinolenta, & fea morte,
Despovoado foi por caso triste?
Oh caso desfechado! ò dura sorte!
Contra quem força humana nam resiste,
Que alli também da vida foi privado,

Tio.

Tionio meu, ainda em flor cortado.

Vmbrano.

De lagrimas me banha todo o peito,
Desse caso terrivel a memoria,
Quando vejo, quaõ sabio, & quaõ perfeito,
E quaõ merecedor de longa historia,
Era esse teu pastor, que sem direito,
Deo às Parcas a vida transitoria:
Mas nam hahi quem de erva o gado farte,
Nem do juvenil sangue o fero Marte.

Porèm se te nam for muito pelado,
Já que esta triste morte me lembraste,
Cantares desse caso desestrado
Aquelles brandos versos, que cantaste,
Quando ontem recolhendo o manso gado,
De nos outros pastores te apartaste,
Que eu tambem, que as ovelhas recolhia,
Nam te podia ouvir como queria.

Frondeho.

Como ques, que renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, he falsa cura,
Mas pois tambem te move o sentimento
Da morte de Tionio triste, & escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Sea dor me nam congela a voz no peito.

Vmbrano.

Canta agora pastor, que o gado paze
Antre as humidas hervas sossegado,
E là nas altas terras, onde nace
O sacro Tejo á sombra recoitado,

Com

Com seus olhos no chaõ, a mão na face,
Està para te ouvir aparelhado,
E com silencio triste estão as Ninfas,
Dos olhos estilando claras lynfas.

O prado as flores brancas, & vermelhas,
Està suavemente apresentando,
As doces, & solícitas abelhas,
Com hum brando susurro vão voando:
As mansas, & pacíficas ovelhas,
Do comer esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som divino,
Que faz passando o Tejo cristalino.

O vento dentre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio,
Nas sombras a ave garrula suspira,
Suas magoas espalhando ao vento frio;
Toca, Frondelio, toca a doce lira,
Que daquelle verde alamo sombrio,
A branda Filomela entristecida,
Ao saudoso canto te convida.

Frondelio.

Aquelle dia as agoas nam gostáraõ,
As mimosas ovelhas, & os cordeiros,
O campo enchêraõ de amorosos gritos,
Nam se dependuráraõ dos salgueiros
As cabras de tristeza, mas negáraõ
O pasto a si, & o leite aos cabritos,
Prodigios infinitos,
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste,
E tu tambem, ô corvo, o descobriste,

Quan

Quando da mão direita em voz escura,
Voando repetiste
A tyranica ley da morte dura.

Tionio meu, o Tejo cristalino,
E as arvores, que já desamparaste,
Choraõ o mal de tua ausencia eterna:
Nam sei porque tam cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do destino,
Por quem o mar, & a terra se governa:
E a noite sempiterna,
Que tu tam cedo viste,
Cruel, acerba, & triste,
Se quer de tua idade, nam te dêra,
Que logrâras a fresca primavera?
Nam usara com nosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.

Os Faunos, certa guarda dos pastores,
Já nam seguem as Ninfas na espessura,
Nem as Ninfas aos cervos dão trabalho,
Tudo, qual ves, he cheo de tristura
Aas abelhas o campo nega as flores,
E as flores a Aurora nega o orvalho:
Eu, que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A franta, que sohia
Mover as altas arvores tangendo,
Se me vai de tristeza enrouquecendo,
Que tudo vejo triste neste monte,
E tu tambem correndo,
Manas envolta, & triste ó clara fonte,
As Tagides no rio, & na aspereza

Do monte as Oreadas conhecendo,
Quem te obrigou ao duro, & fero Marte;
Como gèral sentença vão dizendo,
Que nam pôde no mundo haver tristeza,
Em cuja causa amor nam tenha parte;
Porque assi desta arte
Nos olhos faudosos,
Nos passos vagarosos,
No rosto, a que o amor, & a fantasia,
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si dava final certo,
Do fogo, que trazia,
Que nunca soube amor ser encuberto.
Jà diante dos olhos lhe voavão
Imagès, & fantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento:
E pelas solitarias espessuras,
Entre os penedos sòs, que nam falavão,
Falava, & descobria seu tormento,
Num longo esquecimento;
De si todo embebido,
Andava tam perdido,
Que quando algum Pastor lhe perguntava,
A causa de tristeza, que mostrava,
Como quem para penas sò vivia,
Sorrindo lhe tornava,
Senam vivesse triste morreria.

Mas como este tormento o affinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendido mui bem do pay fefudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,

Porque emfim longa ausencia acaba tudo,
Mas ò tu Marte rudo,
Das vidas cobiçoso,
Que aonde o generoso
Feito resuscitava em tanta gloria,
De seus antecessores a memoria,
Alli fero, & cruel lhe destruiu,
Por injusta vitoria,
Primeiro, que o cuidado, a vida triste.

Pareceme, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso,
Naquelle infido sangue Mauritano,
Em Hispano ginete bellicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo,
De derrubar por terra o Tingitano;
Oh confiado engano!
Oh encurtada vida!
Que a virtude oprimida
Da multidão forçosa do inimigo,
Nam pôde defenderse do perigo:
Porque assi o destino o permitio,
E assi levou consigo,
O mais gentil pastor, que o Tejo vio.

Qual o mancebo Euryalo enredado,
Entre o poder dos Rutulos farrando
As iras, da soberba, & dura guerra,
Do cristalino rosto a cor mudando,
Cujo purpureo sangue derramado,
Pelas alvas espaldas tinge a serra,
Que como flor, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento,

Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido, & cansado:
Tal te pinto Tionio dando o espirito,
A quem to tinha dado,
Que este he sòmente eterno, & infinito.

Da boca congelada a alma pura,
Co nome juntamente da inimiga,
E excellente Marfida derramava:
E tu, gentil senhora, nam te obriga
A pranto sempiterno a morte dura,
De quem por ti sòmente a vida amava?
Por ti aos eccos dava
Acentos numerosos,
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deo do fero Marte,
E tu ingrata, o amor já noutra parte
Porás, como acontece, ô fraco intento,
Que emfim desta mesma arte,
Se muda o feminino pensamento.

Pastores deste valle ameno, & frio,
Que de Tionio o caso desfechado
Quereis nas altas serras, que se cante:
Hum tumulto, de fiôres adornado,
Lhe edificaí ao longo deste rio,
Que a vella enfree ao duro navegante:
E ao lasso caminhante,
Vendo tamanha magoa,
Arraze os olhos de agoa,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi, Memoria sou que grito,
Para dar testemunho em toda a parte,
Do mais gentil espirito,

Que

Que tirãraõ do mundo amor, & Marte.

Umbrano.

Qual o quiêto sono aos cansados,
Debaixo d'algũa arvore sombria,
Ou qual aos sequiosos, & encalmados,
O vento respirante, a fonte fria,
Taes me foraõ teus versos delicados,
Teu numero so canto, & melodia;
E ainda agora o tom suave, & brande,
Os ouvidos me fica adormentando.

Em quanto os peixes humidos tiverem
As arenosas covas deste rio,
E correndo estas agoas conhecerem
Do largo mar o antigo senhorio:
E em quanto estas ervinhas pasto derem
Aas petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos, que cantastes;
Sempre viva o pastor, que tanto amaste.

Mas já que pouco a pouco o Sol nos falta,
E dos montes as sombras se acrescentão,
De flores mil o claro Ceo se esmalta,
Que tam ledas aos olhos se apresentam,
Levemos pelo pè desta serra alta,
Os gados, que já agora se contentão,
Do que comido tem, Frondelio amigo;
Anda que atè o outeiro irei contigo.

Frondelio.

Antes por este valle amigo Umbrano,
Se te aprouver, levemos as ovelhas,
Que se eu por desacerto nam me engano,
Daqui me soa hum ecco nas orelhas:
O doce accento nam parece humano,

E se tu neste caso me aconselhas,
Eu quero ver daqui, que cousa seja,
Que o tom me espanta, & a voz me faz enveja.

Umbrano.

Contigo vou, que quanto mais me chego
Mais gentil me parece a voz, que ouviste,
Peregrina, excellente, & nam te nego,
Que me faz cà no peito a alma triste:
Vês como tem os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste,
Nenhum passaro voa, mas parece,
Que do canto vencido lhe obedece.

Porèm, irmão, melhor me parecia,
Que nam fôssemos là, que estorvaremos:
Mas subidos nesta arvore sombria,
Todo o valle daqui descobriremos:
Os curroës, & cajados todavia,
Neste comprido tronco penduremos,
Para subir, fica homem mais ligeiro,
Deixame tu Frondelio ir primeiro.

Frondelio.

Espera assi, dartehei dê pè, se queres,
Subirás sem trabalho, & sem ruido,
E despois que subido là estiveres,
Darmehas a mão decima, que he partido,
Mas primeiro me dize, se puderes
Ver, donde nasce o canto nunca ouvido,
Quem lança o doce acento delicado:
Fala, que já te vejo estar pasmado.

Umbrano.

Cousas nam costumadas na espestura;
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora,

L

Eet

Fermosas Ninfas, vejo na verdura,
Cujo divino gésto o Ceo namora:
Hũa de defusada fermosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sobre hum triste sepulcro nam cessando
Está perlas dos olhos destilando.

De todas estas altas semideas,
Que em torno estaõ do corpo sepultado,
Hũas regando as humidas arêas,
De flores tem o tumulo adornado:
Outras queimando lagrimas Sabêas,
Enchem o ár de cheiro sublimado,
Outras em ricos panos mais avante,
Envolvem brandamente hum novo infante.

Hũa, que d'antre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristecêraõ,
Diz que despois que a morte a flor cortou,
Que as estrellas sômente merecêraõ:
Que este penhor charissimo ficou
Daquelle, a cujo Imperio obedecêraõ
Douro, Mondego, Tejo, & Guadiana,
Tê o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que se encontrar este minino,
A noite intempestiva amanhecendo,
Que o Tejo agora claro, & cristalino,
Tornará a fera Aleto em vulto horrendo:
Mas se for conservado do destino,
Que as estrellas beninas prometendo
Lhe estaõ o largo pasto de Ampelusa,
Co monte, que em mau ponto vio Medusa.

Este prodigio grande a Ninfã bella,
Com abundantes lagrimas recita,

Mas qual a eclypsada clara estrella,
Que entre as outras o Ceo primeiro habita,
Tal cuberta de negro vejo aquella,
A quem só n'alma toca a graõ desdita:
Dacã, Frondelio, a mão, & sobe a ver,
Tudo o mais que eu de dor nam sei dizer.

Frondelio.

Oh triste morte, esquiva, & mal olhada,
Que a tantas fermosuras injurias,
Daquella Deosa bella, & delicada,
Se quer algum respeito ter devias:
Esta he por certo Aonia, filha amada
Daquelle graõ pastor, que em nossos dias
Danubio enfrea, & manda o claro Ibêro,
Espanta o morador do Euxino fero.

Morreolhe o excellente, & poderoso,
(Que a isto está sugeita a vida humana)
Doce Aonio de Aonia caro esposo,
Ahley dos Fados alpera, & tyrana!
Mas o som peregrino, & piêdoso,
Com que a fermosa Ninfa a dor engana;
Escuta hum pouco, nõta, & vê Umbrano,
Quão bem que soa o verso Castelhana.

Aonia.

Alma, y primero amor del alma mia,
Espirito dichoso, en cuya vida,
La mia estuvo, en quanto Dios queria;
Sombra gentil de su prision salida,
Que del mundo a la patria te bolviste,
Donde fuiste ergendrada, y procedida;

Recibe allà el sacrificio triste,
Que te ofrecen los ojos, que te vieron,

Si la memoria dellos no perdiste,
Que pues los altos cielos permitieron,
Que no te acompañasse en tal jornada,
Y para ornarse solo a ti quisieron:
Nunca permitirán, que acompañada
De mi no sea esta memoria tuya,
Que está de tus despojos adornada.
Ni dexarán, por más que el tiempo huya,
De estar en mi con sempiterno llanto,
Hasta que vida, y alma se destruya,
Mas tu gentil espíritu entretanto,
Que otros campos, y flores vás pisando,
Y otras camponas oyes, y otro canto;
Aora embevecido estés mirando
Allà en el Empireo aquella idea,
Que el mundo enfrena, y rige con su mandos:
Aora te posea Cytherea,
En su tercero asiento, o porque amaste,
O porque nueva amante allà te sea:
Aora el Sol te admire, si miraste,
Como vâ por los signos encendido,
Las tierras alumbrando, que dexaste:
Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mi, o fue en tu mano
No passar por las agoas del olvido;
Buelve un poco los ojos a este llano,
Verás una, que a ti con triste lloro,
Sobre este marmol sordo llama en vano:
Pero se entraren en los signos de oro
Lagrimas, y gemidos amorosos,
Que muevan el supremo santo coro,
La lumbré de tus ojos tan hermosos,

Yo la verè muy presto, y podrè verte,
Que a pesar de los hados enojosos,
Tambien para los tristes hubo muerte.

E C L O G A II.

Almeno, & Agrario.

A O longo do sereno
Tejo suave, & brando,
Num valle de altas arvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, & doces lagrimas ao rio,
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentara a vida tantos annos,
Numa amorosa, & branda confiança,
Que quem tanto queria,
Parece que nam erra se confia.

A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animais, esquecidos da verdura:
O valle triste estava
Cũs ramos carregados,
Que a noite fazião mais escura:
Mostrava a espessura
Hum temeroso espanto;
As roucas rãs soavão,
Num charco de agoa negra, & ajudavão,
Do passaro nocturno o triste canto:

O Tejo com som grave,
Corria mais medonho, que suave.

Como toda a tristeza,
No silencio confite;
Parecia que o valle estava mudo,
E com esta graveza
Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena,
Para poder soffrella,
Estar imaginando a causa della:
Que em tanto mal he cura bem pequena,
Mayor he o tormento,
Que toma por alivio o pensamento.

Ao rio se queixava,
Com lagrimas em fio,
Com que as ondas crescião outro tanto,
Seu doce canto dava
Tristes agoas ao rio,
E o rio triste som ao doce cantos:
Ao cansado pranto,
Que as agoas refreava,
Responde o valle umbroso:
Da manfa voz o acento temeroso
Na outra parte do rio retumbava,
Quando da fantasia,
O silencio rompendo, affi dizia:
Corre suave, & brando,
Com tuas claras agoas,
Sahidas de meus olhos (doce Tejo)
Fê de meus males dando,

Para que minhas magoas
Sejão castigo igual de meu desejo;
Que pois em mim nam vejo
Remedio, nem o espero,
E a morte se despreza
De me matar, deixandome à crueza
Daquella, por quem meu tormento quero,
Saiba o mundo meu dano,
Porque se defengane em meu engano.

Já que minha ventura,
Ou quem me a causa ordena,
Que por paga da dor tome soffrella,
Será mais certa cura,
Para tamanha pena,
Desesperar de haver já cura nella:
Porque se minha estrella,
Causou tal esquivança,
Consinta meu cuidado,
Que me farte de ler desesperado,
Para defenganar minha esperança,
Que para isso nasci,
Para viver na morte, & ella em mi.

Nam cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Que aqui hũa alma tem ao jugo atada,
Nem falte o sofrimento,
Porque parece vicio,
Para tam doce mal, faltarme nada:
Oh Ninfa delicada,
Honra da natureza,
Como pôde isto ser,
Que de tam peregrino parecer,

Pudesse proceder tanta crueza?
Nam vem de nenhum geito,
Da causa divina! contrario effeito.

Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fôra he de natural minha tristeza;
Mas a mi que me espanta,
Nam basta ô Ninfa bella,
Que pôdes perverter a natureza?
Nam he a gentileza
De teu gêsto celeste
Fôra de natural?

Nam pôde a natureza fazer tal,
Tu mesma, bella Ninfa, te fizeste,
Porê m por que tomaste
Tam dura condiçãõ, se te formaste?

Por ti alegre o prado
Me he pesado, & duro,
Abrolhos me parecem suas flores;
Por ti do manso gado,
Como de mi nam curo,
Por nam fazer offensa a teus amores,
Os jogos dos pastores,
As lutas entre a rama,
Nada me faz contente,
E sou já do que fui tam differente,
Que quando por meu nome alguem m' chama,
Pasmo quando conheço,
Que inda comigo mesmo me pareço.

O gado, que apacento,
São n' alma meus cuidados,
E as flores, que no campo sempre vejo,

São, no meu pensamento,
Teus olhos debuxados,
Com que estou enganando meu desejo:
As agoas frias do Tejo,
De doces se tornárao
Ardentes, & salgadas,
Depois que minhas lágrimas cansadas,
Com seu puro licor se misturárao:
Como quando mistura
Hypanis co Exampeo sua agoa pura.

Se ahi no mundo houvesse,
Ouviresme algũa hora,
Assentada na praya deste rio,
E de arte te dissesse,
O mal, que passo agora,
Que pudeste moverte o peito frio!
Oh quanto desvario,
Que estou afigurando!
Já agora meu tormento
Nam pôde pedir mais ao pensamento,
Que este fantasiar, que imaginando
A vida me reserva,
Querer mais de meu mal será soberba.

Jà a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto
Da sombra, que as montanhas encubria;
Descansa, frauta, agora,
Que meu cansado canto,
Nam merece, que veja o claro dia,
Nam canse a fantasia,
De estar em si pintando
O gesto delicado,

Em quanto traz ao pasto o manso gado,
Este pastor, que lá sò vem fallando:
Calarmehei sòmente,
Que meu mal nem ouvir se me consente.

Agrario pastor.

Fermosa manhaã clara, & deleitosa,
Que como fresca rosa na verdura,
Te mostra bella, & pura, marchetando
As Ninfas, espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos, tu sò fazes,
Quando a sombra desfazes, triste, & escura,
Fermosa a espessura, & fresca a fonte,
Fermoso o alto monte, & o rochedo,
Fermoso o arvoredado, & deleitoso,
Em fim tudo fermoso com teu rosto,
Douro, & rosas composto, & claridade.
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando n'hum momento o roxo dia,
Com a doce harmonia nos cantares
Dos passaros a pares, que voando,
Seu pasto andão buscando nos raminhos
Para os amados ninhos, que mantem,
Oh grande, & sumo bem da natureza,
Estranha sutileza de pintora,
Que matiza n'hũa hora de mil cores
O Ceo, a terra, as flores, monte, & prados
Oh tempo já passado, quão presente
Te vejo abertamente na vontade,
Qua manha saudade tenho agora
Do tempo, que a pastora minha amava,
E de quanto prezava minha dor:

Então tinha o amor mayor poder,
Então num sò querernos igualava,
Porque quando hum chamava, a quem queria,
O ecco respondia de afeição,
No brando coração da doce imiga,
Nesta amorosa liga concertavaõ,
Os tempos, que passavão com prazeres,
Mostrava a flava Ceres, polas eiras,
Das brancas sementeiras lêdo fruto,
Pagando seu tributo aos lavradores,
E enchia aos pastores todo o prado,
Pales do manfo gado guardadora:
Zefiro, & fresca Flora passeando,
Os campos esmaltando de boninas,
Nas agoas cristallinas triste estava
Narciso, que inda olhava na agoa pura,
Sua linda figura delicada:
Mas Ecco namorada de seu gêsto,
Com pranto manifesto, seu tormento
No derradeiro acento lamentava:
Alli tambem se achava o sangue tinto
Do purpureo Jacintho, & o destroço
De Adonis, lindo moço, morte fea,
Da bella Cytherêa tam chorada,
Toda a terra esmaltada destas rosas,
Alli as Ninfas fermosas pellos prados,
Os Fauvos namorados apoz ellas,
Mostrandolhe capellas de mil cores,
Que fazião das flores, que colhião,
As Ninfas lhe fugião amedrentadas,
As fraldas levantadas pellos montes,
A fresca agoa das fontes espalharfe.

Vertumno transformar-se alli se via,
Pomona, que trazia os doces fruytos,
Alli pastores muitos, que tangião
As gaitas, que trazião, & cantando
Estavão enganando suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio,
Ouvia-se Salicio lamentar-se,
Da mudança queixar-se crua, & fea,
Da dura Galathea tam fermosa,
Eda morte envejosa Nemerolo,
Ao monte cavernoso se querella,
Que sua Elisa bella em pouco espaço,
Cortára inda em agrão a dura sorte.
O immatura morte, que a ninguem
De quantos vidas tem nunca perdoas;
Mas tu tempo, que voas apressado,
Hum deleitoso estado, quão asinha
Nesta vida mesquinha transfiguras
Em mil desaventuras, & a lembrança,
Nos deixas por herança do que levas,
Assi que se nos cevas com prazeres,
He para nos comeres no melhor,
Cada vez em peor te vãs mudando,
Quanto vês inventando, que hoje aprovas,
Logo à manhaã reprovás com instancia,
Oh estranha inconstancia, & tam profana,
De toda a causa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda anexo,
Mas eu de que me queixo, ou o que digo?
Vive o tempo comigo, ou elle tem
Culpa no mal, que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende

Aquillo, que defende o ser divino?
Elle usa de contino seu officio,
Que já por exercicio lhe he devido;
Dânos fruto devido na fazão
Do fermoso verão, & no inverno,
Com seu humor eterno congelado,
Do vapor levantado co'a quentura
Do Sol à terra dura lhe dà alento,
Para que, o mantimento produzindo,
Estè sempre cumprindo seu costume;
Assi que nam consume de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo,
Antes sempre està quedo no devido,
Porque este he seu partido, & sua usança.
E nelle esta mudança he mais firmeza:
Mas quem a ley despreza, & pouco estima,
De quem de lá de cima està movendo
O Ceo sublime, & horrendo, o mundo puro
Este muda o seguro, & firme estado
Do tempo, nam mudado da verdade.
Nam foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo caro, & excellentes?
Vivia então a gente moderada,
Sem ser a terra arada dava pão,
Sem ser cavado o chaõ as fructas dava,
Nem chuva desejava, nem quentura,
Supria então natura o necessario:
Pois quem foi tam contrario a esta vida?
Saturno, que, perdida a luz serena,
Causou, que em dura pena desterrado,
Fosse do Ceo deitado onde vivia,
Porque os filhos comia, que gèrava,

Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal, & assi decendo
Nos veyo assi trazendo a este estado,
Mas eu desatinado adonde vou?
Para onde me levou a fantasia?
Que estou gastando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao manso Tejo brando, porque achar
No mundo, que emendar, nam he de agora,
Basta que a vida fôra delle tenho,
Com meu gado me avenho, estou contente,
Porêm se me nam mente a vista, eu vejo
Nesta praya do Tejo estar deitado
Almeno, que enlevado em pensamentos,
As horas, & momentos vai gastando,
Parelle vou chegando sô por ver
Se poderei fazer, que o mal que sente,
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

Almeno sonhando.

Oh doce pensamento, ô doce gloria,
São estes por ventura os olhos bellos,
Que tem de meus sentidos a vitoria?
São estas, Ninfa, as tranças dos cabellos,
Que fazem de seu preço o ouro alheo,
E a mi de mi mesmo sô com vellos?
He esta a alva columna, o lindo esteo,
Sustentador das obras mais que humanas,
Que eu nos meos braços tenho, & nam no creô?
Ah falso pensamento, que me enganas,
Fazes-me pôr a boca onde nam devo,
Com palavras de doudo, & quasi insanas.

Com

Como alçarte tam alto assi me atrevo?
Taes azas, doutes eu, ou tu mas dás?
Levas-me tu a mim, ou eu te levo?

Nam poderei eu ir onde tu vâ?
Porém pois ir nam posso onde tu fores,
Quando fores nam tornes onde estâs:

Agrario.

Oh que triste successo foi de amores,
O que a este pastor aconteeço,
Segundo ouvi contar a outros pastores,
Que tanto por seu dano se perdeo,
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em de latino o amor lho converteo.

O forçoso vigor do pensamento,
Que póde noutra cousa estar mudando
A forma, a vida, o fiso, o entendimento!

Estasse hum triste amante transformando,
Na vontade daquella, que tanto ama,
De si sua propria essencia trasportando:

E nenhũa outra cousa mais desama,
Que a si, se vê, que em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano nam se inflama.

Almeno, que aqui está tam influído
No fantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido;

Estâselhe pintando de enlevado,
Que tem já da fantastica pastora
O peito diamantino mitigado.

Em este doce engano estava agora,
Falando como em sonhos, mas achando
Ser vento o que sonhava, grita, & chora;

Desta

Dsta arte andavaõ sonhos enganando,
O pastor sonolento, que a Diana
Andava entre as ovelhas celebrando.

Desta arte a nuvem falsa em forma humana
O vaõ pay dos Centauros enganava
(Que amor quando contenta sempre engana)

Como a este, que consigo sò falava,
Cuidando, que falava de enlevado
Com quem lhe o pensamento figurava.

Nam pôde, quem quer muito, ser culpado
Em nenhum erro, quando vem a ser
O amor em doudice transformado,

Nam he amor, amor se nam vier
Com doudices, deshonnas, dissensões,
Pazes, guerras, prazer, & desprazer,
Perigos, linguas mãs, murmurações,
Clumes, arroidos, competencias,
Temores, mortes, nojos, perdições:

Estas são verdadeiras penitencias
De quem põem o desejo onde nam deve,
De quem engana alheas innocencias.

Mas isto tem amor, que nam se escreve,
Senam onde he illicito, & custoso,
E onde he mór perigo, mais se atreve,

Passava o tempo alegre, & deleitoso,
O Troyano pastor, em quanto andava
Sem ter alto desejo, & perigoso,

Seus furiosos touros coroava,
E nos alamos altos escrevia,
Teu nome, Enone, quando a ti sò amava,

Crecião os altos alamos, crecia
O amor, que te tinha, sem perigo,

E sem temor contente te servia.

Mas depois que deixou entrar contigo

Illicito desejo, & pensamento,

De sua quietação tam inimigo.

A toda a patria poz em detrimento,

Com mortes de parentes, & de irmãos,

Com crû incendio, & grande perdimento,

Nisto fenecem pensamentos vãos,

Tristes serviços mal galardoados,

Cuja gloria se passa d'antre as mãos.

Lagrimas, & suspiros arrancados

D'alma, todos se pagão com enganos,

E oxalá fossem muitos enganados.

Andão com seu tormento tam ufanos,

Gastando na doçura de hum cuidado,

Apez hũa esperança tantos annos.

E qual ha tam perdido namorado,

Tam contente co pouco, que daria

Por hum sô mover de olhos todo o gado,

E em todo o povoado, & companhia,

Sendo ausentes de si, estão presentes,

Com quem lhe pinta sempre a fantasia,

Com hum certo nam sei que andão contentes,

E logo hum nada os torna ao contrario,

De todo o ser humano differentes.

Oh tyranico amor, ò caso vario,

Que obriga a hum querer, que sempre seja

De si contino, & aspero adversario!

E outra hora ne hũa alegre esteja,

Se nam quando do seu despojo amado

Sua inimiga estar triunfando veja.

Quero fallar com este, que enredado

Nesta cegueira està, sem nenhum tento;
Acorda já, Pastor desacordado.

Almeno.

Oh porque me tiraste hum pensamento,
Que agora estava aos olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce movimento?

Agrario.

Nessa imaginação estás gastando
O tempo, & a vida, Almeno, ò perda grande,
Nam vês quaõ mal os dias vãs passando?

Almeno.

Fermosos olhos, ande a gente, & ande,
Que nunca vos ireis desta alma minha,
Por mais, que o tempo corra, & a morte mande.

Agrario.

Quem pudèra cuidar, que tam azinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita & justa linha?
Que sejas tam perdido por teu dano,
Almeno irmão, nam he por certo aviso,
Mas mui grande doudice, & grande engano.

Almeno.

Oh Agrario, que vendo o doce riso,
E o rosto tam fermoso, como esquivo,
O menos que perdi foi todo o siso.
E nam entendo, desque fui cativo,
Outra cousa de mi, senam que mouro,

Nem

Nem isto entendo bem, pois inda vivo,
A sombra deste umbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas caídas,
Ora em louvores dos cabellos d'ouro.

Se perguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Revolvendo memorias magoadas?

Desque perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança, & a causa della,
Nam choro por razão, mas por costume,
Já mais pude co Fado ter cautela,
Nem houve nunca em mi contentamento,
Que nam fosse trocado em dura estrella:

Que bem livre vivia, & bem izento,
Sem nunca ser ao jugo sometido,
De nenhum amoroso pensamento.

Lembre-me, Agrario amigo, que o sentido
Tam fôra de amor tinha, que me ria,
De quem por elle via andar perdido.

De varias cores sempre me vestia,
De boninas a fronte coroava,
Nenhum pastor cantando me vencia.

A barba então nas faces me apontava,
Na luta, no correr, & em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.

Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo, como acontece, afeiçoadas
Muitas Ninfas do rio, & da montanha:

Com palavras mimosas, & forjadas
Da solta liberdade, & livre peito,
As trazia contentes, & enganadas.

Mas nam querendo Amor, que deste geito

Dos corações andasse triunfando,
Em quem elle criou tam puro effeito.

Pouco & pouco me foi de mi levando
Diffimuladamente às mãos, de quem
Toda esta injuria agora está vingando.

Agrario.

Deste teu caso, Almeno, eu sei mui bem,
O principio, & o fim, que Nemoroso
Isto tudo contado, & mais me tem.

Mas querote dizer, se o enganoso
Amor he costumado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso.

Já que nelle estes casos são tam certos,
Porque os estranhas tanto, que de magoa
Te choraõ as montanhas, & os desertos?

Vejo te estar gastando em viva fragoa,
E juntamente em lagrimas, vencendo
A graõ Sicilia em fogo, & o Nilo em agoa,

Vejo que as tuas cabras, nam querendo
Gostar as verdes hervas se emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.

Os campos, que co tempo reverdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo parece, que entristecem,

Todos os teus amigos, & parentes,
Que lá da serra vem por consolarte,
Sentindo n'alma a pena, que tu sentes:

Se querem de teus males apartarte,
Deixando a casa, & gado, vás fugindo,
Como cervo ferido, a outra parte.

Nam vês que Amor as vidas consumindo

Vive sò de vontades enlevadas,
No falso parecer de hum gesto lindo;
Nem as hervas das agoas desejadas
Se fartaõ, nem de flores as abelhas,
Nem este Amor de lagrimas cansadas.

Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,
Chorou Febo de Dafne as esquivaças,
Regando as flores brancas, & vermelhas?

Quantas vezes as asperas mudanças,
O namorado Gallo tem chorado,
De quem o tinha envolto em esperanças?

Estava o triste amante recoitado,
Chorando ao pê de hum freixo o triste caso,
Que o falso amor lhe tinha destinado,

Por elle o sacro Pindo, & o graõ Parnaso
Na fonte de Aganipe distilando,
O fazião de lagrimas hum vaso.

Vinha o intonso Apollo alli culpando
A sobeja tristeza perigosa,
Com asperas palavras reprovando.

Gallo, porque endoudeces, que a fermosa
Ninfa, que tanto amaste, descobrindo
Por falsa a fê, que dava, & mentirosa,

Polas Alpinas neves vai seguindo
Outro amor, outro bem, outro desejo,
Como inimiga em fim de ti fugindo.

Mas o mísero amante, que o desejo
Mal empregado, Amor lhe defendia,
Ter de tamanha fé vergonha, ou pejos;

Da falsifica Ninfa nam sentia,
Senam, que o frio do gelado Rheno,
Os delicados pès lhe offenderia.

Ora se tu vês claro, amigo Almeno,
 Que de Amor os desastres, são de sorte,
 Que para matar basta o mais pequeno,
 Porque nam poês hum freyo a mal tam forte,
 Que em estado te poem, que sendo vivo,
 Já nam se entende em ti, vida, nem morte?

Almeno:

Agrario, se do gésto fugitivo,
 Por caso da Fortuna desestrado,
 Algũa hora deixar de ser cativo,
 Ou sendo para as Ursas degradado,
 Aonde Boreas tem o Occeano,
 Cos frios Hyperboreos congelados
 Ou onde o filho de Clymene insano
 Mudando a cor das gentes totalmente,
 As terras apartou do trato humano;
 Ou se por qualquer outro accidente
 Deixar este cuidado tam ditoso,
 Por quem sou, de ser triste, tam contentes:
 Este rio, que passa deleitoso,
 Tornando para traz irã negando
 Aa natureza o curso presuroso:
 As feras pelo mar iraõ buscando
 Seu pasto, andar se haõ pola espessura,
 Das hervas os Delfins apacentando.
 Ora se tu ves n'alma quaõ segura
 Tenho esta fê, & amor, para que insistes
 Nesse conselho, & pratica tam dura?
 Se de tua porfia nam disistes,
 Vaite pastar teu gado a outra parte,
 Que he dura a companhia para os tristes,

Hũa sò cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes, que o tempo em fim de mim te aparte,
Que se esta fera, que anda em trajo humano,
Vires pela montanha andar vagando,
De meu despojo rica, & de meu dano:

Com os vivos espiritos inflamando
O ar, o monte, & a terra, que consigo
Continuamente leva namorando:

Se queres contentarme como amigo,
Passando lhe dirás, gentil pastora,
Nam ha no mundo vicio, sem castigo.

Tornada em duro marmore nam fora,
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algum hora:

Foi bem justo o castigo riguroso;
Porèm quem te ama, Nínfa, nam queria
Noda tam sea em gèsto tam fermoso.

Agrario.

Tudo farei, Almeno, & mais faria,
Por te ver algum dia descansado,
Se se acabão trabalhos algum dia.

Mas bem vès como Febo já empinado
Me manda, que da calma iniqua, & crua
Recolha em algum valle o mansogado;

Tu nessa fantasia falsa, & núa,
Para engano mayor de teu perigo,
Nam queres companhia senam sua:

Voume daqui, & fique Deos contigo,
E ficaràs melhor acompanhado.

Almeno.

Elle contigo vá, como comigo
Me fica acompanhando meu cuidado.

E C L O G A III.

De Almeno & Belisa, continuando com a passada.

P Assado já algum tempo, que os amores
De Almeno, por seu mal eraõ passados,
Porque nunca Amor cumpre, o que promete,
Entre hũs verdes ulmeiros apartados,
Regando pelo campo as brancas flores,
Em lagrimas cansadas se derrete,
Quando a linda pastora, que compete
Co monte em aspereza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triste Almeno endoudecia,
Pella praya do Tejo discurria
A lavar a beatilha, & o trançado,
Já o Sol consentia,
Que sahisse da sombra o manso gado.
E acordado já do pensamento,
Que tam desacordado o sempre teve,
Vio por acerto o bem, que incerto tinha,
E porque donde Amor a mais se atreve,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Nam lhe soube dizer, o que convinha;
Como homem, que á aprazada briga vinha,
A quem de fôra engana
A confiança humana,

E def.

E despois vendo o rosto, a quem resiste,
Treme, teme o perigo, & nam insiste,
Já se arrepende, a audacia lhe fallece:
Desta arte o pastor triste,
Ousa, arrecea, esforça, & enfraquece.
E tendo assi atonito o sentido,
Cometeo com furor desatinado,
E tirou da fraqueza coração:
Cometimento foi desesperado,
Que hũa sò salvação tem hum perdido,
Perder toda a esperança à salvação,
As magoas, que passáraõ se dirão.
Mas as que ella dizia,
Lembrandolhe, que via
As agoas murmurar do Tejo amenas,
Remeto a vòs, ô Tagides Camenas,
Que de magoa nam posso dizer tanto,
Porque em tamanhas penas,
Me cansa a pena, & a dor me impede o canto.

Belisa.

Que alegre campo, & praya deleitosa,
E quaõ saudosa faz esta espestura,
A fermosura Angelica, & serena,
Da tarde amena, & quaõ saudosamente
A festa ardente abranda, suspirando
De quando em quando o vento alegre, & frio,
No fundo rio os mudos peixes saltaõ,
No ár se esmaltão os Ceos d'ouro, & verde,
E Febo perde a força da quentura,
Pola espestura levaõ passeando
O gado brando, ao som das çanfônicas,

Pilando as finas, & fermosas flores,
Os guardadores, que cantando o gèsto
Fermoso, & honesto das pastoras, que amão,
Ao ar derramão mil suspiros vãos,
Hum louva as mãos, & outro os olhos bellos,
Outro os cabellos de ouro, em som suave,
A amorosa ave leva o contraponto,
Mas ò que conto, & faudosa historia,
Que na memoria aqui se me offerece!
Senam me esquece, já neste lugar
Ouvi soar nos valles, algum dia,
E respondia o ecco o nome em vão
Num coração, Belisa retumbando,
Estou cuidando como o tempo passa,
E quaõ escassa he toda alegre vida,
E quaõ cumprida quando he triste, & dura:
Nesta espessura longo tempo amei,
Se me enganei, com quem do peito amava,
Nam me pelava de ser enganada,
Fui salteada em fim de hum pensamento,
Que hum movimento tinha casto, & sam,
Conversação foi fonte deste engano,
Que por meu dano entrou com falsa cor,
Porque o amor na Ninfa, que he segura,
Entra em figura de vontade honesta,
Mas que me presta agora dar desculpa,
Se ahi houve culpa pola o firme amor,
Sò num pastor, que nunca o Sol, nem Lua,
Ou serra algũa desde o Ibero ao Indo,
Outro tam lindo viraõ tam manhoso,
Neste amoroso estado, & fé que tinha,
Que n'alma minha tam secretamente,

Vivi contente amando, & encobrimdo,
Elle fingindo mentirosos danos,
Que são enganos, que nam custão nada,
Tendo alcançada já no entendimento,
A fê, & intento meu sô nelle posto,
Que logo o rosto mostra os corações,
E as afeições cos olhos se praticão,
Que mais publicão muito, que palavras
Com suas cabras sempre à parte vinha,
Onde eu mantinha os olhos, & o desejo:
Tu manlo Tejo, & tu florido prado,
Do mais passado emfim, que aqui nam digo,
Sereis me obrigo testemunho certo,
Que descoberto vos foi tudo, & claro,
Oh tempo avaro, ô sorte nunca igual!
Quamanho mal quereis á humana gente,
Porque hum contente estado assi trocastes!
Vós me tirastes, do meu peito isento,
O pensamento honesto, & repousado,
Já dedicado ao coro de Diana:
Vós nũa ufana vida me pusestes,
E alli quifestes que gozasse o dano,
Do doce engano, que se chama amor,
Com cujo error passava o tempo lèdo;
E vós tam cedo me tirais hum bem,
Que amor já tem impresso n'alma minha.
Despois que a tinha envolta em esperanças,
E com lembranças tristes me deixais,
Mal me pagais a fê, que sempre tive;
Mas assi vive, quem sem dita nace,
Mas já que a face alegre o Sol esconde,
E nam responde alguem a tantas magoas,

Senam

Senam as agoas, que dos olhos saem,
 As sombras caem, & vaõse as alimarias,
 Das ervas varias fartas, seu caminho,
 Buscando o ninho os passaros sem dono,
 Já pelo sono esquecem o comer,
 Quero esquecer tambem tam doce historia,
 Pois he memoria, que traz mór cuidado,
 Isto he passado, & se me deo paixão,
 Os dias vaõ gastando o mal, & o bem,
 E nam convem querer me magoar,
 Do que emmendar nam posso já com magoas;
 Nas claras agoas deste rio brando,
 Que vaõ regando o campo matizado,
 Este trançado lavar quero em fim,
 Que já de mi me esqueço co a lembrança
 Desta mudança, que esquecer nam sei:
 Bem, que eu virei mudar opinião,
 Que em fim são homẽs a que o esquecimento,
 Depressa faz mudar o pensamento.

Almeno.

Se a vista nam me engana a fantasia,
 Como já me enganou mil vezes, quando
 Minha ventura enganos me sofria;
 Parece-me, que vejo estar lavando
 A hũa Ninfa hum vêo no claro Tejo,
 Que se me està Belisa afigurando.
 Nam pôde ser verdade isto que vejo,
 Que facilmente aos olhos se afigura
 Aquillo, que se pinta no desejo.
 Oh acontecimento, que a ventura
 Me dá para mór dano, esta he por certo,

Que

Que nam he doutrem tanta fermosura,
Se poderei falarlhe de mais perto?
Mas fugirme ha, nam póde ser, que o rio
Para acolà nam tem caminho aberto.
Oh temor grande, ô grande delvario!
Que avoz me impede, & a lingua negligente
Desta arte està tornando o peito frio.

De quanto me se beja estando ausente,
Que para lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente,

Oh aspeito suave, & peregrino!
Pois como tam azinha assi se esquece,
Hũa fê verdadeira, hum amor fino?

Belisa.

Oh altas semideas, pois padece:
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força nam merece,

Ou seja por vós, Ninfas, reservada,
Ou nalgũa arvore alta, ou pedra dura,
Seja por vós azinha transformada.

Almeno.

Ah Ninfa, nam te mudes a figura,
Nem Vós Deosas queirais, que eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.

Porque a quem falta a voz para fallarte,
E a quem fallece a lingua, & ousadia,
Tambem faltaraõ mãos para tocarte.

Belisa.

Que me queres Almeno, ou que porfia

Foi

Foi a tua tam aspera comigo?
Minha vontade nam to merecia.

Se com amor o fazes, eu te digo,
Que amor, que tanto mal me faz em tudo,
Nam pòde ser amor, mas inimigo.

Nam es tu de saber tam falto, & rudo,
Que tam sem siso amasses, como amaste.

Almeno.

Onde viste tu, Ninfa, amor sesudo?
Porque te nam alembra, que folgaste
Com meus tormentos tristes, & algum hora
Com teus fermosos olhos já me olhastes?

Como te esquece já gentil pastora,
Que folgavas de ler nos freixos verdes,
O que de ti escrevia cada hora?

Como tam prestes a memoria perdes
Do amor, que me mostravas, que eu nam digo
Se o vòs, ò altos montes nam differdes?

Porque te nam alembra do perigo,
A que sò por me ouvir te aventuravas,
Buscando horas de festa, horas de abrigo?

Co a maçan da discordia me tiravas,
Que a Venus, que a ganhou por fermosura,
Tu como mais fermosa lhaganhavas.

E escondendote entre a espessura,
Hia fugindo como vergonhosa
Da namorada, & doce travessura.

Nam era esta a maçan d'ouro fermosa,
Com que encuberta alli de astucia tanta,
Cidipe se enganou de cobiçosa.

Nem a que o curso teve de Athalanta,

Mas

Mas era aquella, com que Galathea

O pastor cativou, como elle canta.

Se mãs tençoões puserão noda fea

Em nosso firme amor de enveja pura,

Porque pagarei eu a culpa alhea?

Quem desta fê, quem deste amor nam cura,

Nunqua teve sugeito o coração,

O firme amor, co alma eterna dura.

Belisa.

Mal conheces, Almeno, hũa affeição,

Que se eu desse amor tenho esquecimento,

Meus olhos magoados to dirão.

Mas teu sobejo, & livre atrevimento,

E teu pouco segredo descuidando,

Foi causa deste longo apartamento.

Vês as Ninfas do Tejo, que mudando

Me vão já pouco a pouco o claro gèsto,

Noutra forma mais dura traspassando?

Hum sò segredo meu te manifesto.

Que te quiz muito, em quanto Deos queria

Mas de pura affeição, & amor honesto,

E pois teu mau cuidado, & ousadia

Causou tam dura, & aspera mudança,

Folgo, que muitas vezes to dizia.

Ficate embora, & perde a confiança,

Que mais me nam veràs, como já viste,

Que assi se desengana hũa esperança.

Almeno.

Oh duro apartamento, ò vida triste,

Oh nunca acontecida desventura!

Pois

Pois como, ò Ninfa, assi te despediste?

Assi se ha de ir tornando sem ter cura,
Nessa silvestre, & aspera dureza,
Tam branda, & excellente fermosura?

Tua nunca entendida gentileza
E teus membros assi se transformáraõ,
Negando selhe a propria natureza?

Desta arte teus cabellos se tornáraõ,
Deixando já seu preço ao ouro fino,
Em folhas, que a cor tem do, que negáraõ?

Se este consentimento foi divino,
Consintametambem, que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o desatino.

Que se a Fortuna dura, embravecida,
Tanto no meu tormento se desmede,
Nam viva mais hũa alma tam perdida.

E vòs feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai já de meu sangue vossa sede.

E vòs pastores rudos deste outeiro,
Porque a todos em fim se manifeste,
Que cousa he amor puro, & verdadeiro.

Ao pé deste funereo acipreste,
Me fareis hum sepulcro sem arreo,
De boninas, que o prado ameno veste.

Com desuladas musicas de Orfeo,
Que me vòs cantareis, & desta sorte
Nam haverei inveja ao Mausoleo:

E porque minha cinza se conforte
Em vossos metros doces, & suaves,
As exequias farei de minha morte,

Alli responderaõ as altas aves,

Nam

Nam modulas no canto, nem lascivas,
Mas de dor, hora rousas, hora graves.

Nam correrão as agoas fugitivas
Alegres por aqui, mas laudosas,
Que pareção, que vem dos olhos vivas.

Naceraõ pelas prayas delcitosas
Os asperos abrolhos, em lugar
Dos roxos lirios, das pudicas rosas.

Nam traráõ as ovelhas a pastar
Derredor do sepulcro os guardadores,
Que nam comeraõ nada de pezar.

Viraõ os Faunos, guarda dos pastores,
Se morri por amores preguntando,
Responderão os eccos, por amores.

Dos que por aqui forem caminhando,
Hum epitafio triste se lerá,
Que esteja minha morte declarando,

E no tronco de hũa arvore estará,
Nũa ruda cortiça pendurado,
Escrito cumafouce, assi dirá.

Almeno fui pastor de manso gado,
Em quanto o consentio minha ventura,
De Ninfas, & pastoras celebrado.

Se algũa hora por dita na espeffura,
O amor se perder, & a affeição,
Tirem a pedra desta sepultura,
E em figura de cinza os acharão.

ECLOGA IV.

Fronoso, & Duriano.

C Antão do por hum valle docemente
 Decião dous pastores, quando Febo
 No Reyno de Neptuno se escondia:
 De idade cada hum era mancebo,
 Mas velho no cuidado, & descontente,
 Do que lhe elle causava parecia:
 O que cada hum dizia,
 Lamentando seu mal, seu duro Fado,
 Nam sou eu tam oufado,
 Que o ouse a cantar sem vossa ajuda;
 Porque se a minha ruda
 Erauta deste favor vosso for digna,
 Posso escusar a fonte Caballina.

Em vós tenho Helicon, tenho Pegaso,
 Em vós tenho Caliope, em vós Thalia,
 E as outras sete irmãs co fero Marte,
 Em vós perde Minerva sua valia,
 Em vós estão os louhos de Parnaso,
 Das Pierides em vós se encerra a arte,
 Co a mais pequena parte,
 Senhora, que me deis de ajuda vossa,
 Podeis fazer, que eu possa
 Escurecer ao Sol resplandecente,
 Podeis fazer, que a gente
 Em mi do grao poder vosso se espante,
 E que vossos louvores sempre cante.
 Podeis fazer, que creça d'hora em hora

O nome Lusitano, & faça enveja
A Smirna, que de Homero se engrandece,
Podeis fazer tambem, que o mundo veja
Soar na ruda frauta, o que a sonora
Cithara Mantuana, só merece,
Já agora me parece,
Que podem começar os meus pastores
Tratar de seus amores,
Porque inda que presentes nam estejam,
As que elles ver desejão
Mudança do lugar, menos de estado,
Nam muda hum coração de seu cuidado,
Já deixava dos montes a altura,
E nas salgadas ondas se escondia
O Sol, quando Frondoso, & Duriano,
Ao longo de hum ribeiro, que corria
Pela mais fresca parte da verdura,
Claro, suave, & manso todo o anno,
Lamentando seu dano,
Vinha já recolhendo o manso gado,
E hum estando calado,
Em quanto hum pouco o outro se queixava,
Apoz elle tornava
A dizer de seu mal, o que sentia,
E em quanto elle fallava, o outro ouvia.

Vinhaõse alli queixando aos penedos,
Aos silvestres montes, & aspereza,
Que quasi de seus males se dobião,
Alli as pedras perdião sua dureza,
Alli os correntes rios estar quedos,
Prontos a suas queixas parecião,
E só, as que podião

Eltes males curar, que ellas causavão,
O ouvido lhe negavão,
Por perderem de todo a esperança,
Mas elles, que mudança
De amor com tantos males nam fazião,
Fallando inda com ellas lhes dizião.

Fronoso.

Isto he o que aquella verdadeira
Fê, com que te amei sempre, merecia,
Sem nunca te deixar hum só momento?
Como, cruel Belisa, te esquecia
Hum mal, cuja esperança derradeira
Em ti só tinha posto seu assento?
Nam vias meu tormento?
Nam vias tu a fê, com que te amava?
Porque nam te abrandava,
Este amor, que me tu tam mal pagaste?
Mas pois já me deixaste,
Co a esperança de ti toda perdida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Se os males, que por ti tenho soffrido,
(O Silvana em meus males tam constante)
Quiseras, que algũa hora te dissers,
Ainda, que de duro diamante,
Fora teu cruel peito endurecido,
Creo, que a piedade te movera,
Já agora em branda cera
Os montes são tornados, & os penedos,
E os rios, que estão quedos,
Sentirão meus suspiros, minhas queixas,
Tu só, cruel, me deixas,

Que

Que es mais, que montes, & penedos dura,
E fugitiva mais, que a agoa pura.

Fronoso.

Onde está aquella falla, que sohia
Sò com seu doce tom, que me chegava
Avivarme os espiritos cansados?
Onde está o olhar brando, que cegava
O Sol resplandecente ao meyo dia?
Onde estão os cabellos delicados,
Que ao vento espalhados,
Escureciaõ o ouro, & a mim matavaõ?
E a quantos os olhavaõ,
Causavaõ tambem nõvos accidentes?
Porque cruel consentes,
Que goze outro da gloria a mi devida?
Perca quem te perdeu tambem a vida.

Duriano.

Nenhum bem vejo, que a meu mal espere,
Senam se he esperar, que morte dura,
Emfim me venha dar tua saudade,
Vejo faltarme a tua fermosura,
A vontade me diz, que desespero,
Contradizme a razao esta vontade;
Diz, que nũa beldade,
Em quem mostrou o cabo a natureza,
Nam ha tanta crueza,
Que a hum tam firme amor desprezar queira,
E hũa se verdadeira,
Mas tu, que de razao nunca curaste,
Porque era dar-me a vida, ma tiraste.

Frondoso.

A quem, Belisa ingrata, te entregaste?
 A quem deste, cruel, a fermosura,
 Que sò a meu grão tormento se devia?
 Porque hũa fê deixaste firme, & pura?
 Porque tam sem respeito me trocaste,
 Porque sò nem olhar te merecia?
 E o bem, que te quera,
 Que nunca perderei senam por morte,
 Nam he de mayor sorte,
 Que quanto a cega gente estima, & preza?
 Sò a tua crueza,
 Foi nisto contra mim endurecida,
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Levasteme meu bem num sò momento,
 Levasteme com elle juntamente,
 De cobrallo já mais a confiança,
 Deixasteme em lugar delle sòmente,
 Hũa continua dor, & hum tormento,
 Hum mal, de que nam pòde haver mudança,
 Tu que eras a esperança
 Dos males, que me tu cruel causaste,
 De todo te trocaste,
 Com Amor conjurada em minha morte,
 Porém se minha sorte
 Consente, que por ti seja caçada,
 Morte nam foi mais bemaventurada.

Frondoso.

Nam naceste de algũa pedra dura,

Nam

Nam te gèrou algũa tigre Hircana,
Nam foi tua criação entre a rudeza,
A quem, cruel, sahiste deshumana?
No Ceo formada foi tua fermosura,
Onde a mesma brandura he natureza:
Esta tua dureza,
Donde teve principio, ou a tomaste?
Porque dura engeitaste
Hum verdadeiro amor, que tu bem vias?
Afè, que conhecias,,
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Vaife co' seu pastor o manso gadô,
Porque de amor entende aquella parte,
Que a natureza irracional lhe ensina,
O rustico Leão sem nenhũa arte,
Do instinto natural sô ensinado,
Aonde sente amor alli se inclina,
E tu, que de divina
Nam tens menos, que Venus, & Cupido,
Porque se quer co' ouvido,
Hum amor verdadeiro nam soccorres?
Ou porque te nam corres
Que te vença o Leão em piedade,
Se Venus nam te vence na beldade?

Fronoso.

A mim nam me faltava, o que se preza,
Entre os celestes Deoses, que formárao
A tua mais que humana fermosura,

Em mim os voluntarios Ceos faltàraõ,
 Em mim se perverteo a natureza
 De hũa cruel fermosa creatura;
 Mas pois, Belisa dura,
 Que do mais alto Ceo a nòs vieste,
 Em teu peito celeste
 Hum tal contrario pôde aposentar-se;
 Nam he contrario achar-se
 Tamanha fé, tam mal agradecida?
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriana.

Por ti a noite escura me contenta,
 Por ti o claro dia me aborrece,
 Abrolhos para mi são frescas flores;
 A doce Filomela me entristece,
 Todo o contentamento me atormenta,
 Com a contemplação de teus amores;
 As festas dos pastores,
 Que podem alegrar toda a tristeza,
 Em mim tua crueza
 Faz, que o mal cada hora vâ dobrando;
 Oh cruel, atê quando
 Durará em ti hum aborrecimento?
 E a vida em mim, que sofre tal tormento.

Fronoso.

Fugiste de hum amor tam conhecido;
 Fugiste de hũa fê tam clara, & firme,
 E fugiste, a quem nunca conheceste:
 Nam por fugir de amor, mas por fugirme;
 Que bem vias, que tinha merecido

O amor;

O amor, que tu a outrem concedeste;
A mi nam me fizeste
Nenhũa semrazão, que bem cõheço,
Que tanto nam mereço:
Fizeste à quelle bem firme, & sincêro,
Que sabes, que te quero,
Em lhe tirar a gloria merecida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Crece cada hora em mim mais o cuidado;
E vejo, que em ti crece juntamente,
Cada hora mais de mim o esquecimento:
Oh Silvana cruel, porque consente
O teu feminil peito delicado,
Esquecerlhe hum tam aspero tormento?
Tal aborrecimento
Merece hum capital teu inimigo,
Namja eu, que sò contigo
Estou contente, & nada mais desejo:
Se algũa hora te vejo,
Tu es hum só bem meu, hũa só gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

Fronoso.

Olhos, que viraõ já tua fermosura,
Vida, que sò de verte se sostinha,
Vontade, que em ti era transformada,
Hũa alma, que a tua em si sò tinha,
Tam unida consigo, quanto a pura
Alma co debil corpo està liada;
E agora apartada

Se vê de si com tal apartamento,
 Qual será seu tormento?
 Qual será aquelle mal, que tem presente?
 Mayor he, que o que sente
 O triste corpona ultima partida:
 Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Regendo noutro tempo o manso gado,
 Tangendo minha frauta nestes vales,
 Passava a doce vida alegremente:
 Nam sentia o tormento destes males,
 Menos sentia o mal deste cuidado,
 Que tudo então em mim era contente:
 Agora nam sómente
 Desta vida suave me apartaste,
 Mas outra me deixaste,
 Que ao duro mal, que sinto cá no peito,
 Me tem já tam affeito,
 Que sinto já por gloria minha pena,
 Por natureza o mal, que me condena.

Frondoso.

Juntamente viver compridos annos,
 Os Fados te concedão, que quizerão
 Ajuntarte com tal contentamento:
 Pois os bês todos para ti nascerão,
 Tormentos para mim, males, & danos,
 Logra tu só teu bem em meu tormento,
 Nenhum apartamento,
 Belisa, me fará deixar de amarte,
 Porque em nenhũa parte

Puderas nunca estar sem mim hũa hora;
Consente pois agora,
Que em pago desta fê tam conhecida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

Duriano.

Vejate eu, crúa, amar, quem te desame,
Porque saibas, que coufa he ser amada,
De quem tu aborreces, & desprezas:
Vejate eu ser ainda desprezada,
De quem tu mais desejas, que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas:
Sintas tuas durezas,
E quanto pôde o seu cruele effeito,
Num coração sogeito,
Porque em sentindo o mal, que eu sinto agora:
Espero, que algũa hora,
Faça o teu proprio mal de mim lembrarte
Já que nam podeo meu nunca abrandarte.

Fronoso.

Mil annos de tormento me parece
Cada hora, que sem ti, & sem esperança,
Vivo de poder mais tornar a verte;
Sustentame esta vida tua lembrança,
A vida sobretudo me entristece,
A vida antes perdera, que perderes:
Mas eu se por querer te
Hum bem, que em ti sô tem seu firme assento,
Padeço tal tormento,
Que inda espera de ti, quem te desama,
Ou ao menos te ama,

Com

Com algum fallo amor, ou fé fingida?
Perca, quem te perdeo, também a vida.

Duriano.

Então, cruel, verás se te merece
Com tamanho desprezo ser tratada
Hũa alma, que de amarte só se preza;
Mas como podes tu ser desprezada,
Se o menos, que em ti fóra aparece,
Abrandar pôde montes, & al pereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate poz da fermosura,
Qual será a pedra dura,
Que a teu valor resista brandamente?
Quanto mais fraca gente
Que ao humano parecer nam se defende,
E a mesma Venus Deosa ao teu se rende.

Fronoso.

E pois fê verdadeira, amor perfeito,
Tormento desigual, & vida triste,
Junta com hum continuo sofrimento,
E hum mal, em que todo o mal consiste,
Nam pudêraõ mover teu duro peito,
A mostrares se quer contentamento.
De veres meu tormento,
Mas antes isto tudo desprezaste,
E a outrem te entregaste,
Por me nam ficar nada, em que esperasse,
Senam quando acabasse
A vida, que a meu mal he tam cumprida,
Perca, quem te perdeo, também a vida.

Duria-

Duriano.

Longo curso de tempo, & apartado
Lugar, a hum coração, que está entregue,
Nam pôdem apartar de seu intento;
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Nam vês, que teu fugir he escusado,
Que sem mim nunca estás hum só momento?
Nenhum apartamento
(Inda, que a alma do corpo se me aparte)
Poderà ausentarte
Desta alma triste, que continuamente
Em si te tem presente;
Torna cruel, nam fujas, a quem te ama,
Vem dar a morte, ou vida, a quem te chama.

A noite escura, triste, & tenebrosa,
Que já tinha estendido o negro manto,
De escuridade a terra toda enchendo,
Fez pôr a estes pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa,
Vinhaõ seu manso gado recolhendo,
Se aquillo que eu pretendo
Deste trabalho haver, que he todo vosso,
Senhora, alcançar posso,
Nam será muito haver tambem a gloria,
E o lauro da vitoria,
Que Virgilio procura, & haver pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vòs se rende.

ECLOGA V.

De sua puericia.

A Quem darei queixumes namorados,
Do meu pastor queixoso namorado?
Abranda voz, suspiros magoados,
A causa, porque n'alma he magoados?
De quem serão seus males consolados,
Quem lhe fará devido galalhado?
Só vós, senhor fermoso, & excellente,
Especial em graças entre a gente.

Por partes mil lançando a fantasia,
Busquei na terra, estrella, que guiasse
Meu rudo verso, em cuja companhia
A santa piêdade sempre andasse
Luzente, & clara, como a luz do dia,
Que o rude engenho meu me alumiasse,
Em vossas perfeições, grão senhor, vejo,
Ainda além cumprido o meu desejo.

A vós se dem, a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho, & arte,
De hum espirito divino acompanhado,
Dos sobrehumanos hum em toda a parte:
Em vós as graças todas se haõ juntado,
De vós em outras partes se reparte;
Sois claro rayo, sois ardente chama,
Gloria, & louvor do tempo, azas da Fama.

Em quanto eu aparelho hum novo espirito
Evoz de Cisne tal, que o mundo espante,
Com que de vós, senhor, em alto grito,

Lou

Louvores mil em toda a parte cante:
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vacas, & gado petulante;
Que quando tempo for em melhor modo,
Ha me de ouvir por vòs o mundo todo:

As vís querelas brandas, & amorosas,
Sejão de vòs tratadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Sahidas com suspiro vivo, & ardente,
Que em vossas mãos se entregão valerosas:
Para depois viverem entre a gente,
Chorando sempre a antiga crueldade,
E os corações moverem a piêdade.

Já declinava o Sol contra o Oriente,
E já do dia o mais era passado,
Quando o pastor co grave mal, que sente,
Por dar alivio em parte a seu cuidado,
Se queixa da pastora docemente,
Cuidando de ninguem ser escutado,
Eu, que o ouvi, n'ua arvore escrevia
As magoas, que cantou, & assi dizia.

Ou tu no monte Caucazo es nacida,
Ou marmor te pario, fermosa, & dura,
Que nam pôde ser seja concebida
Dureza tal de humana creatura:
Ou es quiçã em pedra convertida,
E tês da natureza tal ventura;
Porèm nam fez em ti boa impressão,
Sô de marmor tornarte o coração.

Já esta minha voz rouca, & chorosa,
A gente mais remota moveria,
E se soltasse a vea lagrimosa,

Os Tigres em Hircania amansaria:
Senam foras cruel quanto fermosa,
Meu longo suspirar te abrandaria,
Mas suspirar por ti, & bem quererte,
Que fazem, senam mais endurecerte?

Se deixàras vencer a crueldade:
De tua tam perfeita fermosura,
Hum pouco, viras bem minha vontade,
E viras esta fê tam limpa, & pura:
Por ventura, que houveras piedade,
E tivera eu quiçã melhor ventura,
Mas nunca achou igual tua belleza,
Senam se foi em ti tua dureza.

Já hum peito abrandára, que nam fente
Meu duro, & grave mal, segundo he forte,
Se descera ao inferno fero, & ardente,
Movera á piedade a mesma morte;
Se hũa só gota de agoa brandamente
Torna brando hum penedo duro, & forte,
Tantas lagrimas minhas nam farão
Hum pequeno final num coração?

Na testa renho fonte viva de agoa
Que por meus olhos tristes se derrama,
No peito està de fogo viva fragoa,
Que tudo em si converte, & tudo inflama:
Amor ao derredor, por mayor magoa,
Voando, mais acende a ardente chama,
E se ques ver se ardentes são seus tiros,
Olha se são ardentes meus suspiros.

Quando grita, & rumor grande se fente,
Que se acende algum fogo em casa, ou torre,
De pura compaixão vai toda a gente

Gritan-

Gritando, agoa ao fogo, & cada hum corre,
Assi anda meu peito em chama ardente,
E co a agoa dos olhos se focorre,
Que quem me abraça, outra agoa me defende,
Porque com esta o fogo mais se acende.

Quando vemos, que sae lá no Oriente
O Sol, seu curso antigo começando,
Fermoso, intenso, puro, & refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando:
Quando de nós se esconde no Ponente,
E noutras terras sae alumando,
Sempre em quanto vai dando ao mundo giro,
Por ti meus olhos choraõ, & eu suspiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
Vem, acabado, a noite, em que descança,
Trabalha na tormenta o mareante,
Goza o dia sereno, & de bonança:
Recobra o anno fertil, & abundante
Na terra o lavrador, se nella cança,
Mas eu de meu trabalho, & mal tam forte
Tormento espero em fim, & crua morte.

De ouvir meu mal as rosas matutinas,
Com dõ de mi se cerraõ, & enmurhecem,
Com meu suspiro ardente as cores finas
Perdem o cravo, & lirio, & nam florecem:
Co a roxa Aurora as pallidas boninas
Em vez de se alegrarem, se entristecem,
Deixa leu canto Progne, & Filomena,
Que mais lhe doe, que a sua, a minha pena.

Responde o monte concavo a meus ays,
E tu como aspid cerraslhe o ouvido,
As arvores do campo, os animaes,

Mostraõ

Mostrão sentir meu mal, sem ter sentido:
E a ti as minhas dores desiguais,
Nam movem esse peito endurecido:
Por mais, & mais que chamo, nam respondes,
E quanto mais te busco, mais te escondes.

Naquella parte adonde costumavas
Apacentar meus olhos, & teu gado,
Alli onde mil vezes me mostravas,
Ser eu de ti o Pastor mais desejado,
Mil vezes te busquei, por ver te davas:
Ainda algum descanso a meu cuidado,
No campo em vão te busco, & busco o monte,
Qual o ferido cervo busca a fonte.

Este lugar de ti defemparedado,
Com cujas sombras frias já folgaste,
Agora triste, & escuro he já tornado,
Que todo o bem contigo nos levaste:
Tu eras nosso Sol mais desejado,
Nam tempos luz, depois que nos deixaste,
Torna, meu claro Sol, vem já meu bem,
Qual he o Josué, que te detem?

Depois que deste valle te apartaste,
Nam paze o manso gado com secura,
Secouse o campo, des que lhe negaste,
Dos teus fermosos olhos a luz pura:
Secouse a fonte, donde já te olhaste,
Quando menos, que agora, aspera, & dura,
Nega sem ti a terra dando gritos,
Pasto ás cabras, & leite aos cabritos.

Sem ti, doce cruel, minha inimiga,
A clara luz, escura me parece,
Este ribeiro, quando amor me obriga,

Com meu chorar por ti continuo crece,
Nam ha fera, que a fome nam perfiga,
Nem o campo sem ti já nam floresce,
Cegos estão meus olhos, já nam vem,
Pois que nam pôdem ver meu claro bem.

O campo como dantes nam se esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas,
Nam vem ao pasto, & sentem da agoa a falta
As mansas, & pacificas ovelhas:
Tambem, cruel, contigo, o Ceo lhe falta,
Nam achão flor melifluas abelhas,
Com lagrimas, que manam dos meus olhos,
A terra nos produz duros abrolhos.

Torna pois já, pastora, a este prado,
E restituirás esta alegria,
Alegrarás o monte, o campo, & gado.
Alegrarás tambem a fonte fria:
Torna, vem já, meu sol, tam desejado,
Farás a noite escura claro dia,
E alegre já esta magoada vida,
Em tua ausencia toda consumida.

Vem como quando o rayo transparente,
Deste nosso Orizonte, que escondido
Deixa hum certo temor à mortal gente,
Que lhe causa ver o orbe escurecido,
E quando torna a vir claro, & luzente,
Alegra o mundo todo entristecido,
Assi he para mim tua luz pura
Claro Sol, & a ausencia noite escura.

Tu esquecida já do bem passado,
E do primeiro amor, que me mostraste,
Teu coração de mim tens apartado,

E tambem o lugar desempaſtaſte:
 Nam te quero eu a ti, mais que a meu gado?
 Nam ſou eu meſmo aquelle, que tu amaſte?
 Pois onde mereci tam graõ deſvio?
 Ouveme, pois me vês já morto, & frio.

Bem vês, que por amor ſe move tudo,
 E nam ha, quem de amor ſe veja izento,
 O animal mais ſimples baixo, & redo,
 O de mais levantado pensamento:
 Atê debaixo da agoa o peixe mudo,
 Là tem de amor tambem ſeu movimento,
 A ave, que no ar cantando voa,
 Tambem por outra ave ſe afeiçoa.

A muſica do leve paſſarinho,
 Que ſem concerto algum folta, & derrama,
 Dum raminho ſaltando a outro raminho,
 Cantando com amor, ſuspira, & chama:
 Em quanto em ſeu amado, & doce ninho
 Nam acha aquelle, a quem ſò busca, & ama,
 Nam cessa do trabalho, que tomára,
 Tendo ſò ſeu deſcanſo, em quem achára.

A fera, que he mais fera, & o Leão,
 Sempre acha outro Leão, & outra fera,
 Em quem poſſa empregar hũa afeiçãõ,
 Que lhe a converſaçãõ no peito gèra:
 Tambem ſabe ſentir ſua paixãõ,
 Tambem ſuspira, morre, & deſeſpera,
 Acena, ſalta, brada, ferve, & geme,
 E, nam temendo nada, amor ſò teme.

O cervo, que eſcondido, & emboſcado,
 Temendo o cubiçoſo caçador,
 Eſtã na ſelva, monte, boſque, ou prado,

Alli onde anda, & vive, vive amor;
De amor, & de temor acompanhado,
Com justa causa amor tem, & temor,
Temor, de quem alli ferilo vinha,
E amor, a quem já ferido o tinha.

Se o animal insensível, que nam sente,
Tambem sente de amor a frecha dura,
Porque te nam abranda o fogo ardente,
Que procede de tua fermosura?
Porque escondes a luz do Sol á gente,
Que nesses olhos trazes bella, & pura?
Mais bella, mais suave, & mais fermosa,
Que lirio, que jasmin, que cravo, & rosa.

Póde ser se me viras, que sentiras,
Ver desfazer hum peito em triste pranto,
E bem pouco fizeras se me viras,
Já que eu sò por te ver suspiro tanto:
As magoas, & suspiros, que me ouviras,
Te puderão mover a grande espanto,
A dor, a piedade, & sentimento,
E a mais, que para mais he meu tormento.

Os pensamentos vão ao vento leve,
O suspirar em vão tambem ao vento,
O esperar à calma, à chuva, à neve,
E nam te poder ver hum sò momento:
Tormento he, que sómente a ti se deve,
E se pôde inda haver mayor tormento,
Quem te vio, & se vê de ti ausente,
Muito mais passará mais levemente.

Faz moísta a pedra dura em sua dureza,
Co agoa, que lhe toca brandamente,
Ablanda o ferro forte a fortaleza

Se lhe toca também o fogo ardente:
 Sd em ti nam conheço a natureza,
 Que a ser de pedra, ferro, ou de serpente,
 Já teu peito cruel fora desfeito,
 Ou do fogo, ou das lagrimas, que deito.

Quando a fermosa Aurora mostra a fronte,
 Alegria toda a terra vendo o dia,
 Quando F. bo aparece no Orizonte,
 Manifesta também grande alegria:
 Contento come o gado ao pé do monte,
 Alegre vai beber à fonte fria,
 Tudo contente está, & alegre tudo,
 Eu só, sd pensativo, triste, & mudo.

Se da alma, & do corpo tês a palma,
 E do corpo sem alma nam tês dõ,
 Ha dõ do corpo só, que está sem alma,
 Pois sem alma nam vive o corpo só:
 Em a chama, no ardor, no fogo, & calma,
 Na afeição, no querer, eu sou hum só,
 Nam acharàs vontade, mais cativa,
 Nem outra como a tua, tam esquivã.

Se te apartas por nam ouvir meu rogo,
 Onde estiveres te ei de importunar,
 Posto que vás por agoa, ferro, ou fogo,
 Contigo em toda a parte me has de achar:
 Que o fogo, em q arso, & a agoa, em q me afogo,
 Em quanto eu vivo for ha de durar,
 E o nò, que me tem preso, he de tal sorte,
 Que nam se ha de soltar em vida, ou morte.

Neste meu coração sempre estaràs,
 Em quanto a alma estiver com elle unida,
 Meu espirito também possuiràs,

Despois que a alma do corpo for partida:
Por mais, & mais, que faças, nam farás,
Que nam te ame nesta, & na outra vida,
Impossivel será, que eternamente
Estes de mi ausente, estando ausente.

Cà me acompanhará tua memoria,
Se o nó, que se diz do esquecimento,
Da minha, nam borrar tam longa historia,
Tam grave mal, tam duro apartamento:
Atè quando te veja entrar na gloria,
Vivirei num continuo sentimento,
E ainda então irá, se isto ser possa,
Esta minha alma lá servir a vossa.

Aqui com grave dor, com triste acento,
Deo o triste pastor fim a seu canto,
Co rosto baixo, & alto o pensamento,
Seus olhos começarão novo pranto:
Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiedou no Ceo o coro santo,
As circumstantes selvas se abaixarão,
De dô das tristes magoas, que escutarão.

Com hũa mão na face, & encoftado,
Em sua dor tam enlevado estava,
Que como em grave sono sepultado,
Nam vio o Sol, que já no mar entrava:
Berrando andava em roda o manso gado,
Que o seguro curral já desejava,
Nas covas as raposas, & em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Jà sobre hum seco ramo estava posto
O mocho, com funesto, & triste canto,
A cujo som o pastor ergueo o rosto,

E vio a terra envolta em negro manto:
 Quebrando entã o fio a seu desgosto,
 Mas nam quebrando o fio a seu pranto,
 Para melhor cuidar em seu cuidado,
 Levou para os curraes o mau gado.

ECLOGA VI.

AO DUQUE DE AVEIRO.

*Alicuto pescador.**Agrario pastor.*

A Rustica contenda desusada,
 Entre as Musas do bosque, & das arêas,
 De seus rudos cultores modulada,
 A cujo som attonitas, & alheas
 Do monte as manhas vacas estiverão,
 E do rio as saxatiles lampreas:
 Desejo de cantar, que se moverão
 Os troncos as avenas dos pastores,
 E os filvestres brutos suspenderão:
 Nam menos o cantar dos pescadores,
 As ondas amansou já do alto pégo,
 E fez ouvir os mudos nadadores:
 E se por sustentar-se o moço cego
 Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
 O que he mais proprio no ocio, & no sossego.
 Mais maravilhas dando â voz da Fama,
 No mesmo mar undoso, & vento frio,
 Brasas vivas acende a roxa flama.
 Vos ó ramo d'hum tronco alto, & sombrio.

Cujá

Cujá frondente coma já cobrio
 De Luso todo o gado, & senhorio,
 E cujo são madeiro já sahio
 A lançar a forçosa, & larga rede,
 No mais remoto mar, que o mundo vio.
 E vós cujo valor tam alto excede,
 Que a cantalo com voz alta, & divina,
 A fonte de Parnaso move a sede:
 Ouvi da minha humilde çanfonina,
 A harmonia, que vós alevantais:
 Tanto, que de vós mesmo a fazeis dina.
 E se agora, que afavel me escutais,
 Nam ouvirdes cantar com alta tuba,
 O que vos deve o mundo, que dourais:
 Se os Reys, avós vossos, que de Juba
 Os Reynos devassãrão, nam ouvís,
 Que nas azas do verso excello suba:
 Senam sabem as frautas pastoris,
 Pintar de Toro os campos semeados,
 De armas, de corpos fortes, & gentis,
 Por hum moço animoso sustentados,
 Contra o indomito pay de toda Espanha,
 Contra a Fortuna van, & injustos Fados.
 Hum moço, cujo esforço, animo, & manha
 Fez do Olimpo decer o duro Marte,
 E darlhe a quinta Esfera, que acompanha:
 Senam sabem cantar a menor parte
 Do sapiente peito, & grão conselho,
 Que pôde, ò Rayno illustre, descansar-te.
 Peito, que o douto Apollo fez vermelho,
 Deixar o sacro monte, & as nove irmãs,
 Diz que a elle se affitem, como a espelho:

Sabe

Saberão sô cantar as suas vãs
Contendas de Alicuto vil, & Agrario,
Hum de escamas cuberto, outro de lãs.

Vereis, Duque sereno, o estilo vario
A nòs novo, mas noutro mar cantado,
D'hum que só foi das Musas secretario.

O pescador Sincero, que amansado
Tem o peito de Pocrita co canto,
Pelas sonoras ondas compassado.

Deste seguindo o som, que póde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façaos novo estillo, & novo pranto.

Partirase do monte Agrario insano,
Para onde a força sô do pensamento
Lhe encaminhava o laço pelo humano;

Embebido num longo esquecimento
De si, & do seu gado, & pobre fato,
Apos hum doce sonho, & fingimento.

Rompendo as filvas horridas do mato
Vai por cima de outeiros, & penedos,
Fugindo em fim de todo humano trato.

Ante os seus olhos leva os olhos lê dos
Da branca Dinamene, que enverdece
Sô co meneo os valles, & os rochedos.

Ora se ri consigo, quando tece
Na fantasia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo se entristece:

Qual a tenra novilha, que corrido
Tem montanhas fragosas, & espessuras,
Por buscar o cornigero marido:

E cansada nas humidas verduras
Cahir se deixa ao longo do ribeiro,

Já quando as sombras vem decendo escuras.

E nem co a noite ao valle seu primeiro,

Se lembra de tornar, como sohia,

Perdida pelo bruto companheiro:

Tal Agrario chegado em fim se via,

Onde o graõ pègo horrifono suspira,

Nũa praya arenosa, humida, & fria.

Tanto que ao mar estranho os olhos vira,

Tornando em si de longe ouvio tocar-se

De douda mão, nam vista, & nova lyra.

Pelo som desusado desviar-se,

Para onde mais soava, desejando

De ouvir, & conversar, & de provar-se.

Nam tinha muito espaço andado, quando

Nũa concavidade de hum penedo,

Que pouco, & pouco fora o mar cavando:

Topou hum pescador, que pronto, & quedo

Nũa pedra assentado brandamente

Tangendo, fazia o mar sereno, & lêdo.

Mancebo era de idade florecente,

Pescador grande do alto, conhecido

Pelo nome de toda a humida gente.

Alicuto se chama, que perdido

Era pela fermosa Lemnoria,

Ninfa, que tem o mar ennobrecido.

Por ella as redes lança noite, & dia,

Por ella as ondas tumidas despreza,

Por ella sofre o Sol, & a chuva fria.

Co seu nome mil vezes a braveza

Dos ventos feros amansou co verso,

Que remove das rochas a dureza.

E agora em som de voz suave, & terço,

Está

Està seu nome aos eccos ensinando,
Por estilo do agreste som diverso:

Do qual Agrario attonito afrouzando
Da fantasia hum pouco seu cuidado,
Suspenso esteve, os numeros notando,
Mas Alicuto vendose estorvado

Pelo pastor da musica divina,
Alevantando o rosto soffegado,

Lhe diz affi: Vaqueiro da campina,
Que vês buscar as arenosas prayas,
Onde a bella Anfitrite só domina?

Que razão ha pastor, porque te sayas
Para o nosso escamoso, & vil terreno,
Dos mui floridos myrtos, & altas fayas?

Que se agora o mar vês brando, & sereno,
E estenderem se as ondas pela arêa,
Amanhadas das agoas, com que peno:

Logo veràs o como desenfrea
Eolo o vento pelo mar undoso,
De sorte, que Neptuno o arrecea.

Responde Agrario, ò musico, & amoroso
Pescador, eu nam venho a ver o lago
Bravo, & quiêto, ou vento brando, & iroso;

Mas o meu pensamento, com que apago
As flamas ao desejo, me trazia
Sem ouvir, & sem ver suspenso, & vago.

Atè que a tua angelica armonia
Me acordou, vendo o som, com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.

Mas se de verme cà no mar te espantas,
Eu me espanto tambem do estillo novo,
Com que as ondas horrifonas quebrantas.

O qual,

O qual, posto que certo, louvo, & aprovo,

Desejo de provar contra o silvestre

Antigo pastoril, que eu mal renovo,

E tu, que no tocar pareces mestre,

Pódes julgar se he clara a differença

Entre o canto marítimo, & o campestre,

Nam ha, disse Alicuro, em mi derença,

Mas antes alvoroço, inda que veja,

Que essa tua confiança sò me vença.

Mas porque saibas, que nenhũa enveja

Os pescadores temos aos pastores,

No som, que pelo mundo se deseja:

Toma a lyra na mão, que os moradores

Do vitreo fundo vejo já juntarse,

Pera ouvir nossos rusticos amores.

E bem vês pela praya apresentar-se

Nas conchas varia cor à vista humana,

E o mar vir por entre ellas, & tornar-se,

Soffegada do vento a fúria insana,

Encrespa brandamente o ameno rio,

Que aqui de seu licor mistura, & dana.

Este penedo concavo, & lombrio,

Que de cangrejos ves estar cuberto,

Nos dá abrigo do Sol quieto, & frio.

Tudo nos mostra em fim repouso certo,

E nos convida ao canto, com que os mudos

Peixes saem ouvindo ao ar aberto.

Assi se desafiaõ estes rudos

Poetas, nos officios discrepantes,

Nos engenhos porèm sutis, & agudos.

E já mil companheiros circunstantes

Estavão para ouvir, & aparelhavão

Ao vencedor os premios semelhantes,
 Quando já as lyras subito tocavão,
 Agrario começava, & da armonia
 Os pescadores todos se admiravão;
 E desta arte Alicuto respondia.

Agrario.

Vós semicapro Deoses do alto monte,
 Faunos longevos, Satyros, Sylvanos,
 E vós Deosas do bosque, & clara fonte,
 Ou dos troncos, que vivem largos annos,
 Se tendes pronta hum pouco a sacra fronte
 A nossos versos rusticos, & humanos,
 Ou me dai já a coroa de loureiro,
 Ou penda a minha lyra dum pinheiro.

Alicuto.

Vós humidas deidades deste pêgo,
 Tritões ceruleos, Proteo, com Palemo,
 Vós Nereidas do sal, em que navego,
 Por quem do vento as furias pouco temo:
 Se ás vossas ricas áras nunca nego,
 O congro nadador na pá do remo,
 Nam confintais, que a musica marinha,
 Vencida seja aqui na lyra minha.

Agrario.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
 Que do Sol as carretas move, & guia,
 Ouvio o rico Anfriso a lyra douro,
 Que o seu sacro inventor alli tangia:
 Jo foi vaca, Jupiter foi touro,

Manfas

Manfas ovelhas junto da agoa fria
Guardou o bello Adonis, & tornado
Em Bezerro Neptuno foi já achado.

Alicuto.

Pescador já foi Glauco, o qual agora
Deos he do mar, & Proteo Focas guarda
Naceo nõ pègo a Deosa, que he Senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda:
Se foi bezerro o Deos, que o mar adora,
Tambem já foi Delfim, & quem resguarda
Verà, que os moços pescadores erão,
Que o escuro enima ao vate dêraõ.

Agrario.

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei,
A doce Filomela, & dos murtinhos,
Para ti, fera, as flores apanhei:
E se os crespos medronhos nos raminhos,
A ti com tanto gofio apresentei,
Porque nam dás a Agrario desditoso,
Hum sô revolver de olhos piedoso?

Alicuto.

Para quem trago de agoa em vaso cavo
Os curvos camarçes vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruivas cavo,
Na praya os secos buzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bravo
Os ramos de coral venho arrancando,
Senam para a fermosa Lemnoria,
Que cum só riso a vida me daria?

Agra:

Agrario.

Quem vio o desgrenhado, & crespo inverno
 De altas nuves vestido, horrído, & feo,
 Ennegrecendo a vista o Ceo superno,
 Quando os troncos arranca o rio cheo:
 Rayos, chuvas, trovoês, hum triste inferno,
 Mostra ao mundo hum pallido receo,
 Tal he o amorcioso, a quem suspeita,
 Que outrem de seus trabalhos se aproveita.

Alicuto.

Se alguém vio pelo alto o sibilante
 Furor, deitando flamas, & bramidos,
 Quando as pasmosas ferras tras diante,
 Horrído aos olhos, horrído aos ouvidos,
 A braços derrubando o já nutante
 Mundo, cos elementos destruidos;
 Assi me representa a fantasia,
 A desesperação de ver hum dia.

Agrario.

Minhã alva Dinamene, a Primavera,
 Que os campos deleitosos pinta, & veste,
 Erindose hũa cor aos olhos gêra,
 Com que na terra vem o arco celeste,
 O cheiro, rosas, flores, a verde era,
 Com toda a fermosura amena agreste,
 Nam he para meus olhos tam fermosa,
 Como a tua, que abate o lirio, & rosa.

Alicuto.

Alicuto.

As conchinhas da praya, que apresentão
A cor das nuves, quando nace o dia,
O canto das Sirenas, que adormentão,
A tinta, que no murice se cria;
Navegar pelas agoas, que se assentão
Co brando bafo, quando a festa he fria,
Nam pôde Ninfa minha assi a prazermes,
Como verte hũa hora alegre verme.

Agrario.

A Deosa, que na Lybica alagoa
Em forma virginal appareceo,
Cujos nome tomou, que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do Ceo:
Garços os tem, mas hũa, que a coroa
Das fermosas do campo mereceo,
Da cor do campo os mostra graciosos,
Quem diz, que nam são estes os fermosos?

Alicuto.

Perdoem-me as deidades, mas tu diva,
Que no liquido marmor és gérada,
A luz dos olhos teus celeste, & viva,
Tês por vicio amoroso atravessada:
Nos petos lhes chamamos, mas quem priva
De luz o dia baixa, & sossegada,
Traz a dos seus nos meus, que o nam nego,
E com tudo isso ainda assi estou cego.

Assi cantavão ambos os cultores
Do monte, & praya, quando os atalhárão,

A hum pastores, a outro pescadores.

E quaesquer a seu vate coroárao
De capellas idoneas, & fermolas,
Que as Ninfas lhe tecerao, & ordenárao.

A Agrario de murtinhos, & de rosas,
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios, & conchas ruivas, & lustrosas.

Estavão na agoa os peixes embebidos,
Com as cabeças fóra, & quasi em terra,
Os musicos delfins estão perdidos.

Julgárao os pastores, que na serra
O cume, & prego está do antigo canto,
Que quem o nega contra as Musas erra.

Dizem os pescadores, que outro tanto
Tem da sonora frauta, quanto teve
O campo pastoril do antigo Manto.

Mas já o pastor de Admeto o carro leve
Molhava n' agoa amára, & compellia
A recolher a roxa tardê, & breve,
E foi fim da contenda o fim do dia.

ECLOGA VII.

Das Faunos.

AS doces cantilenas, que cantavão
Os semicpros Deoses amadores
Das Napêas, que os montes habitavão,
Cantando escreverei, que se os amores
Aos silvestres Deoses maltratárao,
Já ficão desculpados os Pastores.

Vós, senhor Dom Antonio, aonde acháraõ
O claro Apollo, & Marte hum ser perfeito,
Em quem suas altas mentes affináraõ.

Se meu engenho he rudo, & imperfecto,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar com a causa o baixo effeito:

Em vós minha fraqueza se defende,
Em vós instilla a fonte de Pegaço,
O que meu canto pelo mundo estende.

Vedes as altas Musas do Parnaso,
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomandome das mãos tam alto caso;

Vedes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, & escurece,
O que em vosso louvor meu canto aspira;

Ou por me haver enveja me fallece,
Ou por nam ver soar na frauta ruda,
O que a sonora cythara merece.

Pois sei, senhor, dizer, que a lingua muda,
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co pranto ajuda:

E em quanto Galathea ao manlo vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tytiro nas sombras faz assento,

E em quanto flor ao campo nam faleça,
(Seuam recebeis isto por afronta)
Fará que o Douro, & o Ganges vos conheça.

Ejá que a lingua nisto fica pronta,
Consenti que a minha Ecloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.

No cume do Parnaso duro monte,
De silvestre arvoredor rodeado,

Nace hũa cristalina, & clara fonte,
Donde hum manso ribeiro derivado,
Por cima d'alvas pedras, mansamente
Vai correndo suave, & sossegado.

O murmurar das ondas excellente
Os passaros excita, que cantando
Fazem o monte verde mais contente.

Tam claras vão as agoas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se pôdem hũa, & hũa estar contando.

Nam se veráõ ao redor pisadas
De fera, ou de pastor, que alli chegasse,
Porque do espello monte são vedadas,

Herva nam se verá, que alli criasse
O monte ameno triste, ou venenosa,
Senam, que lá no centro as igualasse.

O roxo lirio apar da branca rosa,
A ceceem branca, & a flor, que dos amantes
A cor tem magoada, & saudosa.

Alli se vem os myrthos circumstantes,
Que a cristalina Venus encubrirão,
Da companhia dos Faunos petulantes.

Ortelan, manjarona, alli respiraõ,
Onde nem frio inverno, ou quente estio
As murchâraõ já mais, ou secas virão.

Desta arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, & o deserto,
Sempre com verdes arvores sombrio.

Aqui hũa linda Ninfa por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este alto monte era encuberto,

Cansada já da caça vindo hum dia,

Quiz descansar â sombra da floresta,
E tirar nas mãos alvas da agoa fria.

E vendo a novidade manifesta
Do sitio, & como as arvores co vento
As calmas defendião da alta festa,

Das aves o lascivo movimento,
Que em seus modulos versos occupadas
As azas dão ao doce pensamento.

Tendo notado tudo, já passadas
As horas da graõ festa se tornou
A buscar as irmãs no centro amadas.

Despois que largamente lhes contou,
Do nam visto lugar, que perto estava,
Que tanto por estremo a namorou,

Que ao outro dia fossem, lhes rogava,
A lavar-se naquella fonte amena,
Que tam fermosas agoas destilava.

Já tinha dado hum giro a luz serena,
Do graõ pastor de Admeto, & já nacia
Aos ditosos amantes nova pena,

Quando as fermosas Ninfas a porfia,
Para o lugar do monte caminhavão,
Rompendo a manhaã roxa, alegre, & fria.

De hũa os cabellos louros se espalhavão
Pelo fermoso collo sem concerto,
Com dous mil nòs suaves se enlaçavão.

Outra levando o collo descuberto,
Por mais despejo em tranças os atara,
Havendo por prezado o desconcerto,

Dinamene, & Esire a quem topàra
Nũas Febo, num rio, & encobrirão
Seus delicados corpos na agoa clara:

Sirene, & Nise, que das mãos fugirão
Do Tegeo Pan, Amanta, & mais Elysa,
Dêstras nos arcos mais, que quantas tiraõ:

A linda Daliana, com Belisa.

Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhũa tam fermosa as hervas pisa.

Todas estas angelicas donzellas,
Pelo viçoso monte alegres hiaõ,
Quaes no Ceo largo as nitidas estrellas.

Mas dous silvestres Deoses, que traziaõ
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe mais, que a sy querião:

Nam lhe ficava monte, valle, ou prado,
Nem arvore, por onde quer que andavão,
Que nam foubesse delles seu cuidado.

Quantas vezes ao rio, que passavão,
Detiverão seu curso, ouvindo os danos,
Que até os duros montes magoavão?

Quantas vezes amor de tantos annos
Abbrandâra qualquer vontade izenta,
Sem em Ninfas corações ouvesse humanos?

Mas quem de seu cuidado se contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Que Amor de alegres magoas se sustenta.

Que o moço Idalio quiz nesta ciencia,
Que se compadecessem dous contrarios,
Digao quem tiver d'elle experiencia.

Indo os Deoses emfim por montes varios
Exercitando os olhos saudosos,
Ao cristalino rio tributarios:

Toparão dũs pès alvos, & mimosos,
As pisadas na terra conhecidas,

As quaes forão seguindo pressurosos:

Mis encontrando as Ninfas, que despidas
Na clara fonte estavão, nam cuidando,
Que d'alguem fossem vistas, ou sentidas:

Deixaraõse estar quedos, contemplando

As feições nunca vistas, de maneira,
Que vissem sem ser vistos, espreitando.

Porèm a espessa mata mensageira
Da futura cilada, co rugido

Dos raminhos de hũa aspera avelreira,
Mostrando a hum dos Deoses escondido,

Todas tamanha grita levantáraõ,
Como se fosse o monte destruído.

E logo assi despidas se lançaraõ
Pela espessura tam ligeiramente,
Que mais entãõ, que os ventos avoáraõ.

Qual o bando das pombas, quando sente
A fermosa Aguia, cuja vista pura
Nam obedece ao Sol relplandecente:

Emprestalhe o temor da morte dura
Nas azas nova força, & nam párando
Cortaõ o ar, & rompem a espessura.

Desta arte vaõ as Ninfas, que deixando
De seu despojo os ramos carregados,

Nũas por entre as silvas vaõ voando,

Mas os amantes já desesperados,
Que para as alcançar em fim se viãõ,

Nada dos pés caprinos ajudados:

Com amorosos brados as seguiãõ,
Hum só, que o outro ainda nam tomava

Folego algum, da pressa que traziãõ,

Mas despois de cansado se queixava.

Primeiro Satyro.

Ah Ninfas fugitivas,
 Que só por nam usar humanidade,
 Os perigos dos matos nam temeis!
 Para que sois esquivas,
 Que inda de nòs nam peço piêdade,
 Mas dessas alvas carnes, que offendeis?
 Ah Ninfas nam vereis,
 Que Eurydice, fugindo dessa sorte,
 Fugio do amante, & nam da fera morte?
 Tambem assi Eperie foi mordida
 Da bibora escondida:
 Olhai a serpe, Ninfas, na erva verde,
 Quem a condição nam perde, perde a vida!
 Que tygre, ou que leão,
 Que peçonhenta fera venenosa,
 Ou que inimigo emfim vos vai seguindo?
 De hum brando coração,
 Que preso dessa vista rigurosa,
 De si para vòs fuge, andais fugindo?
 Olhai, que em gesto lindo,
 Nam se consente peito tam disforme:
 Senam quereis, que tudo se conforme:
 Posto que bellas na agoa vos vejais,
 A fonte nam creais,
 Que vos tras enganadas por vingança
 Desta nossa esperança, que enganais.
 Mas ah, que nam confinto,
 Que nem palavra minha vos offenda,
 Posto que me desculpa a magoa pura:

Ninfas

Ninfas digo que minto,
Que nam pôde haver nunca quem pretenda.
De desfazer em vossa fermosura:
Se amor de tanta dura,
Por tanto mal tam pouco bem merece,
Nam estranheis minha alma, que endoudece,
Que se falla doudices de improviso,
Sem tento, nem aviso,
Queira Deos, que dureza tam crecida,
Que me nam tire a vida além do siso.
Cousas grandes, & estranhas
Tem pelo mundo feito, & faz natura,
Que a quem vos nam vio, Ninfas, muito espantão.
Nas Libicas montanhas
As Scitales são feras da pintura
Tam singular, que só co a vista encantaõ,
As Hiènas levantão.
A voz tam natural á voz humana,
Que a quem as ouve facilmente engana,
Evós (ó gentis feras) cujo aspeito
O mundo tem sugeito,
Tendes da natureza juntamente,
A vista, & voz de gente, & fero o peito.
Das amorosas leys,
Com que liga natura os coraçõs,
Andais fugindo, Ninfas, na espestura?
Como nam vos correis,
Que em vós ajaõ tam duras condiçõs,
Que possaõ mais, que a provida natura?
Se vossa fermosura
He sobrenatural, nam he forçado,
Que assi tenha tambem o peito irado:

Mas

Mas antes ao amor em cuja mão
Os corações estão,
Por vossa gentileza tam fermosa,
Lhes deveis amorosa condição,
Amor he hum brando afeito,
Que Deos no mundo poz, & a natureza,
Para aumentar as cousas, que criou;
D'amor está fugeito,
Tudo quanto possui a redondeza,
Nada sem este effeito se gêrou,
Por elle conservou
A causa principal, o mundo amado,
Donde o pay famulento foi deitado,
As causas elle as ata, & as conforma
Com o mundo, & reforma
A materia, quem ha que nam o veja?
Quanto meu mal deseja sempre fôr ma.
Entre as hervas dos prados
Nam ha machos, & femeas conhecidas,
E junto hũa da outra permanece:
Nam estão carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho esforçado amadurece?
Nam vedes, que padece
Tanta tristeza a Rola pela morte
Da sua amada, & unica consorte?
Pois lá no Olimpo a quantos cativou
Cupido, & maltratou;
Melhor, que eu, o dirà a sutil donzela,
Que lá na sua tella o dibuxou.
Ah caso grande, & grave,
Ah peitos de diamante fabricados,

E das leys absolutos naturais,
Aquelle amor suave,
Aquelle poder alto, que forçados
Os Deoses obedecem, desprezais?
Pois para que saibais,
Que contra o fero amor nunca ouve escudo.
O seu costume he ter vingança em tudo;
Eu vos verei deitar em hum momento,
Suspiros mil ao vento,
Lagrimas tristes, pranto, nova dor,
Por quem tenha outro amor no pensamento.

Mais quizera dizer
O desditoso amante, que ajudado
Se via então da magoa, & da tristeza,
Mas foilho defender
O outro companheiro como irado,
Com tam disforme, & áspera dureza;
Aquillo, que a rudeza,
E a ciencia agreste lhe ensinára,
Imaginando, como que acordára.
D'algum sonho, arrancando dalma hum grito:
O mais, que alli foi dito,
Vós montes o direis, & vós penedos,
Que em vossos arvoredos anda escrito.

Satyro segundo.

Nem vós nascidas fois de gente humana,
Nem foi humano o leite, que mamastes,
Mas d'algũa disforme fera Hircana,
Lá no Caucaço monte vos creastes:
Daqui tomastes a aspereza insana,

Daqui

Daqui o frio peito congelastes,
Sois Sphinges nos gestos naturais,
Que o rosto sò de humanas amostrais.

Se vòs fostes criadas na espessura,
Onde nam houve cousa, que se achasse
Animal, erva, planta, ou pedra dura,
Que em seu tempo passado nam amasse;
Nem a quem a afeição suave, & pura,
Nessa presente fôrma nam mudasse,
Porque nam deixareis tambem memoria
De vòs, em namorada, & longa historia?

Olhai como na Arcadia soterrando
O namorado Alceo sua agoa clara,
Là na ardente Sicilia vai buscando,
Por debaixo do mar a Ninfa cara,
Assi mesmo vereis passar nadando
Acis, que Galathea tanto amára,
Por onde do Ciclope a grande magoa,
Converteo do mancebo o sangue em agoa.

Virai os olhos, Ninfas, à Erycina
Espessura, vereis alli mudar-se
Egeria, & em fonte clara, & cristalina,
Pela morte da Numa destilar-se:
Olhai, que a triste Biblis vos ensina
Com perder-se de todo, & transformar-se
Em lagrimas, que em fim pudéram tanto,
Que acrescentarão sempre o verde manto.

E se entre as claras agoas ouve amores,
Os penedos tambem forão perdidos,
Olhai os dous conformes amadores,
Là no monte Ida em pedra convertidos:
Lethea por cahir em vãos erros,

De sua fermosura procedidos,
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por nam ver castigar, quem tanto amava.

Tomai exemplo, & vede em Cyprio aquella
Por quem Isis no laço poza a vida,
Tambem vereis em pedra a Ninfa bella,
Cuja voz foi por Juno consumida,
E se queixar se quer de sua estrella,
A voz estrema só lhe he concedida;
E tu tambem, ò Dafnis, que trouxeste
Primeiro ao monte o doce ver lo agreste.

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga
Que em inimiga em fim se foi tornando,
Que porque Ninfa estranha outra o sogiga,
Suas magicas ervas vai buscando;
Olhai a crua dor a quanto obriga,
Que por vingar sua ira transformando
Se foi em pedra, ó dura confusão!
Depois lhe pesaria, mas em vão.

Olhai, Ninfas, as arvores alçadas,
A cuja sombra andais colhendo flores;
Como em seu tempo forão namoradas
Que ainda agora o tronco sente as dores;
Vereis tambem, se fordes alembradas,
Como a cor das amoras he de amores,
O sangue dos amantes na verdura,
Testemunha de Tisbe a sepultura.

E lá pela odorifera Sabêa,
Nam vedes, que de lagrimas daquella,
Que com seu pay se ajunta, & se recrea,
Arabia se enriquece, & vive della?
Vede mais a verde arvore Penea,

Que

Que foi já noutro tempo Ninfa bella,
E Cyparisso angelico mancebo,
Ambos verdes com lagrimas de Febo.

Está o moço de Frigia delicado
No mais alto arvoredor convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado,
Galardão de seus erros merecido:
Que da alta Berecynthia sendo amado,
Por hũa Ninfa baixa foi perdido,
E a Deosa, a quem perdeu do pensamento
Quiz, que tambem perdesse o entendimento.

O subito furor lhe afigurava,
Que o monte, as casas, & arvores cahião,
Já dos pudicos membros se privava,
Que a Deosa, & a furia grande o constrangião:
Já no indino monte se lançava,
De sua morte as feras se dohião:
Desta arte perdeu Athis na espessura,
Depois de tantas perdas a figura.

Lembrevos quando as gentes celebravão
Em Grecia as grandes festas de Lyèò,
Onde as fermosas Ninfas se juntavão,
E os sacros moradores de Lyceo:
Todos em doce sono se ocupavão
Pelo monte depois, que anoiteceo,
Mas o Deos do Helesponto nam dormia,
Que hum novo amor o sono lhe impedia.

Mas ella emfim os braços estendendo,
Em ramos se lhe forão transformando,
Em raizes os pés se vão torcendo,
E o nome de Lotho sò lhe vai ficando:
Vedes Napeas este caso horrendo,

Que

Que vos está de longe ameaçando?
Que assi também daquella, a quem seguia,
O sacro Pâm, a forma se perdia.

E que direis de Eilis, que perdida
Da faudosa dor, em que vivia,
Aa desesperação emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia:
Por desatar do corpo a triste vida,
Atava ao colô a cinta, que trazia,
Mas o tronco sem folha pelo monte
Rhodope abraça o lento Demofonte.

Nas boninas também vereis Jacintho,
Por quem Febo de si se queixa em vão,
Vereis o monte Idalio em sangue tinto
Do neto de seu pay, da mãy irmam:
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o Céu, & a terra com razão,
A terra porque logo nam se abriu,
O ceo porque tal morte permitio.

E tu constante clycie, a quem falece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos faudosos:
Nenhum alegre estado permanece,
Que são do mundo os gostos mentirosos,
E a tua clara luz, por quem suspiras,
Ainda agora em herva a folha viras.

Tragovos estas cousas à lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza,
Com ver que a criação, & a longa usança
Vos nam perverte, & muda a natureza:
Dou as lagrimas minhas em fiança,

Que

Que em tudo quanto està na redondeza,
Cousa de amor izenta, se atentaís,
Em quanto vos nam virdes nam vejaís.

Já dice, que de amor sempre tiverão
As cousas insensíveis pena, & gloria,
Vede as sensíveis como se perdêrão,
E dirvos hei das aves larga historia,
Que as penas, que em sua alma se sofrerão
Nas azas lhe ficãrão por memoria,
E aquelle altivo, & leve movimento,
Lhe ficou do voar do pensamento.

O doce Roxinol, & a Andorinha,
De donde ellas se forão transformando,
Senam do puro amor, que o Tracio tinha
Que em poupa ainda a amada anda chamando?
Clama sem culpa a mísera avezinha,
Que na praya de Fasis habitando,
Do rio toma o nome, & assi se vai
Chamando à mãy cruel, & injusto o pay.

Vede a quem engeitou Pallas por fallar,
Que dos amores he mayor deffeito,
E aquella, que sucede em seu lugar,
Ambas aves de amor usado effeito,
Hũa, porque fugia ao Deos do mar,
Outra, porque tentara o patrio leito,
E Scylla, que a seu pay poz em perigo,
Sò por ser muito amiga do inimigo.

E Pico a quem ficãrão ainda as cores
Da purpura Real, que ter sohia,
E Esaco, que o seguir de seus amores,
O trouxe a ver tam cedo o estremo dias
Ouvede os dops tam firmes amadores,

Que

Que amor aves tornou na praya fria,
Do Rey dos ventos era genro o triste,
Que Alcione na praya morto viste.

Estava a triste Alcione esperando
Com longos olhos o marido ausente,
Mas os irados ventos assoprando,
Nas agoas o afogação tristemente:
Em sonhos se lhe está representando,
Que o coração presago nunca mente,
Só do bem as suspeitas mentirão,
Porque as do mal futuro certas são.

Ao pranto os olhos seus a triste enlaya,
Buscando o mar com elles hia, & vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praya
Sem alma o corpo achou, que nalma tinha,
Oh Nereidas do Egeo consolaya,
Pois este triste officio vos convinha,
Consolaya, sahi das vossas agoas,
Se consolação ha em grandes magoas.

Mas ó necio de mi, que estou fallando
Das avezinhas mansas, & amorosas,
Se tambem teve amor, poder, & mando
Entre as feras montezes venenosas:
O Leão, & a Leoa, como, ou quando
Taes fôrmas alcançarão temerosas?
Sabeo da Deosa Dindymene o templo,
E a que o deu a Adonis por exemplo.

Quem fosse a mansa vaca dilohia,
Mas o graão Nilo o diga, que a adora;
Que forma teve a Ursa sabersehia
Do Polo Boreal, onde ella mòra;
O caso de Acteon tambem diria

Q

Em

Em cervo transformado, & melhor fora,
Que dos olhos perdera a vista pura,
Que escolhier nos seus galgos sepultura.

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,
Onde assy de improviso em cervo vio,
Que quem assi desta arte allio topâra,
Que se mudasse em cervo permitio,
Mas como o triste amante em si notâra
A desusada fôrma se partio:

Os seus, que o nam conhecem, o vão chamando,
Estando alli presente o vão buscando.

Cos olhos, & co gesto lhes fallava,
Que a voz humana já mudada tinha,
Qualquer delles por elle então chamava,
E a multidão dos caes contra elle vinha:
Que viesse ver hum cervo lhe gritava,
Acteon aonde estâs? acude a si nha,
Que tardar tanto he este? lhe dizia,
He este, he este o ecco respondia.

Quantas cousas em vão estou fallando,
(O esquivas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu dâno tanto sô deseja:
Pois por mais que de mi me andeis tirando,
E por mais longa em fim, que a vida seja,
Nunqua em mi se verâ tamanha dor,
Que amor a nam converta em mais amor.

Aqui (ô Ninfas minhas) vos pinteï,
Todo de amores hum jardim suave,
Das aves, pedras, agoas vos conteï,
Sem me ficar bonina, fera, ou ave:
Se este amor que no peito apasenteï,

Que dos contentamentos tem a chave,
Por dita em tempo algum determinasse,
Que de tam longos annos vos pesasse;

Quanto mais devagar vos contaria,
De minha larga historia, & nam alhea,
E com quanta mais agoa regaria
De contente, que o rio, a branca arêa:
Novo contentamento me seria,
Formar de meu cuidado a nova idéa,
E vós gostando deste estado ufano,
Zombarieis então de vosso engano.

Mas com quem fallo, ou o que estou gritando,
Pois nam ha nos penedos sentimento?
Ao vento estou páavras espalhando,
A quem as digo, corre mais que o vento:
A voz, & a vida a dor me está tirando,
E nam me tira o tempo o pensamento,
Direi em fim as duras esquivaças,
Que só na morte tenho as esperanças,

Aqui o triste Satyro acabou,
Com soluços, que a alma lhe arrancavão,
E os montes insensiveis, que abalou,
Nas ultimas repostas o ajudavão:
Quando Febo nas agoas se encerrou,
Cos animaes, que o mundo alumiavão,
E co luzente gado appareceo,
A celeste pastora pelo Ceo!

ECLOGA VIII

Piscatoria.

A Rde, por Galathea branca, & loura,
 Sereno pescador, pobre forçado,
 D'hũa estrella, que quer á mingoa moura,
 Os outros pescadores tem lançado
 No Tejo as redes, elle sò fazia
 Este queixume ao vento descuidado.
 Quando virá, ô Ninfa bella, o dia
 Em que te possa dar a conta estreita
 Desta doudice triste, & van porfia?
 Nam vês, que me foga alma, & que me engeita,
 Buscando nam sò riso da tua boca,
 Nos teus olhos azuis manfa colheita?
 Se neste espirito algũa magoa toca,
 Se d'amor fica nelle hũa pègada,
 Que te vai Galathea nesta troca?
 Dartehei minha alma, lâ ma tês roubada
 Nam ta demandarei, dame por ella
 Hũa só volta de olhos descuidada.
 Se muito te parece, & minha estrella,
 Nam consentir ventura tam ditosa,
 Doute as azas do amor perdidas nella.
 Que mais te posso dar, Ninfa fermosa,
 Inda que o mar de aljofar me cubrira
 Toda esta praya lêda, & graciosa?
 Calão as ondas, quebra o vento a ira,
 Minha tormenta triste nam sossega,
 O peito arde em vaõ, em vaõ suspira.

Ao romper da alva anda à nevôa cega,
Sobre os montes da Arrabida viçosos,
Em quanto a elles a luz do Sol nam chega.

Eu vejo aparecer outros fermosos
Rayos, que a graça, & cor ao Ceo roubàraõ,
Ficão meus olhos cegos mais saudosos.

Quantas vezes as ondas se encrespâraõ
Com meus suspiros, quantas com meu pranto,
Se paràraõ com magoa, & me escutàraõ?

Se na força da dor a voz levanto,
E ao som do remo, que a agoa vai ferindo,
Perante a Lúa meu cuidado canto;

Os maviosos delphins me estão ouvindo,
A noite sossegada, o mar calado,
Sò Galathea foges, & vas rindo.

Estranhas por ventura o mar cercado
Da fraca rede, a barca ao vento solta,
E hum pobre pescador aqui lançado?

Antes que dê no Ceo o Sol hũa volta,
Se pôde melhorar minha ventura:
Como acontece aos outros n' agoa envolta.

Igual preço nam he da fermosura,
A arêa de ouro, que do Tejo espraya,
Mas hum amor, que para sempre dura.

Veirão teus olhos, bella Ninfa, a praya,
Veràs teu nome na mimosa arêa,
Nunqua sobre elle o mar com furia sayá.

Vento, ou ar, atêgora o nam saltêá,
Tres dias ha, que escrito aqui o deixou
Amor, guardando a toda força alhea.

Elle com suas mãos mesmo ajudou,
Escolher estas conchas, que guardando

Para ti hũa, & hũa, só ajuntou.

Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes que o ar lhe dèsse, parecia,
O que de tua boca estou cuidando,
Dito se o foubesse inda algum dia.

REDONDILHAS.

S Obolos rios, que vão
Por Babylonia me achei
Onde sentado chorei
As lembranças de Syão,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado,
Etudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.
Alli lembranças contentes,
N'alma se representarão,
E minhas cousas ausentes,
Se fizerão tam presentes,
Como se nunca passãrão.
Alli depois de acordado,
Co rosto banhado em agoa,
Deste sonho imaginando,
Vi que todo o bem passado,
Nam he gofio, mas he magoa.
E vi, que todos os danos
Se causavão das mudanças,

E as mudanças dos annos,
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o mayor bem,
Quaõ pouco espaço, que dura,
O mal quaõ depressa vem,
E quaõ triste estado tem,
Quem se fia da ventura.

Vi aquillo, que mais val,
Que entaõ se entende melhor,
Quando mais perdido for:
Vi o bem succeder mal,
E o mal muito peor.
E vi com muito trabalho,
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento,
E vejome a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas agoas,
Com que banho este papel,
Bem parece ser cruel,
Variedade de magoas,
E confusão de Babel,
Como homem, que por exemplo
Dos trances, em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:

Affi despois que assentei,
Que tudo o tempo gastava
Da tristeza, que tomei,
Nos salgueiros pendurei

Os órgãos, com que cantava.
Aquelle instrumento lèdo,
Deixei da vida passada,
Dizendo, musica amada,
Deixovos neste arvoredo
Aa memoria consagrada.

Franta minha, que tangendo
Os montes faziéis vir,
Para onde estaveis, correndo,
E as agoas, que hião decendo,
Tornavão logo a subir:
Já mais vos nam ouvirão
Os tigres, que se amansavão,
E as ovelhas, que pastavão.
Das ervas se fartarão,
Que por vos ouvir deixavão.

Já nam fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos,
Na ribeira florecente,
Nem poreis freo á corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Nam movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Arraz vós a fonte pura,
Pois nam pudestes mover
Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
Aa Fama, que sempre vella,
Frauta de mim tam querida,
Porque mudando se a vida,
Se mudaõ os gostos della,
Acha a tenra mocidade

Prazeres acomodados,
E logo a mayor idade
Jà sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.

Hum gosto, que hoje se alcança,
Aa menhanjá o nam vejo,
Assi nos traz a mudança
De esperança em esperança,
E de desejo em desejo,
Mas em vida tam escassa,
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa,
Esta recitando a morte,
Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade,
Nam cuide a gente futura,
Que será obra da idade,
O que he força da ventura.
Que a idade, tempo, & espanto
De ver quão ligeiro passe,
Nunqua em mi pudêraõ tanto,
Que posto que deixo o canto,
A causa delle deixasse.

Mas em tristezas, & nojos,
Em gosto, & contentamento,
Por Sol, por neve, por vento,
Teràm presente a los ojos,
Por quien muero tan contento,
Orgãos, & frauta deixava,
Despojo meu tam querido,
No salgueiro, que alli estava,

Que

Que para trofeo ficava,
De quem me tinha vencido.

Mas lembranças da afeição,
Que alli cativo me tinha,
Me perguntarão então,

Que era da musica minha,

Que eu cantava em Syão:

Que foi daquelle cantar,

Das gentes tam celebrado,

Porque o deixava de usar,

Pois sempre ajuda a passar,

Qualquer trabalho passado?

Canta o caminhaute lèdo,

No caminho trabalhoso,

Por entre o espesso arvoredó,

E de noite temeroso

Cantando refrea o medo.

Canta o prezo docemente,

Os duros grilhões tocando,

Canta o segador contente,

E o trabalhador cantando,

O trabalho menos sente.

Eu que estas cousas senti

N'alma de magoas tam chea,

Como dirá, respondi,

Quem tam alheo está de sy,

Doce canto em terra alhea?

Como poderá cantar,

Quem em choro banha o peito?

Porque se quem trabalhar,

Canta por menos cansar,

Eu só descansos engeito,

Que nam parece razão,
Nem seria coula idonia,
Por abrandar a paixão,
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Syão.
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandala cante.

Que se o fino pensamento,
Sò na tristeza consiste,
Nam tenho medo ao tormento,
Que morrer de puro triste,
Que mayor contentamento?
Nem na frauta cantarei,
O que passo, & passei já,
Nem menos o escreverei,
Porque a pena cansará,
E eu nam descansarei.

Que se vida tam pequena,
Se acrecenta em terra estranha,
E se amor assi o ordena,
Razão he que canse a pena,
De escrever pena tamanha:
Porém se para assentar,
O que sente o coração,
A pena já me cansar,
Nam canse para voar
A memoria em Syaõ.

Terra bemaventurada,
Se por algum movimento

Da alma me fores, *tirada*
Minha pena seja dada
A perpetuo esquecimento,
A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida,
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quizer,
Em Babylonia fugeito,
Hierusalem sem te ver,
A voz quando a mover
Se me congele no peito:
A minha lingua se apegue
Aas sauces pois te perdi,
Se em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.

Mas ó tu terra de gloria,
Se eu nunca vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia,
Nam me lembras na memoria,
Senam na reminiscencia:
Que a alma he taboa raza,
Que com a escrita doutrina
Celeste, tanto imagina,
Que voa da propria casa,
E sobe á patria divina.

Nam he logo a saudade
Das terras, onde naceo,
A carne, mas he do Ceo,
Daquella santa Cidade,

Donde esta alma descendeo:

E aquella humana figura,

Que cá me pode alterar,

Nam he, quem se ha de buscar,

He rayo da fermosura,

Que só se deve de amar.

Que os olhos, & a luz, que atea

O fogo, que cá fugeita,

Nam do Sol, mas da candêa,

He sombra daquella idêa,

Que em Deos está mais perfeita:

E os que cá me cativárao,

São poderosos affeitos,

Que os coraçõs tem fugeitos,

Sofistas, que me ensinárao

Maos caminhos por direitos.

Destes o mando tyrano,

Me obriga com desatino,

A cantar ao som do dano,

Cantares de amor profano,

Por versos de amor divino:

Mas eu lustrado co santo

Rayo na terra de dor,

De confusões, & de espanto,

Como hei de cantar o canto,

Que só se deve ao Senhor?

Tanto pôde o beneficio

Da graça, que dá saúde,

Que ordena, que a vida mude,

E o que eu tomei por vicio,

Me faz grao para a virtude,

E faz, que este natural

Amor,

Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza,
Para a belleza gèral.

Fique logo pendurada
A frauta, com que tangi,
Oh Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada,
Para sò cantar de ti,
Nam cativo, & ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cà desta a ti levado,
Patria minha natural.

E se eu mais dêr a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyranos, & urgentes,
Risquese quanto já fiz
Do graõ livro dos viventes,
E tomando já na mão
A lyra santa, & capaz
Doutra mais alta invenção,
Calese esta confusão,
Cantese a visão de paz.

Ouçame o pastor, & o Rey,
Retumbe este acento santo,
Movase no mundo espanto,
Que do que já mal cantei,
A Palinodia já canto.
A vós sò me quero ir,
Senhor, & graõ Capitão
Da alta torre de Syaõ,

Aa qual nam posso subir,
Se me vós nam dais a mão.

No graõ dia singular,
Que na lyra o douto som,
Hierusalem celebrar,
Lembraivos de castigar:
Os ruins filhos de Edom.
Aquelles, que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co poder vaõ,
Arrazalos igualmente,
Conheção, que humanos saõ.

Eaquelle poder tam duro
Dos affeitos, com que venho,
Que encendem alma, & engenho,
Que já me entraraõ o muro
Do livre arbitrio, que tenho;
Estes, que tam furiosos
Gritando vem a escalarme,
Maos espiritos danosos,
Que querem como forçosos,
Do alicersẽ derribarme.

Derribayos, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles,
Porque nam podemos nós,
Nem com ellẽs ir a vós,
Nem sem vós tirarnos delles:
Nam basta minha fraqueza,
Para me dar defenlaõ,
Se vós santo Capitão,
Nesta minha fortaleza,
Nam puzerdes guarnição.

E tu ò carne, que encantas,
Filha de Babel tam fea,
Toda de miseria chea,
Que mil vezes te levantas,
Contra quem te senhorea:
Beato sò pòde ser,
Quem com a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal, que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua
Se fere mais, que hũa vez,
Cuja alma de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne nalma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos rezentes,
E em nascendo os afogar,
Por nam virem a parar
Em vicios graves, & urgentes.

Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na pedra, que veo a ser
Emfim cabeça do canto:
Quem logo quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina,
A aquella carne divina,
Que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento
Cà deste mundo visível,

Quanto ao homem for possível,
 Passar logo o entendimento
 Para o mundo intelligivel:
 Alli achará alegria
 Em tudo perfeita, & chea
 De tam suave armonia,
 Que nem por pouca recrea,
 Nem por sobeja enfastia.

Alli verâ tam profundo
 Misterio na summa altezas
 Que, vencida a natureza,
 Os mdores faustos do mundo
 Julgue por mayor baixeza:
 Oh tu divino aposento,
 Minha patria singular,
 Se sò com te imaginar,
 Tanto sobe o entendimento,
 Que farâ se em ti se achar?

Dito so quem se partir
 Para ti, terra excellente,
 Tam justo, & tam penitente,
 Que despois de a ti subir
 Là descanse eternamente.

R

CAR

CARTA

A hũa dama.

Querendo escrever hum dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando, no que poria,
Vi Amor, que me dizia,
Escreve, que eu notarei.
E como para se ler
Nam era historia pequena,
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a pena,
Com que me fez escrever.
E logo como a tirou,
Me disse, aviva os espiritos,
Que pois em teu favor sou,
Esta pena, que te dou,
Farà voar teus escritos.
E dandome a padecer
Tudo, o que quiz, que puzesse,
Pude em fim delle dizer,
Que me deo com que escrevesse,
O que me deo a escrever.
Eu, que este engano entendi,
Disse-lhe, que escreverei?
Respondeo, dizendo assi:
Altos effeitos de ti,
E daquella a quem te dei.
E já que te manifesto

Toda

To das minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prezas,
Milagres de hum claro gêsito,
E de quem o vio tristezas.

Ah senhora, em quem se apura
A fê de meu pensamento,
Escutai, & estai atento,
Que com vossa fermosura,
Iguala amor meu tormento;
E posto que tam remota
Estejais de me escutar,
Por me nam remediar,
Ouvi, que pois Amor nota,
Milagres são de notar.

Escrevem varios authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores,
Que nacam naquelle monte,
Se os sentidos podem dar
Mantimento ao viver,
Nam he logo de espantar,
Se estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos ver.

Hũa arvore se conhece,
Que na gèral alegria,
Ella tanto se entristece,
Que como he noite floresce,
E perde as flores de dia.
Eu que em vervos sinto o preço,
Que em vossa vista consiste,
Em ayendo me entristeço,

Porque sei, que nam mereço
A gloria de verme triste.

Hum Rey de grande poder,

Com veneno foi creado,

Porque sendo costumado,

Nam lhe pudesse empecer,

Se despois lhe fosse dado.

Eu, que criei de pequena

A vista a quanto padece,

Destta sorte me acontece,

Que nam me faz mal a pena,

Senam quando me fallece.

Quem da doença Real,

De longe enfermo se sente,

Por segredo natural,

Fica saõ vendo sômente

Hum volatil animal.

Do mal, que Amor em mi cria,

Quando aquella Fenix vejo,

Saõ de todo ficaria,

Mas ficame hydropefia,

Que quanto mais, mais desejo.

Da bibora he verdadeiro,

Se a consorte vai buscar,

Que em se querendo juntar,

Deixa a peçonha primeiro,

Porque lhe impede o gerar:

Affi quando me apresento

A vossa vista inhumana,

A peçonha do tormento

Deixo a parte, porque dana

Tamanho contentamento,

Que.

Querendo amor sustentar-se,
Fez hũa vontade esquivar-se,
De hũa estatua namorar-se,
Depois por manifestar-se,
Converteoa em mulher viva,
De quem me irei queixando,
Ou quem direi, que me engana,
Se vou seguindo, & buscando
Hũa imagem, que de humana,
Em pedra se vai tornando?

De hũa fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós que minha liberdade,
Senhora tyrânizais,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos nam possa ver mais.

Da palma se escreve, & canta
Ser tam dura, & tam forçosa,
Que peso nam a quebranta,
Mas antes de presunçosa,
Com elle mais se levanta,
Co pezo do mal, que dais,
A constancia, que em mi vejo,
Nam sómente ma dobrais,
Mas dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.

Se alguém os olhos quizer
As andorinhas quebrar,

Logo a mãy, sem se deter,
Hũa erva lhe vai buscar,
Que lhes faz outros nacer,
Eu que os olhos tenho atento:
Nos vossos, que estrellas são,
Cegaõse os do entendimento,
Mas nace'mme os da razão,
De fulgar com meu tormento.

Là para onde o Sol sae,
Descubrimos navegando
Hum novo rio admirando,
Que o lenho, que nelle cae,
Em pedra se vai tornando.
Nam se espantem disto as gentes:
Mais razão serà, que espante
Hum coração tam possante,
Que com lagrimas ardentes,
Se converte em diamante.

Pôde hum mudo nadador,
Na linha, & cana influir:
Tam venenoso vigor,
Que faz mais nam se bulir
O braço do pescador.
Se começão de beber
Deste veneno excellente,
Meus olhos sem se deter,
Nam se sabem mais mover.
A nada, que se apresente.

Isto são eliros finais
Do muito, que em mi podeis:
Nem podeis desejar mais,
Que se vervos desejais,

Em mi claro vos vereis,
E quereis ver, a que fim,
Em mi tanto bem se pos,
Porque quiz amor assim,
Que por vos verdes a vós,
Tambem me visseis a mim,

Dos males, que me ordenais,
Que inda tenho por pequenos,
Sabei se mos elcutais,
Que já nam sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos,
Mas já que a tanto tormento,
Nam se acha, quem resista,
Eu senhora, me contento,
Deterdes meu sofrimento,
Por alvo de vossa vista.

Quantos contrarios consente
Amor por mais padecer,
Que aquella vista excellente,
Que me faz viver contente,
Me faça tam triste ser.
Mas dou este entendimento
Ao mal, que tanto me offende,
Como na vella se entende,
Que se se apaga co vento,
Co mesmo vento se acende.

Experimentouse algum hora,
D'ave, que chamão Camaõ,
Que se da casa, onde móra,
Vê adultera a senhora,
Morre de pura paixão.
A dor he tam sem medida,

Que remedio lhe nam val,
 Mas ò ditoso animal,
 Que pôde perder a vida,
 Quando vê tamanho mal!

Nos gostos de vos querer
 Estava agora enlevado,
 Senam fora salteado
 Das lembranças de temer,
 Ser por outrem desamado.
 Estas suspeitas tam frias,
 Com que o pensamento sonha,
 São assi como as Harpias,
 Que as mais doces iguarias
 Vão converter em peçonha.

Fazme este mal infinito,
 Nam poder já mais dizer,
 Por nam vir a corromper
 Os gostos, que tenho escrito,
 Cos males que hei de escrever.
 Nam quero, que se apregoe
 Mal tanto para encubrir,
 Porque em quanto aqui se ouvir,
 Nenhũa outra cousa foe,
 Que a gloria de vos servir.

Outras.

Dama de estranho primor,
 Se vos for
 Pesada minha firmeza,
 Olhai nam me deis tristeza,
 Porque a converto em amor,
 E se cuidais,

De me matar, quando usais
De esquivaça,
Irei tomar por vingança
Amarvos cada vez mais.

Porêm vosso pensamento
Como izento,
Seguirá sua tenção,
Crendo, que em tanta affeição
Nam aja acrecentamento.
Nam creais,
Que desta arte vos façais
Invencivel,
Que amor sobre o impossivel,
Amostra, que pôde mais.

Mas já da tenção, que figo,
Me desdigo,
Que se ha tanto poder nelle,
Tambem vòs podeis mais que elle
Neste mal, que usais comigo.
Mas se for
O vosso poder mayor,
Antre nós,
Quem poderà mais que vòs,
Se vòs podeis mais que Amor?

Despois que dama vos vi,
Entendi,
Que perdera Amor seu preço,
Pois o favor, que lhe eu peço,
Vos pede elle para si.
Nem duvido,
Que nam pôde de sentido
Resistir,

Pois

Pois em vez de vos ferir,
Ficou de vos ver ferido,

Mas pois vossa vista he tal,
Em meu mal,

Que posso de vós querer?

Que mal poderei valer,

Onde o mesmo Amornam val

Se atentar,

Nenhum bem posso esperar,

E oxalá,

Que vos alembrasse já,

Se quer para me matar.

Mas nem com isto creais,

Que façais

Meus serviços mais pequenoss

Porque eu quando espero menos,

Sabei, que entam quero mais,

Nada espero,

Mas de mi crede este fero,

Que em ser vosso,

Vos quero tudo, o que posso,

E nam posso quanto quero.

Sò por esta fantasia

Merecia

De meus males algum fruyto,

E nam era certo muito

Para o muito, que queria

De maneira,

Que nam he na derradeira

Grande espanto,

Que quem, dama, vos quer tanto,

Que outro tanto devós queira.

A bñas suspeitas.

Suspeitas, que me quereis,
Que eu vos quero dar lugar,
Que de certas me mateis,
Se a causa, de que naceis,
Vos quizeis confessar.

Que de nam lhe achar desculpa,
A grande magoa passada,
Me tem a alma tam cansada,
Que se me confessa a culpa,
Telahei por desculpada.

Ora vede, que perigos
Tem cercado o coração,
Que no meyo dá opressão,
A seus proprios inimigos
Vai pedir a defensão.

Que suspeitas eu bem sei,
Como se cláro vos visse,
Que he certo, o que já cuidei,
Que nunca mal suspeitei,
Que certo me nam sahisse.

Mas queria esta certeza
Daquella, que me atormenta,
Porque em tamanha estreiteza
Ver que disso se contenta,
He descanso da tristeza.

Porque se esta sò verdade
Me confessa limpa, & nua,
De cautela, & falsidade,
Nam póde a minha vontade

Disconforme ser da sua.

Por segredo namorado

He certo estar conhecido,

Que o mal de ser engeitado,

Mais atormenta sabido,

Mil vezes, que suspeitado.

Mas eu sò, em quem se ordena

Novo modo de querella,

De modo da dor pequena,

Venho a achar na mayor pena

O refrigerio para ella.

Jà nas iras me inflamei,

Nas vinganças, nos furores,

Que já doudo imaginei,

E já mais doudo jurei

De arrancar d'alma os amores,

Jà determinei mudarme

Para outra parte com ira,

Depois vim a concertarme,

Que era bom certificarme,

No que mostrava a mentira.

Mas depois já de cansadas

As furias do imaginar,

Vinha em fim a rebentar

Em lagrimas magoadas,

E bem para magoar.

E deixando se vencer

Os meus fingidos enganos,

De tam claros desenganos,

Nam posso menos fazer,

Que contentarme cos danos.

E pedir, que me tirassem,

Este mal de suspeitar,
Que me vejo atormentar,
Inda que me confessassem,
Quanto me pôde matar.

Olhai bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim,
Pois neste estado, a que vim,
Para que vós confesseis,
Se daõ os tratos a mim,
Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha,
Porque da culpa, que he vossa
Venha a ser a morte minha.

Justiça tam mal olhada,
Olhai, com que cor se doura,
Que quero ao fim da jornada,
Que vós sejais confessada,
Para que eu seja, o que moura.

Pois confessarvos já agora,
Inda que tenho temor,
Que nem nesta ultima hora
Me ha de perdoar Amor,
Vossos pecados, senhora.

E assi vou desesperado,
Porque estes são os costumes
D'amor, que he mal empregado,
Do qual vou já condenado
Ao inferno de ciumes.

Laberinto queixando se do munda.
Corre sem vella, & sem leme

O tem:

O tempò desordenado,
De hum grande vento levado,
O que perigo nam teme,
He de pouco exprimentado.

As redeas trazem na mão,
Os que redeas nam tiverão,
Vendo quanto mal fizerão
A cobiça, & ambição,
Disfraçados se acolhêraõ.

A nao, que se vai perder,
Destruê mil esperanças,
Vejo o mau, que vem a ter,
Vejo perigos correr,
Quem nam cuida, que ha mudanças.

Os que nunca em sella andáraõ,
Na sella pôstos se vem,
De fazer mal nam deixáraõ,
De demonio habito tem,
Os que o justo profanáraõ:
Que poderá vir a ser
O mal nunca refreado?
Anda, por certo, enganado
Aquelle, que quer valer,
Levando o caminho errado.

He para os bõs confusão,
Ver que os maos prevalecêraõ,
Que posto se detiveraõ
Com esta simulação,
Sempre castigos tivêraõ.
Nam porque governe o leme
Em mar envolto, & turbado,
Que tem seu rumo mudado,

Se perece, grita, & geme
Em tempo desordenado,
Terem justo galardão,
E dor dos que merecerão,
Sempre castigos tivêraõ
Sem nenhũa redempção,
Posto que se detivêraõ.
Na tormenta se vier
Desespere na bonança,
Quem manhas nam sabe ter,
Sem que lhe valha gemer,
Verà falsar a balança.

Os que nunca trabalháraõ,
Tendo o que lhe nam convem,
Se ao innocente enganáraõ,
Perdêraõ o eterno bem,
Se do mal nam se apartáraõ.

Convite que fez na India a certos fidalgos.

*A primeira iguaria foi posta a Vasco de
Ataide, & dizi a.*

Senam quereis padecer,
Hũa, ou duas horas tristes,
Sabeis que haveis de fazer?
Bolveros por do venistes,
Que aqui nam ha que comer.

E po--

E posto que aqui leais,
 Trovinha, que vos enlea,
 Corrido nam estejais,
 Porque por mais, que corrais,
 Nam eis de alcançar a cea.

A segunda a D. Francisco d' Almeida.

Heliogabalo zombava
 Das pessoas convidadas,
 E de sorte as enganava,
 Que as iguarias, que dava,
 Vinhaõ nos pratos pintadas,
 Nam temais tal travessura,
 Pois já nam pôde ser nova,
 Porque a cea està segura
 De vos nam vir em pintura,
 Mas ha de vir toda em treva.

A terceira a Eytor da Silveira.

Cea, nam a papareis,
 Com tudo, porque nam minta,
 Para beber achareis,
 Nam Caparica, mas tinta,
 E mil cousas, que papeis.
 E vòs torceis o focinho
 Comesta amfibologia?
 Pois sabeí, que a poesia
 Vos dà aqui tinta por vinho,
 E papeis por iguaria.

*A quarta a Ioaõ Lopes Leitaõ, a quem o
Autor fez hum mote, que vai adiante, so-
bre hũa peça de cacha, que deo a
hũa dama.*

Porque os que vos convidáraõ,
Vosso estamago nam dauem,
Por justa causa ordenáraõ,
Se trovas vos enganáraõ,
Que trovas vos desenganem.
Vos tereis isto por tacha,
Converter tudo em trovar,
Pois se me virdes zombar,
Nam cuideis, senhor, que he cacha,
Que aqui nam ha que cachar.

Responde Ioaõ Lopes.

Pesar ora nam de sam,
Eu juro pelo Ceo bento,
Se de de comer nam me daõ,
Que eu nam sou Cameleão,
Que me hei de manter no vento?

Responde o Autor.

Senhor, nam vos agasteis,
Porque Deos vos proverà,
E se mais saber quereis,
Nas côstas deste lereis,
As iguarias, que ha.

S

Vira

Vira o papel, que dizia affi.

Tendes nem migalha assada,
Cousa nenhũa de molho,
E nada feito em empada,
Evento de tigelada,
Picar no dente em remolho:
De fumo tendes tassalhos,
Ave da pena, que sente
Quem de fome anda doente,
Bocejar de vinho, & dalhos,
Manjar em branco excellente.

A derradeira a Francisco de Mello.

De hum homem, que teve o cetro
Da vea maravilhosa,
Nam foi cousa duvidosa,
Que se lhe tornava em metro,
O que hia a dizer em prosa.
Demi vos quero affirmar,
Que faça cousas mais novas,
De quanto podeis cuidar,
E esta cea, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

Na India ao Visorrey, com o mote adiante.

Conde, cujo illustre peito
Merece nome de Rey,
Do qual muito certo sei,

Que

Que lhe fies sendo estreito
O cargo de Visorrey.

Servirdesvos de occuparme
Tanto contra meu planeta,
Nam foi senam azas dar-me,
Com as quaes vou a queimar-me,
Como o faz a borboleta.

E se eu a pena tomar,
Que tam mal cortada tenho,
Serà para celebrar
Vosso valor singular,
Dino de mais alto engenho.
Que se o meu vos celebrasse
Necessario me seria,
Que os olhos d'Aguia tomasse,
Sò para que nam cegasse
No sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados,
Nas armas dignos de gloria,
São no mundo tam soados,
Que em vòs de vossos passados,
Se refuscita a memoria.

Pois aquelle animo estranho,
Pronto para todo effeito,
Espanta todo o conceito,
Como coração tamanho
Vos póde caber no peito?

A clemencia, que asserena
Coração tam singular,
Se eu nisso puzesse a pena,
Seria encerrar o mar
Em cova muito pequena.

Bem basta, senhor, que agora
 Vos sirvais de me ocupar,
 Que assi fareis aparar
 A pena, com que algum hora,
 Vós vereis ao Ceo voar.

Assi vos irei louvando,
 Vós a mi do chaõ erguendo,
 Ambos o mundo espantando,
 Vós com a espada cortando,
 Eu com a pena escrevendo.

*Mote, que lhe mandou o Visorrey, para lhe
 fazer bñas Voltas,*

Muito sou meu inimigo,
 Pois que nam tiro de mi
 Cuidados, com que naci,
 Que poem a vida em perigo,
 Oxalá, que fora assi.

O Autor.

Viver eu sendo mortal
 De cuidados rodeado,
 Parece meu natural,
 Que a peçonha nam faz mal;
 A quem foi nella criado,
 Tanto sou meu inimigo,
 Que por nam tirar de mi
 Cuidados com que naci,
 Porei a vida em perigo,
 Oxalá que fora assi.

Tanto

Tanto vim a acrescentar
Cuidados, que nunca amansaõ,
Em quanto a vida durar,
Que canso já de cuidar,
Como cuidados nam causaõ.
Se estes cuidados, que digo,
Dêsem fim a mi, & a si,
Fariaõ pazes comigo,
Que pôr a vida em perigo,
O bom fora para mi.

*A hũa dama, que lhe mandou pedir algũas
obras suas.*

Senhora, se eu alcançasse
No tempo, que ler quereis,
Que a dita dos meus papeis,
Pola minha se trocasse,
E por ver
Tudo o que posso escrever,
Em mais breve relação,
Indo eu aonde elles vaõ,
Por mi sò quizesseis ler.

Despois de ver hum cuidado
Tam contente de seu mal,
Verieis o natural,
Do que aqui vedes pintado,
Que o perfeito
Amor, de que sou sugeito,
Vereis aspero, & cruel,
Aqui com tinta, & papel,
Em mi com sangue no peito.

Que hum continuo imaginar
 Naquillo, que Amor ordena,
 He pena, que em fim por pena
 Senam pòde declarar;
 Que se eu levo
 Dentro n'alma quanto devo
 De tresladar em papeis,
 Vede, que melhor lereis,
 Se a mi, se aquillo que escrevo?

*A hũa senhera, a quem deraõ hum pe-
 daço de sitim amarello.*

Se derivais da verdade
 Esta palavra, *Sitim*,
 Achareis sem falsidade,
 Que apos o si, tem o tim,
 Que tine em toda a cidade.
 Bem vejo, que me entendeis,
 Mas porque nam falle em vão,
 Sabti, que a esta nação,
 Tanto que o si concedeis,
 O tim logo està na mão.
 E quem da Fama se arreda,
 Que tudo vai descobrir,
 Deve sempre de fugir
 De ficias, porque da seda
 Seu natural he rugir.
 Mas pano fino, & delgado,
 Qual a raxa, & outros assi,
 Dura, aqueita, & he callado,
 Amoroso, & dá de si,

Mais que fitim, nem brocado.

Mas estes, que sedas são,
Com quem se enganaõ mil damas,
Mais vos tomão, do que dão,
Prometem, mas nam darão,
Senam nodas para as Famas,
E se nam me quereis crer,
Ou tomais outro caminho;
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa d'algun vizinho.

Oh feminina simpreza,
Donde estaõ culpas a pares,
Que por hum dom de nobreza,
Deixão doês da natureza,
Mais altos, & singulares:
Hum dom, que anda enxertado
No nome, & nas obras nam,
Fallo como experimentado,
Que fitim desta feição,
Eu tenho muito cortado.

Dizem-me, que era amarelo,
E quem assi o quiz dar,
Só para me Deos vingar,
Se vem à mão amarelo,
O que eu nam posso cuidar,
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas,
Isto bem póde nam ser,
Dá a mininas fermosas,
Sòmente polas fazer.

Quem vos isto diz, senhora,

Servio nas vossas armadas
 Muito, mas anda já fóra,
 E pôde ser que inda agora
 Tras abertas as frêchadas,
 E posto que dis favores,
 O tirão de servidor,
 Quervos ventura melhor,
 Que dos antigos amores,
 Inda lhe fica este amor.

A hũa senhora rezando por hũas contas.

Peçovos, que me digais,
 As oraçcões, que rezastes,
 Se são pelos, que matastes,
 Se por vós, que affi matais?
 Se são por vós, são perdidas,
 Que qual será a oração,
 Que seja satisfacção,
 Senhora, de tantas vidas?

Que se vedes quantos vem
 A só vida vos pedir,
 Como vos ha Deos de ouvir,
 Se vós nam ouvis ninguem?
 Nam podeis ser perdoada
 Com mãos a matar tam prontas,
 Que se numa trazeis contas,
 Na outra trazeis espada.

Se dizeis, que encomendando
 Orque matastes andais,
 Se rezais, por quem matais,
 Para que matais rezando?

Que

Quê se na força do orar
Levantais as mãos aos Ceos,
Nam as ergueis para Deos,
Ergueilas para matar,
E quando os olhos cerrais,
Toda enlevada na fê,
Cerraõse os de quem vos vê,
Para nunca verem mais.
Pois se assi forem tratados
Os que vos vem quando orais,
Essas horas, que rezais,
São as horas dos finados.

Pois logo se sois servida,
Que tantos mortos nam sejão,
Nam rezeis onde vos vejão,
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males, que causastes,
Resucitai, quem matastes,
Nam tereis, por quem jezar.

A hũa dama, que lhe deo hũa pena.

Se n'alma, & no pensamento
Por vosso me manifesto,
Nam me peſado que sento,
Que ſenam ſofrer tormento,
Faço offensa a vosso gēſto.
E pois quanto Amor ordena,
E quanto esta alma deſeja,
Tudo â morte me condena,
Nam quero ſenam que ſeja
Tudo pena, pena, pena.

A hũa

*A hũa dama, que lhe chamou cara
sem olhos.*

Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguiu:
Pois cara sem olhos vio
Olhos, que lhe custão caro,
De olhos nam faço menção,
Pois quereis que olhos nam sejam,
Vendovos olhos fobejão,
Nam vos vendo olhos nam são.

Disparates na Índia.

Este mundo es el camino,
Ado ay duzientos váos,
O por onde bõs, & maos,
Todos somos del merino,
Mas os maos são de teor,
Que, del que mudão a cor,
Chamão logo a El Rey compadre,
E em fim dexaldos mi madre,
Que sempre tem hum labor,
De quem torto nace, tarde se endereita,
Deixai a hum, que se abone,
Diz logo de muito fengo,
Villas, y castillos tengo,
Todos a mi mandar sone,
Então eu, que estou de molho
Com a lagrima no olho,
Polo virar do envès,

Digo.

Digolhe, tũ ex illis es,
E por isso nam te olho,
Pois hõra, & proveito não cabẽ nũ faco.

Vereis hũs, que no seu feyo,
Cuidão, que trazem Paris,
E querem com dous ceitis,
Vender anca pelo meyo,
Vereis mancebinho de arte
Com espada em talabarte,
Nam ha mais Italiano:
A este direis, meu mano,
Võs sois galante, que farte,
Mas pan, y vino andã el camino, que no
moço garrido.

Outros em cada teatro,
Por officio lhe ouvireis,
Que se matarã con tres,
Y lo mismo haran con quatro:
Prezaõ se de dar repostas,
Com palãvras bem compostas,
Mas se lhe meteis a mão,
Na paz mostraõ coração,
Na guerra mostraõ as costas,
Porque aqui torce a porca o rabo.

Outros vejo por ahi,
A que se acha mal o fundo,
Que andão emmendando o mundo,
E nam se emmendão a si;
Estes respondem a quem
Delles nam entende bem,
El dolor, que estã secreto,
Mas porẽm quem for discreto,

Responderlheha muito bem,
Assi entrou o mundo, assi ha de sair.

Achareis raseiro velho,

Que se quer vender por galgo,

Diz que o dinheiro he fidalgo,

Que o sangue todo he vermelho,

Se elle mais alto o dissera,

Este pelote puzera,

Que o seu echo lhe respon da,

Que su padre era de Ronda,

Y su madre de Antequera,

E quer cubrir o Ceo cumajoeira.

Fraldas largas, grave aspeito

Para senador Romano,

Oh que grandissimo engano,

Que Momo lhe abrisse o peito.

Conciencia, que sobeja,

Siso, com que o mundo reja,

Manfidão outro que si,

Mas que lobo está em ti,

Metido em pele de oveja,

E sabemno poucos.

Guardaivos de hũs meus senhores,

Que ainda compraõ, & vendem,

Hũs, que he certo, que descendem

Da geração de pastores:

Mostraõsevos bõs amigos,

Mas se vos vem em perigos,

Esarraõvos nas paredes,

Que de fõra dormire des,

Irmão, que he tempo de figos,

Porq de rabo de porco nunca bõ virote.

Que

Que direis de hũs, que as entranhas
Lhe estão ardendo em cobiça,
E se tem mando, a justiça
Fazem de teas de aranhas:
Com suas hypocrefias,
Que são de vossas elpias:
Para os pequenos hũs Neros,
Para os grandes tudo feros:
Pois tu, parvo, nam sabias,
Que lá vão leys onde querem cruzados?

Mas tornando a hũs enfadonhos,
Cujas cousas são notorias,
Hũs, que contraõ mil historias,
Mais desmanchadas, que sonhos,
Hũs mais parvos, que zamboas,
Que estudão palavras boas,
A que ignorancia os atica,
Estes paguem por justiça,
Que tem morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.

Adonde tienen las mentes
Hũs secretos trovadores,
Que fazem cartas de amores,
De que ficão mui contentes,
Nam querem sahir á praça,
Trazem trova por negaça,
E se lha gabais, que he boa,
Diz, que he de certa pessoa:
Hora que quereis que faça,
Senamirme por esse mundo?

O tu, como me atarraças,
Escudeiro de Solia,

Com bocais de fidalguias,
 Trazido quasi com vacas,
 Importuno a importunar,
 Morto por desenterrar
 Parentes, que cheirão já,
 Voto a tal, que me fará
 Hum destes nunca fallar
 Mais com viva alma.

Hūs, que fallão, muito vi,

De que quizera fugir,

Hūs, que em fim sem se sentir,

Andão fallando entre si:

Porfiolos sem razão,

E desque tomaõ a mão,

Fallaõ sem necessidade,

E se algũa hora he verdade,

Deve ser na confissão,

Poque quem nam mente,

Já me entendeis.

Oh vòs, quem quer, que me lerdas

Que haveis de ser avisado,

Que dizeis ao namorado,

Que caça vento com redes?

Jura por vida da dama,

Falla configo na cama,

Passea de noite, & éscarra,

Por falsete na guitarra

Poem sempre, viva quem amas

Porque calça a seu proposito.

Mas deixemos, se quizerdes,

Por hum pouco as travessuras,

Porque entre quatro maduras

Leveis

Leveis tambem sinco verdes,
Deitemonos mais ao mar,
E se algum se recear,
Passe tres, ou quatro trovas,
E vós tomais cores nõvas?
Mas nam he para espantar,
Que quem porcos ha menos,
Em cada mouta lhe roncão.

Oh vós, que sois secretarios
Das conciencias Reais,
Que entre os homẽs estais,
Por senhores ordinarios:
Porque nam pondes hum freo
Ao roubar, que vai sem meo,
Debaixo de bom governo?
Pois hum pedaço de inferno,
Por pouco dinheiro alheio,
Se vende a Mouro, & a Judeu?

Porque a mente afeiçoada
Sempre à Real dinidade,
Vos faz julgar por bondade
A malicia desculpada?
Move a presença Real
Hũa afeição natural,
Que logo inclina ao Juiz
A seu favor, & nam diz
Hum rifaõ muito gêral,
Que o Abbade donde canta, dahi janta?

E vós bailais a esse som,
Por isso gentis pastores,
Vos chama a vós mercadores,
Hum, que sò foi pastor bom.

*A Ioaõ Lopez Leitão, sobre hũa peça de cacha,
que mandou a hũa dama, que se lhe
fazia donzella.*

Mote.

Se vossa dama vos dà,
Tudo quanto vós quizestes,
Dizei, para que lhe dêstes,
O que vos ella fez já.
Sendo os restos envidados,
E vós de cachas mil centos,
Sabeis com quão poucos pontos,
Que lhos achastes quebrados:
Se o que tem isso vos dà,
Vós mui bem lho merecestes,
Porque se a cacha lhe dêstes,
Tinhavola feita já.

*A Dona Francisca de Aragaõ, que lhe man-
dou glosar esta regra.*

Mas porém a que cuidados.

Tanto mayores tormentos
Forão sempre, os que sofri,
Daquillo, que cabe em mi,
Que nam sei, que pensamentos,
São os para que naci.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados,
Inclinado, bem suspeito,

Qu

Que a cuidados sou fugeito,
Mas porêm a que cuidados?

Ao mesmo.

Que vindes em mim buscar,
Cuidados, que sou cativo?
Eu nam tenho, que vos dar,
Se vindes a me matar,
Já ha muito, que nam vivos
Se vindes, porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre sofri mais,
Nam digo, que nam venhais,
Mas porêm a que cuidados?

Ao mesmo.

Se as penas, que amor me deu,
Vem por tam suaves meos,
Nam ha que temer receos,
Que val hum cuidado meu,
Por mil descansos alheos.
Ter nũs olhos tam fermosos
Os sentidos enlevados,
Bem fei, que em baixos estados,
São cuidados perigosos,
Mas porêm a que cuidados.

Carta com a glosa acima.

DExeime enterrar no esquecimento de v.m.
crendo me seria assi mais seguro: mas agora
que he servida de me tornar a resuscitar,
por mostrar seus poderes, lembrolhe, que hũa vida
trabalhosa, he menos de agradecer, que hũa mor-
te descansada. Mas se esta vida, que agora de novo
me dà, for para ma tornar a tomar, servindose del-
la, nam me fica mais, que de sejar, que poder acertar
com este mote de v.m. ao qual dei tres entendimẽ-
tos, segundo as palavras delle pudêraõ soffrer, se
forem bõs, he mote de v.m. se maos, saõ as glosas
minhas.

Mote alheo.

Campos bemaventurados,
Tornaivos agora tristes,
Que os dias, em que me vistes
Alegres, já saõ passados.

Glosa.

Campos cheos de prazer,
Vos, que estais reverdecendo,
Jà me alegrei com vos ver,
Agora venho a temer,
Que entristeçais em me vendo,
E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Nam quero, que me vejais,

Para que sempre sejais,
Campos bemaventurados,
Porêm se por accidente
Vos pesar de meu tormento,
Sabereis, que amor consente,
Que tudo me descontente,
Senam descontentamento.
Por isso vòs, arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegrias, que medos,
Se mos quereis fazer lèdos,
Tornaivos agora tristes,
Jà me vistes lèdo ser,
Mas depois que o falso Amor
Tam triste me fez viver,
Lèdos folgo de vos ver,
Porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Julgai quanto mais desejo
As horas, que vos nam vejo,
Que os dias, em que me vistes.
O tempo, que he desigual,
De secos, verdes vos tem,
Porque em vosso natural,
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal.
Se perguntais, verdes prados,
Pelo tempo diferentes,
Que de amor me foraõ dados
Tristes, aqui são presentes,
Alegres, já são passados.

Mote alheo.

Trabalhõs descansariaõ,
 Se para vós trabalhasse,
 Tempos tristes passariaõ,
 Se algũa hora vos lembrasse.

Glosa.

Nunqua o prazer se conhece,
 Senam despois da tormenta,
 Tampouco o bem permanece,
 Que se o de fcanfo florece,
 Logo o trabalho arrebenta.
 Sempre os bẽs se lograriaõ,
 Mas os males tudo atalhaõ,
 Porém já que assi porfião,
 Onde descansos trabalhaõ,
 Trabalhos descansariaõ.

Qualquer trabalho me fora
 Por võs graõ contentamento,
 Nada sentira, senhora,
 Se vira disto algum hora,
 Em võs hum conhecimento,
 Por mal, que o mal me tratasse,
 Tudo por bem tomaria,
 Posto que o corpo cauçasse,
 A alma descansaria,
 Se para vós trabalhasse.

Quem vossas cruezas já
 Sofreo, a tudo se poz,
 Costumado ficará,

E muito melhor será,
Se trabalhar para vós.
Tristeza esquecerião,
Posto que mal me tratârao,
Annos nam me lembrariao,
Que como estoutros passárao,
Tempos tristes passariao.

Se fosse galardoado
Este trabalho tam duro,
Nam vivera magoado,
Mas nam o foi o passado,
Como o será o futuro?
De cansar nam cansaria,
Se quizeréis, que cansasse,
Cavar, morrer, falo hia,
Tudo emfim esqueceria,
Se algum hora vos lembrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condição,
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardão.

Glosa.

Despois de sempre soffrer,
Senhora, vossas cruezas,
A pesar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus serviços com tristezas,
Mas pois em balde resiste,

Quem vossa vista condena,
Prestes estou para a pena,
Que de galardão tam triste,
Triste vida se me ordena.

De contente do mal meu
A tam grande extremo vim,
Que consinto em minha fim,
Assi que vòs, & mais eu,
Ambos somos contra mim.
Mas que sofra meu tormento,
Sem querer mais galardão,
Nam he fóra de razão,
Que queira meu sofrimento,
Pois quer vossa condição.

O mal, que vòs dais por bem,
Esse, senhora, he mortal,
Que o mal, que dais como mal
Em muito menos se tem,
Por costume natural,
Mas porèm nesta vitoria,
Que comigo he bem pequena,
A mayor dor me condena,
A pena, que dais por gloria,
Que os males, que dais por pena.

Que mór bem me possa vir,
Que servirvos nam o sei,
Pois que mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos servir;
Tanto mais vos deveiã
Se vossos merecimentos
De tam alta estima são,
Affaz de favor me dão,

Em querer, que meus tormentos
Me fiquem por galardão.

Mete albeo.

Já nam posso ser contente,
Tenho a esperança perdida,
Ando perdido entre a gente,
Nem morro, nem tenho vida.

Glosa.

Depois que meu cruel Fado
Destruí hũa esperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desesperado:
O coração, que isto sente,
A sua dor nam resiste,
Porque vê mui claramente,
Que pois naci para triste,
Já nam posso ser contente.

Por isso contentamentos,
Fugi de quem vos despreza,
Já fiz outros fundamentos,
Já fiz senhora a tristeza
De todos meus pensamentos.
O menos, que lhe entreguei,
Foi esta cansada vida,
Cuido, que nisto acertei,
Porque de quanto esperei,
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder

T 4

Fora

Fora já muito melhor,
 Tivera fim esta dor,
 Que nam podendo mór ser,
 Cada vez a sinto mór:
 De vós desejo esconderme,
 E de mi principalmente,
 Onde ninguém possa verme,
 Que pois me ganho em perderme,
 Ando perdido entre a gente.

Gostos de mudanças cheos,
 Nam me busqueis, nam vos quero,
 Tenhovos por tam alheos,
 Que do bem, que nam espero,
 Inda me ficão receos.
 Em pena tam sem medida,
 Em tormento tam esquivo,
 Que moura, ninguém duvida,
 Mas eu se morro, ou se vivo,
 Nem morro, nem tenho vida.

Mote a hũa dama.

A morte, pois que sou vosso,
 Nam na quero, mas se vem,
 Hade ser todo meu bem.

Glosa.

Amor, que em meu pensamento
 Com tanta fê se fundou,
 Me tem dado hum regimento,
 Que quando vir meu tormento,
 Me salve com cujo sou,

E com esta defensão,
Com que tudo vencer posso,
Diz a causa ao coração,
Nam tem em mi jurdição;
A morte, pois que sou vosso.

Por exprimentar hum dia
Amor, se me achava forte,
Nesta fê, como dizia,
Me convidou com a morte,
Sò por ver se a tomaria.
E como ella seja a cousa,
Onde está todo meu bem,
Respondilhe, como quem
Quer dizer mais, & nam ousa,
Nam a quero, mas se vem.

Nam disse mais, porque então
Entendeo quanto me toca,
E se tinha dito o nam,
Muitas vezes diz a boca,
O que nega o coração.
Toda a cousa defendida,
Em mais estima se tem,
Por isso he cousa sabida,
Que perder por vós a vida,
Ha de fer todo meu bem.

Mote a bũa dama que se chamava Anna.

Vejoa nalma pintada,
Quando me pede o desejo,
A natural, que nam vejo.

Glosa.

Se sò de ver puramente,
 Me transformei no que vi,
 De vista tam excellente,
 Mal poderei ser ausente,
 Em quanto o nam for de mi.
 Porque a alma namorada
 A traz tambem debuxada,
 E a memoria tanto voa,
 Que se a nam vejo em pessoa,
 Vejo na alma pintada.
 O desejo, que se estende,
 Ao que menos se concede,
 Sobre vòs pede, & pretende
 Como o doente, que pede,
 O que mais se lhe defende:
 Eu, que em ausencia nam vejo,
 Tenho piedade, & pejo,
 De me ver tam pobre estar,
 Que então nam tenho, que dar,
 Quando me pede o desejo.
 Como aquelle, que cegou,
 He cousa vista, & notoria,
 Que a natureza ordenou,
 Que se lhe dobre em memoria,
 O que em vista lhe falou,
 Assi a mim, que nam vejo
 Os olhos, ao que desejo,
 Na memoria, & na firmeza
 Me concede a natureza
 A natural, que nam vejo.

Mote albeo.

Sem vós, & com meu cuidado,
Olhai com quem, & sem quem?

Glosa.

Vendo amor, que com vos ver
Mais levemente sofria
Os males, que me fazia,
Nam me pode isto sofrer:
Conjurouse com meu Fado,
Hum novo mal me ordenou,
Ambos me levão forçado,
Nam sei onde, pois que vou
Sem vós, & com meu cuidado.

Nam sei qual he mais estranho,
Destes dous males, que figo,
Se nam vos ver, se comigo
Levar imigo tamanho.
O que fica, & o que vem,
Hum me mata, outro desejo
Com tal mal, & sem tal bem,
Em tais estremos me vejo,
Olhai com quem, & sem quem?

Ao mesmo.

Amor, cuja providencia
Foi sempre, que nam errasse,
Porque n'alma vos levasse,
Respeitando o mal de ausencia,

Quiz

Quiz que em vós me transformasse.
E vendome ir maltratado,
Eu, & meu cuidado sós,
Proveo nisso de attentado,
Por nam me ausentar de vós,
Sem vós, & com meu cuidado.

Mas est' alma, que eu trazia,
Porque vós nella morais,
Deixame cego, & sem guia,
Que ha por melhor companhia,
Ficar onde vós ficais.
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem alma, que em si vos tem,
Co mal de viver sem ella,
Olhai com quem, & sem quem?

Mote alheo.

Sem ventura he por demais

Glosa.

Todo o trabalhado bem,
Promete gostoso fruto:
Mas os trabalhos, que vem,
Para quem dita nam tem,
Valem pouco, & custão muito.
Rompe em toda a pedra dura,
Faz os homẽs immortais
O trabalho quando atura,
Mas querer achar ventura
Sem ventura, he por demais.

Mote,

Mote alheo.

Minh'alma lembraivos della.

Glosa.

Pois o vervos tenho em mais,
Que mil vidas, que me deis,
Assi como, a que me dais,
Meu bem, já que mo negais,
Meus olhos, nam mo negueis.
E se a talestado vim,
Guiado de minha estrella,
Quando houverdes dô de mim,
Minha vida, dailhe a fim,
Minh'alma lembraivos della.

Mote alheo.

Tudo pôde hũa afeição.

Glosa.

Tem tal jurdição amor,
N'alma donde se aposenta,
E de que se faz senhor,
Que a liberta, & izenta
De todo humano temor,
E com mui justa razão,
Como senhor soberano,
E pois me sofre tenção,
Gritarei por desengano,
Tudo pôde hũa afeição.

Trovas

Trovas de Boscañ.

Justa fue mi perdicion,
De mis males soy contento,
Ya no espero galardón,
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo a mi passion.

Glosa.

Despues que amor me formó,
Todo de amor, qual me veo,
En las leyes, que me dió,
El mirar me consintió,
Y defendiome el desseo.
Mas el alma como injusta,
En viendo tal perfeccion,
Dió al desseo ocasion,
Y pues quebré ley tan justa,
Justa fue mi perdicion.

Mostrandoseme el amor,
Màs benigno, que cruel,
Sobre tyrano traidor,
Dezelos de mi dolor,
Quiso tomar parte en él.
Yo, que tan dulce tormento
No quiero dallo, aunque peço,
Resisto, y no lo consiento;
Mas si me lo toma a trueco,
De mis males soy contento.

Señora, ved lo que ordena
Este amor tan falso nuestro,

Por pagar a costa agena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.

Mas vòs, para que veais

Tan engañosa intencion,

Aunque muerto me sintais,

No mireis, que si mirais,

Ya no espero galardón.

Pues que premio, me direis,

Esperas, que será bueno?

Sabed, fino lo sabeis,

Que es lo más de lo que peno

Lo menos, que mereceis.

Quien haze al mal tan ufano,

Y tan libre al sentimiento,

El deſſeo? No, que es vano,

El amor? No, que es tyranno,

Pues? Vuestro merecimiento,

No pudiendo amor robarme

De mis tan caros despojos,

Aunque fue por más honrarme,

Vòs sola para matarme

Le prestastes vuestros ojos.

Mataranme ambos a dos,

Mas a vòs con más razon

Deveêl la satisfacion,

Que a mi por èl, & por vòs,

Satisfizo mi passion.

Mote.

Menina fermosa, & crua,

Bem sei eu,

Quero

Quem deixará de ser seu,
Se vós quizeréis ser sua.

Voltsas.

Minina mais que na idade,
Se, para me querer bem,
Vos nam vejo ter vontade,
He, porque outrem vola tem,
Temvola, & fazvola crua,
Porém eu

Já tomára nam ser meu,
Se vós nam foreis tam sua.

Nos olhos, & na afeição
Vos vi, quando vos olhava,
Tanta graça, que vos dava
De graça este coração:
Nam no quizestes de crua,
Por ser meu,

Se outrem vos dera o seu,
Pòde ser foreis mais sua.

Minina tende maneira,
Que ainda nam venha a ser,
Pois nam quereis, quem vos quer,
Que queirais, quem vos nam queira,
Olhai nam me sejais crua,
Que pois eu

Quero ser vosso, & nam meu,
Sede vós minha, & nam sua.

A hũa dama doente.

Da doença, em que hora ardeis,
Eu fora vossa mêzinha
Só com vòs serdes a minha.
He muito para notar,
Cura tam bem acertada,
Que pudereis ser curada
Sòmente com me curar.
Se quereis, dama, trocar,
Ambos temos a mêzinha,
Eu a vossa, & vós a minha.
Olhai, que nam quer Amor,
Porque fiquemos iguais,
Pois meu ardor nam curais,
Que se cure vosso ardor:
Eu cá sinto vossa dor,
E se vòs sentis a minha,
Dai, & tomai a mêzinha.

Outro.

Deo, senhora, por sentença
Amor, que fosseis doente,
Para fazerdes á gente
Doce, & fermosa a doença.
Nam sabendo amor curar,
Foi a doença fazer
Fermosa para se ver,
Doce para se passar.
Então vendo a differença,
Que ha de vòs a toda a gente,

Mandou, que fosseis doente,
Para gloria da doença.

E digovos de verdade,
Que a saude anda envejola,
Por ver estar tam fermosa
Em vós essa enfermidade.
Nam fazeis logo detença,
Senhora, em estar doente,
Porque adoecerá a gente,
Com desejos da doença.

Que eu, por ter, fermosa dama,
A doença, que em vós vejo,
Vos confesso, que desejo
De cahir com vosco em cama.
Se consentis, que me vença
Deste mal, nam houve gente
Da saude tam contente,
Como eu serei da doença.

Ao mesmo.

Olhai, que dura sentença,
Foi amor dar contra mi,
Que porque em vós me perdi,
Em vós me busque a doença.
Claro está,
Que em vós só me achará,
Que em mi se me vem buscar,
Nam poderá mais achar,
Que a fôrma, do que foi já.
Que se em vós Amor se poz,
Senhora, he forçado assi,

Que

Que o mal, que me busca a mi,
Que vos faça mal a vós,
Sem mentir,

Amor me quiz destruir,
Por modo nunca cuidado,
Pois ha de ser já forçado,
Pesarvos de vos servir.

Mas sois tam desconhecida,
E são meus males de sorte,

Que vos ameça a morte,
Porque me negais a vida,
Se por boa

Tal justiça se pregoa,
Quando desta sorte for,
Harei vós perdão de amor,
Que a parte já vos perdoa.

Mas, o que maistemo emfim,

He que nesta differença,
Que senam torne a doença,
Se me nam tornais a mim.

De verdade,
Que já vossa humanidade,
De que se queixe nam tem,
Pois para as almas tambem
Fez Amor enfermidade.

Mote a bũa dama vestida de dô.

De atormentado, & perdido,
Já vos nam peço, senam,
Que tenhais no coração,
O que tendes no vestido.

Volta.

Se de dô vestida andais,
 Por quem já vida nam tem,
 Porque nam no haveis, de quem
 Vós tantas vezes matais?
 Que brado sem ser ouvido,
 E nunca vejo, senam
 Cruzezas no coração,
 E grande dô no vestido.

*A Dona Guiomar de Blasfé, queimandose
 com hũa vela no rosto.*

Mote.

Amor, que todos offende,
 Teve, senhora, por gosto,
 Que sentisse o vosso rosto,
 O que nas almas acende.

Volta.

Aquelle rosto, que traz
 O mundo todo abrazado,
 Se foi de flamma tocado,
 Foi porque sinta, o que faz.
 Bem sei que amor se vos rende,
 Porêm o seu presuposto,
 Foi sentir o vosso rosto,
 O que nas almas acende.

*Abūa mulher açoutada por hum homem, que
chamavão Corefma,*

Nam estejais agravada;
Senam se for de vòs mesma,
Porque a mulher, que he errada,
Com razão pola Corefma,
Deve ser disciplinada,

Volta.

Quererdes profano Amor
Em Corefma, he consciencia,
Açoutes, & penitencia
Vos está muito melhor.
Nam fiquéis disto afrontada,
Pois a culpa he vossa mesma,
Que mulher, que he tam malvada,
He bem, que pela Corefma
Seja bem disciplinada.

Se a penitencia vos val,
Mui bem açoutada estais,
Pois por Corefma pagais,
Vossos vicios do carnal.
Nam torneis a ser errada,
Nem condeneis a vòs mesma,
Pois estais já enmendada,
E nam fereis por Corefma
Outra vez disciplinada.

*A hum fidalgo, que lhe tardava com hũa
camiza, que lhe prometeo.*

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Para mais se engrandecer,
Ha de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometer.
E já que vossa mercè,
Largueza tem por diviza,
Como o mundo todo vé,
Ha mister, que tanto dè,
Que venha a dar a camiza.

*A hũa dama, que lhe chamou diabo,
por nome Foam dos Anjos.*

Mote.

Senhora, pois me chamaís
Tam sem razão tam mau nome,
Inda o diabo vos tome.

Volta.

Quem quer que vio, ou que leo,
Terà por novo, & moderno,
Ter quem vive no inferno,
O pensamento no Ceo.
Mas se a vós vos pareceo,
Que me estava bem tal nome,
Este diabo vos tome.

Per di.

Perdido mais, que ninguem,
Confesso, senhora, ser,
Mas o diabo nam quer
Aos Anjos tamanho bem:
Pois logo nam me convem,
Ou se me convem tal nome,
Serà para que vos tome.

Se vos benzeis com cautela,
Como de Anjo, & nam de luz,
Mal pôde fugir da Cruz,
Quem vós tendes posto nella,
Mas já que foi minha estrellã,
Ser diabo, & ter tal nome,
Guardaivos, que vos nam tome.

Jã que chegais tanto ao cabo,
Com as mãos pôstas aos Ceos,
Vou sempre pedindo a Deos,
Que vos leve este diabo.
Eu, senhora, nam me gabo,
Mas pois que me dais tal nome,
Tomoo para que vos tome.

A hum amigo, que nam podia encontrar.

Mote.

Qual terá culpa de vds
Neste mal, que todo he meu?
Quando vindes nam vou eu,
Quando vou nam vindes vds.
Reinando amor em dous peitos,
Tece tantas falsidades,

Que de conformes vontades
 Faz desconformes effeitos.
 Igualmente vive em nós,
 Mas por desconcerto seu
 Vos leva se venho eu,
 Me leva se vindes vós.

Mota seu

Descalça vay pela neve;
 Assi faz, quem amor ferve.

Voltas

Os privilegios, que os Reys
 Nam pôdem dar, pôde Amor,
 Que faz qualquer amador
 Livre das humanas leys,
 Mortes, & guerras crueis,
 Ferro, frio, fogo, & neve,
 Tudo sofre, quem o ferve.
 Moça fermosa despreza
 Todo o frio, & toda a dor,
 Olhai quanto pôde Amor,
 Mais que a propria natureza,
 Medo, nem delicadeza
 Lhe impede, que passe a neve,
 Assi faz, quem amor ferve.

Por mais trabalhos, que leve,
 A tudo se offereceria,
 Passa pela neve fria,
 Mais alva, que a propria neve,
 Com todo frio se atreve,

Luis de Camões.

313

Vede em que fogo ferve
O triste, que a amor serve.

Outro alheio

A dor, que a minha alma sente,
Nam na sabe toda a gente.

Volta:

Que estranho caso de amor,
Que desejado tormento,
Que venho a ser avarento
Das dores de minha dor.
Por me nam tratar peor,
Se se sabe, ou se sente,
Nam na digo a toda a gente.
Minha dor, & a causa della,
De ninguém ouso fiar,
Que seria aventurar
A perderme, ou a perdela;
E pois só com padecela,
A minha alma está contente,
Nam quero, que o saiba a gente.
Ande no peito escondida,
Dentro n'alma sepultada,
De mi só seja chorada,
De ninguém seja sentida,
Ou me mate, ou me dê vida,
Ou viva triste, ou contente,
Nam ma saiba toda a gente.

Outro

Outro seu.

D'alma, & de quanto tiver,
 Quero, que me despojeis,
 Com tanto, que me deixeis
 Os olhos para vos ver.

Volta.

Cousa este corpo nam tem,
 Que já nam tenhais rendida,
 Depois de tirarlhe a vida,
 Tirailhe a morte tambem:
 Se mais tenho, que perder,
 Mais quero, que me leveis,
 Com tanto, que me deixeis
 Os olhos para vos ver.

Mote albeo.

Amores de hũa casada,
 que eu vi pelo meu mal.

Voltas.

Nũa casada fui pór
 Os olhos de si senhores,
 Cuidei, que fossem amores;
 Elles fizeraõse amor.
 Fazse o desejo mayor
 Donde o remedio nam val,
 Em perigo de meu mal.
 Nam me pareceo, que Amor

Pudef.

Pudesse tanto comigo,
Que donde entra por amigo,
Se levante por senhor:
Levame de dor em dor,
E de final em final,
Cada vez para mór mal.

Outro seu.

Enforquei minha esperança,
Mas Amor foi tam madraço,
Que lhe cortou o baraço.

Voltas.

Foi a esperança julgada
Por sentença da ventura,
Que pois me teve â pendura,
Que fosse dependurada.
Vem Cupido com a espada,
Cortalhe cerce o baraço,
Cupido, fosse madraço.

Outro seu.

Puz o coração nos olhos,
E os olhos puz no chão,
Por vingar o coração.

Voltas.

O coração envejoso
Como dos olhos andava,
Sempre remoque me dava,

Que

Que nam era o meu mimoso,
Venho eu de piedoso,
Do senhor meu coração,
Eboto os olhos no chaõ.

Outro seu.

Puz meus olhos nũa funda,
E fiz hum tiro com ella
Aas grades de hũa janella.

Volta.

Hũa dama de malvada,
Tomou seus olhos na mão,
E tiroume hũa pedrada
Com elles ao coração.
Armei minha funda então,
E puz os meus olhos nella,
Trape, quebreilhe a janella.

Alheo.

De pequena tomei amor,
Porque o nam entendi,
Agora, que o conheci,
Matame com disfavor.

Volta.

Vi o moço, & pequenino,
E a mesma idade ensina,
Que se incline hũa minina,
Aas amostras de hum minino:
Ouvilhe chamar Amor,

Pelo

Pelo nome me venci,
Nunca tal engano vi,
Nem tamanho desamor.

Creceome de dia em dia,
Com a idade a afeição,
Porque amor de criação,
Nalma, & na vida se cria.
Criouse em mi este amor,
E senhoreouse de mi,
Agora que o conheci,
Matame com disfavor.

As flores me torna abrolhos,
A morte me determina,
Quem eu trouxe de minina,
Nas mininas de meus olhos.
Desta magoa, & desta dor,
Tenho sabido, que em fim
Por amor me perco a mim,
Por quem de mi perde o amor?

Parece ser caso estranho,
O que amor em mim ordena,
Que em idade tam pequena,
Haja tormento tamanho.
Sejaõ milagres de amor,
Heyos de sofrer assi,
Até que haja dô de mi,
Quem entender esta dor.

Cantiga velha.

Apartaraõse os meus olhos
De mi tam longe,

Falsos

Falsos amores,
Falsos maos enganadores.

Volta.

Trataraõme com cautella,
Por me enganar mais azinha,
Deilhe posse d'alma minha,
Foraõme fugir com ella.
Nam ha vellos, nem ha vella
De mi tam longe,
Falsos amores,
Falsos maos enganadores.
Entregueilhe a liberdade,
E emfim da vida o melhor,
Foraõse, & do desamor,
Fizeraõ necessidade,
Quem teve a sua vontade,
De mi tam longe,
Falsos amores,
E oxalà enganadores.

Outra.

Falso cavaleiro ingrato,
Enganaisme,
Vòs dizeis, que eu vos mato,
E vòs mataisme.

Volta.

Costumadas artes saõ
Para enganar innocencias,
Piedosas apparencias
Sobre izento coração:

Eu vos amo, & vós ingrato
Magoaisme,
Dizendo, que eu vos mato,
E vós matais me.

Vede agora qual de nós,
Anda mais perto do fim,
Que a justiça fazle em mim,
E o perdão diz, que sois vós.
Quando mais verdade trato
Levantais me,
Que vos defamo, & vos mato,
E vós matais me.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
He porque para vós vejo
Em todo o mundo desejo,
E em ninguem merecimento.

Volta.

Para quem vos soube olhar
Tam impossivel foi ser,
O podervos merecer,
Como o nam vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
Nenhum remedio lhe vejo,
Senam se dêr o desejo,
Azas ao merecimento.

Albeo.

Vós sen hora tudo tendes,
Senam que tendes os olhos verdes.

Volta.

Volta.

Dotou em vós natureza
 O summo da perfeição,
 Que o que em vós he senam,
 He em outras gentileza:
 O verde nam se despreza,
 Que agora que vós o tendes,
 São bellos os olhos verdes.

Ouro, & azul he a melhor
 Cor, porque a gente se perde,
 Mas a graça desse verde,
 Tira a graça a toda a cor.
 Fica agora sendo a flor
 A cor, que nos olhos tendes,
 Porque são vossos, & verdes.

Alheo.

Para que me dan tormento,
 Aprovechando tan poco,
 Perdido, mas no tan loco,
 Que descubra lo que siento.

Volta.

Tiempo perdido es aquel,
 Que se passa en darme afan,
 Pues quanto más me lo dan,
 Tanto menos siento del.
 Que descubra lo que siento?
 No lo harè, que no es tan poco,
 Que no puede ser tan loco,
 Quien tiene tal pensamiento.

Sepan,

Sepan, que me manda Amor,
Que de tan dulce querella,
A nadie dê parte della,
Porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormento,
Que aun se me antoja poco,
Y si es mucho, quede loco
De gusto de lo que siento.

Alheo.

De vuestros ojos centellas,
Quien encienden pechos de yelo,
Suben por el ayre al cielo,
Y en llegando son estrellas,

Voltas.

Falsos loores os dan,
Que essas centellas tan raras,
No son nel cielo más claras,
Que en los ojos donde estan.
Porque quando miro en ellas
El como alumbran al suelo,
No sé que seran nel cielo
Mas se que acá son estrellas.

Ni se puede presumir,
Que al cielo suban, señora,
Que la lumbre, que en vds mōdra,
No tiene más, que subir,
Mas pienso, que dan querellas
A Dios nel oçtavo cielo,
Porque son acá en el suelo
Dos tan hermosas estrellas.

X

Alheo.

Alheo.

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no ay señal.

Voltas.

Mi nueva, y dulce querella
Es invisible a la gente,
El alma solo la siente,
Que el cuerpo no es dino della,
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

Alheo.

Amor loco, amor loco,
Yo por vós, y vós por otro.

Voltas.

Dióme Amor tormentos dos,
Para que pene doblado,
Uno es verme desamado,
Otro es manzilla de vós,
Ved que ordena Amor en nós?
Porque, vós hazeisme loco,
Que seais loca por otro.
Tratais amor de manera,
Que porque assi me tratais,
Quiere que pues no me amais,
Que ameis otro, que no os quiera,
Mas con todo sino os viera
De todo loca por otro.

Con más razon fuera loco.
Y tan contrario viviendo,
Alfin, alfin, conformamos,
Pues ambos a dos buscamos,
Lo que màs nos vá huyendo.
Voy tras vós siempre siguiendo,
Y vós huyendo por otro,
Andais loca, y me hazeis loco.

Alteo.

Todo es poco lo possible.

Glosa.

Ved, que engaño se ñorea,
Nuestro juizio tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien, que se dessea,
Alcançado, queda poco.
Un bien de qualquiera grado,
Si de averse es impossible,
Queda mucho desseado,
Mas para mucho alcançado,
Todo es poco lo possible.

Otra.

Possible es a mi cuidado,
Poderme hazer satisfecho,
Si fuera possible al hado,
Hazer no hecho lo hecho,
Y futuro lo passado.
Si olvido pudiera haver,
Fuera remedio sufrible:

Mas ya que no puede ser,
 Para contento me hazer,
 Todo es poco lo possible.

Alheo.

Vede bem se nos meus dias
 Os desgostos vi sobejos,
 Pois tenho medo a desejos,
 E quero mal a alegrias.

Volras.

Se desejos fui já ter,
 Servirão de atormentarme,
 Se algum bem pode alegrarme,
 Quizme antes entristecer.
 Passei annos, passei dias,
 Em desgostos tam sobejos,
 Que sò por nam ter desejos,
 Perderei mil alegrias.

Proprio.

Pois he mais vosso, que meu,
 Senhora, meu coração,
 Eu vosso captivo sam,
 Meus olhos, lembrevos em

Volta.

Lembreos minha tristeza,
 Que já mais nunca me deixa,
 Lembreos com quanta queixa,
 Se queixa minha firmeza:
 Lembreos que nam he meu

Este triste coração,
E pois ha tanta razão,
Meus olhos, lembrevos eu.

Outro.

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder,
Por serdes della servida.
Nam queirais, que destruida
Possa ser.

Volta.

Isto nam por me pesar
De morrer, se vós quizerdes,
Que melhor me he acabar
Mil vezes, que soportar
Os males, que me fizerdes,
Mas sò por serdes servida
De mim, em quanto viver,
Vos peço que minha vida,
Nam queirais, que destruida
Possa ser.

Outro.

Pois dano me faz olharvos,
Nam quero, por nam querervos,
Que ninguém me veja, vervos.

Volta.

De vervos a nam vos ver,
Ha dous estremos mortaes,
E são elles em fi taes,

Que hum por hum me f. z morrer.
 Mas antes quero esc lher,
 Que possa viver sem vervos,
 Minh'alma, por nam perdervos.

Deste tamanho perigo,
 Que remedio posso ter?
 Se vivo só com vos ver,
 Se vos nam vejo, perigo,
 Mas quero acabar comigo,
 Que ninguem me veja vervos,
 Senhora, por nam peidervos.

*A tres damas, que lhe dizião, que o
 amavão.*

Nam sei se me engana Helena,
 Se Maria, se Joanna,
 Nam sei, qual dellas me engana.

Volta.

Hũa diz, que me quer bem,
 Outra jura, que mo quer,
 Mas em jura de mulher,
 Quem crerá se ellas nam crem?
 Nam posso nam crer a Helena,
 A Maria, nem Joanna,
 Mas nam sei, qual mais me engana.

Hũa faz me juramentos,
 Que sò meu amor estima,
 A outra diz, que se fina,
 Joanna, que bebe os ventos.
 Se cuido, que mente Helena,

Tambem mentirà Joanna,
Mas quem mente nam me engana.

A hũa dama mal empregada.

Minina, nam sei dizer,
Vendovos tam acabada,
Quaõ triste estou por vos ver,
Fermosa, & mal empregada.

Volta.

Quem tam mal vos empregou,
Pouco de mim se dohia,
Pois nam vio o quanto me hia,
Em tirarme, o que tirou;
Obriga o primor, que tem
Lindeza tam estremada,
Que digão quantos a vem,
Fermosa, & mal empregada.

Tomastes da fermosura,
Quanto della desejaſtes,
E com ella me guardaſtes
Para tam triste ventura,
Mataveis sendo solteira,
Matais agora em casada,
Matais de toda a maneira,
Fermosa, & mal empregada.

A hũa Foã Gonçalves.

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes,
Este meu coração Mendes.

X 4

Volta.

Volta.

Eu sou boa testemunha,
Que amor tem por cousa mã,
Que olhos, que são homês já,
Se nomeem sem alcunha,
Pois o coração apunha,
Ediz olhos pois vos tendes,
Chamaim coraçõ Mendes.

Outro.

De que me serve fugir
De morte, dor, & perigo,
Se me eu levo comigo?

Volta.

Tenhome persuadido,
Por razã conveniente,
Que nam posso ser contente,
Pois que pude ser nacido.
Anda sempre tam unido
O meu tormento comigo,
Que eu mesmo sou meu perigo.
E se de mi me livrasse,
Nenhum gosto me seria:
Quem senão eu nam teria
Mal, que esse bem me tirasse,
Força he logo que assi passe,
Ou com desgosto comigo,
Ou sem gosto, & sem perigo.

A hũa dama, que jurava pelos
seus olhos.

Quando me quer enganar,
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar,
O que quer certificar,
Pelos seus olhos me jura.

Como meu contentamento

Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento,
Que se faz agravo a elles,
Nam crertam graõ juramento.

Perêm como em casos taes

Ando já visto, & corrente,
Sem outros certos sinaes,
Quanto me ella jura mais,
Tanto mais cuido, que mente.

Então vendolhe offender

Hũs taes olhos como aquelles,
Deixome antes tudo crer,
Sò pela nam const ranger,
A jurar fallo por elles.

Alheo.

Vòs teneis mi coração,

Glosa.

Mi coração me han robado,
Y Amor viendo mis enojos,
Me dixo, fuete llevado

Por

Por los más hermosos ojos,
 Que desque vivo he mirado.
 Gracias sobrenaturales
 Te lo tienen en prision,
 Y si amor tiene razón,
 Señora, por las señales,
 Vós teneis mi coração.

Aalheo.

Ha hum bem, que chega, & foga,
 E chamase este bem tal,
 Ter bem para sentir mal.

Volta.

Quem viveo sempre num ser,
 Inda que seja em pobreza,
 Nam vio o bem da riqueza,
 Nem o mal de empobrecer,
 Nam ganhou para perder,
 Mas ganhou com vida igual,
 Nam ter bem, nem sentir mal.

A hũa dama, que lhe virou o rosto.

Olhos nam vos mereci,
 Que tenhais tal condição,
 Tam liberaes para o chaõ,
 Tam irosos para mi.

Volta.

Baixos, & honestos andais,
 Por vos negardes, a quem

Nam

Luis de Camões.

331

Nam quer mais, que aquelle bem,
Que vós no chaõ espalhais,
Se pouco vos mereci,
Nam me estimeis mais que o chaõ
A quem vós o galardão,
Dais, & mo negais a mi,

Proprio.

Venceome amor, nam o nego,
Tem mais força que eu assaz,
Que como he cego, & rapaz,
Dane porrada de cego.

Volta.

Sò porque he rapaz ruim,
Deilhe hum bo fete zombando,
Dizme, ó mao, estais me dando,
Porque sois mayor que mim.
Pois se eu vos descarrego,
E em dizendo isto chaz,
Torne me outra, tá rapaz,
Que dás porrada de cego.

Ao desconcerto do mundo.

Os bõs vi sempre passar
No mundo graves tormentos,
E para mais me espantar,
Os maos vi sempre andar,
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi
O bem tam mal ordenado,

Fui

Fui mau, mas fui castigado;
 Assim, que sò para mi,
 Anda o mundo concertado.

*Abũa dama, perguntandolhe quem
 o amava.*

Mote.

Perguntai-me, quem me mata,
 Nam quero responder nada,
 Por vos nam fazer culpada,

Volta.

E se a pena nam me atica,
 A dizer pena tam forte,
 Querome entregar à morte,
 Antes que a vòs á justiça.
 Porém se tendes cobiça
 De vos verdes tam culpada,
 Dizei, que nam sinto nada.

Mote.

Esconjurote Domingas,
 Pois me dás tanto cuidado,
 Que me digas se te vingas,
 Viverei menos penado.

Volta.

Jurava-me, que outras cabras
 Folgavas de apacentar,
 Eu por nam me magoar,
 Fingia, que erão palavras.

Agora de arte te vingas,
De algum meu doudo pecado,
Que inda que queira Domingas,
Nam posso ser enganado.

Qualquer coula busca o seu,
A fonte vai para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingardes do meu,
De mi te esqueces Domingas,
Como eu faço do meu gado:
Prazia Deos, que se te vingas,
Que morra desesperado.

Na fantasia te pinto,
Falote, responde o monte,
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço, & nam o sinto:
Domingas no valle brado,
Responde o ecco, Domingas,
E tu inda te nam vingas,
De me ver doudo tornado.

Alheo.

Se a alma ver se nam pôde
Onde pensamentos ferem,
Que farei para me crearem?

Volta.

Se n'alma hũa sò ferida,
Faz na vida mil finais,
Tanto se descobre mais,
Quanto he mais escondida:
Se esta dor tam conhecida,

Me nam vem, porque nam querem
 Que farei para ma crerem?
 Se se pudesse bem ver,
 Quanto callo, & quanto sento
 Despois de tanto tormento
 Cuidaria alegre ser:
 Mas senam me querem crer
 Olhos, que tam mal me ferem,
 Que farei para me crerem?

Alheo.

Vosso bem querer, senhora,
 Vosso mal melhor me fora.

Volta.

Já agora certo conheço,
 Ser melhor todo o tormento,
 Onde o arrependimento,
 Se compra por justo preço:
 Enganou-me hum bom começo,
 Mas o fim me diz agora,
 Que o mal melhor me fora.
 Quando hum bem he tam danoso,
 Que sendo bem dá cuidado,
 O dano fica obrigado
 A ser menos perigoso,
 Mas se a mim por desditoso,
 Co bem me foi mal senhora,
 Co vosso mal bem me fora.

Alheo.

Alheo.

Se me desta terra for,
Eu vos levarei Amor.

Volta.

Se me for, & vos deixar,
(Ponho por caso, que possa)
Est'alma minha, que he vossa,
Com vosco me ha de ficar:
Assi que sò por levar
A minh'alma se me for,
Vos levarei meu amor.

Que mal pôde maltratarme,
Que com vosco seja mal,
Ou que bem pôde ser tal,
Que sem vòs possa alegrarme,
O mal nam pôde enojarme,
O bem me serà mayor,
Se vos levar meu amor.

Alheo.

Pequenos contentamentos,
Hi buscar, quem contenteis,
Que a mim, nam me conheceis.

Volta.

Os gostos, que tantas dores
Fizerão já valer menos,
Nam os aceita pequenos,
Quem nunca teve mayores:
Bem parecem vãos favores,

Pois:

Pois tam tarde me quereis,
Que inda me nam conheceis.

Offereceis-me alegria,
Tendome já cego, & mouco,
He baixeza aceitar pouco,
Quem tanto vos merecia:

Idevos por outra via,
Pois o bem, que me deveis,
Nunqua no satisfareis.

Alheo.

Perdigão perdeo a pena,
Nam ha mal, que lhe nam ve nha

Voltas.

Perdigão, que o pensamento
Subio em alto lugar,
Perde a pena do voar,
Ganha a pena do tormento:
Nam tem no ar, nem no vento,
Azas, com que se sustenha,
Nam ha mal, que lhe nam venha!

Quiz voar a hũa alta torre,
Mas achouse defazado,
E vendose despenado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se socorre,
Lança no fogo mais lenha,
Nam ha mal, que lhe nam venha.

*A hūas senhoras, que havião de ser terceiras
para com hūa dama.*

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tem tais cirurgioes,
Pois ventura
Me subio a tanta altura,
Que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura,
Que se cura
Por vossos rogos, senhoras.
Ser minha pena mortal,
Jà que entendeis, que he assi,
Nam quero fallar por mi,
Que por mi falla meu mal,
Sois fermosas,
Haveis de ser pièdosas,
Por ser tudo de hūa cor:
Que pois Amor, vós fez rosas
Milagrosas,
Fazei milagres de amor.
Pedi a quem vòs sabeis,
Que saiba de meu trabalho,
Nam pelo, que eu nisso valho,
Mas pelo, que vòs valeis,
Que o valer de ler
De vosso alto merecer,
Com lap pedir de geolhos,
Fará, que em meu padecer

Possa ver

O poder, que tem seus olhos,

Vossa muita fermosura

Com a sua tanto val,

Que me rio de meu mal,

Quando cuido, em quem me cura,

A meus ays

Peçovos, que lhe valhais,

Damas de Amor tam validas,

Que nunca tal dor sintais,

Que queirais,

Onde nam seja is queridas.

ENDECHAS

A Barbora escrava.

A Quella cativa,
Que me tẽ cativo,
Porque nella vivo,
Já nam quer, que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos,
Fosse mais fermosa.
Nem no campo flores
Nem no Ceo estrellas
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos sossegados,

Pretos, & cansados,
Mas nam de matar.
Hũa graça viva,
Que nelles lhe mōra
Para ser senhora
De quem he cativa.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vaõ,
Perde opinião,
Que louros são bellos.
Pretidão de amor,
Tam doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a cor.

Lêda

Lêda maufidão,
Que o fiso acompanha
Bem parece estranha,
Mas Barbara nam,
Presença serena,
Que a tormenta amansa
Nella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta he a cativa,
Que me tem cativo,
E pois nella vivo,
He força, que viva.

Mas a res perdida,
Que tal herva pasce
Em forte hora nace.
Com quanto perdi
Trabalhava em vão
Se semeei grão,
Grande dor colhi.
Amor nunca vi,
Que muito durasse,
Que nam magoasse.

Alheo.

Se me levão agoas,
Nos olhos as levo.

Proprias.

Quem ora foubesse,
Onde o amor nace,
Que o semeasse.

Se de saudade
Morrerei, ou nam,
Meus olhos dirão,
De mim a verdade.
Por elles me atrevo
A lançar as agoas,
Que mostrẽ as magoas,
Que nesta alma levo.
As agoas, que em vão
Me fazem chorar,
Se ellas são do mar.
Estas de amar são,
Por ellas relevo
Todas minhas magoas,

Volta.
D'amor, & seus danos
Me fiz lavrador,
Semeava amor,
Ecolhia enganos:
Nam viem meus annos
Homem, que apanhasse,
O que semeasse,
Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos
Duros para a vida,

Que se força de agoas,
Me leva, eu as levo.

Todas me entristecê,
Todas são falgadas,
Porém as choradas,
Doces me parecem.
Correi doces agoas,
Que se em vòs me enlevo
Não doem as magoas,
Que no peito levo.

Alheo.

Minina dos olhos verdes
Porque me nam vedes.

Voltaas proprias.

Elles verdes são,
E tem por usança,
Na cor esperança,
E nas obras nam:
Vossa condição
Não he d'olhos verdes
Porque me não vedes.

Isenções a molhos,
Que elles dizem terdes,
Não são d'olhos verdes,
Nem de verdes olhos.
Sirvo de gíolhos,
E vós nam me crêdes,
Porque me nam vedes.

Havião de ser,
Porque possa vellos,
Que hús olhostaõ bellos
Não se haõ de escõder:
Mas fazeis-me crer,
Que já nam são verdes,
Porque me nam vedes.

Verdes nam o são,
No que alcanço delles,
Verdes são aquelles
Que esperança daõ.
Se na condição
Estã serem verdes,
Porque me não vedes?

Alheo.

Trocaõ o cuidado,
Senhora comigo,
Vereis o perigo,
Que he ser desamado.

Voltaas proprias.

Se trocar desejo
O amor entre nòs,
He para que em vòs
Vejaís, o que vejo:
E sendo trocado,
Este amor comigo,
Servosha castigo,
Terdes meu cuidado.

Tendes

Tendes o sentido
D'amor livre, & izento,
E cuidais, que he vento,
Sertão mal querido.
Nam seja o cuidado,
Tam vosso inimigo,
Que queira o perigo
De ser desamado.

Mas nunca foi tal
Este meu querer,
Que quem tanto quer,
Queira tanto mal.
Seja eu maltratado,
E nunca o castigo
Vos mostre o perigo,
Que he ser desamado.

Atenção de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
Dever outro dia,
Quem o acabaria?

Volts.

A lindeza vossa,
Dama, quem a vê,
Impossivel he,
Que guardar se possa
Se faz tanta moſſa,
Vervos hum sò dia
Quem se guardaria?

Melhor deve ser
Neste aventurar,
Ver, & nam guardar,
Que guardar, & ver,
Ver, & defender
Muito bem seria,
Mas quem poderia?

Note.

Irme quiero madre
A aquella galera,
Con el marinero,
A ser marinera,

Volts proprias.

Madre si me fuere,
Do quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el amor lo quiere
Aquel niño fiero,
Haze que me mueva
Por un marinero
A ser marinera,

El que todo puede
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede,
Con él porque muere
Voi, porque no muera,
Que si es marinero,

Y 3

Serè

Serê marinera.

Es tyрана ley,
Del niño señor,
Que por un amor
Se defeche un Rey,
Quiere,irme quiero
Por un marinero
A ser marinera.

Dezid ondas, quando
Visteis vós donzella,
Siendo tierna, y bella
Andar navegando?
Mas que no se espera,
De aquel niño fiero,
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

Outra.

Saudade minha,
Quando vos veria?

Voltas proprias.

Este tempo vaõ,
Esta vida escassa,
Para todos passa,
Sò para mim nam.
Os dias se vaõ
Sem ver este dia,
Quando vos veria?
Vede esta mudança

Se estã bem perdida,
Em tam curta vida,
Tam longa esperança.
Se este bem se alcança,
Tudo sofreria,
Quando vos veria.

Saudosa dor,
Eu bem vos entendo:
Mas nam me defendo,
Porque ofendo Amor.
Se fosseis mayor,
Em mayor valia
Vos estimaria.

Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direi eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noite, & de dia,
Sempre vos teria.

Outra.

Vida da minha alma,
Nam vos posso ver,
Isto nam he vida
Para se sofrer.

Voltas proprias.

Quando vos eu via,
Esse bem lograva,

A vi-

A vida estimava,
Mas entã vivia.
Porque vos servia
Sò para vos ver,
Ja que vos nam vejo
Para que he viver?
Vivo sem razão,
Porque em minha dor,
Nam a poz Amor,
Que inimigos saõ,
Mui grande treição
Me obriga a fazer,
Que viva, senhora,
Sem vos poder ver.

Nam me atrevo já,
Minha tam querida,
A chamarvos vida,
Porque a tenho mã.
Ninguem cuidará,
Que isto pôde ser,
Sendome vós vida,
Nam poder viver.

Outra.

Coisa de beirame,
Namorou Joanne.

Voltas proprias.

Por cousa tam pouca
Andas namorado?

Amas o toucado,
E nam, quem o touca?
Ando cega, & louca
Por ti meu Joanne,
Tu pelo beirame.

Amas o vestido,
Es falso amator,
Tu nam vês, que amor
Se pinta despido?
Cego, & muy perdido
Andas por beirame,
E eu por ti Joanne.

A todos encanta
Tua parvoice,
De tua doudice
Gonfalo se espanta,
Ezombando canta,
Coisa de beirame,
Namorou Joanne.

Eu nam sei, que viste
Neste meu toucado,
Que tam namorado
Delle te sentiste,
Nam te veja triste,
Amame Joanne,

E deixa o beirame?

Joanne gemia,
Maria chorava,
Assi lamentava
O mal, que sentia,
Os olhos feria,
E nam o beirame,

Que matou Joanne:

Nam sei do que vem
Amares vestido,
Que o mesmo Cupido,
Vestido nam tem.
Sabes, de que vem
Amares beirame,
Vem de ser Joanne.

Mote.

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

Volta.

A verdura amena,
Gados, que pazeis,
Sabei, que a deveis
Aos olhos de Helena,
Os ventos serena,
Faz flores d'abrolhos
O ár de seus olhos,
Faz ferras floridas,
Faz claras as fontes
S'isto faz nos montes
Que fará nas vidas:
Tralas suspendidas,
Como ervas em molhos.
Na luz de seus olhos
Os corações prende

Com graça inhumana,
De cada pestana
Hũa alma lhe pende,
Amor se lhe rende,
E posto em gíolhos,
Pasma nos seus olhos.

Alceo.

Verdes são os campos
De cor de limão,
Assi são os olhos
Do meu coração.

Volta.

Campo, que te estendes,
Com verdura bella,
Ovelhas, que nella
Vosso pasto tendes:
De ervas vos mantendes
Que traz o verão,
E eu das lembranças
Do meu coração.

Gados, que pazeis,
Com contentamento,
Vosso mantimento
Nam no entendeis.
Isto, que comeis,
Nam são ervas, nam
São graça dos olhos
Do meu coração.

Alceo.

Albo.

Verdes são as ortas
Com rosas, & flores
Moças, que as regão
Mataõme d'amores.

Volta suas.

Entre estes penedos
Que daqui parecem
Verdes ervas crecem,
Altos arvoredos,
Vai destes rochedos
Agoa, com que as flores,
Doutas são regadas,
Que mataõ de amores.

Com agoa, que cae
Daquella espessura,
Outra se mestura,
Que dos olhos sae:
Toda junta vae
Regar brancas flores
Onde ha outros olhos,
Que mataõ de amores,

Celestes jardins,
As flores estrellas,
Horteloas dellas,
São hũs serafins:
Rosas, & jasmins
De diversas cores,

Anjos, que as regão
Mataõme d'amores.

Albo.

Minina fermosa,
Dizei, de que vem,
Serdes rigurosa,
A quem vos quer bem?

Volta suas.

Nam sei quem affella,
Vossa fermosura,
Que quem he tam dura
Nam pôde ser bella.
Vos fereis fermosa,
Mas a razão tem,
Que quem he irosa,
Nam parece bem.

A mostra he de bela,
As obras são cruas:
Pois qual destas duas
Ficará na sella?
Se ficar irosa,
Nam vos estâ bem,
Fique antes fermosa,
Que mais força tem.

O amor fermoso
Se pinta, & se chama
Se he amor ama,
Se ama he piedoso.

Diz:

Diz agora a glosa,
Que este texto tem,
Que quem he fermosa
Ha de querer bem.

Havei dò minina
Dessa fermosura,
Que se a terra he dura
Secase a bonina,
Sede piedosa,
Nam veja ninguem
Que por rigurosa,
Percais tanto bem.

Alhea.

Tendeme mão nelle,
Que hũ real me deve.

Volta suas.

Cum real de amor
Dous de confiança,
E tres de esperança
Me foge o trêdor.
Falso desamor,
Se encerra naquelle
Que hum real me deve.
Pediome emprestado,
Nam lhe quiz penhor,
He mao pagador,
Tendemo afferrado
Cum cordel atado,

Ao tronco se leve,
Que hum real me deve.
Por esta travessa
Se vai acolhendo,
Eylo vai correndo
Fugindo a graõ pressa.
Nesta mão, & nessa
O falso se atreve,
Que hum real me deve.
Comproune o amor,
Sem lhe fazer preço,
Eu nam lhe mereço
Dar-me dis favor.
Dame tanta dor,
Que ando apos elle,
Pelo que me deve.
Eu de cá bradando,
Elle vai fugindo,
Elle sempre rindo,
Eu sempre chorando.
E de quando em quando
No amor se atreve,
Como que nam deve.
A fallar verdade
Elle já pagou,
Mas inda ficou
Devendo ametade.
Minha liberdade
He a que me deve,
Só nella se atreve.

CARTA I.

Da India a hum amigo.

DEsejei hũa vossa, cuido, que pela desejar a nam vis; porque este he o mais certo costume da Fortuna, consentir, que mais se deseje, o que mais presto se ha de negar. Mas porque outras Naos me nam fação tamanha offensa, como he fazerem me suspeitar, que vos nam lembro: determinei de vos obrigar agora com esta, na qual pouco mais, ou menos vereis, o que quero, que me escrevais dessa terra; em pago do qual dante mão vos pago com novas desta, que nam serão más no fundo de hũa arca, para avilo de algũs aventureiros, que cuidão, que todo o mato he ouregãos, & nam sabem, que cá, & là, más fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então, com pregação publico, por falsificadoras de moeda. E desenganei esses pensamentos, que por casa trazia, porque em mim nam ficasse pedra sobre pedra. E affi posto em estado, que me nam via, se nam por entre lusco, & fusco, as derradeiras palavras, que na Nao disse, foraõ as de Scipião Africano. *Ingrata patria, Non possidebis ossa mea*. Porque quando cuido, que sem peccado, me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passei tres mil de más lingoas, peores ténçoës danadas vontades, nascidas de pura enveja, de verem.

rem su amada yedra de si arrancada, y en otro muro afida, da qual tambem amizades mais brandas, que cera, se acendiaõ em odios, que desesperavão, & lume, que me deitava mais pingos na Fama, que nos couros de hum leitão. Então ajuntouse a isto acharemme sempre na pelle a virtude de Achilles, que nam podia ser cortado senão pelas solas dos pês, as quaes de mas uam verem nunca, me fez ver as de muitos, & nam engeitar conversações da mesma impressão, a quem fracos punhaõ mau nome, vingando com a lingua, o que nam podião com o braço. Emfim senhor, eu nam sei com que me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa terra me armavaõ os acontecimentos, senam com me vir para esta onde vivo mais venerado, que os touros da Merciana, & mais quieto, que a cella de hum frade prêgador. Da terra vos sei dizer, que he mays dos viloês ruins, & madrastra de homês honrados. Porque os que se cã lanção a buscar dinheiro, sempre se sustentão sobre agoa como bexigas, mas os que sua opinião deita a las armas Mouriscote, como marê corpos mortos á praya, sabeis que antes que amadureção, se secão. Já estes, que tomávão esta opinião de valentes às costas, crede, que nunca riberas de Duero arriba cavalgaron Camoranos, que roncas de tal soberbia entre si fueffen hablandos, & quando vem ao effeito da obra, salvaõse cõ dizer, que senam pòdem fazer tamanhas duas coufas como he prometer, & dar. In formado disto veyo a esta terra João Toscano, que como se achava em algum magusto de rufioês verdadeiramente, q alliera su comer las carnes crudas, su beber la viva san-

saugre. Calisto de Siqueira se veyo cà mais humanamente, porque assi o prometeo em hũa tormenta grande, em que se vio. Mas hum Manoel Serraõ, que sicut & nos, manqueja de hum olho, se tem cà provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a hum soldado, o qual pola postura de sua pessoa era cá tido em boa conta. Se das damas da terra quereis novas, as quaes são obrigatorias a hũa carta, como marinheiros a festa de Sam Frey Pero Gonçalves, sabeí, que as Portuguezas todas caem de maduras, que nam ha cabo, que lhes tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dà, além de serem de rala, fazeime mercê, que lhe falleis algũs amores de Petrarca, ou de Boscão, respondemvos hũa liogpagem meada de ervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agoa na fervura da mór quentura do mundo. Hora julgai, senhor, o que sentirá hum estamago costumado a resistir às falsidades de hum rostinho de tauxia de hũa dama Lisbonense, que chia, como pucarinho novo com agoa, vendo-se agora entre esta carne de selê que nenhum amor dà de si, como nam chorarálas memorias de in illo tempore? por amor de mim, que às mulheres dessa terra digais de minha parte, que se querem absolutamête ter alçada cõ baraço, & pregaõ, quaõ receê feis meses de mà vida por mar, q' eu as espero cõ procissão, & paleo, revestido em pôtifical, adõde estoutas senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, & reconhecerão toda a obediência, a q' por sua muita idade são já obrigadas. Por agora nam mais, senam,

senaõ, que este Soneto, que aqui vai, que fiz á morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em final de quanto della me pesou. Hũa Ecloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata algũa cousa da morte do Principe, que me parece melhor, que quantas fiz. Tambẽ vola mandàra para a mostrardes lá a Miguel Dias, que pela muita amizade de Dom Antonio, folgaria de a ver, mas occupação de escrever muitas cartas para o Reyno, me nam deo lugar. Tambem lá escrevo a Luis de Lemos, em reposta doutra, que vi sua, se lha nam deraõ saiba, que he culpa da viagem, na qual tudo se perde.

Valencia 8 de Mayo

O Soneto que aqui diz, fica entre os outros, & he o 12.

CARTA II.

E Sta vai com a candeia na mão, morrer nas de v.m. & se dahi passar seja em cinza, porque nam quero, que do meu pouco comão muitos. E se todavia quizer meter mais mãos na escudela, mandelhe lavar o nome, & valha sem cunhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,
Y quanto bien coyado yo tenia:
Quão vano imaginar, quão claro engão,
Es darme yo a entender, que con partir me
De mi se ha de partir un mal tamaño.

Quão

Quão mal está no caso, quem cuida, que à mudança do lugar muda a dor do sentimento. E senão digao quien dixo, que lá ausencia causa olvido. Porque em fim en la tierra queda, & o mais a alma acõpanha. Ao alvo destes cuidados, jogão meus pensamentos à barreira, tendome já pelo costume tam contente de triste, que triste me faria ser contente, porque o longo uso dos annos se converte em natureza. Pois, o que he para mór mal, tenho eu para mór bem. Ainda que para viver no mundo, me debruço doutro pano, por nam parecer curuja entre pardais, fazendome hum para ser outro, sendo outro para ser hum, mas a dor dissimulada darà seu fruto, que a tristeza no coração, he como a traça no pano, & por tam triste me tenho, que se sentisse alegria de triste nam viviria,

Porque a tal sorte vim,
Que nam vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que nam nasceo para mi,
E por nam sentir nenhum,
Nenhum desejo.

Porque cousas impossiveis, he melhor esquecellas,
que desejallas. E por isso

Sò tristeza verqueria,
Pois minha ventura quer,
Que sò ella
Conheça por alegria:
E que se outra quiser,
Morra por ella.

Pouco

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) diz ao triste que se alegre . Pois nam vem, que alheos contentamentos a hum coração descontente , nam lhe remediando o que sente , lhe dobraõ , o que padece . Vòs , se bem á mão espereis de mim palavrinhas jueiradas , e nforcadas de bõs propositos , pois desenganaivos , que desque professei tristeza , nunca mais soube jogar a outro fito . E porque nam digais , que nam sou gente fóra do meu bairro , vedes vai hũa volta feita a este mote , que escolhi na manada dos engeitados , & cuido , que nam he tam dedo queimado , que nam seja dos que El-Rey mandou chamar , o qual falla assi .

Nam quero , nam quero

Jubão amarelo .

Se de negro for ,

Tambem me parece ,

Quanto me aborrece

Toda a alegre cor :

Cor que mostra dor ,

Quero , & nam quero

Jubão amarelo .

Parecevos que se pòde dizer mais ? nam me respondais , quem gabará a noiva ? porque assentai , que foi comendo , & fazendo , ou assoprando , que nam he tam pequena habilidade . E porque vos nam pareça , que foi mais acertar , que querelo fazer ; vedes vai outra do mesmo jaez , com tanto que se nam vá a pasmar .

Perdigaõ perdeo a peña,
 Nam ha mal, que lhe nam venha.
 Em hum mal outro comeffa,
 Que nunca vem só nenhums
 E o triste, que tem hum,
 A sofrer outro se ofreça:
 E só pelo ver conheça,
 Que basta hum só que tenha,
 Para que outro lhe venha.

Que graça será esperarades de mi propósitos em
 cousas que os nam tem para comigo? pois ainda
 que queira, nam posso o que quero, que hum sen-
 tido remontado de nam pôr pé em ramo verde,
 tudo lhe succede assi, & cada hum acode, ao que lhe
 mais doe, & mais eu, que o que mais me entristece
 he ter contentamento, pois fugo delle, que minha
 alma o aborrece; porque lhe lembra que he virtu-
 de viver sem elle. Que já sabeis que magoa he, ve-
 lohas, & nam o paparàs. Por fugir destes inconve-
 nientes.

Toda a cousa descontente,
 Contentarme só convinha
 De meu gosto,
 Que o mal, de que sou doente,
 Sua mais certa mêninha,
 He desgosto.

Já ouvirieis dizer, Mouro, o que nam pôdes haver
 dão pola tua alma. O mal sé remedio, o mais certo
 que tem, he fazer da necessidade virtude: quanto

Z

mais,

mais, se tudo tão pouco dura, como o passado prazer, porque emfim, Allegados son iguales, los que vienen por sus manos, &c. A este proposito, pouco mais, ou menos, se fizeram hũa voltas a hum mote denchemão, que diz por sua arte zombando, mais que nam de fizo (que toda a galantaria he tirala donde senam espera) o qual crede, que tem mais que roer, do que hum praguento. Por tanto recuerde el alma adormida, & mande escumar o entendimento, que doutra maneira, Defuera dormiredes pastorzico. E o meu senhor diz assi

Davalhe o vento no chapeirão,
 Quer lhe dê, quer nam,
 Bem o pôde revolver,
 Que o vento nam traz mais fruto,
 E mais vento he sentir muito,
 O que emfim fim ha de ter;
 O melhor, he melhor ser,
 Que o vento no chapeirão,
 Quer lhe dê, quer nam.

Hũa cousa sabe de mim, que queria antes o bem do mal, que o mal do bem, porque muito mais se sente o por vir, que o passado, & a morte atè matar, mata. Nam sei se sereis marca de voar tam alto, porque para tomar a palha a esta materia, são necessarias azas de Nebri? Mas vós sois homem de prol, & desculpame a conta, em que vos tenho. E a que de mi vos sei dar he,

Que esperança me despede,
Tristeza nam me falece,
E tudo mais me aborrece,
Já que mais nam mereceo
Minha estrella,
Sò a tristeza conheço,
Pois que para mim nasceo,
E eu para ella.

No mundo nam tem boa forte, senam, quem tem
por boa a que tem. E daqui me vem contentarme
de triste, mas olhai de quemaneira:

Vivo assi ao revés,
Tomando por certa vida,
Certa morte,
Com que folgo em que me pès,
Pois minha forte he servida,
De tal forte.

Hũa coufa sabeí, que o mal inda que às vezes o ve-
jaís louvar, nam ha quem o louve com a boca, que
o nam tache com o coração.

Ajudame a sofrer,
Vida tam sem sofrimento,
E tam sem vida:
Ver que emfim, fim haõ de ter
Desgosto, & contentamento
Hũa medida.

Atentai que nam são maos confeitos de enforca-
do para os, que estão com o baraço na garganta,
cuidar, que o bem, & o mal, ainda que sejam diffe-
rentes na vida, são conformes na morte, porq̃ ve-
mos.

Que nam ha tam alta sorte,
Nem ventura tam subida,
Ou desfestrada,
A quem nam assopre a morte,
Nam sopre o fogo da vida.

A seu fim todas cousas vão correndo, nem ha cou-
sa, que o tempo nam consuma, nem vida, que de si
tanto presume,

Que senam veja nada, em se vendo,
Que o mais certo, que temos,
He nam termos nada certo,
Cá na terra
Pois para seus nam nascemos,
Se o feu nos dà incerto,
Nada erra.

Quero vos dar conta de hum Soneto sem pernas,
que se fez a hum certo recontro, que se teve com
este destruidor de propositos, & não se acabou, por-
que se teve por mal empregada a obra: cujo teor he
o seguinte.

Forçoume amor hum dia, que jugasse,
Deo as cartas, & de ouros levantou:
E sem respeitar mão, logo triunfou,
Cuidan:

Cuidando, que o metal, que me enganasse!
Dizendo, pois triunfou, que triunfasse
A hũa Sota de ouros, que jugou:
Eu entãõ por burlar, quem me burlou,
Tres pãos juguei, & dice, que ganhasse.

Principes de condição, ainda que o sejão de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza, fazem cõ sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus avós: onde nam ha trigo tam joeirado, que não tenha algũa ervilhaca. Já sabeis, que basta hum frade ruim, para dar que fallar a hum Convento. Tres cousas nam se sofrem sem discordia; companhia, namorar, mandar vilaõ ruim, sobre cousa de seu interesse. Não se pòde ter paciencia, com quem quer, que lhe fação, o que nam faz. Desagradecimentos de boas obras destruem a vontade para nam fazellas a amigo, que tem mais conta com o interesse, que com a amizade, rezai delle, que he dos cà nomeados.

Grande trabalho he querer fazer alegre rosto, quando o coração está triste, pano he, que nam toma nunca beme esta tinta, que a Lua recebe a claridade do Sol, & o rosto do coração. Nada dà quem nam dà honra, no que dá. Nam tem, que agradecer, quem, no que recebe, a nam recebe, porque bê comprado vai, o que com ella se compra. Nada se dà de graça, o que se pede muito. Está certo, que quem nam tem hũa vida, tem muitas. Onde a razão se governa pela vontade, ha muito q praguejar, & pouco, que louvar. Nenhũa cousa homezia os homens tanto consigo, como males, de que senão guardarão,

daraõ, podendo. Nam ha alma sem corpo, que tantos corpos faça sem almas, como este purgatorio, a que chamais honra, donde muitas vezes os homens cuidão, que a ganhaõ, ahi a perdem. Onde ha inveja, nam ha amizade, nem a pòde haver em desigual conversação. Bem mereceo o engano, que crê mais, o que lhe dizem, que o que vê. Agora, ou se ha de viver no mundo sem verdade, ou com verdade sem mundo. E para muito pontual, perguntalhe dõde vem? Que algo tiene en el cuerpo, que le duele. Hora temperaime lá esta gaita, que nem assi, nem assi achareis meyo real de descanso nesta vida, ella nos trata sòmente, como alheos de si, & com razão.

Pois sòmente nos he dada,
Para que ganhemos nella
O que sabemos,
Se se gasta mal gastada,
Juntamente com perdela,
Nos perdemos.

Emfim esta minha senhora, sendo a cousa porque mais fazemos, he a mais fraca alfaya, de que nos servimos. E se queremos ver quaõ breve he,

Ponderemos, & vejamos,
Que ganhemos em viver,
Os que nacemos:
Veremos, que nam ganhemos,
Senam algum bem fazer,
Se o fazemos.

Nunca vi coula mais para lembrar, & menos lem-
brada, que a morte, sendo mais aborrecida, que a
verdade, temse em menos conta, que a virtude. Mas
com tudo com seu pensamento, quando lhe vem á
vontade acariêta mil pensamentos vãos, que tudo
para com ella he hum lume de palhas. Nenhũa cou-
sa me enche tanto as medidas para com estes, que
vivem na môr bonança, como ella, porque quando
lhe menos lembra, então lhes arranca as amarras,
dando com os corpos á costa, & se vem à mão, com
as almas no inferno, que he bem ruim gafalhado,

E pois todos isto temos,
Nam nos engane a riqueza,
Porque tanto esmorecemos,
Tras que vamos,
Já que temos por certeza,
Que quando mais a queremos,
A deixamos.
Gastamos em alcançalla
A vida, & quando queremos
Usar della,
Nos tira a morte lograla,
Assi que a Deos perdemos,
E a ella.

Porque já ouvirieis dizer, Ninho feito, Pega mor-
ta. Que me dizeis ao contentamento do mundo,
que toda a dura d'elle está em quanto se alcançou.
Porque acabado de passar, acabado de esquecer. E
com razão, porque acabado de alcançar he passa-
do, & mayor saúdade deixa, do que he o contenta-
mento,

mento, que deo. Elperai por me fazer mercè, que
lhe quero dar hũas palavrinhas de proposito.

Mundo se te conhecemos,
Porque tanto desejamos,
Teus enganos?
E se assi te queremos,
Mui sem causa nos queixamos
De teus danos.

Tu nam enganas ninguem,
Pois a quem te desejar,
Vemos, que danas,
Se te querem qual te vem,
Se te querem enganar,
Ninguem enganas.

Vejaõse os bẽs, que tiverão,
Os que mais em alcançarte
Se esmeraraõ.
Que hũs vivendo, nam viveraõ,
E outros sô com deixarte
Descansáraõ.

Se esta tam clara fê
Ao mundo de teus enganos,
Desengana,
Sobejamente mal vê,
Quem com tantos desenganos
Se engana.

Mas como tu te acomodes
No engano, em que andamos,
E que vemos,
Nam crêmos, o que tu podes,
Senam, o que desejamos,

E que

E queremos.
Nada te pòde estimar,
Quem bem quizer
Resguardarte,
E conhecerte,
Que em te perder, ou ganhar:
O mais seguro ganharte
He o perderte.

E quem em ti determina
Descanso poder achar,
Saiba, que erras;
Que sendo a alma divina,
Nam a pòde descansar
Nada da terra.

Nascemos para morrer,
Morremos para ter vida,
Em ti morrendo,
O mais certo he merecer
A vida malconhecida
Cà vivendo.

Em fim mundo, es estalagem,
Em que poução nossas vidas
De corrida,
De ti levão de passagem
Ser bem, ou mal recebidas
Na outra vida.

Afuera, afuera Rodrigo, que eu se muito for por este caminho, darei em enfadonho, de que me parece me nam livrará, nê ainda privilegio de cidadão do Porto. E pois me vendo a vòs, sofreime com meus encargos; & porque nam digais, que sou herege
do

do amor, & que lhe nam sei or agoës, vedes vai hũa:
 Di, Juan, de que murió Blas? Com hum pè à Portu-
 gueza, & outro à Castelhana: & nam vos espanteis
 da librè, que eu em qualquer palmo desta materia
 perco o norte, & os suplicantes dizem assi;

Di, Juan de que murió Blas,
 Tan niño, y tan mal logrado?
 Gil, murió de desamado.

Dime, Juan, quien le engañò,
 Que con amor se engañasse?
 Pensando, que el bien hallasse,
 Adonde el mal cierto halló.
 Despues que el engaño vió,
 Que hizo desengañado?

Gil, murió de desamado.

Travou com elle pendenza,
 Em ter razaõ confiado,
 Mas Amor, como he letrado,
 Houve contra elle a sentença:
 E co aquella differença,
 Disse entre si o coitado,
 Gil, morreo de desamado.

Quem tem razaõ tam cerrada,
 Que nam saiba sendo rudo,
 E sem respeito,
 Que sem Deos he tudo nada,

E nada com elle tudo,
 Sem defeito.

E sendo isto assi tam certo,
 Como todos confessamos,
 E sabemos,

Nam

Nam troquemos pelo incerto,
O em que tam certo estamos,
Pois o vemos.

A tudo isto podeis responder, que todos morremos do mal de Phaetam, porque del dicho al hecho, vâ gran trecho. E de saber as cousas, & passar por ellas, ha mais differença, que de consolar a ser consolado: mas assi entrou o mundo, & assi ha de fahir, muitos a reprehendo, & poucos a emendalo. E com isso amaino, beijando essas poderosas mãos hũa quattrinha de vezes, cuja vida, & reverendissima pessoa nosso Senhor, &c.

Finge que em Goa nas festas, que se fixeraõ à successão de hum Governador, sairaõ a jogar canas certos homens, a que nam sabia mal o vinho, & outros notados de algũs vicios, com divisas nas bandeiras, & letras conformes suas tenções, & inclinações.

DUm que bebia excessivamente tirou por divisa hum Morcego, ave em que foi convertida Alcithoe com as irmaãs, por desprezarem os sacrificios de Bacco. E como aquelle, que se em tal erro cahisse, nam queira ser convertido em tam baixo animal, & tam nojoso, dizia a sua letra assi em Castelhana,

Si yo desobedeciere
A tu deidad santa y pura,
En almudes mi figura,

Algũs

Algũs praguentos quizerão dizer, que esta letra era maliciosa, & que nam queria dizer tanto desejar este galante de ser mudado em al, como desejava almudes deste licor. Mas he muito grande falsidade que sendo a letra assi feita acaço, acertou de sahir aquella palavra, com que molhava as suas, quem tirava a divisa. Do que o innocente autor despois ficou para se enforçar. Mas outro galante, que de fino bebado já passava os limites de bom, & costumado beber, tirou por divisa hũa palmeira, arvore, que entre os antigos significava vitoria, & ao pé della algũs ramos de vides, & de parreiras pisadas, & dizia a letra assi.

Ficai vencidas sem gloria,
Vòs vides, & vòs parreiras,
Porque os ramos das palmeiras,
São, os que tem a vitoria.

Tambem aqui nam faltàraõ praguentos, que quizerão dizer, que este devoto deixando já atraz Portugal, comeria com valeroso animo Orraças, & Fullas, tendo em pouco Caparicas, & Seixaes. Mas quem ha que fuja de más lingoas, ou de mal costumadas gargantas?

Outro galante, a quem fazia mal ao estamago beber o vinho agoado, tirou por divisa hũa peça de chamalote sem agoas, que lhe apresentava Bacco, & dizia a letra como por parte do mesmo Bacco.

Sem agóas, senhor, levayo
Se for bom,

Que

Que las agoas de Monacayo
Frias son.

Aqui nam tiveraõ praguentos, que dizer, por ser õ-
piniaõ de fisica, serem melhores os mantimentos
simples, que os compostos.

Outro, que no beber lançava a barra inda mais
alèm que os affirma escritos, tirou por divisa hũa
Salamandra, passeando por cima de hũas brasas de
fogo, & a letra dizia

En el fuego vivo yo.

Mas o pintor errando as letras acertou de pôr: De
fuego la bebo yo. Donde os praguentos quizerãõ
adivinhar, que este galante bebia Orraca de fogo.
O demonio foi fazer tal erro, para delle sahir tama-
nho acerto.

Outro devoto, que desque estava quente, dizia
dos companheiros, quaesquer que fossem, o que de
cada hum sabia, sem respeito: tirou por divisa hum
demoninhado, lançando os olhos em alvo, escumã-
do, & apontando com o dedo para hum frasco de
vinho, & dizia a letra.

Se fallar demasiado,
Nam mo tachem, porque em fim
A quella alma falla em mi.

Sendo atéqui introduzidos os religiosos de
Bacco, pediraõ dons doutra religiãõ, que tambem
os deixassem jogar as canas, & que elles tirariaõ tal
divisa, com que se tirasse alimpo sua habilidade,
& len-

& sendo entrados ambos juntos por certa conformidade, que havia entre ambos, trouxeraõ pintados nas bandeiras cada hum seu par de pombas, & dizia a letra:

Se como vós ha ahí par,
Vós o podereis julgar.

Certo, que atèqui chegou a malicia dos homens, porque tam sutilmente quizerão interpretar a innocencia desta letra, que tomaraõ a derradeira syllaba da primeira regra, & ajuntaraõna com a primeira da derradeira, que vem a dizer parvos, & disserão que juntos significavão isso aquelles dous innocentes. Mal pecado, tam errada anda a maldade humana, que logo tem por parvos aos que sabê pouco.

Outro homem entrou tambem por aderencia nas canas, o qual dizem, que tinha partes maravilhosas; porque era tam perfeito em suas cousas, que o seu comer havia de ser o melhor temperado, & mais suave do mundo, & os seus vestidos erão sempre dos mais finos panos, & sitins, que se pudessem descobrir, & esta perfeição atê nos amores, & amizades se lhe estendia: porque com os amigos sempre tinha sutilezas de conversação, & com as amigas hum fugir, que queria, o que nam queria. E em fim atê no jogar usava daquellas manhas todas, as que para ganhar erão necessarias. E tinha mais hum revês da Fortuna recebido, que se lhe estendia desde a ponta do nariz, até hũa orelha. Este senhor tirou por divisa hũa camiza toda lavrada de ponti-

pontinhos, lavor antigo, & a letra dizia assi.

Pontos de honrado, & se fudo
Sempre na vida quiz ter,
Apontado no viver,
Apontado mais que tudo
Em meu vestir, & comer,
Pontos sutis no meu gosto,
Mais sutis no conversar,
Tanto me vim a apontar,
Que apontado trago o rosto,
E as cartas para jogar.

Muitos outros homẽs illustres quizerão ser ad-
mitidos nestas festas, & canas, & que se fizera me-
moria delles, conforme suas calidades, mas infinita
escriptura fora, segundo todos os homẽs da India
são assinalados, & por isto estes bastem para
servirem de amostra do que ha
nos mais.

Epita-

*Epitafio, que está na sepultura do
grande Luis de Camoës.*

N Aſo elegis: Flaccus Liricis: epygrammate
 Marcus:
 Hic jacet Heroo carmine Virgilius.
 Ense ſimul, calamoque auxit tibi, Lyſia, famam,
 Una nobilitant Mars, & Apollo manum.
 Caſtaliũ fontem traxit modulamine: at Indo,
 Et Gangi telis obſtupescit aquas.
 India mirata eſt; quando aurea carmina, lucrum
 Ingenij: haud gazas ex Oriente tulit.
 Sic bene de patria meruit; dum fulminat enſe,
 At plus, dum calamo bellica facta canit.
 Hunc Itali, Galli, Hiſpani vertere Poeram.
 Quælibet hunc vellet terra vocare ſuum.
 Vertere fas, æquare Nefas: æquabilis uni
 Eſt ſibi, par nemo, nemo ſecundus erit.

Martim Gonſalves da Camera.

LAVS DEO.

R I M A S

DE

LVIS DE CAMÕES
PRINCEPE DOS POETAS
PORTUGUESES.

Segunda Parte.

Emendadas , & acrescentadas
pello Lecenceado Ioão Franco
Barreto.

LISBOA

Com as licenças necessarias

Per Antonio Craesbeeck de Mello Impressor da
Casa Real anno de 1669.

W. J. M. J.

THE LIFE OF
JOHN DE CAPRONE
BY
J. M. J.

NEW YORK
1892

Published by
J. M. J.

NEW YORK
1892

NEW YORK
1892



AO AVTOR.
De Diogo Tabor da Leitam.
SONETO.

E Spirito, que ao Empyreo Ceo voaste,
Das Musas cà na terra tam chorado,
Quanto melhor teràs ja là cantado,
Do muito que tambem cà nos cantaste?
Partistete de nòs, sòs nos deixaste,
A ser là doutro lauro laureado,
Differente daquelle que te hão dado
Os que cà com teus versos tanto honraste.
Lá Hymnos, Odes, cantos mais suaues
Podes cantar na Angelica Hierarchia,
Onde essa voz de Cisne mais se apura.
Nem te podem faltar materias graves,
Em que ocupes melhor a fantesia,
Que em fim o de cà passa, o de là dura.



1774
The following is a list of the
names of the persons who
were present at the
meeting of the
Society of Friends
held at the
meeting-house
on the 1st of
the month of
the year 1774
The names of the
persons who were
present at the
meeting of the
Society of Friends
held at the
meeting-house
on the 1st of
the month of
the year 1774
The names of the
persons who were
present at the
meeting of the
Society of Friends
held at the
meeting-house
on the 1st of
the month of
the year 1774



R I M A S

D E

LVIS DE CAMOËS,

SEGUNDA PARTE.

SONETO I.

De suas perdições.



Antando estava hum dia bem seguro,
Quando passando Sylvio me dizia,
(Sylvio, pastor antigo, que sabia
Pello canto das aves o futuro)
Meris, quando quizer o Fado escuro,
Opprimir te viraõ, em hum sò dia,

Dous lobos: logo a voz, & a melodia,
Te fugiraõ, & o som suave, & puro.
Bem foy assi, porque hum me degolou
Quanto gado vacum pastava, & tinha,
De que grandes soldadas esperava.
E o outro por meu danno me matou
A Cordeyra gentil, que eu tanto amava,
Perpetua saudade d'alma minha.

A

SO.

SONETO II.

E U cantey já, & agora vou chorando,
 O tempo, que cantey tam confiado,
 Parece, que no canto já passado,
 S'estavão minhas lagrymas criando.
 Cantey: mas se me alguém pergunta, Quando?
 Não sey: que tambem fuy niffo enganado:
 He tam triste este meu presente estado,
 Que o passado, por ledo, estou julgando.
 Fizeraõme cantar manhosamente,
 Contentamentos não, mas confianças,
 Cantava; mas já era ao som dos ferros.
 De quem me queixarey? que tudo mente,
 Mas eu, que culpa ponho ás esperanças?
 Onde a fortuna injusta he mais, que os erros?

SONETO III.

D Oces agoas, & claras do Mondego,
 Doce repouso de minha lembrança,
 Onde a comprida, & perfida esperança,
 Longo tempo apos si me trouxe cego.
 De vós me aparto, mas porem não nego,
 Que inda a memoria longa, que me alcança,
 Me não deixa de vós fazer mudança,
 Mas quanto mais me alongo mais me achego.
 Bem pudera Fortuna este instrumento
 Dalma levar por terra nova, & estranha,
 Offerecida ao mar remoto, & vento.
 Mas a alma, que de eà vos acompanha,
 Nas azas do ligeiro pensamento,
 Para vós, agoas voa, & em vós se banha.

SONETO IV.

POr sua Nimpha Cephalo deixava,
A Aurora, que por elle se perdia:
Posto que dà principio ao claro dia,
Posto que as roxas flores imitava.
Elle, que a bella Pochris tanto amava,
Que sò por ella tudo engeitaria,
Deseja d'atentar se lhe acharia,
Tam firme fé, como ella nelle achava:
Mudado o trajo, tece o duro engano,
Outro se finge prezo por diante,
Quebrase a fê mudavel, & consente,
Oh engenho sutil para seu dâno!
Vede que manhas busca hum cego amante,
Para que sempre seja descontente.

SONETO V.

SEntindose tomada a bella esposa
De Cephalo, no crime consentido,
Para os montes fugia, do marido,
E não sey se de astuta, ou vergonhosa.
Porque elle emfim sofrendo a dôr ciofa,
D'amor cego, & forçoso compellido,
Apõs ella se vay como perdido,
Jà perdoando a culpa criminosa.
Deitase aos pès da Nimpha endurecida,
Que do ciofo engano està agravada,
Já lhe pede perdão, já pede a vida.
Oh força de afeiçãõ, desatinada,
Que da culpa contra elle comettida,
Perdão pedia à parte, que he culpada!

SONETO VI.

S Enhor, João Lopez, o meu baixo estado;
 Ontem vi posto em grao tam excellente,
 Que vós, que sois enveja a toda a gente,
 Sò por mim vos quizeréis ver trocado.
 Vi o gesto suave, & delicado,
 Que já vos fez contente, & descontente,
 Lançar ao vento a voz tam docemente,
 Que fez ao ar sereno, & socegado.
 Vilhe em poucas palavras dizer, quanto
 Ninguém diria em muitas. Eu sò cego,
 Magoados fiquey na doce falla;
 Mas mal aja a Fortuna, & o moço cego;
 Hum porque os coraçõs obriga a tanto,
 Outra porque os estados desigualla.

SONETO VII.

O Ceo, a terra, o vento socegado,
 As ondas, que se estendem pella area,
 Os peixes, que no mar o somno enfrea,
 O nocturno silencio repousado.
 O pescador Aonio, que deitado,
 Onde co vento a agoa se meneia,
 Chorando, o nome amado em vaõ nomea,
 Que não pôde ser mais, que nomeado.
 Ondas, dizia, antes que amor me mate,
 Tornayme a minha Nimpha, que taõ cedo,
 Me fizestes á morte estar soceita.
 Ninguém lhe falla, o mar de longe bate,
 Move-se brandamente o arvoredos,
 Levalhe o vento a voz, que ao vento deita.

SONETO VIII.

E Rros meus, mã Fortuna, amor ardente,
Em minha perdição se conjuraraõ,
Os erros, & a Fortuna sobejaraõ,
Que para mim bastava o amor somente.
Tudo passey, mas tenho tam presente
A grande dór das cousas, que passaraõ,
Que as magoadas iras me ensinaraõ
A não querer já nunca ser contente.
Errey todo o discurso de meus annos,
Dey causa, que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
D'amor não vi senão breves enganos,
O quem tanto podesse, que fartasse
Este meu duro genio de vinganças.

SONETO IX.

CA nesta Babilonia, donde mãna
Materia a quanto mal o mundo cria,
Cã onde o puro Amor não tem valia,
Que a mãy, que manda mais, tudo profana.
Cã onde o mal se afina, & o bem se dãna,
E pòde mais que a honra a tirania,
Cã onde a errada, & cega Monarchia,
Cuyda, que hum nome vão a desengana.
Cã neste labarinho, onde a nobreza,
Com esforço, & saber pedindo vão
As portas da cubiça, & da vileza.
Cã neste escuro Chão de confuzão,
Comprindo o curso estou da natureza,
Vê, se mesquecerey deti, Sião.

SONETO X.

C Orrem turvas as agoas deste Rio,
 Que as do Ceo, & as do môte as enturbãrão,
 Os campos florecidos se secãrão,
 Intratavel se fez o valle, & frios;
 Passou o verão, passou o ardente estio,
 Húas cousas por outras se trocãrão,
 Os fementidos fados já deixãrão,
 Do mundo o regimento, ou delvario.
 Tem o tempo sua ordem já fãbida,
 O mundo nam:mas anda tam confuzo,
 Que parece, que delle Deos se esquece.
 Calos,opiniões,natura, & uzo,
 Fazem,que nos pareça desta vida,
 Que não ha nella mais,que o que parece.

SONETO XI.

V Os outros, que buscais repouso certo
 Na vida com diversos exercicios,
 A quem vendo do mundo os beneficios,
 O regimento seu está encuberto.
 Dedicay, se quereis, ao desconcerto
 Novas honras, & cegos sacrificios,
 Que por castigo igual de antigos vicios,
 Quer Deos, que as cousas andem por acerto.
 Não cahio neste modo de castigo,
 Quem poz culpa á Fortuna, quem somente
 Crê, que acontecimentos ha no mundo.
 A grande experiencia he graõ perigo,
 Mas o que a Deos he justo & evidente,
 Parece injusto aos homêes, & profundo.

SONETO XII.

Despois que vio Sibelle o corpo humano
Do feroso Aris seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro,
Convertido, chorou seu grave danno.
E fazendo a sua dór illustre engano,
A Jupiter pedio, que o verdadeiro,
Preço da nova palma, & do loureiro,
Ao seu pinheiro desse, soberano.
Mais lhe concede o filho poderoso,
Que as estrellas, subindo, tocar possa,
Vendo os segredos lá do Ceo superuo.
O ditoso Pinheiro, ò mais ditoso,
Quem se vir coroar da folha vossa,
Cantando à vossa sombra verso eterno.

SONETO XIII.

Ilustre, & digno ramo dos Menezes,
Aos quaes com larga mão o alto Ceo,
Que errar não sabe, em dote concedeo,
Romper os Mahometicos arnezes,
Desprezando a Fortuna, & seus revezes,
Ide, por onde a sorte vos moveo,
Erguey flammis no mar alto Eritreo,
E sereis nova luz aos Portuguezes.
Opprimi com tão firme, & forte peito
O Pyrata insolente, que se espante,
E trema Taprobana, & Gedrosia.
Day nova causa á cor do Arabio Estreito,
Assi que o roxo mar d'aqui em diante,
O seja sô co sangue de Turquia.

SONETO XIV.

NA desesperaçã já repousava
 O peito longamente magoado,
 E com seu dâno eterno concertado,
 Já não temia, já não desejava.
 Quando hũa sombra van me assegurava,
 Que algum bem me podia estar guardado,
 Em tão fermosa imagem, que o treslado
 N'alma ficou, que nella se enlevava.
 Que credito, que dà tão facilmente,
 O coração âquillo, que deseja,
 Quando lhe esquece o fero seu destino!
 Oh deixem me enganar, qu eu sou contente,
 Que posto que mayor meu dâno seja,
 Ficame a gloria já do que imagino.

SONETO XV.

SEnhora minha, se a Fortuna imiga,
 Que em minha fim com todo o Ceo cõspira,
 Os olhos meus de ver os vossos tira,
 Porque em mais graves casos me perfiga.
 Cômigo levo est'alma, que se obriga,
 Na môr pressa de mar, de fogo, de ira,
 A darvos a memoria, que suspira,
 Sò por fazer com vosco eterna liga.
 Nest'alma, onde a Fortuna pôde pouco,
 Tam viva vos terey, que frio, & fome,
 Vos nam possaõ tirar, nem vãos perigos.
 Antes com som da voz, tremulo, & rouco,
 Bradando por vds, sò com vosso nome,
 Farey fugir os ventos, & os imigos.

SONETO XVI.

Arvore, cujo pomo bello & brando,
Natureza de leyte, & sangue tinta,
Onde a pureza de vergonha tinta,
Estã virgineas faces imitande;
Nunca da ira, & do vento, que arrancando
Os troncos vaõ, o teu injuria sinta,
Nem por malicia de ar, te seja extinta,
A cõr, que estã teu fruyto debuxando.
Que pois me emprestas doce, & idoneo abrigo,
A meu contentamento, & favoreces,
Com teu suave cheiro, minha glorias;
Se não te celebrar como mereces,
Cantandote se quer farey contigo,
Doce, nos casos tristes, a memoria.

SONETO XVII.

Por cima d'estas agoas forte, & firme
Irey por onde as sortes ordenaraõ,
Pois por cima de quantas me choráraõ
Aquelles claros olhos, pude virme.
Jã chegado era o fim de despedirme,
Jã mil impedimentos se acabáraõ,
Quando Rios d'amor se atravessáraõ,
A me impedir o passo de partirme.
Passey os eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada, & gloriosa,
Faz o vencido já desesperado.
Em que figura, ou gesto desuzado,
Pode já fazer medo a morte irosa,
A quem tem a seus pês rendido, & atado?

SONETO XVIII.

O Filho de Latona esclarecido,
 Que com seu rayo alegra a humana gente,
 O horrido Phiton, brava serpente,
 Matou, sendo das gentes tão temido.
 Ferio com arco, & de arco foy ferido,
 Com ponta aguda de ouro reluzente,
 Nas Thessalicas prayas docemente,
 Polla Nympha Penea andou perdido:
 Não lhe pôde valer para seu danno,
 Sciencia, diligencias, nem respeito,
 De ser alto, celeste, & soberano.
 Se este nunca alcançou nem hum engano,
 De quem era tam pouco em seu respeito;
 Eu que espero de hũ ser, que he mais q̃ humano?

SONETO XIX.

P Resença bella, angelica figura,
 Em quem, quanto o Ceo tinha nos tẽ dado,
 Gesto alegre, de rosas semeado,
 Entre as quaes se está rindo a fermosura.
 Olhos, onde tem feito tal mistura,
 Em chrystal branco o preto marchetado,
 Que vemos já no verde delicado,
 Não esperança, mas enveja escura.
 Brandura, aviso, & graça, que augmentando
 A natural belleza c'hum despreso,
 Com que mais despresada mais se augmenta,
 São as prisoẽs d'hum coração, que preso,
 Seu mal ao som dos ferros vay cantando,
 Como faz a Serea na tormenta.

SONETO XX.

Diverſos doés reparte o Ceo benigno,
E quer, que cada hũa hum só poſſua,
Aſſi ornou de caſto peito a Lua,
Ornamento do aſſento Chriſtallino;
De graça a mãy fermosa do menino,
Que n'eſſa viſta tem perdido a ſua:
Pallas de diſcrição, que imite a tua:
Do valor junto, só de imperio digno.
Mas junto agora o meſmo Ceo derrama
Em ty o mais, que tinha, & fo y o menos,
Em reſpeito do Author da natureza,
Que a ſeu pezar te dão, fermosa dama,
Diana honeſtidade, & graça Venos,
Pallas o avilo ſeu, Juno a nobreza.

SONETO XXI.

Tal moſtra dà de ſi voſſa figura,
Sibella, clara luz da redondeza,
Que as forças, & o poder da natureza,
Com ſua claridade mais apura.
Quem vio hũa confiança tão ſegura,
Tão ſingular eſmalte da belleza,
Que não padeça mais, ſe ter defeza
Contra voſſa gentil viſta procura.
Eu pois por eſcuzar eſſa eſquivança,
A ração ſogitey ao pensamento,
Que rendida os ſentidos lhe entregaraõ;
Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida, que eſcapã rão.

SONETO XXIII.

A Morte que da vida o nò desfata,
 Os nós, que dà o amor, cortar quizerá,
 N'ausencia, que he contr'elle espada fera,
 E cò tempo, que tudo desbarata.
 Duas contrarias, que hũa a outra mata,
 A morte contra o amor ajunta, & altera,
 Hũa he razão contra a Fortuna austerá,
 Outra contra a razão Fortuna ingrata.
 Mas mostre a sua imperial potencia
 A morte, em apartar d'hum corpo a alma,
 Duas n'um corpo o amor ajunte, & una.
 Porque assi leve triumphante a palma
 Amor da morte, a pezar d'ausencia,
 Do tempo, da razão, & da Fortuna.

SONETO XXIV.

O Rnou muy raro esforço ao grande Atlante,
 Com que a celeste machina sustenta,
 Honrou seu alto engenho esse, que intenta
 Grecia do quarto Ceo levalllo avante.
 Coroou ja o Amor o firme amante
 Orpheo, firme na paz, & na tormenta,
 Aspirou a ventura em tudoizenta
 A Cesar, de quem foy hum tempo amante.
 Tu exaltaste, o fama, a gloria alta
 De Ercoles, sobre o monte, em que resides,
 Mas Castro, em quem o Ceo seus doês derrama,
 Mais orna, honra, coroa, aspira, exalta,
 Que Atlâte, Homero, Orpheo, Cesar, & Alcides,
 Esforço, Engenho, Amor, Ventura, & Fama.

SONETO XXV.

Coytado que em hum tempo choro, & rio,
Espero, & temo, quero & aborreço,
Juntamente me alegre, & entristeço,
De hũa cousa confio, & desconfio.
Voo sem azas, estou cego, & guio,
E no que valho mais, menos mereço,
Calando grito, falo, & emmudeço,
Nada me contradiz, & eu porfio.
Queria se pudesse o impossivel,
Poder mudarme a hum tempo, & estar quedo,
Usar de liberdade, & ser captivo.
Queria visto ser, & invisivel,
Desenrredarme, & mais assi me enredo,
Tais os estremos são em que hora vivo.

SONETO XXVI.

Se grande gloria me vem sò de olharte,
He pena desigual deixar de verte,
Se presumo com obras merecerte,
Grande paga do engano he desejarte.
Se quero por quem es talvez louvarte,
Sei certo, por quem sou, que he offenderte,
Se mal me quero a mim por bem quererte,
Que premio quero eu mais que só o amarte?
Estremos são de amor, os que padeço,
O humano thesouro, ô doce gloria,
E se cuido que acabo então começo.
Assi te trago sempre na memoria,
Nem sei se vivo, ou mouro, mas conheço,
Que ao fim da batalha he a victoria.

SONETO XXVII.

Iulgame a gente toda por perdido,
 Vendome tam entregue a meu cuydado,
 Andar sempre dos homẽs apartado,
 E dos tratos humanos esquecido.
 Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
 E quasi, que sobre elle ando dobrado,
 Tenho por baixo, rustico, enganado,
 Quem não he com meu mal engrandecido.
 Vão revolvendo a terra, o mar, & o vento,
 Busquaõ riquezas, & honras, a outra gente,
 Vencendo ferro, fogo, frio, & calma,
 Que eu cum humilde estado me contento,
 E trazer esculpido eternamente
 Vosso fermoso gesto dentro n'alma.

SONETO XXVIII.

Sempre a razão vencida foy d'Amor,
 Mas porque assi o pedia o coração,
 Quis Amor ser vencido da razão;
 Ora que cazo pode aver mayor?
 Novo modo de morte, & nova dor,
 Estranheza de grande admiração,
 Que perde suas forças a afeiçãõ,
 Porque não perca a pena o amador,
 Pois nunca ouve fraqueza no querer,
 Mas antes muito mais se esforça assim,
 Hum contrario com outro por vencer.
 Mas a razão, que a luta vence em fim,
 Não creio, que he razão, mas ha de ser
 Inclinação, que eu tenho contra mim.

SONETO XXIX.

D Elgadas agoas claras do Mondego,
Doce repouzo de minha lembrança,
Onde a comprida, & lubrica esperança,
Longo tempo, após si me trouxe cego.
De vós me aparto, & porei não nego,
Que inda a memoria longa, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego,
Bem pudera a Fortuna este instrumento
D'alma levar por nova terra estranha,
Offerecida a mar romoto, & a vento.
Mas a alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento,
Para vós, agoas voa, & em vós se banha.

SONETO XXX.

O Rayo de ouro fino se estendia
Pello mundo d'Aurora marchetada,
Quando Nise pastora delicada,
Donde a vida deixava se partia.
Dos olhos, com que as almas accendia,
Partindo, toda em lagrymas banhada,
Da Fortuna, & do tempo magoada,
Pondo os olhos no Ceo, assi dizia.
Nace sereno Sol alegre, & ardente,
Esclarese fermosa, & roxa Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente.
Que a minha, sabe tu, que desde agora
Já mais na vida a podes ver contente,
Nem, tão triste, nenhũa outra pastora.

SONETO XXXI.

Que modo tão sutil da natureza,
 Para fugir ao mundo, & seus enganos,
 Permite, que se esconda em tenros annos,
 Debaixo de hum burel tanta belleza?
 Mas não pode esconder-se aquella alteza,
 E gravidade d'olhos soberanos,
 A cujo resplendor entre os humanos,
 Resistencia não sinto, ou fortaleza.
 Quem quer livre ficar de dor, & pena,
 Venda, ou trazendoa na memoria;
 Na mesma razão sua se condena.
 Porque quem mereceo ver tanta gloria,
 Captivo ha de ficar, que amor ordena,
 Que de juro tenha ella esta victoria.

SONETO XXXII.

Segua aquelle fogo, que o guiava
 Leandro contra o mar, & contra o vento,
 As forças lhe faltavão já, & o alento,
 Amor lhas refazia, & renovava.
 Depois que vio, que a alma lhe faltava,
 Não esmorese, mas no pensamento
 (Que a lingua já não pode) seu intento,
 Ao mar, que lho comprisse encomendava,
 O mar (dizia o moço só consigo)
 Já te não peço a vida, só queria,
 Que a de Ero me salves, não me veja.
 Este meu corpo morto, lá o delvia
 Daquella Torre, seme nisto amigo,
 Pois no meu mayor bem me ouveste enveja.

SONETO XXXIII.

A CONCEIC. A M

DA VIRGEM SENHORA NOSSA.

Para se namorar do que criou,
Te fez Deos S. Phenix Virgem pura;
Vede, que tal seria esta feitura;
Que a fes quem para si só a guardou.
No seu sancto conceito te formou
Primeiro, que a primeira creatura,
Para que vnica fosse a compostura,
Que de tam longo tempo se estudou.
Não ley, se direy nisto quanto baste,
Para exprimir as santas calidades,
Que quis criar em ty, quem tu criaſte?
Es filha, mãy, & esposa; E se alcanſaſte
Huã só, tres tão altas dignidades,
Foi; porque a tres, & hũ só, tão agradaste.

B

SO-

SONETO XXXIV.

A ENCARNAC,AM
DO VERBO ETERNO.

D Ece do Ceo immenso Deos benigno
 Para encarnar na Virgem soberana,
 Porque dece Divino em cousa humana
 Para subir o humano a ser Divino.
 Pois como vem tam pobre, & tam minino,
 Rendendose ao poder da mão tyrãna?
 Porque vem receber morte inhumana,
 Para pagar de Adão o desatino.
 Pois como? Adão, & Eva o fruto comem,
 Que por seu proprio Deos lhe foi vedado?
 Si, porque o proprio ser de Deos se tomem,
 3 E por essa razão foi humanado?
 1 Si. Porque foi com causa decretado,
 2 Se o homẽ quis ser Deos, q̃ Deos seja homẽ.

SONETO XXXV.

A CHRISTON.S.
NO PRESEPIO.

D Os Ceos à terra dece a mór belleza,
Vnese à carne nossa, & fala nobre,
E sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica à mór alteza.
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza,
Que como ao mûdo o seu amor descobre:
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Ceo despreza.
Como, Deos em pobreza à terra dece?
O que he mais pobre tanto lhe contenta,
Que só rica a pobreza lhe parece.
Pobreza este Presépio representa,
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que quãto he pobre mais, mais lhe cõteta.

SONETO XXXVI.

A PAIXAM DE
CHRISTO N. SENHOR,
dealogismo.

Porque a tamanhas penas se offerece,
Pelo peccado alheyo, & erro infano,
O trino Deos? porque o fogeito humano
Não pode cò castigo, que merece.
Quem padecerá as penas, que padece,
Quem soffrerá deshonra, morte, & dâno?
Ninguem, senão se for o soberano,
Que reyna, & servos manda, & obedece.
Foy a força do homem tam pequena,
Que não pode foster tanta aspereza,
Pois não sosteve a Ley, que Deos ordena.
Sofrea aquella immensa Fortaleza,
Por puro amor, que a humanal fraqueza,
Foy para o erro, & não ja para a pena.

ELE-

ELEGIA

A PAIXAM DE
CHRISTO N. SENHOR.

SE quando contemplamos as secretas
Causas, porque o mundo se sustenta,
Orelover dos Ceos, & dos Planetas;
E se quando á memoria se apresenta
Este curso do Sol, que he tão medido,
Que hum ponto sò não mingua, nẽ se augmẽta;
Aquelle effeito, tarde conhecido,
Da Lũa, em ser mudavel, tam constante,
Que minguar, & crescer he seu partido;
Aquella natureza tam possante
Dos Ceos, que tam conformes, & contrarios
Caminhaõ, sem parar hum breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que não mente,
Coseffeitos da terra necessario;
Se quando emfim revolve sutilmente
Tantas couças a leve fantasia,
Sagaz, escrutadora, & diligente;
Vê bem (se da razão se não desvia)
O Altissimo ser, puro, & divino,
Que tudo pôde, manda, move, & cria.
Sem fim, & sem começo, hum ser contino;

Hum padre grande, a quem tudo he possível,
Por mais arduo, que seja ao homem indino:
Hum saber infinito incomprehenfivel,
Hũa verdade, que nas cousas anda,
Que mora no visivel, & invisivel,
Esta potencia em fim, que tudo manda,
Esta causa das causas, revestida
Foy desta nossa carne miseranda.
Do Amor, & da Justiça, compellida
Polos erros da gente, em mãos da gente,
Como se Deos não fosse, perde a vida.
O Christão descuydado & negligente
Pondera isto, que digo, repoulado,
Não passes por aqui tam levemente.
Não, que aquelle Deos alto, & increado,
Senhor das cousas todas, que fundou
O Ceo, a terra, o fogo, & o mar irado,
Não do confuso Caos, como cuidou
A falta Theologia, & povo escuro,
Que nesta só verdade tanto errou:
Não dos atamos falsos de Epicuros
Não do largo Oceano como Tales,
Mas sò do pensamento casto, & puro.
Olha, animal humano, quanto vales,
Que por ty este grande Deos padece,
Novo modo de morte, novos males.
Olha, que o Sol no Olympo se escurece,
Não por opposição d'outro Planeta,
Mas só porque virtude lhe falece.
Não ves, que a grande machina inquieta
Do mundo se des faz toda em tristeza,
E não por natural causa secreta?

Naõ ves, como se perde a natureza,
O ar se turba, o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?
Naõ ves, que os montes caem? a terra treme?
E que até na remota, & grande Athenas,
O sabio Dionysio sente, & teme?
O summo Deos, tu mesmo te condenas
Polo mal, em que eu sò sou tão culpado,
A tamanhas afrontas, tantas penas!
Por mim, senhor, no mundo reputado
Por falso, & por quebrantador da ley,
A fama aty se poem de meu peccado.
Eu senhor sou ladraõ, tu summo Rey,
Eu sò furtey, tu com ladroẽs padeces,
A pena aty se dà, do que eu pequey.
Eu servo sem valor, tu summo preço,
Em preço vil te poës por me tirares
Do cativoiro eterno, que mereço.
Eu por perderte, & tu por me ganhares
Te dás aos homês baixos, que te vendem
Só para os homês presos resgatares.
A ty, que as almas sòltas, a ty prendem,
A ty summo Juiz ante Juizes
Te accusaõ, polo error dos, que te offendem.
Chamaõte malfeitor, naõ contradizes,
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem, que quem te fere, prophetizes.
Rimse de ty; tu choras a crueza,
Que sobre elles virà. A gente dura,
Por quem tu vês ao mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja fermosura
Se veste o Ceo, & o Sol resplandecente,

Diante de quem muda está a Natura.
Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue está banhado,
Cuspido, arrellado cruelmente?
Aquelle corpo tenro & delicado,
Sobre todos os Santos Sacrosanto,
De açoutes rigurosos flagellado?
Depois cuberto mal de hum pobre manto,
Que se pegava às carnes magoadas,
Para dobrarlhe as dores outro tanto?
Magoavãono as chagas não curadas,
Hum tormento causandolhe excessivo,
Ao despir pelas mãos crueis, & iradas.
As santissimas barbas de Deos vivo,
De resplendor ornadas, lhe arrancavão,
Para desempenhar Adão captivo.
Com cordas pelas ruas o levavão,
Levando sobre os hombros o Tropheo
Das vitórias, que as almas alcançavão.
O, tu, que passas, homem Cyríneo,
Ajuda hum pouco este Homem verdadeiro,
Que agora como humano enfraqueço.
Olha, que o corpo affito do marteiro,
E dos longos jejús debilitado,
Não pôde já co peso do Madeiro.
O não enfraqueçais, Deos encarnado,
Essas quedas, que tanto vos magoão,
Sopportay Cavalleiro sublimado.
Que aquellas altas vozes, que lá são,
Dos Padres são, que estão no Limbo escuro,
Que já de Louro, & Palma vos corôão.
Todos vos bradão, que subais ao muro.

Da Cidade infernal, & que arvoreis
Encima essa bandeira muy seguro.

O, Santos Padres, não vos appresseis,
Que muito mais a Deos, que a vós custarão
Essas duras prisoões, em que jazeis.

Aquellas mãos, que o mundo edificarão,
Aquelles pés, que pisaõ as Estrellas,
Com duríffimos prègos se encravàrão.

Mas qual será a pessoa, que as querellas
D'angustiada Virgem contemplasse,
Que não se mova a dõr, & á magoa d'ellas?

E que dos olhos seus não estillasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto affinalasse?

Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
Desfazendose em lagrimas, regando
Aquellas bellas faces excellentes!

Quem a vira cos gritos ir tocando
As estrellas, a quem responde o Ceo,
Cos accentos dos Anjos retumbando!

Quem vira quando o claro rosto ergueo
A ver o Filho, que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeo!

Que magoas tam faudozas, que diria,
Que palavras tam miseras, & tristes
Para o Ceo, para a gente espalharia?

Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, & com vinagre amaro,
Matar a sede ao Filho, que paristes?

Não era este o licor suave, & claro,
Que para o confortar, então darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo!

Como,

Como, Virgem Senhora, não corrieis
A dar as tetas puras ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sede vieis?
Não só era esse, Senhora, o verdadeiro
Porto, que vosso filho desejava,
Morrendo pelo mundo n'hum madeiro.
Mas a salvação só, que alli ganhava
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte, que do peito lhe manava.
Pois, ò pura, & santissima Maria,
Que em fim sentistes esta magoa, quanto
A gravidade della o requeria,
D'essa fonte sagrada, & peito santo
Me alcançai hũa gota, com que lave
A culpa, que me agrava, & pela tanto.
Do licor salutifero, & suave
Me abrangey, com que mate a sede dura
D'este mundo tão cego, torpe & grave.
Assi, Senhora, toda a criatura,
Que vive, & vivirá, que não conhece
A ley do vosso Filho, santa & pura;
O falsissimo hereje, que carece
Da graça, & com danado, & falso sprito
Perturba a santa Igreja, que floresce,
O povo pertinaz, no antigo rito,
Que só o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz, que he pena igual ao seu delito.
O torpe Ismaelita, que mistura
As leys, & com preceitos viciosos
Na terra estende a ceita falsa impuras;
Os idolatras maos supersticiosos,
Varios de opiniões, & de costume

Levados de conceitos fabulosos.
As mais remotas gentes, onde o lume
Da nossa Fè não chega: nem, que tenhaõ
Religiaõ algũa se presume:
Assi todos em fim, Senhora, venhaõ,
Confessar hum sò Deos crucificado,
E por nenhum respeito se detenhaõ.
Mas de todos o vicio já passado,
O seu nome co vosso neste dia,
Seja por todo mundo celebrado,
E respondaõ os Ceos, JESUS MARIA.



ELEGIA
 AO DOCTOR
 MESTRE BELCHIOR,

Em louvor de sua filha Dona Maria de Figueiroa, na India em Damão.

SE obrigações de fama podem tanto,
 Que inda de Helena vive hoje a memoria,
 Fazendo cada vez mayor espanto;
 Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
 Inda que já passada, cá floresce,
 E por fama, & triumpho hoje tem gloria;
 Se a perfeição de Laura nunca esquece,
 Tambem he que por fama laureada,
 Nos ficou por Petrarca, & hoje crece;
 E se aquella cruel Troyana espada,
 Deo com a morte vida à fermosura
 De Dido, por Virgilio celebrada:
 E se Venus fermosa, hoje segura
 Se apresenta em mil versos, & Diana
 Com as nove Irmãs d' Apollo tem ventura,
 Que fará a fermosura soberana,

De Figueiroa illustre, de quem quero
Cantar com doce Lira, & Mantuana?
Mas se me ella não falta, della espero
Cantar, não destas já, que já acabaraõ;
Destas cante Virgilio, cante Homero:
Que se outras com seus versos celebraraõ,
Foy, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) não na alcançaraõ.
Mas tinhalhe a ventura Oriental cama,
Guardada lá em Damão, porque nacendo,
Perder fizesse às outras gloria, & fama.
E em quanto alegre declarar pretendo,
Vós Pay de tal thesouro, daime ouvidos,
Para d'elle dizer, mais do que entendo.
Não reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dailhe louvor, para que sejam
De tal dama, & de vós favorecidos:
Que milagres d'amor, farei que vejam?
Direi os olhos bellos, boca, & rizo,
Mil partes, que outras damas ter de sejam.
Cabellos d'ouro, em fim seu grande auizo,
Sua arte, perfeição, & fermosura,
Que na terra nos mostra hum Parayso?
Que mais? o grave aspeito, & a brandura,
A boca de Rubis, chea de perlas,
Das chistalinas mãos a neve pura?
Senhora Dona Maria, entre as mais bellas,
Vós sois, quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois qual Sol entre as Estrellas.
Por vós Damão, Senhora, hoje floresce,
Por vós as Musas já do sacro monte,
Donde continuo Louro verde crece,

Vós

Vos vem apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegaseas flores de Eliconte.
A vós se vem cantando rodea das
Das Nimphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Liras temperadas.
E com seu suave canto, & melodia,
Chegadas a vós já dizem cantando,
Esta he por quem Apolló emmudecia.
Esta he, por quem Veturno desprezando
Pomona, de continuo se abraçava,
Na menos parte sua imaginando.
Esta he por quem em fonte se tornava
O avô de Phaetonte, & porque Orpheo
As furias infernais a quebrantava;
Esta he, por quem só Troya se perdeu,
Esta he, a quem Paris deo a maçã d'ouro,
E esta por quem Orlando endoudeceo.
Esta he, quem desdo Ganges até o Douro,
Sô sem falta compoz a natureza,
Do Indico Oriental todo o thesouros
Esta he, quem trouxe a luz toda à nobreza
Dos de Liaõ Fajardos, que descende
Do Real tronco Ingrez, na mór alteza.
Esta he a flor do Lago, que se estende,
E em quem de novo nasce a Real pranta,
Esta he, a quem o mesmo Amor se rende;
Esta he, por quem a Aurora se levanta,
Na parte Oriental mais clara, & pura,
Esta he, por quem morrendo o Cisne canta;
Esta he, por quem nos dotou sô a ventura,
De mil primores chea colocada,

Em rara perfeição de fermolura.
Esta será de nós sempre cantada,
E dos novos Poetas mil louvores
Terá com fama eterna, & soblimada.
Na festa de Deos Pam cem mil pastores
Desta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levarão cheos de flores.
Ati as suas lutas dedicando,
Seus jogos pastoris de cem mil partes,
Com versos te estarão sempre louvando.
E tu, que de teu ser nunca te partes
Com fermolura, & graça de continuo,
Com que por fama ao mundo te repartes,
Com rosto branco, alegre, & peregrino
Aceitaràs seus versos, coroada
De rosas, & de louro ati sò dino.
Dali do nosso choro venerada
Teràs cargo da selva de Diana,
E entre nós tu seràs, mais estimada.
Dali, ô alta Dea, & soberana
Governaràs o Indico Oriente,
E todo estado além da Taprobana.
Dali correndo irá de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida
A das antigas Damas do Occidente,
Ganhando teu louvor immortal vida.

ODE DE CAMOËS, que nunca foi impressa.

N Aquelle tempo brândo,
Em que se vê do mundo a fermosura,
Que Tetis descansando
De seu trabalho está fermosa, & pura,
Cansava Amor o peito
Do mancebo Peleo de hum duro afeito.

Com impeto forçoso
Lhe tinha já fugido a bella Nimpha,
Quando no tempo aquoso
Noto ligeiro move a clara limpha;
Serras no mar erguendo,
Que as altas vão da terra desfazendo.

Esperava o mancebo
Com a dor, que o seu peito n'alma sente,
Hum dos dias, que Phebo
O mundo todo abraça em fogo ardente,
Soltando as tranças d'ouro,
Em que Clicie d'Amor faz seu thesouro.

Era no mes, que Apolo
Entre os irmãos celestes passa o tempo,
O vento enfrea Eolo,
Para que o deleitoso passe tempo

Seja quieto, & mudo,
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.

O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava,
Na cega idolatria,
Que o peito mais contenta, & mais agrava,
Onde o cego minino
Se faz crer dos humanos, que he divinos

Quando a fermosa Nimpha,
Com todo ajuntamento venerando,
Na pura, & clara limpha
O christalino corpo està lavando,
O qual nas aguas vendo,
Nelle, alegre de o ver, se està revendo.

O peito Diamantino,
Em cuja branca teta Amor se cria,
O gesto perigrino,
Cuja presença torna a noite dia,
A graciola boca,
Que Amor a seus amores mais provoca.

Os rubins graciosos,
E perolas, que escondem entre as rosas
Os jardins deleitosos,
Que o Ceo plantou em faces tão fermosas;
O transparente collo,
Que ciumes a Daphne faz de Apollo,

O sutil movimento

Dos olhos, cuja vista o Amor cegou,
O qual com seu tormento
Nunca mais de taes olhos se apartou,
Mas antes de contino
Nas mininas o trazem por minino.

Os fios espalhados.

D'amor, que aos mais dos peitos faz cobijas;
Onde Amor enredados.
Os corações humanos traz, & atiga,
Com servido desejo,
Por onde elle começa a ser sobejo.

O mancebo Peleo,

Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o Ceo
Em tão bella figura tresladado,
Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo a falla lhe tirou.

Emfim querendo ver,

Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foy perder,
Porque de puro amor Amor não via,
Ficando cego, & mudo
Contra as forças do Amor, que póde tudo.

Agora se aparelha

Para a batalha, agora arremetendo,
Agora se aconselha,
Agora vay, agora está tremendo,

Quando já de Cupido
Com nova setta o peito vio ferido.

Remete o moco logo
Para onde estava a chaga sem socego,
E co sobejo fogo,
Quanto mais perto estava, então mais cego
Se via, & c'hum suspiro,
Na fermosa donzella emprega o tiro;

Vingado assi Peleo,
Nasceo deste amoroso ajuntamento
O forte Larisseo
Destruição do Phrigio pensamento,
Que por não ser ferido
Foy nas ondas estigias summergido.

OVTRA ODE DO MESMO
nunca impressa.

IA a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras graciosas,
Já de todo secou
Os cravos, lírios, & as purpureas rosas,
Fogem da calma grave os passarinhos,
Para o sombrio emparo de seus ninhos.

Menea os altos freixos
A branda viração, de quando em quando,
E d'entre varios seixos
O liquido cristal sae murmurando;
As gotas, que das alvas pedras saltaõ,
O prado, como perolas, esmaltaõ.

Da caça já cansada
Busca a casta Titonia a espessura,
Onde à sombra deitada
Logre o doce repouso da verdura,
E sobre o seu cabelo crespo, & louro,
Deixe cair o bosque o seu thesouro.

O Ceo desempedido
Mostra o eterno lume das estrellas,
E de flores vestido
Húas vermelhas, & outras amarellas
Se mostra alegre o bosque, alegre o monte,
O rio,

O rio, o arvoredo, o prado, a fonte.

Porque como o minino,
Que a Jupiter pola Aguia foi levado,
No cerco chrystalino
Foi do amador de Clicie visitado,
Obusque chorará, chorará a fonte
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.

O mar, que agora brando
He das lindas Nereydas cortado,
Se irá alevantando
Todo em crespas e cumas empollado;
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.

Ley he da natureza
Mudar-se desta sorte o tempo leve,
Socede a belleza
Da primavera, o fruto, a calma, a neve,
E tornar outra vez por certo fio,
Otono, Inverno, Primavera, Estio.

Tudo em fim faz mudança
Quanto o claro Sol vê, quanto alumia,
Nem se acha segurança
Em tudo, quanto alegre o bello dia,
Mudaõ-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados & a vontade,

Sò a minha inimiga
A dura condição nunca mudou,

Para que o mundo diga,
Que nella ley tam certa se quebrou,
Sò ella em me não ver sempre està firme,
Ou por fugir d'Amor, ou por fugirme!

Mas já sofrível fora,
Só ella em me matar, mostrar firmeza:
Se não achara agora, o que me mostra
Tão bem em mim mudada a natureza:
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuves rodeado.

Sempre exprimento os fios,
Que em continuo receo Amor me manda:
Sempre os dous caudaes rios,
Que em meus olhos abrio, que nos seus anda,
Corre sem chegar nunca o verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.

O Sol sereno, & puro
Que no fermoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro,
Do triste esquecimento nam parece,
Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca he de luz nova soccorrida.

Porem seja o que for,
Mudese por meu dano a natureza,
Perca a constancia Amor,
A fortuna inconstante ache firmeza,
E tudo se conjure contra mi,
Mas eu firme estarei, no que emprendi.

CANC. AM.

N Em roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, & da verdura,
Colhida entre outras mil
Foy nunca assi agradavel à donzella
Cortês, alegre, & bella,
De sua mãy deleite, & gloria pura,
Como a mim foy a inculta fermosura,
Natural, que pudera
Render Saturno là na sua esphera.

Natural fonte agrêste,
Não lavrada de artifice excelente,
Mas por arte celeste
Dirivada do rustico penedo,
Não fez nunca tão ledo
Cansado caçador por festa ardente;
Quanto o descuido a mim me fez contente,
Do ver desconcertado,
Que fará brando a Jupiter irado.

Fruta, que sem concerto
Natureza entre os ramos dependura,
Achada por acerto,
A quem pintada a vê de sangue, & leite,
Não lhe dà o deleite,
Que essa graça me dà sem compostura,
Ornamento da mesma fermosura,
E o toucado sem arte

Que tornara pastor o bravo Marte.

A manhaã graciosa,
 Que derramando sae d'entre os cabellos.
 A flor, o lirio, a rosa
 Sem ajuda de ornato, ou de artificio,
 Não faz o beneficio,
 Que faz a luz dos vossos olhos bellos,
 A quem os vê tão puros, & singellos,
 E esse innocente riso,
 Porque o Sol deixa, pelo Tejo, Amphrifo.

Outeiros coroados
 Das arvores, que fazem à espessura,
 Cos ramos carregados,
 Alegre, que mão destra os não cultiva;
 Graça tão excessiva,
 Não tem na sua natural verdura,
 Quanta na desses olhos clara, & pura
 Deposita a esperança,
 Com que Amor gosto, & a mãy tormeço alcãça.

Dos simples passarinhos
 A musica sem arte concertada,
 D'entre os verdes raminhos,
 Tão suave não he, tão delectosa,
 A quem no campo a gosa,
 Quanto a mim essa falla alegre agrada,
 E o natural aviso,
 Tal que a Mercurio rouba o cetro, & o fiso.

Dos rios frescos a agoa,
 Que

Que clara entre arvoredos se diriva,
Caindo dalta fragoa,
E smaltando de perolas no prado
O verde delicado,
Com brando som, aos olhos fugitiva,
Não nos alegra, quanto a graça elquiva
D'essa voz soberana,
Que faz cortès a rustica Diana.

SEXTINA.

F Ogeme pouco, & pouco a curta vida,
Vayseme o breve tempo dante os olhos,
E do viver me vay levando o gofio,
Choro pelo passado, mas os dias
Não se detem por isso de seu curso
Passase emfim a idade, & fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena,
Que nunca hum passo deo tam longa vida,
Fora de trabalhoso, & triste curso,
Se no processo meu estendo os olhos,
Tam cheyos de trabalhos vejo os dias,
Que já não gofio, nem do mesmo gofio.

Os prazeres, o canto, o riso, o gofio,
A continuação da grave pena
Me levou, que não ponho culpa aos dias.
A culpa he do destino, porque a vida
Sempre celebrará os bellos olhos,
Por mais que do viver se alongue o curso.

Sigaõ

Sigão os Ceos o seu natural curso,
A toda gente dem tristeza, ou gosto:
Façam em fim mudanças, que meus olhos
Nunca verão no mundo se não pena,
Nem descanso terei já nesta vida,
Para poder em paz passar os dias.

Vão succedendo hũs dias a outros dias,
Nada de seu curso não perde o tempo,
Perde somente a curta, & breve vida,
Fogelhe como sombra a idade, & o gosto,
Vay selh'acrecentando magoa, & pena,
De que são testemunhas os meus olhos.

Mas nunca da minh'alma, ô claros olhos,
Vos poderaõ tirar os longos dias,
Creça quanto quizer trabalho, & pena,
Que pois para detras não torna o curso
Dos annos; isto sò terei por gosto,
Para poder passar o mais da vida.

Canção já tive vida, já meus olhos
Me deraõ algum gosto, mas os dias,
Com seu ligeiro curso magoa, & pena.

C A N C. A M.

Esta Canção duas vezes fez o Author cõ os mesmos conceitos, mas termos tam differentes que totalmente he outra, hũa se imprimio que começa, Mandame Amor que cante docemente, esta he tamboa, que não se deixa ver qual he a que elle aceitou, & assi ambas são merecedoras de se imprimir.

Mandame Amor, que cante, o q' alma sente,
Calo, que nunca em verso foy cantado,
Nem d'antes entre gente acontecido;
Pagame assi em parte o meu cuidado,
Pois que quer, que me louve, & represente
Quão bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte, & não serei da gente crido,
Mas he tamanho o gosto de louvarme,
E de manifestarme,
Por cativo de gesto tam fermoso,
Que todo impedimento
Rompe, & desfaz a glória do tormento:
Peregrino, suave, & deleitoso,
Que bem sei que, o que canto,
Ha d'achar menos credito, que espanto.

Eu

Eu vivia do cego Amor izento

Porem tam inclinado a viver preso,
Que me dava desgosto a liberdade:
Hum natural desejo tinha acceso
D'algum ditoso, & doce pensamento,
Que me illustrasse a insana mocidade:

Tornava do anno já a primeira idade,
A revestida terra se alegrava,
Quando Amor me mostrava
Em fios d'ouro hũas tranças desatadas
Ao doce vento estivo,
Os olhos rutilando em lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas,
O gosto grave, & ledo
Que juntos move em mim desejo, & medo.

*Este ramo está quasi todo, na que
está impressa.*

Hum não sei que suave respirando,
Causava hum desusado, & novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentião:
Porque as garrulas aves entre tanto,
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo se acendião.

As fontes cristallinas não corrião,
Inflamadas na vista clara, & pura,
Florescia a verdura,

Que andando cos ditos pès tocava;
Os ramos se abaixavão,
Ou denveja das hervas, que pizavão,
Ou porque tudo ante elles se abaixava;
O ar, o vento, o dia
Espiritos continuos influia.

E quando vi, que dava entendimento
A cousas fóra delle, imaginei,
Que milagres faria em mim, que o tinha?
Vy, que me desatou da minha ley,
Privandome de todo sentimento,
E n'outras transformando a vida minha.

Com tamanhos poderes do Amor vinha
Que o uso dos sentidos me tirava,
E não sei como o dava
Contra o poder, & ordem de Natura
As arvores, aos montes,
A rudeza das hervas, & das fontes,
Que conheceraõ logo a vista pura,
Fiquei eu sò tornado,
Quasi n'um rudo tronco de admirado.

Despois de ter perdido o sentimento
De humano, hum sò desejo me ficava,
Em que toda a razão se convertia;
Mas não sey quem no peito me bradara,
Que por taõ alto, & doce pensamento,
Com razão a razão se me perdia:
Assi que quando mais perdida a via
Na sua mesma perda se ganhava;

Em doce paz estava
Com seu contrario proprio num fogeito;
O caso estranho, & novo,
Por alta certamente, & grande approvo
A causa, donde vem tamanho effeito,
Que faz num coração,
Que hum desejo sem ser, seja razão.

Depois de já entregue a meu desejo,
Ou quasi todo nelle convertido,
Solitario, silvestre, & inhumano,
Taõ contente fiquey de ser perdido,
Que me parece tudo, quanto vejo,
Escusado, se não meu proprio dano;

Bebendo esteve suave, & doce engano,
A troco do sentido, que perdia,
Vy, que Amor me inculpia
Dentro na alma a figura honesta, & bella,
A gravidade, o fiso,
A mansidão, a graça, o doce riso;
E porque não cabia dentro nella,
De bês tamanhos tanto,
Sae pola boca convertido em canto.

Canção, se te não crerem
Daquelle claro gesto quanto dizes,
Polo que em si lhe esconde:
Os sentidos humanos (lhe responde)
Não podem do divino ser juizes,
Se não hum pensamento,
Que a falta supra a fé do entendimento?

PETIC. A M FEITA
ao Regedor de hũa nobre mo-
ça, presa no Limoeiro da Cida-
de de Lisboa, por se dizer, que
fizera adulterio a seu marido,
que era na India; feita por
Luis de Camoës.

S Prito valeroso, cujo estado
O alto Deos prospere, & acrecente,
Regendo o fiel Reyno descansado,
Com vida felicissima, & contente:
A vòs, em quem o humil necessitado
Achã sempre favor, & amor ardente,
Peço queirais ouvir, que na verdade,
Zelo, & amor de Deos me persuade.

Naõ vos seja pesado o atreverme
A querer emprender sujeito alheyo,
Porque fizeraõ lagrimas moverme
Vir ante vòs ousado, & sem receyo.
E se por tal quiserdes conhecerme,
Servindovos de mim, por algum meyo,
O nome, o braço, a Musa, & quanto posso,
Ha já muito, senhor, que tudo he vosso.

Quem

Quem vos isto offerece dirá quanto
Desejo muito há já servos aceito,
Porque com vosso zelo, o favor santo,
Faça meu rude verio algum proveito:
Que cobrindo-me vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeito;
Sey que posso ganhar, o que não tenho,
Pois me não faltaão forças, nem eugenho.

Porem isto, senhor, deixando a parte,
Que razão he devida, a que me guia,
A vós venho com força, engenho, & arte,
Por influxo do Ceo, que a vós me envia:
A vós, a quem tem dado Apolo, & Marte,
De seus thesouros parte, & melhoria,
Venho cantar com voz rouca, & chorosa,
Por hũa encarcerada deliditosa.

A vós venho, senhor, na confiança
Do vosso nome pondo meu sentido,
Que quem em vós confia, tudo alcança,
Sendo cousa, de que Deos he servido;
E pois elle vos deo justa balança,
Para pezar justiça, & dar ouvido,
Ouvi a petição da miseravel,
Com quem Fortuna foi tão pouco affavel.

Ouvi da pobre Dona Catharina
O grande desamparo inopinado,
A quem nenhum remedio determina,
Ou permite seu duro, & cruel fado;
Que se na tenra idade foi mofina,

Sua vida entregando ao vaõ cuidado,
Aja nisso castigo com brandura,
Porque o medo a fará viver segura.

Aja, senhor, cuidar, que he moça pobre,
Que pobreza não tem nenhum respeito,
E mais não tendo idade, que lhe sobre,
Para saber fugir do que he mal feito:
Aja tambem cuidar, que he sangue nobre,
E ao jugo da Igreja inda fugeito,
E que pòdem nacer de tal processo
Hum grande, & cruelissimo successo.

Certo, que com razão urgente, & clara
Tem algũa razão a infelice,
Que se ninguem recolhe, nem ampara
A triste orfaã na flor da meninice,
A Fortuna cruel, em tudo avara,
Para lhe acarretar triste velhice,
Lhe entrega a honra, & pura castidade
Nas mãos de hũa vital necessidade.

Bem sei, que de ter culpa não carece,
Só por não ser do sangue seu lembrada,
Mas deselhe o castigo, que merece,
E não para tão longe defferrada:
Que se para là for, bem se conhece,
Quão vilmente será vituperada,
Dando motivo ao rude marinheiro,
Que seja incontinente carniceiro.

Vede, senhor, o risco, a que se obriga
A desditosa, & fragil mocidade,
Se honra não vai buscar, ou parte amiga,
Que lhe defenda sua honestidade.
Não queirais não, senhor, que o mundo diga,
Ah, que grande rigor, & crueldade!
Como já vai dizendo, & murmurando,
Sua grande ignorancia disculpando.

Eu certo não duvido, que o Piloto,
O Mestre, o Marinheiro, o Capitão
Usem do costumado vicio roto,
Com todas, as que em seus poderes vão:
Daime vós, senhor, hum, que estê remoto
De tal dilicia, nesta occasião;
E eu direi ser falso, o que vos digo,
Tomando sobre mim todo o castigo.

Já não ha hi João posto em deserto,
Que seja ao Ceo, por casto, tão aceito;
Nem ha, quem não cometta desconcerto,
Nessa torpeza brutta, & vil sugeito:
Já não ha hi Hieronymo tão certo,
Que, com pedra na mão, ferindo o peito,
Da carne stimulado, assi lhe diga,
Não te chegues a mim, carne inimiga.

A culpa he dos parentes descuidados,
Que, vendoa sem amparo & sem abrigo,
Em tempo, que os maiores & esforçados,
Temendo a Deos, fugião seu castigo:
Hũs para seus jardins determinados,

Outros por onde o Ceo lhes fosse amigo,
A deixaraõ tam sò nesta Cidade,
Batalhando co a vil necessidade.

Pois, quem ouvera ahi, que não cahira,
Vendose em tal estremo, em tal miseria,
Qual Arthemisa aqui não consentira,
Qual Romana Sofronia, ou qual Valeria?
E qual Lucrecia fora, que isto vira,
Que não rendera o jugo à vil materia?
Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulysses se negara?

Qual fora, a que se vira em taõ infesta
Batalha, turbulenta, & espantosa,
Exercitando a morte rija & mesta,
Seu duro officio, brava, & rigurosa.
Que Nympha ouvera ahi, que Deosa Vesta,
Em virginal estado poderosa,
Que não rendera a tudo o casto nome,
Por não morrer nas mãos da dura fome?

A h valeroso sprito, caso he isto,
Para se dar perdão à fraca ovelha,
Não seja o perdão seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar nos aconselha:
Assi nos altos Ceos sejais bem quisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, senhor, seu desamparo,
Pois sois dos pòbres pay & amigo claro.

Por isso olhai, senhor, o quanto importa
Cortar occasiões com fio agudo,
Porque não se cortando, abre-se porta
Do lascivo desejo ao Nauta rudo.
E, se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leys do claro estudo,
Será grandeza vossa muy sobida,
Dessa real prolapia produzida.

Olhai, que tem, senhor, hũa minina
Do ausente consorte, & filha sua,
Muito desemparrada, & pequenina,
Fóra do natural, despida & nua.
Sede vós, senhor, agoa da Piscina,
A vosso zelo tudo se attribua,
Que, movendo vos elle, não duvido,
Que tudo a ella seja concedido.

REDONDILHAS DO MESMO.

Cantigas alheas.

NA fonte está Leonor
Lavando a talha, & chorado,
As amigas perguntando,
Vistes là o meu amor?

Voltas do Camoës.

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo o Amor a obriga
Cantava, mas a cantiga
Eraõ sospiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando
As amigas perguntando
Vistes là o meu amor?

O rosto sobre hũa mão,
Os olhos no chaõ pregados,
Que do chorar já cansados,
Algum descanso lhe dão.
Desta sorte Leonor
Suspende de quando em quando,
Sua dor, & em sy tornando,
Mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos agua,
 Que não quer que a dor se abrande
 Amor, porque em magua grande
 Seca as lagrimas a magua.

Que depois de seu amor
 Soube novas preguntando,
 Demproviso, a vi chorando,
 Olhai, que estremos de dor?

*Estas trovas mandou o Author da
 cadeia, em que o tinha embargado por
 hũa dívida, Miguel Roiz, Fios Se-
 cos d' Alcunha, que se embarcou
 para fóra, ao Conde do Redondo D.
 Francisco Coutinho Viso-rey,
 pedindolhe o fizesse de-
 sembargar.*

Que diabo ha tão danado,
 Que não tema a cutilada
 Dos fios secos da espada
 Do fero Miguel armado?

Pois se tanto hum golpe seu
 Soa na infernal cadeia,
 Do que o demonio arrecea,

Como não fugirey eu?

Com razão lhe fugiria,
Se contr'elle, & contra tudo,
Não tivesse hum forte escudo
Só em vossa Senhoria.

Por tanto senhor proveja,
Pois me tem ao remo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

*Estas trovas mandou Heitor da
Silveira ao mesmo Conde,
envernando em Goa.*

Vossa Senhoria crea,
Que não apura o engenho
Fome, se he como, a que tenho,
Mas afraca & corta a vea.

E quem o contrario sente
Está farto em toda a hora,
Como estou faminto agora,
Mas Marta se está contente
Dalhe pouco, de quem chora?

E pois vossa senhoria
Em geral a tudo acode,
Acuda a mim, que sò póde

Darme no engenho valia.
 Elperte esta mula minha,
 Que o tempo traz sonorenta,
 Valhalhe nesta tormenta,
 Com essa doce mezinha,
 Que sò dà vida, & contenta.

Acuda com provisaõ
 Naõ de papel mas provida.
 D'ouro, & prata: que esta vida
 Naõ sustentaõ papeis, naõ.
 De feitor a thesoureiro
 Sermehia trabalho grande,
 Vossa Senhoria mande
 Algum remedio, prmeiro.
 Com que a morte o ferro abraunde.

Ajuda de Luis de Camoës.

Nos livros doutos se trata,
 Que o grande Achilles insano
 Deu a morte a Heitor Troiaño.
 Mas agora a fome mata
 O nosso Heitor Lusitano.
 Sò ella o pòde acabar,
 Se essa vossa condiçãõ
 Liberal, & singular,
 Naõ mete entre elles bastão,
 Bastante para o fatar.

A H V M A SENHORA, QUE LHE
chamou diabo.

Esparça.

NÃO posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós Senhora, Anjo,
Vos queira tanto o diabo.
Dais manifesto sinal,
De minha muita firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos Anjos, por natureza.

*Em a primeira Parte fica hum Mote com suas
voltas á mesma Senhora.*

Cantiga.

Vy chorar hũs claros olhos,
Quando d'elles me partia,
O que magoa, o que alegria!

Voltas.

Polo meu apartamento
Se arrazarão todos d'agoa,
Quem cuidou, que em tanta magoa
Achasse contentamento?
Julge todo entendimento

Qual

Qual mais sentir se devia
Se esta dór, se est'alegria.

Quando mais perdido estive,
Então deo a est'alma minha,
Na mayor magoa, que tinha,
O mayor gofio, que tive.
Assi se minh'alma vive
Foy, porque me defendia
D'esta dor, esta alegria.

O bem, que Amor me não deu
No tempo, que o desejei,
Quando d'elle me apartey
Me confessou, que era meu.
Se a fortuna me desvia,
De lograr esta alegria?

Não sey se foy enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras de mal querido,
No mal de ser apartado?
Agora peno dobrado,
Achando no fim do dia
O principio d'alegia.

Mote al Rey.

Dò la my ventura
Que no ver alguna.

Volta.

Volta.

Sepa, quien padece,
Que en la sepultura
Se esconde ventura,
De quien la merece.
Allá me parece,
Que quiere Fortuna,
Que yo halle alguna,

Naciendo mesquino,
Dolor fuè mi cama,
Tristeza fue el ama,
Cuidado el padrino;
Vestiose el destino
Negra vestidura,
Huyò la ventura.

No se hallò tormento,
Que ally no se hallasse,
Ni bien, que passasse,
Sino como viento.
Oh que nacimiento,
Que luego en la cuna
Me siguiò Fortuna!

Esta dicha mía,
Que siempre busqu è,
Buscandola, hallê,

Que

Segunda parte,

Que no la hallarias;
 Que quien nace en dia
 D'estrella tan dura,
 Nunca halla ventura.

No puse mi estrella
 Más ventura em mim,
 Ansi vive em fim
 Quien nace sin ella:
 No me queixo della,
 Quexome, que atura
 Vida tan escura.

Vilancete pastoril.

Deus te salve Vasco amigo,
 Não me fallas? como affi?
 Bofê Gil, não estava aqui.

Volta.

Pois onde te haõ de fallar,
 Se não estás onde appareces?
 Se Madanela conheces,
 Nella me pódes achar.
 E como te haõ d' ir buscar,
 Aonde fogem de ti?
 Pois nem eu estou em mim.

Por-

Porque te não acharei
Em ti, como em Madanella?
Porque me fuy perder nella
O dia, que me ganhei.
Quem tão bem falla, não sei
Como anda fóra de si?
Ella falla dentro em mi.

Como estás aqui presente,
Se lá tês a alma, & a vida?
Porque he d'hũa alma perdida
Aparecer sempre á gente.
Se es morto, bem se consente
Que todos fujaõ de ti?
Eu tambem fojo de mi.

Outro pastoril.

Porque no miras Giraldo
Mi sampoña como suena?
Porque no me mira Elena?

Voltas.

Buelve acà, no estês pasmado,
Mira, que gentil sonar?
Como te podrá mirar
Quien no puede ser mirado?
Y que bueno enamorado?
No diràs, si es mala ò buena?

No,

Segunda parte,

No, que me hizo mudo Elena.

Mira tan dulce armonia,

Dex te d'ellos enojos;

Tengo clavados los ojos,

Con que mirarte podia.

Ansi Dios te dè alegria,

No ves quan dulce que suena?

No, porque no veo Elena.

Outro pastoril.

Crece Camilla os abrolhos

De chorares por Cincero:

Não he muito, que lhe quero,

Belisa, mais que meus olhos.

Voltas.

Sempre os teus olhos estão

Camilla, d'agoas banhados:

De se verem defamados,

Pôde ser, que choraraõ,

Si, mas crecem os abrolhos,

E tu cegas por Cincero,

Se eu não vejo, quem mais quero,

Para que quero mais olhos?

Se se foy ha mais de hum mes,

Teus

Teus olhos não cansaraõ?
Naõ, que apõz elle se vaõ
Estas lagrimas, que ves.
Fazem logo estes abrolhos
O mato espinhoso & fero:
Pois eu não vejo a Cincero,
Isto só verão meus olhos.

Chorando queres morrer?
Mais quero viver chorando:
Tu não ves, que vás cegando?
Se cego, como ey de ver?
Poem na vista outros antolhos:
Naõ posso nem menos quero,
Outra para outro Cincero,
Antes não quero ter olhos.

A hũa mulher, que se chama-
va Gracia de Moraes.

Olhos, em que estão mil flores,
E com tanta graça olhais,
Que parece, que os amores,
Moraõ, onde vòs morais.

Volta.

Vemse rofas, & boninas

olhos

Olhos n'esse vósio ver,
 Vemse mil almas arder
 No fogo d'essas mininas.

E dilohaõ minhas dores,
 Meus sospiros, & meus ais,
 E dirão mais, que os amores
 Moraõ, onde vós morais.

Do Mote.

Vida de minh'alma.

Volta.

Dous tormentos vejo
 Grandes por estremo:
 Se vos vejo, tempo,
 E se não, desejo.

Quando me despejo,
 E venho a escolher,
 Temendo o desejo,
 Desejo temer.

Cantiga alhea.

Pastora da serra,

Da ferra da estrella,
Percome por ella.

Volta.

Nos seus olhos bellos
Tanto Amor se atreve,
Que abraza entre a neve
Quantos cusaõ velos:
Não solta os cabellos
Aurora mais bella,
Percome por ella.

Não teve esta ferra
No meyo d'altura,
Mais que a fermosura,
Que nella se encerra.
Bem ceo fica a terra,
Que tem tal estrellas
Percome por ella.

Sendo entre Pastores
Causa de mil males,
Não se ouvem nos vales
Se não seus louvores.
Eu só por amores
Não sei fallar nella,
Sei morrer por ella.

De algũs, que sentindo
Seu mal vão mostrando,

E

Se

Se rim, não cuidando,
 Que inda paga rindo.
 Eu triste encobrimdo
 Sò meus males della,
 Percome por ella.

Se flores deseja
 Por ventura bellas,
 Das que colhe dellas,
 Mil morrem de enveja
 Não ha quem não veja
 Todo o melhor nella;
 Percome por ella.

Se na agoa corrente
 Seus olhos inclina,
 Faz a luz divina
 Parar a corrente.
 Tal se vê, que sente
 Por ver-se a agoa nella;
 Percome por ella.

Mote.

Que verè, que me contente?

Glosa de Luis de Camoões.

Desque una vez yomirè
 Senhora vuestra beldad

Iamas

Iamas por mi voluntad
Los ojos de vós quitê.
Pues si en vós prazer no fiente
Mi vida, ni lo dessea,
Si no quereis, que yo os vea,
Que veré, que me contente?

Mote.

De Luis de Camoës.

Quem se confia em hũs olhos
Nas mininas delles vê,
Que mininas não tem fê.

Voltas suas.

Quem poem suas confianças
Em mininas sem assento,
Offereça o sofrimento
A duzentas mil mudanças:
Mostraõ no ar esperanças,
Mas em seus olhos se vé
Como não tem nalma fê.

Enganaõ ao parecer,
Porque no caso d'amar,
São mulheres no matar,
E mininas no querer;

Quem em teus olhos se crep
 Cem mil graças nelles vê,
 Vellas fim, mas não ter fe.

Amostrãvos num momento
 Favores assi a molhos,
 Mas na mudança dos olhos.
 Se lhe muda o pensamento.
 Em nada já tem assento,
 E o que mais nelles se vê
 He fermosura sem fe.

Cantiga velha.

Sois fermosa, & tudo tendes
 Se não que tendes os olhos verdes.

Ninguém vos pôde tirar
 Serdes tam bem assombrada
 Mas eisme de perdoar,
 Que os olhos não valem nada:
 Fostes mal aconselhada
 Em querer, que fossem verdes,
 Trabalhay de os esconderdes.

A vossa testa he jardim,
 Aonde amor se defensada,
 He tam branca, & bem talhada,
 Que parece de Marfim.
 Assi he, & quanto a mim,
 Isso vos nasce de a tardes

Tão perto dos olhos verdes,

Os cabellos desatados
O mesmo Sol escurecem,
Se não, que por serem ondados,
Augum tanto desmerecem:
Mas afê, que se parecem
A furro dos olhos verdes
Não vos peles não de os terdes.

As pestanas tem mostrado
Ser rayos, que abraçam vidas,
Se não forão tam compridas
Tudo o mais era pintados:
Ellas me tinham levado
A alma sem o vós saberdes,
Se não forão os olhos verdes.

O mimo desse caraõ,
Nem por lhe os olhos consente,
E ser liso, & transparente,
Rouba todo o coração:
Inda assim acharei nação,
Que lhe não pele de os verdes,
Mas não seja cos olhos verdes.

Esse riso que he composto
De quantas graças naceraõ,
Senão que algũs me differão,
Vos faz covinhas no rosto:
Na vontade tenho posto
Dar vos a alma, se quizerdes,

A troço dos olhos verdes.
Nunca se vio, nem s'escreve
Boca cum a graça igual,
Se não fora de coral,
E os dentes da cor da neve?
Doume eu a Deos, que me leve,
Sofrerei quanto reverdes,
Não me tenhais olhos verdes.

Essa garganta merece
Outras palavras não minhas,
Se não que feita em rosquinhas
Dalfenin, o que parece.
Eu sei bem quem se offerece
A tomar tudo o que tendes,
E também os olhos verdes.

Essas mãos são ferropneas,
Só o vellas enfeitiga,
Se não que são alvas, cheas,
E tem afeição roliça:
Com que apellais por justiça,
Pera com ellas prenderdes
Os que vem vossos olhos verdes.
A vossa galantaria

Matarà a quem faldes,
Tendes hús desdés, & tardes,
Que eu logo vos roubaria?
Oh doume a Santa Maria,
Sou cujo, de quanto tendes,
E também desses olhos verdes?

Outro Mote semelhante está
na primeira Parte, com
suas voltas.

Otras suas ao mesmo.

Tudo tendes singular,
Com que os corações rendeis
Se não que rindo, fazeis
Covinhas para enterrar;
E para resuscitar
Tem força a graça, que tendes
Se não que tendes os olhos verdes.

Tudo senhora alcançais
Quanto o ser fermosa alcança,
Se não, que dais esperança
Cos olhos, com que matais:
Se a caso os alevantais,
He para as almas renderdes,
Se não, que tendes os olhos verdes.

EPISTOLA DE LVIS
de Camoës.

DUvidosa esperança, certo medo
Senhora dê me não ouvir meus danos,
Fizeraõ que não fiz isto mais cedo.
Mil remedios busquei, busquei enganos
Por encobrir o mal, que me causais,
Temendo outra mór dor dos defenganos.
Mas tudo quanto fiz, fiz por demais,
Amor, que como quer de mim ordena,
Não sofre, que tal dor encubra mais.
A ser vosso, senhora, me condena,
Nisto merce me faz se a vós offende,
A culpa ao amor dai, a mim a pen;
Não cuideis, que minha alma se defende
De cousa, de que vós fardes contente,
Porque só isso busca, & isso pretende.
Ditosa dor, a que por vós se sente,
Ditosa, pois conheço esta verdade,
Pera não ser das minhas descontente.
Com tudo, a não poder hũa vontade
Tão pura, & tanto a medo offerecida,
Movervos de meu mal a piedade:
Não quero mais viver, não quero vida,
Milhor me será morte, que desgosto,
A quem tanto desejo ver ser vida.
Banhem pois minhas lagrimas meu rosto,
Sospire o coração, que treme, & arde,

Chorar, & sospirar seja o meu gosto.
Não queirão os meus fados, que me guarde
De sentir nova dor, novo tormento,
Que sinto muito mais sentillo tarde.
Quisera des que tive entendimento,
Por ver, se com firmeza vos movia,
Não ter em outra cousa o pensamento,
Em vós cuidar a noite, em vós o dia,
Por vós sentir prazer, por vós tristeza,
Sem vós, ter para mim, que não vivia.
Mas nem por isso haja inda em vós crueza,
Se frese mal num peito delicado,
Parece cousa contra a natureza.
Olhai, que em vivas chamas abralado,
Por remedio, senhora, aute vós venho,
Buscalo noutra parte he escusado.
Porque não val saber, força, ou engenho,
Pedras, palavras, ervas de virtude,
Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.
Se vossos olhos podem dar saude,
Se neste grave mal me não soccorrem,
Deixem me morrer já, ninguém me ajude.
Ditosos são os tristes, quando morrem.
No começo dos danos, que não sentem,
Quão vagarosas as tristezas correm.
Porem se as esperanças me não mentem,
Espero deste conto inda ter fôra,
Que cruezas em vós não se consentem.
Em fim a fim de tudo isto he, senhora,
Que se me não valeis, tenhais por certo,
Que cedo verei a derradeira hora.
Já que meu mal vos tenho descoberto,

Avei de mim dō, não seja isto em fim.
 (Como dizem) dar vozes em deserto
 Valeime, que por vós me perco a mim.

DOM ANTONIO, SENHOR
 de Casquais, prometeo a Luis
 de Camoës seis galinhas rechea-
 das por hũa Copla, que lhe fi-
 zera, & mādandolhe por prin-
 cipio de pagua mea gali-
 nha recheada.

Elle lhe mandou esta Copla.

Sinco galinhas & mea
 Deve o senhor de Casquais,
 E a mea vinha chea
 De appetite para as mais.

CANTO I.

Da criação, & composição do Homem.

I.

NA mais fresca & aprazível parte do anno,
A Venus dos antigos dedicada,
Venus amor de Marte, & de Vulcano,
Clara estrella do mar, & terra amada:
Por cujo influxo amigo, doce, & humano,
Se mostra a Primavera namorada,
Guiando a destra mão da natureza,
O sumo Creador da redondeza.

2.

Quando a liberal terra guarnecida
Com a humidade do Ceo, & temperança,
De verde, & vario esmalte revestida
Mostra dos doces fructos a esperança;
Em toda a planta, & arvore florida,
Com coroa, & odorifera abundança,
Então parece mais fermosa, & bella,
Corigor brando da amorosa estrella.

Quan-

3.

Quando em sua liberdade as vagas aves,
Com ledo canto o ar sereno enchendo,
As manhaãs graciosas mais suaves,
E apraziveis do fresco Abril fazendo;
Convidão a doce somno os corpos graves,
Em leves somnos vão os entretendo,
Ajuda o rouco tom da clara fonte,
Que ao verde prado dece do alto monte,

4.

Em hũa manhaã destas prômpto & esperto,
Me detinha hum profundo & graõ cuidado
Da estranha providencia, & alto concerto
Do Creador de tudo, o que he creado:
Como despois de dar numero certo,
E ordem ao mundo espherico formado,
Formou logo com seu saber profundo,
Do alto artificio outro pequeno mundo.

5.

Que assi como fez só pola virtude
Da sua alta palavra lá decima,
Não do fingido chaos disforme, & rude,
Nem da vazia, & vã materia prima,
Com ordem certa, & tal, que não se mude,
Os Ceos de graõ vigor, virtude, & estima,
E os Elementos varios corruptivos,
Em suas qualidades compassivos.

6.

E assi como delles num momento
Formou diversos corpos de mistura;
Varios na creação, & nascimento,
No ser, composição, & na figura:
As aves dando o ar por quasi assento,
Aos peixes agua, aos brutos terra dura,
E das quatro compostas qualidades,
Tantas fez de animaes diversidades.

7.

Como depois de tudo ultimamente
Num lugar deleitoso, fresco, ameno,
Quis formar, & crear distinctamente,
Deste grao mundo estoutro mais pequeno;
Assi em tudo nas partes differente,
Numa dellas caduco, vaõ, terreno,
Noutra immortal espirito, alto, & divino,
De razão, & do Ceo capaz, & digno.

8.

Que como no Ceo quarto o illustre Pharo,
Aquelle olho do mundo luminoso,
De toda a luz visivel fonte, & emparo,
Corre como Gigante, & alegre esposo;
Assi o entendimento, outro Sol claro,
Anda de hũa a outra parte presuroso,
Lustra na parte delle mais superna,
Discorre com sua luz, tudo governa.

E quis

9.

E quis que os animaes inferiores,
Seu apetite sô brutal tomando,
Da terra baixa, & vil habitadores:
Sô os pastos attentos vão buscando,
E que os homêes seus superiores,
A razão seus sentidos vão mandando,
Razão, que diffirir os faz da fera,
Que de espritual em bruto degenera.

10.

Porque em que o fez do mais baixo elemento,
Deolhe mil perfeições em abastança,
Deolhe alma racional, entendimento,
E fêlo em fim á sua semelhança:
De todo outro animal de baixo assento
Lhe deo o senhorio, & governança,
Tudo lhe sujeitou debaixo os pés,
Deixando lô sujeito, a quem o fez.

11.

Como este breve mundo, homem chamado,
Prevaricando nesta obediencia,
Do Parayso foy por Deos lançado,
Perdendo o bom estado da innocencia;
Mas da bondade immensa acompanhado,
De seu peccado fez sã penitencia,
Conhecendo o estado, que perdera,
E quaõ differente fora do que era.

12.

Fazêndose homem Deos omnipotente,
Immortal, infinito, & sem medida,
Amando o homem así tão altamente,
Que a sua vida deo por darlhe vida;
Humilde em fim mortal, pobre, paciente,
Sofreo pregado ser na Cruz erguida,
Com mil dores, tormentos, & deshonras,
Por dar consigo ao homem eternas honras.

13.

Mas dentre os mortos logo resurgindo,
Com glorioso corpo triumphante,
E ao Imperio cos Santos seus subindo,
Na uniaõ da Igreja militante;
Deixa o homem com seu sangue remido,
De suaves remedios abundante,
Com que vencendo sempre com victoria,
Podesse entrar na pura, & eterna Gloria.

14.

Nesta imaginação assi passando
Estava eu a manhã de hum fresco dia,
Quando me em liquor humido banhando,
O lento somno, já me adormecia:
E daquillo, que estava imaginando,
As especies tomando a phantasia,
Sonhava hum sonho assaz estranho, & doce,
Dado que verdadeiro, & certo fosse.

Por.

15.

Porque quanto os sentidos interiores,
Em sua figura assi me apresentavão,
Me parecia ser, que os exteriores
Em tudo claramente alli o tratavão,
Cousas maravilhosas, & mayores,
Que humano entendimento me mostravão,
Como aqui mostrarei, se copia tanta,
Me conceder, cantando, a Musa sancta.

16.

Já todos meus spritos sensitivos,
Dos humidos vapores congelados,
No frio cerebro donde estavão vivos,
Parecião de todo sepultados;
Impedindome as obras aos cativos
Membros, que todos tinha já postrados
O somno vindo da cymeria cova,
Por me mostrar visão tam doce, & nova.

17.

Quando de hum alto sprito poderoso,
Arrebatado ser me parecia,
Elevado a hum graõ campo, & espaçoso,
Onde o seu corno a Copia diffundias,
Porque era fresco, verde, deleitoso,
Dê fruto, & flores cheo, & de alegria,
E assi o Ceo benigno o temperava,
Que hum perpetuo Verão sempre mostrava.

18.

Quatro Rios fermosos, & caudaes,
Regavão este campo tam florido,
De arvores, ervas, plantas, & animaes,
De toda especie oruado, & bastecido:
Pastava o manso gado sem curraes,
Do Lobo, ou do Leão pouco timido,
Viaõse as feras de mayor braveza,
Aqui com mansidão, domestiqueza;

19.

Em tamanha abundancia, & variedade,
De individuos em perfeição creados,
Tudo era paz, amor, tranquillidade,
Hũa não sendo dos outros agravados;
Em conservação util, & amizade
Syncera & pura, todos conformados,
Na terra, na agua, no ar, bruto, peixe, ave,
Tinhão vida pacifica & suave.

20.

Por este fresco, & bom jardim do mundo,
A vista derramando alegremente,
Hum edificio vi nobre & jucundo,
De alta composição, & obra excellente;
E tal architectura, que segundo
O que se via de fóra, & mais presente,
O de dentro seria mais perfeito,
E muito mais para, quem fora feito.

F

Mostra-

21.

Mostrava ser no sítio, & bom assento,
Inexpugnável, claro, alto, & puro,
Com justa proporção, arte, & ornamento
Cercado de lustroso, & forte muro;
Parecia com todo o pavimento
Por dentro, & fôra estar firem, & seguro,
E tudo vi, que a vista se estendia,
Em competente objecto, que a servia.

22.

Alevantar-se ao modo de hum Castello
Sobre este campo, quasi senhor nelle,
Do qual vi, que outro mais fermoso, & bello
Parecia nacer das costas delle;
E por poder melhor notalo, & vello,
Querendome eu então chegar para elle,
Muy prestes não sey como parecião,
Que em chaõ subitamente ambos cahião.

23.

Desta infelice queda, triste sorte,
E subita mudança a mim me vinha,
Hum sentimento intrínseco, & tão forte,
Como que neste mal graõ parte tinha;
Cria, que me causava a mesma morte
Esta desventura tanto minha,
E com grande pellar, que me cercava,
O fresco campo em lagrimas banhava.

Então

24.

Então mais miseravel, dura, & estranha,
Me pareceo a nova fortaleza,
Daquella quando ao perto a vi tamanha,
Tã obem feita, com tanta arte, & destreza;
E logo que por grande engano & manha,
E por traição mais que por natureza,
Caira este edificio hũa tal ruina,
Que erguello só podia a mão Divina.

25.

Este assento já tam verde & tão ameno,
Com pranto, & dór de tudo eu já deixando,
Jà me não parecendo o ar sereno,
Mas triste, escuro, & gravido aspirando;
Quando não terás tu quinhão pequeno
Nesta perda tão grande (ouvi brádando)
Que o mal, que a todos toca geralmente,
Insensível he bem, quem o não sente?

26.

E verás, que o divino entendimento
Tem de longe o remedio apercebido,
Que tudo vem de seu supremo assento,
Suavemente tudo tem provido:
E apos o erro o arrependimento,
He ter o mal em parte soccorrido,
Que o bem sem galardão, & o mal sem pena,
Não deixa ao fim do bem, quem tudo ordena.

26.

O Castello, que viste em gloria tanta,
Que com prosperidade & graõ potencia,
Senhoreava tanta terra, quanta
Ver não pôdes: a summa providencia
Ordenou, & dispos com ordem sancta,
Que estivesse à sua obediencia,
E della em qualquer tempo se saindo,
Perdesse, o que estivesse possuindo.

27.

Que o Senhor a quem tem dado a menagem
Destte Castello os douz Alcaydes mōres,
Felos com grande amor à sua imagem,
De perfeiçōes dotados, & primores;
Por o fructo comerem de hum pomagem
Vedado, ficando elles transgressores,
E offendendo o Senhor, pagaraõ o erro,
Com penas, & trabalhos, & em desterro.

28.

Mas porque vejas, que ama piedade
Mais, que o rigor, este Senhor, que digo,
Como quem he toda a summa bondade,
Não quis ao fim chegar neste castigo:
Porque elle mesmo intenta adversidade,
Soccorrendo ao vassallo como amigo;
O remedio lhe deo, que não pudera
Querer, alguem darlho tal, se elle o não dera.

Conz

30.

Confolate, que a bom Senhor servimos,
Que sempre quis, & quer que o homem viva,
O bem do summo bem vir sempre vimos
Da sua perfeição, & gloria altiva:
O mal, a quem o passa attribuimos,
E de sua mesma culpa se deriva,
E já tem por não ser o homem desfeito,
Por elle o Senhor delle satisfeito.

31.

Olha o novo edificio reformado,
Capaz de outra mayor, & eterna gloria,
Que aquella em que já o viste situado,
Que em fim, pois teve fim, foy transitoria:
Mil vezes soccorrido & visitado
Pelo Senhor, que lhe alcançou victoria
Do mau que com enganos conquistando
Se andava, em sua penna vamgloriando.

32.

Foy este em nossa etherea hierarchia
Dos principaes, mas ensoberbecendo,
Trocava gloria em penna, em noite o dia:
E em seu mau zello não permanecendo,
Com isto a este edificio combatia,
Até que enganosamente o foy vencendo,
Foge a soberba, segue a humildade,
Com firme fê, esperança & charidade.

33.

Então como eu já claramente viſſe,
Ser eſte o eſprito bom, que me guiara,
O creatura Angelica, lhe diſſe,
Se tua luz me não acompanhara
Em tanta eſcuridão, que não cahiffe,
Nenhũa humana industria me livrara,
Pois para ver agora eſta tamanha
Obra, & maravilhosa, me acompanha.

34.

As bellas moſtras vejo, & boa figura,
Da fortaleza, que antes vi termosa,
Mas quero notar bem ſua poſtura,
Seu fundamento, & traça artificiosa:
E eſpecular por dentro obra tão pura,
Tão polida, excellente, & ſumptuoſa,
Que moſtra, ſendo a obra em tanto eſtremo,
Ser della o Architector, alto, & ſupremo.

35.

E como vires tudo, porque eſtejas
Mais prompto no que vires, & notares,
Me reſpondeo o ſprito, pois deſejas
Ver deſte aſſento as mais particulares
Peças; convem que ſem ninguem te vejas,
Mas ſe em parte ſem mim algũa andares,
Tornarmeàs ver deſpois que o correres
Por dentro, & fóra, ſe o entender quiſeres.

36.

Isto disse, & de mim já se apartava,
Deixandome entre confusão, & medo,
Mas como sobre tudo me apertava
Desejo de saber este segredo;
Do Castello, que se me apresentava,
Com quanto me pezou irse tão cedo
O bom espirito, que me alli guiara,
Movi o passo a ver cousa tão rara.

37.

E como já me achasse mais ao perto,
E do que visse me certificasse,
Maravilhoume o sitio, arte, & concerto
Deste forte, & que alli se reformasse:
Estava posto em hum graão campo aberto,
Como que dali tudo senhoreasse;
Alto, grande & fermoso, era em tal modo,
Que em duas columnas sobre estava todo.

38.

Mais que d'alvo alabastro, & obra prima,
Eraão lisas, pollidas, torneadas,
De sotil artificio & grande estima,
Sobre dous pedestais bem assentadas;
Mais delgadas embaixo do que em cima,
Por artificio raro bem lavradas;
E os dous pedestais, quando se movião,
Todo o pezo consigo em si trazião.

39.

Era tudo tão primo & tam perfeito,
 Que alegremente a vista descansava,
 No alto, baixo, largo, & mais estreito
 Proporção ordenada se mostrava:
 No chapitel tinha hum dourado teito,
 Que a todo este edificio mais ornava,
 Do qual hũs rayos de ouro dependião,
 Que ao longe mais que o Sol resplandecião.

40.

Nunca acabara affaz de obra tam clara
 Elspecular o engenho, arte & bondade,
 Se a vista então dali me não cegara
 Minha importuna, & vã curiosidade:
 Porque senti, que então se começara,
 Deste edificio, quasi na metade
 Dos seus materiaes, hũa fortaleza,
 Da mesma compostura, & natureza.

41.

Como nas linhas entendi, & na traça,
 Ser este semelhante ao outro assento,
 E que viria a ter a mesma graça,
 E forma, nelle os olhos puz a tento;
 E vi que da materia, & propria maça,
 De que era feito o primeiro aposento,
 De tres grandes sobrados, que em si tinha,
 No mais baixo a fazer outro ali vinha.

42.

Neste sobrado baixo hũa casa avia,
De grande engenho, & artificio feita,
Na qual com elpantosa geometria,
A hũa parte quasi á mão direita,
Hum sutil Mestre de obra esta fazia,
Muy regalada, certa, & muy perfeita,
Sendo o Mestre para isso ardido, & quente,
Esperto, vivo, & muito deligente.

43.

O qual, antes que nada começasse
De pôr em perfeição, & sua figura,
Os materiaes tomou, com que cerrasse
Hũa abobada affaz humida, & escura;
E deixou só por onde respirasse,
Hum pequeno buraco, & abertura,
E por onde viesse o mantimento,
A toda a obra, & seu sustentamento.

44.

E como que não estava inda seguro,
Porque ficasse bem certificada,
Fez dous panos na abobada do muro,
Que assi de fôra a tinhaõ mais guardada,
E recolher o mais sobejo, & impuro,
Da immundicia de toda a obra lançada,
E tudo o que para ella era contrario,
Admittindo sómente o necessario.

45.

Despois de isto assi ter nesta ordem posto,
O forte começou perfeiçoarle,
Tudo por tal saber, & arte composto,
Que pôde encarecerse, & não contar-se;
Estando edificado, & já disposto,
Para poder de novo povoarse,
Com seus quatro retretes, & aposentos,
Janelas, atalayas, guarda ventos.

46.

Em parte parecia inda com tudo
Faltar alguma cousa á fortaleza,
Como quem vê a statua de hum membrudo
Corpo, a que falta o espirito, & a viveza;
Ou ve hum campo solitario, & mudo,
Sem cousa viva mais, que sua rudeza;
Era emfim este forte assi acabado,
Como hum corpo sem Alma figurado,

47.

E desejando eu ver, em que parava
Esta obra tam estranha, & peregrina,
Hũa Donzela vi, que nella entrava,
Fermosa, clara, pura, & emfim divina;
De improvizo ella delle se apossava,
Como senhora mais que delle digna,
A que logo no forte quanto avia,
Servindo alegremente, obedecia.

48.

Tão bem feita vinha esta alta senhora
A fortaleza, & armava também nella,
Como que feita nella então sò fora:
Para ornamento ser, & forma della;
Logo as partes de dentro, & as de fóra,
Se começaraõ a mover com ella,
E se vivificaraõ de tal sorte,
Que o forte se fez muito mais forte.

49.

Via-se tudo ir já de dia, em dia,
Com tão nova senhora em crescimento,
A fortaleza em perfeição crecia,
Em boa ordem, concerto, & regimento;
E já que não coubesse parecia
Naquelle baixo, & humido aposento,
Onde fora composta, & bem traçada,
Pola mão de seu Mestre delicada.

50.

A grande fortaleza, que em si tinha,
Estoutra já também se carregava
Com tanto impedimento, & mal softinha
O grande peso, & pejo, que lhe dava;
Bem que quanto de fóra bom lhe vinha,
Para a fabrica della desejava,
E deste modo já de dia, em dia,
Soportava este pejo, & agonia.

Atê

51.

Atè que vindo tempo conveniente,
E conjunção para o effeito disto,
Com força & com industria sufficiente,
E saber deste artifice previsto:
O forte quasi milagrosamente
Lançado fora dali foi visto,
Ajudado porem, & soccorrido
Da fortaleza, de que foi nacido.

52.

E como do aposento fora esteve,
Donde fundando foy desdo começo,
Logo outro parecer crecendo teve,
Outro ser, & figura de mais preço:
A fermosa Donzella, a quem se dnve,
Deste alto crecimento o bom successo,
E louvor muito, estava satisfeita,
De ter o mando em cousa tão perfeita,

53.

Era de todos muito obedecida,
Era em tudo servida, & venerada,
E com quanto em prisão quasi metida,
Estava em parte aqui nesta morada:
Não era erro por não ser então tida
Por sua casa propria em quanto amada,
Mas porque nesta a sua origem vira,
Daquella antiga torre, que caira.

54.

Porque as achegas, & materiaes,
De que era feito este novo attificio;
Tinhão nas mesmas partes integraes
Do outro primeiro o rasto ainda do vicio;
2 Não sò na geração, & maleficio,
1 Mas tambem na affeição, & tudo o mais,
E deste mal deixaraõ por herança,
Em a terra a semente, & semelhança.

55.

Daqui vinha, que no discurso, & augmento
Da torre, que crecia sem detença,
A real Donzella em seu proprio apozento
Por vezes teve algũa dezavença:
Foy logo no principio o regimento
Sem algũa discordia, & differença,
Mas desde que a torre em forças foy crescendo;
Mal foy a gente della obedecendo.

56.

Com tudo a bella dama amava tanto;
Em que o original malaborrecia,
Que vezes mil diffimulava quanto
Esta liberal gente lhe fazia:
Outra hora ameaçava com espanto;
Que a governança della deixaria,
E que como ella della emfim se fosse,
Perderiaõ seu ser, figura, & posse:

Mas

57.

Mas já pella união, & liança estreita,
Que em casa tinha, consentia outra hora,
E da culpa em seu damno mesmo feita,
Parecia ser della a causadora:
Porque os descobridores da sospeita
Do mal, ou bem, que sentião de fôra,
Muitas vezes o mal por bem trazião,
E a senhora, & os criados consentiaõ.

58.

Outra hora resistia com prudencia,
Por ser de alto, & real entendimento,
E convinha a sua alta preminencia,
Não ter no mal nenhum consentimento:
Que para tudo tinha sufficiencia,
E do bem, & do mal conhecimento,
Mas já da fortaleza parecia,
Que imperfeições sofrer mais não podia.

59.

Com toda a policia edificada,
De todos os primores abundante,
Em tudo parecia consumada,
E que em nada podia ir mais avante:
Toda de fôra se mostrava ornada
De hũa viveza, & graça triumphante,
Forte, nova, alta, fresca, florecente,
Rica, servida bem, leda, contente,

60.

E como por de fora assi estivesse,
Com tanto lustro, graça, & fermosura,
Desejei ver se a isto respondesse
A fabrica de dentro, & compostura:
E porque nisto me satis fizesse,
Me pareceo com vista clara, & pura,
Que a via por de dentro, & com espanto,
Tudo como direi nestoutro Canto.



CAN-

CANTO II.

I.

Altas obras soberbas, & arrogantes,
D'espantosa, & sutil Architectura,
Ouve em tempo passado, outras galantes
De pincel, perspectiva, & de esculptura:
Mil illustres Varoẽs, como Tymanthes,
Prothogenes, Polides, na pinctura,
Hum Ply dias, & hum Chrisipo, & hũ Praxitẽles,
Zeusis, Parrasio, & o celebrado Apelles.

2.

Dedalo o laberintho embaraçado,
E Symiramis fez muro espantoso;
Fezse em Epheso o Templo celebrado,
E em Rhodes o colosso ao sol grandioso.
Fez ao marido seu Mausolo amado,
Arthimisa sepulchro, alto, & honroso,
E outras torres & altos edificios,
E de maravilhosos artificios.

Mas

3.

Mas como feitos são por mão humana,
Não podem dilatar-se em infinito,
Por terra jaz o Templo de Diana,
E jazem as pyramides de Egypto:
Mil columnas de antiga obra Romana,
Arcos, statuas de alto, & vivo sprito,
O tempo duro, que de tudo aferra,
Os tem desfeitos, & postos por terra.

4.

Porem a cimetria compassada,
E sobrenatural proporção viva,
Em que não pode o tempo ter alçada,
Do corpo humano, & Architectura activa:
De idade a idade a vemos propagada,
Para a fazer perpetua, & que reviva
Aquelle mão Divina lá de cima,
Que a fez de nada, & o ser lhe deo, & estima.

5.

Os Philosophos grandes com sciencia
De incangavel industria, que alcançaraõ
Das cousas naturaes a propria essencia,
E todos altamente especularaõ:
Nenhũa de mais alta arte, & excellencia,
Entre todas, que o corpo humano acharaõ,
De forma, & de materia hum sò supposto,
Com tamanho primor feito, & composto.

G

Mas

6.

Mas tornando a meu sonho, que contente
Me tinha, desejando eu ver de perto
O mais da Fortaleza, alta & excellente,
Que por dentro me estava ainda encuberto:
Não sey como assi logo estranhamente
Me foy tudo mostrado, & tudo aberto,
Como parte por parte aqui contara,
Se me a fraca memoria não faltara.

7.

Estava a Fortaleza repartida,
Assi toda por dentro, em tres sobrados,
Ou tres principaes quartos, & cingida
Por de fora de muros bem lavrados:
Corriaõse estes com certa medida,
E justa proporção bem compassados,
E tinha cada hum delles seu Mòrdomo,
Ou Vèdor de grande cargo, & tomo.

8.

E querendo olhar eu para o do meyo,
Por lhe ver mais estado, ricamente
De tudo ataviado, ornado & cheo,
Parecendo mancebo inda valente:
Maravilhoume ver hum bom meneo,
E movimento seu continuamente,
Com muito ar sem força, nem defeito,
Mas de seu natural hum dom perfeito.

9.

Dávalhe grande' authoridade, & brio
Hum tabardo de mangas, que vestia,
Com que mostrava mando, & senhorio
Em toda a gente, que na terra avia:
E por seu aposento ser de estio,
E muito caluroso, se servia
De muitos pagês seus, que o banhavaõ,
E de ar sereno, & frio o refrescavaõ.

10.

Por estar nũa estofa muito quente,
Movendose continuo, & assi convinha,
Para o qual, como mestre diligente,
Hũs dous abanos junto de si tinha:
Aos quais hum ar frio incessantemente
Para seu refrigerio bem lhe vinha,
Por hũs canos de fõra o admittido,
O mais, & mais fumozo despedindo.

11.

DeSta estofa era sempre bem provida,
E sustentada toda a Fortaleza,
Por seus canos lhe dando sprito, & vida,
E de seu vivo fogo a tendo aceza:
Para este fim hũa casa alli escondida
Com promptidão estava, & com viveza,
O sotil mestre da obra, que servia
De acender este fogo, & o partia.

12.

E como esta grão fabrica, & estranha obra,
Toda em tres regioes se devidia
Em partes principaes o mestre da obra
Em todo o edificio, & companhia
Se via deligente a toda a hora,
Porque em estas mais vivo residia,
E em que neste aposento mais morava,
Nos outros dous mudando o nome andava.

13.

Porem como o moverse he com grão calma,
O mordomo, que dice valeroso,
Sujeito estava aos accidentes d'alma,
Hora ledo, hora triste, hora medroso:
Outra hora a ira, que esta sempre em calma,
Dominava, & outro hora vergonhoso,
Com esperanças, sem as ter outra hora,
Se alterava, & mudavase cada hora.

14.

E com conhecimento falso, ou certo,
As cousas, que de fôra procedião,
Ao mestre da obra sempre vivo, & esperto,
Desse seu aposento como vião,
Fazendo estar as tristes encuberto,
Por toda a torre as ledas o trazião,
Com tanta variação, que de tal verse,
Estava a risco às vezes de perderse.

15.

Mas tinha mais, a fim de recrear-se
Este rico mórdomo os dous abanos,
Em que bem delles foy aproveitar-se
Noutros serviços seus por outros canos;
Porque no meyo delles vi formar-se
Hũa frauta cuberta de dous panos,
E atè o centro da torre hia direita,
Fazendo varia musica, & perfeita.

16.

Com hũa sotil porta estava obrada,
No cabo della hũa cabeça, ou chave,
Que dos pagès, & de outros bem tocada,
Causava esta harmonia taõ suave;
No som, que elles queriaõ temperada,
Soava, ou alto, ou baixo, agudo, ou grave,
Com que gosto, & proveito recebia
O veador, & toda a companhia.

17.

Tinha fortificado este aposento,
E repairado em roda hum forte muro,
E da parte de fóra hum bom assento,
Duas fontes num quasi contra muro,
Que trazendo de dentro o nascimento,
O fazião de dentro mais seguros;
Mas estas duas fontes parecião,
Estar secas entaõ, & não corriaõ,

18.

Depois de eu ter visto parte, por parte,
Desta casa do meyo, & forma della,
A fabrica, concerto, a ordem, & arte,
A providencia, & bom serviço della;
Como se ali montava cada parte,
De toda a fortaleza, assi por ella
Repartindo com grande provimento,
Seu liquido, & aparado mantimento:

19.

Daqui ao aposento mais de cima,
Me passey logo, ao mais alto sobrado,
E se o do meyo tive em muita estima,
Deste inda fiquey mais maravilhado;
Por sua perfeição, sua obra prima,
E o lugar, em que estava situado;
Sobre a entrada da Torre com fermosa,
E aprazivel vista, & espaçoza.

20.

Procedia com muita authoridade,
Deste quarto o mórdomo nobre, & antigo,
De hũa abobada forte, & na metade,
Por ser lugar muy alto, & de perigo;
De hum fiso era maduro, & gravidade,
Velho, branco, & das letras muito amigo,
E assi gastar philosophando o tempo,
Avia por mór gosto, & passa tempo.

21.

Vestida tinha hũa opa roçagante,
Que por todas as partes o cobria;
Nũa casa d'abobada galante,
E armada de gentil tapeçaria;
Atada por detraz, & por diante,
Por juntas, que a abobada fazia;
Noutro pano de fôra, que a guardava,
E para o mais serviço ali estava.

22.

Alem deste graõ pano, que a cercavá,
Por de fôra tinha outros deus em rôda,
Com que provida, & mais fortificada,
E parecia estar cerrada toda;
Tambem de hum musgo, & hervas se adornava,
De fôra a superficie, & toda á roda;
Que estando alta assi, & do Sol lustrada,
Mostrava hũa fermosa cor dourada.

23.

Em oito partes era dividida,
Bem que continua, & junta na figura,
Esta abobada taõ cerrada, & unida,
Que não se devisava ter costura;
Mas pellas, em que estava repartida,
Servindose exhalava de mistura,
Todo o fumo sobejo, que lhe vinha
Dos sobrados debaixo da cozinha.

24.

Mas o Sabio anfiaõ, & bom mórdomo,
Que neste alto aposento residia,
Com graõ cuidado, & diligencia como
Esperto, & prompto, estava noite, & dia,
Em sua esphera, como em celeste tomo,
Hora do mundo a grande Monarchia,
Contemplava com grande, & vario estudo,
Hora o desfazer dellas, & de tudo.

25.

Pará isto livraria de diversos
Authores tinha grande, & muy polida,
De varios casos, prósperos, & aduersos,
Em tres camaras juntas repartidas:
A primeira, ou em prosa, ou doces versos,
Continha alegre fabula fingida,
Leys a segunda, & a Philosophia antiga,
A terceira historia grave tinha,

26.

E desta livraria de maneira,
Compassadas estavam as estantes,
Que a camara segunda, & a primeira
Tinhaõ livros mudaveis, & inconstantes:
Mas os outros da camara terceira
Estavão fixos quasi, & mais constantes,
E assi os que dos dous mais lhe aprazia,
Nesta terceira sempre os recolhia.

27.

Da sua condiçãõ, & natureza,
Apar de si o sabio outro tinha;
Que a fabrica de toda a Fortaleza
Quasi em lugar do velho pay sofinha:
E a torre hora inclinada, outra hora teza
Fazia estar, segundo lhe convinha,
Por meyo de hum esteyo de artificio,
A que encoftado estava este edificio.

28.

E por detrás da abobada decia
Esta columna até o fim dos sobrados,
Pella parte de dentro oca, & vasia,
Mas com trinta canudos bem ligados;
E em que de dentro vão, de cantaria
Eraõ firmes, direitos, torneados:
Ficando assi a columna desta sorte,
Cuberta de dous pannos, & muy forte.

29.

Por dentro da columna discorrendo,
Do velho a filha andava diligente,
Ella, & o pay nas mãos atadas tendo
Setenta & cinco cordas longamente:
As quais por toda a torre se estendendo,
Dispertavaõ para o serviço a gente,
Dando força, & vigor ao movimento,
Que necessario era, & ao sentimento.

Destas

30.

Destas nervôzas cordas sete partes,
O velho estuudioſo governando,
Com ſinco pares dellas os lugares
Mais ſecretos da abobada; & eſpertando
Os mais criados, & familiares
Da caſa, & os dous mais hião liando;
E os trinta pares repartidos tinha,
Por toda a torre a filha, onde convinha.

31.

Mas porque dos trabalhos exceſſivos
Da torre os ſervidores, & exercicio,
Se pudeſſe fazer, & andar mais vivos,
E eſforçados cada hum com ſeu officio:
Foy dado aos ſprios ſenſitivos,
E aos motivos, por grande beneficio,
Hum repouzo, & deſcanſo conveniente,
A que chamamos ſomnos vulgarmente.

32.

Delle era cauſa immediata, & certa,
O ſotil meſtre da obra, que habitava
No apozento do meyo, & tinha eſperta
Da Fortaleza a gente, & alimentava;
E quando ainda mais tinha encuberta
Sua virtude, & o fogo a conſervava,
Repouſava da torre a companhia,
O velho, & a filha as cordas não movia.

33.

Ajudava tambem, que as humidades,
E fumos, que exalavão, & sobião
Da cozinha, & das mais concavidades,
A esta virtude o caminho impedião:
E adormecendo os velhos, & os Alcades
Da Torre, os servidões não boliaõ,
Do movimento a causa assi cessando,
O sentimento então nada operando.

34.

Pola parte de fôra do artificio,
No sobrado mais alto, & luminoso,
Junto do chapitel, & frontespicio,
Hum molde de janelas vi fermoso:
Eraõ tres pares, cada par officio
Diverfo tinha, & muito proveitoso;
As mais altas de estranha fermosura,
Varios no sitio, officio, & na figura.

35.

Tinha cada hũa dellas sua espia,
E atalaya de grande vigilancia,
Que ao longe, & perto d'alto descubria
Tudo, o que parecia de importancia:
Apresentando logo, o que sentia,
A hũa atalaya mór, que n'outra estancia
Desta abebada estava apozentada,
Para este cargo dentro deputada.

Assen-

36.

Assentados estavam sobre fino
Marfim, duas janellas alterosas,
Com vidraças de hum puro cristalino,
Que as fazia mais claras, & lustrosas:
E para defenderse do ar malino,
Ou doutra cousa mà hũas fermosas
Cortinas de cadilhos se cerravão,
E quando era necessario abrir tornavão.

37.

Por cima da cortina, & corridiças,
Cada janella tinha sua cimalha,
Para reparo, arcadas, & maciças,
Cubertas de hũa curta, & seca palha:
Eraõ como convinha movediças,
Ambas de hum lavor mesmo, & de hũa igualha,
E alem de reparar da chuva, & vento,
Davaõ graça as janellas, & ornamento:

38.

Logo em direito estavaõ, & alem destas,
Duas de outro feitio, & de outra arte,
Discubertas ao vento, & manifestas,
Cada hũa a cada mão do baluarte:
E em caracol, & em voltas duas frestas
Tinbaõ feitas na mais ultima parte,
Das quais duas escuras de vigia,
Cada hũa dava aviso, do que ouvia.

39.

Abaixo destas quatro inda outras duas
Por cima do portal da Torre estavam,
Com grande engenho feitas, & com suas
Espias, que do cheiro só avisavão:
Dos dous sobrados altos duas ruas,
Aqui vinhaõ, por onde se purgavão
As superfluidades, que deciaõ,
E dentro o fresco alento recolhião.

40.

Destas janellas logo abaixo estava:
O graõ portal da Torre, & serventia,
Nesta mais alta parte, em que mostrava
Estranha Architectura, & geometria:
Por aqui todo o necessario entrava,
De tudo quanto a Torre se servia,
E para isto poder ser sem trabalho,
Hum graõ remedio se erdenou, & trabalho.

41.

Que sobre os dous sobrados derradeiros,
E mais baixos cada hum á sua parte,
Estavão dous robustos carreteiros,
De muy grande serviço, engenho, & arte:
Que alem de grandes serem, eraõ ligeiros,
Que chegavão correndo a qualquer parte,
Acarretando tudo com presteza,
Para conservação da Fortaleza.

Estes

42.

Estes dous carreteiros sustentados
Eraõ por seu serviço, & provimento,
Da mesma Torre, em que foraõ criados,
Com todo o necessario mantimento:
Tendo delles cada hum sinco criados,
Que a tudo davão grande aviamento,
E porque em seu trabalho sempre andavão,
As cabeças de bõs caños armavaõ.

43.

Serviaõ com cuidado, & diligencia,
Estes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque, & experiencia,
Do humido, do seco, frio, ou quente:
Em qualquer mechanica arte, ou sciencia,
Alem de obrarem necessariamente,
Com armas resistião toda offensa,
Da Torre, della sendo amor defensa.

44.

E de fõra da entrada, & serventia
Da Torre, dous porteiros sempre estavaõ
Lustrosos, & vestidos de alegria,
Que as portas com cuidado bem guardavaõ:
Tambem o som da frauta, & armonia,
Com movimento seu perfeiçoavão,
E assi dos tres mórdomos dos sobrados,
Eraõ por isto em tudo alimentados.

45.

Das portas para dentro logo entrando,
De grande fabrica hum moinho tinha,
O qual moendo estava, & preparando
Tudo, o que avia de ir para a cozinha:
Moido & brando dentro assi mandando
O mantimento, que de fora vinha,
Com esta proporção conveniente,
Se repartia, & hia a toda a gente:

46.

Neste moinho junto os dous porteiros,
Estando juntamente em seu officio,
Duros, & rijos trinta & dous moleiros,
De grande força, & util exercicio:
Daqui tirados fóra outros primeiros,
Forão por graõ fraqueza sua, & vicio,
E os que agora mohião com destreza,
Todos branco vestião por limpeza.

47.

Tinha cada hum delles sua morada,
Em dous lanços de penedo, que avia,
Entre elles hũa dona experimentada,
Esperta andava & prompta noite, & dia:
E della era approvada, ou reprovada
A farinha de quanto se mohia,
Provando se era saborosa & alva,
Porque era ella gentil mestra de salva.

Em

48.

Em toda a Fortaleza era importante
O cargo desta dona reverenda,
Sendo farauta, & interprete elegante
Em tudo, alem do mando, & da moenda:
Dava tambem ao som doce, & galante,
Da frauta, o ar, compasso, graça, emmenda,
Toda a fabrica emfim desta tão clara
Torre, sem esta dona mal passara.

49.

Mas por ser ella femea, hum quasi frego,
Por não hir longe, a tinha preza, & atada,
Bem que em nove criados de hum arreo,
E de hũa libtê andava ella encoitada:
Que por ser de tal graça, & bom meneo,
Servida era de todos, & acarada,
E por julgar os gostos na verdade,
Cercada sempre andava de humidade.

50.

Mas porque quando em casa repousavã,
Esta humidade muita a não enojasse,
Duas esponjas tinha, em que tomava,
E recolhia o mais, que sobejasse:
E tambem porque là dentro importava
Todo o humido sobejo, ou ar, que entrasse,
Tinha logo alem mais hũa anteporta,
Que resistia ao sobejo ar da porta.

Alem

51.

Alem desta anteporta parecião
Os dous principaes cannos desta Torre,
Por hum delles os frescos ares hiaõ,
Com que o Veador do meyo se soccorre:
Por outro canno tudo, o que mohião
Os moleiros, & o que à cozinha corre,
E nella do primeiro cozimento,
Se preparava todo o mantimento.

52.

Mas ao quarto do meyo esta cozinha,
Hũa grõssa parede dividia,
Porque aqui perto sua morada tinha
O môrdomo, que nelle presidia:
O fogo, & fumo della, que lhe vinha,
Todo tomado tem por esta via,
E co a parede salvo, & defendido,
Fica seu apozento dividido.

53.

Cũs tres cannos por onde era prõvida
Toda a fabrica, & gente, que aqui estava,
Estando esta parede interrompida,
Nella o quarto do meyo se acabava:
Em hũa graõ cozinha, & bem servida,
Onde o quarto debaixo começava,
Ou tambem logo nella começando,
Tudo o que nella avia fuy notando.

54.

Capaz era a cozinha, & sufficiente
Para cozerse nella o mantimento,
Que pudesse bastar a toda a gente,
E de muito artificio, & provimento:
Com vivo fogo estava sempre quente,
Para todo o serviço, & cozimento,
Num vaso de duas bocas, bem obrado,
Sendo tudo cozido, & preparado.

55.

Pella boca mais alta se metia
O que vinha a cozerse, & digerirse,
Pella outra baixa o mais se despedia,
Do que menos avião de servirse:
E junto desta boca baixa avia
Hũs quatro cannos, para repartirse
Hum certo manjar branco, & imperfeito,
Neste primeiro cozimento feito.

56.

E assi desta mesma obra outros mayores
Seis cannos juntamente procedião,
Por onde da cozinha os servidores
As fezes, & superfluo despidião:
Destes cannos tambem outros mayores,
Por mais apurar tudo, inda nacião,
Por hũa tea grossa derramados,
Com proveito, & limpeza assi ordenados.

Destes

57.

Destes seis em o baixo tão somente
Hũ tres moços avia de serviço,
Que por estar entre elles mais corrente,
Estavaõ nelle postos já para isso:
E no remate delle ultimamente
Estavaõ outros quatro tambem nisso,
Promptos em alimpar, cerrando, & abrindo,
E com outros na Torre bem servindo,

58.

Presidindo neste ultimo sobrado,
E quarto, inda outro principal mòrdomo,
De graõ negociamento, venerado,
Muito importante, & bem servindo como
Cada hum dos outros dous; alcatruzado
Hum pouco, muito grave, & homem de tomo,
Triste no parecer, mas no supposto,
Alegre no albernoz de grã bem posto,

59.

Junto à cozinha tendo o apozento,
Mandava della vir por ordenança,
Sò da primeira estancia, & cozimento,
De todo o manjar branco em abastança:
Fazia entã todo este mantimento
Outra vez recozer com temperança,
Que mais puro, & cada hum por sua via,
Entre todos na Torre se partia.

60.

E assi despois de já ser bem cozido
Este manjar, que a todos sustentava,
Sendo em quatro licores convertido,
Diverſo ſer hum ſó na cor moſtrava:
Mas deſtes, mal conforme, ou deſmedido
Se algum muito mingoava, ou ſobejava,
Fôra de proporção, & ſaã concordia,
Em toda a Fortaleza avia diſcordia.

61.

Pello contrario em juſta cantidade,
Em liquido vermelho miſturado,
Se eſte manjar ſe dê com ſuavidade,
Todo eſte aſſento eſtá delle abaſtado:
Daqui deſte apozeno, por metade
Da Torre corre inda hum, & outro ſobrado,
E por cubertos cannos vay mandando,
A toda a gente della alimentando.

62.

E com quanto aſſi leva ſua miſtura,
Por mais baſtar a todos, em chegando
Ao apozeno do meyo, ali ſe apura
Summamente, & ſe vay adelgaſſando:
E daqui o mórdomo com mão pura,
Deſpois que bem o atina eſtá mandando,
Purificando a toda a Fortaleza,
Por outros ſotis cannos com deſtreza.

63.

Mas tinha este mais baixo em sua estancia
Apar de si, por grande beneficio
Da torre, dous criados de importancia,
Providos cada qual com seu officio:
O primeiro com sua vigilancia,
Sentindo aver secura no edificio,
Por certos cannos, que para isso tinha,
Espertava graõ sede na cozinha.

64.

Vestiasse de hum verde sempre escuro,
Por estremo colerico & agastado,
E tão azedo, que por todo o muro
Se via andar às vezes de enojado:
Tambem caulava ser manjar impuro,
Da cozinha o superfluo seu lançado
Por seis humidos cannos dali fôra,
Quando para isso avia tempo, & hora.

65.

O segundo criado era tristonho
No corpo, & no vestido, hum homem baixo,
Menenconizadissimo & enfadonho,
De má conversação, & pouco passo:
Era medroso, & em si muito medonho,
Morto de fome sempre, & muito escaço,
Mas o comer pedia para a gente,
Nisto bem apurado, & diligente.

66.

Abaixo logo destes, dous estavão
No apurado comer também servindo,
No corpo, traça, & idade conformavão,
Num mesmo officio naõ se dezavindo:
Toda a superflua agoa a si chamava,
Por seus cannos dos outros iguaes vindo,
Tendo na mão hũs vasos coadores,
Que coavão esta agoa, & outros humores:

67.

Em si retendo sô a potagem boa,
Toda a outra agoa coada se metia
Por dous cannos sotis nũa alagoa,
Que de grande artificio dentro avia:
Esta agoa que he salgada, & aqui se coa,
Da Torre fôra emfim se despedia,
Por outro canno em voltas, & deste modo,
Vinha assim a sair fôra de todo,

68.

Este apozento abaixo se cercava
Com paredes também, & com seu muro,
Com que emparado, & quente assi ficava
Aos perigos de fôra, & mais seguro:
Onde era necessario brando estava
Em parte, em outras partes firme, & duro,
Finalmente de tudo muy provido,
De gente de serviço bem servido.

E por:

69.

E porque esta tão bella Fortaleza
Nunca o tempo de todo a desfizesse,
Ordenou da obra o mestre com destreza,
Que de fóra da Torre sempre ouvesse
Dous naturaes Irmãos, cuja viveza,
Outros materiaes e pritos desse,
Para se fazer o novo edificio,
Por dedicados meys, & artificio.

70.

Todos tres apozentos, & sobrados,
Sobre duas columnas se assentavão,
E ao pé dellas entre elles gazilhados
Estes dous naturaes Irmãos estavão:
As columnas seus pedestraes pegados
Nas mais delgadas partes ter mostravão,
E o mais grosso para cima tinha,
A outra Torre, de que esta nascer vinha.

71.

Sendo pois como dice tão fermoso
Este novo edificio, & tão pollido,
Dentro, & fóra em estremo artificioso,
E tudo já por mim visto, & corrido:
No Artifice cuidando poderoso,
Que de tudo o fizera tão provido,
Estava eu contentando a vista nelle,
Sem de todo a poder apartar delle.

72.

Quando enlevado assi me parecia,
Que com triste mudança estranha, & durá,
Este grande edificio descahia
De sua graça alegre, & fermosura:
A maquina total se desfazia,
Vindo abaixo de sua mór altura,
The de todo cair por derradeiro,
Como no Canto cantareiteiro.



CAN-

CANTO III.

I.

O Vida humana taõ caduca, & breve,
O falsa gloria della, & imperfeita,
A que mais dura fica a hum somno leve,
Ao tempo, ao fado, á morte em fim sujeita:
Quem mais conta fez della, & em mais a teve,
Com môr dor, & tristeza a vio desfeita,
Passa, & seu fim remata em pranto, & magoa,
Enchendo como fumo os olhos de agoa.

2.

Em que parou da terra o môr Tyrano,
Com prospera fortuna, ou com adversa?
Em que parou o graõ ceptro Romano,
Em que o Grego, o Medo, o Cyro, o Persa?
De hũa hora incerta hum certo dezengano,
Daquella hora final, dura, & perversa,
Triste, odiosa a todos, tudo em terra,
Em muito esquecimento, & pouca terra.

3.

Na antiga idade douro, em que abundança
Saudavel da terra florescia,
Em que a saude, & util temperança,
Nos homẽs, & Elementos mais avia:
Dos innumeros annos a abastança,
A muitos pouca, & breve parecia,
Que o calado ladraõ a todos furta
A longa vida, & faz parecer curta.

4.

Quem vive por viver sò nesta vida
Docemente, no fim chorosa, & amarga,
Em que do Ceo lhe seja concedida,
Que a de Mathusalem muito mais larga:
Que mais he que na misera partida,
Em que ha de ir ter levar muita mais carga:
Mas quem somente aspira à eterna, & sancta,
Para ella alegre, & leve se levanta.

5.

Levantale a alma leve à mór altura,
Do seu charo inimigo desatada,
Ou das obras levada clara, & pura,
Ou à prisaõ perpetua condemnada:
Toda inferior cousa, & creatura,
De materia, & de forma fabricada,
Por mais, que viva, em fim seu fim a spera,
Que assi o quis, quem fez a grande sphaera.

6.

Mas nunca a ninguém basta esta certeza,
Para que a dura parca inexoravel,
Espanto lhe não cause, d'or tristeza,
Com seu golpe cruel, & irreparavel:
Assi vendo o da bella Fortaleza,
A misaravel queda, em que duravel,
Sabia nacer nada: entristiceome,
E cousa estranha, & grave pareceome:

7.

Não sonhava eu que via desfazerse,
Com subita ruina, este edificio,
Mas que por tempo avia envelhecerse,
Cada parte cessando em seu officio:
E o governo, & economia perderse,
Com sua ordem certa, & exercicio,
Não servindo os vassallos â senhora,
Te que ella triste se sahia fôra.

8.

Triste se hia, por mal obedecida,
Ao senhor, que a esta envelhecida
Casa sua a mandara, & vir fizera,
Triste se hia confusa, & arrependida
Do mau viver, mas mais viver quísera
Na sua antigua, & tão chara morada,
Que só por terra jaz desemparrada.

Fazendo

9.

Fazendo mal os grandes, & os menores,
Cada qual seu devido regimento,
Não mandando os Mórdomos, & Veadores,
E não avendo em nada certo assento:
Veio o commum manjar com seus licores,
Todos quatro a hum tal corrompimento,
Que as partes principaes, & as outras logo,
Enfraquecião, & se esfriou o fogo.

10.

Porque daqui naceo, que consumindo
Se foy o mestre da obra diligente,
E com elle de malem peor indo,
Os Capitaães da Torre, & outra gente:
E os servidores todos mal servindo,
Os de dentro, & os de fôra juntamente,
Em todos se enxergava hũa frieza,
De estranha forma, & mísera fraqueza.

11.

O: mais dos trinta & dous brancos moleiros,
Que estavão no moinho, se fazião
Debilitados já, como os primeiros,
E sem poder moer fôra cahião:
Outros, que em seu vigor, ainda que inteiros
Ficavão, por fraqueza não servião,
E por estarem ali mais arreigados
Ficavaõ com o velho apozentados.

12.

Envelhecendo assi tanto o edificio,
De fóra a graça, & lustre hia mudando;
Atê no chapitel, & frontispicio,
Murchando as flores se hião, & arrancando;
Porque já não lhes sendo tão propicio
O calor, & alimento, como quando
Em seu vigor, & perfeição estavaõ,
Em fria, & branca a cor d'ouro tornavão.

13.

Aquelles dous robustos, & valentes
Carreteiros cansadamente andavão,
E já mais floxamente, & negligentes,
O necessario à Torre acarretavão:
Tambem os dez criados diligentes,
Como tolhidos mal se meneavão,
E já as columnas grossas, que trazião
O pezo sobre si, fracas tremião.

14.

Com tal fraqueza, & continuos temores,
Torre ameaçavão á final queda,
Estavão sem repouso os Veadores,
E toda a gente fraca, & pouco leda:
Da salva a mestra já deixa os sabores,
E cada hum de seu cargo já se arreda;
Arruinando por mil partes o muro,
Abalado se mostra, & mal seguro.

Atoni-

15.

Atonito com grande dor, & espanto,
Que alli ficava então me parecia,
Por tam fero spectaculo, & com tanto
Estrondo lachrymoso, como avia:
Porque de fôra estar em alto pranto
Muita gente funesta, & triste via,
A mortifera queda desta sorte,
Carpindo, & da sua gente a fêra morte:

16.

E o que mais me espanta, sobre tudo,
Da machina lançada assi por terra,
Que o material todo, & o campo mudo,
Hum vil panno de lenço dentro encerra,
E a quem estando em pè foi pouco tudo,
A cobria cahindo hũa pouca terra,
Estando eu nisto, cuidadoso, & afficto,
Tornava a parecer-me aquelle sprito.

17.

Aquelle sprito bom, fermoso, & puro,
Que ao entrar da Torre me deixara,
Em cuja companhia eu muy seguro,
Por arriscados passos já passara:
Tornouse-me com elle o triste, & escuro
Tempo puro, & sereno, & a noite clara,
E pondo eu leve, & ledo os olhos nelle,
Assi me começou de fallar elle.

18.

Que fazes, fraco, aqui? que cuydas triste,
Mortal, terreno, cego, & descuidado?
Porque não te aproveitas, do que viste,
No mal doutrem por teu bem doutrinado?
Não he vão sonho não o em que consiste
Perdereste, ou salvarestes coitados;
Os olhos abre já esperto, & pronto,
Regula a vida só por este ponto.

19.

Quem te criou, & quem te fez de nada,
Dandote o ser, a formaintellektiva,
Te mete nesta Torre encarcerada,
Não foy, para que nella sempre viva:
Mas para merecer nesta jornada,
Com suas obras a outra eterna, & alviva,
Com suas obras tingidas no purissimo
Sangue do bom Cordeiro innocentissimo.

20.

Para isto vive só, para isto estima:
Qualquer bem temporal, que este he seu preço;
O que não for para isso desestima,
E no fim o despreza, & no começo:
O bem perfeito & firme lá está em cima,
Sem falta lá seguro, & sem excesso,
Dasse immenso a cada hum no claro assento,
Mas medido por seu merecimento.

Dasse:

21.

Dasse penna a quem isto desmerece,
Tambem sem nenhum fim, & sem medida,
As quaís por sua culpa sò padece,
Propondo á vida eterna a breve vida:
Esta, que em torpes vicios envelhece,
Atè lhe ser de todo consumida,
Da alma a satisfação lho verifica,
E o que da terra he na terra fica.

22.

Isto he, o que tês visto, & o que notaste
No processo. & discurso deste forte,
Que não he mais, se o bem consideraste,
Que hum vivo homem sujeito á cômum morte:
Tu por dentro, & por fôra especulaste,
E viste cada parte, de tal sorte,
Que ser hum corpo humano organizado,
Declararte averey por escusado.

23.

Fello Deos como a ty mortal, terreno,
Mas fello racional capaz do Ceo,
Fez o graõ mundo, & fez este pequeno,
E nelle por salvalo em fim de ceo
A homem se fazer: com hum aceno,
E quem o ser ao Ceo, & à terra deo,
Em hũa Cruz quiz ser alevantado,
Para trazer a si todo o criado.

Remir.

24.

Remirte, ô homem, quiz Deos sempiterno,
Cum resgate de amor maravilhoso,
Dando por si seu filho igual Coeterno,
O qual fazendose homem piedoso,
Por te livrar da morte, & escuro Inferno,
Deo sua vida, & sangue precioso;
Pois com que vidas tu pagarlhe entendes,
Se com a que te deo tanto o offendes?

25.

Serà razão que deça de sua altura
A baixaterra, sò por darte vida,
A sua offerecendo sancta, & pura,
Com tanto excessso, & tanta dôr crecida,
Na Cruz a tanta injuria, â morte dura,
E que se jatao mal agradecida,
Que elle morra sò para tu viveres,
E tu que vivas sò para o offenderes?

26.

Eganado, perdido, ingrato, & cego,
Como dormir, como viver, te atreves?
Como afogarte no profundo pégo
Nâo temes, carregado do que deves?
Emmenda a vida nâo com o mao emprego,
Em quanto tempo tês, que as horas leves
Se vão, sem esperar, como a figura,
Para isso a derradeira, triste, & escura.

27.

No diluvio cruel, & mar contrario,
De teus vícios, em que andas engolfado,
Buscar do bom. Não te he necessario
A sancta arca, que em terra tem lavrado:
Não no monte de Armenia, mas Calvario,
No grao Calvario monte, celebrado,
Do Adão segundo busca a arvore sancta,
Que elle por te salvar no mundo pranta.

28.

Colhe pois sem receo, & confiado,
Della o fructo dividido, & tão jucundo,
Não o que a Adão primeiro foy vedado,
Mas o que deo a todos o segundo:
Do Ceo vindo, na terra foy plantado,
Para que nella viva o morto mundo,
Dum puro Lyrio nace hũa flor tão pura,
No valle por subir tudo à altura.

29.

Olha na sagrada arvore pendendo,
Do ventre virginal o fructo suave,
Para dar bẽs os braços estendendo,
Como posta lhe foy coroa grave;
Por te esperar se à vista o vãs perdendo,
Pregados pẽs, & mãos tem na alta trave,
E para recolher te no deserto,
Perdida ovelha, o lado tem aberto.

30.

O lado, fonte viva, donde m̃ana,
Com sangue, & agua assaz graça infinita,
Que gostandote bem a gente humana,
Que vive vida morta, resuscita:
Gloria fica da morte soberana,
Consola, & apura em fogo a alma afficta,
Tu purifica fonte tudo regas,
E a quem te quer gostar nunca te negas.

31.

De tua perenal clara corrente,
Nacem divinos Rios sem discordia,
Que essa Cidade regaõ refulgente
De Deos, que tem a terra em san concordia:
Quatro Rios de graça sufficiente,
De justiça, de amor, misericordia,
E todo o bom que a seu Deos cõmunica,
Em ti ó fonte sancta purifica.

32.

A ti, os que de vida sede trazem,
Tua agua salutifera buscando,
Quanto mais della em ti se satisfazem,
Tanto com gosto a estãõ mais dezejando:
De terrena já pura ser a fazem,
Seu bom estado em graça renovando,
Os que te bebem, & teus Rios habitaõ,
Ebaixo do guiaõ da Cruz militaõ.

33.

A taõ liquida vea, & fresca fonte,
Corre pois, peccador, lavarte nella,
Baixos olhos levanta ao alto monte,
Aquelle monte sancto donde nasce ella:
E vella ensanguentada não te afronte,
Que he mais fermosa assi, que toda a Estrella,
Esse divino sangue, em que tingida
Vez a sancta agua, te he saude, & vida.

34.

Faze tua morada nesta viva
Singular pedra onde a doce agua nasce,
E donde mel, & leyte se deriva,
Que o Ceo, & a terra alegremente paze:
Por esta escada sobe â estranha altura,
Que o grande Jacob vio, que ao Ceo chegasse,
Por ella Anjos do Ceo à terra decem,
Sobem ladroões ao Ceo, que a reconhecem.

35.

Vay banharte doente, & tão leproso,
Neste divino, & sacro Rio Jordão,
Passa o da lepra já saõ, & fermoso,
Para na terra entrar de promissaõ:
Foge, & sayte do Egypto trabalhoso,
Donde te tem teus erros em prizaõ,
Passa do sangue & agua o mar vermelho,
Livre do captiveiro antigo & velho.

36.

Olha a sagrada letra, que Ezechias,
Em Hierusalem vio impressa & escripta
Nas testas dos, que estavão de agonias,
E a alma tinhaõ friste, & muy afflita;
Enche os coraçõs esta de alegrias
Perpetuas: & lhes dê graça infinita,
Agora cū final nellas impresso,
Escripta bem com sangue alto sem preço:

37.

De metal no deserto em Cruz erguida
Olha a medicinal mortal serpente,
Que só co a vista da faude, & vida,
Aos que feria co venenoso dente:
Representava ser serpe esculpida,
Serpe era no metal, serpe aparente,
Assi posto na Cruz como culpado,
Quem nunca o pode ter terã o peccado.

38.

Esta Arpa de David tão branda, & sancta,
Com vozes tão divinas, & acordadas,
Se tocaõ na Cruz postas com dõr tanta,
Os nervos seus, & cordas delicadas:
Afugenta o Demonio mao, & espanta,
Desfaz, & desbarata suas ciladas:
Toca pois a sancta Arpa, adora, & ama,
Mil lagrimas d'amor nella derrama.

39.

Com esperança, amor, & firme fê,
A teus tão cegos olhos lava, & cura,
Na clarissima fonte Syloé,
Sairas da cegueira triste, & escura:
Verás por onde poês o enfermo pé,
Ser tudo engano, & má dezaventura,
Da vil carne do mundo vem pobreza,
Do mau sempre malicias, & torpezas.

40.

Gozate desta certa medicina,
Bastante a estima a toda a enfermidade,
Que o bom & universal Medico ensina,
Com tão sincero amor & boa vontade:
Entra nesta probatica piscina,
E a tua paralitica maldade,
Convertida verás pella virtude,
Desta agua efficacissima em laude.

41.

De Deos com puro amor olha o Cordeiro,
Cujos sangue purissimo innocente,
Derramado co amor tão verdadeiro,
Do lobo te livrou percuciente:
Sangue tanto sem preço, & por dinheiro,
Por vil preço vendido injustamente,
Mas assi às más culpas livramento,
E às obras boas deo merecimento.

42.

As obras, que assi nelle resplandecem,
Como num taõ capaz & claro espelho;
E todas perfeiçõs sem fim parecem,
E os sanctos Doẽs do sprito, & saõ conselho:
As virtudes que mais aqui florecem,
Tinha no fino esmalte, & bom vermelho,
Vete bem neste espelho, & o tempo goza,
Verás toda a virtude aqui se moza.

43.

Se a sempre igual justiça firme & forte,
Ver queres, vê que o homem condemnado
Por sua mesma culpa à eterna morte,
Pagando Deos por elle, he perdoado:
Deos fesse homem mortal, & mata a morte,
Morre innocente, & mata ao mau peccado,
Com suas chagas tira a antiga chaga,
Como Deos pôde, & quer, como homem paga.

44.

Essa misericordia branda, & amiga,
Que mais se pôde ver, que a piedade
Com que ao filho do Eterno pay castiga,
Por perdoar do mau servo a maldade:
Olha a que estado dece, & a que se obriga,
Se queres ver a altissima humildade,
Se a sam modestia vé, com que estreiteza
Naceo, & viveo sempre com pobreza.

45.

Vê, com que mansidão, com que innocencia
 O Redemptor do mundo se offerece
 Ao summo Saccificio, & obediencia,
 Atè morte tão crua, que padece:
 Em tanta injuria, tanta paciencia,
 Que por seus homicidios não se esquece,
 Por inimigos rogar assi os amando,
 Tudo com alto amor bem rematando.

46.

Amor lhe fez que à terra do Ceo deça,
 Amor da terra ser em Cruz subido,
 Amor nos pés, & mãos, corpo, & cabeça,
 Com cravos, lanças, espinhas, ser ferido:
 Amor, que com tormentos mil pareça
 Ser hũa chaga, & por leproso avido,
 Amor, que amasse o ingrato mundo tanto,
 Que nelle fique em carne, & em corpo sancto.

47.

Deos sendo amor purissimo perfeito,
 Qui spello mesmo amor communicar se,
 Fazendo se de hũa alma, & humano peito,
 E nelle Deos, & homem agazalhar se:
 E em lugar tão estreito, mais se alegra,
 Que no espaçoso, & largo impirio achar se,
 Que este he só corporal morada nua
 Dalma, & espirito, & outro imagem sua.

48.

Para esta união sancta, & amorosa,
A divina Eucharistia instituindo,
Com discreta invenção maravilhosa,
Dos Discipulos seus se despedindo:
Naquelle final Cea lachrymosa,
Debaixo das especies se encobriundo,
De paõ, & vinho, em doce mantimento
Se dá a comer neste alto Sacramento:

49.

Que como trasformado, & convertido,
Em quem o come o mantimento fica,
Assi a alma do homem a Deos unida,
Por amor se sustenta, & vivifica:
Que este manjar divino recebido
Vida divina dá, & glorifica
Aquem sua carne come, & sangue bebe,
E morre, indignamente quem o recebe.

50.

Quem bem o come em Deos fica, & Deos nelle;
Fica em Deos como proprio membro vivo,
E o summo Deos, como cabeça delle,
Hum ser spiritual lhe dando activo:
Fasse assi hum corpo mistico por elle,
Por este amor seu puro, & unitivo,
E o filho assi de Adão, & filho de ira,
Fica filho de Deos, & a Deos aspira.

51.

Contente vive amando, & persevera,
Na fonte d'amor puro, alma embebida,
Abraça aquella amiga, & fiel hera,
Da saudavel Cruz arvore erguida:
Come o bom pão da vida, & a vida fera
Perdendo iràs, ganhando eterna vida,
Pão sobre substancial come, & de graça,
Que de terreno Angelico te faça.

52.

Esperta já Christão dormente, esperta,
Para este pão, que tanto te convida,
Que a satisfação tês tão boa, & certa,
Cavando do Senhor sempre na vinha:
Ao peccado, & chaga na alma aberta,
Applica esta suave, & san mezinha,
Os bês do mundo tem por sonho & rizo,
E o que me ouviste em sonhos por avizo.

53.

Assi me estava o bom Anjo fallando,
Que ao doce som de sua voz divina,
Dormia muy quieto repousando,
Na visão deleitosa, & matutina:
E não crendo eu que fuisse isto sonhando,
Cũa vara de inspiração divina,
No coração tocarme parecia,
E despertar do somno me fazia,

54.

Tão confuso fiquey, tão affombrado,
Jà de todo acordado, & sò em meu leyto,
Daquelle sprito bom dezemparado,
De seu colloquio sancto, & brando aspeito:
E do que ouvira, & vira inda lembrado,
Que impresso me ficou dentro em meu peito,
Comecey a fazer contas comigo,
Quaes todo homem fazer deve consigo:

55.

Mifero peccador, mortal, terreno,
De pò, de cinza, & terra hum triste sacco,
Quero abarcar hum bicho tão pequeno,
A terra, & o Ceo, como outro Zodiaco?
Eu me engano, eu me perco, eu me condeno,
Culpado vou perdido, cego, & fraco,
Nacido em dór, em pranto & em peccado,
E nelle em mil misérias enterrado.

56.

Que espero mais, que não me dezengano,
Com tanta inspiração, tanta doutrina?
Que vou de dia em dia, de anno em anno,
A cura dilatando a esta alma indigna?
Ah cruel a mim mesmo, & deshumano,
Que tão presente, & sancta medicina,
Qual se me offerecendo esta tão certa,
Deixo de pôr na mortal chaga aberta!

A viva.

57.

A viva fonte vejo permanente, e não de tempo
Sempre manancial, nunca escorrida,
De que manando está perpetuamente,
E sem cessar, saúde, & luz de vida:
Vejo-me a mim mortal, cego, & doente,
Chegar não quero á cura offerecida;
Deixome ir obstinado sempre, & duro,
Traz o tempo a beber no lago escuro.

58.

A Fortaleza, que eu sonhando via,
Florente edificar-se em tanto ter-se,
Tê que por tempo em fim me parecia,
Cahir por terra, & nella desfazer-se:
Donde a immortal senhora se sabia,
E sem para onde fosse então saber-se,
Era o meu triste, & fragil corpo humano,
E que de todo não me dezançara.

59.

Ah não seja assim, não dure tanto,
Minha vida no grave, & máo letargo,
Que esquecido da eterna com espanto
A perca, & sem fim morra em pranto amargo:
Daquella sancta fonte, & Rio sancto,
Sempre alto, copioso, doce, & largo,
Lá quero o pão gostar, & agua da vida,
Para que fique lá comigo unida.

60.

Por ti quero viver ò paõ divino,
Que dás a vida, & es vida por effencia;
Por ti com tua graça eu fraco & indigno,
Quero, & posso fazer san penitencia:
E com ella mais limpo de continuo
Quero amarte, & gostar com mais frequencia,
A ti, que es amor puro, & bem supremo,
Por ti suspiro eu já, & por ti gemo.

61.

Inda que eu merecer tanto não possa,
Nem por mim, ao que devo, satisfaça,
Teu purissimo amor a tudo adoça,
E tua misericordia a tudo abraça:
Tu queres sempre a conversação nossa
Amiga, se a tua graça nos dà graça;
Se o rico, ou pobre, ou alto, ou baixo pôde
Chamar-te, o teu poder logo lhe acode.

62.

Tu usas sò Senhor de tal piedade,
Sò o remedio nos pôdes dar seguro,
Tu altissimo Deos tanta humildade,
Que o servo communicas baixo escuro:
Tu que vestindo a nossa humanidade
No ventre virginal, & sangue puro,
Tu que por nós na Cruz o teu derramas,
E te dar em comer, tanto nos amas.

Em

63.

Em tal extremo vindo a Fortaleza,
Vigilante, & sollicita accodia
A todas partes a immortal princeza,
Sempre animando a toda a companhia:
Com quanto via já sua defeza,
Ser tão fraca deixala não queria,
Todo o remedio exquisito, & raro,
Busca em fim seu proveito sem emparo.

64.

Nesta ultima agonia assi estando,
A desconfortadissima senhora,
Eu tambem triste assaz via sonhando,
Disforme hum velho feo vir de fôra:
Sumida a carne, os olhos só mostrando,
De corcomido rosto, os olhos fôra,
De espantosa, & terribel catadura,
Fraca a voz, mas soberba, & com soltura.

65.

O qual as mãos lançando descarnadas,
E torpes sobre este edificio enfermo,
Deolhe hum medonho abalo, & alteradas,
Tremendo as partes nelle, fez grao termo:
Traz isto com palavras muy pezadas,
A princeza fallando disse, o termo
Final, & triste, a tua hora he chegada,
Sayte já da caduca, & van morada.

Ficou

66.

Ficou sobrefaltada, & temerosa

A princeza com voz tam grave, & horrenda,
Mas ainda assi lhe respondeo chorosa,
Esperame algum tempo para emmenda
Minha: & desta morada perigosa,
E o prazo final mais se me estenda,
Darey ordem, que em tão triste partida,
Não deixe a casa toda destroida.

67.

Graõ tempo ha já lhe replicou o velho,
Que nesta Torre vives, & o tiveste,
Para tudo ordenar com graõ conselho,
Sabias isto bem, mal o fizeste:
Se a casa tem remedio outrem delho,
E a ti o que nella estando mereceste;
Não posso esperar mais, & vemte comigo,
Mais tenho que fazer, que aqui contigo.

68.

Isto disse, & pegando rijamente:
Outra vez com mão dura, & com crueza,
Cahio toda por terra finalmente,
Com grande terremoto a Fortaleza,
Cahio com ella morta toda a gente,
E a graõ regente della, & alta princeza,
Desapareceo com o velho a essa hora,
Sem saber maisninguem certo onde fora.

Pois :

69.

Pois se ha de aver desagradoimento,
De merce tal a mim, & a todos feita,
Se nisto não se achar merecimento,
Dentro em minha alma seja sempre aceita:
E se eu della tiver esquecimento,
De mim se esqueça a minha mão direita,
E a lingua se me apegue na garganta,
Se eu não louvar & amar merce tão santa:



COME-

COMEDIA

DELREY SELEVCO.

COMPOSTA POR LUIS DE CAMOENS.

Diz logo o Mordomo, ou dono da casa.

E Is, senhores, o Autor, por me honrar nesta festiual noite, me quiz representar hũa farça, & diz, que por não se encontrar com outras já feitas, buscou hũs novos fundamentos para a quem tiver hum juizo assi arrezoadado satis fazer. E diz que quem se della não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos Escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros, & Barreiro, ou converse na rua nova em casa do Boticario, & não lhe faltará que comer: Porém diz o Autor, que usou nesta obra da maneira de Illopete. Hora quanto a obra senão parecer bẽ a todos: o Autor diz, que entende della menos que todos, os que lhã puderem emmendar. Todavia isto he para pragueños, aos quaes diz, que responde com hum dito de hum Philosopho, que diz, Vós outros estudante para praguejar, & eu para desprezar pragueños, & com tudo quero saber da farça, em que ponto vai.

Moço, Lança rote,

K

Moço.

Moç. Senhor.

Escud. São já chegadas as figuras?

Moç. Chegadas são ellas quasi ao fim de sua vida.

Escud. Como affi?

Moç. Porque foi a gente tanta, que nam ficou capá com friza, nem talaõ de çapato, que naõ sabisse fóra do couce. Hora vieraõ hús embuçadetes, & quizerão entrar por força, e ilo arrancamento na mão: deraõ hũa pedrada na cabeça ao Anjo, & rasgáraõ hũa meya calça ao Ermitão, & agora diz o Anjo, que naõ ha de entrar, até lhe naõ darem hũa cabeça nova, nem o Ermitão até lhe naõ porem hũa estopada na calça. Este pantufo se perdeu alli, mandeo v.m. Domingo apregoar nos pulpitos, que naõ quero nada do alheio.

Escud. Se ella fora outra peça de mais valia, tu botáras a consciencia pela porta fóra, para o meteres em tua casa.

Moç. O se o elle fora, mais consciencia seria tornalo a seu dono, quem o havia mitter para si.

Escud. Hora vem cá, vai daqui a casa de Martim Chinchorro, & dizelhe, que temos cá auto, com grande fogueira, que se venha sua mercê para cá, & que traga consigo o senhor Romão d' Alvarenga, para que sobre o canto cham boremos nosso contraponto de zombaria. Ouves Lançarote? ir-lhehas abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidão de entrar por força.

Indose o Moço diz.

Chichello de Judeu, assi como foste pantufo, que te custava ser hũa bolça com hum par de reales, que são bõs para hum escudeiro hipocrita, que são muito, & valem pouco.

Escud. Moço, que estàs fazendo que nam vás?

Moç. Senhor estou tardando, & porèm estou cuidando, que se agora fora aquelle tempo, em que corrião as moedas dos sambarcos, sempre deste tiraria para hũas palmilhas. Mas já q̃ assi he, digame v.m. que farei deste?

Escud. O fideputa bargante, esperai, que estoutro volo dirà.

Faz que lhe tira com outro pantufo, vaife o

Moço, & diz o Escudeiro.

Naõ ha mais mau conselho, que ter hum villaõ destes mimoso, porque logo passaõ o pè alem da mão, zombão assi da gravidade de seu amo. Mas tornado ao que importa, vossas mercès he necessario, que se chegũe hũs para os outros, para darẽ lugar aos outros senhores, q̃ haõ de vir, q̃ doutra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, serà bom mandar fazer outro alvalade, & mais, que me haõ de fazer mercê, que se haõ de desembuçar, porque eu não sei, quem me quer bem, nem quem me quer mal: este sô desgosto tem hum auto, que he como officio de Alcayde, ou haveis deixar entrar a todos, ou vos haõ de ter por villão ruim.

Entra Martim Chinchorro, fallando com outro
Escudeiro por nome Ambrosio, & diz
Martim Chinchorro.

Entre v.m.

Ambros. Dias ha, senhor, que ando de quebras com
cortelias, & por isso vou diante. Beijo as mãos de
v.m. A verdade he esta, passear com casa juncada,
fogueira com castanhas, mesa pósta com alcatifa, &
cartas; além d'isto auto para esgaravatar os dentes,
esta he a vida, de que se ha de fazer consciencia.

Escud. Senhor, o descanso dizem lá, que se ha de
ter em quanto homem puder, porque os trabalhos
sem os chamarem de seu se vem por seu pè, que seu
nome he.

Mart. Hora pois, senhor, o auto dizem, que he tal?
porque hum auto enfadonho traz mais lono consi-
go que hũa piêgação comprida.

Escud. Senhor, por bom mo vendêraõ, & eu o to-
mei á calla de sua boa fama, & se tal he, eu acho, que
por outra parte, não ha tal vida, como ouvir hum
villão, que arranca a falla da garganta, mais sem fa-
bor, que hũa pera pão, & hũa donzella, que vê mais
podre de amor fallando como Apostolo, mais pie-
dosa que hũa lamentação.

Mart. Para estes taes he grande peça rapaz travef-
fo com molho de junco, porque não andem mais
ao coscorraõ, mais roucos, que hũa cigarra, trazen-
do de si enfadamento.

Moç. Oulá, senhores, pedem as figuras alfinetes para toucarem hum Escudeiro, hora sus àhi quem dè mais? que ainda vos veja todas a mim ás rebatinhas: hora sus venhaõ de mano em mano, ou de mana em mana.

Escud. Moço, fylla bem ensinado?

Moç. Senhor, não faz ao caso, q os erros por amores tem privilegio de moedeiro.

Ambros. Oh rapaz, não me entendes, perguntote se tardarão muito por entrar?

Moç. Parece-me, senhor, que antes que amanheça começaráõ.

Ambros. Oh que salgado moço, zombas de mim? Vem cá, donde es natural?

Moç. Donde quer, que me acho.

Ambros. Perguntote onde nascestes?

Moç. Nas mãos das parteiras.

Ambros. Em que terra?

Moç. Toda a terra he hũa, & mais eu nasci em casa affobradada, barrida daquella hora, que não havia palmo de terra nella.

Mart. Bem barrido de vergonha, que me tu pareces. Dize, cujo filho es? He para ver com que disparate respondes.

Moç. A fallar verdade, parece-me a mim, que eu sou filho de hum meu tio.

Mart. Vem cá, de teu tio, & isso como?

Moç. Como, isto senhor he adivinhação, que vossas mercês não entendem. Meu pay era Clerigo, & os Clerigos sempre chamão aos filhos sobrinhos, & daqui me ficou a mim ser filho de meu tio.

Mart. Hora te digo que es gracioso. Senhor donde houvestes este?

Escud. Aqui me veyo ás mãos sem piôs, nem nada, & eu por gracioso o tomei, & mais tem outra cousa que hũa trova falla tambem como vós, ou como eu, ou como o Chiado.

Ambr. Não quanta disso nós havemoslhe de ver fazer algũa cousa, em quanto se vestem as figuras, ainda que para que he mais auto, que vemos a este.

Escud. Vem cá moço, dize aquella trova, que fizeste à moça Briolanja, por amor de mim.

Moç. Senhor, si direi, mas aquella trova, não he se não para quem a entender.

Mart. Como, tão escura he ella?

Moç. Senhor, affi a sei eu escrever, & a fiz na memoria, porque eu não sei escrever, senão com carvão, & porèm diz affi.

Por amor de vós Briolanja,

Ando eu morto,

Pesar de meu avo torto.

Mart. Oh como he galante, que descuido tam gracioso, mas vem cá, que culpa te tem teu avô nos disfavores, que te tua dama dá?

Moç. Pois senhor, se eu houve de pesar de alguem, não pesarei eu antes dos meus parentes, que dos alheos?

Escud. Pois oução vossas mercês a volta, q he mais chea de gavetas, que trombeta de serenissimo de la Valla.

Moç.

Moç. A volta senhores, he muy funda, & pareceme senhores, que nem de mergulho a entenderão, & por isso mandem affoar os engenhos, & metaõ mais hũa sardinha no entendimento, & pôde ser que cõ esta servilha lhe calçará melhor, & todavia palra assi.

Vossos olhos tam daninhos,
Me trataraõ de feição,
Que não ha em meu coração,
Em que atem dous reis de cominhos,
Meu bem anda sem fucinhos
Por vós morto,
Pesar de meu avò torto.

Mart. Hora bem, que tem dever os cominhos com o teu coração?

Moç. Pois, senhores, coração, bofes, baço, & toda a outra mais cabedella, não se pôdem comer senão com cominhos, & mais, senhores, minha dama era tindeira, & este he o verdadeiro entendimento.

Mars. E aquella regra, que diz, meu bem anda sem fucinhos, me dà tu a entender, que ella não dá nada de si.

Moç. Nunca vossas mercès ouviraõ dizer, meu bem, & meu mal lutaraõ hum dia, meu bem era tal, que meu mal o vencia, pois desta luta foi tamanha a quéda, que meu bem deu entre hũa pedra, que quebrou os fucinhos, & por ficarem taõ esfarrapados, porque lhe não podiaõ deitar pedaço, por conselho dos fisicos lhos cortáraõ por lhe nelles nam saltarem erpes, & daqui ficou meu bem anda sem

fucinhos, como diz o texto.

Ambros. Tu fazes já melhores argumētos, que moços de estudo por dia de S. Nicolao.

Mart. Senhor, aquillo tudo he bom engenho, este moço he natural para logico.

Moç. Que, senhor, natural para logea? si mas nam tam faia como vossas mercès.

Escud. Pareceme, senhor, que entra a primeira figura, Moço, metete aqui por baixo desta mesa, & ouçamos, este Representador, que vem mais amarelado dos encontros, que hum capuz roxo de piloto, que sae em terra, & o tira da arca de cedro.

Mart. Senhor, elle parece que aprende a cirurgiaão.

Ambros. Mais parece ourinol capado, que anda de amores com a minina dos olhos verdes.

Escud. Emfim parece figura de auto em verdade.

Entra o Representador.

He ley de direito affaz verdadeira, julgar por si mesmos aquillo, que vem, porque eu cuido, que eu zombo d'alguem, & cuido, que zombo da mesma maneira, & se a qualquer parece que está mais dobrado, sem nenhum conhecer seu proprio engano, por grande que seja. Hora, senhores, a mim me esquece o dito todo de ponto em claro, mas não sou de culpar, porque nam ha mais que tres dias, que modéraõ, mas em breves palavras direi a vossas mercès a summa da obra, ella he toda de rir do cabo até a ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzellas, que vão fugidas de casa de seus pays, & vão

vão com cabazes apanhar azeitona, & traz ellas
vem logo oito mundanos, metidos em hum covão
cantando, quem os amores tem em Sintra, & des-
pois de cantarem farão hũa dança de espadas, cousa
muito para ver, entra mais ElRey Dom Sancho
bailando os machatins, & entra logo Caterina Real
com hũs poucos de parvos numa joeira, & semea-
los ha pela casa, de que nascerà muito mantimento
ao riso, & nisto fenecerà o auto, com musica de
chocalho, & bôsinas, que Cupido vem dar a hũa
alfeloeira a quem quer bem, & ir se haõ vossas mer-
cês cada hum para suas pouzadas, ou consoarão cá
comnosco disso, que ahi houver. Parece-me que
nenhum diz, que nam. Hora pois ficareis em vano
laboraverunt, porque atêgora zombei de vòs, por
me forrar do erro da representação, como quẽ diz,
digoto, antes que mo digas.

Ambros. Hora vos digo, senhores, que se as figuras
são todas taes, que acertarião em errar os ditos, a-
inda que me parece que este o não fez, senão a ser
mais galante. Mas se así he ella he a melhor in-
venção, que eu vi: porque já agora representações,
todas he darem por praguentos, & são tam certas,
que he melhor erralas, que acertalas.

Escud. Parece-me que entraõ as figuras de siso, ve-
jamos se são tam galantes na prática, como nos ve-
stidos.

Entra

Entra ElRey Seleuco, com a Raynha
Estratonica.

Rey. Senhora, desque a ventura
Me quiz darvos por mulher,
Me sinto emmeninecer,
Porque em vossa fermosura,
Perde a velhice seu ser.
Hum homem velho, cansado,
Não tem força, nem vigor,
Para em si sentir amor,
Senaõ he, que estou mudado,
Com ser vosso noutra cor.

Muito grande dita tem
A mulher, que he fermosa.

Raynh. Senhor grande, mas porêm
Sea tal he virtuosa,
Querlhe a ventura mór bem.

Rey. Si, mas porêm nunquavemos
A natureza esmerar,
Dónde haja, que tachar,
Que quando ella faz estremos,
Em tudo quer se estremar.
Eu fallo como quem sente
Em vòs esta calidade,
Pello que vejo presente,
E se me esta mostra mente,
Menteme a mesma verdade.
Hũa sò tristeza tenho,
Que não tem a meninice,
Que no mór contentamento

Otra-

O trabalho da velhice
Me embarça o sentimento.

Raynh. Senhor, novidades taes
Fazme não crer de verdade,

Rey. Novidades lhe chamais.

Folgo, senhora, que achais

Na velhice novidades.

Raynh. Senhor, dias há que sento

Em o Principe Antiocho

Certo descontentamento,

Dêra alguma cousa a troco

Por saber seu sentimento.

Vejo-lhe amarelo o rosto,

Ou de triste, ou de doente,

Ou elle anda mal disposto,

Ou lá tem certo desgosto,

Que o não deixa ser contente:

Mande senhor, vossa Alteza

A chamallo por alguém,

Saberemos que mal tem,

Se he doença de tristeza,

De que nasce, ou de que vem?

Rey. Certo que eu me maravilho

Do que vos ouço dizer,

Que mal pôde nelle haver?

Ide dizer a meu filho,

Que me venha logo ver,

Raynh. Se curar não se procura

Hũa cousa destas tais,

Vem despois a crescer mais

Quando senão acha cura,

Toda a cura he por demais.

Entra

Entra o Principe Antiocho, com seu pagem
por nome Leocadeo.

Princ. Leocadeo se es avisado,
E não te falta saber,
Sabermehas dar a entender
Quem ama desesperado,
Que fim espera de aver?

Pag. Senhor, não,
Mas porêem porque razão
Lhe avem sabello, ou de que?

Princ. Perguntote a conclusão,
Não me pergunteis porque,
Porque he minha pena tal,
E de tão estranho ser,
Que me eide deixar morrer,
E por não cuidar no mal
O não ouzo inda dizer.

Que maneira de tormento
Tame estranho, & evidente,
Que nem cuidar se consente,
Porque o mesmo pensamento
Ha medo do mal que sente!

Pag. Não entendo a vossa Alteza:

Princ. Assim importa a minha dor.

Pag. E porque razão, senhor?

Princ. Para que seja a tristeza
Castigo de meu temor,
Porque ordena

O amor, que me condena,
Que se ajão de sentir,

E sem dizer, nem ouvir
Bemaventurada a pena
Que se pôde descobrir,
O caso grande, & medonho,
O duro tormento fero,
Verdade he isto, que eu quero?
Não he verdade, mas sonho
De que acordar não espero.
Querome chegar a El Rey
Meu pay, que já me está vendo,
Mas onde vou? não me entendo
Com que olhos eu olharei
Hum pay, a quem tanto ofendo?
Que novo modo de antolhos,
Porque neste atrevimento
Devera meu sentimento,
Para elle não ter olhos,
Nem para ella pensamento.

Chega aonde está el-Rey, & diz el-Rey.

Rey. Filho, como andais assi,
Que tanto desgosto tomo
De vos ver como vos vi?
Princ. Não sei eu tanto de mim,
Que possa saber o como.
Dias ha já, senhor, que ando
Mal disposto, sem saber
Este mal, que possa ser,
Que se nelle estou cuidando,
Quasi me vejo morrer.
Rey. Pois filho, serâ razão,

Que

Que meus físicos vos vejam,

Princ. Os físicos, senhor, não,

Que os males, que em mim estão,

São curas, que me tobejam.

Raynh. Deite-se, que na verdade

Hum corpo deitado, & manso

Descansa à sua vontade.

Princ. Senhora, esta enfermidade,

Naõ se cura com descanso.

Raynh. Todavia bom será

Que lhe fação hũa cama.

Princ. Hum coxim abastará,

Que assi naõ descansará

O repouso de quem ama.

Rey. Vamos filho, para dentro,

Em quanto a cama se faz,

Repousai como capaz,

Que a mim me dê cá no centro

A pena, que assi vos traz.

Vaõse, & vem hũa moça a fazer a
cama, & diz.

Mimos de grandes senhores,

E suas estremidades

Me haõ de matar de amores,

Porque de meros dulçores

Adoecem.

Então logo lhes parecem

Aos outros, que são mamados,

E os que são mais privados,

Sobre elles estremecem.

Certo,

Certo, & assi Deos me ajude,
Que são muito graciosos,
Porque de meros viçosos,
Não pôdem com a saúde.
Mas deixallos,
Porque elles darão nos vallos,
Donde mais não se erguerão,
Inda que lhe dema mão
Os seus privados vassallos.

Entra hum Porteiro de cana, & bate
primeiro, & diz:

Port. Traz, traz, traz?

Moça. Jesu, quem está ahí.

Port. Já vòs, mana, èreis mamada,
Para vòs levar furtada:

Nunqua tal ensejo vi,

E vòs estais descuidada?

Moça. E meus descuidos, que fazem?

Port. Vossos descuidos, cadella:

A minh'alma, sois tam bella,

Que effes descuidos me trazem

Dous mil cuidados á vella.

Pois sou vosso ha tantos annos,

Mana, tirai os antolhos,

E vereis meus tristes dannos.

Moça. Não tenhais effes enganos.

Port. Nem vòs tenhais effes olhos:

Que de vossos olhos vem

Esta minha pena fera.

Moça. De meus olhos, assim era.

Port.

Port. Moça, que tais olhos tem

Nenhũs olhos ver de vera.

Moç. E porque?

Port. Porque cegais

A quantos olhos olhais,

Posto que por vós padecem:

Olhos, que tambem parecem,

Porque não nos castigais?

Moç. Deos dé siso, pois de vó

Tirou ao que aos outros deu.

Port. Desataime lá esses nòs,

E que mais siso quero eu,

Que não ter siso por vós?

Moç. Fallais darte, eu vos prometo

Que a reposta vem à vella,

Isso he olho de panella:

Quanto ha já que sois discreto?

Port. Quanto ha já que vós sois bella?

Moç. Dai-me logo a entender

Que eu sou fea a meu ver:

Port. E isso porque o entendeis?

Moç. Porque, porque me dizeis,

Que sò de meu parecer

Vos procede o que sabeis,

Port. He verdade.

Moç. Pois infero,

Que o vosso saber he vento.

Fica a couisa declarada,

Meu parecer não ser nada.

Port. Olhai aquelle argumento,

Além de bella avisada:

Oh nem tanto, nem tam pouco,

Vede vós o que fallais?

Moç. Cego no saber andais.

Port. No fiso, mas não tam louco

Como vós, mana, cuidais:

Hora dizei dũa mã,

Que não amais, quem vos ama?

Moç. Ou vistes vós cantar já,

Velho malo, em minha cama,

Já me entenderéis:

Port. Ha, ha

Senhora, estais enganada,

Que com hũa capa, & espada,

E com este capuz fôra.

Moç. Hora bem, tirayo hora,

E fazei hũa levada.

Port. Não, se me eu hoje alvoroço

Acharmeheis doutra feição.

Aqui tira o capuz, & diz:

Port. Tenho má disposição?

Estas obras são de moço,

Se as mostras de velho são.

Moç. Tendes mui gentis meneos:

Port. Não senhora, faço estremos:

Moç. Passeai hora, veremos

Se tendes tam bõs passeos:

Port. Tudo, senhora, faremos:

Moç. Virai hora a effouta mão:

Port. Esta disposição vedea,

Que tenho gentil feição:

Moç. Tendes vós mui boa rêdea,

Sofreis ancas?

Port. Isto não,

Moç. Por certo, que tendes graça
Em tudo quanto fizerdes,
Fazei mais, o que souberdes..

Port. Não sei couza, que não faça,
Senhora, por me quereisdes.

Moç. Tendes vós muito bom ar.

Port. Mais que isto faz, quem quer bem,

Moç. Hivos asinha, que vem.

O Principe a se deitar.

Port. Nunca hũa pessoa tem
Hũa hora para fallar.

Entram o Principe com o seu Pagem
Leocadeo, & diz:

Princ. Seja a morte apercebida,
Porque já o amor ordena
A dar a meu mal sahida,
Porque o fim da minha vida
O seja da minha pena.
Não tarde para tomar
Vingança de meu querer,
Pois não se pòde dizer,
Que não tem já que esperar,
Nem com que satisfazer,
Os fisicos, vem, & vão,
Sem saberem minhas magoas,
Nem o pulso me acharão,
E se o querem ver nas agoas,
As dos olhos lho dirão,

Se com sangrias também
Procuraõ verme curado
O temor de meu cuidado
O mais do sangue me tem
Nas veas todo coalhado,
Querome aqui encoftar,
Que já o espirito me cay,
Leocadeo, vaimme chamar
Os musicos de meu pay,
Folgarei de ouvir cantar.

Aqui se deita, como que repousa, &
falla dizendo assi.

Princ. Senhora, qual de fatino
Me trouxe a tanta tristura,
Foi, senhora, por ventura
A força, de meu destino,
Como vossa fermosura?
Bem conheço que não posso
Ter tão alto pensamento,
Mas disto sò me contento,
Que se paga com ser vosso
O mór mal de meu tormento.

Entraõ os musicos, & diz Alexandre da
Fonseca hum delles.

Alex. Senhor, de que se acha mal
O Principe, ou que mal sente,

Pag. Senhor, lei que estâ doente,
Mas sua doença he tal,

Que entenderse não consente:
 Os físicos vem, & vão,
 Hũs, & outros a meude,
 Sem o poderem dar saõ.
 Quanto mais cura lhe dão
 Então tem menos saude.
 O pay anda em sacrificios:
 Aos Deoses, que lhe dem
 A saude, que convem:
 Dizendo, que por seus vicios,
 O mal a seu filho vem.
 Eu suspeito que isto saõ
 Algũs novos amorinhos,
 Que terã no coração.

Alex. Amores, com quem serãõ,
 Que lha não dem de fucinhos?

Port. Senhores, que lhe parece
 Da doença de Antioco?

Alex. Digalha, quem lha conhece:

Pag. Que toma morrer a troco
 De calar, o que padece.

Port. Isso he estar emperrado
 Na doença, que he peor;
 Temno os físicos curado?

Alex. Oh que de mal del amor,
 No ha señor sanador;

Port. Fallais como experimentado,
 Que eu cuido, que esta fadiga,
 Que o faz com que desfespere,
 Y por mãs tormento quiere,
 Que se sienta, & no se diga.

Alex. Pois, senhor meu, isso affelle,

Porque

Porque a pena, que sabeis,
Que eu cuido, que está nelle,
Darlheha penas crueis.

Pues no ay quien la consuele:

Port. Folgo porque me entendeis:

Pag. Hemonos senhores de hir,

Porque nos está esperando.

Port. Pois eu tambem hei de hir,

Que não me posso espedir

Donde vejo estar cantando:

Princ. Cantai por amor de mi

Algũa cantiga triste,

Que todo meu mal consiste

Na tristeza em que me vi.

Port. Mandelhe cantar hum chiste:

Alex. Chiste não, que he desonesto,

E não tem effeseftremos,

Outro canto mais modesto:

Porém não sei que diremos;

Pag. Gaõleão o dirá presto.

Port. Dã licença V. Alteza,

Que diga minha tenção:

Princ. Dizei, seja em canto chaõ.

Port. Pois crede, que he sutileza,

Que os Anjos a comeraõ:

Digaõ esta.

Enforcei minha esperança,

E o amor foi tam madraço,

Que lhe cortou o baraço.

Alex. Não me parece essa boa.

Port. Haja eu perdaõ,

Porque não a entenderaõ,

Entender, bofa, que he boa,
 Não lhe cahis na feição?

Alex. Dizei hora outra melhor
 Com que nos atarraqueis.

Port. Hora esperai, & ouvireis,
 Se a esta não dais louvor,
 Quero que me degoleis.

Cantiga.

Com vossos olhos Gonçalves,
 Senhora, cativo tendes
 Este meu coração Mendes.

Alex. Essa parece muito sabo,
 Porque mostra bom indicio.

Port. Vós cuidareis, que eu que raivo.

Alex. Todavia tem mau sabo,
 Hora mal lhe corre o officio.

Princ. Tá não vá mais por diante
 A zombaria, que he má,
 Cantai qualquer dellas já,
 Que esse porteiro he galante,
 Ninguém o contentará.

Aqui cantão, & em acabando dizem
 o Pagem.

Pag. Parece que adormeceo.

Port. Pois será bom, que nos vamos.

Alex. Senhor, quer que nos vejamos?

Port. Senhor, virme ha do Ceo,
 Relevame que o façamos.

Entra

Entra a Raynha com hũa sua criada por nome
Frolalta, & diz a Raynha.

Raynh. Frolalta, como ficava
Antiocho em te tu vindo?

Maç. Ficavale despedindo
Da vida, que então levava,
E assi seus dias cumprindo.

Raynh. Oh grave calo de amor,
De desesperada afeição,
Oh amor sem redempção,

Que alli te fazes mayor
No mais alto, & fundo pego

Alli tês mayor porfia:

Razão de ti não se fia,

Quem te a ti chamou cego

Muy bem soube o que dizia.

Por ventura hia chorando?

Frol. Chorando hia, & chamando

Ao amor, amor cruel,

E em, senhora, se deitando

Lhe cahio este papel:

Rayn. Que papel?

Frol. Este, senhora.

Rayn. Amostra, que quero lello,

Agora acabo de crello,

Que ao que mostra por fôra

Aqui lhe lançou o sello.

Aqui le o papel, & diz:

Raynh. Oh estranha pena fera,
Desditosa vida cara,
Oh quem nunca cá viera,
E com seu pay nam casára,
Ou em casando morrera.

Frol. Ainda que eu pesa sam,
Senhora tudo bem vejo,
Atente, que na eleição
O que lhe pede o desejo
Não consente o coração.

Raynh. Frolalta, pois que es discreta
Nada te posso encobrir,
Porque se queres sentir,
A húa mulher discreta
Tudo se ha de descobrir.

O dia, que entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo nesse mesmo dia
No Principe filho vi
Os olhos, com que me via:
Este principio fo frilho,
Para ver se se mudava,
Antes mais se acrecentava,
Eu amavao como filho,
E elle d'outra arte me amava.
Agora vejoo no fim
Por se me não declarar,
Pois que já a isso vim,
A morte, que o levar

Me leve tambem a mim.
 Porque já que minha forte
 Foi tam crua, & desabrida,
 Que me não quer dar sahida,
 Sejamos juntos na morte,
 Pois o não somos na vida.
 Oh quem me mandou cazar
 Para ver tal crueldade,
 Ninguém venda a liberdade,
 Pois não pôde resgatar
 Onde não tem a vonrade.
 Que não ha mór desvario,
 Que o forçado casamento
 Por alcançar alto assento,
 Que emfim todo o senhoria
 Está no contentamento.
 Não sei se o vá ver agora
 Se será tempo conforme,
 Ou se himos a deshora,
 Moç. Depois iremos senhora,
 Que agora dizem, que dorme.

Entra o fisco a tomarlhe o pulso, & to-
 mandoo diz.

Fis. Su madrastra oy nombrar,
 Y el pulso se le alterò,
 Esto no entiendo yo,
 Porque para se alterar
 El coraçon le obligó:
 Pues que el coraçon se altere,
 Y porque en un momento

Algun

Algun nuevo vencimiento
 De afficion terrible le hiere,
 Que causa tal movimiento:
 Pues que afficion cabe assi,
 Con madrastra? digo yo,
 Dos razones ay aqui:
 La una dize, que si,
 La otra dize, que no.
 Empero yo determino
 De exprimentar la verdad:
 Y hazer una habilidad,
 Que declare es agua, ò vino,
 Esta su enfermedad.
 Porque toda esta mañana
 Tengo estudiado su mal,
 Sin ver causa effectual
 De su dolencia inhumana,
 Ni otra de su metal.
 Llamar quiero este asnejon,
 Mas aun deve de dormir
 Segun que es dormilon:
 Sancho, ò Sancho?
San. A señor, à señor:
Fis. Ea aun estás dormiendo?
San. Estoy me, señor, vestiendo.
Fis. Pues vellaco, & sin sabor
 No me respondes dormiendo?
 Vestios presto ladron:
 Oh que meço, y que ventura.
San. Mas que amo, y cararon;
 Embiame el ropon,
 Que no allo mi vestidura.

Fis. Que embie el ropon acà,
Parece, que os delmandais.

San. Que vaya, senhor, ha, ha,
Que buenos dias ayais.

Entra o moço embrulhado em hũa manta,
& diz o Fisico.

Fis. Di como vienes assi
Con la manta, y para que?

San. Yo senhor se lo diré.

Por venir presto vesti

Lo que más presto me allè,

Porque viendo, que èl me llama,

Dormiendo yo sin afan,

Saltè presto de la cama,

Que parezco un gavilan

Hermoso como una dama.

Fis. Mases tu bovedad tanta,

Que vienes desta fecion.

San. De mi vestido se espanta,

De noche sirve de manta,

Y de dia de ropon.

Fis. Embiòme el Rey a llamar

Otra vez.

San. Ya mi.

Fis. Y ati.

San. Y èl que presta allà sin mi?

Fis. Que puedes tu aprovechar?

San. Yo se lo diré de aqui,

Si por la ventura quiere

Para que le dè conlejo

Quan

Quando doliente estuviere, no sé
 Digo, coma, si pudiere,
 Y beba buen vino anejo,
 Porque este es el licor
 Que dà fuerça, y es sabroso,
 Que segun dizen, señor,
 Vino letificar cor
 Hominis, & le es provechoso.
Fis. Ya sabes la medicina,
 Que Avicena nos refiere;
San. Pues señor, porque es divina,
 Pero el Rey que le quiere,
 Que manda, & que determina.
Fis. El Príncipe estâ doliente.
San. Oh mesquino, & que mal ha
Fis. Y a ti necio, que te vâ.
San. Oh señor, que es mi pariente.
Fis. Gracioso el bovo estâ,
 Y pues dime por tu fê,
 Llorarâs si se muriere?
San. No llorarè,
 Empero, señor, harè
 La peor cara, que pudiere.
Fis. Ea bovo vè corriendo,
 Y ensilla la mula ayna.
San. Vengala ensillar mejor.
Fis. Oh vellaco, y sin sabor.
San. Yo por cierto no lo entiendo,
 Pero una melecina
 Le è de pedir, Dios queriendo,
 Porque ando atribulado,
 Y no sê parte de mi

Com este nuevo cuidado,
Para un sayo esfarrapado,
Que me dizem ay alli.

Fis. Hora ensilla, y nunca biva,
Pues sufro tus de latinos.

San. Señor passion no reciva,
Ya cavalga Calainos
A la sombra de una oliva.

Aqui se fae bolindo com a almofaça, &
acorda o Principe, & diz.

Princ. Oh bella vista, & humana
Por quem tanto mal soffenho,
Oh Princeza soberana
Como nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana:
Pois como sonho tambem
Me queres vir magoar,
E para me atormentar
Mostras-me a sombra do bem
Para assimais me enganar.
Assi que com quanto canso
Já não posso achar atalho,
Pois que o sono quieto, & manso,
Que os outros tem por descanso
Me vem a mim por trabalho:
Pois hahi tantos enganos,
Que condenaõ minha sorte,
Não o tenho já por forte,
Se à volta de tantos danos
Viesses tambem a morte.

Aqui

Aqui entra el Rey com o Físico,
diz el Rey.

Rey. Andai, & vede se achais
O rasto deste segredo,
Que me dizem, que alcançais,
Ainda que tenho medo,
Que lhe seja por demais.

Fis. Plega a Dios que aqueste sea,
Para salud y remedio
Desta dolencia tan fea:
Yo buscarè todo el medio,
Que presto sano se vea.

Aqui lhe toma o Físico o pulso, & diz.

Fis. Añó xen, señor, sus ays,
Como se alsa en su penar?

Princ. Como me acho preguntais?
E como se póde achar
Quem sempre se perde mais?

Fis. La respuesta abre el camino,
Imagina de continuo.

Princ. Não tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento
Senão o em que imagino.

Aqui entra a Raynha, & diz.

Raynh. Como se sente, señor,
Tem a febre mais pequena?

Princ.

Princ. Respondalhe minha pena?

Fis. Conocido es su dolor,

Hora sea en orabuena,

Tomada está la tristeza

A las manos, que sentiò:

Uzarê de sutileza.

Diz contra El Rey.

Cumpleme que solo yo

Platique con vuestra Alteza:

Rey. Cheguemonos para cá.

Raynh. Não deve desesperar,

Que em fim se bem atentar,

Para tudo o tempo dá

Tempo para se curar.

Princ. Que cura poderá ter,

Quem tem a cura, senhora,

No impossivel haver?

Rayn. Ficaivos, señor, embora,

Que vos não sei responder.

Vaife a Raynha, & diz El Rey:

Rey. Neste mal, que não comprehendo,

Que meyo dáis de conselho?

Fis. Señor, nada entiendo dello,

Y supuesto que lo entiendo,

Yo quiziera no entendello.

Rey. Porque?

Fis. Porque he entendido

Lo más malo de entender,

Para

Para lo que puede ser,
Porque anda, se ñor, perdido
De amores por mi muger.

Rey. Santo Deos, que tal amor
Lhe dà doença tam fera!
Que remedio achais melhor?

Fis. Forçado será, que muera,
Porque no muera mi honor:

Rey. Pois como a hum sò herdeiro
Deste Reyno, não dareis
Vossa mulher, pois podeis,
Que tudo faz o dinheiro:

Pois este não c engeiteis,
Dailha, porque eu espero
De vos dar dinheiro, & honra,
Quanto eu para elle quero:

Fis. No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.

Rey. Ora bem pouco defeito,
He pequice conhecida,
Quando deixa de ser feito,
Porque com elle dais vida
A quem vos darâ proveito:

Fis. Quan facilmente aporria
Quien en tal nunca se viò
Del consejo, que me diò,
Vuestra Alteza, que haria
Si agora fuesse yo?

Rey. A mulher, que eutivesse
Darlhahia, e xalâ,
Que elle a Raynha quizesse.

Fis. Pues dela, si le parece,

Que por ella muerto està:

Rey. Que me dizeis:

Fif. La verdade:

Rey. Sem duvida tal sentistes?

Fif. Sin duda, sin falsedad,

Pues, señor, agora tomad

Los consejos, que me distes.

Rey. Certamente, que eu o via

Em tudo quanto fallava,

Como o vistes? porque via?

Fif. Nel pulso, que se alterava

Si la via, ò si la oia.

Rey. Que maneira ha de haver,

Que eu certo me maravilho,

Possa mais o amor do filho,

Do que pôde o da mulher:

Finalmente eilha de dar,

Que a ambos conheço o centro,

Queroo ir levantar,

E iremos para dentro

Neste caso praticar.

Diz contra o Principe.

Levantaivos filho d'hi

O melhor, que vós puderdes,

E vindevos para aqui,

Porque em fim, o que quizerdes

Tudo haveis de mi.

Pag. Ha senhores, ou lá, ou?

Port. Viestes em conjunção

A melhor, que pôde ser,

M

Haveis

Haveis aqui de fazer

Atroscuia a hum rifaõ.

Pag. Deixaime, seõor, dizer,

Haveis isto de acabar,

Coração hi bugiar,

No esteis preso en cadenas,

Que pois o amor vos deu penas,

Que vos lanceis a voar:

Port. Por certo, que bem comprou.

Pag. Hora sabeis o que vai,

Antioco, que casou

Com a molher de seu pay,

E o mesmo pay o ordenou?

Port. Isto como?

Pag. Nam o sei,

Porque dizem, que a amava,

E que sò por ella andava

Para morrer, & ElRey

Deqa a quem a desejava:

Port. Se o caza por querer bem

Com a moça, a quem elle ama,

Direi que a mim me inflama,

O amor mais que a ninguem:

Pag. Pois pedilhe a nossa dama:

Port. Por Sam Gil, que eilos cá vem,

Elle pela mão com ella.

Entra ElRey, & Antioco com a Rayuha pela
mão, & diz ElRey.

Rey. Que mais ha, que esperar
Olhai, que estranheza vai

O mui.

O muito amor ordenar,
Hir-se o filho namorar
De hũa mulher de seu pay,
Querer bem foi sua dor,
Negarlha serâ crueldade,
Assi que já foi bondade
Usar eu de tal amor,
E de tal humanidade.
Ella deixou de reynar
Como fazia primeiro
Por se com elle casar,
E por amor verdadeiro
Tudo se pôde deixar.
Eu que nella tinha posto
Todo o bem de meu cuidado,
Deixei mais, que ella há deixado,
Que mais se deixa no gosto,
Que no poderoso estado:
Mas já que tudo isto vemos,
Hajaõ festas de prazer,
As que melhor possaõ fer,
Porque em tam grandes estremos,
Estremos se haõ de fazer.
Hajão cantos para ouvir,
Jogos, prazeres sem fundo,
Porque se quereis sentir
Deste modo entrou o mundo,
E assi ha de sair,

Aqui vem os musicos, & cantão, & depois de cantarem saemse todas as figuras, & diz Martim Chinchorro.

Hora, senhor, tomemos tambem nosso pandeiro, & vamos festejar os noivos, ou vamos consoar com as figuras, porque me parece, que esta he a mór festa, que pôde ser. Mas espere v. m. ouviremos cantar, & na volta das figuras nos acolheremos. Moço acende esse molho de cavacos, porque faz escuro, nam vamos dar comnosco em algum atoleiro, onde nos fique o ruço, & as canastras:

Estacio da Fofseca. Nam senhor, mas o meu Pilarte irá com elles com hum par de tiçoês na mão, & perdoem o mao agasalhado, mas daqui em diante sirvaõse desta pousada, & nam tenhaõ isto por palavras, porque essas, & plumas o vento as leva.



COME

COMEDIA

DOS ANFITRIOES.

COMPOSTA POR LUIS DE CAMOENS.

Em a qual entraõ as figuras seguintes.

Anfitrião.

Almena sua mulher.

Sofea seu moço.

Bromia sua criada.

Belferraõ patraõ.

Aurelio primo della cõ
seu moço.

Jupiter.

Mercurio.

Entra logo Almena saudosa do marido,
que he na guerra, & diz.

Almena.

se eu entte as saudades?

HA Señor Anfitrião,
onde està todo meu bẽ,
pois meus olhos vos não
falarei co coração (vem,
que dentro nalma vos tem,
ausentes duas vontades,
qual corre mores perigos,
qual sofre mais crueldades,
se vòs entre os inimigos,

Que a ventura, que vos traz
tam longe de vossa terra,
tantos desconcertos faz,
que se vos levou à guerra,
nam me quis leixar em paz;
Bromia, quem com vida ter
da vida já desespera,
que lhe poderàs dizer?
Brom. Que nunca se viõ prazer,
senam quando nam se espera.

M 3

E por

E por tanto nam devia
de ter triste a fantasia,
porque vossa merce crea,
que o prazer sempre saltea,
quem delle mais desconfia
eu tenho no coração,
do señor Anfitrião
venha hoje alguma nova,
não receba alteração,
que a verdadeira affeição
na longa ausencia se prova.

Alm. Dizei logo a Feliseo,
que chegue muito apressado
ao cais, & busque meyo
de saber se algum recado
do porto Perfico veyo,
& mais lhe aveis de dizer,
isto vos dou por officio,
dalgũa nova saber,
em quanto eu vou fazer
aos deoses o sacrificio.

Vaise A Imena, & diz
Bromia.

Brom. Saudades de minha ama,
chorinhos & devações,
sacrificios & orações
me haõ de lançar nũa cama.
certamente
nós molheres de semente
fomos sedenho tam tofco,
que com qualquer vento q vête,
queremos forçadamente,
que os deoses vivão connoſco.

Quero Feliseo chamar,
& dizerlhe aonde ha de ir,
mas elle como me vir,
logo ha de querer rinchar,
de travessão,
ou que de zombar nam cesso,

por ficar com elle em salvo,
lançolhe hũ & outro remeſſo,
aos seus furtolhe o alvo,
& então elle fica aveſſo.

Porq o melhor destas danças
com hũs vindicos affi,
he trazelos por aqui
o cheiro das esperanças,
por viver
ha os homem de trazer
nos amores affi mornos,
sõ para ter que fazer,
& despois ao remeter
lançalhe a capa nos cornos.

Feliseo, se estais á mão,
chegai cá; vem como hũ game,
bẽ fei, que naõ chamo em vão.

Vem Feliseo.

Fel. Chamaisme, tãẽ vos chamo
porem eu ouço, & vós naõ,
se ñora, que me matais,
se vós já nunca me ouvis,
ou me ouvis, & vós falais,
dizei porque me chamais
se me vós a mim fogis?

Brom. Eu vos fujo?

Fel. Fogis digo
de dar a meus males cabo.

Brom. Sabei que desse perigo
naõ fujo como de inimigo,
fujo como do diabo.

Fel. Dai ao demo essa tenção,
usai antes de cortês,
cay vós nesta razão.

Brom. Do perigo fogem os pés,
do diabo o coração.

Fel. Dizeisme, que nessa briga
do meu coração fogis?

Brom.

Brom. Ainda, qu'eu isso diga.

Fel. A minha doce inimiga,
bem sinto, que me sentis,
mas para que me chamais?

Brom. Mandavos minha senhora
que chegueis daqui ao cais,
& algúas novas saibais
d'Anitrião nessa ora.

Fel. Quem as não sabe de si,
doutrem como as saberá?

Brom. Não nas sabeis vós de mi?

Fel. Mã trama venha por ti,
duna feyticeira mã,
porque não me ollas direito,
cadela, que assim me cortas.

Bromea,

Porque vos quero dar portas,
que s'eu olhar doutro geito,
trarey cem mil vidas mortas.

Fel. E pois para que me andais
enganando, ha cem mil annos?

Brom. Douvos vida cõ enganoso.

Fel. Nesses enganinhos tais
acho crueis de enganoso.

Brom. Quãta elles vos qro eu dar,
vós cuida s, que estais na sela,
pois podeis vos decer della,
qu'eu nunca vos pude olhar,

Fel. Jugais comigo à panela?

Tendes me ha tanto cativo,
& de enganaisme agora?

Tudo isso he o que privo
assi, que he isso senhora,
do chelo morto, do chelo vivo?

se me vós de enganais
no cabo de tantos annos,
darei, se licença dais,
daisme vida com enganoso,
de enganoso já chegais.

Mas se isso avia de ser
dizei, mã desconhecida,
de ferro de meu viver,
que vos custava dizer
amor busca tua vida?

Brom. Zôbais, falaisme coprinhas?

Fel. Rirvoseis se vem à mão:

copras não, mas isso saõ
anias y palliones minhas
dos bofes, & coração.

Brom. Isvos fazêdo dús fengos.

Fel. Perdoneme Dios si peço.

Brom. Nesses dêtinhos framêgos
conheço, que sois hum peço,
de todos quatro avoengos.

Fel. Tudo vos levo em capelo,
jà qu'estais tanto em agrão,
porém falando fingelo,
a furto desse mao zelo,
quereisme dar hum abraço?

Brom. Ora digo que não posso
usar com vosco de fero,
tomayo.

Fel. Já o não quero,
porque esse abraço voffo
sabej, que he engano mero.

Brom. O vós sois dús senlabores
abraço pedis assim
s'eu remango dum chapim?

Fel. Tudo isso saõ favores
zombai, vingaivos de mim.

Brom. Vós de furioso touro
as garrochas não sentis.

Fel. Vedes cõ isso so mouro,
quando cuido que sois ouro,
achovos toda ceitis.

Brom. Emfim sanha de vilão
vos fez perder hum bom dia.

Fel. Já agora o eu tomaria,
quereismo dar.

Brom. Hora não,

coceyvos eu todavia.

Fel. Pois, señora, a quẽ vos ama,
fois tam defarrazoada,
quero tomar outra dama,
que nam digão os d'Alfama,
que nam tenho namorada.

Brom. Deixaime.

Fel. Vós me deixais.

Brom. Deixaime.

Fel. Zombais de mi?

Br. Deixaime, pois me engeitais
eu me ausentarei daqui,
onde me mais nam ve jais.

Fel. Boa està a zombaria.

Br. Nã saõ essas minhas manhas.

Fel. Porem isvos todavia?

Br. Voyme a las tierras estrañas
a do ventura me guia.

Vaife Bromia, & diz
Feliseo.

Fel. Fantefias de donzellas,
nam ha, quẽ como eu as quebre,
porque certo cuidão ellas,
que com palavrinhas bellas
vós vendem gato por lebre.

Esta tem là para si
qu'eu sou porela finado,
& cre que zomba de mi,
& eu digolhe, que si,
sou por ella espedigado.
Prezase de hias figurás,
& eu não quero mais Frandes,
doulhe trela às travessuras,
porque destas cossaduras
se fazem as chagas grandes.

Qu'estas, q' andão sêpre á vela,
estas vos digo eu, que cossó,
porque de firmes na sella,

crem, que falsa ô a costella,
& ficão pelo pestoço,
que quando estas damas tais
me cachão então recacho,
mas disto agora no mais,
querome ir daqui ao cais
ver se algũas novas acho.

Vaife Feliseo, & vem Iupi-
ter, & Mercurio, & diz
Jupiter.

Imp. O grande, & alto destino,
ô potencia tam profana,
que a seta d'um minino
faça, que meu fer divino
se perca por cousa humana!
que me aproveitão os ceos,
onde minha effencia mora,
com tanto poder, se agora,
a quem me adora por Deos,
sirvo eu como a señora?

O que estranha afeição
quem em baixa cousa vai por
a vontade & o coração,
sabe tam pouco d'amor,
quão pouco amor, de razaô,
mas que remedio ey de ter
contra molher tam terribel,
que senão pôde vencer?

Merc. Alto senhor teu poder,
o deficit faz possivel.

Imp. Tu não ves qu'esta molher
se preza de virtuosa?

Merc. Senhor, tudo pôde ser,
que para quem muito quer,
sempre a feição lie manhosa,
seu marido està ausente
na guerra longe daqui,
tu, que es Jupiter potente,
tomaràs sua forma em ti,
que o faràs muy facilmente.

E eu

E eu me transformarei
na de Soſea criado ſeu,
& ao arrayal me irei,
onde logo faberei
como ſe a batalha deũ,
& alli poderàs entrar,
em ligar de ſeu marido,
& para que ſejas crido,
poderàs tambem contar,
quanto eu là tiver ſabido.

Iup. Quẽ arde em tamanho fogo
tiralhe a virtude a cor
de ſotil & ſabedor,
& quem fôra eſtã do jogo
enxerga o lanço melhor,
mas tu, que dos ſabedores
tanto avante ſempre eſtã,
ſe Deos es dos mercadores,
ſeloã dos amadores,
pois tal remedio me dãs.

Ponhaſe logo em effeito,
que nam ſofre dilação,
quem o fogo tem no peito,
& tu vai logo direito
A onde anda Anſitrião.

Vaõſe, & vem Felifeo, & Cali-
ſto, & diz Felifeo.

Fel. A do bueno por aqui,
tam longe do acostumado?

Cal. Mais longe vou eu de mi,
d'ir perto de meu cuidado.

Fel. No andar vos conheci.

Cal. E vòs onde vos lançais,
com voſſa contemplação?

Fel. Eu chego daqui ao cais
a ſaber de Anſitrião,
nam ſei ſe vou por demais.

Cal. Porque, por demais dizeis?

Fel. Porque nada alli he certo.

Cal. Novas là naõ nas busqueis,
porq' aqui as tendes mais perto.

Fel. Pois daimas já, ſe as fabeis.

Cal. Hum navio he já chegado
â barra, que vem de là,
traz de Anſitrião recado,
diz, que o deixa embarcado,
para ſe vir para câ.

Tem vencido aquelle Rey,
& diz, ſegundo lhe ouvi,
que eſta noite ſerã aqui.
Fel. Eſſas novas levarei
A Almena, que torne em ſi,
porque ella tem mayor guerra,
cos temores de perdelo,
que elle co Rey deſſa terra.
Cal. Onde amor lançar o ſelo,
nenhũa couſa o deſterra.

Porq' inda que o pensamento
vos fique, ſeñor, em calma,
por morte, ou apartamento,
ſempre vòs là ficão nalma
as pégadas do tormento.

Fel. Iſſo he hum ſegredo mero,
a que o amor nos obriga,
por iſſo em caſo tam fero,
ſeñor, nunca ninguem diga,
jà lho quis, & nam lho quero.

Eu quis bem a hũa molher,
que vòs conheceſtes bem,
& com muito lhe querer,
caſouſe.

Cal. O, & com quem,
que ainda o nam poſſo crer?

Fel. Cõ hũ mercador, que veyo
agora do Egypto rico.

Cal. Iſſo traz agoa no bico,
eſſe homẽ he parvo, ou feyo.

Fel. Pois vedes? diſſo me pico.

E em

E em pago desta treição,
a fóra outros mil descontos,
que tras consigo a afeição,
sempre os finais destes pontos
trarey no meu coração.

Cal. Vistela mais?

Fel. Señor vi,
na janelinha da grade,
passei, & disselhe alli;
casada sem piedade,
porque não na aveis de mim?

Cal. Que vos disse?

Fel. Lá no centro
lhe enxerguei pouca alegria,
& como quem lhe doya,
metendose para dentro
disse já passo, folia.

Calisto.

Ah mã sem conhecimento,
quem lhe desse mil chofradas!

Fel. Señor, como são casadas,
casãose co esquecimento
das cousas, que são passadas.

Cal. Lembranças de vos deixar
picarvosão como tojos.

Fel. Señor aveis d'assentar,
que onde amor vos quer matar,
sempre alha miran ojos,
hum motete lhe mandei,
hum dia estando com febre,
só da payxão, que tomei.

Cal. Pois vejamos, quẽ tẽ lebre.

Fel. Señor eu volo direi.

Mote.

Vós por outrem eu por vós,
vós contente, & eu penado,
vós casada, & eu casado,
polos santos de minha dona.

Cal. Señor, vós só o fizestes?

Fel. Si, que ninguém me ajudou.

Cal. Se vós só o compuestes,
crede, que extremo distestes,
nunca Or lando tal falou,
señor, fizesteslhe pé?

Fel. Señor, si todo hum anno
vós zombais se não m'engano.

Cal. Não, mas dou vos minha fé
que nunca vi tam bom pano.

Fel. Ora olhe vossa merce.

Volta.

Olhai em quão fundos vaos
por vossa causa me afogo,
que outro me ganha o jogo,
& eu triste pago os paos,
olhos travessos, & maos,
inda eu veja o meu cuidado
por esse vosso trocado.

Cal. No mais, qu'isso me degola,
señor, eu aja perdão;
fezestes esse rifaõ

em algum jogo de bola,
& foilhe elle ter á mão?

Fel. Digovos q' o vio, & lho leo
hum moçozinho d'escola.

Cal. Está isso alli do ceo;
sabe ella jogar a bola?

Fel. Não.

Cal. Pois não vos entendo.

Ora eu já cheguei a ler
Petrarca, & crede de mi
que nunca tal cousa vi:
onde mora o bom faber,
logo dá final de si,
onde casada posestes,
dizei porque não distestes,
la que yo vi por mi mal

Fel

Fel. Renunciava o metal,
q em refõeszinhos como estes,
ha se de pôr tal com tal.

Que a trova trigo tremes
ha de ser toda dum pano,
que parece muito Ingres
num pelote Portugues,
todo hum quarto castelhano.
Ouvi outra tambem minha,
que fiz a certa tenção,
clara, leve, bonitinha,
de feição, que esta trovinha,
he trovinha de feição.

Como eu hum dia me viffe
moito, & a mão na candea,
& ella não me acodisse,
fizhe esta, porque sentisse
que dava os fios á tea:
& o proposito he
andar eu hum dia sô,
& para que ouvesse dô
de mim, & de minha fé,
lamenteilhe como Jô.

Cal. Andastes, seño, mui bem.
Fel. Ora seño, atentai,
& vede o faibo, que tem,
se he para a ver, alguem,
Cal. Ora dizei.
Fel. Eyla vai.

Trova.

Coração de carne crua,
velo teu amor aqui,
que esmorecido por ti
jaz no meyo desta rua.

Cal. Na rua seño jazia,
& era em tempo de lama?

Fel. Seño, quẽ fala a quẽ ama

de si mesmo senão fia,
aveis de mentir à dama.

Cal. Volta disso?

Fel. Singular,
senão que he muito sentida,
farvosha, seño, chorar.

Cal. O, diga por sua vida.

Fel. Farei, o que me mandar.

Volta.

Porque não ás delle magoa
ô dura mais, que ninguem,
que anda o triste, que não tem
quem lhe dê hũa vez dagoa;
nam lhe negues teu querer
pois te nam custa dinheiro,
que emfim por derradeiro
a terra te ha de comer.

Cal. Tal trova nunca se vio,
agorentastela já?

Fel. Seño nam, ainda está
como a sua mãy pario,
& nam está muito mã.

Cal. He trova, que tem por seis
nam na posso mais gabar;
mas pois tal cousa fazeis,
seño, nam me ensinar: s
dondê vem tambem trovar?

Fel. Não he a cousa tão pequena
como, seño, a fizestes,
essa, que agora dissestes,
mas porem voudar a Almena,
estas novas, que me destes.
depois, seño, nos veremos
ficay já roendo esse osso.

Cal. O roer, seño, he vosso.

Fel. Pois eu por mais, qz ôbemos
ey de ser vosso, & revosso,

Cal. Oh escusay vos d'estremos,
que

que isso, señor, me atarraca,
mas nós nos encontraremos,
& sobre isso envidaremos
dous reales mais de saca.

Vão-se ambos, & vem Jupiter,
& Mercurio transformados, Ju-
piter na forma de Anfitrião,
Mercuriona de Sosea es-
cravo, & diz Ju-
piter.

Iup. Mercurio pois fou mudado
nesta forma natural,
olha & nota com cuidado,
se está em mim o pintado
aparente co real?

Mer. Quê tá proprio se trãsfór-
tenho por opiniao, (ma,
que na tal transformação
lhe prestou natura a forma,
com que fez Anfitrião.

Iup. Pois tu no gesto, & na cor
estàs Sosea escravo seu.

Merc. Muito mais faràs, señor.

Iup. Nam no faz senão o amor,
que nisto pôde mais qu'eu.

Merc. Já, señor, te fiz menção,
como deo Anfitrião
a el-Rey Terela a morte,
que na guerra igual a sorte
pode mais, que o coração.

E despois de ser tomada
toda a Cidade com gloria
D'Anfitrião bem ganhada,
como em final de victoria,
esta copa lhe foy dada,
por ella bebia el-Rey,
em quanto a vida queria,
& eu porque te compria,
a seu escravo a furtey,

que nũa caixa a trazia.

Esta poderàs levar
a Almena, por lhe mostrar
verdadeiro, o que he fingido,
& desta arte seràs crido,
sem mais outro ardil buscar.

Jupiter.

Pois tudo tês ordenado
por tam nova, & sotil arte,
como me vires entrado,
iràs dar este recado
a Febo de minha parte.

Que faça mais de vagar
seu curso neste Emispherio,
que o que soe acostumar,
que esta noite ey de ordenar
hum caso de alto mysterio,
& à Esphera mais alta
mandar às, que fixa esteja,
porque a noute mayor seja;
porque sempre o tempo falta,
onde alegria he sobeja.

E teràs tamanho tento,
que como isto se ordenar,
venhas aqui vigiar,
porque meu contentamento
ninguem mo possa estorvar.
Merc. Seja feito sem debate
tudo, como te convem.

Iup. Pois nam parece ninguem
como homem de casa bate,
& muda a falla tambem.

Bate Mercurio à porta.

Mer. O de la casa, en buena ora
darmean de cenar aqui?

Brom. Sosea parece, que ouvi,
alvi

alviçaras, minha seſnora,
que na fala o conheci.

Entra Almena, & Bromia.

Al. zôbais, Bromia, por vêtura?

Brom. Seſnora, nam zombo, nam.

Alm. Vejo eu Anfitrião,
ou a viſta me afigura,
o qu'eſtã no coração?

Iup. Olhos, diante dõs quais,
deſejei mais eſte dia,
que nenhũa outra alegria
ſeſnora, nunca creais
que lhe minta a fantesia.

Alm. Oh preſença mais querida
que quantas formou amor,
iſto he verdade, ſeñor?
acabefe aqui a vida,

por nam ver prazer mayor.

Iup. Pois eſta ora de vos ver
alcançar, ſeñora, pude,
para mais contente ſer,
conformẽ co eſte prazer
novas de voſſa ſaude.

Alm. Vida foy peſada, & crua
à ſaude qu'eu ſoſtinha,
que em quanto, ſeñor, a tinha,
temer perigo na ſua,
me fez deſcuidar da minha.

Merc. Y pues mi ſeñora Almena
peſa al demonio malvado,
no dirã a un ſu criado,
vengaes Soſea norabuena?

Alm. Seſais, Soſea, bẽ chegado.

Brom. Bem mal cri eu, q' podeſſe
verte, Soſea, hoje aqui.

Merc. Pues tãbien yo no crey,
que en mi vida te vieſſe,
ſegun las muertes, que vi.

Alm. Muito ſeñor folgarei
com nõvas de vencimento.

Iup. De tudo quanto paſſei,
por vos dar contentamento,
em ſuma vos contarei,
trago, ſeñora, a victoria
daquelle Rey tam temido,
com fama clara & notoria,
porem mayor foy a gloria
de me ver de vós vencido.

Sem me terem refiſtencia,
os grandes me obedecerão,
como el-Rey morto tiverão,
em final de obediencia
eſta copa me trouxerão,
El-Rey por ella bebia,
ella & tudo o mais he noſſo,
por onde claro ſe via,
que tudõ me obedecia,
pois tinha nome de voſſo.

Merc. Si, mas luego de rondõn
la Fortuna diò la buelta.

Alm. Como?

Merc. Fue gran perdicion:
porque en aquella rebuelta,
me hurtaron mi jubon.
Pero bien me lo pagaron,
quando comigo riñeron,
que aunque me deſpojaron,
ſi uno de ſeda llevaron
otro de açotes me dieron.

Alm. Señor, nam poſſo goſtar
de goſto, que he tam immenſo,
ſenaõ muito de vagar,
façame merce d'entrar,
& contarmoa por eſtenſo.

Váose, & fica Mercurio,

Merc. Yo tambien te contaria,
Bromia, se quedas atras,
que una noche, enojarteas?

Brom. Que?

Merc. Soñava, que te tenia;
no me atrevo a dezir más.

Brom. Dize.

Merc. Pardies no diré,
soñava.

Brom. Bem que sonhavas?

Mercurio.

Que quando en la cama estavas
que yo en fin recordé.

Brom. Pois tudo isso receavas?

Merc. Sabe Dios, q yo acà fiêto,
sola una alma vive en dos,
la qual anda dentro en vòs

Brom. E que quer ella cà dêtro?

Mercurio.

Tambien esso sabe Dios.

Vaife Bromia, & diz
Mercurio.

Merc. Bem se poderá enganar
Bromia, segundo ora estou,
como Almena s'enganou,
mas cumpreme ir ordenar,
o que meu pay me mandou,
& porque seja guardada,
esta porta & vigiada
de toda a gente nacida,
me será coufa forçada,
fer tam depressa a tornada,
quão prestes faço a partida.

Vaife Mercurio, & vem Sosea
co recado d' Anfitrião.

Sof. Anfitrión esforçado,
bravo vâ por la batalha
fiete cabeças llevaba
de las mejores, que ha hallado

Falla.

Quien viene de tierra agena,
y de la muerte escapó,
la razon le permitió,
que cante como sirena,
como agora hago yo,
y pues canto tan gentil
fuera llanto si muriera,
quiero cantar como quiera,
una y otra, y más de mil,
que digan desta manera.

Canta.

Dongolódrô cô dôgolódrera,
por el camino de otera
rosas coge en la rosera,
dongolondrô cô dôgolódrera.

Falla.

Quando yo vengo a pensar,
que uno matarme quisiera,
no hago sino temblar,
porque creo si muriera,
no pudiera más cantar,
porque estando a un rincon
de la casa, a do quedé,
fenti muy grande ronron,
y mirando que, miré,
vi que era un gran raton.

Empero yo nunca ligo, fine

finó consejos muy sanos,
que en estos casos livianos,
quien desprecia el inimigo,
mil vezes muere a sus manos,
pero mi señor alli
matò al Rey de los gilpazos,
yo como muerto le vi,
juro a mi fé, que le di
màs de dós mil cuchillazos.

Y por me librar de afan,
me vòy siempre a cosa hecha,
provar mi mano derecha,
que aquel es buen capitan,
que del tiempo se apròvecha;
que quien ha de pelear,
ha de buscar tiempo y ora,
pero quiero caminar,
que me muero por cantar
todo aquesto a mi señoira.

Vem Mercurio, & diz.

Mil vezes comigo véjo,
para que meu pay se afoute,
pois em tam pequeno ensejo
he mandei talhar a noute,
à medida do desejo,
& pois que como possante,
a mi tudo se reporta,
chego agora neste instante
a estorvar, qu'este bargante
me nam chegue a esta porta.

Sof. No se que miedo, ò locura
neste pecho se me cria,
por Dios, que se me afigura,
q' ha mucho qu'es noche escura,
fin que venga el claro dia:
mas sabed, que pienso yo
qu'el sol, que no se acordó
de con el dia venir,
que a noche quando cenó

algun buen vino bebió,
que le haze tanto dormir.

Merc. Já fintes còprida a noute
que eu alli mandei fazer,
pois mais te quero dizer,
que sintirás muito açoute,
se cá quiseres vir ter.
Porem pois este bargante
tem medroso coração,
querome fingir ladrão,
ou fantasma, & por diante
nam irà, se vem à mão.

E com tudo se passar,
a falla quero mudar,
na sua de tal feição,
que couces & perfiar,
lhe fação hoje assentar,
que eu sou Sosea, elle nam.

Fala Castelhanò.

No veo passar ninguno,
en quien yo me puèda hartar.
Sof. A quien oygo aqui hablar?
mande Dios no sea alguno,
que me quiera aporrear.
Merc. La carne de algũ humano
me sería muy sabrosa.

Sof. Oh que boz tan temerosa!
hombres comes, ò mi hermano,
no es mejor otra cosa?
carne humana es mui mezquina
ò no comas de ffo no,
antes carne de gallina;
pero se màs se avezina,
que màs gallina, que yo?

Merc. Una boz de hòbre aora
a la oreja me boldò.

Sof. Pesate quien me parió,
la boz traygo bola dora?
ella quifiera ser yo,

pues

pues mi boz pudo bolar,
do la pudieses oyr,
por contigo no reñir,
me devieras de prestar
las alas para huir.

Mercurio.

Que buscas cabe essa puerta,
hombre? se qu'eres ladron.
Sof. Ay qu'el alma tēgo muerta
d Jupiter me convierta
las tripas en coraçon.
Merc. Quiē eres? quieres hablar?
Sof. Soy quiē mi volūtad quiere.
Merc. Piēsas, q' puedes burlar?
Sof. E tu puedes me quitar,
que yo sea quien quisiere?

Mercurio.

Ofas hablar tan osado,
d'un vellaco boyarron?
di quien eres.
Sof. Hum criado
del señor Anfitrião
por nombre Sosea llamado.

Mercurio.

Pienso qu'el seso perdiste;
como te llamas mal hombre?
Sof. Sosea soy, sino me oyte.

Mercurio.

Como en persona tan triste,
ofas denquziar mi nombre?

Estos puños llevaràs
pues tener mi nombre quieres:
quieres me dizer, quien eres?
Sof. Oh señor no me des màs,

que yo feré, quien tu quisiere.
Merc. Con tan nueva falsedad
andais por esta ciudad,
delante de quien os mira?
pues si sois, Sosea, tomad.
Sof. Si me dàs por la verdad,
que me haras por la mentira?

Mercurio.

Y que verdad es la tuya?
Que te quiero dar castigo?
Sof. Sino soy Sosea, que digo,
que Jupiter me destruya.
Merc. Mirad el falso inimigo,
tomad este bofeton,
que yo soy Sosea, y no vos.
Sof. Tu Sosea?
Merc. Sosea por Dios,
escravo d'Anfitrión.
Sof. De modo que tiene dos?
Merc. No ternà, aunq' tu quieres
que a mi solo conosciò.
Sof. Pnes luego di quiē soy yo?
Merc. Si tu no sabes, quien eres
quieres que yo lo sepa?
Sof. En fin as me de hazer creer,
que yo no soy, quien ser solia.
Merc. Quien solias tu de ser?
Sof. Tregoas me as de prometer,
dirte lo he sin porfia.
Merc. Prometo.
Sof. No me daras?
Merc. No, sino fuere razon.
Sof. Pues her mano, tu sabrás
que mi amo Anfitrión.
Merc. Tu amo? pues llevaràs:
mi amo es, que tuyo no.
Sof. Ay q' un braço me quebrò
Merc. Mas q' luego te mataste?
Sof. Oxalà Dios ordenasse
que tu aora fueses yo
y yo que te desmembrasse.

Merc.

Merc. Essa tu tema tan loca,
puños te la han de quitar,
dime di verguença poca,
que hablas?

Sof. Que puedo hablar,
si me as quebrado la boca?

Merc. Di quien eres, sin fatiga.

Sof. Soy un hõbre, e quie tu dás.

Merc. Dime pues, que nõbre as.

Sof. Como quieres tu, que diga,
para que no me des mãs?

Mercurio.

No me as de hablar cõtrahecho

Sof. Toda mi vida passada

Sofea fuy, y con despecho

aora foy que? no nada,

que tus manos me an defecho.

Merc. Cuyo eres, pues las siêtes,
dexando consejos vanos;

la verdad, que si me mientes,
dás cõ la lengua en los dientes,
y yo doy te con las manos.

Sof. No conoces Anfitrion?

Merc. Hombre sin feso te llamo,
tan fuera estàs de razon:

piensas de mi, bovarron,

que no conozco a mi amo?

Sof. En su casa conociste

uno que es Sofea, llamado,

hombre despreciado y triste?

Merc. Dessa fuerte lo dixiste
yo foy triste y despreciado?

Pues sabe que te allegò
a la muerte tu Fortuna.

Sof. Pues luego si yo no foy yo,

aunque nadi me matò,

foy luego cosa ninguna,

õ dioses, que desconcierto

yo por ventura foy muerto,

õ muriomela razon,
yo no foy de Anfitrion?
el no me mandò del puerto?

Yo no se q no estoy loco,
de mi madre no naci?

no ando, no hablo aqui?

Merc. Pues solliega aora ù poco

que yo tambien diré de mi;

yo no se que yo foy yo,

yo no te di con mis manos,

mi señor no me llevò,

a la guerra a do matò,

aquel Rey de los Thebanos?

Sof. Yo effo muy bien lo se,

empero tu, que hazias

quando la batalla vias?

Merc. Escucha yo lo diré,

y cessaran tus porfias;

quando mi señor andava

peleando, y derramava

la sangre de algun mesquino,

con una bota de vino

yo el mio acrescentava.

Sof. Dize lo que yo hazia:

con todo saber queria

sola una cosa, si puedo,

tu pecho Anton, que sentia?

Merc. Del beber grande alegria,

y del pelear gran miedo.

Sof. Y despues.

Merc. Muy repofado

a dormir me eche de grado,

desdel Sol hasta la Luna.

Sof. Todo lo tiene contado,

en fin tengo averiguado

que yo no foy cosa ninguna.

Pues de todo en un instante,

me as echado de mi fuera,

aconsejame si quiera,

N

quien

quien seré daqui adelante
 pues no soy quien d'antes era.
Merc. Quando yo no ser quisiere
 esse, que tu ser desseas,
 despues, que ya Sosea no fuere,
 dartehe, si te pluguiere,
 licencia, que todo feas.

Y acogete luego amigo
 a buscar tu nombre digo,
 pues Dios vida te dexó,
 que el Sosea queda conmigo.
Sof. Pues contigo quedo yo.
 Dios quede hermano contigo,
 aora quiero yr alla,
 a do mi señora está,
 conta le, como es venido
 mi señor, mas ò perdido,
 si otro yo tiene allà,
 todo lo terna sabido.

Merc. A hombre.

Sof. Mi voz fondò.

Merc. A onde buelues aora.

Sof. Por Dios no sé onde vò,
 porque si yo no soy yo,
 ni Almena es mi señora.

Merc. Adonde vàs?

Sof. Con menaje
 del señor Anfitrión,
 para Almena.

Merc. A do salvaje,
 pues quebraste la omenaje,
 ahí veràs tu perdición.

Yo doy te consejos sanos,
 y porñas orra vez?

Sof. Altos Dioses soberanos,
 pues me no valen las manos,

Sof. Aquí me valgan los pies.

Merc. Desta arte enseñan aquí
 a hurtar el nombre ageno.

Vaife, & torna Sosea,
 & diz.

Sof. Ay Dios como me acogí
 ò Jupiter alto, y bueno,
 quan cerca la muerte ví?

Quiero me yr a mi señor
 contarle quanto he passado,
 y el me dirá de grado,
 si yo soy su servidor,
 en que cosa me he tornado.

Vaife Sosea, & vem Jupiter, &
 Almena, & diz Jupiter.

Iup. Toda a pessoa discreta
 terá, señora, assentado,
 que hum bem muito desejado
 se ha de alcançar por dieta,
 para ser sempre estimado.

E quem alcançado tem
 tamanho contentamento,
 por conservalo convem,
 que tome por mantimento
 a fome de tanto bem,
 & por isso ey de tomar
 este tempo tam ditoso,
 para a frota visitar,
 & despois, quando tornar,
 tornarei mais desejoso.

Que pois tão bom cativoiro
 me tem presa a liberdade,
 eu lhe prometo em verdade,
 que torne ainda primeiro,
 que mo peça a saudades.
Alm. Ainda que se possa ir
 mais alinhá do que creyo,
 como ey de eu consentir,
 que se aja de partir

na mesma noite, que veyo?

Iup. Forçada he minha tornada
mas muito cedo virei,
porque desque foi chegada
a este porto a armada,
ainda a nam visitei.

Al. Pois, senhor, tão pouco estais
com quem vistes inda agora,
façafe como mandais.

Iup. Vós me vereis cá, senhora,
primeiro do que cuidais.

Vãose, & vem Anfitrião, & So
sea, & diz Anfitrião.

Anf. Emfim tu, que estàs aqui,
estavas já lá primeiro.

Sof. Señor, crea qu'es anfi.

Anf. Eu nunca entendi de ti,
que eras também chocarreiro.

Sof. Señor yo qu'estoy presente,
no soy Sosea fu criado?

Anf. Creio que nam certamête,
porque Sosea era aviado,
& tu es muy diferente.

Sof. Pues señor en mi se ve,
que no soy quien d'antes era,
buelvome.

Anf. Y para que?

Sof. Ver se a dicha me quedé
durmiendo por la galera.

Anf. Pois me queres fazer crer
húa doudice tam raza,
mais quero de ti saber,
como nam entraste em casa
d'Almena minha molher?

Sof. Aunque Sosea quisiesse
la verdad no negará;
aquel yo que allà està
no quiso, que a casa fuesse

estotro yo, que yva allà;
y con furia tan crecida
a mi se vino aquel hombre,
que yo me puse en huyda,
y anfi le dexé mi nombre;
por me dexar el la vida.

Anf. Quem seria tam ousado,
que tanto mal te fizesse?

Sof. Yo mismo Sosea llamado
que a casa era ya llegado,
antes que de acà partisse.

Anf. Tu chegaste antes de ti;
este he gentil desbarate.

Sof. Pues más le digo de aqui
que vengo huyendo de mi,
porque yo mismo no me mate.

Anf. Erão dous, ou era hū sò,
quem te fez alli fogir?

Sof. Pefete quien me parió;
digo, que era un solo yo,
mil vezes lo he de dezir?

puede ser, que naceria
daquel hombre otro alguno,
como aquel de mi nacia,
porque aunque fuesse el uno,
por más de quatro tenia.

El tenia mi apariencia,
empero yo nunca vi
tal fuerça, ni tal potencia:
esta sola diferencia
le tengo hallado de mi.

Anf. Pudeste delle saber
cujo era?

Sof. Quien aquel yo?
tuyo señor dixo ser.

An. Nūca eu tive mais, q' hū sò,
& esse nam quiserá ter.

Sof. Pues señor si el bié doblado
te lo muestra agora Dios,
deve fer de ti alabado,
pues de un solo criado
te ha hecho agora dos.

Anf. Antes para que conheças,
que confa he mau fervidor,
me pesarâ se assi for,
que de tam ruins cabeças,
quantas mais tanto pior.

E já que saõ tam incertos
teus ditos para se crer,
muito melhor deve fer,
que deixe teus desconcertos,
& vá ver minha molher.

Vãose, & entra Almena,
& diz.

Alm. Que fado, que nacimiento
de gente humana nacida,
que d'escasso, & avarento
nunca consentio na vida
perfeito contentamento.

Anfitrião, que mostrou
hum prazer tam desejado,
a quem tanto o desejou,
na noite, que foi chegado,
nessa mesma se tornou?
de se tornar tam afinha
finto tanto entristecer
o sentido, & alma minha,
que certo, que me adivinha?
algum novo desprazer.

Mas parece este, que vem,
senam estou enganada;
se elle he, venha com bem,
pois que com fua tornada,
tam trastornada me tem.

Entra Anfitrião, & Sofea,
& diz Anfitrião.

Anf. Cõ que palavras, seõora,
poderei engrandecer
tam soblimado prazer,
como he ver chegada a ora,
em que vos pudeisse ver.

Certo grão contentamento
tive de meu vencimento,
mas mayor o ey de mim
de me ver posto na fim
de tam longo apartamento.
Alm. Já eu disse, o que sentia
de vinda tam desejada;
mas digame todavia,
como nam foy ver a armada,
que me disse oje este dia?

An. Della venho eu inda agora
desejoso de vos ver,
muito mais, que de vencer;
mas que me dizeis, seõora,
que oje me ouvistes dizer?
Alm. Senam estava remota
certamente, que lhe ouvi,
quando oje partio daqui,
que tornava a ver a frota,
porque era forçado alli.

Anf. Sofea.

Sof. Señor, aqui estoy yo.

Anf. Tu ouves tal descôcer to?

Sof. Grandes orejas ganò,
pues estando en casa oyó,
quien estava allá nel puerto.

An. Quão dizeis, qme ouvistes

Alm. Oje quando vós partistes.

Anf. Donde.

Alm. Daqui de me ver.

Anf. Nunca vi grande prazer,
que

que nam tenha os cabos tristes.

Quantos males d'improvifo,
que causaõ grandes mudanças,
que molher de tanto aviso,
agora minhas lembranças
a tem fóra de juizo.

Alm. Quereisme fazer cuidar,
que poderia sonhar,
o que pelos olhos vi?
nunca vos eu mereci
quererdesme exprimentar.

Anf. Posto que he para pasmar
ver hum caso tam estranho,
todavia ey de atentar,
se poderei concertar
hum desconcerto tamanho.

Quando dizeis, que vim cá?

Al. Esta noite, que passou.

an. Daime alguẽ, q' aqui se achou
que me visse.

Alm. Esse, que ahi està,
Sofea, que com vosco andou.

Anf. Sofea podeste lembrar,
que ontem me viste aqui?

Sof. Nunca yo supe de mi,
que me pudieffe acordar
daquelle, que nunca vi.

Alm. Ora eu creio, & he assi
que ambos vindes conjurados,
para zombar des de mim,
mas eu darei hoje aqui
finais, que se jáo provados.

Anf. Que finais pôde ahi aver
de mentira tam notoria,
que nem foi, nem pôde ser?

Alm. Donde vim eu a saber
novas de vossa victoria?

Anf. Que novas?

Alm. Dirvolasey,

assi como mas contastes,
que na batalha matastes
aquele soberbo Rey,
& tudo desbaratastes.

Nam fazendo resistencia
nũa batalha tam crua,
dandovos obediencia,
vos derão hũa copa sua,
lavrada por excellencia.

Anf. Sofea he culpado sò
nestes acontecimentos.

Sof. Señor, son encantamiẽtos,
porque aquel hõbre, que es yo,
le contaria estos cuentos.

Anf. Quẽ he esse, que vos deu
tais novas? saber quera.

Alm. Quem mo pergunta.

Anf. Quem eu?
quereisme fazer sandeu?

Alm. Mas vòs me fazeis sandia.

Anf. Ora quero perguntar,
que fiz sendo aqui chegado?

Alm. Pusẽmonos a cear.

Anf. E despois de ter ceado?

Alm. Fomonos ambos deitar.

Anf. Nũa-queira Deos, q' possa
acharse na minha honra
nenhũa falta, nem moſſa,
seja isto doudice vossa,
antes que minha deshonra.

Sof. Bien lo supe yo entender,
que era esto encantaciones,
y aora me aurà de crer,
que dos Sofeas puede aver,
pues ay dos Anãtriones.

Alm. Com me quererdes tẽtar
tam trovada me fizestes,
que me nam pôde lembrar,
que vos mandasse mostrar

a copa, que me ontem déstes.

Anf. Eu copa se isso ahi ha,
que estou doudo cuidarei.

Sof. Señor, bien guardada está.

Alm. Bromea.

Brom. Señora.

Alm. Day cà

a copa, que ontem vos dey.

Sof. Pues yo pari otro yo,
y vos otro Anfitrión,
no es mucha admiración,
si la copa otra parió,
ni a un fuera de razón.

Entra Bromia com a copa,
& diz.

Eis aqui a copa vem,
testemunho da verdade.

Anf. O estranha novidade!

Alm. Poderme à dezir alguê,
que o que digo he falsidade?

Anf. Sosea, quando ontẽ cá vi-
podermeas negar, ladrão (nhas,
que lhe dêste as novas minhas,
& mais a copa, que tinhas
guardada na tua mão?

Sof. Señor, que no pude, no,
ver a mi señora Almena,
si aquel effo acã ordenó
no leve este yo la pena
del mal, que hizo el otro yo.

Anf. Ora eu não seý entender
tal caso, nem lhe acho fundo,
com tudo venho a dizer,
que ha tantas cousas no mundo
que tudo se pôde crer,
se vos trouxer, quem vos diga,
como esta noite dormi,
na nao crereis, que he assia.

Alm. Nenhũa coufa me obriga,
a que não crea, o que vi.

Anf. Se o patrão aqui vier,
que he homem d'autoridade,
crereis, o que vos differ?

Alm. Sim, q' ninguẽ pôde aver
que me nêgue esta verdade:

Anf. Eu estou em concurfão
d'oje desfembaraçar
tam enleada questão,
à não me quero tornar
a trazer cá Belferraõ.

Sosea, até minha tornada
fica nesta casa em vela,
qu'eu armarei tal filada,
a quem ma mim tem armada,
que venha hoje a cair nella.

Vaife, & diz Almena.

Al. Oh molher triste, & suspêsa
da mais alta confusão,
que nunca vio coração,
em que mereces a offensa,
que te faz Anfitrião?

Sempre de mim foi amado,
tanto quanto em mi se sente,
co coração tam liado,
que se de mim era ausente,
nelle o via figurado,
& pois molher, que comprisse
milhor qu'eu fidelidade,
nam na vi, nem quem me visse,
que dos limites sahisse
hum pouco da honestidade.

Pois porq' he tam maltratada
innocencia tam singela,
que a pena mais apertada,
he a culpa levantada
ao coração livre della?

mas já que minh'alma está
sem culpa, do que padeço,
seja o que for, qu'eu conheço,
que a verdade me porá
no qu'eu pola ter mereço.

Bromia.

Brom. Señora.

Alm. Hi mandar
a Feliseo, que vá
meu primo Aurelio chamar,
que lhe quero perguntar,
que conselho me dará?
& pois que Anfitrião
vay buscar fomento, quem
lhe ajude a sua tenção,
quero eu ter aqui também,
quem me defenda a razão.

Vaife Bromia, & vem Jupiter,
& diz Jupiter.

Iup. Grão desconcerto tẽ feito
Anfitrião com Almena,
qualquer delles tem direito,
eu sou o que venço o preyto,
& ambos pagão a pena,
quero me ir lá desfazer
tam trabalhosa demanda,
por nos tornarmos a ver,
porque emfim, quẽ muito quer,
cõ qualquer desculpa abranda.

E pois que a afeição
Ha de mudar tam asinha,
quero ir alcançar perdão
da culpa, que sendo minha,
parece de Anfitrião.

Alm. Parece que torna cà
Anfitrião, que já se hia:
nam sei a que tornará,
senam se lhe peza já
dos enganos, que tecia.

Iup. Señora nam aja error
que tantos males me faça,
porque se o contrario for,
pequeno será o amor,
que manencoria desfaça,
& pois com tanta alegria
de tantos perigos vim,
pesar-me-a se achar no fim,
que hũa leve zombaria
vos possa agravar de mim.

Alm. Cõ palavras de deshõra
nam se ha de tratar, quem ama,
nem zombaria se chama,
por exprimentar a honra
põr em tal perigo a fama,
bem tive eu para mim,
que era aquillo experiencia.

Iup. Errey, no que cometi,
bem me basta a penitencia,
de quanto me arrependi.

E se fiz algum error,
com que vosso amor se mude,
de quem volo tem mayor,
nam exprementei virtude,
mas exprementei amor.
Que se com caso tam vario
folguey de vos agastar,
foy amor acrescentar,
porque às vezes hũ contrario
faz seu contrario avisar.

Daqui vê, que a leve magoa
firmeza, & afeições augmenta,
como bem se vé na fragoa,
onde o fogo se acrescenta,
borrifandoo com pouca agoa,
se hum mal grande se alevanta
num coração, que maltrata,
à afeição desbarata,
porque onde a agoa he tanta,
o fogo d'amor se mata.

E pois tive tal tenção,
perdoai, senhora, a culpa
deste vosso coração.

Alm. Nam se alcãça alli perdão
d'erro, que nam tem desculpa.

Iup. Ora pois alli tratais,
quem em tanto risco pos
o amor, que vds negais,
eu m'ausentarei de vós,
onde mais me nam vejais.

Que pois desculpa nam tem
coração que tanto quer,
voume, que nam será bem,
que quẽ vds nam podeis ver,
que possa ma's ver ninguem.
Se algũa ora meu cuidado
vos dêr dor, em que pequena,
peçovos pois fuy culpado,
que vos nam pese da pena,
de quem vos foi tam pesado.

E despois que a desventura
pufer neste coração
debaixo da sepultura,
as letras na pedra dura
vossa dureza dirão,
isto vos ey de dizer,
que m'enfinou minha dor,
se quizerdes leda fer,
nunca esprimeis amor,
em quem voto nam tiver.

Deixaime ir nam me tenhais.

Alm. Anfitrião nam choreis,
Anfitrião.

Iup. Que quereis,
ou para que nomeais
homem, que ver nam pôdeis?

Alm. Anfitrião s'eu causei
com manencoria pequena
coufa, com que o magoey,
eu quero cair na pena.

deffa culpa, que lhe dei.

Iup. Sempre ferei magoado,
se vossa má condição
me nam perdoa o passado.

Alm. Perdoo, & peço perdão
de lhe nam ter perdoado.

Sof. No le perdone, senhora,
hasta que con devocion
tambien me pida perdon,
que bien se me acuerda a ora
que me ha llamado ladron.

Iup. Sofea.

Sof. Señor.

Iup. Vai buscar
o Piloto Belferrão
dirilhas se desembarcar,
que me parece razão,
que venha hoje cà cear.

Sof. Si señor, voy a la ora.

Iup. De nenhũa calidade
cures de fazer demora;
& nõs vamonos, senhora,
confirmar nossa amizade.

Vãose, & vem Mercurio,
& diz.

Grandes revoltas vão là,
grandes acontecimentos,
cumpreme, que esteja cà,
em quanto meu pay está
em seus desenfadamentos,
porque vio Anfitrião
vir da mão muy apressado,
& tendo corrido & andado
nam pode achar Belferrão,
que lhe era bem escufado.

Parece-me, que virá
ver se lhe abre aqui algum;
mas porem se chega cá,
jà pôde ser que se vâ

mais

mais confuso, do que vem.

Entra Anfitrião, & diz.

Anf. Quis nos nossa natureza
com tal condição fazer,
que já temos por certeza
nam aver grande prazer,
sem mestura de tristeza.

Este decreto espantoso,
que instituyó nossa sorte,
he tal, & tam riguroso,
que ninguém antes da morte
se pôde chamar ditoso,
com esta justa balança
o fado grande, & profundo.
nos refrea a esperança,
porque ninguém neste mundo
busque bemaventurança.

Eu, que cuidei de viver
sempre contente de mi,
com tamanho Rey vencer,
venho achar minha mulher,
de todo fóra de si,
mas doutra parte, que digo,
que sé verdade, o que vi,
& o que ella diz he assi,
virei a cuidar comigo,
que eu sou a fóra de mi.

Quero ver se a acho já
fóra de tam secos nós;
ou de casa.

Merc. O de alla
quien fois?

Anf. Abre.

Merc. Santo Dios
pues no os conocen acá?

Anf. O que gentil desvario,
abrimé ora se quizerdes.

Mer. No haré, que en mi cõfio,

que de fuera dormiredes,
que no comigo amor mio.

Que cancion para oyr.

Anf. A Sosea zombas de mi?

Ora querome fingir
que ainda o nam conheci,
por ver se me quer abrir;
A señor, nam abrireis?

Merc. q. quereis hõbre por Dios?

Anf. Duas palavras de vòs.

Merc. Tengo dicho más de seis,
& aora me pedis dos?

De fuera podeis dormir,
que entrar no podeis acá.

Anf. Ora acabay abri là.

Merc. Digo, q. no quiero abrir,
dixe dos palabras ya.

Anf. Ora sus bargante abri.

Merc. Siro te buelves de aqui,
a gran peligro te ofreces.

Anf. Velhaco, nã me conheces,
ou estàs fóra de ti?

Merc. Bonico venis amor.

quien fois, q. hablais tan ofado?

Anf. Abre que sou teu señor.

Merc. Buelvase dessotro lado,
y conocerlee mejor.

Anf. Sosea moço.

Merc. Assi me llamo
huelgome que lo sepais,
empero digo, que os vays,
que Anfitrión es mi amo,
vòs hi buscar, quien seays.

Anf. Pois quero saber de ti,
eu quem sou.

Merc. Y quien fois vós?
como os llaman?

Anf. Abri.

Merc. A vòs os llaman abri?

pues.

pues abri, andad con Dios.

Anf. Quê ha, que possa sofrer
em sua honra tal destroço,
que para me endoudecer
me tem negado a mulher,
& agora me nega o moço?

Merc. Mira el encantador
como se lastima y llora,
y fuesse tomar a ora
la forma de mi señor,
para enganar mi señora,
pues esperà, y no os vays,
por un espacio pequeno,
verna, quien representais,
y el os hara, que bolvais
el falso gesto a su dueño.

Anf. Vay velhaco, & chama cà
esse falso feiticeyro,
que se elle lá dentro está
esta espada julgarà
qual de nós he o verdadeiro.

Va ise Mercurio, & vem Sosea,
& Belferraõ, & diz Bel-
ferraõ.

Belf. Ora ninguê presumira,
que tinhas tam pouco siso,
pois vãs achar d'emproviso
tambem forjada mentira,
que me faz cair de riso,
hum moço, que alevantou
tal graça, nunca naceo,
porque vos jura, que achou,
que ou elle em dous se perdeo,
ou de hum dous se tornou.

Sof. Patron, que no burlo no,
en uno son d os unidos,
y endos cuerpos repartidos,
yo soy el, y el es yo

de un padre y madre nacidos.

Bel. Esse tu que la estás
tam velhaco he como ti.

Sof. Mas aũ pienso, que es más,
por delante, y por detras
todo se parece a mi.

Y fue gran merced de Dios
ajuntar a mi más uno,
que peor fuera de nós,
si Dios me hiziera ninguno,
que no de uno hazer dos.

Belf. Assim que se te perdeste
vieste a cobrar mais hum,
muy gentil conta fizeste,
pois que perdido soubeste
Que eras dous, sendo nenhum.

Sof. Pues teneis por abusio
verdad tan clara, y tan rasa,
aunque pone adm racion,
quiera Dios, que alla en casa
no halleis otro patron?

Anf. O patrão, que fuy buscar
parece, que vejo vir,
nam sei quem o foi chamar;
mas que me â de aproveitar
nam me quererem abrir?

A Belferraõ.

Belf. A señor
já sinto, que fuy culpado,
porque quem he convidado,
se tam vagaroso for,
merece nam ser chamado.

Anf. A vós, quẽ vos cóvidou?

Belf. Sosea, por mandado seu.

Anf. Disso Patraõ nam sei eu
que Sosea já me negou,
& já senam dà por meu.

E se alguem vos foi dizer,
qu'eu vos chamo à minha mesa
ma

mal vos darà de comer,
quem de todo lhe he defesa
a casa, & mais a molher.

Belf. Quem he esse tam ousado,
que vos isso faz señor?

Anf. Sosea creo, q' enganado,
por algum encantador,
que a honra me tem roubado.

Belf. Se elle aqui comigo vem,
isso como pôde fer?

Anf. Ha, que a ira, que vou ter
tam cega a vista me tem
que mo nam deixava ver;
porque razão, cavaleiro,
não me abris quando vos mado?

Sof. Y o señor, y como, y quando?

Anfitrião.

Quereislò saber primeiro.

Esperay dirvoloha,
mas será por outro son.

Sof. Ah señor Anfitriõ,
porque matandome está,
sin delito y sin razõ?

Anf. Agora, que vos eu dou
me chamais Anfitrião,
& para me abridès nam?

Belf. Este moço, em que pecou,
porqu epena sem razão.

Nò mais por amor de mi.

Anf. Naõ, q' naõ sou seu señor
eu sou hum encantador,
nam no dizeis vòs assi,
ladraõ, perro, enganador?

Sof. Porque fuy presto a llamar
por su mandado al Patron,
me quiere aora matar?

Anf. Quê volo mandou buscar.

Sof. Sino ay otro Anfitriõ,

vuestra merce sin dudar.

Anf. Eu te mandei?

Sof. Si señor,
si otro no.

Anf. Otro àqui,
por quem tu zombes de mi?
pois sò desse encantador
me quero vingar de ti.

Sof. Oh Jupiter a quien bramo
por su bondad que me vala,
pues porq' Sosea me llamo,
yo mismo, y despues mi amo
me dieron venida mala.

Entra Jupiter, & diz:

Jup. Quem he o tam atrevido,
que aqui ousa de fazer
tam revoltoso arroydo,
com meus moços, sem temer,
que fny sempre tam temido?
quem aqui faz união,
toma muy grande despejo:

Belf. Oh q' grande admiracão!
vejo eu outro Anfitrião,
ou he sonho isto, que vejo?

Sof. No mirais la encantacion,
que aquel hizo a mi señor?
el que sale, Belferron,
es el cierto Anfitriõ,
qu'estotro es encantador.

Jup. Sosea.

Sof. Mi señor ya vò.

Jup. Patrão sò por vòs espero.

Sof. No os lo dezia yo,
que este era el verdadero,
y esse que alla queda no?

Anf. Bargante adòde te vàs?
fazes teu señor sandeo?

pois

pois espera, & levarás.

Iup. Oulã tornai por detrás,
nam deis no moço, que he meu.

Anf. Vosso?

Iup. Meu.

Anf. Pôde isto aver,
que outrê minhas cousas tome?
vós galante aveis de ser,
o que me tomais o nome,
cala, moços, & molher.

Eu vos farei conhecer,
com quem tendes esse trato.

Iup. Sosea.

Sof. Señor.

Iup. Vai dizer,
que aparelhem de comer,
em quanto este doudo mato.

Bel. Oh señor, nam seja assim,
haja em vós concerto algum,
& senam, pois aqui vim,
farei que s' tome em mim
os golpes de cada hum.

Iup. Patrão vossa boa estrella
me fará deixar com vida,

quem me nam merec' tella.

An. Não na tenho eu merecida
pois que vos deixo com ella.

Bel. O homem que for fesudo
nãa tam grande questão,
ha de tomar por escudo
a justiça, & a razão,
que estas armas vencem tudo.

E pois essa natureza
muitos homẽs faz igoais
de qualquer de vós finais
de quem he, para certeza
da forma, que ambos mostrais.

Iup. Sou contente de mostrar
pelos finais, que vos dou
que são este sem saltar.

Anf. Que finais podeis vós dar,

para que sejais quem sou?

Iup. Estes, que logo vereis
se são vãos, se de raiz:

Patrão vós sede juiz,
que vós logo enxergareis
qual mais verdade vos diz.

Belf. Eu nam sinto onde cõsista
a cura desta doeça,
que ha tam pouca differença,
que aquelle é que ponho a vi sta
por esse dou a sentença.

Mas señor vós, que ordenastes,
que o juiz disto fosse eu,
quando se a batalha deu,
dizei, que me encomendastes,
que ficasse a cargo meu.

Iup. Deivos cargo, que estivesse
toda armada a bom recado,
& semal vos succedesse.
que para os vivos ouvesse
o refugio aparelhado.

Belf. Ora vós quantos dobroẽs
esse dia m' entregastes?

An. Tres mil, e vós os cõtastes.

Belf. Ambos sois Anfitriõs
pelos finais, que mostrastes.

Iup. Para ser mais conhecida
a tenção deste fandeu,
Vede estoutro final meu,
que he neste braço a ferida,
que me el-Rey Terela deu.

Belf. Mostraí vós señor tambẽ.

Anf. Aqui o podeis olhar.

Belf. Oh cousa para espantar!
que ambos a ferida tem
dum tamanho, em hum lugar!

Vem Sosea.

Sof. Dize mi señora Almena,
que no se ha de alli d'estar

cor

con un bovo a razonar,
que se le enfria la cena.
Iup. Belfarrão vamos cear.

Anf. Belfarrão não me deixeis
como, tambem me negais?

Iup. Andai nam vos detenhais,
vamos comer se quereis,
nam ouçais hum doudo mais.

Anf. Ah maos assi me ordenais
offensa tam mal olhada,
eu farei se me esperays,
com que todos conheçais
os fios da minha espada.

Iup. As portas prestes fechemos,
nam entre este doudo câ.

Sof. De fuera se dormirà
entretanto, que cenemos,
puede passearse allà.

Vão se dentro, & fica Anfitrião
só, & diz.

An. Oh ira para senão crer,
em que minh'alma se abraça,
que me faz endoudecer,
& nam me ajuda a romper
as paredes desta casa,
& porque nam tenho eu
forças, que tudo destrua,
pois que tanto a salvo seu,
outrem àcho, que possua
a melhor parte do meu?

Eu irei oje buscar,
quem me ajude a vir queimar
toda esta casa sem pena,
donde veja arder Almena,
com quem a vejo enganar.

Sae Anfitrião por hũa porta, &
entra por outra, vem Aure-
lio, & hum seu moço,
& diz.

Au. No hallo a mis males culpa
para que merezca pena
la causa, que me condena.

Moç. Essa está gentil desculpa,
para oje dar a Almena.

Temno mandado chamar,
& elle está tam descuidado.

Aur. Moço, queres me matar?
que desculpa posso eu dar
milhor qu'este meu curydado?
Moç. E não ha mais, q' fazer,
com isso a boca me tapa
para mais nada dizer??

Aur. Ora dame cá essa capa,
& vamos ver, o que quer.

Nam trates de mais razão,
pois nam ha quem te resista,
que veyo outra novaça o.

Moç. Que he?

Aur. Ou me mente a vista,
ou eu vejo Anfitrião.

Moç. Eu ouvi a Feliseo,
quando cà trouxe o recado,
como elle era chegado,
& quis me dizer, que veyo
do liso desconcertado.

Aur. Isso quero eu ir saber,
pois que tal cousa se soa;
señor pode se dizer,
que a vinda seja muy boa.

Anf. Essa nam póde ella ser.

Aur. Porque nam?

Anf. Porque he roubada
minha honra sem temor,
& minha casa tomada,

& vossa prima enganada
por hum grande encantador.

Aur. Isso he certo?

Anf. E manifesto,
& tudo tem já por seu
adulterio, & deshonesto,
tem me tomado o meu gesto,
& fazhe crer, que saõ eu.

Aur. Contais hũ caso d'espãto,
& pois, nam podeis entrar,
defendeime por em tanto,
que eu ey de lá de chegar
para ver, quem pôde tanto.

Vaife Aurelio dentro, & diz
Anfitrião.

Anf. Se ver deshonna tão clara
me nam tivera o sentido,
totalmente endoudecido,
que gravemente chorara,
ver tam grande amor perdido?
& quando vejo a verdade
do nosso amor & amizade
desfeito com tanta magoa,
enchemseme os olhos d'agoa,
& a alma de faudade.

Assi que quis minha estrella
para nunca ser contente,
que agora estando presente
viva mais faudoso della,
que quando della era ausente,
esta porta vejo abrir
com impeto demasiado,
que poderei presumir?
que vejo Aurelio sair,
como homem defatinado.

Vem Aurelio, & Belferrão, &
Sofea, & diz Aurelio.

Aur. Oh estranha novidade,

ô causa para nam crer.

Belf. Venho cego de verdade,
que nam podéra ô sofrer
meus olhos a claridade.

Sof. Oh triste que vengo cego
con rayos, y con visiones,
y destas encantaciones
si nuestra casa arde en fuego,
han se de arder mis colchones.

Aur. Vamos a Anfitrião
contarlhe coufas tamanhas.

Anf. Que vay lá, q coufas vão?

Aur. Maravilhas tam estranhas
que me treme o coração,
porque aquelle homẽ, que alli
tantos enganos teceo,
como era coufa do ceo,
tanto, que eu apareci,
logo desapareceo.

E em desaparecendo
com ruydo grande, & horrendo
toda a casa alumiou,
& d'arte nos inflamou,
que nos viemos acolhendo,
do rayo que nos cegou.
estes acontecimentos
nam saõ de humana pessoa,
vds ouvis a voz, que soa
escuta, estai atentos
vejamos, o que pregoa

Voz de Jupiter de dentro.

Anfitrião, que em teus dias
ves taman has estranhezas,
nam te espantem fantesias,
que às vezes grandes tristezas
parem grandes alegrias.
Jupiter saõ manifesto
nas obras de admiração,
que por mi causadas saõ,

quis me vestir em teu gesto,
por honrar tua geração.

Tua mulher parirá
hum filho de mim gerado,
que Hercules se chamará,
o mais valente, & esforçado,
que no mundo se achará.
Com este, teus successores
se honraráo de serem teus,

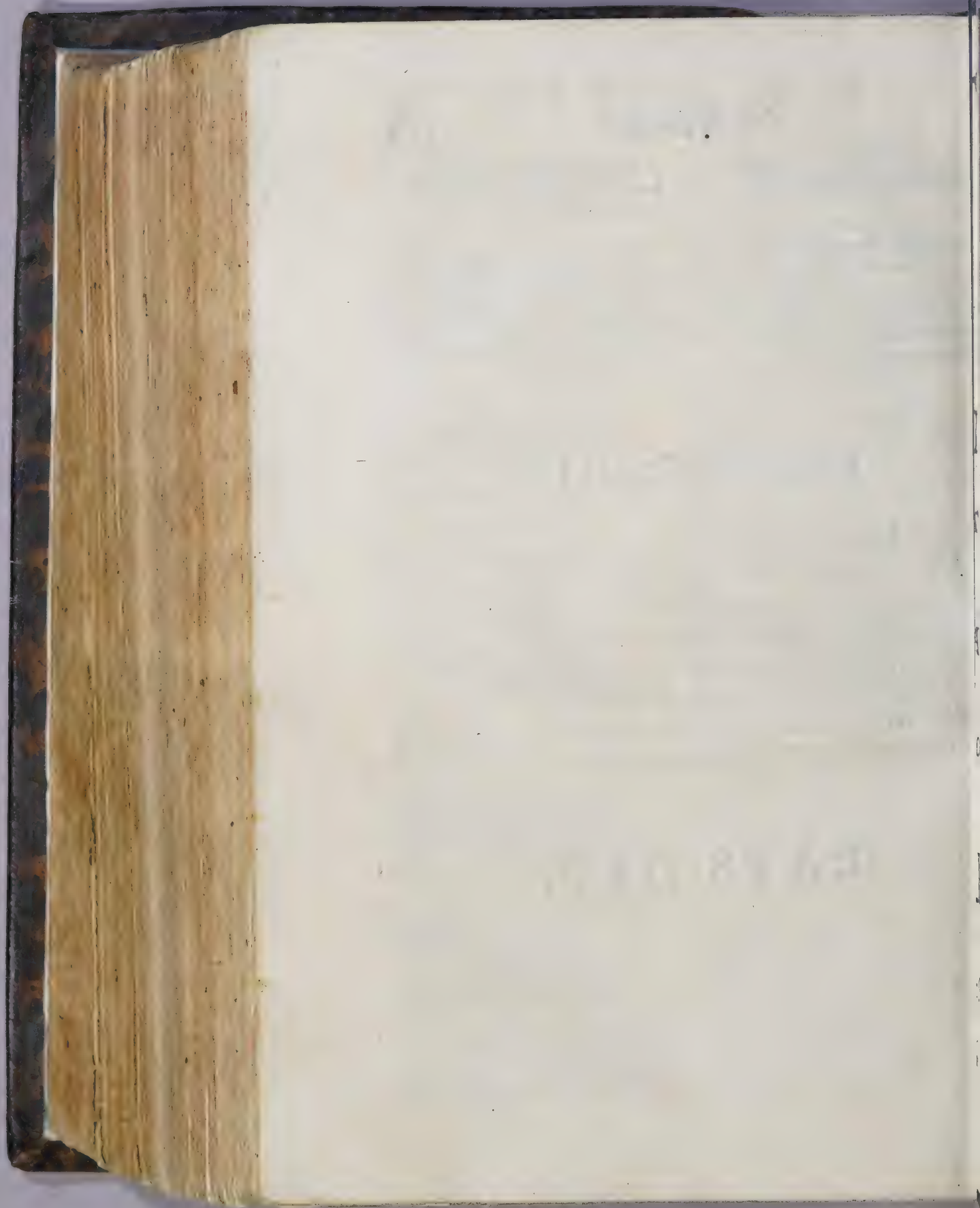
& darlheão os escriptores
por doze trabalhos sens,
doze milhoes de louvores.

E dessa illustre fadiga
colherás muy rico fruto,
emfim a razão me obriga,
que tam pouco della diga,
porque o tempo dirá muito.

Protestação da Fé.

A Aquella sancta barca, que se emprega
Segura no alto mar com bom governo,
Que ao pobre pescador firme se entrega,
Por mão do universal Senhor Eterno:
Que pois vê claro o porto, a que navega,
Sempre ondas vencerá do escuro Inferno,
A Catholica mãy Romana Igreja,
Quanto digo & differ, sujeito seja.

LAUS DEO.



TERCEIRA

P A R T E

DAS RIMAS

DO PRINCEPE DOS POETAS

PORTVGVESES

LVISDE CAMOENS.

TIRADAS DE VARIOS MANVSCRIPTOS
muitos da letra do mesmo Autor,

POR D. ANTONIO ALVAREZ
da Cunha

OFFERECIDAS A SOBERANA ALTEZA
DO PRINCEPE

DOM PEDRO.

Por Antonio Craesbeeck de Mello, Im-
pressor de S. ALTEZA, & à sua cu-
sta impressas. *Anno 1668.*

TERCEIRA

PARTE

DAS RIMAS

DE J. B. DE ALMEIDA

TOURNAI

LAISSE CAMOENS

THESE DE J. B. DE ALMEIDA

PAR J. B. DE ALMEIDA

de Paris

PARIS, chez la Citoyenne Lesclapart

DE LA CITÉ

DOM PEDRO

PAR J. B. DE ALMEIDA

PARIS, chez la Citoyenne Lesclapart

AN 1793

L I C E N C A S.

Vistas as informações que se houverão,
pode-se imprimir a Terceira parte das
Rimas de Luis de Camões, na forma que vai
emendada, & depois de impressa tornarão ao
Conselho para se conferir, & se dar licença pa-
ra correr, & sem ella não correrá. Lisboa 21.
de Janeiro de 1667.

Pacheco. Sousa. Fr. Pedro de Magalhães.

Rocha. Magalhães de Meneses.

D. Verissimo de Lancastro.

Pode-se imprimir. Lisboa 3. de Fevereiro
de 1667.

F. Bispo de Targa.

Pode-se imprimir, vistas as licenças do Or-
dinario, & S. Officio, & impresso tornarão
a esta Mesa, & sem isso não correrá. Lisboa
1. de Março de 667.

Monteiro. Magalhaens de Meneses. Lemos.

Miranda. Carneiro.

¶ Item in the year 1540
the said king was at
the city of London
and there he was
in the month of
the month of
the month of
the month of

the month of
the month of
the month of
the month of

the month of
the month of
the month of
the month of

the month of
the month of
the month of
the month of

the month of
the month of
the month of
the month of

DEDICATORIA

SENHOR.



OM infelice fortuna (por
que rara vez he propicia
aos benemeritos) come-
çaraõ a vagar pello mun-
do as obras que hoje ad-
miraõ do Princepe dos
Poetas Luis de Camoës; não posso crer
tanta ignorancia naquelles tempos, que
lhe diminuisse a estimaçaõ a falta de en-
tendellas, pois nesses mesmos vejo, que
pello que quizemos entender ousamos a
dominar novas terras, & a conculcar não
conhecidos mares: a falta de Princepe, q
as favorecesse foi a causa de lhe diminuir
aquella veneraçã, a que depois nos trou-
xerão mais os echos estranhos, que as vo-
zes proprias; pois não ha hoje lingua na
Europa, em que se não vejão traduzidas
as suas Lusíadas, que o mesmo Poeta deu
á estampa pellos annos de 1572. na me-
noridade

noridade do senhor Rey D. Sebastião, cuja desgraçada perda depois acabou de tirar de todo o credito a este admiravel poema, porq os animos estavam então mais para lamentar desgraças, q para aplaudir descripções. Com este receo, os que depois manifestarão as suas Rimas, imprimirão só aquellas que mais facilmente puderão alcançar; & eu me persuado, que a alta Providencia deixou estas para satisfazer o merecido a este tão inlignê Autor, encobrindoas com as trevas do esquecimento mais de cem annos, para que fahissem a luz entregues á protecção de V. A. cujos rayos lhe darão aquelle resplandor, que lhe havião tirado as sombras da enveja, ou da ignorancia.

Não lhe pareça a V. A. infructuosa applicar-se também a esta lição entre aquelles em que tão utilmente applicas lições, que atégora se pudesse queixar o governo de tão dilatada Monarchia, porq a lição de Achilles, a peregrinação de Moysés, a Conquista de Gotfredo corréra

fortuna de muitos outros iguaes Heroes,
se os Homeros, os Virgilios, & os Tassos
os não fzerão immortaes; lucua estatua
de Orfeo em Pieria, aos progressos de A-
lexandrie, mostrando naquella ancia o
Oraculo es Poetas, que se haviaõ de can-
çar em referilos aos seculos vindouros,
& eu cuido que a pezar do marmore que
cobre as cinzas do cadaver do nosso Or-
feo em S. Anna manifestará o calor, que
ainda guarda para repartir por muitos en-
genhos, que todos se haõ de aplicar em
eternizar no mundo as acçoens de V. A.
como di vida ao amparo que agora alcan-
çaõ suas obras. Guarde Deos a Real Pes-
soa de V. A. Lisboa.

D. Antõnio Alvarez da Cunha.

LEITOR.

Convidovos neste volume com os versos, que
ainda não vistes do nosso grande Poeta Luis
de Camões, que os trabalhos dos estudos nos
trouxerão à mão, de varios manuscritos,
muitos da letra propria do Autor; pouco hey mister
para vos fazer crer esta verdade, porque elles mesmos
testemunhão quem os fez, & se como Prothogenes
conheceis a linha de Apelles, esta offerca que vos faço,
sirva de peita à vossa benignidade, para outras que
vos hei de fazer. VALE.

SONETO 1.

Fortuna em mim guardando seu direito,
 Em verde derrubou minha alegria,
 O quanto se acabou naquelle dia,
 Cuja triste lembrança arde em meu peito!
 Quando contemplo tudo, bem sospeito
 Que a tal bem, tal descanso se devia,
 Por não dizer o mundo, que podia
 Acharse em seu engano bem perfeito:
 Mas se a Fortuna o fez por descontarme
 Tamanho gosto, em cujo sentimento
 A memoria não faz se não matarme:
 Que culpa póde dar-me o sofrimento,
 Se a causa que elle tem de atormentarme,
 Eu tenho de sofrer o seu tormento.

SONETO 2.

Ah Fortuna cruel, à duros Fados,
 Quaõ afinha em meu dano vos mudastes
 Passou o tempo, que me descansastes,
 Agora descansaes com meus cuidados:
 Deixastes-me sentir os bens passados,
 Para mór dor da dor, que me ordenastes,
 Entam nhũa hora juntos mos leuastes
 Deixando em seu lugar males dobrados:
 Ah quanto melhor fora não vos ver
 Gostos, que assi passaes tam de corrida,
 Que fico duvidoso se vos vi:
 Sem vós ja me não fica que perder,
 Senão se for esta cançada vida,
 Que por mór perda minha não perdi.

A

S O:

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 3.

Que doudo pensamento he o que figo!
Apoz que vão cuidado vou correndo!
Sem ventura de mim, q não me entêdo,
Nem o que callo sei, nem o que digo:
Pelejo com quem trata paz comigo,
De quem guerra me faz, não me defendo,
De fallas esperanças, que pretendo!
Quem do meu proprio mal me faz amigo!
Porque, se naci livre, me cativo!
E pois o quero ser, como não quero!
Porque me engano mais com defenganos!
Se já de fesperei, que mais espero!
E se inda espero mais, como não vivo!
Esperando algum bem de tantos danos!

SONETO 4.

Onde porei meus olhos, que não veja
A causa, donde nace meu tormento?
Ou a que parte irei com o pensamento,
Que para descansar parte me seja!
Enganase quem busca, ou quem deseja
Em vão a mór firmeza no contento,
Que todo seu prazer he nevoa ao vento,
Onde sempre o bem falta, & o mal sobeja:
Anda minha alma cega, anda enganada,
A luz não busco, nem me defengano,
Nem curo de razão, busco o desejo:
Apoz hum não sei que, apoz hum nada,
Onde he certo o perigo, & certo o dano,
Que quanto mais me chego, menos vejo.

SONETO 5.

Quando cuido no tempo, que contente
Vias perolas, neve, rosa, & ouro,
Como quem vê por sonhos hum thesouro,
Parece tenho tudo aqui presente:
Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quam distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente:
Ja forão dias, em que por ventura
Vos vi, senhora, se assi dizendo posso
Como coração seguro estar sem medo:
Agora em tanto mal não mo assegura
A propria fantasia, & nojo vosso,
Eu não posso entender este segredo.

SONETO 6.

Quando, senhora, quiz Amor que amasse
Essa gram perfeição, & gentileza,
Logo deu por sentença, que a crueza
Em vosso peito Amor acrescentasse:
Determinou que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza,
Mas que em minha rarissima firmeza
Vossa izenção cruel se executasse:
E pois tendes aqui offerecida
Esta alma vossa a vosso sacrificio,
Acabai de fatar vossa vontade:
Não lhe alargueis senhora mais a vida,
Acabará morrendo em seu officio,
Sua fê defendendo, & lealdade.

SONETO 7.

E U vivia de lagrimas izento
 Nam engano tão doce, & deleitoso,
 Que em q' outro amante fosse mais ditoso,
 Não valião mil glorias hum tormento:
 Vendome possuir tal pensamento,
 De nenhũa riqueza era enveioso,
 Vivia bem, de nada receoso
 Com doce amor, & doce sentimento:
 Cobiçosa a fortuna, me tirou
 Deste meu tão contente, & alegre estado,
 E passou-se este bem, que nunca fora:
 Em troco do qual bem, só me deixou
 Lembranças, que me matão cada hora,
 Trazendome à memoria o bem passado.

SONETO 8.

I Ndo o triste Pastor todo embebido
 Na sombra de seu doce pensamento,
 Taes queixas espalhava ao leve vento
 Cum brando suspirar da alma fahido:
 A quem me queixarei, cego perdido!
 Pois nas pedras não acho sentimento!
 Cõ quem fallo! a quẽ digo meu tormento!
 Que onde mais chamo, sou menos ouvido:
 O bella Nimpha, porque não respondes?
 Porque o olharme, tanto me encareces!
 Porque queres que sempre me querelle?
 Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
 Quãto mais mal me ves, mais te endureces?
 Assim que co mal cresce a causa delle.

SONETO 9.

SE a fortuna inquieta, & mal olhada,
 Que a justa Ley do Ceo configo infama,
 A vida quieta, que ella mais defama
 Me concedera honesta, & repousada:
 Pudera ser que a musa alevantada
 Com luz de mais ardente, & viva flama
 Fizera ao Tejo là na patria cama
 Adormecer co som da lyra amada:
 Porém, pois o destino trabalhoso,
 Que me escurece a mula fraca, & laça
 Louvor de tanto preço não sustenta:
 A vossa de louvarme pouco escaça
 Outro fogeito busque valeroso,
 Tal qual em vòs ao mundo se apresenta.

SONETO 10.

*A D. Simão da Sylveira em resposta de outro seu, pel-
 los mesmos consoantes, mandandolhe perguntar quem
 fora o primeiro Poeta que fizera Sonetos.*

DE hum tam felice engenho, produzido
 De outro, que o claro Sol não vio maior
 He trazer cousas altas no sentido
 Todas dignas de espanto, & de louvor:
 Museo foi antiquissimo Escripitor,
 Filosofo, & Poeta conhecido,
 Discipulo do Musico amator,
 Que co som teve o inferno suspendido:
 Este pode abalar o monte mudo,
 Cantando aquelle mal, que eu ja passei
 Do mancebo de Abydo mal fizudo:
 Agora contão ja (segundo achei)
 Tasso, & o nosso Boscam, que disse tudo
 Dos segredos, que move o cego Rey.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO II.

Este amor, que vos tenho limpo, & puro
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Telo dentro nesta alma sô procuro:
De haver nelle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou baixo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro:
A bonina, & a flor asinha passa,
Tudo por terra o Inverno, & Estio deita,
Sô para meu amor he sempre Mayo:
Mas vervos para mim senhora escassa,
E que essa ingratidão tudo me engeita,
Tras este meu amor sempre em desmayo.

SONETO 12.

Quem presumir, senhora, de louvarvos
Com humano saber, & não divino,
Ficarâ de tamanha culpa digno,
Quammanha ficaes sendo em contemplarvos:
Não pretenda ninguem de louvor darvos,
Por mais que raro seja, & peregrino,
Que vossa fermosura eu imagino,
Que Deos a elle sô quiz compararvos:
Ditosa esta alma vossa, que quizestes
Em posse pôr de prenda tão subida,
Como, senhora, foi a que me dêstes:
Melhor a guardarei, que a propria vida,
Que pois merce tamanha me fizestes,
De mim serâ ja mais nunca esquecida.

SONETO 13.

Q Vem poderâ julgar de vós, senhora,
Que com tal fee podia affi perdervos,
E vir eu por amor a abortecervos,
Que hei de fazer sem vós sômente hũ hora?
Deixastes quem vos ama, & vos adora,
Tomastes quem quiçã não sabe vervos,
Eu fui o que não soube merecervos,
E tudo entendo, & choro triste agora:
Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrarvos verdadeira,
Inda que estã tão clara esta verdade:
Em mim vivirá ella sempre inteira,
E se para perder ja a vida he tarde,
A morte não fará, que vos não queira.

SONETO 14.

V Encido estã de amor meu pensamento,
O mais que pôde ser vencida a vida,
Sogeita a vos servir instituida,
Offerecendo tudo a vosso intento:
Contente deste bem louva o momento,
Ou hora em que se vio tão bem perdida,
Mil vezes desejando a tal ferida,
Outra vez renovar seu perdimento:
Com essa pretensão estã segura
A causa que me guia nesta empreza,
Tão estranha, tão doce, honrosa, & alta:
Jurando não seguir outra ventura,
Votando só por vós rara firmeza,
Sem ser no vosso amor achado em falta.

S O.

SONETO 15.

Sempre, cruel senhora, reccei,
 Medindo vossa graõ desconfança,
 Que dèsse em desamor vossa tardança,
 E que me perdesse eu, pois vos amei:
 Percase em fim ja tudo o que esperei,
 Pois noutro amor ja tendes esperança,
 Tão potente será vossa mudança,
 Quanto eu encobri sempre o que vos dei:
 Deivos a alma, a vida, & o sentido,
 De tudo o que em mim ha vos fiz senhora,
 Prometeis, & negais o mesmo amor:
 Agora tal estou, que de perdido
 Não sei por onde vou, mas algum hora
 Vos dará tal lembrança grande dor.

SONETO 16.

Esse cabelo: lousos, & escolhidos,
 Que o ser ao claro Sol estão tirando,
 Esse artam peregrino, em que cuidando
 Estão continuamente meus sentidos:
 Esses furtados olhos, tão fingidos,
 Que minha morte, & vida estão causando,
 Essa fermosa graça, que em fallando
 Finge meus pensamentos não ser criados:
 Esse compasso certo, essa medida,
 Que faz dobrar no corpo a gentileza,
 Essa beldade em terra tão subida:
 Amostre piedade, & não crueza,
 Que são laços, que Amor tece na vida,
 Em mim de sofrimento, & em vós dureza.

SONETO 17.

DIzei, senhora, da belleza idea
 Para fazerdes esse aureo crino,
 Onde fostes buscar esse ouro fino,
 De que escondida mina, ou de que vea?
 Dos vossos olhos essa luz Phebea,
 Esse respeito de hum Imperio digno,
 Se o alcançastes com saber divino,
 Se com encantamentos de Medea?
 De que escondidas conchas escolhestes
 As perlas preciosas Orientaes,
 Que fallando mostraes no doce riso?
 Pois vos formastes tal, como quizestes,
 Vigiai vos de vós, não vos vejaes,
 Fugi das fontes, lembrevos Narciso,

SONETO 18.

NA ribeira de Eufrates assentado,
 Discorrendo me achei pella memoria
 Aquelle breve bem, aquella gloria,
 Que em ti doce Syaõ tinha passado:
 Da causa de meus males perguntado
 Me foi: como não cantas a historia
 De teu passado bem, & da victoria,
 Que sempre de teu mal has alcançado?
 Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
 O mal, inda que grave, & riguroso,
 Canta pois, & não chores dessa sorte:
 Respondi com suspiros: Quando crece
 A muita saudade, o piedoso
Remedio he não cantar, senão a morte.

SONETO 19.

El vaso reluziente, y cristalino,
 De Angeles agua clara, y olorosa,
 De blanca seda ornado, y fresca rosa,
 Ligado con cabellos de oro fino:
 Bien claro parecia el don divino
 Labrado por la mano artificiosa
 De aquella blanca Ninfagraciosa,
 Mäs que el rubio luzero matutino.
 Nel vaso vuestro cuerpo se affigura,
 Raxado de los blancos miembros bellos,
 Y en el agua vuestra anima pura:
 La seda es la blancura, y los cabellos
 Son las prisiones, y la ligadura
 Con que mi libertad fue asida dellos.

SONETO 20.

PVes lagrimas tratais mis ojos tristes,
 Y en lagrimas passais la noche, y dia,
 Mirad si es llanto este que os embia
 Aquella por quien vós tantas vertistes:
 Sentid mis ojos bien esta que vistes,
 Y si ella lo es, ò gran ventura mia,
 Por muy bien empleadas las avría,
 Mil cuentos, que por esta sola distes:
 Mas una cosa mucho deseada,
 Aunque se vea cierta, no es creida,
 Quanto más esta, que me es embiada:
 Pero digo que aunque sea fingida,
 Que basta que por lagrima sea dada,
 Porque sea por lagrima tenida.

SONETO 21.

QUando se vir com a agoa o fogo arder,
E misturar co dia a noite escura,
E a terra se vir naquella altura,
Em que se vem os Ceos prevalecer:
O Amor por rezão mandado ser,
E a todos ser igual nossa ventura,
Com tal mudança vossa fermosura,
Então a poderei deixar de ver.
Porém não sendo vista esta mudança
No mundo (como claro está não verse)
Não se espere de mim deixar de vervos:
Que basta estar em vós minha esperança
O ganho de minha alma, & o perderse,
Para não deixar nunca de querervos.

SONETO 22.

CHorai Ninfas os Fados poderosos
Daquella soberana fermosura,
Onde forão parar na sepultura
Aquelles reaes olhos graciosos?
Oh bens do mundo falsos, & enganosos!
Que magoas para ouvir, que tal figura
Jaza sem resplendor na terra dura
Com tal rosto, & cabellos tão fermosos:
Das cutras que lerà! pois poder teve
A morte sobre cousa tanto bella,
Que ella eclipsava a luz do claro dia:
Mas o mundo não era digno della,
Por isso mais na terra não esteve,
Ao Ceo sobio, que ja se lhe devia.

SONETO 23.

A H imiga cruel, que apartamento
 He este, que fazeis da patria terra?
 Quem do paterno ninho vos desterra,
 Gloria dos olhos, bem do pensamento?
 Is tentar da Fortuna o movimento,
 E dos ventos crueis a dura guerra,
 Ver brenhas de agoa, & o mar feito ã serra,
 Levantado de hum vento, & de outro vëto:
 Mas ja que vos partis, sem vos partirdes,
 Parta com vosco o Ceo tanta ventura,
 Que seja mór que aquella que esperardes:
 E sô nesta verdade ide segura,
 Que ficão mais saudades com partirdes,
 Do que breves desejos de chegardes.

SONETO 24.

S Enhora ja desta alma perdoai
 De hum vencido de amor os desatinos;
 E sejião vossos olhos tão beninos,
 Como este puro amor, que d'alma sai:
 A minha pura fee sômente olhai,
 E vede meus extremos se são finos,
 E se de algũa pena forem dignos,
 Em mim, senhora minha, vos vingai:
 Não seja a dor, que abraça o triste peito,
 Causa por onde pene o coração,
 Que tanto em firme amor vos he fugeito:
 Guardaivos do que alguns, dama, dirão,
 Que sendo raro em tudo vosso objeito
 Possa morar em vós ingratidão.

SONETO 25.

Quem vos levou de mim, saudosos e estado,
 Que tanta semrazam comigo usa stes?
 Quem foi por quem tão presto me negastes
 Esquecido de todo o bem passado?
 Trocastes-me hum descanso em hum cuidado
 Tão duro, tão cruel, qual me ordenastes,
 A fee, que tinheis dado, me negastes,
 Quando mais nella estava confiado:
 Vivia sem receo deste mal,
 Fortuna, que tem tudo a sua merce,
 Amor, com desamor me revolueo:
 Bem sei que neste caso nada val,
 Que quem naceo chorando justo he,
 Que pague com chorar o que perdeo.

SONETO 26.

Diversos casos, varios pensamentos
 Me trazem tão confuso o entendimêto,
 Que em nada vejo já contentamento,
 Senão quando se vão contentamentos:
 Em varios casos varios sentimentos
 Succedem, por mostrar ao fundamento,
 Que he o que se deseja tudo vento,
 Pois pinta haver descanso em vãos intêtos:
 Vese em grandes discursos o desejo,
 Quando às occasiões os tempos mudão,
 Não ha cousa impossivel a hum cuidado:
 O injusto co justo he ja trocado,
 Os duros montes seus assentos mudão,
 Eu só não posso ver meu mal mudado.

SONETO 27.

DOce sonho, suave, & soberano,
 Se por mais longo tempo me durára,
 Ah quem de sonho tal nunca acordára,
 Pois havia de ver tal desengano:
 Ah delicioso bem, ah doce eugano,
 Se por mais largo espaço me enganara,
 Se então a vida mísera acabára,
 De agridão, & prazer morrerá ufano:
 Ditoso, não estando em mim, pois tive
 Dormindo o que acordado ter quizerá,
 Olhai com que me paga meu destino!
 Em fim fôra de mim ditoso estive,
 Em mentiras ter dita razão era,
 Pois sempre nas verdades fui mofo.

SONETO 28.

Diana prateada esclarecia
 Com a luz, que do claro Phebo ardente,
 Por ser de natureza transparente,
 Em si, como em espelho reluzia:
 Cem mil milhoês de graças lhe influía,
 Quando me appareceo o excellente
 Rayo de vosso aspecto, differente
 Em graça, & em amor do que solhia:
 Eu vendome tão cheo de favores,
 E tão propinquo a ser de todo vosso,
 Louvei a hora clara, & a noite elcura:
 Pois nella dêstes cor a meus amores,
 Onde colijo claro que não posso
 De dia para vós já ter ventura.

S O N E T O 29.

Em lingua Gallega.

A Là en Monte Rey, en Bal de Leça,
 A Biolante bi beira de hum rio,
 Tam fermosa em berdá, que quedè frio
 De ber alma immortal em mortal maça:
 De hum alto, & lindo copo a feda laça
 A Pastora facaba fio a fio,
 Quando lhe disse, morro, corta o fio,
 Bolveo, não cortarei, seguro passa:
E como passarei, se eu acà quedo,
 Se passar, respondi, não beu seguro,
 Que este corpo sem alma morra cedo:
 Com a minha, que lebas, te asseguro
 Que não morras Pastor: Pastora ei medo,
 O quedar me parece mais seguro.

S O N E T O 30.

Porque me faz Amor inda acà torto,
 O mal te faga Deos desbergonçado,
 Rapaz bil, descortez, que me has guiado
 A ber a Biolante, que me ha morto:
 Bila, por más non berme tomar porto
 En repouso ningun desbenturado,
 Mas para chorar sempre quede a bado
 As agoas dos meus olhos som conforto:
 Bem vir ser tua madre Cypriana
 Una mundana astrosa, deshonestá,
 Cruel, falsa, sem ley, dura, & tirana:
 Que a bós ella ser outra, & não ser esta,
 Não tiberas bontá tão deshumana,
 Nem fora contra mim tão cruda besta.

SONETO 31.

O Lhos fermosos, em quem quiz natura
 Mostrar do seu poder altos finais,
 Se quizerdes saber quanto possais,
 Vedeme a mim, que saõ vossa feitura:
 Pintada em mim se vê vossa figura,
 No que eu padeço retratada estais,
 Que se eu passo tormentos desiguais,
 Muito mais pôde vossa fermosura:
 De mim não quero mais que o meu desejo,
 Ser vosso, & só de ser vosso me arreyo,
 Porque o vosso penhor em mim se affelle:
 Não me lembro de mim, quando vos vejo,
 Nem do mundo, & não èrro, porque creyo
 Que em lembrarme de vós cumpro cõ elle.

SONETO 32.

E M quanto Phebo os montes acendia
 Do Ceo com luminosa claridade,
 Por evitar do ocio a castidade,
 Na caça o tempo Delia despendia:
 Venus, que então do furto descendia,
 Por cativar de Anchises a vontade,
 Vendo Diana em tanta honestidade,
 Quasi zombando della, lhe dizia:
 Tu vâs com tuas redes na espessura
 Os fugitivos cervos enredando,
 Mas as minhas enredão o sentido:
 Melhor he (respondia a Deosa pura)
 Nas redes leves cervos ir tomando,
 Que tomarte alli nelles teu marido.

S O.

SONETO 33.

A Dynamene morta nas agoas.

A H minha Dynamene, assi duraste,
 Quem não deixâra nunca de quererte?
 Ah Niua minha, ja não posso verte,
 Taõ azinha esta vida desprezaste?
 Como ja para sempre te apartaste
 De quem tão longe estava de perderte?
 Poderaõ estas ondas defenderte,
 Que não visses quem tanto magoaste?
 Nem fallarte sòmente a dura morte
 Me deixou, que taõ cedo o negro manto
 Em teus olhos deitado consentiste:
 O mar, ô Ceo, ô minha escura morte?
 Que pena sentirei, que valha tanto,
 Que ainda tenho por pouco o viver triste?

SONETO 34.

O Rigurosa ausencia receada
 De mim sempre, mas nunca conhecida,
 Saudade outro tempo tão temida,
 Quanto em meu dano agora exprimentada:
 Ja rigurosamente começada
 Tendes vossa aspereza em minha vida,
 Tanto que temo ja que de oprimida
 Sejaes com ella mui cedo acabada:
 Os dias mais alegres me entristecem,
 As noites em cuidados as desconto,
 Em que sem vós sem conto me parecem:
 Em desejo, & esperança as horas conto,
 Mas com a vida em fim elles fallecem,
 Não me posso valer de assistir pronto.

SO.

SONETO 35.

SE de vossô feroso, & lindo gesto
 Nacêrão lindas flores para os olhos,
 Que para o peito são duros abrolhos,
 Em mim se vé mui claro, & manifesto:
 Pois vossa ferosura, & vulto honesto
 Em os ver, de boninas vi mil mólhos,
 Mas se meu coração tiverá antolhos,
 Não vira em vós seu dano o mal funesto:
 Hum mal visto por bem, hum bem tristonho,
 Que me traz elevado o pensamento
 Em mil, porém diversas, fantasias:
 Nas quaes eu sempre ando, & sempre sonho,
 E vós não cuidaes mais q' em meu tormêto,
 Em que fundaes as vossas alegrias.

SONETO 36.

NVim tão alto lugar de tanto preço
 Este meu pensamento posto vejo,
 Que desfallece nelle inda o desejo,
 Vendo quanto por mim o desmereço:
 Quando esta tal baixeza em mim conheço,
 Acho que cuidar nelle he gram despejo,
 E que morrer por elle me he sobejo,
 E mór bem para mim do que mereço:
 O mais que natural merecimento
 De quê me causa hum mal tão duro, & forte
 O faz que vá crescendo de hora em hora:
 Mas eu não deixarei meu pensamento,
 Por que inda que este mal me causa a morte
 Vn bel morir tutta la vita honora.

S. O.

SONETO 37.

Q Vando a suprema dor muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He força que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta:
E assi de erro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Mostrando que he engano, ou fingimento
Dizer que em tal descanso mais se acerta:
Porque essa mesma imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço
Me faz de hum certo modo ser presente:
Ditosa he logo a pena que padeço,
Pois que da causa della em mim se sente
Hum bem, que inda sem vervos reconheço.

SONETO 38.

Q Vantas penas Amor, quantos cuidados,
Quantas lagrimas tristes sem proveito,
De que mil veze olhos, rosto, & peito
Por ti cego, me viste ja banhados:
Quantos mortaes suspiros derramados
Do coração, por tanto a ti fogueito,
Quantos males em fim tu me tens feito,
Todos forão em mim bem empregados:
A tudo satisfaz (confessoté isto).
Hũa só vista branda, & amorosa,
De quem me cativou minha ventura:
O sempre para mim hora ditosa,
Que posso temer já, pois tenho visto
Com tanto gosto meu, tanta brandura?

S O.

SONETO 39.

SE como em tudo o mais fostes perfeita,
 Foreis de condiçã menos altiva,
 Vida pôde esperar esta cativa
 Vida, que a vossos pés morta se deita:
 Mas quanto de vós vé, quanto sospeita,
 Estorvos são, para que mais não viva,
 E para maior mal a morte esquiva,
 Vêdo que me engeitaes, também me engeita:
 Se nisto contradiz vossa vontade,
 Mandailhe vós, senhora, que dê fim
 A vida tão cercada de tristeza:
 Pois ella não o faz por piedade,
 Que tenha do meu mal, mas porq em mim
 Vivendo farteis vós vossa crueldade.

SONETO 40.

O Tempo acaba, o Anno, o Mez, & a Hora,
 A Força, a Arte, a Manha, a Fortaleza,
 O Tempo acaba a Fama, & a Riqueza,
 O Tempo o mesmo Tempo de si chora:
 O Tempo busca, & acaba o onde mora
 Qualquer ingratição, qualquer dureza,
 Mas não pôde acabar minha tristeza,
 Em quanto não quizerdes vós senhora:
 O Tempo o claro dia torna escuro,
 E o mais ledo prazer em choro triste,
 O Tempo a tempestade em grão bonança:
 Mas de abrandar o tempo estou seguro,
 O peito de diamante, onde confiste
 A pena, & o prazer desta esperança.

SONETO 41.

Posto me tem Fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido,
Não tenho que perder já de perdido,
Nem tenho que mudar já de mudado:
Todo o bem para mim he acabado,
De aqui dou o viver já por vivido,
Que aonde o mal he tão conhecido,
Tambem o viver mais será escusado:
Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convem,
E curarei hum mal com outro mal:
E pois do bem tão pouco bem espero,
Ja que o mal este só remedio tem,
Não me culpem em querer remedio tal.

SONETO 42.

IA não fere o Amor com arco forte,
As settas tem lançadas ja por terra,
Como fohia ja não nos faz guerra,
Porque a que nos faz he de outra sorte:
Com olhos pelloz olhos nos dà morte,
E para acertar o que não erra,
Os vossos escolheo, em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte:
Concedevos o Amor tão graõ poder,
Que vós sejaes do seu livre, & izenta:
Apagouse a candeia no meio da consoante,
Por isso Feliza se vos não contenta,
Não vades com o soneto por diante,
Que he sonho o que a fantasia representa.

SO.

SONETO 43.

Lembranças, que lembraes meu bẽ passado,
 Para que sinta mais o mal presente,
 Deixaime (se quereis) viver contente,
 Não me deixeis morrer em tal estado:
 Mas se tambem de tudo està ordenado
 Viver (como se vê) tão descontente,
 Venha (se vier) o bem por accidente,
 E dê a morte fim a meu cuidado:
 Que muito melhor he perder a vida,
 Perdendo se as lembranças da memoria,
 Pois tanto danno fazem ao pensamento:
 Affi que nada perde, quem perdida
 A esperança trãs de sua gloria,
 Se esta vida ha de ser sempre em tormento.

SONETO 44.

Doce contentamento ja passado,
 Em que todo meu bem ja consistia,
 Quem vos levou de minha companhia,
 E me deixou de vós tão apartado:
 Quem cuidou que se visse neste estado
 Naquellas breves horas de alegria!
 Quando minha ventura consentia,
 Que de enganos vivesse meu cuidado:
 Fortuna minha foi cruel, & dura
 Aquella, que causou meu perdimento,
 Com a qual ninguem pôde ter cautela:
 Nem se engane nenhũa creatura,
 Que não pôde nenhum impedimento
 Fugir do que ordena sua estrella:

SONETO 45.

Muito ha que eu soube da ventura
 A vida, que me tinha destinada,
 Que a longa experiencia da passada
 Me dava claro indicio da futura:
 Amor fero, & cruel, Fortuna escura,
 Bem rendes vossa força experimentada,
 Assolai, destrui, não fique nada,
 Vingai vos desta vida, que inda dura:
 Soube da dita Amor, que eu a não tinha,
 Porque sentiſſe mais a falta della,
 De imagens impossiveis me mantinha:
 Mas vós, senhora (pois que minha estrellã
 Não foi melhor) vivei nesta alma minha,
 Que não tem a Fortuna poder nella.

ELEGIA I.

*A morte de Dom Miguel de Meneses, filho de
 D. Henrique de Meneses, Governador da Casa
 do Civel, que morreu na India.*

Que novas tristes são, que novo dano!
 Que mal inopinado incerto soa,
 Tinguindo de temor o vulto humano?
 Que vejo as prayas humidas de Goa
 Ferver com gente attonita, & torvada
 Do rumor, que de boca em boca soa.

He:

He morto Dom Miguel, ah crua espada,
E parte da lustrosa companhia,
Que se ēbarcou na alegre, & triste armada,
E de espingarda ardente, & lança fria
Passado pello torpe, & iniquo braço,
Que nossas altas famas injuria,
Nã lhe valeo rodela, ou peito de aço,
Nem animo de Avòs altos herdado,
Com que se defendeo tamanho espaço.
Nã terse em derredor todo cercado
De corpos de inimigos, que ex halavão
Anegra alma do corpo traspassado.
Nã com palavras fortes, que voavaõ
A animar os incertos companheiros,
Que fortes caem, & timidos viravaõ.
Mas ja postos nos termos derradeiros,
Passados por mil partes, & cortados
Os membros sô do nobre esforço inteiros.
Os olhos de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentaõ
Dos fracos inimigos espantados.
Postos no Ceo, parece que apresentaõ
A pura alma à Suprema Eternidade,
Por quem os Ceos, & terra se sustentãõ.
E pedindo dos erros, que na idade
Verde, & quasi innocente, ja fazia,
Perdaõ á pia, & justa Magestade.
As Rosas apartou da neve fria,
E como flama fraca, a quem fallece
Seu humido licor, de que vivia.
Nas mãos do choro Angelical, que dece,
Se entrega, & vai gozar da vida eterna,
Que com tão justa morte se merece.

Vaite alma em paz â gloria sempiterna,
 Vai, que quem pella Ley santa, & divina
 Morre, a dá a Deos, que os Ceos governa.
 Quando pella razaõ devida, & dina
 Do Rey, da Patria, & honra dos passados
 Sacrificar a vida nos ensina.
 Nos assentos de estrellas esmaltados
 Lhe dá lugar a altissima Clemencia
 Entre os Heroes â gloria destinados.
 Mas ah, quem sofrerá perpetua ausencia
 De tão charo Senhor, tão fido amigo!
 Quem porá contra magoas resistencia!
 Aquelle animo grande, que do antigo
 De seus mayores era alto retrato,
 Desprezador de todo o vil perigo.
 Misturado com doce, & brando trato
 Cos iguaes juntamente, & cos menores
 A todos amorofo, a todos grato.
 Aquelle espirito nobre, onde mayores
 Esperanças crefciaõ, se o tão duro
 Caso, as não cortara em novas flores!
 Em verde idade, sifo ja maduro,
 Alegre riso, ledos, & aberto peito,
 Em repousado espirito seguro.
 Não seberbo, & por arte contrafeito,
 Mas todo puro, & em fim da natureza,
 Mais para o Ceo, que para a terra feito.
 Tambem do corpo a humana gentileza,
 O bem talhado gesto, que mostrava
 Forças iguaes, & manhas com destreza.
 A cor, que o fresco rosto matizava
 As rosas, flores novas de alegria,
 Com que o Verão as faces adornava.

Tudo os fios da morte, que desvia
Dos propósitos nossos, & saltea,
Cortarão cruamente, quando abria.
Deixa pois tu, fermosa Cytherea,
Do gentil filho, & neto de Cyniras
O pranto pella morte horrenda, & fea.
E tu dourado Apollo, que suspiras
Pello crespo Hyacinto, moço charo,
Por quem a clara luz ao mundo tiras.
Vinde, & chorai hum moço ao mundo raro,
Não de ferino dente vulnerado,
Nem de animal algum, que haja reparo.
Mas sô do fero imigo traspassado,
Que sem duvida incerta, ou pio medo
A vida poz nas mãos de Marte irado.
Está tu tambem moço Idalio quedo,
Deixa de dar o venenoso mel
A beber pellos olhos triste, & ledo.
Que ja os fermosos olhos de Miguel
Cubertos são do negro, & escuro manto
Da ley geral a todos, mais cruel.
E vós filhas de Thespis, que do canto
Podeis bem mitigar a ley immensa
Dos irmãos generosos, & alto pranto.
Não consintaes que fação larga offensa
A grande integridade, que se devem,
Não são agoas do dano recompensa.
Que ja diante os olhos me descrevem,
Quando as bocas da fama voadora
Ao patrio, & claro Tejo as novas levem.
A profunda tristeza, que em hum hora
Tal posse tomará dos altos peitos,
Que a razão quasi quasi deite fora.

Alli de dor os coraçoes fogeitos,
Pezadas lhe seraõ consolaçoens,
E pezados exemplos, & respeitos.
Pequena he certo a dor, que com razoes
Se pôde refrear, nem com memoria
De outros antigos, & integros varoens.
Mas porẽm se igualaes a vida á gloria
Meu grande Dom Phelippe, & pretendeis
Deixar de vossas obras larga historia.
Eu não vos admoeito, que estreiteis
O coração na Estoica disciplina,
Onde livre de effeitos vos mostreis,
Que mal natura nossa determina
Medo, esperanças, dores, & alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.
Immanidade estúpida diria
O Sulmonense canto, & vil rudeza
He não sentir effeitos, que a alma cria.
Porẽm se não sentir nada, he bruteza,
E se paixão de vida se consente,
Tambem o sentir muito he ja fraqueza.
Se doe a opinião do mal presente,
E medo, & opinião do mal futuro,
São em fim tudo opinioens da gente.
O verdadeiro sabio està seguro
De leves alegrias, & de espanto
De dor, que turba da alma o licor puro.
Inda antes que aconteça o riso, & o pranto
Os temja no sentido meditados,
Livre està de alvoroço, & de quebranto.
E como de alta torre vê cuidados
Humanos vaõs, & aquella differença
De ambiçoens, & cobiças, & peccados.

Todo caso acha nelle só presença,
Que como as febres, são da carne humana,
Assi os effeitos d'alma são doença.
Se esta doutrina credes, que he profana,
Ponde os olhos na nossa, que he divina,
E sobre todas santa, & soberana.
Vereis Aram, que não se contamina
Sobre os montes seus, que defendida
A dor lhe foi da santa disciplina.
Não chega a ver parentes, que da vida
Partidos são, que na alma a Deos agrada,
Que nenhũa afflicção do mundo impida.
Nós sonos geração a Deos dicada
Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
Do gentilico culto ser tocada.
Sedos antigos Padres ja se escreve,
Que chorando, aos mortos enterrarão
Com dor, & pranto publico, & não leve.
Era porque inda as portas não quebrarão
Do Ceo sereno aquellas mãos cravadas,
Que os antigos contagios alimparão.
E tambem por ornar as sempre usadas
Pompas do funeral enterramento
Com publicas exequias costumadas.
Esta alta fortaleza, & sofrimento
Como a forte Varão vos he devido,
E como ley do santo documento.
Bem conheço, que o corpo assi perdido,
Que do sepulchro nobre aqui carece
Sera de aves, ou feras consumido.
Mas tambem nisto vi que se parece
Co do gram Bisavô, que pella vida
Real a sua âs lanças offerece.

Fazendo

Fazendo com seus membros impedida
A passagem aos feros Tingitanos,
Ficou sem sepultura merecida.
E lá nos aposentos soberanos
O recebem da palma coroados,
Desprezando do corpo baixo os danos.
E elle diz, que das gentes enterrado
Qualquer corpo será, mas quem morreo
Por Deos, he só dos Anjos sepultado.
Que mais rico, & fermoso Mausoleo,
Que pyramides altas, que figura
De mortalha, que chegue a estar no Ceol
Facil he a perda aqui da sepultura,
Diogenes prudente, & Theodoro
Pouco sentem do corpo essa jactura.
Assi fermoso, inteiro, assi decoro,
Adora quem o tem, como o tomou
Quando se ouvir o extremo som sonoro,
Mas oh, que temor supito occupou
Vosso peito famoso, ò Portuguezes,
Que pavido temor vos lanceou.
Que lançadas, que golpes, que reveles,
Vos fizerão fazer tamanha injuria
Aos Lusitanos bellicos arneses?
Ou ja de Capitão sobeja incuria?
Ou a fraqueza? Não, que elle sustentava
Co seu corpo dos barbaros a furia.
Ou do ferreo cano a força brava
Com estrondos, que atroaõ mar, & terra,
Que os coraçoes no peito congelava.
Ou quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustenteis com valor sempre ousado,
Desprezando o furor, que a vida enterra.

30 *III. PARTE DAS RIMAS*

A vida pella patria, & pello estado
 Pondo, vossos Avós a nós deixarão
 Terras, mares, & exemplo sublimado.
 Elles a desprezar nos ensinarão
 Todo o temor, pois como agora os netos
 Subitamente assi degenerarão.
 Não podem certo não viver quietos
 Com fea infamia peitos generosos
 Em publicos lugares, nem secretos.
 Mortos os Espartanos valerosos,
 Da fera multidão fazendo estremos
 Taes Epitaphios tinham gloriosos.
 Dirás hospede tu, que aqui jazemos
 Passados do inimigo ferro, em quanto
 As santas leys da patria obedecemos.
 Fugindo os Persas vão com frio espanto,
 Mas achão as mulheres no caminho
 Amostrandolhe o ventre sem ter manto,
 Pois fugis do perigo, que he visinho,
 Fracos, vinde escondervos (lhe dizião)
 Outra vez no materno escuro ninho.
 Vedes quaes com mais gloria ficarião
 Se aquelles que em fim morrẽ pello estado,
 Se os outros, que as mulheres injuriaõ.
 Mas tu claro Miguel, que ja acordado
 Deste sonho tão breve estãs naquella
 Torre do Ceo seguro, & repousado.
 Onde com Deos unida a forte, & bella
 Alma, com teus mayores reluzindo,
 Por cada chaga tens hũa clara estrella.
 Os pés o cristalino Ceo medindo,
 Pizando essas luciferas Esferas,
 Ja da terrena os olhos encobriado.

Agora

Agora hum curso, & outro consideras,
 Agora a vaidade dos mortaes,
 Que tu tambem passaras, se viveras
 Mais a pena cantára, a poder mais.

ELEGIA II.

*A morte de Dom Tello, que matarão na India:
 achouse em hum manuscripto do Arcebis-
 po Dom Rodrigo da Cunha, feito
 no anno de 1568.*

S Ayão desta alma triste, & magoada
 Palavras magoadas de tristeza,
 E seja ao mundo a causa declarada.
 Saya do peito a voz, com que a graveza
 Sogiga, doma, & as gentes move tanto,
 Por mais, & mais que tenhaõ de dureza.
 E vòs meus olhos tristes entretanto
 Em lagrimas esta alma derretida
 Chorai, que amargo choro he o meu canto.
 Quanto de mim a causa foi sentida,
 Seja de vòs chorada, & juntamente
 Choremos hũa morte, & hũa vida.
 Abondade choremos innocente,
 Cortada em flor, que pella acerba morte
 Nos foi arrebatada dentre a gente.
 E aquella immensa dor, & dura sorte
 Da magoada mãy, cuja alma triste
 Tambem cortada foi com agudo corte.

O espirito gentil, que ao Ceo subiste,
Porque engeitaste a minha companhia,
E a acompanharte eu não consentiste.
Este he o canto heroico, & de alegria,
Que eu ja em teu louvor aparelhava,
Como o tornou a morte em Elegia.
Esta he a esperança, que nos dava
De ti, tua tenra, & alegre mocidade,
De quem tão grandes cousas se esperava.
O Hymineo, que em maes perfeita idade
Com honras mil te andava aparelhando
A mãy, de quem não ouveste piedade.
Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em vam a casa em toda a parte
Amado Filho meu, por ti bradando.
Quem me vedou os olhos teus ferrarte,
Que em tam amarga, & triste despedida
Pudera esta alma minha acompanharte.
Quem te privou da chara, & doce vida,
Meu filho tão fermoso, & mal logrado
Dous corações passou hũa só ferida.
Em terra de desterro, ay filho amado,
Deixandome sem ti desempurada,
Quizeste ser de estranhos sepultado.
Se hias para fazer tão grão jornada,
Não levarás em tua companhia
Esta misera mãy desconsolada,
Quizaes que algum soccorro te seria,
Que vendo vir a espada em alto erguida,
Filho, com hum grito meu te avisaria.
Ou recebêra o golpe nesta vida,
Metendome no meio, & tu viveras,
Barraca de meu sangue esse homicida.

Ay filho, meu amor, que tu sô eras
Quem com tua vida alegre algum descanso
A meu viver cançado dar puderas.
E tu seràs também quem manço a manço
Me acabaràs a vida, que eu queria
Sem ti ver acabada de hum só lanço.
E vós também mulheres, que paristes
Ajudaime a chorar, porque em mal tanto
Não satisfazem só meus olhos tristes.
Assi com grave dor de canto a canto
Até nos coraçoes de môr dureza
Soa hũa voz confusa, hum amargo pranto.
O tu, honra, & primor da natureza,
Illustre, & fermosissima Maria,
Não trates mal, senhora, tal belleza?
Pois só custodia es, donde alegria
Defunta, & tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.
Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
De alegrares a mãy chorosa, & triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.
Posto que a dor do irmão muito sentiste
Não destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio nisso não consiste.
Não trates mal as nitidas estrellas
Dos olhos teus com lagrimas ardentes,
Pois tem mais resplendor que todas ellas.
Não offendas as faces refulgentes,
Obra de Deos, com mão despiedosa,
Da patria honra, se louvor das gentes.
Mas vai com doce voz, branda, & amorosa
Consola a triste mãy desconsolada
Com tua vista alegre, & tão fermosa.

Prometelhe, que em si resuscitada
Verá sua alegria já perdida,
De todos tão sentida, & tão chorada.
Pois teu remedio está só em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Não dê tanto lugar à dor crecida.
Bem se permite a fraca humanidade
Por filho tal, & tanto tempo ausente
Hum moderado pranto, hũa saudade.
Mas tão continua dor, que espante a gente,
E poem em tal extremo a vida amada,
Nê o mundo o quer, nê Deos não o cõsente.
Não foi a morte de Heitor sempre chorada,
Da triste mãy, que alem de filho amado,
Era por ellesô Troya amparada.
Mas já del'pois de morto, & arrastado
Com Grego applauso, vozes, & alarido,
O corpo houve às mãos desconjuntado.
Perdida a cor, o collo recaído,
Não parecia Heitor, que dantes era,
De pó, de sangue, & de suor tingido.
Com seus olhos lavoulhe a chaga fera,
Com suas mãos o rosto lhe alimpava
Sem alma, & sangue, já de cor de cera.
Mas vendo em fim quão pouco aproveitava
Seu choro, & nê por mais q em vão bradado
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.
Delagrimas os olhos enxugando,
Desenganada já do Filho amado
Se foi com a amada filha consolando.
Nem sempre o fero Achilles foi chorado
De Thetis sua mãy, do branco coro,
Princepe Grego tão affinalado.

Tambem pagou à morte o antigo foro,
E à Deosa não valeo ser prevenida,
Nem suspiros valêrao, nem seu choro.
Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, & filho amado
Da Deosa de Nereo tão querida.
Nas agoas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro não pudesse ser cortado.
Mas a agoa não chegou àquella parte,
Que esquadrinhou a setta aguda, & forte,
Que contra ella não val engenho, & arte.
Choràrao as Gregas gentes sua morte,
Os Phocas, & Delphins tambem choràrao,
Chorou do gram Nereo toda a corte.
Tantas lagrimas tristes derramàrao,
Tanto chorou a mãy, que muito o amavã,
Que o Xanto, & o Simois acrescentàrao.
Mas vendo que o chorar não aproveitava,
E que era dor perdida, & desatino,
Os seus fermosos olhos alimpava.
E com alegre rosto de ar benino
O Ceo, a Terra, o Mar, tudo alegrando,
E os cidadãos do Reyno cristalino.
Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Ninfas rodeada,
Tornando a vista atraz de quão em quão.
De Pausilipe, & Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, & de Melento,
Se foi para Nereo consolada.
Deixai pois ja, senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal, que tanto crece,
E dai lugar ao meu inculto canto.

Com

Com grão difficuldade se offerece
A grandes desventuras taes como esta,
A darlhe iguaes palavras, quaes merece.
Por tanto eu senhora, agora nesta
Não as hei de buscar por consolarto,
Que aos tristes consolar só a razão presta.
Tambem seraõ perdidas nesta parte
Consolaçoens, que em choro de amargura
Força não tem, por mais que tenham d'arte.
Se as lagrimas não vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras acrescenta,
Guardete Deos de mór desventura.
Não digo, que a alma esté de magoa izenta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
Não sofrer o que Deos nos apresenta.
Não he este mundo a nossa natureza,
Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á Summa Alteza.
Neste caminho hum passo estreito achamos,
Morte se chama horrenda, & desabrida,
Divida, que Adam fez, & nós pagamos.
A todos he commum esta partida,
Quem morre, não morreo, partio primeiro,
E o que ha depois da morte he eterna vida.
Todo animal que nasce está foreiro
A passar este passo estreito tanto,
Todos lâ havemos de ir por derradeiro.
Deixa, senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no Ceo resplandecente,
Ja entre os Cidadaõs do Coro santo,
Nossas memorias tristes não as sente,
Ja livre, & de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.

Da Visão Beatifica gozando,
Sem medo, ou sobressalto de perdella
O mundo, & seus afagos desprezando.
Dalli contempla de hũa, & de outra estrella,
Ou fixa, & errante, o curso, & movimento,
Tendo, sem se mover, os pés sobre ella,
Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de polo a polo, & o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.
E porque o mar continuo mingoa, & crece,
Comprêde, & a quinta essencia pura, & neta,
E com que luz a Lua resplandece.
Nem nos espanta no ar qualquer cometa,
Os pontos sabe de hum, & de outro signo,
Por onde faz seu curso o graõ Planeta.
Hum Anjo novo tens, santo, & benino,
Vive senhora alegre, & consolada,
Que por ti roga ao Padre de continuo.
O alma pura em alto alevantada,
Que là estás nesse Ceo luzente, & claro,
Desta mortal prisão ja desatada.
O senhor meu Dom Telo, amigo charo,
Que do terreno Sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.
Se ao passar de Lethe não perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste.
Com attenção escuta o meu reclamo,
Não desprezes de ouvir là dessa altura
A baixa, & rouca voz, com que te chamo.
Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,
Não borrará o teu nome a fama escura.

Em

Em tanto as baixas Rimas te offereço
 Em penhor da vontade, & amor profundo,
 Até cumprir o que hora aqui profereço.
 Que então te cantará por todo o mundo,
 Com linguas mil a fama soberana,
 E occupará teu nome sem segundo
 Do patrio Tejo além da Taprobana.

ELEGIA III.

A hũa Dama.

Não me julgueis, senhora a atrevimento
 No que me faz fazer hum mal tão forte,
 Que não me basta n'elle o sofrimento,
 Que tal me traz ja agora minha sorte,
 Que me faz buscar vossa crueldade,
 Donde só por remedio espero a morte.
 Não vos pude callar esta verdade,
 Porque força não tem poder humano
 Contra outro, que não tem humanidade.
 Amor, que tudo faz para mór dano
 Me deu o mal, levou-me o sofrimento,
 Ah duro Amor, cruel, & deshumano.
 Não vos lembre, senhora, meu tormento,
 Que este bem o merece aousadia
 De eu empregar em vós meu pensamento.
 Lembrovos hum amor, que cada dia
 Em mim tão verdadeiro, & firme crece,
 Que alheo me traz ja do que sohia.

Não

Naõ peço que o pagueis, como merece,
Que naõ mereço eu tanto, mas só peço,
Que por mim naõ cuideis que desmerece.
Porque se só por si he de tal preço,
Que a suprir basta seu merecimento
Quanto eu de minha parte desmereço.
Bem vejo que em tomar o sofrimento
Para viver, melhor remedio fora,
Que hum taõ desordenado atrevimento.
Mas eu, que do viver menos, ja agora
Que de todo a livro, pois crescendo
Vaõ com a vida os males cada hora.
Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura,
Quem pretende fazer o que eu pretendo.
Quizesse, ó oxalá, minha ventura,
Que castigasseis vds esta oufadia
Com hũa cruel morte triste, & dura.
Que naõ seria morte, mas seria
Hum suave remedio doce, & brando
Deste mal, que me mata cada dia.
Atè quando, senhora, & atè quando
Terà lugar em vds vossa crueza,
E a morte naõ em mim, q a estou chamãdo?
Abrande meu amor vossa dureza,
Que esta alma em si trãforma com tal cura,
Que ja naõ he amor, mas natureza.
Abrande ja hũa vida, em que só dura
A alma, porque veja, & exprimente,
Que naõ tem fim a graõ desventura.
Abrande ja hũa dor, que juntamente
A vida penetrou, & a alma triste,
Elhe roubou o estado seu contente.

Mostrai

Mostraivos poderosa em quem resiste
 Em desobedecer, ou enojarvos,
 E não ja contra quem vos não resiste.
 Em quem cuidar que digno foi de amarvos,
 Mostrai vosso poder, pois o merece,
 Em mim não, q' o não sou tão só de olharvos;
 Attentai por hũa alma, que se esquece
 De si, porque em vós poz sua lembrança,
 E tal, que em nenhum tempo desfallece.
 Nem sospeito que possa aver mudança,
 Num coração, que mais que a si vos ama,
 Dailhe ja morte, ou vida, ou esperança,
 Que tudo serà gloria por tal dama.

*Traducção dos Versos Propheticos da
 Sibilla Erithrea, que refere Santo Ago-
 stinho l. 18. c. 23 da Cidade de Deos, nos
 quaes pellas primeiras letras se lem
 Iesu Christo Filho de Deos,
 & Salvador.*

IUizo estremo, horrifico, & tremendo,
 E Juiz sempiterno, alto, & celeste
 Significará a terra humedecendo.
 Verseha nella hum suor, que manifeste
 Como em carne virá Deos, a quem veja
 O credulo, & incredulo terrestre.
 Rey justo, que almas, & que corpos reja
 Juiz serà, quando este mundo inculto
 Sobre espinhos crueis deitado seja.

Todo

Todo o vao simulacro, & rico culto
 Ousará engeitar a gente, & guerra
 Fará co mar o fogo, & cru tumulto.
 Immenſa a luz, que as carnes deſenterra,
 Lançará fóra as portas váas do Averno,
 Os juſtos ſeus levando à ſanta terra.
 Outros, que ſão os maos, no fogo eterno
 Deitará, deſcobrindoſe os ſegredos,
 E ſendo claro todo o feito interno.
 Deſfarſe ha a terra, os montes, & os penedos,
 E ſerá tudo pranto, & eſtridor duro,
 Obras de grande dor, & triftes medos.
 Será tornado o Sol de todo eſcuro,
 E deſtruida a machina do mundo,
 Sem luz a Lua, Eſtrellas, & Orbe puro;
 Altos ſerão os valles, & em profundo
 Lugar ſe abaixaráõ os altos montes,
 Verſe ha no mar o vento furibundo.
 Haverá ſo de fogo vivas fontes,
 Da trombeta medroſa o ſom terribel
 Ouvido fará pálicas as fronteſ,
 Reſponderá dos maos gemido horribel.

A. B. C. *Feito em mottes.*

A. A. A. A.

A Nna quizeſtes que foſſe
 O voſſo nome da pia
 Para mór minha agonia.
 Apelles ſe fora vivo,
 E a vevos alcançara,
 Por vós retratos tirára,

D

Achilles

III. PARTE DAS RIMAS!

Achilles morreo no templo
 Contemplando de gíolhos;
 Eu quando vejo esses olhos!
 Artemisa sepultou
 A seu irmão, & marido;
 Vós a mim, & a meu sentido.

B.

B Em vejo que sois senhora
 Estremo da fermosura,
 Para minha sepultura,

C. C.

C Leopatra se matou;
 Vendo morto a seu amante;
 E eu por vós em ser constante.
 Cassandra disse de Troya,
 Que havia ser destruida,
 E eu por vós d'alma, & da vida.

D. D.

D Idó morreo por Eneas;
 E vós mataes quem vos ama;
 Julgai se sois cruel dama,
 Dianira innocente
 Da mà morte causadora,
 Vós da minha sabedora.

E.

EUridice foi a causa
De Orpheo hir ao inferno,
Vós de ser meu mal eterno.

F. F.

FEdra sò de puro amor
Morreo por seu enteado,
Eu morro de desamado,
Febo vai escurecendo
Ante vossa claridade,
E eu sem ter liberdade.

G. G.

GAlatea sois senhora,
Da fermosura extremo,
E eu perdido Polyphemo.
Genebra, que foi Rainha,
Se perdeu por Lançarote,
E vós por me dar a morte.

H. H.

Hercules, hũa camisa
De chamas, o consumo,
Minha alma desque vos vio.
Hebis, & Dido morrerão
Com o rigor da mudança,
Eu vendo vossa esquivança.

D 2

Judit

I. I.

Iudith, que o duro Holofernes
 Degolou, se viva fora,
 Mate lhe dereis senhora.
Iulio Cesar conquistou
 O mundo com fortaleza,
 Vós a mim com gentileza.

L. L.

Leandro se afogou,
 E foi sua causa Hero;
 E a mim o que vos quero.
Leandro se afogou
 No mar de sua bonança,
 Eu no de vossa esperança.

M. M.

Minerva dizem que foi,
 E Pallas Deusas da guerra;
 E vós, senhora, da terra.
Medêa foi mui cruel,
 Mas não chegou a metade
 De vossa gram crueldade.

N. N.

Narciso o fiso perdeu
 Em vendo a sua figura;
 Eu por vossa fermosura.

Nim:

DE LVIS DE CAMOENS.

45

Nimphas enganaõ mil Faunos,
Com seu ar, & fermolura,
E a mim vossa figura.

O. O.

O Solhos choraõ o dano,
Que em vos verem sentirão,
Mas eu pago o que elles vlrão.
Orpheo com a doce Arpa
Venceo o reyno de Plutaõ,
Vós a mim com perfeição.

P. P.

Paris a Helena roubou,
Por quem Treya foi perdida,
E vós a mim alma, & vida.
Pyrrho matou Policena,
Perfeita em todos sinaes,
E vós a mim me mataes.

Q. Q.

Q Vanto mais desejo vervos,
Menos vos vejo senhora,
Nãõ vos ver melhor me fora.
Querendo ver a Diana,
Acteon perdeo a vida,
Que eu por vós trago perdida.

Dj

Reme.

R, R.

Remedio nenhum não vejo,
 Que remedeie meu mal,
 Nem crueza á vossa igual.
 Roma o mundo fogeita
 Com armas, saber, temor,
 Vós a mim só por amor.

S.

Serena na mão Fortuna
 Com enganos vai cantando
 E vós sempre a mim matando.

T. T.

Thisbe morreo por Pyramo,
 A ambos matou o Amor,
 A mim vosso disfavor.
 Thisbe pello seu amante
 Morreo com amor sobejo,
 Mas eu mais morto me vejo.

V. V.

Venus, que por mais fermosa,
 Lhe deu Paris a maçã,
 Não foi quanto vós louçãa.
 Venus levou a maçã,
 Por vós não serdes senhora
 Nacida naquella hora.

2 A. 3 X. X. 5 2 E

X Põ vos acabe em graça,
 E vos faça piedosa,
 Tanto, quanto sois fermosa.

Xanthea tornou atraz
 Por Aponio a invocar,
 E vds não a meu chamar.

J. J.

J Ulío Cesar se livrou
 Dos imigos com abrolhos,
 E não posso d'esses olhos,
 Jazir o Minotauro
 Preso no seu laberinto,
 Mas eu mais preso me sinto.

D4

Estanç

ETTOIS

ESTANCAS

Na medida antiga, que tem duas con-
trariedades, louvando, & des-
louvando huma

Dama.

S ois hũa dama	De graõ merecer,
Das feas do mudo	sois bem apartada,
De toda a má fama	andaes alongada
Sois cabo profundo	do bem parecer.
A vossa figura	Bem claro mostraes
Naõ he para ver	em vós fealdade,
Em vosso poder	naõ ha hi maldade,
Naõ ha fermosura,	que naõ precedaes.

V ostes dotada	De fresco caraõ,
De toda a maldade,	vos vejo ausente,
Perfeita beldade	em vós he presente
De vós he tirada	a mã condiçaõ.
S ois muito acabada	Em ter perfeiçaõ
De tacha, & de glosa	mui alhea estaes,
Pois quãto a fermosa	mui muito alcançaei
<u>Em vós naõ ha nada</u>	<u>De pouca razãõ.</u>

M O T T E.

*Catherina bem promete,
Ora n. d. como ella mente.*

- 1 **C**Atherina he mais fermosa
Para mi, que a luz do dia,
Mas mais fermosa seria,
Se não fosse mentirosa:
Hoje a vejo piedosa,
A menhãa tão differente,
Que sempre cuido que mente,
2 Prometeo me ontem de vir,
Nunca mais appareceo,
Creo que não prometeo,
Senão só por me mentir:
Bezme em fim chorar, & rir,
Rio, quando me promete,
Mas choro quando me mente.
- 3 Jurou me aquella cadella
De vir pella alma, que tinha,
Enganou me, & tinha a minhe,
Deulhe pouco de perdella:
A vida gasto apoz ella,
Porque ma dá, se promete,
Mas tirama, quando mente.
- 4 Má, mentirosa, malvada,
Dizei, porque me mentis,
Prometeis, & então fugis,
Pois sem tornar, tudo he nada:
Não sois bem aconselhada,
Que quem promete, se mente,
O que perde não o sente,

Tudo

III. PARTE DAS RIMAS

- 5 Tudo vos consentiria
 Quanto quizesseis fazer,
 Se este vosso prometer
 Fosse prometer hum dia;
 Todo entao me desfaria
 Com gofio, & vós de contente,
 Zombarieis de quem mente.
- 6 Mas pois folgaes de mentir,
 Prometendo de me ver,
 Eu vos deixo o prometer,
 Deixai-me vós o servir;
 Haveis entao de sentir
 Quanto a minha vida sente
 O servir a quem lhe mente.
- 7 Catherina me mentio
 Muitas vezes, sem ter lei,
 Etodas lhe perdoei
 Por hũa só que cumprio:
 Se como me consentio
 Fallar-lhe, o mai me consente,
 Nunca mais direi que mente.

MOTTE.

Sem vós, & com meu cuidado.

GLOSA.

Querendo Amor escondervos,
 Em parte que vós não visse,
 Com estremos de querervos,
 Cegou-me os olhos com vervos
 Levou os, sem que os visse,

DE LVIS DE CAMOENS,

51

Eu cego, mas atinado,

Quando vi que vos não via,

Do mesmo Amor indignado,

Ja vedes qual ficaria

Sem vós, & com meu cuidado.

M O T T E.

A alma, que está ofrecida

A tudo, nada lhe he forte,

Assi passa o bem da vida,

Como passa o mal da morte.

G L O S A.

DE maneira me succede,
O que temo, & o que desejo,

Que sempre o que temo, vejo.

Nunca o que a vontade pede.

Tenho tam offerecida

Alma, & vida a toda a sorte,

Que isso me dera da morte,

Como ja me dà da vida.

M O T T E.

Ferro, fogo, frio, & calma

Todo o mundo acabarão,

Mas nunca vos tirarão

Alma minha da minha alma.

G L O S A.

Não vos guardei quando vinha

Em torre, força, ou engenho,

Que mais guardada vos tenho

Em vós, que sois alma minha.

Alu

III. PARTE DAS RIMAS

Alli nem frio, nem calma,
 Não podem ter jurdição,
 Na vida sim, porèm não
 Em vós, que tenho por alma,

MOTTE.

*Esperai, ja não espero
 De mais vos servir senhora,
 Pois me fazeis cada hora
 Tanto mal, que desespero.*

GLOSA.

POis sei certo que folgaes,
 Quando mais mal me fazeis,
 E que nunca descançaes,
 Senão quando me mostraes
 Quão pouco bem me quereis.
 Servirvos mais não espero,
 Pois meu viver empeora,
 Com me fazerdes, senhora,
 Tanto mal, que desespero.

ELEGIA IV

Não porque de algum bem tenha esperança
 Vos escrevo meu mal em tal estado,
 Que sei, que em vós fará pouca mudança.

Mas

Mas ja perdido, triste, & magoada
Para remedio tomo escrever dores,
Esperar de vòs outro he escusado.
O que não faz Amor em meus amores,
O que lagrimas tristes não fizeraõ,
Bem menos o faraõ causas menores.
Pois onde as mais tẽgora se perdẽraõ,
Percaõse estas palavras de meu ser,
Que pouco me doem ja, ja me doeraõ.
Sempre deste meu mal tive sospeita,
Não que de todo em todo me faltasse
Hũa esperança vãa em fim desteita.
Faziame o desejo que esperasse,
A razã doutra parte, que temesse,
E de esperanças vãs não confiasse.
Que olhasse, que por ellas não perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que depois em vão me arrependesse.
Amor, que tudo pòde, pode tanto,
Que para ver o mal em que me vejo,
Me não deu olhos mais que para pranto.
Não curei a razã, segui o desejo,
Outras cousas segui, de qualidade,
Que choro, & callo, por não ser sobejo.
Pella vossa neguei minha vontade,
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade.
O que passou depois, não vo lo conto,
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar hum tal desconto.
Ah esperanças minhas, ja perdidas,
Agora, para mais ter que contar,
Soube que fostes vãs, fostes fingidas.

Em que posso, ou que devo hoje esperar,
Onde acharei de novo outros enganar,
Que possaõ desenganos enganar.
Mas he vento cuidar enganar danos,
O triste, que nem na alma tem alento?
Tem seu remedio sô no fim dos annos.
Ja não espero ver contentamento,
Perdi quanto esperei numa sô hora,
E não perdi em muitas o tormento.
E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vós a vós queixarme,
Não mo consente Amor, que na alma mora.
Poemse diante, a fim sô de estorvarme,
Que vos offenderei, mostrando aqui,
Que tanta fê pagaes com maltratarme.
E entãõ este temor deixame assi,
Alem de magoado, frio, & mudo,
Rependido de quanto escrevi.
Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como se não cuidasse, o que não creõ,
Não perder isto, como perdi tudo.
Mas vasse o medo ja, pois que ja veo
O desengano, sem se ter sabida,
Que a certeza podia ter receo.
Agora não me dà perder a vida,
Nem a deve recear quem a despreza,
Mataime, se de mim sois offendida.
Senaõ mateme ja minha tristeza,
Que este sô bem me fica, este me val,
Se mo não estorvar vossa crueza.
Quem se não espantará, vendome tal!
Temer, que o triste fim, que me ordenastes,
Mo negueis por remedio de meu mal.

Entre silvestres feras vos criastes,
Pois dais por galardão do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.
Quãtas lagrimas triste derramava,
Quantos suspiros dava noite, & dia,
Se vos não via, & em quanto vos olhava.
Tremia diante vòs, ausente ardia,
Abrandava este mal ter para mim,
Que sentia meu fogo essa alma fria.
Mas muito differente foi o fim
De tudo o que cuidava no começo,
Por onde de hum mal noutro, a tantos vim.
Vida para tal vida não vos peço,
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vo lo mereço.
Porque com a dor a lingua se desfata,
E com gritos vos chama, & com razão
Sem fê, desamovavel, cruel, ingrata.
Por isso acabai já vossa tenção,
Fartai, senhora, já vossas cruezas
No sangue desse triste coração.
Acabai de acabar tantas tristezas,
Pois acabastes já vâas esperanças,
Acabem já também minhas firmezas.
Acabe a vida, acabarão lembranças,
Mas tudo está por vòs tão acabado,
Como muitas em mim as confianças,
Que tanto me trouxerão enganado,

ELEGIA V.

F Oime alegre o viver, já me he pezado,
Que do contentamento que sentia
A minha custa estou desenganado.
Ao regaço da morte a dor me guia,
Porém, porque com vida mais me mata,
Dilatandoma vai de dia em dia.
Mandame Amor fugir da morte ingrata,
Pois não sofre limite em vós amor)
Que elle os laços ordena, elle os desfata.
Lancei contentamentos a voar,
Tarde os espero ver, que he seu costume
Ter azas ao fugir, freyo ao tornar.
O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificar-se à vossa vista,
No coração me guarda eterno lume.
Com o pensamento os olhos tem conquista,
Pois sempre em vós está, porque os não leva,
Que elle muro não tem, que lhe resista.
Ainda que minha alma em vós se enleva,
Em todo tempo não deixa de arder,
Quão o môte arde é calma, ou quão neva?
Vivei cuidados em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.
Vontade minha, sempre sois cativa,
Men pensamento, nunca sois mudado,
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.

Suave

Suave cativeiro, doce estado,
Brando fogo de Amor, que em vós guardaes
A fim de meu desejo retratado.
Nunca nesta alma minha, aonde estaes,
Falteis, porque então falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muito maes,
Senhora, em cujo peito odio, & mudança
Lançaõ fora o Amor, & sua firmeza,
Que daes esquecimento por lembrança.
Armada dos espinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peito pouco preza.
Mostrou-me hum leve bem minha ventura,
Pagueyo logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, & a pena dura.
A tanta dor hum leve sentimento
Nunca em vós pude ver, quãto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o daís ao vento.
No principio meu Fado me foi amigo,
Naveguei pello mar deste desejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vós he pouco o amor, em mim fobejo,
Cresce em mim, falta em vós, & de maneira,
Que de quanto em vós vi, ja nada vejo.
Mostrou-se-me o tormento na primeira
Com rosto alegre, para que o seguisse,
E lancei-me ao seguir nesta cegueira.
Fortuna, porque quiz, que eu o sentisse,
Mostrale, por mostrar qual dentro era,
Eu choro meu engano, & ella risse.
Quem em contentamentos vãos espera,
Espere cedo de defenganarse,
Querem breves limites sua espera.

E

Porém

Porém quem ha, que mais queira livrar-se
De tão doce prisaõ, ou quem deseja
Dos nós desses cabellos desfatar-se.

Os olhos, a quem as luzes tem inveja,
Que em vós o Amor de amor tẽdes vécido,
Quem ha que vos não ame, & vos não veja.

Rosto feroço, em quem está esculpido
O mór bem, que se pôde ver na terra,
Quem ha não queira ser por vós perdido?

Olhai, senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, & torna as rosas descóradas.

Ireis ver ao cristal os olhos bellos,
E ja os não vereis quaes dantes eraõ,
Pois quaes entã seraõ, não queiraes vellos.

Usai dos bens que vaõ como nascẽraõ,
Olhai, que tudo desce de alto estado,
Que tambem os prazeres meus deceram,
Mas não descerá nunca meu çuidado.

ELEGIA VI.

Nunca hum appetite mostra o dano
Antes de ser de todo effeituaõ,
Mas no fim vem mostrar o desengano.
Dureza a causa, & eu desesperado,
Pello que imaginou o pensamento,
Ando por esta serra desterrado.
Espalhando a voz ao leve vento,
Delle sò consolado, delle ouvido,
O faço sabedor de meu tormento,

Que

Que monte ha, que não tenha ja movido,
Que áspera montanha, ou roca dura,
A força de meu mal não merecido.
Nas duras pedras achase brandura,
Falta nesse cruel humano peito,
Quem vio nunca mayor de sventura!
Pouco pôde em ti amor perfeito,
Quando de hum movimento vive indigno,
Que ja mais se negou a hum fogeito.
Da ventura, de vós, de meu destino,
Pois todos contra mim são conjurados,
Este vallê farei de meu mal digno.
Co elle a noite, & o dia meus cuidados
Passarei em acerba, & longa vida
Em queixas, & em suspiros desusados.
Porque fei que serás disso servida,
Não deixarei dos montes a dureza,
Até tua vontade fer movida.
Aqui me sobirei na môr alteza
Da ferra, onde logo contemplada
Serà tua perfeição, tua crueza.
A alma em ti sô prompta, & occupada
Estando de tormento esquivo, & duro,
Oprimida serà de ti levada.
Discorrendo hum passo, & outro escuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verà de hum Amor puro.
E vendo aqui tão claro o desengano,
Cos olhos feitos fontes mudarà
Lugar tão infelice, & deshumano.
E o que môr tormento lhe darà
A lembrança de algum contentamento,
Que inda que pequeno, magoarà.

Fará por divertir o pensamento
 Desta parte tristiſſima mudando
 Hũa lembrança chea de tormento,
 Alli algum eſpaço porfiando,
 Tendo por impoſſivel eſquecerte,
 Ficarà ao vento vozes dando.
 Alli ſe queixarà de conhecerte,
 Alli dura, cruel, deſpiedosa
 Dirà: Dize, que podes ja moverte!
 Mais que Venus (dirà) dize, fermosa,
 Quando neſſa belleza pura, & rara
 Se verà hũa hora piedosa.
 Alli dirà, cruel, & quem cuidará
 De hum eſpirito taõ reſplandecente
 Tãõ feroz condiçãõ, & taõ avara.
 Alli vivera triſte, alli auſente,
 O coſtumado mal por ſi ſoſrendo,
 De o quererem tu tanto contente,
 Como o mundo eſtã ja conhecendo,

ELEGIA VII.

LA fierra fatigando de continuo
 Los paſſos vagaroſos voy moviendo,
 Perdiendo de la vida todo el tino,
 De mis ſuſpiros triſtes no pudiendo
 El alma apartar, y el pensamiento
 De aquella por quien yo eſtoy muriendo?
 Que aunque la auſencia es grave tormento,
 Que te olvide en ello es impoſſible,
 Que con amor no puede apartamiento.

Veote con spirito invisible

En el muy vivo tengo aquel menco

Tan fiero para mi, y tan terrible.

Todo lo màs alegre triste veo,

El fresco valle, el monte, la espessura,

La clara fuente enoja aun el deseo.

El dia se me buelve en noche escura,

No puede amanecer de dò ausente

Tus claros ojos son, de tu hermosura.

Permitte ya, señora, que presente,

Do quiera que tu luz es detenida

Sean el alma, y vida juntamente.

En tu servicio alli prompta la vida

Pornè en alma sola en contemplarte,

Aunque me seas siempre endurecida.

El mal que hazes dulce en toda parte,

Sabroso es el tormento, yo lo quiero,

Pues es tu voluntad no ablandarte.

Que quando una hora venga, que no espero,

Piedosa, y blanda más que las passadas,

Y me quieras oir, viendo que muero,

Las tristes no seran de mi dexadas,

Que no sabrè vivir fin el estado

De penas, tanto tiempo ya provadas.

Hablo como furioso, y transportado,

Pido lo que me es màs enojoso,

Holgando de me ver tan olvidado.

Quien fatigado es, no dá reposo,

Que sufras con paciencia te conviene,

Las queexas del, que a si se es odioso,

Al tiempo que bolando ya más viene

Mis desusadas bozes encomienda,

Que assi la triste vez en ti detiene.

La fuerza del dolor ninguna emienda
 Puede tomar en mi, que satisfaga
 Lo menos que la queixa en mi te ofienda.
 Incurable parece una llaga,
 Y lo es, que reciba de tu mano,
 No quiera Amor, que yo jamás deshaga
 Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA IIX

DE peña en peña nuevo las passadas,
 La tristissima voz al ayre dando
 Voy cantando mis queixas desusadas:
 Incierto en el camino, que pisando
 De un monte e quivo, al otro me encamina,
 En medio dél estoy en ti pensando,
 Origoroso passo, y quan indigna
 El alma veo aqui de sola una hora
 Poder en ti pensar cosa tan digna:
 Si el alma aun no es merecedora
 Purissima, y perfecta, y que me puede
 De esperanza quedar en ti, señora?
 Mas que puedo querer, Fortuna rue de,
 Llevandome de un triste en otro estado,
 Y si es tu voluntad un bien no quede.
 En mi no vive ya, es transformado
 En ti, el triste espirito, que tenia
 De ti sola se quiere ver mirado.

Que

Que aunque en fatigas passe noche, y dia
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria;
Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho.
Adó me llegaria aquel sonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido.
Dò no se cantaria tu blandura,
En que region estraña, ó nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.
Quien no pusiera estudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nõ, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.
Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas voces no oyera.
Mas no quiere Amor, que la usada
Quexa, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.
Ni tu querrás que yo dexe la vida,
Para me dar tormento aun más fiero,
Ni con tan luenga usança interrompida,
Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea más duro,
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.
Pruevase este amor perfecto, y puro
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.
Excedes en las fieras en dureza,
Quando se ha visto en esta pura, y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.

Delos bienes que puedes dar avara
 Al que puedes dar vida y por ti pena,
 Pues niegas lo que el mundo no pensara,
 Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA

Ao illustre senhor Pedro da Sylva.

Illustre, & nobre Sylva descendido
 Do gram filho de Anchises valeroso,
 Por armas, & por sangue esclarecido.
 Que como forte, ousado, & piedoso
 Aas costas salvou o pay de longos annos,
 E o filho pella mão tenro, & mimoso.
 E os Penates, que tinham os Troyanos,
 Tirou no mór conflicto da Cidade,
 Em que Gregos fizerão tantos danos.
 Crescendo foi de hũa em outra idade
 Esta illustre progenie generosa
 Em virtude, valor, honra, & bondade,
 Atè chegar à nossa tam ditosa,
 Pois nelle o Ceo a ti Sylva nos deu,
 Que a fazes com tuas obras mais fermosa,
 Aonde o inclito Rey de motu seu,
 Movido pello Spirito, que o guia
 A mayores proesas, que a Theseo.
 Pellas partes, que em ti ja conhecia,
 Ou decreto de cima te escolheo
 Por começo do fim que pretendia.

De Capitão de Tanger te proveo
Em tempo que o Maluco affaz valente
O grande Imperio de Africa venceo.
E sendo esta eleição do Rey valente,
Da cega inveja foste mormurado,
Porque ninguém escapou ao maldizente.
Não te negarão feres esforçado,
Mas dizião, que á guerra em tal idade
Servia Capitão experimentado.
E que em tempo de tal necessidade
Convinha velho amparo, & forte escudo,
Em quem não possa haver temeridade.
Mas bem ao contrario se vio tudo,
Pois prudencia, & esforço juntamente
Em ti experimentou o Mouro rudo.
Quando com gram conselho, & pouca gente
Atravessaste os campos Africanos,
Como gram Capitão, velho, valente.
E foste a parte, onde os Mauritanos
Não tinham visto lança de Christãos
Havia longos tempos, longos annos.
Tomaste descuidado hum Capitão
No tempo, & assi na guerra experimentado,
Em quem se confiava Tetuão.
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
Que não só o seu campo de fendia,
Mas entrava no nosso confiado.
Este, que toda a grande Berberia
Tinha, por mui prudente, & animoso,
Agora o tens na tua estrebaria.
Que póde aqui dizer pois o envejoso,
Onde tão claro vé, que nessa idade
Supre o nobre sangue generoso.

Não

Não te dirá, que foi temeridade
 Para feito como este tão valente,
 Com ter seguro o campo, & a cidade,
 Nem te pôde negar ferés prudente,
 Pois tempo, & conjunção foste escolher
 Em que não arriscaste a tua gente,
 Mas assi te soubeste recolher
 Com gram delpojo feito, denso dano,
 Sem hum dos que levaste se perder,
 O felice Varaõ, Sylva Troyano,
 Quem te pôde louvar, como venceste,
 Pois no dia menor, que tinha o anno
 O mayor feito em Africa fizeste,



SEXTINA,

A huns olhos, cujo rigor, & brandura celebra.

A Culpa de meu mal só vem meus olhos,
 Pois que deraõ a Amor entrada na alma,
 Para que perdesse eu a liberdade,
 Mas quem pôde fugir a hũa brandura,
 Que depois de vos pôr em tantos males,
 Da por bens o perder por ella a vida!
 Affaz de pouco faz quem perde a vida
 Por condição tão dura, & brandos olhos,
 Pois de tal qualidade são meus males:

Que

Que o mais pequeno delles toca na alma,
Não se engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade,
Roubadora he de toda a liberdade
(E oxalá perdoasse á triste vida?)
Esta, que o falso Amor chama brandura,
Ay, meus antes inimigos, que meus olhos,
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
Para vós lhe fizerdes tantos males!
Cresção de dia em dia embora os males,
Perca-se embora a antiga liberdade,
Transforme-se em Amor esta triste alma:
Padeça embora esta innocente vida,
Que bem me pagão tudo estes meus olhos,
Quando de outros, se os vê, vem a brândura.
Mas como nelles pôde haver brandura,
Se causadores são de tantos males!
Engano foi de Amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade,
Ja não tenho que dar, senão a vida,
Se a vida ja não deo, quẽ ja deo a alma.
Que pôde ja esperar, quem a sua alma
Cativa eterna fez de hũa brandura,
Que quando vos dà morte, diz que he vida!
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus, pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.
Chorai meus olhos sempre danos da alma,
Pois dais a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males, dà mais vida!

SEXTINA,

A morte de Natereia, como a Egloga
15. & nella se vem muitos pensamen-
tos ajustados a este Poema.

O Triste, ó tenebroso, ó cruel dia
Amanhecido só para meu dano?
Pudesteme apartar daquella vista
Porquem vivia com meu mal contente!
Ahi se o supremo foras desta vida,
Que em ti se começara a minha gloria.
Mas como eu não naci para ter gloria,
Senão pena, que creça cada dia,
O Ceo me està negando o fim da vida;
Porque não tenha fim com ella o dano,
Para que nunca possa ser contente,
Da vista me tirou aquella vista,
Suave, delectosa, alegre vista,
Donde pendia toda a minha gloria,
Porquem na mór tristeza fui contente;
Quando ferà que veja aquelle dia,
Em que deixe de ver tam grave danos
E em que me deixe tam penosa vida?
Como dezerarei humana vida
Auzente de hũa mais, que humana vista,
Que tam glorioso me fazia o dano?
Vejo o meu dano sem a sua gloria,
Aa minha noite falta já seu dia:
Triste tudo se vê, nada contente.

Pois sem ti ja não posso ser contente,
Mal posso desejar sem ti a vida,
Sem ti ja ver não posso claro dia:
Não posso sem te ver desejar vista,
Na tua vista só se via a gloria,
Não ver a gloria tua, he ver meu dano.
Não via mayor gloria, que meu dano,
Quando do dano meu eras contente,
Agora me he tormento a mayor gloria,
Que pôde prometerme Amor na vida,
Pois tornarte não pôde á minha vista,
Que só na tua achára a luz do dia.
E pois de dia em dia cresce o dano,
Não posso sem tal vista ser contente,
Sò com perder a vida acharei gloria.

SEXTINA,

Composta ao mesmo intento da
passada.

Sempre me queixarei desta crueza
Que Amor usou comigo, quando o tempo,
A pesar de meu triste, & duro Fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mim aquella vista,
Por quem me contentava a triste vida.
Levarame, oxalá, com ella a vida,
Para que não sentira esta crueza
De me ver apartado de tal vista,

E praça Deos não veja o proprio tempo
Em mim, sem esperança de remedio,
A desesperação de hum triste Fado.
Porém ja acabe o triste, & duro Fado,
Acabe o tempo ja tão triste vida,
Que em sua morte só tem seu remedio.
O deixar-me viver he mór crueza,
Pois desespero ja de em algum tempo.
Tornara a ver aquella doce vista.
Duro Amor, se pagara só tal vista
Todo o mal, que por ti me fez meu Fado,
Porque quizeste que o levasse o tempo?
E tambem se quizeste, porque a vida
Me deixas, para ver tanta crueza,
Quando em não vella só vejo o remedio?
Tu só de minha dor eras remedio,
Suave, delectosa, & bella vista,
Sem ti, que posso eu ver, senão crueza,
Sem ti, qual bem me póde dar o Fado,
Senão consentir que acabe a vida?
Mas elle della me dilata o tempo.
Azas para voar vejo no tempo,
Que com voar, a muitos foi remedio,
E só não voa para a minha vida,
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste Fado,
Que não acabe o tempo tal crueza.
Não poderão fazer crueza, ou tempo,
Força de Fado, ou falta de remedio,
Que essa vista me esqueça em toda a vida.

O D E.

Amores de Peleo com Thetis, & co-
mo de entrambos nasceo o
forte Achilles.

N Aquelle tempo brando,
Em que se vê do mundo a fermosura,
Que Thetis descansando
De seu trabalho esta fermosa, & pura,
Cançava Amor o peito
Do mancebo Peleo de hum duro afeito.
Com impeto forçoso
Lhe avia ja fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoso
Noto irado revolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes dos outeiros vem lambendo.
Esperava o mancebo
Com a profunda dor, que na alma sente
Hum dia, em que ja Phebo
Começava a mostrar-se ao mundo ardente,
Soltando as trenças de ouro,
Em que Clycie de amor faz seu thesouro.
Era no mez, que Apollo
Entre os irmãos celestes passa o tempo,
O vento enfrea Eolo,
Para que o deleitoso passatempo
Seja quieto, & mudo,
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.

O

O luminoso dia

Os amerosos rayos despertava

Aa cega idolatria,

Que ao peito mais contenta, & mais agrava,

Onde o cego menino

Faz que os humanos creaõ que he divino.

Quando a fermosa Nympha

Com todo o ajuntamento venerando

Na cristalina lympa

O cristalino corpo estã banhando,

Nas agoas, o qual vendo

Nelle, alegre de o ver, se estã revendo.

O peito diamantino,

Em cuja branca teta Amor se cria,

O gesto peregrino,

Cuja presença torna a noite em dia,

A graciosa boca,

Que a Amor cõ seus amores mais provoca.

Os rubis graciosos,

As pêrolas, que escondem vivas rosas

Dos jardins deleitosos,

Que o Ceo plantou em faces tão fermosas,

O transparente collo,

Que ciumes a Daphne faz de Apollo.

O subtil movimento

Dos olhos, cuja vista a Amor cegou,

A Amor, que com tormento

Glorioso, nunca delles se apartou,

Pois elles de continuo

Nas meninas o trazem pör menino.

Os fios derramados

Daquelle ouro, que o peito mais cobiça,

Donde Amor, enredados

Nos coraçõens humanos fogo atiga,
E donde com desejo
Mais ardente, começa a ser sobejo.
O mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o Ceo,
Em tão bella figura trasladado,
Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo a falla lhe tirou.
Em fim querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque de puro amor, Amor não via,
Vio-se assi cego, & mudo,
Por a força de Amor, que pôde tudo.
Agora se aparelha
Para a batalha, agora remetendo,
Agora se aconselha,
Agora vai, agora está tremendo,
Quando ja de Cupido
Com nova setta o peito vio ferido.
Remete o moço logo
Para onde estava a chaga sem socego,
E com o sobejo fogo,
Quanto mais perto estava, então mais cego,
E cego, & cum suspiro,
Na fermosa Donzella empregao tiro,
Vingado assi Peleo,
Nasceo deste amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruicão do Phrygio pensamento,
Que por não ser ferido,
Foi nas agoas Estygias submergido.

ODE II.

IA a calma nos deixou
 Sem flores as ribeiras deleitosas,
 Ia de todo secou
 Candidos lyrios, rubicundas rosas,
 Fogem do grave ardor os passarinhos
 Para o sombrio amparo de seus ninhos.
 Menea os altos freixos
 A branda viração de quando em quando,
 E de entre varios seixos
 O liquido crystal sae murmurando
 As gotas, que das alvas pedras saltão,
 O Prado, como perolas, esmaltaõ.
 Da caça ja cançada
 Busca a casta Titanica a espessura,
 Onde â sombra inclinada
 Logre o doce repouso da verdura,
 E sobre o seu cabello ondado, & louro
 Deixa cair o bosque o seu thesouro.
 O Ceo desempedido,
 Mostrava o lume eterno das Estrellas,
 E de flores vestido
 O campo, brancas, roxas, & amarellas,
 Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
 O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
 Porém como o menino,
 Que a Iupiter por a Aguia foi leyado
 Ao cerco crystalino,

For do amante de Clicie visitado,
O Bosque chorará, chorará a Fonte,
O Rio, o Arvoredo, o Prado, o Monte.
O mar, que agora brando,
He das Nereidas candidas cortado,
Logo se irá mostrando
• Todo em crespas escumas empollado,
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda a parte movimento.
Ley he da natureza
Mudar-se desta sorte o tempo leve,
Succeder à belleza
Da Primavera o fructo, a elle a neve,
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.
Tudo em fim faz mudança,
Quanto o claro Sol vé, quanto alumia,
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegre o bello dia,
Muda-se as condiçoens, muda-se a idade,
A bonança, os estados, & a vontade.
• Sómente a minha imiga
A dura condição nunca mudou,
Para que o mundo diga,
Que nella ley tão certa se quebrou,
Em não verme, ella só sempre está firme,
Ou por fugir de Amor, ou por fugirme.
Mas ja sofrível fora,
Que em matarme ella só mostra firmeza,
Se não achara agora,
Tambem em mim mudada a natureza,
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre de escuras nuvêes rodeado.

Sempre exprimento os fios,

Que em continuo receo Amor me manda,

Sempre os dous caudaes rios,

Que em meus olhos abrio quẽ nos seus anda

Correm, sem chegar nunca o Verão brando,

Que tamanha aspereza vâ mudando.

O Sol sereno, & puro,

Que no fermoso rosto resplandece,

Envolto em manto escuro,

Do triste esquecimento, não parece,

Deixando em triste noite a triste vida,

Que nunca de luz nova he soccorrida.

Porém seja o que for,

Mudese por meu dano a natureza,

Perca a inconstancia Amor,

A fortuna inconstante ache firmeza,

Tudo mudavel seja contra mi,

Mas eu firme estarei no que emprendi!



CANC, AM I.

Celebrase hũa rara fêrmofura natural
sem enfeite algum, & em cada ramo
pondera hũa parte sua, dizendo
que com ella podia render
hum Planeta.

N Em roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, & da verdura
Colhida entre outras mil
Foi nunca affi agradavel â donzella
Cortez, alegre, & bella,
De sua mão cuidado, & gloria pura,
Como a mi foi a inculta fêrmofura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua esfera.
Natural fonte agreste,
Naõ lavrada de artifice excellente,
Nem por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Naõ fez ja mais taõ ledo
Cançado caçador por lêsta ardente,
Quanto o cuidado a mi me faz contente
De ver taõ descuidado,
Que faz sereno a Jupiter irado.
Fruta, que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acerto,

F :

A quem

A quem pintada a vé de sangue, & leite,
 Não lhe dará o deleite,
 Que essa graça me dê sem compostura,
 Ornamento da mesma fermolura,
 E o toucado sem arte,
 Que tornará Pastor ao bravo Marte.
 A menhã graciosa,
 Que derramando sae dentre os cabellos
 A Flor, o Lyrio, a Rosa,
 Sem ajuda de ornato, ou de artificio,
 Não faz o beneficio,
 Que faz a luz de vossos olhos bellos
 A quem os vê tão puros, & singellos,
 E esse innocente riso,
 Por quem Apollo o Tejo torna Amphryso.
 Outeiros coroados
 Das arvores, que fazem a espessura
 Com os ramos copados,
 Alegre, que mão destra os não cultiva,
 Graça tão excessiva
 Não tem na sua natural verdura,
 Quanta na desses olhos clara, & pura
 Deposita a esperança,
 Com q' Amor gosto, a mãy tormento alcãça.
 Dos simples passarinhos
 A musica sem arte concertada,
 De entre os verdes raminhos
 Tão suave não he, tão delectosa,
 A quem na selva umbrosa
 Com mente, ouvindo a está toda elevada,
 Quanto a mim essa falla doce agrada,
 E o natural aviso,
 Que roubaõ a Mercurio cetro, & sislo.

De frescos rios agoa,
Que clara entre arvoredos se deriva,
Caíndo de alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquivia
De essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.
A tal luz (ò Canção, que oulaste vella)
Vendo estàs ja postrado
Saturno triste, Iupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, & Diana, & toda Estrella.



As tres Cançoens seguintes andão cō
muitos erros impressas nas Miscella-
neas de Miguel Leytão, he certo serem
de Luis de Camoens, como se colhe
de alguns manuscritos, a quem segui-
mos, & com quem asemendamos.

CANC, AM 2.

A hum Pomar.

O Pomar venturoso,
Onde com a natureza
A subtil arte tem demanda incerta,
Que em sitio tão feroso
A maior subtileza
De engenho, em ti nos mostra descuberta!
Nenhum juizo acerta
De cego, & de enlevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza, ou a arte;
Se terra, ou Ceo de ti tem mais cuidado,
Pois em feliz terreno
Gozas de hum ar mais puro, & mais sereno!
De teu feroso pelo
Se mostra o monte ledo,
E o caudelofo Zezare te estranha,
Porque olhas com desprezo
Seu cristal puro, & quedo,
Que com Pera os teus pès rodea, & banha.
Em ti pintura estranha,
A que Apelles cedera,
Enigmas intrincados,
E mirtos animados,
Vemos, que o proprio Escopas não fizera:
Em ti co a paz interna
Tem o santo Prazer morada eterna.

Os jardins da famosa

Babel tão nomeados,

Por maravilha o mundo não levante,

Inda que com gloriosa

Voz, que estão pendurados

Do inttavel à a Fama antiga cante?

Nem haja quem se espante

Dos famosos de Alcino,

Nem as mais doctas penas

Cantem os de Mecenas,

Cultor de todo engenho peregrino,

Mas onde quer que voe,

De ti só falle a Fama, & te pregoe.

Que se era antigamente

De pomos de ouro bellos

O jardim das Hesperidas ornado,

E a pesar da serpente,

Que os guardou só colhellos

Pode o famoso Alcides de esforçado:

Tu mais avantejado,

Mostras a huma alma casta

Seguir o que dezeja,

Fugir da torpe inveja

(Pomos de ouro, que o tempo não lcõtrasta)

Em fim cõ a charidade,

Vencer o Inferno, abrir a Eternidade.

Por tanto da ventura,

Para ti reservada,

Te deixa o Ceo gozar perpetuamente,

Porque sejas figura

Da gloria avantejada

Delle mesmo, & que em si se represente,

Porque em quanto lustente

O Ceo,

O Ceo, o Mar, & a Terra
Seus feitos milagrosos,
Myfterios mais gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra,
Por onde em nossas almas
Com mais pompas triúfa, & cõ mais palmas.
Goza pois longamente
Teu venturoso Fado,
Da mãy do teu Author bem possuido,
Que em ti sempre contente
De seu sublime estado
A alma dos seus alegre, & o sentido,
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao sabio Nestor seja,
Para que o mundo os veja
Exceder as longuissimas idades,
E com a longa vida
Seja sua memoria ennobrecida.
Canção, pois mais famosa
Por ti não podem ser
Deste monte as estancias deleitosas,
Bem póde succeder,
Que aquelle que os teus numeros governa
Por querellas cantar te faça eterna.

CANCAAM

Mostra o Poeta não produzirem as
causas seus communs effeitos nelle,
mas outros contrarios.

Q Uem com solido intento
Os segredos buscar da natureza,
Quanto de Athenas preza,
Entregue ao mar irado, ao leve vento;
Em forjar meu tormento
Nova Philosophia
De experiencias feita Amor me ensina.
Das leys do antigo tempo bem declina,
Que Amor, & a natureza em mim varia,
Donde escolas de sabios nunca vio
Em natural sogeito,
Quanto Amor em meu peito descobrio.
As aves no ar sereno,
O gado de Protheo nas agoas paze,
Vive o homem, & nasce
Neste mundo, qual mundo mais pequeno;
Eu tudo desordeno
Em todos dividido,
Na boca o ar, na terra o entendimento:
Dame esse Amor, dame esta o pensamento,
O coração no fogo he consumido:
Mas a agoa, que dos olhos sempre desce
Tem effeito tão vario,
Que em hũ humor contrario o fogo cresce!

Da vista Amor sohia

Abrir ao coração segura entrada ;
Ley he ja profanada ,
Que quando a luz de hũs olhos me feria,
Amando o que não via,
Qual de escopeta o lume,
Primeiro o querer vi, que a causa viſſe,
Quem o deſejo com a eſperança uniſſe
Cego iria apoz cego, & vil coſtume,
Que eu deſta alma das leys do mũdo izêta,
Morta a eſperança vejo,
Onde ſempre o deſejo ſe ſustenta.

Em vão ſe considera

Que hum ſemelhante a outro buſca, & ama,
E que foge, & deſama
Todo mortal a morte eſquiva, & fera,
Seja hũa linda fera,
Que eſconde em viſta humana
Coração de diamante, & peito de aço,
De meu ſangue faminta, & ſatisfação
Com cruel morte a ſede deſhumana
Aſſi que ſendo em tudo differente
Corro apoz minha ſorte,
E ſe me entrego á morte eſtou contente.

Cae em mayor deſfeito

Quem cuida ſer ſciencia clara, & certa,
Que a cauſa deſcuberta
Sempre produz aſſi conforme o eſfeito :
Rendeome hum lindo objeito,
Que ſendo neve pura
Vivo me abraſa, & o fogo interno aviva?
Que eſta fermofa fera fugitiva,
Com ſer neve de fogo ſe aſſegura:

Don-

Donde infiro por certo (& cesse a fama
Vãa, mentirosa, & leve)

Que não desfaz a neve ardente chama.

Bem no effeito se sente

Cessar, cessando a causa donde pende;

Que o fogo mais se acende.

Estando à vista donde mais ausentes;

Mas na alma vivamente

A trazem dibuxada,

Denoite Amor, dedia o pensamento,

E quando Apollo deixa o claro assento,

Por entre sombras vejo a Nympha amada,

Pois se sem luz Amor os olhos ceva,

Cego, se não concede,

Que em nada Amor impede a escura treva.

Erra quem atrevido

Pregoa fer maior que a parte o todo:

Amor me tem de modo,

Que estou numa alma minha convertido:

Desta gloria ha nacido

O temor de perdella,

E posto que o receo a muitos finge

Lá na imaginação Chymera, & Es finge,

De mal futuro, que urde imiga estrella,

Vejo em mim, por incognito segredo,

Quando estou mais contente,

Que só do bem presente nasce o medo.

Tem se por manifesto

Parecer se ao so gelto o accidente,

Mas inda em mim se sente

O pensamento, a cor, o riso, o gesto,

Da vida ja perdido

Neste tormento meu tão duro, & esquivo,

E sendo

E sendo morto ja vive o sentido,
 Porque sente que na alma despedida,
 Pòde em meu mal unir se
 O ficar, & o partir se, a morte, & a vida.
 Destas razões, Canção, infiro, & creio,
 Que ou se mudou em tudo a fôrma usada
 Da natural firmeza,
 Ou tenho a natureza em mi mudada.



CANC,AM

Sua materia tem l. de C. tambem na
 Canção 2. & 4. & na Ecl. 2. & 3.
 que são sonhos.

Que he isto? sonho? ou vejo a Ninfa pura,
 Que sempre na alma vejo!
 Ou me pinta o desejo
 O bem, que em vão cada hora me assegura?
 Mal pôde a noite escura
 Amando a sombra fria,
 Mandarme em sonho a luz fermosa, & bella,
 Que se não torne em dia
 De seus luzentes rayos inflamada.
 O vista desejada
 De graciosa Nympha, & viva estrella!
 Que ha tanto que por este mar navego,
 (Sem ver meu claro Polo) escuro, & cego.

Nesses

Nesses fermosos olhos de enlevado
Minha alma se escondeo,
Quando ordenava o Ceo,
Que vivesse comigo desterrado.
Vós a mais certa estrada
De ver a Summa Alteza,
Do effeito a causa abris a esta alma minha,
Assi mortal belleza
Sô della nasce, & della se resume,
Assi celeste lume
Lá dos Ceos se deriva, & là caminha,
Pois como a Deos unirme a vista possa,
Porque a negaes, meu Sol, a esta alma vossa.
Se me quereis prender a parte a parte
Cabello ondado, & louro,
Teceime a rede de ouro,
Em que prêdeo Vulcano a Cypria, & Marte,
Desque com gentil arte
Vestis de flores bellas:
A terra, em que tocaes com a bella planta,
Quantas vezes com vellas,
Quiz numas dessas flores transformarme?
Porque vendo pisarme
De esse candido pè, que a neve espanta,
Póde ser que na flor mudado fora,
Que deu a Iuno irada a linda Flora:
Mas onde te acolheste (ò doce vida)
Mais leve, & prelurosa,
Do que na selva umbrosa,
Cerva de aguda setta vai ferida?
Se para tal partida
Meus olhos vos abristes,
Cerraravos o somno eternamente;

Antes

Antes que vervos tristes,
Perdendo tão suave, & doce engano:
Agora, com meu dano,
Vedes, para môr magoa, claramente,
Neste bem fugitivo, & somno leve,
Que mal não ha mais lôgo, q̃ hũ bem breve:
Ditoſo Endimião, que a Deoſa cara,
Que a noite vai guiando,
Teve em braços ſonhando?
Ah, quem de ſonho tal nunca acordára!
Tu ſó, Aurora avara,
Quando os olhos ferifte,
Me mataſte, cruel, de inveja pura:
Mas ſe deſta alma trifte
A negra eſcuridão vencer quizeſte,
Sabe, que em vão naſceſte,
Que para deſfazer ſe a nevoa eſcura
De meus olhos, importa eſtar preſente
Outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.
Se a luz de meu Planeta
Não me aviva, Canção, branda, & quieta,
Qual flor de chuva em breve conſumida
Verás deſfeita em lagrimas a vida.

CANCAAM

POr meyo de hũas ferras mui fragosas,
 Cercadas de sylvestres arvoredos,
 Retumbando por asperos penedos,
 Correm peremnes agoas deleitosas:
 Na ribeira de Buina, assi chamada,
 Celebrada,
 Porque em prados
 Esmaltados
 Com frescura
 De verdura,
 Assi se mostra amena, assi graciosa,
 Que excede a qualquer outra mais fermosa.
As correntes se vem, que aceleradas,
 As aves regalando, & as boninas,
 Se vão a entrar nas agoas Neptuninas,
 Por diversas ribeiras derivadas:
 Com mil brancas conchinhas a aurea area,
 Bem se arrea,
 Voão aves,
 Mil suaves
 Passarinhos
 Nos raminhos
 Acordemente estão sempre cantando
 Com doce accento os ares abrandando.
O doce Roixinol num ramo canta,
 E do outro o Pintafirgo lhe responde,
 A Perdiz, de entre a mata, em q se esconde,
 O caçador sentindo, se levanta:
 Voando vai ligeira mais que o vento,
 Outro assento
 Vai buscando;

90 III. PARTE DAS RIMAS,

Porém quando
 Vai fugindo
 Retinindo,
 Tras ella mais veloz a setta corre,
 De que ferida logo cae, & morre.
 Aqui Progne de hum ramo em outro ramo,
 Com o peito ensanguentado anda voando,
 Cibato para o ninho anda buscando,
 A leda Codorniz vem ao reclamo.
 Do sagaz caçador, que a rede estende,
 E pretende
 Com engano
 Fazer dano
 Aa coitada,
 Que enganada
 De huns esparzidos graãos do louro trigo,
 Nas mãos vai a cair de seu imigo.
 Aqui soa a Calhandra na parreira,
 A Rola geme, palra o Estorninho,
 Sae a candida Pomba de seu ninho,
 O Tordo pousa em cima da oliveira;
 Vaão as doces abelhas sussurrando,
 E apanhando
 O rocio
 Fresco, & frio,
 Por o prado
 De erva ornado,
 Com que o bravo licor fazem, que deu
 Aa humana gente a industria de Aristen.
 Aqui as uvas luzidas penduradas
 Das pampinosas vides resplandecem,
 As frondiferas arvores se ofrecem,
 Com diferentes frutos carregadas:

Os peixes na agoa clara andão saltando,
Levantando

As pedrinhas,

E as conchinhas

Rubicundas,

Que as jocundas

Ondas consigo trazem, crepitando

Por a praya alva com ruido brando.

Aqui por entre as selvas se levantão

Animaes calidonios, & os Veados

Na fugida inda mal assegurados,

Porque do som dos proprios pès se espantão:

Sae o Coelho, a Lebre sae manhosa,

Da frondosa

Breve mata,

Donde a cata

Caõ ligeiro,

Mas primeiro,

Que ella ao contrario fêrvido se entregue,

A vezes deixa em branco a quem a segue.

Luzem as brancas, & purpureas flores,

Com que obrando Favonio a terra esmalta,

O fermoso Iacinto alli não falta,

Lembrado dos antigos seus amores:

Inda na flor se mostraõ esculpidos

Os gemidos,

Aqui Flora

Sempre mora,

E com Rosas

Mais fermosas,

Com lirios, & boninas mil fragrantés

Alegra os seus amores inconstantes,

Aqui Narciso em liquido cristal

Se namora de sua fermosura, Nel-

Nelle os pendentos ramos da espessura, O
 Dibuxandose estaõ ao natural,
 Adonis, com que a linda Cytherea
 Se recrea,
 Bem florido,
 Convertido
 Na bonina,
 Que Ericina
 Por imagem deixou de qual seria
 Aquelle, por quem ella se perdia.
 Lugar alegre, fresco, acomodado,
 Para se deleitar qualquer amante,
 A quem com sua ponta penetrante
 O cego Amor tivesse derribado:
 E para memorar ao som das agoas
 Suas magoas
 Amorosas,
 As cheirosas
 Flores vendo,
 Escolhendo
 Para fazer preciosas mil capellas,
 E dar por graõ penhor a Nymphas bellas.
 Eu dellas por penhor de meus amores,
 Hũa capella à minha Deosa dava,
 Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
 O bem me queres entre tantas flores:
 Porém, como se fora mal me queres,
 Os poderes
 Da crueldade
 Na beldade
 Bem mostrou,
 Desprezou
 A dadia de flores, não por minha,
 Mas porque muitas mais ella em si tinha.

A ElRey D. Sebastião.

REY bemaventurado, em quem parece
Aquella alta esperança ja comprida,
De quanto o Ceo, & a terra te offerece.
De Deos fermosa planta, concedida
A lagrimas de Amor, & lealdade,
Bem nosso sò, de nossa vida vida.
Em quanto esta innocente, & branda idade,
Por Deos crescendo vai felicemente,
Tè o mundo encher de nova claridade.
Em quanto este teu Povo, & do Oriente
Novo acrescentamento por ti esperaõ,
De outros Reys, doutras terras, doutra gente,
Taes promessas os Ceos de ti nos derão
No teu tão milagroso nascimento,
E espirito igual em ti a ellas puzerão.
Eu levado de amor, de santo intento
(Quem ante essa brandura temeria)
Deterte com meu verso hum pouco espero.
Depois virà hum tão ditoso dia,
Que as tuas Reaes Quinas despregadas
Na multidão de toda a Berberia,
As vitoriosas frotas carregadas
Das cativas Coroas, & bandeiras,
De outro espirito mayor se jáo cantadas.
Agora ouve, Senhor, as verdadeiras
Musas, que levão os Reys a esta alta gloria,
Tendo por armas sò vèlas ligeiras.
Quantas armadas conta a antiga historia,
Quantos grandes exercitos perdidos,

H

Dei.

Deixarão aos mais pequenos a victoria.
Esses tanto no mundo conhecidos,
Cujos nomes vencêrão tantos annos,
Não foraõ sò por força obedecidos.
Não se subjigão coraçoes humanos
De boa vontade, à força hum peito aberto
Os vence de bom amor, sem arte, & enganos.
Nesta sombra, onde tudo anda encuberto,
Quem da verdade vê mais que a figura!
Quem seu passo direito leva, & certo!
Huns falsos longes de hũa vã pintura,
Com sua cor, ao parecer lustrosa,
Quantos detem com falsa fermosura!
Não tem cores, nem dobras a fermosa
Verdade, que buscaes, ò gente cega,
Humilde, & nua està, não tão custosa:
Não he hum sò Cupido, que almas cega,
Mais ha no mundo que huns sós vãos amores
Que he tudo o que à vontade mal se entrega.
Aquelles, que do Amor foraõ pintores,
Que os olhos lhe tirarão, & o descubrirão,
Pintarão para Reys, & Emperadores.
Altos engenhos, que em figura virão
As forças deste proprio amor imigo,
Que moço, & cego, & nu, & cruel fingirão.
Cada hum traz em si mesmo seu perigo,
Herdado desta natural fraqueza,
Que tanto fazem homem de si amigo!
Iguaes somos, Senhor, na natureza,
Assi entramos na vida, assi sahimos,
O entendimento he nossa fortaleza.
Igualmente de hum só principio vimos,
Igualmente a hum fim todos corremos,

E hũa estrada commum igual seguimos.
 Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,
 Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
 Tanto caminho do bom fim perdemos.
 Cegos de nòs, que nos tão mal trocamos,
 Que a parte vil, & baixa senhorea,
 E o mais alto ao mais baixo cativamos.
 Força cruel, que dentro em nòs guerreia,
 Vemos a cega vontade, a razão clara,
 E leva assi de nòs victoria fea.
 Aquelle lume, que a alma illustra, & aclara,
 Apagado por nòs, nelle he perdido,
 Como mortos nos deixa, & a desampara.
 Deu o remedio Deos, eis hum erguido
 Por elle em poder alto, do que o povo
 He ja por bem levado, ou constangido.
 Não he nome de Rey titulo novo,
 Co elle começou o mundo, & dura,
 Por fabulas antigas não me movo.
 Depois que daquella alta fermosura
 Veyo o primeiro homem, & a triste sorte
 O envolveo nesta sombra grossa, & escura.
 Fugio a luz, entrou armada a morte,
 Cumprio nova vigia, & guarda, & ley,
 Que o cego mostre a luz, & obrigue o forte.
 Elegeo Deos Pastor a sua Grey,
 Vio tambem a razão necessidade,
 Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.
 Conforme, & junto o povo nũa vontade,
 Num sò por bem commum todos poderes,
 Prometendo obediencia, & fieldade,
 Obrigaraõ suas vidas, seus averes,
 Prometeo o bom Rey justiça, & paz,

E remedio, & soccorro a seus misteres.
Dalli fogeito ao Rey o povo jaz,
Dalli fogeito o Rey à boa razão,
Da mesma luz, que em si esta força traz.
A quem todos seus bens, & vidas dão
Por os livrar da injuria, & violencia,
Se lhas elle fizer, a quem se irão?
Serà juiz a justa consciencia,
Eaquelle santo, & natural preceite
Deve à ley o que a fez obediencia.
Quem o caminho ha de mostrar direito,
Se troce delle, & segue a falsa estrada,
Como terà seu povo à ley fogeito?
Poz Deos na mão do Rey a vara alçada
Para guia do povo errado, & cego,
Mas não fôí fô ao seu desejo dada.
Como destro Piloto no alto pego
Co leme guia a nao, hora a hũa parte,
Hora a outra a desvia do vao cego.
Não valem alli forças, val só arte,
Arte vence do mar a ira espantosa,
Arte sem ferro vence o fero Marte.
Hydra de mil cabeças enganosa,
Pêgo de tantos ventos revolvido,
Não se vence, senhor, com mão forçosa.
Em duas iguaes partes repartido
Te deu Deos teu poder em premio, em pena,
Deffe a cada hum o que lhe for devido.
Aquelle que á sua vontade ordena
Todas as cousas, olha com que amor
Paga o bem logo, & devagar condena.
Não se acha alli respeito, nem favor,
Tanto val cada hum, quanto merece,

Iguaes ante elle são servo, & senhor.
Olhate bem, gram Rey, & a ti conhece,
Nacido só para reger a tantos,
E dessa grande Alteza o teu fim dece.
Verte has igual na humanidade a quantos
Mandas, verás o fim tão duvidoso,
Como quem também morre, & nasce em pratos.
Que presta ser na terra poderoso,
Se o alto fim do Ceo se poem em sorte,
Que até ao Filho de Deos foi tão custoso.
Corte o bom Rey primeiro por si, corte,
Mais vence o exemplo bom, q' o ferro, & o fogo,
Não pôde errar quem contra si he forte.
Nem a propria afeição, nem brando rogo
Tire a força à razão, ou à igualdade,
Nem se lhe faça sempre falso jogo.
Sòmente em Deos razão he a vontade,
Absoluto poder não o ha na terra,
Antes fora injustiça, & crueldade.
Que vontade mortal, senhor, não erra,
Se a justa ley, & razão a não enfrea,
De que nasce a injustiça, & cruel guerra.
Cada hum pinta em seu peito aquella idea,
A qual ou mal, ou bem, se se afeição,
Assi lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.
A boa guia he a inclinação boa,
A qual nasce do claro entendimento,
E com facil discurso ao melhor voa.
Tanto val, tanto pôde o santo intento,
Que só por si a honra, & louvor crece,
E a obra que val dez, faz valer cento.
E quando humanamente erro acontece,
(Quem pôde acertar sempre) a culpa he leve,
E todo

É todo o bom juizo a compadece.
Que injustiça ferà, que não releve
Não sahir à vontade a obra igual,
Pois pello intento sò julgar se deve.
No livre peito, & coração real
Està o bem commum sempre fundado,
Não pòde de tal fonte manar mal,
Ama o povo o bom Rey, & he delle amado,
Ledo, & facil em crer, & julgar bem,
Imigo de todo o animo dobrado.
Sempre a mão larga, sempre aberto tem
O generoso peito ao premio justo,
E triste, & vagaroso à pena vem.
Este he chamado Bom, & Grande, Augusto,
Da Patria Pay, Prazer, & Amor do mundo,
Mortal imigo do tyrano injusto.
Este logo de hum alto, & de hum facundo
Engenho atè as Estrellas bem cantado,
Voando vai na terra sem segundo.
Tal nos crece, gram Rey, por Deos ja dado,
Inda mayor que as nossas esperanças,
Mayor que sua Estrella, & alto Fado.
Cedo teu espirito vencerà as tardanças
Do tempo, & idade, & cedo renovando
Iràs dos santos Reys altas lembranças.
Começate ja agora ir costumando
A pòr em nós teus olhos Reaes serenos,
O mansissimo Avò teu imitando
Inteiro, & humano aos grãdes, & aos pequenos.

MOTTE.

*Descalça vay para a fonte,
Leonor pella verdura,
Vay fermosa, & não segura.*

VOLTA.

L Eva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura,
Vai fermosa, & não segura.
Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro otrançado,
Fita de cor de encarnado,
Tão linda, que o mundo espanta;
Chove nella graça tanta,
Que dà graça à fermosura,
Vai fermosa, & não segura.

MOTTE.

*Quem disser que a barca pende,
Dilhehei mana que mente.*

VOLTA.

SE vos quereis embarcar,
SE para isso estaes no caes,

Entraí

Entrai logo; que tardaes?
 Olhai que esta preamar:
 E se outrem, por vos fretar,
 Vos disser que esta que pende,
 Dirlhehei, mana, que mente.
 Esta barca he de carreira,
 Tem seus aparelhos novos,
 Não ha como ella outra em Povos,
 Boa de leme, & velleira:
 Mas se por ser a primeira,
 Vos disser alguém que pende,
 Dirlhehei, mana, que mente.

MOTTE.

*Com razão queixarme posso
 De vós, que mal vos queixais,
 Pois, senhora, vos sangrais,
 Que seja num corpo vosso,*

VOLTAS.

E U para levar a palma,
 Com que ser vosso mereça,
 Quero que o corpo padeça
 Por vós, que delle sois alma:
 Vós do corpo vos queixais,
 Eu queixarme de vós posso,
 Porque tendo hum corpo vosso,
 Na minha alma vos sangrais.
 E sem fazer differença,
 No que de mim possuis,
 Pello pouco, que sentis,
 Dais à minha alma doença.

DE LVIS DE CAMOENS. 101

Pois que dous a venturaes,
Oh não seja o dano nosso,
Sangrese este corpo vosso,
Porque minha alma vivaes.
E inda, se atentardes bem,
Seguis medicina errada,
Porque para ser sangrada
Hũa alma fangue não tem:
E pois em mim falar posso
Males, que á minha alma dais,
Se inda outra vez vos sangrais,
Seja neste corpo vosso.

MOTTE.

*Retrato vós não sois meu,
Retratarão vos mui mal,
Que a sereis meu natural,
Foreis mofo como eu.*

GLOSA.

INda que em vós a arte vença,
O que o natural tem dado,
Não fostes bem retratado,
Que ha em vós mais differença,
Que no vivo do pintado:
Se o lugar se considera
Do alto estado, que vos deu
A sorte, que eu mais quizera,
Se he que eu sou quem dantes era,
Retrato vós não sois meu,

Vós na minha gloria posto,
 Eu na vossa sepultura,
 Vós com bens, eu com desgosto,
 Pareceifvos ao meu rosto,
 E nãaja à minha ventura.
 E pois nella, & vós errarão,
 O que em mim he principal,
 Muito em ambos se engañarão,
 Se por mim vos retratarão,
 Retratarão vos mui mal.
 Mas se esse rosto fingido,
 Quizereis representar,
 Ouvera por bom partido,
 Darlho a alma do sentido,
 Para a gloria do lugar.
 Vireis posta nessa alteza,
 Que vos não ha cousa igual,
 E que nem a mayor mal
 Podeis vir, nem mór baixeza,
 Que serdes meu natural.
 Por isso não confesseis
 Serdes meu, que he desatino,
 Com que o lugar perdereis,
 Se conservarvos quereis,
 Blasonai, que sois divino.
 Que se nesta occasião
 Conhecessẽ que ereis meu,
 Por meu vos derão de mão,
 Foreis mofo, como eu.

MOTTE.

*Foize gastando a esperança,
 Fui entendendo os enganos,*

*Do mal ficarão meus danos,
E do bem só a lembrança.*

GLOSA.

Nunca em prazeres passados
Tive firmeza segura,
Antes tão arrebatados,
Que inda não eram chegados,
Quando mos levou ventura.

E como quem desconfia,
Ter em tal sorte mudança,
No meyo desta porfia,
De quanto bem pretendia,
Foi se gastando a esperança.

Não tive por desatino
A occasião de perdella,
Mas foi culpa do destino,
Que ninguem como mais dino
Amor pudera sostella.

Deilhe tudo o que era seu,
Não receando taes danos,
Destes, a quem alma lhe deu,
Quando ja não era meu,
Fui entendendo os enganos.

Fiquei deste mal sobejo,
A quem a causa compete,
Dizer-lhe tudo o que vejo,
Que Amor a ceita o desejo,
Mas mente no que promete.

Que se a mim se me obrigou
A dar-me bens soberanos,
Foi engano, que ordenou,
Que do bem tudo levou,
Do mal ficarão meus danos.

E fe dor tão desigual
 Sofro em mim com padecellos,
 Quero de novo sofrellos,
 Que por a causa ser tal,
 Não determino offendellos.
 Dobrese o mal, falte a vida,
 Creça a fê, falte a esperança,
 Pois foi mal agradecida,
 Fique a dor nalma imprimida,
 E do bem sò a lembrança.

MOTTE.

Ojos, herido me haveis,
 Acabad ya de matarme,
 Mas muerto bolvè a mirarme,
 Porque me resuciteis.

VOLTA.

Pues me distes tal herida,
 Con gana de darme muerte,
 El morir me es dulce suerte,
 Pues con morir me dais vida,
 Ojos, que os deteneis?
 Acabad ya de matarme,
 Mas muerto, bolvè a mirarme,
 Porque me resuciteis.
 La llaga cierto ya es mia,
 Aunque, ojos, vòs no querrais,
 Mas si la muerte me dais,
 El morir me es alegria.
Y assi digo, que acabeis,
 Ojos, de resuscitarme,
 Mas muerto, bolvè a mirarme,
 Porque me resuciteis.

S O N E T O.

HOras breves de meu contentamento,
 Nunca me pareceo, quando vos tinha,
 Que vos visse mudadas tão asinha,
 Em huns tão longos dias de tormento:
 As altas torres, que fundei no vento,
 O vento as levou logo, que as softinha,
 Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
 Pois sobre cousas vãs fiz fundamento:
 Amor com falsas mostras apparece,
 Tudo possivel faz, tudo ailegura,
 E logo no melhor defapparece:
 Eu o quiz, pois o quiz minha ventura,
 Que gemendo, & chorando conhecece
 Quam fugitivo elle he, quam pouco dura.

S O N E T O.

Sustenta meu viver hũa esperança
 Dirivada de hum bem tão desejado,
 Que quando nella estou mais confiado,
 Mór duvida me poem qualquer mudança:
 E quando inda este bem na mór pujança
 De seus gostos me tem mais enlevado,
 Me atormenta então ver eu, que alcançado.
 Serà, por quem de vòs não tem lembrança:
 Assim, que nestas redes enlaçado,
 A penas dou a vida, sustentando
 Hũa nova materia a meu cuidado:
 Suspiros dalma tristes arrancando,
 Dos silvos de hũa pedra acompanhado,
 Estou materias tristes lamentando.

S O.

SONETO.

JA não sinto, senhora, os desenganos,
 Com que minha afeição sempre tratastes,
 Nem ver o galardão, que me negastes,
 Merecido por fê-la tantos annos:
 A magoa choro só, só choro os danos
 De ver, por quem, senhora, me trocastes,
 Mas em tal caso vós só me vingastes
 De vossa ingratidão, vossos enganos:
 Dobrada gloria dà a qualquer vingança,
 Que o offendido toma do culpado,
 Quando se satisfaz com cousa justa:
 Mas eu de vossos males, & esquivança,
 De que agora me mejo bem vingado,
 Não o quizera eu tanto à vossa custam.

SONETO.

Que pòde ja fazer minha ventura,
 Que seja para meu contentamento?
 Ou como fazer devo fundamento
 De cousa, que o não tem, nem he segura?
 Que pena pòde ser tão certa, & dura,
 Que possa ser mayor, que meu tormento?
 Ou como receará meu pensamento
 Os males, se com elles mais se apura?
 Como quem se costuma de pequeno
 Com peçonha criar por mão sciente,
 Da qual o uso ja o tem seguro:
 Mas eu acostumado ao veneno,
 E uso de sofrer meu mal presente
 Me faz não sentir ja nada o futuro.

SONETO.

Los ojos que con blando movimiento
 Al passar enternecen la alma mia,
 Si detenerse viesse solo un dia
 Mi pecho librarian de tormento:
 Pues de tan amoroso sentimiento
 El importuno mal se acabaria,
 O assi el accidente creceria,
 Que la vida acabasse en un momento:
 O si tu esquivez lo permitiesse,
 Que en presencia de tu semblante hermoso
 A manos de tus ojos me muriesse:
 O si los destruyesse, quan dichoso
 Seria aquel momento, en que me viesse
 Cobrar ellos la vida, y el reposo.

SONETO.

A Fermosura desta fresca ferra,
 Ea sombra dos verdes castanheiros,
 O manso caminhar destes ribeiros,
 Onde toda a tristeza se desterra;
 O rouco som do mar, a estranha terra,
 O esconder do Sol pellos outeiros,
 O recolher dos gados derradeiros,
 Das nuvens pello ar a branda guerra:
 Em fim tudo o que a rara natureza
 Com tanta variedade nos ofrece,
 Me està (senão te vejo) magoando:
 Sem ti tudo me enoja, & me aborrece,
 Sem ti perpetuamente estou passando
 Nas mōres alegrias, mōr tristeza.

SONETO.

S Ospechas, qué en mí triste fantesía
 Puestas hazeis la guerra a mi sentido,
 Bolviendo, y rebolviendo el afligido
 Pecho con dura mano noch, y día:
 Ya se acabò la resistencia mia,
 Y la fuerça del alma ya rendido,
 Vencer de vós me dexo arrepentido
 De averos contrastado en tal porfia:
 Llevadme a aquel lugar tan espantable,
 Que por no ver mi muerte allí esculpido,
 Cerrados hasta aquí tuve los ojos:
 Las armas pongo ya, qué concedida
 No es tan larga defenfa al miserable,
 Colgad en vuestro carro mis despojos.

SONETO.

N O bastava que Amor puro, y ardiente
 Por terminos la vida me quitasse,
 Sinò que de amor se apresurasse
 Con un tan desh humano accidente:
 Mi alma no resiste, ni consiente,
 Que el amoroso curso se atajassee,
 Porque nunca jamás se exprimentasse,
 Que muera a de amor quien amor siente:
 Mas vuestra voluntad tan poderosa,
 Como vuestra hermosura, me ordenaron
 Impossible crueldad, jamás oida:
 Aquel fiero desden, y la amorosa
 Furia, de un golpe solo me quitaron
 Con dós muertes contrarias una vida.

F I N I S.

SONETO 012

Vos, que escutais em Rimas derramado
 Dos suspiros o som, que me alentava
 Na juvenil idade, quando andava
 Em outro em parte do que sou mudado:
 Sabei, que busca só do já cantado,
 No tempo, em que ou temia, ou esperava
 De quem o mal provou, que eu tanto amava,
 Piedade, & não perdaõ, o meu cuidado:
 Pois vejo que tamanho sentimento
 Sò me rendeo ser fabula da gente
 (Do que comigo mesmo me envergonho)
 Sirva de exemplo claro meu tormento,
 Com que todos conheção claramente,
 Que quanto ao mûdo apraz he breve sonho.

SONETO 02.

DE Amor escrevo, de Amor trato, & vivo,
 De Amor me nasce amar, sem ser amado,
 De tudo se descuida o meu cuidado,
 Quanto não seja ser de Amor cativo:
 De Amor, que a lugar alto voe altivo,
 E funde a gloria sua em ser ousado,
 Que se veja melhor purificado
 No immenso resplâdor de hũ rayo esquivo:
 Mas ay, que tanto amor sò pena alcança!
 Mais constante ella, & elle mais constante,
 De seu triunfo cada qual só trata:
 Nada, em fim, me aproveita, que a esperança
 Se anima algũa vez a hum triste amante,
 Ao perto vivifica, ao longe mata.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 3.

MOradoras gentis, & delicadas
Do claro, & aureo Tejo, que metidas
Estaes em suas grutas escondidas,
E com doce repouso foflegadas:
Agora estaes de amores inflamadas,
Nos cristalinos passos entretidas,
Agora no exercicio embevecidas,
Das tellas de ouro puro matizadas:
Movei dos lindos rostros a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo,
Que lagrimas derramem de tristura:
E assi com dor mais propria hireis ouvindo
As queixas, que derramo da ventura,
Que com penas de amor me vai seguindo.

SONETO 4.

BRandas agoas do Tejo, que passando
Por estes verdes campos, que regaes,
Plantas, ervas, & flores, & animaes,
Pastores, Ninfas, ides alegrando:
Não sei (ah doces agoas!) não sei quando
Vos tornarei a ver, que magoas taes,
Vendo como vos deixo, me causaes,
Que ja vou de tornar desconfiado:
Ordenou o destino, dosejoso
De converter meus gostos em pezaes,
Partida, que me vai custando tanto
Saudofo de vós, delle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras agoas com meu pranto.

DE LVIS DE CAMOENS,

SONETO 5.

NOvos casos de Amor, novos enganar,
Envoltos em lisonjas conhecidas,
Do bem promessas falsas, & escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos:
Como não tomais já por desenganos
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois em a vida não basta, nem mil vidas
A tantos dias tristes, tantos annos:
Hum novo coração mister havia
Com outros olhos menos agravados,
Para tornar a crer o que eu não cria:
Andais comigo, enganar, enganados,
E se o quizeres ver, cuidai hum dia
O que se diz dos bem acutilados.

SONETO 6.

IA do Mondego as agoas apparecem
A meus olhos, não meus, antes alheos,
Que de outras differentes vindo cheos,
Na sua branda vista inda mais crecem:
Parece que também forçadas decem,
Segundo se detem em seus rodeos,
Triste! por quantos modos, quantos meos
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males salteada,
Amor a poem em termos, que duvida
De conseguir o fim desta jornada:
Antes se dà de todo por perdida,
Vendo que não vai da alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tem vida.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 7.

HUm firme coração posto em ventura,
Hum desejar honesto, que se engeite,
De vossa condição, sem que respeite
A meu tam puro Amor, a se tam pura:
Hum vervos, de piedade, & de brandura,
Sempre inimiga, faz-me que sospeite
Se algũa Hircana fera vos deu leite,
Ou se nalcestes de hũa pedra dura:
Ando buscando causa que disculpe
Crueza tão estranha, porêm quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata:
Donde vem, que não ha quem nos não culpe,
A vós, porque matais quem vos quer tanto,
A mim, por querer tanto a quem me mata.

SONETO 8.

AR, que de meus suspiros vejo cheyo,
Terra cançada ja com meu tormento,
Agoa, que com mil lagrimas sustento,
Fogo, que mais acendo no meu ceyo:
Em paz estais em mim, & assim o creyo,
Sem esse ser o vosso proprio intento,
Pois em dor onde falta o sofrimento,
A vida se sustem por vosso meyo:
Ay imiga Fortuna! ay vingativo
Amor! a que discursos por vós venho,
Sem nunca vós mover com minha magoa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Amor, Fortuna, Ar, Terra, Fogo, & Agoa.

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 9.

IA claro vejo bem, ja bem conheço
Quanto aumentando vou o meu tormento,
Pois sei q' fundo em agoa, escrevo em vento,
E que o cordeiro manto ao lobo peço:
Que Arancie, pois ja com Pallas teço,
Que a Tigres em meus males me lamento,
Que reduzir o mar a hum vaso intento,
Aspirando a esse Ceo, que não mereço:
Quero achar paz em hum confuso inferno,
Na noite do Sol puro a claridade,
E o suave Verao no duro Inverno:
Busco em luzente Olympo escuridade,
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

SONETO 10.

DE cá donde sòmente o imaginar vos
A rigurosa ausencia me consente,
Sobre as azas de Amor, ousadamente
O mal soffrido espirito vai buscar vos:
E se não receára de abraçar vos
Nas chamas, que por vossa causa sente,
Lá ficára com vosco, & vós presente
Aprendèra de vós a contentar vos:
Mas pois que estar ausente lhe he forçado,
Por senhora de cá vos reconhece,
Aos pès de imagens vossas inclinado:
E pois vedes a fê, que vos offerece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E darlhecis inda mais do que merece.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO II.

NAõ ha louvor que arribe á menor parte
De quanto em vòs se vê, bella senhora,
Vòs sois vòsso louvor, quem vos adora
Reduz sómente a este o engenho, & arte:
Quanto por muitas damas se reparte
De bello, & de fermoso, em vòs agora
Se ajunta em modo tal, que pouco fora
Dizer, que sois o todo, ellas a parte:
Culpa logo, naõ he, se vou louvarvos
Ver incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o Ceo aventajarvos:
Seja a culpa de vossos resplandores,
E a que elles tem vos dou, só para darvos
O mór louvor de todos os mayores.

SONETO 12.

NAõ vás ao monte, Nise, com teu gado,
Que eu lá vi, que Cupido te bulcava,
Por ti sómente a todos perguntava
No gesto menos placido, que irado:
Elle publica, em fim, que lhe has roubado
Os melhores farpões da sua aljava,
E com hum dardo ardente assegurava
Traspassar esse peito delicado:
Fuge de verte là nesta aventura,
Porque se contra ti o tens iroso,
Póde ser que te alcance com mão dura:
Mas ay! que em vão te advirto temeroso,
Se à tua incomparavel fermosura
Se rende o dardo seu mais poderoso.

DE LVIS DE CAMOENS!

SONETO 13.

A Violeta mais bella, que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu pallido lustre, & fermosura,
Por mais bella, Violante, te obedece:
Perguntas-me porque? porque apparece
Seu nome em ti, & sua cor mais pura,
E estudar em rosto sô procura
Tudo quanto em beldade mais florece:
O luminosa flor! ô Sol mais claro?
Unico roubador de meu sentido,
Não permittas que Amor me seja avaro,
O penetrante setta de Cupido!
Que queres? que te peça por reparo,
Ser neste valle Eneas, desta Dido.

SONETO 14.

Tornai essa brancura á alva Açucena,
E essa purpurea cor ás puras Rosas,
Tornai ao Sol as chamas luminosas
Dessa vista, que a roubos vos condena:
Tornai á suavissima Sirena
Dessa voz as cadencias deleitosas,
Tornai a graça ás graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena:
Tornai à bella Venus a belleza,
A Minerva o saber, o engenho, & a arte,
E a pureza á castissima Diana:
Despojaivos de toda essa grandeza
De doês, & ficareis em toda a parte
Com vosco sô, que he sô ser inhumana.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 15.

DE mil suspeitas vans se me levantaõ
Trabalhos, & desgostos verdadeiros,
Ay! Que estes bens de Amor são feiticeiros,
Que com hũ não sei que, toda alma encatão!
Como Sereas docemente cantão,
Para enganar os tristes marinheiros,
Os meus assim me atraem lisongeiros,
E depois com horrores mil me espantão!
Quando cuido que tomo porto, ou terra,
Tal vento se levanta em hum instante,
Que subito da vida desconfio:
Mas eu sou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum amante,
Fiado a ondas de Amor, dellas me fio.

SONETO 16.

Mil vezes determino não vos ver,
Por ver se abrandá mais o meu penar,
E se cuido de assim me magoar,
Cuidai o que será, se ouver de ser:
Pouco me importa já muito sofrer,
Depois que Amor me poz em tal lugar,
E o que inda me doe mais, he só cuidar,
Que mal sem esta dor posso viver.
Assi não busco eu cura contra a dor,
Porque buscando algũa, entendo bem,
Que nesse mesmo ponto me perdi:
Quereis que viva, em fim, neste rigor?
Sómente o querer vosso me convem.
Assi quereis que seja? seja assi.

DE LVIS DE CAMOENS

SONETO 17.

A Chaga que, senhora, me fizestes,
Não foi para curarse em hum só dia,
Por que crescendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes:
De causar tanta dor vos não doestes?
Mas a doervos, dor me não seria,
Pois ja com esperança me veria,
Do que vós, que em mim visse não quizestes:
Os olhos, com que todo me roubastes,
Forão causa do mal, que vou passando,
E vós estaes fingindo, o não caustastes:
Mas eu me vingarei, & sabeis quando?
Quando vos vir queixar, porque deixastes
Ir a minha alma nelles abraçando.

SONETO 18.

SE com despresos, Ninfa, te parece,
Que podes desviar do teu cuidado
Hum coração constante, que se oferece
A ter por gloria o ser atormentado:
Deixa a tua porfia, & reconhece,
Que mal sabes de Amor desenganado,
Pois não sêres, nem vês, q em teu mal crece,
Crescendo em mim, de ti mais deslamado:
O esquivo desamor com que me tratas
Converte em piedade, se não queres,
Que creça o meu querer em teu desgosto:
Vencerme com cruezas nunca esperes,
Bem me podes matar, & bem me matas,
Mas sempre ha de viver meu presuppôto.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 19.

SEnhora minha, se eu de vds ausente
 Me defendera de hum penar severo,
 Sospeito, que offendêra o que vos quero,
 Elquecido do bem de estar presente:
 Tras este logo sinto outro accidente,
 E he ver que se da vida desespero,
 Perco a gloria, que vendovos espero,
 E assi estou em meus males diferente:
 E nesta differença meus sentidos
 Combatem com tão aspera porfia,
 Que julgo este meu mal por deshumano:
 Entre si sempre os vejo divididos,
 E se a caso concordão algum dia,
 He só conjuração para meu dano.

SONETO 20.

NO regaço d: Maem Amor estava
 Dormindo, tão fermoso, que movia
 O coração, que mais izento via,
 E a sua propria mãy de amor matava:
 Ella com os olhos nelle contemplava
 A quanto estrago o mundo reduzia,
 Elle, porém, sonhando lhe dizia,
 Que te do aquelle mal ella causava:
 Soliso, que graduado em seus amores,
 De saber de ambos mais teve a ventura,
 Assi soltou a duvida aos Pastores:
 Se bem me ferem sempre, sem ter cura,
 Do Minino os ardentes passadores,
 Mais me fere de Maem a fermosura,

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 21.

E Ste terrestre Caos com seus vapores
Não pôde condensar as nuvens tanto,
Que o clare Sol não rompa o negro manto
Com suas bellas, & luzentes cores:
A ingraticidão esquiva de rigores
Opposta nuvem he, que dura em quanto
Nos não converte o Ceo em triste pranto
Suas vans esperanças, seus favores:
Pòde-se contrapor ao Ceo a terra,
E estar o Sol por horas eclypsado,
Mas não pôde ficar escurecido:
Pòde prevalecer a vossa guerra,
Mas a pesar das nuvens declarado
Ha de ser vosso Sol, & obedecido;

SONETO 22.

HUma admiravel erva se conhece,
Que vai ao Sol seguindo de hora em hora,
Logo que elle do Eufrates se vê fôra,
E quando està mais alto, então floresce:
Mas quando o Occeano ao carro dece,
Toda a sua belleza perde Flora,
Porque ella se emmurcheffe, & se descôra,
Tanto co a luz ausente se entristece:
Meu Sol, quando alegraes esta alma vossa,
Mostrandolhe esse rosto, que dà vida,
Cria flores em seu contentamento:
Mas logo em não vos vendo, entristecida
Se murcha, & se consume em grão tormêto,
Nem ha quem vossa ausencia sofrer possa.

S O.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 23.

CRecei desejo meu, pois que a ventura
Là vos tem nos seus braços levantado,
Que a bella causa de que spis gerado,
O mais ditoso fim vos assegura:
Se aspiraes por ousado a tanta altura,
Não vos espante haver ao Sol chegado,
Porque he de Aguia Real vosso cuidado,
Que quanto mais o sofre, mais se apura:
Animo, coração, que o pensamento
Te pôde inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento:
Que creças inda mais, he ja forçoso,
Porque se foi de ousado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoso.

SONETO 24.

HE gozado bem em agoa escrito,
Vive no desejar, morre no effeito,
O desajado sempre he mais perfeito,
Porque tem parte algũa de infinito:
Dar a hũa alma immortal gozo prescrito
Em verdadeiro amor, fora deffeito,
Por modo superior, não imperfeito,
Sois exceiçã de quanto aqui limito:
De hũa esperança nunca conhecida,
Da fê do, desejar não alcançada
Sereis mais desejada possuida:
Não podeis da esperança ser amada,
Vista podereis ser, & então mais crida,
Porém não sem agravo comparada.

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 25.

DE quantas graças tinha a natureza
Fez hum bello, & riquíssimo thesouro,
E com Rubins, & Rosa, Neve, & Ouro,
Formou sublime, & Angelica belleza:
Poz na boca o Rubins, & na pureza
Do bello rosto as Rosas, por quem mouro,
No cabellho valor do metallouro,
No peito a neve, em que a alma tenho acesa:
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez delles hum Sol, onde se apura
A luz mais clara, que a do claro dia:
Em fim, senhora, em vossa composição
Ella a apurar chegou quanto sabia
De Ouro, Rosas, Rubins, neve, & Luz pura.

SONETO 26.

Nunca em Amor danou atrevimento,
Favorece a fortuna a ousadia,
Porque sempre a encolhida cobardia
De pedra serve ao livre pensamento:
Quem se eleva ao sublime firmamento,
A estrella nelle encontra, que lhe he guia,
Que o bem que encerra em si a fantasia,
São hũa illuloens, que leva o vento:
Abrir-se deve passos á ventura,
Sem si proprio ninguem ferà ditoso,
O principio sómente a forte os move:
Attever-se he valor, & não loucura,
Perderá por covarde o venturoso,
Que vos vé se os temores não remove.

S O.

III. PARTE DAS RIMAS,

SONETO 27.

A Morte, que da vida o nò desfata,
Os nòs, que dà o Amor cortar quizerá,
Cõ a ausencia, que he sobre elle espada fêra,
E com o tempo, que tudo desbarata;
Duas contrarias, que hũa â outra mata,
A morte contra Amor junta, & altera
Huma razão contra a Fortuna auflêra,
Outra contra a razão Fortuna ingrata:
Mas mostre a sua imperial potencia
A morte, em apartar de hum corpo a alma,
Duas almas o Amor num corpo una:
Para que assi triunfante leve a palma
Da Morte Amor, a graõ pesar da ausencia,
Do Tempo, da Razão, & da Fortuna.

SONETO 28.

Gentil senhora, se a Fortuna imiga,
Que contra mim cõ todo o Ceo conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves calos me perfiga:
Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa de mar, de fogo, & de ira
A darvos a memoria, que suspira,
Sò por fazer com vosco eterna liga:
Nesta alma, onde a Fortuna pôde pouco,
Taõ viva vos terei, que frio, & fome,
Vos não possaõ tirar, nem mais perigos:
Antes com som de voz trêmulo, & rouco,
Por vós chamando, sò com vosso nome
Farei fugir os ventos, & os inimigos.

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 29.

Que modo tão subtil da natureza
Para fugir ao mundo, & seus enganos!
Permitte, que esconda em tenros annos,
Debaixo de hum burel tanta belleza:
Mas não pô de esconderse aquella alteza,
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplendor entre os humanos
Resistencia não sinto, ou fortaleza:
Quem quer livre ficar de dor, & pena,
Vendoa já, já trazendoa na memoria,
Na mesma razão sua se condena:
Porque quem mereceo ver tanta gloria,
Cativo ha de ficar, que Amor ordena,
Que de juro tenha ella esta victoria.

SONETO 30.

NA margem de hum ribeiro, que fendia
Com liquido cristal hum verde prado,
O triste Pastor Lizo debruçado,
Sobre o tronco de hum freixo, assi dizia:
Ah! Natareia cruel? quem te desvia
Esse cuidado teu, do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria:
Que foi daquella fè, que tu me dêste?
Daquelle puro amor, que me mostraste?
Quem tudo trocar pode tam afinha?
Quando esses olhos teus noutro puzeste,
Como te não lembrou, que me juraste
Por toda a sua luz, que eras só minha?

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 31.

SE me vem tanta gloria só de olharte,
He pena desigual deixar de verte,
Se presumo com obras merecerte,
Grao paga de hum engano he desejarte:
Se aspiro, por quem es, a celebrarte,
Sei certo, por quem sou, q' hei de offenderte,
Se mal me quero a mi, por bem quererte,
Que premio querer posso, mais que amarte:
Porque hum tão raro Amor não me soccorre,
O humano thesouro! ó doce gloria!
Dito lo quem a morte por ti corre!
Sempre escripta estarás nesta memoria,
E esta alma vivirá, pois por ti morre,
Porque ao fim da batalha he a victoria.

SONETO 32.

CRiou a natureza damas bellas,
Que foraõ de altos plectro, celebradas,
Dellas tomou as partes mais prezadas,
E a vós, senhora, fez do melhor dellas:
Ellas diante vós laõ as estrellas,
Que ficão com vos ver logo eclipçadas,
Mas se ellas tem por Sol essas rosadas
Luzes de Sol mayor, felices ellas!
Em perfeiçãõ, em graça, & gentileza,
Por hum modo, entre humanos, peregrino,
A todo o bello excede essa belliza:
O quem tivera partes de divino,
Para vos merecer! mas se pureza
De Amor val ante vós, de vós sou dino.

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 33.

Que esperais, esperança? Desespero.
Quem disse a causa foi? Hũa mudança.
Vós vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis coraçã? Que muito quero.
Que sentis alma vós? Que Amor he fero:
E em fim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta logo? Hũa lembrança.
E ió nella esperais? Sô nella espero.
Em que podeis parar? Nisto em que estou.
E em que estais vós? Em acabar a vida.
E tendelo por bem? Amor o quer.
Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo estã rendida.
A quem rendida estais? A hum sô querer.

SONETO 34.

SE algum hora essa vista mais suave
A caso a mim volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento,
Que não temo que dano algum me agrave:
Mas quando com desdem esquivo, & grave,
O bello rosto me mostrai izento
Hũa dor provotal, hum tal tormento,
Que muito vem a ser, que não me acabe:
Assi está minha vida, ou minha morte
No volver desses olhos, pois podeis
Dar cum a volta delles morte, ou vida:
Ditolo eu, que o Ceo quer, cu minha sorte,
Que ou vida para dar vola me deis,
Ou morte, para haver morte querida.

S O.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 35.

TAnto se foraõ, Ninfa, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vão passando ja por natureza,
O que por accidente hiaõ passando:
No que ao sono se deve estou velando,
E venho a velar sò minha tristeza,
O choro não abrandá esta aspereza,
E meus olhos estaõ sempre chorando:
Assi de dor em dor, de magoa, em magoa,
Consumindose vão inutilmente,
E esta vida também vão consumindo:
Sobre o fogo de Amor inutil agoa!
Pois eu em choro estou continuamente,
E do que vou chorando, te vâs rindo.

SONETO 36.

EU me aparto de vòs, Ninfas do Tejo,
Quando menos temia esta partida,
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis, com que vos vejo:
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade, que a razão leva vencida,
Presto verãõ o fim â triste vida,
Se vos não torno a ver como desejo:
Nunca a noite entre tanto, nunca o dia,
Verãõ partir de mim vossa lembrança,
Amor, que vai comigo o certifica:
Por mais que no tornar haja tardança,
Me faraõ sempre triste companhia
Saudades do bem, que em vòs me fica.

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 37.

Divina companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olimpo monte,
Ou sobre as margens da Castalia fonte,
Vossos estudos tendes mais sagrados:
Pois por destino dos immoveis fados,
Quereis que em vosso numero me conte
No eterno templo de Belerofonte,
Ponde em bronze estes versos entalhados:
Soliso (porque em seculos futuros
Se veja da belleza o que merece
Quem de sabia doudice a mente inflama:
Seus escriptos da sorte ja seguros
A estas aras em hũa mão ofrece,
E a alma em outra á sua bella Dama.

SONETO 38.

A La margen del Tajo en claro dia,
Con rayado marfil peinando estava
Natareia sus cabellos, y quitava
Con sus ojos la luz al Sol, que ardia:
Soliso, que qual Clicie la seguia,
Lexos de si, mas cerca della estava,
Al son de su zamphoña celebrava
La causa de su ardor, y assi dizia:
Si tantas, como tu tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las llevaras,
Colgada cada qual del uno dellos:
De no tenerlas tu me consoláras,
Si tantas vezes mil como son ellos,
En ellos, la que tengo, me enredáras.

S O.

III. PARTE DAS RIMAS

SONETO 39.

POr gloria tuve un tiempo el ser perdido,
Perdiame de puro bien ganado,
Ganè quando perdi ser libertado,
Libre agora me veo mäs vencido:
Venci, quando de Nize fui rendido,
Rendime, por no ser della dexado,
Dexóme en la memoria el bien passado,
Passo agora a llorar lo que he servido:
Servia al premio de la luz, que amava,
Amandola, esperavale por cierto,
Incierto me saliò quanto esperava:
La esperança se queda en desconcierto,
El concierto en el mal, que no pensava
El pensamiento con un fin incierto.

SONETO 40.

REbuelvo en la incessable fantasia,
Quão me he visto en mäs dichoso estado,
Si agora, que de Amor vivo inflamado,
Si quando de su ardor libre vivia:
Entonces desta llama solo huía,
Despreciando en mi vida su cuidado,
Agora con dolor de lo passado,
Tengo por gloria aquello que temia:
Bien veo, que era vida deleitosa
Aquella que lograva sin temores,
Quando gustos de Amor tuve por viento:
Mas viendo oy a Natareia tan hermosa,
Hallo en esta prision glorias mayores,
Y en perderlas, por libre, hallo tormento.

DE LVIS DE CAMOENS.

SONETO 41.

LAs peñas retumbavan al gemido
Del mísero zagal, que lamentava
El dolor, que a su alma lastimava
De un obstinado desamor nacido:
El mar, que las batia su bramido,
Con los retumbos dellas ayuntava,
Confuso son al viento derramava
En cavernosos valles repetido:
Responden a mi llanto duras peñas,
Ay de mí! (dixo) la mar brama, y gime,
Los eccos suenan de tristeza llenos:
Y tu por quien la muerte en mí se imprime,
De oír las ansias mías te desdénas,
Y quando lloro más, te ablando menos.

SONETO 42.

EN una selva al despuntar del día,
Estava Endemion triste, y lloroso,
Buelto al rayo del Sol, que presuroso,
Por la falda de un monte descendia:
Mirando al turbador de su alegría,
Contrario de su bien, y su reposo,
Tras un suspiro, y otro congoxoso,
Razones semejantes le dizia:
Luz clara, para mí la más escura,
Que con esse passeio apresurado,
Mi Sol con tu tiniebla escureciste:
Si allá pueden moverte en essa altura
Las queexas de un Pastor enamorado,
No tardes en bolver adó saliste.

18-402
III. PARTE DAS RIMAS.

SONETO 43.

ORphêo enamorado, que tañia
Por la perdida Ninfa, que buscava,
En el arco implacable, donde estava,
Con la Arpa, y con la voz la enternecia:
La nuda de Ixion no se movia,
Ningun atormentado se quexava,
Las penas de los otros ablandava,
Y todos las de todos èl sentia:
El son pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardón de lo cantado,
Los infernales Reyes condolidos,
Le mandaron bolver su compañera,
Y bolviola a perder el desdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.







